

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/LINGÜÍSTICA
ÁREA DE ESPECIALIDADE: SOCIOLINGÜÍSTICA

**AS CONDIÇÕES DE RESISTÊNCIA E VITALIDADE
DE UMA LÍNGUA MÍNORITÁRIA
NO CONTEXTO SOCIOLINGÜÍSTICO BRASILEIRO**

TESE APRESENTADA À UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA,
PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTOR EM LINGÜÍSTICA,
PELA ALUNA:

MARLENE MARIA OGLIARI

ORIENTADOR: PROF. DR. PAULINO VANDRESEN

FLORIANÓPOLIS, JULHO DE 1999

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/LINGÜÍSTICA
ÁREA DE ESPECIALIDADE: SOCIOLINGÜÍSTICA

**AS CONDIÇÕES DE RESISTÊNCIA E VITALIDADE
DE UMA LÍNGUA MINORITÁRIA
NO CONTEXTO SOCIOLINGÜÍSTICO BRASILEIRO**

TESE APRESENTADA À UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA,
PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTOR EM LINGÜÍSTICA,
PELA ALUNA:

MARLENE MARIA OGLIARI

ORIENTADOR: PROF. DR. PAULINO VANDRESEN

FLORIANÓPOLIS, JULHO DE 1999

TOMO I

FUNDAMENTAÇÃO HISTÓRICA E SOCIOCULTURAL

*É a linguagem que
constitui, reduz, unifica e aproxima
no mesmo espaço histórico e cultural
a imagem do sonho,
a imagem lembrada
e as imagens da vigília atual”.*

ECLÉA BOSI

Memória e sociedade

AGRADECIMENTOS

Ao orientador – *Prof. Dr. Paulino Vandresen* – por ter permitido a minha participação no programa de doutorado em Letras da UFSC e dado liberdade para seguir meus objetivos;

Ao *Prof. Dr. Wolodymyr Kulczynskyy* – a quem sempre recorri nos momentos críticos – por sua grandeza como profissional e como ser humano;

À *Profa. Dra. Iara Bemquerer Costa* - pela assistência dedicada, orientações e acompanhamento ininterrupto no desenvolvimento do presente estudo;

Aos professores e colegas do Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística da UFSC, com quem socializei conhecimentos, angústias e vitórias. Em especial, àquelas que se tornaram amigas: *Avani, Suzana e Izete*;

Às amigas *Avani T. Campos de Oliveira e Lydia Rocca* – com quem tive longas conversas durante os anos da pesquisa e elaboração redacional desta investigação;

Aos que facilitaram a compreensão do universo cultural dos ucranianos, revelando significados implícitos, esclarecendo hábitos corriqueiros ou traduzindo documentos. Em especial, a *Meroslawa Krevei, Maria Lurdes Kassiano, Samuel Semczyn, Aura Azevedo de Moura Cordeiro e Renato Sequinel*;

Aos que me confiaram a memória da experiência imigrante, a concepção metalingüística das línguas que dominam e me cederam suas falas para serem analisadas, minha gratidão especial;

Aos colegas do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro Oeste de Irati, que me substituíram nos encargos docentes no ano em que estive afastada: *Lydia Rocca e Soely Bettas*. A direção, vice-direção do Campus de Irati e demais funcionários, amigos e colaboradores dedicados, que, quando solicitados, nunca recusaram ajuda;

Aos meus familiares pelo incentivo, ajuda e compreensão nas necessárias ausências, permitindo que eu chegasse até esta etapa;

Ao *Guilherme Ogliari Oliveira*, que esteve comigo durante toda a caminhada percorrida, compreendendo meus destemperos. Com amor, os sonhos se tornam possíveis.

SUMÁRIO

TOMO I

1	INTRODUÇÃO	1
1.1	INDICAÇÃO DO TEMA	2
1.2	JUSTIFICATIVA	2
1.3	ENUNCIÇÃO DAS HIPÓTESES	5
1.3.1	Hipótese geral:	5
1.4	VARIÁVEIS PARA ESTUDO DO BILINGUISMO EM P/U E ESTUDO DA VIBRANTE	6
1.4.1	Bilingüismo no indivíduo	7
1.4.2	Bilingüismo na família	7
1.4.3	Estudo da vibrante	7
1.5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	8
1.5.1	As regiões, as famílias e os núcleos nas famílias bilíngües	8
1.5.2	As regiões, as famílias e os núcleos nos indivíduos bilíngües	12
1.5.3	Coleta dos dados relativos à situação bilíngüe familiar	14
1.5.4	Coleta dos dados sobre a situação bilíngüe em P/U nos indivíduos	15
1.5.5	Coleta dos dados para estudo do som vibrante	18
1.5.6	Coleta dos dados relativos à constituição histórica da comunidade bilíngüe	21
1.6	COMPOSIÇÃO REDACIONAL DO ESTUDO	23

PARTE I - O OBJETO DE ESTUDO E SUAS ABORDAGENS METODOLÓGICAS

2	A BASE METODOLÓGICA GERAL E ETNOGRÁFICA	25
----------	--	-----------

2.1	O MÉTODO ETNOGRÁFICO E AS ABORDAGENS DECORRENTES	25
2.1.1	Aplicação da base metodológica etnográfica selecionada	32
3	A BASE METODOLÓGICA DA LINGÜÍSTICA	33
3.1	A LINGÜÍSTICA DO CONTATO LINGÜÍSTICO	34
3.1.1	Aplicação da base teórico-metodológica da LCL	37

PARTE II - CONSTITUIÇÃO DE UMA COMUNIDADE BILÍNGÜE

4	FUNDAMENTAÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL	39
4.1	UCRÂNIA: PRINCIPAIS ASPECTOS HISTÓRICO-SOCIAIS	40
4.2	RAZÕES DA EMIGRAÇÃO	52
4.3	PARANÁ: ASPECTOS DA FORMAÇÃO GEOSOCIAL E ECONÔMICA VINCULADOS À NECESSIDADE DA IMIGRAÇÃO	55
4.4	A IMIGRAÇÃO UCRANIANA	61
4.5	SÍNTESE DO QUADRO POLÍTICO-SOCIAL DOS TERRITÓRIOS DE SAÍDA E DE ABSORÇÃO DOS IMIGRANTES UCRANIANOS	69
4.6	O MUNICÍPIO DE PRUDENTÓPOLIS: PRINCIPAIS REFERÊNCIAS HISTÓRICO-SOCIAIS E CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS	70

PARTE III - RECRIAÇÃO, MANUTENÇÃO E SUBSTITUIÇÃO DO UNIVERSO SOCIOCULTURAL UCRANIANO NO BRASIL

5	O UNIVERSO SOCIOCULTURAL UCRANIANO NO BRASIL	90
5.1	O RITO UCRANIANO-CATÓLICO	91
5.2	O CALENDÁRIO	95
5.3	RITUAIS ETNORRELIGIOSOS MANTIDOS NA COMUNIDADE	96
5.3.1	Um casamento típico	96
5.3.2	O período pascoal	98
5.3.3	O ciclo natalino	103
5.3.4	A festa do padroeiro	109
5.3.5	A religiosidade nas saudações diárias	109
5.4	OS RITUAIS ÉTNICOS E AS ATIVIDADES SOCIOCULTURAIS DIRIGIDAS AOS JOVENS	110

6	FATORES RESPONSÁVEIS PELA RECRIAÇÃO E MANUTENÇÃO DO UNIVERSO CULTURAL UCRANIANO	113
6.1	DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DA COMUNIDADE E SUAS CONSEQÜÊNCIAS	114
6.2	OS IMIGRANTES UCRANIANOS: CONSIDERAÇÕES SOCIO-CULTURAIS	122
6.3	A FAMÍLIA UCRANIANA: CONSIDERAÇÕES SOCIOCULTURAIS	128
6.4	A ORGANIZAÇÃO RELIGIOSA: INTERVENÇÃO ETNORRELIGIOSA E LINGÜÍSTICA	141
6.4.1	1o Período: 1895 a 1911	142
6.4.2	2º Período: 1912 a 1924	148
6.4.3	3º Período: 1925 a 1932	155
6.4.4	4º Período: 1933 a 1937	157
6.4.5	5º Período: 1938 a 1945	159
6.4.6	6º Período: a partir de 1945 a 1998	161
7	FATORES RESPONSÁVEIS PELA SUBSTITUIÇÃO DO UNIVERSO SOCIOCULTURAL UCRANIANO	165
7.1	SITUAÇÕES LINGÜÍSTICAS VIVENCIADAS EM PRUDENTÓPOLIS A PARTIR DA COLONIZAÇÃO EUROPÉIA	166
7.2	FATORES PRINCIPAIS NA INVASÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA	168
7.2.1	O "status" de língua oficial	168
7.2.2	A exigência das trocas comerciais	169
7.2.3	As implicações lingüísticas decorrentes da implantação do sistema escolar público	171
7.3	FATORES SECUNDÁRIOS NA INVASÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA	176
7.3.1	O tempo e suas conseqüências	176

TOMO II

PARTE IV - A SITUAÇÃO LINGÜÍSTICA E BILÍNGÜE DE PRUDENTÓPOLIS

8	SUBSÍDIOS TEÓRICOS PARA ANÁLISE DA SITUAÇÃO LINGÜÍSTICA	182
8.1	LÍNGUA MATERNA: IDENTIDADE E ETNICIDADE	182
8.2	TIPOS DE CONTATO ENTRE LÍNGUAS	188

8.3	CONTATO, DIGLOSSIA E BILINGÜISMO	191
8.4	CONTATO E CONFLITO LINGÜÍSTICO	202
8.5	O CONTATO-CONFLITO DA LÍNGUA E O DESLOCAMENTO	217
9	SUBSÍDIOS TEÓRICOS PARA A ANÁLISE DA SITUAÇÃO BILÍNGÜE	229
9.1	BILINGÜISMO: DEFINIÇÕES E DESCRIÇÕES	229
9.2	NÍVEIS DE DESEMPENHO BILÍNGÜE	232
9.3	A FAMÍLIA BILÍNGÜE E O INDIVÍDUO BILÍNGÜE	235
9.4	AS REDES SOCIAIS: DEFINIÇÃO, IMPORTÂNCIA E TIPOLOGIA	243
10	AS FAMÍLIAS BILÍNGÜES EM P/U: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	250
10.1	CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS DA POPULAÇÃO-ALVO	250
10.1.1	Mobilidade espacial quanto ao local de nascimento e residência atual	252
10.1.2	Sexo e estado civil dos filhos dos entrevistados, confissão religiosa da família bilíngüe e geração dos informantes	253
10.1.3	Anos de escolarização dos informantes	256
10.1.4	Profissão dos informantes	257
10.2	COMPETÊNCIAS LINGÜÍSTICAS, COMUNICATIVAS E DISCURSIVAS	257
10.2.1	Entender e falar ucraniano e-ou português	257
10.2.2	Ler e escrever em ucraniano e-ou português	260
10.2.3	Local e forma de aquisição do ucraniano e do português	263
10.3	MOBILIDADE DA POPULAÇÃO DE AMOSTRAGEM	270
10.3.1	Trabalho de alguém da família em outra cidade	270
10.3.2	Estudo de alguém da família em outra cidade	271
10.3.3	Outras atividades de alguém da família em outra cidade	271
10.3.4	Frequência de viagem de alguém da família	271
10.3.5	Visita da família a outras colônias do município	273
10.3.6	Meios de transporte coletivo	273
10.3.7	Elemento humano de ligação entre núcleo rural e cidade	274
10.4	CASAMENTOS MISTOS	275
10.4.1	Casamento de alguém da família com pessoa não-ucraniana	275
10.5	PROFISSÃO DAS GERAÇÕES ANTERIORES À DO ENTREVISTADO	276
10.6	ASPECTOS DA VIDA SOCIAL DOS SUJEITOS	276

10.7	ELEMENTO FAMILIAR DE LIGAÇÃO COM A UCRÂNIA	278
10.8	EXPOSIÇÃO AOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA	278
10.9	AS REDES SOCIAIS DA FAMÍLIA	281
10.9.1	Rede de amizade fora do município	281
10.9.2	Rede de parentesco fora do município	283
10.9.3	Rede de amizade no município:	286
10.9.4	Rede de parentesco no município	286
10.9.5	Relações sociais íntimas entre famílias	288
10.9.6	Grupo de comunicação mais assídua	290
10.9.7	Rede de vizinhança	292
10.10	ESCOLHA DA LÍNGUA EM INTERAÇÕES PRAGMÁTICAS DIVER- SAS	297
10.10.1	Língua preferencial em função do assunto	297
10.10.2	Língua usada na comunicação intrafamiliar	299
10.10.3	Língua usada na comunicação extrafamiliar	300
10.10.4	Escolha da língua em situações e em locais com interlocutores diver- sos	301
10.10.5	Escolha da língua nas interações verbais intra e extrafamiliares	305
10.11	LÍNGUAS MAIS FALADAS NAS REGIÕES CIRCUNVIZINHAS	315
10.12	MONOLINGÜISMO E MULTILINGÜISMO NA REGIÃO	315
11	O INDIVÍDUO BILÍNGÜE EM P/U: APRESENTA- ÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	320
11.1	CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS E COMPETÊN- CIAS LINGÜÍSTICO-COMUNCIATIVAS DA POPULAÇÃO- ALVO	320
11.2	ELOS DE COMUNICAÇÃO COM A UCRÂNIA	322
11.3	LÍNGUAS E MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA	322
11.4	REDE DE VIZINHANÇA: ETNIA E ESCOLHA DA LÍNGUA	325
11.4.1	Etnia e vizinhança	325
11.4.2	Línguas escolhidas nas interações com vizinhos	325
11.5	REDE DE AMIZADE	330
11.6	LÍNGUA PREFERENCIAL PARA DETERMINADOS ASSUN- TOS	337
11.7	EXISTÊNCIA DE MONOLINGÜISMO E MULTILINGÜISMO NA REGIÃO	338
11.8	INTERLOCUTORES E LOCAIS PREFERENCIAIS PARA USO EXCLUSIVO DE UMA DAS LÍNGUAS	341
11.9	ATITUDE DOS MONOLÍNGÜES EM RELAÇÃO ÀS LÍNGUAS QUE NÃO DOMINAM	346

11.10	ESCOLHA DA LÍNGUA E DE INTERLOCUTORES PARA AS INTERAÇÕES VERBAIS	350
11.10.1	Escolha da língua com interlocutores do núcleo familiar e em relações íntimas	350
11.10.2	Frequência do uso das línguas portuguesa e ucraniana	355
11.10.3	Escolha da língua entre amigos e namorados	356
11.10.4	Escolha da língua com interlocutores extrafamiliares	358
11.10.5	O contexto espacial na opção pelo código lingüístico	367
11.10.6	Escolha da língua em Domínios públicos: escola	371
11.10.7	Escolha da língua em Domínio público: eventos sociais	380
11.10.8	Escolha da língua em Domínio público: igreja	385
11.10.9	As redes de comunicação e relações preferenciais	393
11.11	CONSIDERAÇÕES COMPLEMENTARES AO USO DAS LÍNGUAS EM SITUAÇÕES BILÍNGÜES	395
11.11.1	Linguagem e identidade étnica	396
11.11.2	Escolha de línguas em domínios "internos"	397
11.12	AVALIAÇÕES METALINGÜÍSTICAS SUBJETIVAS	398

PARTE V - COMPORTAMENTO SOCIOLINGÜÍSTICO DA VIBRANTE EM CONTEXTO BILINGÜE

12	SUBSÍDIOS TEÓRICOS PARA ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA DA VIBRANTE EM CONTEXTO BILÍNGÜE	405
12.1	O PROCESSO DE INTERFERÊNCIA ENTRE LÍNGUAS	406
12.1.1	Interferências na modalidade oral e intervenientes no sistema lingüístico	413
12.1.2	A interferência fonológica	418
12.1.3	O sistema fonológico da língua ucraniana	422
12.1.4	O som vibrante do português e do ucraniano	424
12.1.4.1	<i>O som vibrante do português brasileiro: estudos e características</i>	424
12.1.4.2	<i>O som vibrante do ucraniano</i>	430
12.1.5	Interferência fônica, variação e mudança em progresso	432
13	INTERFERÊNCIA E CARACTERÍSTICAS DIALETAIS NA PRODUÇÃO ORAL DA VIBRANTE NA LÍNGUA PORTUGUESA: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	434
13.1	"CORPUS" COLETADO E SUJEITOS BILÍNGÜES SELECIONADOS	481

13.2	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS SOBRE O USO DO SOM VIBRANTE NA FALA DE SUJEITOS BILÍNGÜES SOB A PERSPECTIVA QUANTITATIVA	440
13.2.1	A vibrante como variável dependente: resultados gerais	440
13.2.2	A aplicação da regra da interferência nas variantes da vibrante	442
13.2.3	Interferência como variável dependente	443
13.2.3.1	<i>Interferência e variáveis lingüísticas:</i>	444
13.2.3.2	<i>Interferência e variáveis sociais</i>	447
13.3	INTERLÍNGUA OU DIALETO OROLOCAL?	459
14	CONCLUSÃO	463
15	FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	468
	ANEXOS	481

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	MAPA DO MUNICÍPIO DE PRUDENTÓPOLIS – PR	13
FIGURA 2	LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE PRUDENTÓPOLIS	84
FIGURA 3	PARÓQUIA SÃO JOSAFAT, DO RITO UCRANIANO-CATÓLICO; IGREJAS E CAPELAS ADJACENTES	86
FIGURA 4	PARÓQUIA SÃO JOÃO BATISTA (MATRIZ E SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS E CAPELAS NO INTERIOR)	87
FIGURA 5	ESCOLAS DAS IRMÃS SERVAS DE MARIA IMACULADA	88
FIGURA 6	TIPOS DE REDES SOCIAIS, MANUTENÇÃO E ABANDONO DO USO DA LÍNGUA MINORITÁRIA	249
FIGURA 7	GRÁFICO DA REDE DE COMUNICAÇÃO DA FAMÍLIA 1, RE- SIDENTE NA SEDE URBANA DE PRUDENTÓPOLIS	296
FIGURA 8	GRÁFICO DA REDE DE COMUNICAÇÃO DA FAMÍLIA 2, RE- SIDENTE REGIÃO NORTE B	296
FIGURA 9	SUJEITO A: SEDE URBANA	394
FIGURA 10	SUJEITO B: SUL DO MUNICÍPIO	394
FIGURA 11	SUJEITO C: NORTE DO MUNICÍPIO	395
FIGURA 12	QUADRO DAS VARIÁVEIS SOCIAIS, LÍNGUA PREFERENCIAL E ÍNDICE DE INTERFERÊNCIA	455

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	GRAUS DE BILINGÜISMO	233
TABELA 2	PAIS E FILHOS: LOCAL DE NASCIMENTO E RESIDÊNCIA ATUAL	252
TABELA 3	SEXO	253
TABELA 4	ESTADO CIVIL DOS FILHOS DAS FAMÍLIAS ENTREVISTADAS	254
TABELA 5	CONFISSÃO RELIGIOSA	254
TABELA 6	ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO DOS INFORMANTES RESIDENTES NA SEDE URBANA	256
TABELA 7	ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO DOS INFORMANTES RESIDENTES NO INTERIOR DO MUNICÍPIO	256
TABELA 8	HABILIDADES LINGÜÍSTICAS: ENTENDER E FALAR UCRANIANO OU PORTUGUÊS	258
TABELA 9	HABILIDADES LINGÜÍSTICAS: LEITURA E ESCRITA EM UCRANIANO E EM PORTUGUÊS	261
TABELA 10	FORMA DE AQUISIÇÃO ORAL DAS LÍNGUAS UCRANIANA E PORTUGUESA	264
TABELA 11	COMPETÊNCIAS LINGÜÍSTICAS CONSTATADAS NA FAMÍLIA CONSTITUÍDA EM 1914	268
TABELA 12	COMPETÊNCIAS LINGÜÍSTICAS CONSTATADAS NA FAMÍLIA CONSTITUÍDA EM 1957	268
TABELA 13	ESCOLHA DA LÍNGUA NAS RELAÇÕES ENTRE PAI E FILHO	307
TABELA 14	ESCOLHA DE LÍNGUAS NAS INTERAÇÕES FAMILIARES E TRANSFAMILIARES	310
TABELA 15	ESCOLHA DE LÍNGUAS NAS DÍADES AVÓS-NETOS E NETOS- AVÓS	313
TABELA 16	LÍNGUAS E MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA	324
TABELA 17	LÍNGUAS ESCOLHIDAS NAS INTERAÇÕES PRAGMÁTICAS COM A VIZINHANÇA	326
TABELA 18	LÍNGUAS ESCOLHIDAS NAS INTERAÇÕES PRAGMÁTICAS COM AMIGOS	332

TABELA 19	ESCOLHA DE LÍNGUA EM DOMÍNIOS PÚBLICOS: ESCOLA	373
TABELA 20	CRUZAMENTO ENTRE FATORES LINGÜÍSTICOS, EXTRA- LINGÜÍSTICOS E INTERLOCUTORES ESPECÍFICOS	377
TABELA 21	ESCOLHA DE LÍNGUA EM DOMÍNIO PÚBLICO: EVENTOS SOCIAIS	381
TABELA 22	ESCOLHA DE LÍNGUAS EM DOMÍNIOS PÚBLICOS: IGREJA	387

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1	RELATÓRIO-QUESTIONÁRIO FAMILIAR	482
ANEXO 2	QUESTIONÁRIO FAMILIAR	484
ANEXO 3	QUESTIONÁRIO INDIVIDUAL	488
ANEXO 4	MAPA DA EUROPA ATUAL	494
ANEXO 5	MAPA DA GALÍCIA	495
ANEXO 6	PRUDENTÓPOLIS: VISUALIZAÇÃO DO PLANEJAMENTO URBANO DEFINITIVO EM FINS DO SÉCULO XIX	496
ANEXO 7	FOTO DAS BARRACAS	497
ANEXO 8	FOTOS REPRESENTATIVAS DO MUNICÍPIO	498
ANEXO 9	FOTO DE UMA PAREDE COM ÍCONES	502
ANEXO 10	FOTO DE UMA CASA ANTIGA	503
ANEXO 11	FOTO DE UMA CASA ATUAL	504
ANEXO 12	FOTOS DA BENÇÃO DOS ALIMENTOS	505
ANEXO 13	FOTO DE UMA BANDURA	506
ANEXO 14	FOTO DE UMA FAMÍLIA COM OITO FILHOS	507
ANEXO 15	FOTO DE UMA ESCOLA ANTIGA	508
ANEXO 16	LEGENDAS DAS TABELAS 23 A 30	509
ANEXO 17	TABELAS 23 E 24	510
ANEXO 18	TABELAS 25 E 26	511
ANEXO 19	TABELAS 27 E 28	512
ANEXO 20	TABELAS 29 E 30	513
ANEXO 21	QUADRO DAS CONSOANTES DO UCRANIANO E DO PORTUGUÊS	514

RESUMO

Apresentamos, aqui, a constituição histórica e lingüística de uma comunidade bilíngüe em português-ucraniano, vista através da etnografia da comunicação e da Lingüística do contato-conflito lingüístico. A partir da constituição histórica, buscamos desvendar os principais fatores que permitiram a longa vitalidade da língua minoritária (língua ucraniana) em terra estrangeira. De modo complementar, apresentamos a invasão da língua majoritária (língua portuguesa) na comunidade de fala ucraniana, situada no município paranaense de Prudentópolis. A constituição lingüística evidenciou, por sua vez, as mudanças ocorridas nos domínios funcionais atribuídos às línguas ucraniana e portuguesa pelos usuários bilíngües. Junto a isso, observamos o caráter psicossocial inerente à opção por um código lingüístico que comprova ser essa operação lingüística orientada por princípios teóricos iguais aos que regem a escolha, a variação e a substituição de uma forma lingüística por outra. Entre as conseqüências lingüísticas que tiveram origem junto à formação histórica da colonização do Brasil está a do bilingüismo, a da diglossia e a do surgimento de um dialeto orolocal. Essas situações lingüísticas foram apresentadas e discutidas quer no eixo diacrônico, quer no eixo sincrônico. O dialeto orolocal, por sua vez, foi apresentado através da análise feita sobre as especificidades fonológicas detectadas no uso do som vibrante por sujeitos bilíngües prudentopolitanos, integrantes da comunidade de fala referida. Dessa forma, apresentamos, neste estudo, questões que vinculam os estudos da linguagem com assuntos relevantes de nossa história, com vistas aos embates pelos quais a língua portuguesa do Brasil passou e sua relação com a história do povo que a fala.

ABSTRACT

This study presents the historical and linguistic formation of a Portuguese – Ukrainian bilingual community seen from the Communication Ethnography and the Contact/Conflict linguistic view. Beginning from the historical formation, this looked attempts to unveil the main factors which allowed the long vitality of a minority language(the Ukrainian language) in foreign countries like Brazil. As a complementary matter, the inroad of the dominant language(the Portuguese language) into the Ukrainian speech community of Prudentópolis municipal district, in the State of Paraná, is presented. The study of the language formation, in its turn, makes evident about the switchings occurred in the functional domains ascribed to the Ukrainian language and to the Portuguese language by bilingual speakers. Furthermore, it was noticed the inherent psychological and social features bound to the option for a linguistic code, which proves that this language operation is conducted by the same theoretical guiding principles that rule the choice, the switching and the shifting of a linguistic code by the one. Among the linguistic consequences that owe their origins to this historical formation of Brazilian colonization is the one related to the emergence of bilingualism, diglossia and an oral-local dialect. This dialect was presented by the analysis done about the phonological peculiarities found out in the usage of the vibrating sound by bilingual subjects from Prudentópolis, who are members of the speech community mentioned above. Thus, this study presents some arguments which bind together the language studies and some relevant matters of our history, having in mind the Brazilian Portuguese language formation and its relation to the history of the people by whom it is spoken.

1 - INTRODUÇÃO

A colonização do solo brasileiro e sua formação histórica é prodigiosa como fonte de materiais para pesquisas interdisciplinares. Na medida em que vem sendo desvendada, maior é a nitidez que proporciona à compreensão do cenário político-social brasileiro, ensejando, também, a configuração de novas bases lingüísticas originárias do idioma nacional. Essa é uma das naturais conseqüências advindas da busca das origens, em qualquer nação; pois sempre se encontram aspectos por observar ou temas que, já abordados, exigem revisão, sob novas metodologias.

O fato de esta investigação se concentrar no estudo do bilingüismo, que configura a existência de várias línguas no mesmo território, nos coloca, de uma só vez, na esfera das questões sociais, que tanto envolvem o esforço por identidades nacionalistas e reivindicações políticas, quanto o uso de línguas minoritárias, atingindo o complexo fenômeno da diversidade cultural e lingüística de uma comunidade de fala. É por isso que as abordagens sobre questões relativas às situações multilíngues são concebidas como interdisciplinares. Além disso, a própria questão lingüística é tipicamente pluridisciplinar, por interessar às ciências humanas e sociais em seu conjunto.

Paralelamente, a questão lingüística, no Brasil, é bastante complexa porque se inscreve em um processo surgido através da colonização, envolvendo, por conseguinte, problemas relativos ao bilingüismo e à aculturação, às mudanças, aos contatos/conflitos e interferências, à homogeneização, assim como à diferenciação. Logo, é uma questão histórica e atual.

1.1 - INDICAÇÃO DO TEMA

O presente estudo tem como tema central a descrição de uma situação bilíngüe português-ucraniano (P/U, de ora em diante) e de um dialeto orolocal que decorrem do contato-conflito lingüístico instaurado, desde fins do século XIX, entre a língua portuguesa e a língua ucraniana, no quadro da colonização eslava efetivada no município paranaense de Prudentópolis. Tomamos como unidade de análise a comunidade de fala ucraniana, a família e o indivíduo bilíngües em P/U, e a produção oral dos bilíngües em P/U que integram essa comunidade. Para tanto, foi revista a constituição histórico-social das regiões geograficamente envolvidas e os fatores que possibilitaram a longa vitalidade de uma língua minoritária no cenário brasileiro, face à oposta lentidão com que a língua portuguesa efetivou a invasão, como língua majoritária, na referida comunidade.

1.2 - JUSTIFICATIVA

A história da humanidade revela que os fenômenos migratórios transformaram as situações históricas das nações envolvidas, colocando-as em contato com novos condicionadores socioculturais. Por isso, esses fenômenos se apresentam como responsáveis pela construção da identidade social e da identidade lingüística e, como resultado disso, pela construção da identidade sociolingüística das nações.

O continente americano foi uma região de imigração intensa, que atraiu não apenas numerosas como diversificadas correntes de imigrantes. O Brasil, por não possuir população autóctone, teve todo seu povoamento feito através de contingentes migratórios procedentes de todas as regiões do mundo. Essas imigrações, a dos ucranianos para território brasileiro, por exemplo, em fins do século XIX, foi também uma das responsáveis pela construção das referidas identidades. E o resultado disso, por ser de natureza interdisciplinar, tem servido de inspiração a muitos pesquisadores, quer da própria etnia, quer descendentes ou não dos primeiros imigrantes que para cá vieram.

A grande maioria dos trabalhos realizados sobre a imigração ucraniana para terras brasileiras referem-se a estudos de fundo histórico-social (Zinko, 1960; Burko, 1963; Boruszenko, 1969, 1972, 1980, 1981,

1995; Horbatiuk, 1989; Andreazza, 1990, 1996; Hanicz, 1993, 1995) ou como literatura de ficção (Kolody, 1941, 1945, 1951, 1964, 1966a, 1966b, 1970, 1980, 1985, 1986, 1991, 1993; Burko, 1963; Francó, 1981). Além dessa linha de pesquisa, encontramos um estudo denominado de “Mapeamento de Comunidades Eslavas no Paraná”, efetivado por Kulczynskyj (1983, 1984). Especificamente sobre a língua trazida pelos imigrantes ucranianos ao nosso país, bem como sobre sua convivência com a língua portuguesa, encontramos os estudos feitos por Wouk: “Estudo etnográfico-lingüístico da comunidade ucraniana de Dorizon” (1981), e os de Kulczynskyj: “Bilingüismo e os falantes das línguas eslavas”, 1986; “The Influence of the Portuguese language on the Ukrainian language in Brazil: Lexical and Morphological Aspects” (1987).

Conforme se pode observar, muitas fontes de pesquisa sobre a colonização ucraniana-brasileira permanecem inéditas. Entre elas está, por exemplo, as várias conseqüências lingüísticas e sociolingüísticas oriundas do contexto histórico-social em que as línguas portuguesa e ucraniana se envolveram. Mesmo após mais de cem anos de permanência em solo brasileiro, várias situações bilíngües em P/U ainda permanecem, em alguns municípios paranaenses. Isso, portanto, justifica o estudo sistemático e pluridisciplinar da situação lingüística existente em uma área de colonização ucraniana no Paraná — Prudentópolis — município que representa o centro da imigração ucraniana para o Brasil. Aliás, sobre essa região paranaense também inexistem estudos sistemáticos de qualquer natureza, à semelhança dos que foram listados acima, referentes aos municípios paranaenses de Mallet, Paulo Frontin, Dorizon e Antonio Olyntho, igualmente colonizados por imigrantes ucranianos.

Dos estudos feitos sobre a situação de bilingüismo no Brasil, constata-se que se concentram, de modo geral, no processo histórico-lingüístico ocorrido principalmente entre português e alemão e entre português e italiano. Mas sobre a língua portuguesa e a língua ucraniana não há, no Brasil, estudos de natureza teórico-metodológica vinculados à Lingüística do Contato-Conflito Lingüístico, à Sociolingüística ou à Etnografia da comunicação. Assim, é preciso estudar, de modo urgente, as conseqüências lingüísticas oriundas desse quadro histórico-social e a situação bilíngüe P/U ainda ocorrente na região de Prudentópolis, a partir dos enfoques teórico-metodológicos citados, por exemplo. Outro

fator que também exige urgência nos estudos sobre as conseqüências lingüísticas geradas no contexto em discussão referem-se aos processos lingüísticos ali ocorrentes, mas em vias de desaparecimento, neste final do século XX.

Justifica ainda este trabalho a intenção de inovar a pesquisa sobre a questão bilíngüe, de vez que versará sobre a situação do bilingüismo na família e no indivíduo. Quanto à família, crianças, jovens e adultos serão incluídos nas análises; quanto ao indivíduo, envolve o condicionamento de variáveis sociais nos resultados do uso das línguas em estudo.

Através do levantamento sobre a natureza e a situação atual do bilingüismo na família e no indivíduo, poder-se-ão observar as funções desempenhadas pelas línguas portuguesa e ucraniana, nos mais de cem anos de contato-conflito lingüístico. Assim, pode-se ter uma compreensão mais clara sobre as funções das línguas no Brasil, tanto no plano da sociedade, quanto no dos indivíduos, junto ao quadro interativo das duas línguas, de origem bastante afastada.

A análise e a discussão de uma variável lingüística ocorrente no dialeto orolocal constituído em Prudentópolis, refletindo o atual comportamento lingüístico dos falantes brasileiros bilíngües em P/U, descendentes de ucraniano, complementam e justificam o estudo quanto a seu aspecto sociolingüístico.

Dessa forma, ao apresentar especificidades fonéticas e fonológicas do dialeto resultante do quadro histórico-social delineado, apontando os domínios funcionais que as línguas em estudo desempenharam e desempenham na comunidade estudada, junto com a situação atual de bilingüismo na família e no indivíduo, o estudo fornecerá novos subsídios às propostas teórico-metodológicas já existentes sobre línguas que convivem no mesmo espaço geográfico. Os processos lingüísticos decorrentes da diversidade real das práticas lingüísticas existentes no Brasil e no mundo serão evidenciados e complementarão outros estudos de igual natureza. Além disso, o exame de questões que vinculam estudos da linguagem com assuntos relevantes de nossa história, certamente propicia mais dados relativos à constituição da língua portuguesa no Brasil e sobre o falar de regiões lingüisticamente ainda não-descritas. Assim, teremos concretamente mais elementos para a reflexão e a caracterização do

português do Brasil e sua relação com a história do povo que o fala.

1.3 - ENUNCIÇÃO DAS HIPÓTESES

Por se tratar de trabalho pluridisciplinar, assumem importância as observações empíricas e as pesquisas etnográficas anteriores, que motivaram a formulação da hipótese geral.

1.3.1 - Hipótese geral

A instalação de mais de 5.000 famílias ucranianas, aproximadamente 10.000 pessoas, em Prudentópolis, Paraná, a partir de abril de 1895 até 1952, oriundas, inclusive, das mesmas aldeias ucranianas, permitiu que o universo sociocultural ucraniano trazido pelos imigrantes fosse recriado no Brasil. Tal recriação foi secundada pela manutenção desse universo sociocultural, durante mais de um século de contato direto e permanente, com o universo sociocultural do país de adoção. Entre os elementos de tais universos culturais estão as línguas — a ucraniana e a portuguesa. A primeira se manteve, por longos anos, como “língua materna” dos imigrantes e de seus descendentes. Já a segunda passou a ter, nesse contexto, a função de língua “mercantil”, língua “franca” e língua “oficial”. Neste fim de século, assume o papel, também, de “língua materna” na comunidade em estudo.

Esta hipótese geral permite a criação das seguintes sub-hipóteses:

- a) a constatação de situações bilíngües no Brasil comprova a inexistência de unidade lingüística nacional, na modalidade oral, e a existência de uma língua legitimada como “oficial”, ao mesmo tempo “normativa”, tendo-se, então, uma realidade sociolingüística e uma situação lingüística imposta de modo sociopolítico;
- b) a manutenção da língua étnica em Prudentópolis, por mais de um século e em contato-conflito permanente e direto com a língua portuguesa, teve a participação da organização religiosa ucraniano-católica, instalada na região desde o início da colonização ucraniana. Tal acontecimento promoveu e avalizou o caráter etnorreligioso atribuído à língua ucraniana. Outros fatores e-ou eventos que promoveram a vitalidade da língua de imigração foram: a concentração de grande número de imigrantes da

mesma etnia, da mesma religião e com o mesmo poder aquisitivo na mesma região geográfica; o isolamento geográfico a que foram submetidos; a questão escolar e cultural promovida pela organização religiosa; a organização familiar e a questão geoeconômica. Mas a imposição do português como língua da educação e língua oficial do Brasil, a fragmentação da família e da organização religiosa ucraniano-católica local, a intervenção dos meios de comunicação de massa, as modificações ocorridas nas redes de comunicação mantida pela família e pelo indivíduo, os casamentos exogâmicos foram os principais fatores ou eventos responsáveis pelo lento deslocamento contextual das línguas envolvidas;

- c) em seus percursos histórico-sociais, as línguas em pauta modificaram seus domínios funcionais. Na comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis, a língua portuguesa passou de “minoritária”, língua “franca”, “mercantil”, “oficial” e “normativa” para língua “materna” da maioria dos descendentes de imigrantes ucranianos, residentes na região. Paralelamente, a língua ucraniana foi reduzindo os seus domínios funcionais: de língua majoritária e materna dos imigrantes ucranianos, após permanecer como L1 até a quarta geração de seus descendentes, atualmente detém, sobretudo, a função de língua do complexo litúrgico ucraniano-católico e língua estrangeira moderna, ensinada em escolas paroquiais, particulares e públicas.
- d) os fatores extralingüísticos de natureza sociocultural e demográfica se refletem nas especificidades fonéticas e fonológicas do som vibrante ocorrente no dialeto do português falado em Prudentópolis, por sujeitos bilíngües em P/U.

1.4 - VARIÁVEIS SELECIONADAS PARA O ESTUDO DO BILINGUISMO EM P/U E ESTUDO DA VIBRANTE

Com base em pesquisas de igual natureza, e incluindo variáveis específicas relativas a este estudo, chegamos ao conjunto das variáveis que são examinadas nos próximos itens.

1.4.1 – Bilingüismo no indivíduo

Relativamente à situação bilíngüe dos indivíduos, foram observados os seguintes aspectos:

- a) ascendência: o indivíduo devia ser descendente de ucranianos (ou imigrante);
- b) situação lingüística: ser bilíngüe (P/U);
- c) variáveis sociais: sexo, idade e escolaridade;
- d) redes de comunicação;
- e) mobilidade do indivíduo;

1.4.2 – Bilingüismo na família

Com relação ao bilingüismo no núcleo familiar, observaram-se

- a) descendência: a família devia ser descendente de ucraniano (pai, ou mãe ou ambos) ou imigrante;
- b) situação lingüística: ser bilíngüe (P/U, pelo menos os progenitores);
- c) presença de progenitores pertencentes a gerações mais antigas;
- d) pessoa a ser entrevistada: sempre o representante mais velho do grupo familiar;
- e) redes de comunicação;
- f) mobilidade da família;

1.4.3 – Estudo da vibrante

No que respeita ao uso da vibrante que ocorre no dialeto do português falado, observaram-se:

- a) variáveis etnossociais do sujeito: ser descendente de ucraniano, sexo, idade e escolaridade;
- b) variável geográfica do entrevistado: ter nascido na sede do município e daí não se ter afastado por período superior a um ano;
- c) situação lingüística do sujeito: ser bilíngüe (P/U);

- d) variantes lingüísticas da vibrante: características articulatórias tais como: anterior, posterior, tepe e retroflexa;
- e) posição da vibrante na sílaba;
- f) contexto fonológico precedente e contexto seguinte;
- g) tonicidade.

1.5 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1.5.1 – As regiões, as famílias e os núcleos nas famílias bilíngües

O fato de o município de Prudentópolis se ter transformado em região de colonização, provocou uma configuração demográfica própria. Os primeiros grupos de imigrantes ucranianos, por exemplo, instalaram-se na região próxima da atual sede urbana de Prudentópolis, que passou a ser conhecida como região das primeiras colônias. No sul, fixaram-se imigrantes italianos, alemães, ucranianos e luso-brasileiros. O norte, região muito acidentada, por isso desabitada por longos anos, é hoje povoado, predominantemente, por descendentes de eslavos: ucranianos e poloneses. A grande maioria desses são, na verdade, descendentes dos primitivos imigrantes eslavos que ocuparam as primeiras linhas de demarcação, que posteriormente migraram para o norte do município. Outros são migrantes que vieram de municípios vizinhos.

Levando em consideração as características da configuração demográfica detectada no município — principalmente devido à possibilidade de sua interferência na atual situação de uso de ambas as línguas —, foi ele dividido em quatro áreas, denominadas, neste estudo, da seguinte forma: (a) região da atual sede urbana do município; (b) região das primeiras linhas de demarcação e fixação dos primeiros imigrantes ucranianos; (c) região sul do município; (d) região norte do município. A divisão foi observada na coleta de dados e no posterior levantamento, bem como na análise e discussão dos resultados relativos ao bilingüismo familiar.

O parâmetro demográfico observado implicou a não-proporção

quanto ao número de núcleos rurais¹, relativamente à divisão norte-sul, e, a não-proporção quanto à densidade demográfica. O norte do município tem 62 núcleos rurais, e o sul, 27. Em função disso, dividimos a região norte em duas regiões: norte “A” e norte “B”. Constatamos que, dos primeiros núcleos de colonização, no total de 39 linhas de demarcação, existem hoje 34 localidades, porque 5 dessas regiões se transformaram em bairros situados no perímetro urbano da sede do município. Diante dessa realidade, exceto a sede urbana, selecionada “a priori”, para definir que núcleos rurais seriam isolados, observamos os seguintes critérios: ser núcleo rural de colonização ucraniana e localizar-se distante um do outro, de forma que pudéssemos rastrear toda a região geográfica do município. Alguns dos núcleos rurais selecionados tiveram que ser substituídos por outros, por inexistirem neles famílias bilíngües em P/U com o perfil estipulado.

Embora com o dobro de extensão territorial e de núcleos rurais — em relação à sede urbana —, a densidade habitacional das regiões norte e sul do município é bastante baixa. Segundo dados obtidos no IBGE², a sede municipal contava, em 1949, com 3.800 habitantes, e a zona rural, com 29.200 habitantes; em 1991, a sede urbana tinha 11.392 habitantes, e a zona rural, 35.622 habitantes. A estimativa para 1997, com base no censo de 1996 era de 16.971 habitantes na zona urbana, e 29.412 nas zonas rurais. Os dados evidenciam acentuado movimento migratório da zona rural para a cidade e-ou para outras fronteiras agrícolas do país³.

A densidade demográfica não foi o parâmetro utilizado para a determinação do número de famílias a serem entrevistadas, porque, na sede urbana, detectamos apenas 9 famílias com o perfil desejado. Portanto, para podermos efetuar a equiparação numérica, adotamos essa

¹ Núcleo rural: Entende-se por núcleo rural uma aglomeração de propriedades próximas uma das outras, onde são desenvolvidas atividades rurícolas (cultivo do solo, plantio de cereais e criação de animais para produção de alimentos). São atividades de caráter permanente e a base de sobrevivência econômica das famílias que ali residem. Os núcleos rurais, geralmente possuem uma sede onde há igreja (s), escola (s), armazém (ns) (“venda”), escritório de cooperativa (s), bar (es), etc. (Entrevista no. 37, 1999).

² Agência sediada em Guarapuava.

³ Em relação ao estudo que empreendemos, a mobilidade geográfica foi anulada a priori porque tanto a família como o indivíduo entrevistado tinham que ter residido sempre na região onde a pesquisa estava sendo feita.

quantidade de famílias nas demais regiões do município: 9 famílias de cada uma das 4 regiões, com mais 9 famílias, devido à subdivisão da região norte. Observando os parâmetros referidos acima e as variáveis já citadas, formamos o seguinte grupo de fatores, relativo à coleta de dados a respeito do bilingüismo na família:

1) Região dos primeiros grupos de imigrantes ucranianos:

Localidade	Distância da sede urbana	Família
▪ Linha Ivai	2 km	Gerey
▪ Linha São João	3 km	Vauruk
▪ Linha Barra Grande	5 km	Machula
▪ Linha Ronda	3 km	Izalusky
▪ Linha Inspetor Carvalho	3 km	Zaias
▪ Linha Abril	2 km	Kolysky
▪ Linha Rio Preto	8 km	Komar
▪ Linha Rio dos Patos	2 km	Stachiv
▪ Linha Nova Galícia	3 km	Pechefist

2) Sul do município:

Localidade	Distância da sede urbana	Família
▪ Tijuco Preto	32 km	Schmulek
▪ Matão	35 km	Slomynsky
▪ Palmital	20 km	Schuets
▪ Terra Cortada	33 km	Chafransky
▪ Marcondes	20 km	Kraicz
▪ Papanduva de baixo	12 km	Rudek

▪ Ponte Nova	20 km	Futra
▪ Queimadas	18 km	Ternosky
▪ Alvorada	26 km	Nedopetalsky

3) Norte do município:

Norte "A"

Localidade	Distância da sede urbana	Família
▪ Rio Belo	83 km	Sydorko
▪ Ligação	59 km	Julek
▪ Poço dos Anzóis	67 km	Mlot
▪ Herval Grande	52 km	Bobalo
▪ Pimental	65 km	Tlumasky
▪ Bairro dos Pelechates	50 km	Pelechat
▪ Barra da Areia	40 km	Sydorko
▪ Barra Seca de Santana	42 km	Charachovsky
▪ São Sebastião	30 km	Mlot

Norte "B"

Localidade	Distância da sede urbana	Família
▪ Barra Bonita	18 km	Zenzelhuk
▪ Linha Paraná	16 km	Denichevicz
▪ Capanema	20 km	Michalichen
▪ Vista Alegre	38 km	Szczestchuk
▪ Piquiri	25 km	Vinhaiski
▪ Faxinal da Boa Vista	75 km	Kelniar

▪ Linha 7 de Setembro	22 km	Beló
▪ Cachoeirinha	45 km	Halachen
▪ Perobas	46 km	Palczuk

4) Sede urbana:

Famílias

- Kocodeniak;
- Woitowicz;
- Bohatzuk;
- Komar;
- Chafransky;
- Savysky;
- Myskio;
- Volovytcz;
- Praisner.

As regiões onde obtivemos os dados relativos ao bilingüismo familiar são ilustradas pela Figura 1.

1.5.2 – As regiões, as famílias e os núcleos nos indivíduos bilíngües

O critério para a composição do segundo conjunto de dados, relativo ao indivíduo bilíngüe em P/U foi idêntico ao que adotamos para as famílias, quanto à divisão regional do município. Mas algumas alterações foram necessárias. Por exemplo: a dificuldade para se detectar alguns perfis sociais e lingüísticos (item 1.4.1, detalhado em 1.5.4) obrigou a eliminar a subdivisão da região norte do município. Além dos núcleos rurais listados acima, outros foram incluídos, ampliando consideravelmente o alcance geográfico da presente investigação.

1.5.3 - Coleta dos dados relativos à situação bilíngüe familiar

Após definir o núcleo rural em que se efetivaria a coleta de dados, seguiu-se a tarefa de detectar as famílias bilíngües. Para isso, buscamos informações junto a pessoas da comunidade de fala ucraniana: os padres do rito ucraniano-católico e as catequistas, senhoras moradoras na sede urbana do município, responsáveis pela catequese ministrada anualmente nas regiões envolvidas pela pesquisa.

Além dessas duas fontes de referências, contamos também com informações dos próprios moradores dos núcleos rurais selecionados, ou da própria família entrevistada. Outras vezes, ainda, contamos com a ajuda de líderes comunitários. Utilizamos também os contatos “friend of a friend”⁴, extremamente úteis para a localização de alguns dos informantes, além de ter revelado muito sobre as características da rede social dos sujeitos selecionados.

Uma das maiores dificuldades encontradas foi detectar famílias bilíngües P/U que fossem domiciliadas exclusivamente no local definido para a coleta de dados, devido à mobilidade geográfica das famílias, que é bastante grande, como comprovam os dados censitários acima citados.

De posse de uma lista de famílias que correspondiam aos perfis especificados, fomos aos locais acima arrolados, sempre acompanhada por pessoas da comunidade. Os acompanhantes eram os auxiliares de pesquisa, ambos prudentopolitanos, descendentes de pais ucranianos e bilíngües P/U, ou as senhoras catequistas, também bilíngües. Eles estabeleciam os primeiros contatos com a família, geralmente em ucraniano, e, após nos certificarmos de que esta correspondia ao perfil pré-definido, efetivava-se a coleta de dados.

Todos os dados relativos ao bilingüismo e ao dialeto do português falado em Prudentópolis foram coletados no espaço de oito meses, no período entre maio e dezembro de 1997. A demora se deveu ao fato de termos geralmente concentrado as visitas nos finais de semana, por ser o grupo a estudar formado, quase exclusivamente, por agricultores. Tais famílias estão em casa, com todos seus integrantes ou a maior parte de-

⁴ “Amigo de um amigo”.

les, nos finais de semana, após a missa ou o culto dominical. Assim foi possível, além da entrevista, observar, no convívio familiar, a situação atual quanto aos usos contextuais de ambas as línguas em estudo (com quem, sobre o quê e quando usavam o português e o ucraniano). Foi possível também observar “in loco”, em praticamente todo o município, quais os motivos culturais preservados dos antepassados, bem como o avanço do processo de aculturação (e onde está ocorrendo). Outro fator causador da demora na coleta de dados foi a dificuldade para se detectar famílias bilíngües de acordo com o perfil preestabelecido. De modo geral, elas estão se tornando raras em alguns dos núcleos rurais do município. O mau tempo provocado pelo fenômeno “El Niño” foi outro fator agravante, pois transformou os caminhos, já normalmente de difícil acesso, em vias intransitáveis. A algumas localidades não foi possível chegar de carro, apenas a pé.

Junto às observações efetivadas “in loco” — e visando obter dados para a análise quantitativa do bilingüismo familiar —, formulamos dois instrumentos: uma ficha com os dados sociais e as competências lingüísticas reveladas pelos membros da família entrevistada (Anexo 1); um questionário cujos temas objetivaram obter dados sobre a atual situação do bilingüismo familiar (Anexo 2). Em clima de bastante cortesia e simpatia, o que nos surpreendeu, pois algumas das comunidades eram extremamente isoladas, entrevistamos sempre o representante mais velho da família: avô ou avó (geralmente avós), bisavós, e, inclusive, também tataravós. Deste modo foi possível atingir várias gerações: desde a família do imigrante até os representantes da 5ª geração dos descendentes dos primeiros imigrantes. Foram selecionadas 45 famílias, das 144 entrevistadas, cujos dados serão analisados e discutidos na parte IV deste estudo. Exceto na sede urbana, em que o número de entrevistados foi definido em função da raridade de famílias com o perfil requerido, entrevistou-se uma família bilíngüe representativa de cada um dos núcleos rurais assinalados no mapa da Figura 1.

1.5.4 - Coleta dos dados sobre a situação bilíngüe em P/U nos indivíduos

Contando com o auxílio das pessoas referidas no item anterior, procedemos à coleta dos dados referentes à situação atual do bilingüis-

mo no indivíduo, simultaneamente à coleta relativa ao bilingüismo familiar, por coincidirem as variáveis selecionadas em ambos os grupos de informantes.

Com esse conjunto de dados objetivamos verificar quantas e quais das variáveis sociais, como sexo, faixa etária, escolaridade e rede social, interferem na situação atual do bilingüismo individual. Junto a essas variáveis, acrescentamos a variável geográfica “região”, tendo como objetivo verificar a existência de um bilingüismo geograficamente localizado. Para a Lingüística do Contato-Conflito lingüístico, além do tipo de convivência que as línguas sofreram ou estão sofrendo, a estruturação dos grupos sociais, as diferenças convencionais de idade, sexo, escolaridade e relacionamento social são consideradas como fatores cruciais que interferem diretamente na manutenção ou na substituição do capital simbólico e cultural (Nelde, 1997). Para a seleção das variáveis, seguimos os critérios adotados pelo Projeto VARSUL (“Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil”): escolaridade (primário, ginásio e secundário), sexo (masculino e feminino) e variedade geográfica (trata-se de um município localizado no estado do Paraná, sul do Brasil). As células relativas à faixa etária foram ampliadas em relação ao do Projeto VARSUL, de 2 (25 a 50 anos e mais de 50) para 4 faixas etárias neste estudo (7-14 anos, 15-25 anos, 26-50 anos e mais de 50 anos). A subdivisão se impôs por desejarmos estabelecer a situação atual do bilingüismo na região em função das faixas etárias mais novas. Com base nesses dados, construiu-se o perfil lingüístico da região em estudo, com as mudanças verificadas nos domínios funcionais das línguas em estudo, através da escolha entre um dos códigos lingüísticos à disposição da população-alvo.

As variáveis sociais sexo, escolaridade e faixa etária resultaram na seleção de 22 sujeitos bilíngües em P/U, residentes em cada uma das 4 regiões demográficas definidas, totalizando, então, 88 informantes. O esquema abaixo revela a constituição das 22 células sociais contendo cada uma, um informante bilíngüe em P/U de Prudentópolis:

Sexo — Escolaridade — Faixa etária

Masculino Primário - até 5 anos de escolaridade

- 7 a 14 anos
- 15 a 25 anos

- 26 a 50 anos
- Mais de 50 anos

Masculino Ginásio - até 9 anos de escolaridade

- 7 a 14 anos
- 15 a 25 anos
- 26 a 50 anos
- Mais de 50 anos

Masculino 2º grau - até 12 anos de escolaridade

- 15 a 25 anos
- 26 a 50 anos
- Mais de 50 anos

Feminino Primário - até 5 anos de escolaridade

- 7 a 14 anos
- 15 a 25 anos
- 26 a 50 anos
- Mais de 50 anos

Feminino Ginásio - até 9 anos de escolaridade

- 7 a 14 anos
- 15 a 25 anos
- 26 a 50 anos
- Mais de 50 anos

Feminino 2º grau - até 12 anos de escolaridade

- 15 a 25 anos
- 26 a 50 anos
- Mais de 50 anos

Os dados lingüísticos da população-alvo foram obtidos mediante questionário (Anexo 3) cuja temática central envolveu questões relativas a “com quem”, “onde” e “quando” utilizam as línguas em estudo; as redes de comunicação dos sujeitos selecionados e a região da coleta. Muitas das questões constantes no instrumento relativo ao bilingüismo individual têm igual teor àquelas aplicadas na família bilingüe. Esse questionário, porém, detalhou melhor os contextos de uso das línguas em pau-

ta.

O grupo de informantes (88 sujeitos) basicamente se compôs de integrantes das famílias entrevistadas. Algumas células, no entanto, tiveram que ser completadas em outras famílias. Isso resultou numa ampliação maior do raio de alcance do estudo, como já explicitamos. Além disso, a necessidade de ampliação dos núcleos rurais não anulou o critério adotado na divisão regional do município, porque continuamos a ter quatro grupos de dados, com igual número de sujeitos em cada um deles.

As dificuldades para encontrar determinados perfis bilíngües ou sociais revelou diretamente uma das atuais tendências do bilingüismo em P/U, na comunidade de fala estudada, além de indicar outras consequências indiretas, tais como características socioculturais e socioeconômicas dos informantes. As partes III e IV do trabalho discutem essas implicações.

De posse dos dados sobre o bilingüismo em P/U familiar e individual, efetivamos o levantamento, a análise e a discussão dos resultados. As características sociais, culturais e implicações lingüísticas da comunidade de fala constituída pelo Contato-conflito lingüístico via colonização eslava, evidenciaram-se no levantamento efetuado. Junto a isso, objetivamos observar a trajetória funcional das duas línguas, uma oficial e a outra estrangeira, no município, apresentar a atual situação lingüística da referida comunidade e prognosticar sobre o uso funcional de ambas as línguas. Outros objetivos, alguns já referidos, surgirão no transcurso dos levantamentos efetivados.

1.5.5 - Coleta dos dados para estudo do som vibrante

Completa-se a presente investigação na quinta etapa, que focaliza a fala dos sujeitos da comunidade em estudo, pois, em termos mais específicos, é preciso analisar uma unidade lingüística da fala, em respaldo à configuração sociolingüística da pesquisa. A quinta etapa corresponde, então, à última fase da coleta de dados, e efetivou-se basicamente nos meses de novembro e dezembro de 1997.

A unidade lingüística selecionada para estudo foi a vibrante, o que

ocorreu por sugestão da professora Iara Bemquerer Costa (UFPR), coordenadora do Projeto VARSUL no Paraná, e por termos observado, na fala dos sujeitos bilíngües em P/U, acentuada variação fonética na produção do som vibrante, a partir de especificidades fonológicas e influências extralingüísticas distintas. O uso de metodologia consagrada em estudos sobre o som vibrante, com amostras constituídas pela fala de sujeitos monolíngües (Monaretto, Skeete, Callou, Marquart, Votre, Messias, Zerling, entre outros), demonstrará a influência de novos condicionantes lingüísticos e extralingüísticos refletidos nessa variação, associada a processo de interferência ocorrido pelo contato-conflito desencadeado entre as línguas portuguesa e ucraniana ou entre dialetos surgidos da convivência das duas línguas referidas.

Mas a principal razão para o estudo da vibrante, com amostra da fala de sujeitos bilíngües em P/U, deve-se ao fato de ser esse fonema articulado predominantemente como “tepe” pela maioria dos sujeitos bilíngües em P/U, seja qual for o contexto posicional no vocábulo. Assim a entrada ou os tipos fonéticos predominantes da vibrante dupla, presentes no inventário de sons desses falantes, vinculados a condicionantes lingüísticos e extralingüísticos, pode evidenciar os passos da mudança lingüística em progresso, quanto ao modo e ao ponto de articulação, que o fonema está tomando no português brasileiro. Além disso, revelar-se-ão as especificidades fonéticas e fonológicas refletidas especificamente neste contexto histórico-social e lingüístico.

Cabe salientar, porém, a inexistência de todo e qualquer compromisso, em princípio, com teorias fonéticas ou fonológicas específicas. O estudo trará, com certeza, mais dados esclarecedores para a controvertida questão do “status” fonológico da vibrante, que versa sobre a existência de um ou de dois fonemas vibrantes no português, e sobre qual deles estaria na estrutura subjacente. Restringimos, especificamente, este estudo, à concepção teórico-metodológica da Sociolingüística quantitativa de Labov, que permite estabelecer as regras variáveis e estudar a língua como forma de comportamento social, como procedemos em todo o estudo sobre a comunidade em questão. Através da quantificação e da análise de produções lingüísticas da fala, é possível recuperar a ordem dinâmica do fenômeno lingüístico investigado, o que implica entender os princípios que regem a variação e a mudança. Para isso, im-

põe-se identificar as razões da interferência da L1, língua ucraniana, sobre a L2, língua portuguesa (condicionadores), como ela se dá (transição) e por que ocorre (encaixamento).

A base da investigação fonológica foi uma amostra coletada para este fim, inicialmente. Os dados foram obtidos de acordo com as variáveis sociais adotadas pelo Banco de dados VARSUL, resultante do Projeto “Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil” (Knies; Costa, 1996).

Além das variáveis anteriormente citadas, (1.4.3.), os informantes foram selecionados em conformidade com outras definidas pelo projeto VARSUL. A relação contém 12 células sociais e, em cada uma delas, incluímos 2 informantes. Logo, a amostra total das produções lingüísticas de fala de sujeitos bilíngües em P/U, descendentes de ucranianos, é constituída por 24 informantes, nascidos e domiciliados na sede urbana do município.

Sexo	Faixa etária	Escolaridade
Masculino	25 a 45 anos	Primário - até 5 anos de escolaridade Ginásio - até 9 anos de escolaridade 2o grau - até 12 anos de escolaridade
	55 a 75 anos	Primário - até 5 anos de escolaridade Ginásio - até 9 anos de escolaridade 2o grau - até 12 anos de escolaridade
Feminino	25 a 45 anos	Primário - até 5 anos de escolaridade Ginásio - até 9 anos de escolaridade 2o grau - até 12 anos de escolaridade
	55 a 75 anos	Primário - até 5 anos de escolaridade Ginásio - até 9 anos de escolaridade 2o grau - até 12 anos de escolaridade

De posse da lista de nomes que preenchiam os requisitos necessá-

rios, efetivamos os primeiros contatos, ora nas próprias residências, ora na igreja ucraniana, ora nos bingos dominicais. Após preenchermos a ficha social, com o objetivo de checar as variáveis sociais, marcávamos, então, um segundo encontro. Nesse, gravávamos em fita cassete de 60 min, a produção lingüística orolocal da fala, em português, dos referidos informantes bilíngües. O local da coleta foi sempre a residência do sujeito selecionado, com vistas a reduzir a tensão, apesar da presença do gravador.

Através de um roteiro de assuntos, alguns inclusive referidos como da preferência do entrevistado, procedemos à coleta dos dados relativos à sua produção lingüística, procurando interferir o menos possível. Em todas as entrevistas, contamos com a participação ora dos auxiliares de pesquisa, ora de uma das catequistas. Como já referido, esses acompanhantes foram pessoas bilíngües diante das quais os informantes não se recusavam a gravar suas falas. Observamos, inclusive, maior naturalidade quando falavam na presença desses agentes comunitários.

Concluídas as gravações, a tarefa seguinte foi então a da transcrição e fixação do “corpus” para análise. Feito isso, chegamos à quinta etapa do estudo, que compreende o levantamento, a análise e a discussão da unidade lingüística selecionada: a vibrante ocorrente no português falado por informantes bilíngües em P/U e constituído através dos mais de cem anos de convivência entre a língua portuguesa e a língua ucraniana. Os resultados aqui aferidos podem caracterizar o dialeto orolocal surgido em função da referida convivência interlingüística.

1.5.6 - Coleta dos dados relativos à constituição histórica da comunidade bilíngüe

Os dados histórico-sociais coletados e utilizados na constituição da comunidade bilíngüe P/U permeiam e estabelecem a convergência entre as demais partes integrantes da presente investigação.

Quando se considera que os estudos sobre a língua não podem ser desvinculados de suas funções sociais e, no intuito de estabelecer a relação entre ambiente sociocultural e comportamento lingüístico, a abor-

dagem metodológica que melhor se presta para unir tais bases é a da Etnografia da Comunicação. Os pesquisadores que seguem essa linha investigatória, afirmam que as considerações histórico-sociais e culturais envolvendo a constituição de uma comunidade de fala são, muitas vezes, pré-requisitos para se reconhecer e entender as disposições e escolhas das formas e códigos lingüísticos utilizados no presente.

Essa é também uma das formas de se submeter os estudos da linguagem à pluralidade de enfoques, principalmente porque, em relação ao bilingüismo, é praticamente impossível reconhecê-lo cientificamente a partir dos limites de uma única disciplina ou metodologia. A constituição histórica, por exemplo, a descrição da recriação do universo socio-cultural e comportamental da comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis tornou-se elemento essencial, nesta investigação, para determinar os fatores que possibilitaram a vitalidade da língua minoritária. Também foram fundamentais no reconhecimento daqueles fatores ou eventos que atuaram na invasão da língua portuguesa na referida comunidade. Além disso, através das buscas etnográficas foi possível detectar toda a problemática da identidade religiosa, imbricada com a identidade lingüística, ambas constitutivas do grupo étnico em questão. Em síntese, a presença e a interferência do referencial histórico e sociocultural foram adotadas em todas as fases da análise lingüística.

Através da observação participante nos eventos culturais e lingüísticos, inicialmente como “sympathetic participant-observer”⁵ e, posteriormente como “analytical participant-observer”⁶, pela efetivação de entrevistas e depoimentos orais, participação em cursos de cultura ucraniana, levantamentos sobre a existência de mecanismos urbanos capazes de promover a manutenção do bilingüismo no município, além da utilização de todo material escrito disponível em bibliotecas e arquivos públicos e particulares, obtivemos o conteúdo histórico-social, sociocultural e lingüístico da investigação. A coleta destes dados ocorreu entre janeiro de 1997 a maio de 1998.

5 Observador participante “amigo cordial”.

6 Observador participante “analítico”.

1.6 - COMPOSIÇÃO REDACIONAL DO ESTUDO

“As condições de resistência e vitalidade de uma língua minoritária no contexto Sociolingüístico brasileiro” foram relatadas em cinco partes, desdobradas em capítulos.

Na primeira parte — “O objeto de estudo e suas abordagens metodológicas” —, apresentamos as questões metodológicas implicadas na investigação. A segunda parte — “Constituição de uma comunidade bilíngüe” — inclui contextualização histórico-social das regiões geopolíticas inerentes à presente investigação. A terceira, denominada “A recriação, a manutenção e a substituição do universo sociocultural ucraniano em terras brasileiras”, concentra-se na recriação do universo sociocultural do grupo étnico no Brasil, nos fatores e eventos que promoveram a permanência da língua minoritária e naqueles que, ao contrário, permitiram a invasão da língua portuguesa na comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis.

Integram a quarta parte — “A situação lingüística e bilíngüe de Prudentópolis” — subsídios teóricos para a análise da situação lingüística e bilíngüe, familiar e individual, o levantamento dos dados, a análise e a discussão dos resultados relativos à referida situação lingüística. O conjunto de dados que obtivemos possibilitou o levantamento do perfil lingüístico do município, em seus aspectos diacrônicos e sincrônicos e em sua interdependência com as questões etnográficas discutidas na parte anterior.

A quinta parte — “Comportamento sociolingüístico da vibrante em contexto bilíngüe” — inclui os subsídios teóricos para a análise sociolingüística da interferência vista através da vibrante, seguidos pelo levantamento dos dados, pela análise e a discussão das condicionantes sociocultural, regional e lingüística no processo selecionado. Uma das marcas fonológicas que caracterizam o dialeto orolocal evidenciou-se, como resultado do levantamento efetuado.

A conclusão geral da investigação, seguida dos anexos, conclui o presente estudo.

PARTE I

O OBJETO DE ESTUDO E SUAS ABORDAGENS

METODOLÓGICAS

2 - A BASE METODOLÓGICA GERAL E ETNOGRÁFICA

A busca da constituição histórico-cultural responsável pela formação do português brasileiro para, a partir dela, caracterizar a situação lingüística atual em uma região geopoliticamente delimitada, determinou, indiretamente, que a investigação fosse orientada por uma matriz metodológica abrangente, que se revelasse capaz de incluir metodologias correlacionáveis e/ou convergentes.

Dentre as conseqüências decorrentes de uma metodologia holística, a qual deveria ser adotada em conformidade com o objeto de estudo selecionado, destaca-se a ampliação do campo investigativo, o que viabiliza poder atingir, segundo Haugen (1972), Mackey (1980), Denison (1982) e Kulczynskyj (1987) uma contextualização investigativa denominada de "ecology of language contact", a qual, em linhas gerais, consiste no estudo da função social da língua em seus contextos histórico-culturais. Entre as metodologias e fundamentações teórico-metodológicas já consagradas, e que contemplam as exigências elencadas, a chamada Lingüística do Contato Lingüístico e a etnografia da fala, ou etnografia da comunicação, foram as disciplinas que revelaram maior aproximação com o objeto a ser investigado e com os objetivos a que visávamos.

2.1. O MÉTODO ETNOGRÁFICO E AS ABORDAGENS DECORRENTES

A princípio, o método etnográfico requer que o investigador pe-

netre no universo cultural de um grupo étnico¹ específico e, guiado exclusiva ou basicamente pelas informações aí obtidas, desvende sua história, seus significados e as respectivas inter-relações. Em etapa posterior é preciso fazer a seleção dos eventos que estejam correlacionados com os objetivos investigativos propostos ou por aquilo que, no curso da investigação, se revele mais significativo para o específico interesse do etnógrafo. Por envolver a chamada observação-participação em eventos,² os estudos etnográficos proporcionam uma visão holística sobre, por exemplo, a real significação de determinados fatores sociais e lingüísticos em determinada comunidade de fala³. Pode-se, então, ao adotar um método dessa natureza, evitar a simples descrição de fatores responsáveis por uma dada realidade sociolingüística bilíngüe.

Mesmo apresentando inúmeras vantagens, o método não consegue eliminar uma série de questões. Constata-se, por exemplo, que nos estudos etnográficos o problema a ser investigado vai sendo delineado, geralmente, junto com as observações feitas na comunidade. Deste modo, o etnógrafo, na maioria das vezes, define o que estudar no curso do processo investigativo. Junto a isso, ou em decorrência dessa causa, as hipóteses são ou podem ser definidas durante a investigação (Heath, 1982). No entanto, uma das maiores dificuldades advindas do método etnográfico reside no caráter subjetivo, quer das observações, quer das avaliações feitas. Portanto, é preciso tomar bastante cuidado para que os valores ou preconceitos existentes na consciência coletiva (Durkheim) de qualquer grupo social do qual o investigador faz parte, não interfiram na seleção e na análise dos dados observados no grupo alvo. Em função

¹ É o grupo humano formado em função da comunidade de língua, religiões e instituições sociais. É um elemento definidor da identidade de grupos humanos, por dar conta das aglutinações culturais historicamente verificáveis entre os seres, permitindo a percepção do homem na sua diversidade, como animal essencialmente cultural (Ferreira Neto, 1997, p. 320 e 322).

² Neste estudo, os eventos são concebidos como atos fundadores (Orlandi, 1993), acontecimentos socioculturais estruturados, já estabelecidos e representativos de uma identidade histórica.

³ Comunidade de fala é qualquer grupo que divide os mesmos recursos lingüísticos e regras conversacionais para a interação e interpretação de mensagens, quer orais, quer escritas (Brown e Levinson, 1979, p. 69). Para Heredia (1989, p. 177), uma comunidade lingüística define-se como tal se seus membros têm em comum ao menos uma variedade de língua e também normas de uso correto, uma comunicação intensiva entre eles, repertórios verbais ligados a papéis e unificados por normas, enfim, uma integração simbólica no interior do grupo ou do subgrupo de referência (nação, região, minoria). Comunidade de Fala e Comunidade Lingüística neste estudo são considerados como sinônimos.

disso Morey (1993, p. 25) alerta⁴:

... the strength of the ethnographic method lies in its attempt to understand human actions only in relation to the value system of the culture where they belong.

Fishman (1972) e Horby (1977) destacam a necessidade de se estudarem as situações bilíngües considerando não só a abordagem etnográfica, mas também incluindo, junto àquela, a vertente antropológica. Segundo os autores, deve-se observar a situação bilíngüe a partir das concepções teórico-metodológicas advindas das ciências sociais. Apontam, ainda que, se assim não se fizer, muito dos “cultural and communal universes of meaning could have been regarded as inimportant”⁵. Em primeiro lugar, esclarecemos que a etnografia faz parte da antropologia, ou seja, uma está inclusa na outra e, em segundo lugar, entendemos que é preciso selecionar campos específicos existentes em um universo cultural, embora a compreensão de cada um deles só possa ocorrer em função da totalidade.

Revedo a literatura sobre a metodologia etnográfica (Malinowski, 1922, Agar, 1980, 1986; Ellen, 1984; Sperber, 1985), constata-se, inicialmente, que a etnografia se define em termos de evolução epistemológica e de método. Após, chega-se à abordagem específica e instrumental da etnografia, seus métodos de pesquisa e suas aplicações (Basso, 1974; Spradley, 1979, 1980; Heath, 1982; Hymes, 1982; White, 1986; Jorgensen, 1989, Saville-Troike, 1989; Morey, 1993). O que permaneceu constante, desde a origem, e o que funda, basicamente, a atividade do etnógrafo é, segundo Morey (1993) o tratamento holístico e funcionalista atribuído à cultura de uma comunidade de fala.

A natureza holística do método requer que se incluam no fenômeno investigado as dimensões espacial e temporal, uma vez que as situações, os eventos e as ações somente podem ser entendidos como práxis cultural quando geográfica e historicamente agrupados. Diferente de outros paradigmas investigativos, em etnografia o processo de obtenção

⁴ A força do método etnográfico reside em sua tentativa de compreender as ações humanas somente em relação ao sistema de valores da cultura à qual pertencem.

⁵ universos culturais e de significado poderiam ser considerados sem importância.

dos dados é.⁶:

... not to make any mystery of one's sources is the key element that gives credibility to the ethnographic method (Morey, 1993, p. 25).

Neste estudo, a opção pelo método etnográfico teve por base, além dos motivos já elencados, as leituras que fizemos sobre alguns dos estudos bilíngües efetivadas em outros contextos geográficos e sociolingüísticos, cuja situação demográfica identifica-se com a que observamos (Lenard, 1976; Wouk, 1981; Kulczynskij, 1987; Steimer, 1988; Sufredini, 1993; Vieira, 1995). Estes estudos sinalizam para o fato de que uma situação bilíngüe exige muito mais do que a simples descrição focalizada sobre a situação funcional de línguas em contato.

Conforme enunciamos acima, o objeto de estudo selecionado nos conduziu a mais uma base metodológica dentro do universo etnográfico: a adoção da abordagem metodológica da etnografia da fala ou etnografia da comunicação. Esse é um dos motivos que levou a considerar o método etnográfico como matriz metodológica para a qual fizemos convergir outros métodos adicionais.

Hymes é o mentor da chamada abordagem metodológica da etnografia da comunicação (1972 a, 1974, 1974 a). Ao incluir os eventos comunicativos como parte de uma teoria geral antropológico-lingüística, ampliou o campo investigativo da linguagem pois⁷:

... the methods of ethnography of communication allow for language to be included as a component of a larger symbolic system, rather than being defined as a system itself (Morey, 1993, p. 44).

Essa definição de língua e linguagem, a qual possibilita a abordagem etnográfica dos estudos lingüísticos, tomamo-la como base em todo o desenrolar do processo investigativo.

O mentor da referida abordagem metodológica propõe, para o estudo dos eventos comunicativos, uma hierarquia que começa pelas unidades sociais e chega às unidades menores, como situação de fala,

⁶ não fazer qualquer mistério sobre as fontes é o elemento-chave que confere credibilidade ao método etnográfico.

⁷ Os métodos da etnografia da comunicação permitem incluir a língua como componente de um sistema simbólico mais amplo, ao invés de ser definida como sistema em si mesma.

evento de fala e ato de fala. Uma situação de fala é, por exemplo, uma missa ou uma dança. Aí podem ocorrer eventos de fala, tais como conversações. Nesses eventos, por sua vez, é possível que aconteçam atos de fala, como avisos, ordens ou promessas. Segundo Hymes, os atos de fala fornecem informações sobre a gramática cultural representada pelas trocas sociais compartilhadas pelos participantes de certo evento social. Os atos de fala observados, que orientam o autor, devem ser sempre aqueles que se manifestam por ritos, cerimônias ou protocolos. Nesta investigação, extrapolamos um pouco os tipos de atos de fala a serem observados e voltamos a perspectiva observacional também para os atos de fala ocorridos em situação de comunicação cotidiana, não previsíveis.

Austin (1962) e Searle (1969) definiram atos de fala com base na função pragmática da linguagem, vinculando-os ao mecanismo comunicativo e a regras interacionais. Para Hymes, é o pesquisador quem detecta os atos de fala. Assim, o ponto de vista é externo ao ato comunicativo e o foco se orienta para o efeito perlocutório de tais atos, mais do que sobre suas forças ilocucionárias. A conexão entre os atos de fala e suas forças causativas somente pode ser estabelecida quando se examinam todos os componentes de determinada situação.

Todo sistema social incorpora instituições múltiplas, tais como a familiar, a econômica, a política, a religiosa e outras. As normas que definem o significado dos atos comunicativos devem ser ancoradas nessas instituições. Isso, porém, não significa que os atos comunicativos sejam sempre explícitos, embora os significados devam ser compartilhados pela maioria dos integrantes de um grupo social.

Ponto particularmente crítico, quando se focalizam os eventos de fala e os atos de fala como unidades significativas de descrição, em situação de regras culturais compartilhadas, reside na habilidade do pesquisador em relacionar o que as pessoas fazem com a língua, intencional ou ideologicamente, como motivadores de tais atos. Neste estudo atribuíram-se aos eventos observados, interpretações “cross cultural”⁸ porque, em primeiro lugar, trata-se de escolhas de línguas efetivadas pelos participantes de eventos comunicativos específicos, cujo código lingüístico

⁸ transculturais.

focalizado possui a atribuição de ser uma língua etnorreligiosa na comunidade de fala em estudo.

Completa-se o quadro de referências metodológicas holísticas com o acréscimo dos chamados métodos etnográficos adicionais, os quais foram exigidos também em função do objeto selecionado. Assim, para melhor conhecer o grupo étnico em estudo, foi preciso buscar informações não só nas literaturas específicas, mas também em obras literárias ucranianas, uma prática que segundo White (1986, p. 63)⁹:

... will provide that elusive feel for the lifestyle of a group better than social-scientific description.

Assim, através de obras literárias ucranianas específicas foi possível decodificar, recompor e legitimar muitos dos eventos históricos, socioculturais, religiosos e lingüísticos que serão referidos nas próximas unidades.

Buscou-se também a perspectiva diacrônica proporcionada pela etno-história. Dessa forma, foi possível completar o quadro de referências que — somado à observação de ocorrências de fala, à observação e à participação nos eventos socioculturais — proporcionou maior nitidez ao perfil histórico-cultural em que se insere a situação bilíngüe existente no município de Prudentópolis. Os etnógrafos afirmam que essa perspectiva etno-histórica é fundamental porque¹⁰:

...nor does description of the current times fully capture the influences and forces of history on the present (Saville-Troike, 1989, p. 93).

Constatou-se, por exemplo, que muitos dos eventos socioculturais ou religiosos praticados pelo grupo observado se tornaram incompreensíveis para os descendentes de ucranianos atualmente residentes em Prudentópolis. Isso se dá porque a maioria das ocorrências que integram o universo simbólico ucraniano teve origem em remotos tempos da era pré-cristã. Um dos eventos observados, de fundamental importância para a manutenção da língua ucraniana, é a indissolúvel e cimentada

⁹ Fornecerá aquele sentido difícil de reter ao estilo de vida de um grupo superior a uma descrição sociocultural.

¹⁰ A descrição dos tempos atuais não captura integralmente as influências e forças da história sobre o presente.

união entre a língua ucraniana e o rito ucraniano-católico em suas liturgias diárias. A justificativa para essa união só se tornou possível após as buscas etno-históricas das origens desse fato, que é constantemente atualizado na região em estudo.

Ainda sob perspectiva diacrônica, investigaram-se fontes de referência escrita em arquivos particulares e institucionais, em jornais, em revistas, em relatórios oficiais e outros. A memória histórica de antigos moradores da região também se fez necessária, tendo sido obtida por depoimentos orais gravados em fita cassete. A motivação para tais relatos e depoimentos esteve sempre vinculada a questões ou tópicos relacionados aos dados que buscávamos, ou seja, implicando temas etno-históricos, etnoculturais, etnorreligiosos e etnolingüísticos.

Todo esse arsenal metodológico foi essencialmente necessário porque, além da conjugação de métodos, acima apontada, nos deparamos com textos escritos unidirecionais ou extremamente superficiais. A junção de fontes orais e escritas, como determina a própria orientação etnográfica, possibilitou muitas das reconstruções históricas necessárias à constituição da comunidade bilíngüe que será apresentada nos capítulos subseqüentes.

Os atos de observação e de participação em eventos relacionados com a práxis cultural, que efetivamos, concentraram-se naqueles relativos à vida familiar, religiosa e sociocultural, bem como nos aspectos econômicos. Principalmente, a observação se concentrou nos eventos comunicativos interacionais bilíngües e monolíngües, e em sua frequência. Neles se observaram os usos funcionais de ambas as línguas, assim como características sociais de seus usuários. Em relação ao espaço urbano, efetivou-se o levantamento dos estabelecimentos comerciais, públicos e educativos promotores e-ou mantenedores da situação bilíngüe e-ou monolíngüe no município. Para isso, assumimos, como constructo teórico, que há uma ordem inerente e regular na forma de vida das pessoas e no contexto geográfico em estudo.

Em síntese, não nos descuidamos de uma questão bastante crítica inerente à tarefa do etnógrafo, que é a de suspender temporariamente o julgamento e abstrair de conhecimentos próprios, como membro de uma cultura particular, para tentar entender outra vida cultural como um

“insider”. Assim procedemos durante a coleta de dados etnográficos no município de Prudentópolis-PR.

2.1.1 - Aplicação da base metodológica etnográfica selecionada

A aplicação do método etnográfico e da etnografia da comunicação, na investigação sobre a comunidade ucraniana de Prudentópolis, compreendeu o período de um ano e quatro meses: de janeiro de 1997 a maio de 1998, quer como “sympathetic participant-observer”, quer como “analytical participant-observer”, isto é, inicialmente junto com o grupo e, posteriormente sobre o grupo. Como ambas as formas de participação nos foram permitidas, na comunidade ucraniana em questão, não precisamos negociar ou limitar a nossa liberdade de ação. A comunidade já está acostumada com tais formas de observação, principalmente pelo assédio de jornalistas e repórteres, de toda natureza, inclusive grupos de turistas do país e do exterior, assim como pesquisadores do exterior, geralmente canadenses.

Os integrantes da comunidade em estudo tanto residem na área urbana quanto na rural, e seu universo cultural foi igualmente investigado em ambas, uma vez que visitamos 144 famílias distribuídas geograficamente em todo o município, conforme se pode observar no mapa de Prudentópolis reproduzido na seção 1.5.1. Também participamos de eventos socioculturais, ocorridos, na maioria das vezes, na sede urbana, já que são mais freqüentes aí do que nos núcleos rurais.

Entender como os eventos observados se inter-relacionam e detectar os atos de fala que lhes são constitutivos foi de importância capital para a definição e caracterização funcional das línguas coexistentes na comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis. A importância disso também se situa em relação à preservação de uma forma simbólica própria, que é a manutenção de um lugar social onde ocorre a produção de sentido: o da relação entre língua (simbólico) e linguagem (universo sociocultural).

3 - A BASE METODOLÓGICA DA LINGÜÍSTICA

Embora, neste estudo, se tenha reservado espaço considerável para as questões histórico-sociais, elas foram e são consideradas coadjuvantes em relação à constituição lingüística da comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis.

A Lingüística sempre foi uma ciência altamente consciente da importância do ponto de vista metodológico. O estudo de sua evolução pode revelar a influência que as diferentes concepções de método científico são capazes de receber, quando assumidas, no todo ou em parte, pelas diferentes escolas dentro de uma disciplina (Dascal, 1978).

Atualmente, os estudos lingüísticos se encontram, em geral, polarizados entre as tendências formalistas e funcionalistas. A primeira prioriza a linguagem humana como linguagem. Já o funcionalismo vê o objeto do estudo lingüístico como instrumento de interação social entre seres humanos. O presente estudo se insere nessa última linha teórico-metodológica.

Além da inclusão mais genérica do trabalho, como acima referido, a especificidade da situação lingüística, a ser discutida após contextualização histórico-social da comunidade e de seus integrantes, nos remeteu a outro paradigma metodológico: o da Lingüística do Contato Lingüístico.

3.1. A LINGÜÍSTICA DO CONTATO LINGÜÍSTICO

A tradição da Lingüística do Contato Lingüístico¹ (LCL) remonta ao século XIX com os comparativistas, quando buscava, primordialmente, mediante o estudo histórico sobre o contato de línguas, a comparação entre seus elementos gramaticais. A essa corrente diacrônica, segue-se a Lingüística sistêmica, unidirecional e sincrônica do estruturalismo. Nos últimos 20 anos, porém, uma ciência da linguagem diacrônica, agora sociocultural e política, incorporando também fatores não-lingüísticos, invadiu o campo dos estudos da língua. Estratégias multidimensionais substituíram a ênfase anteriormente atribuída aos padrões puramente formalistas e descritivos, sendo reintroduzida a pesquisa de campo, de natureza empírica, nos estudos da linguagem. Através dessas pesquisas, revelaram-se, entre outras coisas, a predominância multilíngüe do planeta Terra e a predominância dialetal e bilíngüe de todas as regiões do mundo.

Em sentido mais restrito, a LCL teve origem em Weinreich (1953) através de seu clássico trabalho "Languages in Contact". Apesar de ter causado grande impacto na época, a obra apresenta algumas lacunas, como, por exemplo, o fato de não considerar o caráter originalmente interlingüístico da pesquisa da língua. A partir da publicação desse trabalho, surgiram as chamadas pesquisas weinreichianas, que, de modo geral, enfatizaram os contatos interétnicos, com análises sobre interferências e transferências, configurações sociais e situacionais dos elementos da língua, áreas de uso da língua (domínios), atitudes e estereótipos. Por outro lado, essas investigações ignoraram certas situações lingüísticas, como as que implicam a substituição de uma língua por outra, a questão sociocultural e política originária do contato e as decorrências causadas por essas questões, como, por exemplo, a dos tipos de contato entre línguas. Mesmo assim, o estudo de Weinreich e as pesquisas que inspirou favoreceram o surgimento de novas teorias para a análise do bilíngüismo.

Atualmente, o planejamento e as políticas da língua, associados à

¹ A designação Lingüística do Contato Lingüístico teve origem no I Congresso Mundial sobre Contato e Conflito de línguas realizado em Bruxelas, em junho de 1979.

concepção de que o multilingüismo, a aquisição de uma segunda ou terceira língua, podem ser úteis à paz e à cooperação entre as nações, têm sido tema de pesquisas da LCL. A intensidade, a vitalidade (Haarman, 1980) e a dinâmica dos contatos de línguas (Auburguer, 1979; Breton, 1990; Labrie, 1990), por exemplo, dominam a discussão, por um lado, enquanto por outro, fenômenos como o do multilingüismo (Clyne, 1997), o da substituição de uma língua por outra (Brenzinger, 1997), o dos processos de empréstimo, de interferência e de “code-switching” estão ainda sendo analisados.

No Brasil, as pesquisas voltadas para as questões multilíngües são ainda escassas, principalmente aquelas que, sob a ótica da LCL, envolvam aspectos diacrônicos concomitantes a padrões predominantemente sincrônicos. Também raras são as pesquisas sobre multilingüismo e sua interdependência com disciplinas correlatas, assim como suas relações óbvias com situações e contextos ideológicos, políticos e historicamente motivados. Esses estudos se tornam-se fundamentais sobretudo para as minorias lingüísticas e para as comunidades de línguas ameaçadas e-ou em perigo de extinção, o que não é o caso do presente trabalho, dado que não investiga uma língua em extinção. A situação lingüística que o motiva é a da convivência e da substituição de uma língua etnorreligiosa pela língua do país de adoção. A investigação, por outro lado, se encaixa nos estudos envolvendo minorias lingüísticas. Sobre essa situação e, principalmente, a respeito das conseqüências lingüísticas decorrentes da convivência entre as línguas portuguesa e ucraniana no Brasil, as pesquisas são ainda mais raras, conforme relação de estudos citados na seção 1.2.

A LCL é um ramo interdisciplinar da pesquisa sobre multilingüismo e se apóia na tríade formada por línguas, usuários e esfera social e cultural de alcance das línguas envolvidas. Conforme apontamos no capítulo anterior, alguns autores, entre eles Kulczynskyj (1987), situam tais abordagens interdisciplinares como parte de uma ecologia das línguas em contato.

As pesquisas feitas com base na LCL envolvem níveis lingüísticos que podem ser o fonológico, o sintático ou o lexical, além de outros, como o discursivo, o estilístico ou o pragmático. Em relação ao pre-

sente estudo, o fato da LCL também envolver os níveis lingüísticos, como por exemplo, as implicações fonológicas decorrentes do contato entre línguas, determinou com mais exatidão a base teórico-metodológica que se deveria tomar para as questões lingüísticas.

Por se constituir em uma concepção teórica voltada para as situações de convivência entre línguas, a LCL requer a inclusão de fatores externos que intervêm no resultado geral, como as nações envolvidas, as comunidades de fala, os limites contextuais das línguas e os eventos fundadores da situação de contato, como a emigração, a imigração, a migração, e outros que venham a ser pertinentes. Também se afirma como importante aspecto para a LCL o tipo de contato entre as línguas, assim como seus resultados. Entre os efeitos gerados pela situação de contato, o pesquisador pode-se deparar com situações de bilingüismo individual ou institucional, de “pidgins” e suas conseqüências, de diglossia ou dialetos, de multilingüismo natural ou artificial, que, por sua vez, envolve níveis intermediários do chamado bilingüismo incipiente ou inter-língua. É preciso também, segundo Nelde (1997), fazer a distinção entre os grupos étnicos em contato, por exemplo, do(s) grupo(s) autóctone(s) em relação ao(s) alóctone(s). Em síntese, as situações de contato em que certas línguas se podem encontrar geram uma infinidade de conseqüências. O que não pode ser feito, com raras exceções, segundo a LCL, é isolar os fenômenos intervenientes e considerá-los como únicos. Também é objeto de especial atenção, por parte dos pesquisadores da LCL, o fato de um grupo lingüístico ser ou não minoritário (Kulczynskyj, 1987), assim como o tipo de estruturação dos grupos étnicos quanto aos aspectos sociais (sexo, idade, escolaridade). São, ainda, considerados os fatores responsáveis pela interação entre os sujeitos que formam uma comunidade de fala, como, por exemplo, as redes sociais, a mídia, os setores educacional, religioso, político e cultural, cuja intervenção se manifesta nos códigos lingüísticos ou em sua manutenção.

Embora a abrangência interdisciplinar possa ser considerada uma qualidade para muitos pesquisadores da LCL, ela é, concomitantemente, seu ponto mais fraco. Uma das maiores dificuldades enfrentadas por essa linha de estudos lingüísticos é, por exemplo, a diversificação e a variação dos modelos teórico-metodológicos existentes, sobretudo porque alguns pesquisadores incluíram disciplinas e metodologias afins, em seus

estudos, como a sociologia, a psicologia e a etnografia. É ao modelo metodológico desta última que se vincula o presente estudo (Nelde, 1997).

Como já se afirmou, a abordagem etnográfica, ao se conjugar com a LCL, faz com que os eventos descritos convirjam para a situação bilingüe, de modo a ampliar o cenário de análise lingüística que o trabalho busca privilegiar. A utilização que fizemos, de ambas as linhas de pesquisa, neste estudo, por outro lado, é interdependente. Da etnografia, adota-se a base metodológica, enquanto da LCL usam-se os princípios teóricos e metodológicos. Dessa forma, foi possível limitar e, por conseguinte, dar conta desse universo referencial e sociolingüístico bastante amplo, por envolver a interação comunicativa entre universos simbólicos distintos. Esse é o motivo por que os eventos observados têm estreita relação com aqueles que se referem às “basic to rendering experience intelligible”.²

3.1.1. Aplicação da base teórico-metodológica da LCL

Conforme apontamos acima, foi na LCL que buscamos os fundamentos teóricos que embasam a presente investigação, uma vez que o centro de interesse deste estudo é a questão lingüística decorrente de eventos histórico-culturais.

Duas foram as fontes dos dados lingüísticos: respostas a uma bateria de questões elencadas em formulários próprios (Anexos 1, 2 e 3) e manifestações orais gravadas em fitas cassete, cujo procedimento metodológico já se descreveu na parte introdutória deste estudo.

² bases para interpretar a experiência inteligível.

PARTE II

CONSTITUIÇÃO DE UMA COMUNIDADE BILÍNGÜE

4 - FUNDAMENTAÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL

As alterações e mudanças ocasionadas pela interferência de um grupo imigrante em um grupo autóctone e deste naquele situam-se entre as questões básicas, assim como as que se relacionam com o desenvolvimento econômico, social e lingüístico. Ocorrem desconstruções e construções contínuas em ambos os grupos envolvidos, surgindo, naturalmente, fenômenos de assimilação e acomodação nas culturas em contato. Por isso é que se considera que a imigração causa efeito revolucionário em todos os setores da vida humana, constituindo fato excepcional na trajetória do grupo social que vivenciou a situação de contato, implicando necessariamente, para todos, um recomeço.

Para que se efetue o processo emigratório-imigratório é preciso que se tenha, de um lado, um país de imigração — que atua como fator de atração — e, de outro, um país de emigração — que age como fator de expulsão ou repulsão. Segundo esta tese, a imigração não se processa apenas pela decisão de abandonar a pátria de origem, mas, sim, pela imposição simultânea de duas condições:

1ª - Que a situação dentro do país de origem torne-se intolerável ou, pelo menos, que ela se apresente como tal para o provável imigrante; 2ª. - Que o outro país ofereça à imaginação do futuro imigrante uma resposta a esta situação, prometendo-lhe a possibilidade de começar uma vida nova e de ter chance de obter aquilo que lhe é negado em seu próprio país (Andreazza, 1996, p. 40).

Por isso, este estudo considera o Brasil como fator de atração, e a Ucrânia, como de expulsão ou repulsão.

4.1 - UCRÂNIA: PRINCIPAIS ASPECTOS HISTÓRICO-SOCIAIS

Investigações arqueológicas comprovaram a existência, desde o quarto milênio antes de Cristo, de grandes povoados nos territórios da atual configuração geográfica da Ucrânia. Aliadas a isso constam referências a personagens lendárias — Conan, por exemplo — ou a guerreiras famosas, como Xena, que teriam pertencido às tribos que habitavam a região onde atualmente se localiza a Ucrânia. Essas são algumas das indicações que nos levam a considerar a civilização ucraniana como uma das mais antigas da humanidade.

A história da Ucrânia se tece com relatos de constantes invasões. Em função disso, o país viveu sempre entre dois extremos, ora como importante centro político e cultural europeu, ora completamente destruído, ou reduzido, por várias vezes, a simples província de algum condado. Tal situação, de natureza recorrente, é responsável pela continuada submissão histórica do seu povo. Rudnytskyj (1955, p. 16), especialista em história política da Ucrânia, afirma que¹

Ukraine is a typically East Nation in that its history is marked by degree of discontinuity.

As tribos que habitaram a região, citadas em fontes bizantinas ou comprovadas através de estudos arqueológicos, foram os citas, os sármatas e os antes. Há também referências sobre as dinastias reinantes no principado de Kiev como sendo de origem normanda, escandinava e dos antigos viquingues. Desses grupos é que emergiu, sobressaindo na arena da história, a união das tribos denominadas, a partir do principado de Kiev, “eslavas”.

A atual Ucrânia era denominada, até o século XVI, como “Rus”, “Russyn”, “Rus’ de kyiv” e seu povo de rusyny. Este nome, “Rus”, foi traduzido para o latim como “Ruthenia”, e seus habitantes, denominados como “Ruthenos”; e “Róssia-Russos” para o grego. A tradução latina foi usada até o século XX, nos documentos oficiais existentes em Roma. Outra indicação é encontrada em Camões, na obra Os Lusíadas;

¹ A Ucrânia é uma nação tipicamente do leste em que sua história é marcada por níveis de descontinuidade.

quando faz a enumeração dos povos europeus, distingue os ruthenos (ucranianos) dos “moscovitas” (russos). A substituição dos topônimos deu-se no reinado de Pedro I (1672-1725), czar do estado Moscovita. Desta forma, “Róssia > Rússia” passou a substituir oficialmente a primitiva denominação do reino de Moscou, com sede em Moskóv, surgida no ano de 1149, a partir da fusão de tribos dissidentes oriundas do estado de Kiev. Mesmo tendo lutado pela conservação do nome “Rus”, porque este topônimo estava vinculado à história do povo “ruteno”, renunciou-se a ele, sendo adotado o nome de “Ucrânia”, já usado, esporadicamente, desde o século XII, para referir também à atual região. Observa-se que além de lutar pela posse da terra, os ucranianos tiveram que lutar igualmente pela

... artificiosa confusão de topônimos, criada pelos moscovitas o que os fez renunciar, no decorrer dos séculos, ao nome histórico do seu país (Burko, 1963, p. 68).

A difusão do cristianismo, das ciências e das letras foi feita na Ucrânia através da antiga Bizâncio². Essa particularidade impregnou com a sua influência toda a história da Ucrânia, tanto sob o ponto de vista cultural quanto no que respeita à religião. Cirilo e Metódio (século IX), de origem grega, que conheciam a língua da região, foram os divulgadores do cristianismo nos países eslavos.

A contribuição desses missionários para a fixação da língua ucraniana, através do antigo eslavo, foi decisiva. Um exemplo é o alfabeto ainda hoje usado na escrita ucraniana, que a torna peculiar, criado a partir de caracteres gregos, pelo missionário Cirilo, de onde sua denominação: cirílico. O uso do alfabeto específico talvez seja um dos motivos para a inexistência de referências à história da Ucrânia em livros de história geral. Outra contribuição cultural dos dois missionários foram as traduções, do grego para o eslavo, da Sagrada Escritura e de vários livros litúrgicos. Em fins do séc. IX, o papa Adriano II autoriza a celebração de liturgia em língua eslava, o que já vinha sendo feito por Cirilo e Metódio desde o início de suas pregações missionárias nos países esla-

² Bizâncio: cidade européia fundada pelos gregos no século VII a C. Era a capital do Império Romano do Oriente, mais tarde Império Bizantino (330 a 1435), com o nome de Constantinopla e, depois, de Istambul.

vos, como atestam as literaturas da época, por exemplo, na “Crônica de Nestor” (séc. XII).

O uso da língua eslava (o paleoslavo ou eslavo litúrgico) nas celebrações litúrgicas, desde o século X até o Concílio Vaticano II, perpassou toda a história da Ucrânia e se estendeu a todos os lugares em que a imigração ucraniana e a igreja católica ucraniana se fizeram presentes. A partir daí, o eslavo litúrgico foi substituído pela língua ucraniana atual, nas igrejas do país originário e nas demais existentes no mundo. No Brasil, e em Prudentópolis, a substituição foi feita a partir da década de 1980.

Embora já divulgado pelos missionários Cirilo e Metódio, o cristianismo realmente se consolidou na Rus’ de Kiev, tornando-se religião oficial da Ucrânia, pelo ato governamental, no reinado de Volodymyr, o Grande, soberano do estado de Kiev, no ano de 988:

...Quem não vier amanhã, ao rio Dnipró, seja pobre, poderoso ou trabalhador, será meu inimigo.. (Glinka, 1986, p. 54).

Consta que foi assim que Volodymyr batizou a Rus’ de Kiev, movido, evidentemente, por considerações políticas.

A religião que chegou na Ucrânia e foi consolidada através de batismo coletivo e decreto oficial, a católico-ucraniana, por isso unida a Roma, mas de rito ucraniano, conforme denominação atual, manteve a língua materna de seus fiéis nos cultos litúrgicos. É interessante destacar que um grupo de religiosos, provavelmente, da região, adotou a língua eslava no culto religioso, em detrimento do Latim, a língua da cultura e da religião na época. Junto a isso, todavia, preservaram-se os antigos costumes e crenças pagãos, como o culto às forças elementares da natureza e aos espíritos dos ancestrais. Tais crenças, adaptadas e mescladas aos mistérios cristãos, originaram, assim, uma forma de sincretismo religioso que particulariza o ritual ucraniano, distinguindo-o dos demais ritos religiosos católicos. Uma base religiosa contendo ingredientes dessa natureza só poderia criar um elo praticamente indissolúvel entre língua, religião e identidade, solidificando a cultura eslava, integrada por elementos bizantinos (Szewciw, 1988).

O império surgido na Rus’ de Kiev, no ano de 860 d.C., e inaugu-

rado pelos viquingues guerreiros Áskold e Dêr, foi saqueado pelos moscovitas em 1149. Por causa disso, a administração central do Estado da Ucrânia transferiu sua sede da região, isto é, da parte oriental para a ocidental do país, a Galícia (Haleczená). O centro comercial, político e administrativo, passou a ser, a partir daquela data, a cidade de Kholm (Tsvietkov, 1994) e também Lviv. Integraram-se a este território as terras da Bukovina e da Rumênia. Foi basicamente dessas regiões, da Galícia e da Bukovina, que vieram os primeiros grupos de imigrantes ucranianos para o Brasil.

Conforme ocorrera com outras regiões da Ucrânia, tártaros e mongóis passaram a invadir também essa região, e, após, um curto período de dominação húngara, a província da Galícia foi anexada ao poder opressor do reino da Polônia. Dessa forma:

Ao norte - as terras da Ucrânia eram devastadas por moskovitas, ao sul - por turcos, no oriente - por tártaros da Criméia, que eram regidos pela estirpe de Hereos e, no ocidente - passou para o domínio da nobreza polonesa (Tsvietkov, 1994, p. 62).

Em conseqüência disso, nasceu uma poderosa organização militar e política, a dos Cossacos, em uma região denominada Zaporizhia, cujo domínio se estendeu de 1550 a 1775. A maior parte do folclore ucraniano, como danças, canções, crônicas, lendas, competições artísticas, trajes folclóricos, instrumentos musicais (por exemplo a bandura), comidas e bordados, originou-se na era dos Cossacos ou dela são herança. Muito da alegria, da vivacidade e do vigor físico que as danças folclóricas ucranianas representam, resultaram do forte treinamento militar, das missões bélicas e da alegria das vitórias conquistadas por essa organização. Assim, além de conseguir preservar as tradições ucranianas por mais de dois séculos, ela também promoveu o enriquecimento da cultura popular. Todavia, apesar do poderio militar e de seu caráter marcadamente socialista, sucumbiu diante das artimanhas dos czares russos. O último Hétman (líder militar cossaco), Cirilo Rozumovskyi, teve que renunciar em 1764 para a czarina Catarina II. A Ucrânia oriental transformou-se, a partir de então, em uma simples província da Rússia, sendo seu povo reconduzido ao jugo da servidão dos czares moscovitas.

A transformação, novamente, dessa região da Ucrânia (oriental) em colônia de Moscou ocorreu algumas décadas antes da divisão européia

efetivada pelo Congresso de Viena (1814)³. Posteriormente foi ratificada pela Santa Aliança (1815)⁴, entre um comitê formado pela Inglaterra, Áustria, Prússia e Rússia. Com a “retalhação” da Europa e da Ucrânia, que originou as questões das nacionalidades, a parte ocidental da Ucrânia (Galícia e Bukovina) permaneceu sob o domínio do império austro-húngaro, enquanto as demais terras ucranianas ou passaram para o domínio dos czares russos ou continuaram sob ele.

Assim foram supressos, particularmente no território ocupado pela Rússia, todos os aspectos de autonomia da Ucrânia, ao passo que o povo ucraniano se viu reduzido ao mais baixo nível de sua vida nacional e social. Os confiscos dos bens, as deportações (já desde então) para a Sibéria, as prisões desumanas nos subterrâneos das fortalezas moscovitas, e enfim, as penas capitais, eram amplamente aplicadas aos ucranianos, que, segundo as intenções moscovitas, deveriam transformar-se em russos ou ser exterminados (Burko, 1963).

Mas as correntes ideológicas (liberalismo burguês, democracia republicana, socialismo) que formavam o quadro político da Europa, no início do século XIX, junto com os ideais nacionalistas e as conseqüências advindas das revoluções européias — a industrial e a francesa, e, depois, as napoleônicas —, já haviam causado e ainda causavam profundas modificações em todo o continente. Entre elas, esteve a maior importância atribuída à vida e à língua do povo, e ao folclore. É nesse quadro histórico que surge um dos primeiros textos ucranianos de cunho político-social, “Eneida” da, autoria de Ivan Kotlarevsky, em que é fielmente retratada a Ucrânia de seu tempo, através de sua língua, ou, como preferem dizer os historiadores ucranianos “em vivo e lídimo idioma ucraniano”. Seguem-se outras produções literárias de igual teor, também escritas em língua ucraniana: “Natalka Poltavka” e “Moscovita-feiticeiro”, produções teatrais, de Kotlarevsky; “História da Ucrânia” de Komensky. Conforme ocorria na Alemanha e na Inglaterra, sob a ação do romantismo, também é cultivada e publicada, na Ucrânia, a literatura

³ Congresso de Viena: conjunto das conferências internacionais, realizadas na capital do Império Austríaco, em 1814, concluído em 1815, com o objetivo de restaurar o regime absolutista na Europa, através de uma política de compensações territoriais.

⁴ Santa Aliança: Organização política internacional que tinha por objetivo conter a difusão da revolução liberal burguesa, semeada por Napoleão Bonaparte, na Europa.

oral em poesia e em prosa, sacra e profana. É dessa época, por exemplo, “Dumy Kosatsky” (cantares épicos da época dos cossacos).

Esse renascimento nacional da Ucrânia, ou, como alguns historiadores preferem denominar - acordar da consciência nacionalista - culmina com a publicação de “Kobzar” (1840), obra do poeta máximo da Ucrânia, Taras Schevczenko, cujos poemas, inspirados na “arte folclórica ucraniana”, se tornaram porta-voz da nação ucraniana, cujo ideal era se transformar em estado independente:

*Arrebentem-se os grilhões
Em sua casa
Prevalece a sua verdade (Kobzar, in: Rubro, 1977).*

De modo idêntico ao que ocorria na literatura da parte oriental do país (Kiev, sob o domínio russo), também outros escritores aderem à campanha em prol do renascimento da consciência nacionalista, como fazem Ivan Frankó e Léssia Ucaína, oriundos da parte ocidental da Ucrânia, ou seja, da Galícia e da Bukovina, regiões sob o domínio do império austro-húngaro.

Movimentos liberais, lojas maçônicas, associações comunitárias (com a diferença, na Ucrânia, de serem associações secretas), comuns na Europa toda, surgem também na Ucrânia, apesar das proibições dos governos imperiais austro-húngaro e russo. Entre elas, destaca-se a Irmandade de São Cirilo e São Metódio (fundada em 1845, em Kiev), cuja plataforma apontava o objetivo de promover o sentimento nacional, salvar a cultura ucraniana, libertando-a da influência russa, conservar e restaurar os documentos ucranianos. Através dessa e de outras sociedades, publicaram-se revistas (“Ukrainsky Vistnyk”), jornais (“Ukrainsky Journal”) e livros — de ficção, didáticos e religiosos. De um modo geral, além de divulgar a história cultural da Ucrânia, essas publicações estabeleceram e fixaram a ortografia da língua ucraniana, que se tornou comum para todos os nacionais, particularizando-a em relação às ortografias polonesa e russa. Em 1849, em Lviv, capital da Galícia, publicou-se a gramática da língua ucraniana.

Outras organizações surgem, como a dos “Narodnyky” (amigos do povo) e a da “Prosvita” (Iluminação), cujos líderes se deslocavam de aldeia em aldeia, conscientizando o povo sobre os seus direitos e deveres

como cidadãos. As ações sucediam-se em várias frentes: fundação de armazéns e associações comunitárias, criação de cooperativas agrícolas e comerciais, instalação de salas de leitura, formação de bibliotecas nas aldeias. Inclusive com a encenação de peças teatrais, escritas e orientadas para a população aldeã, peças de caráter religioso, mas de cunho político-social. Paralelamente a essa literatura engajada e aos movimentos populistas, criaram-se organizações políticas secretas, como a do Partido Revolucionário Ucrâniano, cuja atuação foi decisiva na melhoria das condições de vida do povo, durante esse período de efervescência político-cultural. Um resultado concreto dessa soma de esforços pela causa comum foi a abolição da servidão nos territórios ucranianos sob domínio russo, em 1868, e nos territórios ucranianos sob tutela austríaca, em 1848.

O conjunto dos fatos desencadeados pelos líderes ucranianos manifesta o claro desejo de integração dos ideais nacionais na quadro dos ideais europeus, tendo como agente promotor das ações o surgimento do capitalismo. Os movimentos sociais surgiram, basicamente, em função desse regime econômico.

Esta atmosfera renascentista provocou, evidentemente, inúmeras reações coercitivas nos súditos dos governos afins. O governo moscovita chegou, inclusive, a proibir a impressão de livros em idioma ucraniano, além de fechar escolas em que as aulas eram ministradas em língua ucraniana ou versavam sobre a língua e a literatura ucraniana, e, ainda

... perseguia as associações e organizações ucranianas. Era proibido pronunciar, sequer, uma palavra em língua materna (Tsvietkov, 1994, p. 70).

Isso explica por que as associações comunitárias e organizações políticas eram secretas, além de terem sido sempre de curta duração.

As condições de vida dos ucranianos nos territórios sob o domínio austro-húngaro (Galícia e Bukovina) diferenciavam-se daqueles submetidos aos russos, principalmente no tocante à alfabetização. Até a primeira metade do século XIX havia, por parte da Coroa austro-húngara, a clara política de desestímulo à escolarização das camadas populares nas regiões da Galícia. Com isso foi possível, por exemplo, prolongar a condição servil da maioria da população galiciana, e até meados do sé-

culo XIX as obrigações dos servos eram basicamente quitadas com o trabalho. O camponês trabalhava nas terras dos nobres, nas obras do Estado ou pela glória de Deus, em uma obrigação servil que chegava a consumir vários dias da semana. Nessas regiões, o campesinato era miserável, analfabeto e submisso a uma visão tradicional de mundo (Andreazza, 1996). A situação dos galicianos era tão caótica que Ivan Frankó (1856- 1916), um dos maiores representantes literários desse povo escrevia, na época:

*Meu povo sofredor e mutilado
Igual a um lazarento no monturo
Pelo desdém dos homens ultrajado!*

*Que angústia vivo em teu destino duro
Foge-me o sono em queimação de pejo,
Que marcará teus filhos no futuro.*

*Acaso está fixado teu ensejo,
Servir de adubo para o mau vizinho,
Puxar-lhe a carruagem sobre o brejo?*

(Franko, 1981, p. 21).

Também em textos de cunho científico circula o retrato desse povo, na época em pauta, que se identifica com a do poeta Franko⁵:

La situación nacional e intelectual estaba muy decaída al pasar al poder de los austríacos. El clero unido a Roma se encontraba en la extrema ignorancia y pobreza y junto a ellos el pueblo. Mientras tanto la clase superior se había polonizado y el pueblo vivía en completa ruina (Glinka, 1986, p. 80).

Uma seqüência de ações empreendidas pela coroa austro-húngara tentou resolver, em parte, essa situação caótica. Criaram-se, então, algumas escolas primárias na Galícia (1774), porém muito poucas em relação ao número de habitantes. Nessas escolas, a língua ucraniana e a língua alemã passaram a ser ensinadas e usadas no lugar da língua polonesa. Em 1784 fundou-se, em Lviv, uma universidade, onde os “Estudos Ruthenos” se tornaram matéria obrigatória. Especificamente para atender ao clero ucraniano, cria-se um colégio teológico, em Bukovina, em

⁵ A situação nacional e intelectual estava muito decaída quando passou o poder aos austríacos. O clero unido a Roma se encontrava em extrema ignorância e pobreza e, junto com ele, o povo. Enquanto a classe superior havia se polonizado e o povo vivia em completa ruína.

1821, e, em Viena, um seminário. Os padres, depois de concluírem seus estudos, voltavam para a Ucrânia e, junto às paróquias, fundavam escolas nas quais se davam aulas de religião e de língua ucraniana. Essa mesma providência, de criar escolas paroquiais com aulas de língua ucraniana, foi repetida aqui no Brasil, desde o início da colonização ucraniana em Prudentópolis. Ainda existem e estão em plena atividade.

A partir de 1860, o governo austríaco passou efetivamente a incentivar a educação, tornando-a obrigatória na Galícia. Mesmo assim, até 1880, apenas 17,3% dos homens e 10,3% das mulheres eram alfabetizados (Andreazza, 1996). Ocorre, então, tal como acontecia nas regiões dominadas pelos czares russos, uma revolução cultural nessa região: proliferam escolas, jornais e revistas, onde a língua ucraniana é veículo do estudo e da comunicação; criam-se cooperativas agrícolas e comerciais, assim como associações de caráter intelectual como, por exemplo, os clubes de leitura. É interessante destacar que essa atmosfera renascentista foi posteriormente recriada em terras brasileiras, mais precisamente em Prudentópolis. Devido ao alto nível de analfabetismo, porém, muitas aldeias resistiram ao movimento. Além desse fator, a resistência pode ser atribuída à supervalorização da tradição oral e ao medo de represálias por parte da nobreza. Por isso, muitos ainda continuaram a engrossar o já alto índice de analfabetismo da região.

Outra modificação, ocorrida a partir de 1860, foi o direito de participação do parlamento austríaco, adquirido pelos ucranianos da Galícia. Assim, o povo ucraniano dessa região passou a ter representantes junto às autoridades austríacas. A soma de toda essas forças gerou algumas conseqüências tais como:

... os camponeses da Galícia passam a viver as ambigüidades de um mundo em transição: emaranhavam-se o passado e o futuro, tornando-se o presente um repositório de paradoxos e contradições. Por isso mesmo, em meados da década de 1890, quando emigraram para o Brasil, trouxeram uma visão de mundo essencialmente camponesa e tradicional (Andreazza, 1996, p. 81).

As lutas pela posse da terra na região da Galícia, todavia, persistiram até 1900, levando a Coroa austríaca a dissolver a maioria das atividades ucranianas surgidas durante a fase do renascimento cultural. O Império volta novamente a confiar a administração das terras da região

aos nobres poloneses, enquanto as questões financeiras, como pagamentos de impostos, o monopólio do piche, do sal e da aguardente são delegadas aos judeus. A língua polonesa passa a ocupar de novo o lugar das línguas alemã e ucraniana, tornando-se a língua da administração e da educação⁶:

y las escuelas se hablaba y escribía en polaco

A Bukovina, separada da Galícia em 1848, por outro lado, seguiu caminho diferente: seu povo continuava tendo aulas de língua e literatura ucranianas, além de o ucraniano continuar como língua da educação e da administração.

Na Ucrânia oriental, mais precisamente em Kiev, um novo movimento se inicia, a partir de 1870, denominado “Hromada” (sociedade). Tinha como meta primordial a autonomia da Ucrânia, incluindo a Galícia e a Bukovina. O movimento, indiretamente promovido pela Rússia, disfarçava projetos expansionistas, pregando a unificação de todos os povos eslavos (pan-eslavismo) — submetidos, nessa época, também ao império turco, além do russo e do austro-húngaro —, apresentando-se como protetor e incentivador da independência. Novamente a imprensa se fez presente, surgindo, então os periódicos como “Zoria”, “Slovo” e “Pravda”. Mais tarde, aqui no Brasil, os imigrantes ucranianos fundaram jornais com essas mesmas denominações.

As relações entre a Ucrânia oriental (Kiev) e a ocidental (Lviv) se tornavam cada vez mais íntimas e ativas, culminando com a realização de um Congresso Pan-Ucraniano, em Kiev, no ano de 1897. Com relação a esta divisão, Andreazza (1996, p. 98) faz o seguinte comentário:

Pode-se atribuir uma certa defasagem no despertar da moderna consciência ucraniana à própria dispersão territorial desta etnia. Parte do território, como herança de Rus' de Kiev pertenceu, durante mais de 120 anos, à Rússia, a outra à Áustria e/ou à Polónia. Para Kozik, que se ocupou em estudar detalhadamente o nacionalismo no período que vai de 1815 à 1849 afirma: ...the division contributed in large measure to retarding national revival and formation of a modern national consciousness among Ukrainians.

⁶ E nas escolas se falava e se escrevia em polonês.

Na evolução dos acontecimentos, novas proibições relativas ao emprego da língua ucraniana são impostas pelo governo russo. Mas, a primeira revolução russa, iniciada em 17 de outubro de 1905, trouxe como consequência, para os ucranianos de Kiev, o direito de formarem organizações políticas e sociais e de editarem jornais em língua ucraniana.

Durante e após o primeiro conflito mundial, inúmeros fatos históricos ocorreram na região. Entre esses, encontramos referências de que as lideranças políticas e comunitárias da Ucrânia oriental fazem germinar as bases da soberania dessa parte do país. Inicialmente estabelecem o Parlamento Ucraniano (Ucrainska Tsentralhna Rada) em Kiev, e, em 22 de janeiro de 1918, a Ucrânia oriental é transformada em República Nacional Independente⁷, sob ataques constantes dos exércitos bolcheviques (liderados por Lênin).

Na Galícia, depois da queda da monarquia Austro-húngara, em 1º de novembro de 1918, criou-se, através de uma Assembléia constituinte, a República Popular Ocidental Ucraniana. O passo seguinte foi a unificação da Ucrânia o que ocorreu em 22 de janeiro de 1919, em uma das principais praças de Kiev,

...diante de grande multidão, posicionaram-se, uma ao lado de outra, as delegações dos governos de ambas as partes da Ucrânia. Neste solene cerimonial soou o seguinte pronunciamento: A partir de hoje a Ucrânia Ocidental une-se à Grande Ucrânia num indivisível corpo, universal e soberano Estado (Tsvietkkov, 1994, p. 77).

Mesmo com o grande apoio do povo e o empenho dos governantes ucranianos para se manterem independentes e unidos e, principalmente, porque a soberania do país precisava ser confirmada pelas demais nações, a independência e a união territorial não permaneceram por muito tempo. Após um período de guerras civis, que estabeleceram o poder soviético na jovem república, a Ucrânia oriental foi incorporada, em 1924, à União Soviética, sob o nome de “República Socialista Soviética da Ucrânia” (URSS), enquanto as terras da Ucrânia ocidental retornaram para a Polônia. Assim, a configuração geográfica do país

⁷ Em outras fontes, encontram-se também as seguintes denominações: The Ukrainian People’s Republic, República Nacional da Ucrânia, La República Democrática Ucraina.

Ucrânia desaparece novamente do mapa da Europa. Os ucranianos, de um modo geral, foram reconduzidos outra vez à servidão, na forma de coletivização forçada. Passaram pelo genocídio e pela fome provocados pelos soviéticos, em 1932-33 (Holodomor). Muitos líderes foram presos, deportados para a gélida Sibéria ou confinados em campos de concentrações. Sobre a imprensa ucraniana e a religião católico-ucraniana, recaiu uma censura devastadora e cruel. As escolas das regiões sob o domínio soviético passaram a usar e a ensinar a língua russa, ao passo que nos territórios sob o domínio polonês, dominou o uso e o ensino da língua polonesa. A língua ucraniana, por sua vez, se restringe ao ambiente doméstico e ao culto religioso, quando este era permitido.

Outras regiões do atual território ucraniano transferiram-se para os domínios da Rumênia e da República Tcheco-Eslováquia. Na região sob domínio da Rumênia (Bukovina e Bessarábia), fecharam-se as escolas ucranianas e proibiu-se o uso da língua ucraniana. As associações e os partidos ucranianos foram dissolvidos. Nos territórios ucranianos que passaram ao domínio da Tcheco-Eslováquia (Ucrânia Carpática) por outro lado, preservaram-se os direitos de autonomia da região e garantiram-se as condições para que a vida cultural e política ucraniana permanecesse e continuasse como tal. Em 1939, o governo constitucional da região proclamou autônomos e independentes os territórios transcarpáticos, que se constituíram em Estado, recebendo a denominação de Karpatszka Ucrâina República. Essa situação, porém, foi logo alterada pela invasão empreendida pelo contingente militar da Hungria — aliada da Alemanha —, que culminou na Segunda Guerra. Hitler determinou a sentença de morte do novo Estado, pois

... na carta geográfica da Europa Oriental, não havia lugar para o povo ucraniano. Nos propósitos dos imperialistas alemães, à Ucrânia seria destinada a figurar como colônia do fascista Reich, e fonte para recrutamento de servos-escravos (Tsvietkov, 1994, p. 81-82).

Finda a Segunda Guerra e após um período de 45 anos sob o regime soviético de pós-guerra, em 16 de junho de 1990, o Parlamento Ucraniano (Verkhóvna Rada) aprovou a Declaração de Soberania do Estado da Ucrânia. A partir de então, o país teria a suas próprias forças armadas. Várias foram as causas para que isso acontecesse. Já na década de 1980, por exemplo, Gorbachev instaurara a abertura política e eco-

nômica (Perestroika e Glasnost) em toda a antiga União Soviética; o incidente nuclear de Chernobil, em 1986, revelou para o mundo a fragilidade do bloco socialista; criam-se e atuam movimentos políticos em prol da independência do país, como o “RUKH” (Movimento ucraniano pela Reestruturação do País), e o “Mundo Verde”; intensificam-se grandes greves operárias e manifestações populares pela liberdade religiosa; os estudantes universitários, por sua vez, aderem ao movimento, somando-se aos já inúmeros grupos que lutam pelo objetivo comum.

Em agosto de 1991, através de golpe de estado contra a abertura política e econômica de Gorbachev, iniciado pelos comunistas ortodoxos e seguido pela conseqüente reação comandada por Boris Yeltsin, operacionalizou-se o processo de desagregação total da antiga União Soviética. Como resultado dessa série de acontecimentos:

No dia 8 de dezembro de 1991, aquilo que já era uma realidade foi oficializado. Yeltsin, presidente da Rússia, Leonid Kuchma, presidente da Ucrânia, e Stanislav Shushkevitch, presidente da Bielorrússia, assinaram um documento extinguindo a União Soviética e criando uma Comunidade de Estados Independentes (CEI) (Mello; Costa, 1995,p.341).

Finalmente o povo ucraniano reassume o território, a nacionalidade e seu país recebe uma configuração territorial definitiva no mapa da Europa (Anexo 4). O dia 24 de agosto de 1991 é considerado como a data da independência da Ucrânia, pois nele o Parlamento da Ucrânia, “partindo do direito à auto-determinação salvaguardado pela Carta da ONU e de outros documentos internacionais”, solenemente proclamou a independência de seus territórios e a formação de um estado independente ucraniano.

4.2 - RAZÕES DA EMIGRAÇÃO

Todas as ações voltadas para a melhoria econômica e sociocultural do povo, empreendidas nos territórios da Ucrânia oriental e ocidental, durante o século XIX, não conseguiram alterar o quadro econômico e sociocultural da classe básica da nação: os camponeses. Embora a Revolução Francesa já tivesse obtido êxito no plano político, alçando a burguesia ao poder, destruindo antigos regimes absolutistas e monárquicos, as regiões da atual Ucrânia ainda se mantinham sob os impérios russo e austro-húngaro. Além disso enquanto o sistema agrário apre-

sentava aí um estágio incipiente e semi-feudal, em outros países, leis e instituições impulsionavam o capitalismo europeu. Os camponeses ucranianos, neste íterim, continuavam na miséria, na dependência econômica e na ignorância em relação às suas reais potencialidades. Chegavam a ser considerados, pelos sociólogos darwinistas da época, como grupos humanos inferiores ou “brutos”. Inclusive, afirmou-se textualmente, de modo absurdo, que nos camponeses galicianos, “os traços que os diferenciavam dos animais estavam muito pouco desenvolvidos”⁸.

Assim, através da discriminação, da opressão, da violência e da ignorância, prolongou-se, na Ucrânia, o sistema de servidão, por extenso período. A permanência legal das relações feudais, por outro lado, fizera com que os camponeses ucranianos se mantivessem, quase exclusivamente, presos às atividades agrícolas, nos países para os quais emigraram. Em Prudentópolis, essa situação é praticamente categórica.

Os ucranianos, emigrados em massa a partir de 1895, que se fixaram no Paraná, vieram da região oriental da Galícia e da Bukovina (Anexo 5), regiões sob o domínio austro-húngaro. Ao emigrarem, a emancipação da servidão de gleba já tinha sido legalmente declarada, o que ocorreu nos territórios sob o domínio do império austro-húngaro durante as revoluções de 1848 (13 de abril de 1848). Mas essa situação, possivelmente por ser ainda muito recente, permanecia poderosa na memória dos galicianos e bucovinos. Segundo Andreatza (1996, p. 15-6):

Talvez tão forte que tenha impulsionado o abandono do locus tradicional, para em terras absolutamente desconhecidas empreenderem a tentativa de serem senhores de si mesmos.

Assim, a condição social de servos, que os ucranianos da Galícia e da Bukovina preservaram por longo período (1772 a 1848), pode ser considerada como um dos principais fatores de repulsão populacional de camponeses para o Brasil, mais precisamente para o Paraná, e para Prudentópolis.

A falta de perspectiva de mudança no “status” econômico desses

⁸ Texto de uma carta datada de setembro de 1846, de um oficial austríaco, em visita à região da Galícia. (Andreatza, 1996, p. 14).

camponeses era corroborada pelo fato de que, até 1900, os proprietários das terras de onde emigraram os ucranianos vindos para Prudentópolis eram, quase exclusivamente, os nobres poloneses. Como o acesso à terra era algo difícil, a propriedade rural era predominantemente minifundiária, enquanto os nobres eram latifundiários. Dessa forma como dividir o minifúndio entre herdeiros geralmente numerosos? Além disso, sendo a propriedade muito pequena, tornava-se não-rentável para o cultivo. Essa é mais uma razão que explica a emigração:

... um dia; vindo de algum lugar, meu pai trouxe a inesperada notícia que também nós iríamos para o Brasil, explicando que temos que ir para outro país à procura de melhor sorte e destino, porque aqui não há futuro, só miséria, e não temos em que trabalhar, porque tínhamos ao todo só 4 morges de terra... (Mikhailo Chevtchuk, O Právia. n. 33, 1936, p. 3).

Duas outras razões se acrescentam, na problemática que motiva a emigração ocorrida nas regiões ocidentais da Ucrânia, a partir do século XIX: uma é de que, no país de origem, as indústrias, ainda incipientes, não conseguiam absorver o excedente das aldeias; outra, é o fato de que os camponeses compunham a chamada mão-de-obra não especializada.

Além disso, após as revoluções sempre ocorre aumento populacional muito grande. E a Europa, desde o século XVIII, assim como durante a maior parte do século XIX, viveu constantemente em estado revolucionário. Quando os atritos se acalmavam, a densidade populacional europeia atingia altíssimos índices. Logo, a válvula de escape para essa população ociosa era procurar novas fronteiras para viverem. Foi o que fizeram galicianos e bucovinos.

Em síntese, a emigração ucraniana, principalmente para o estado do Paraná, foi motivada por um emaranhado de forças socioeconômicas e políticas que interagiram e estimularam o abandono definitivo da pátria, em busca de vida melhor em ambiente cuja natureza eram totalmente desconhecida. As principais causas listadas acima, além de outras, delas decorrentes, foram:

- a) A fuga da servidão de gleba e da posterior exploração monetária advinda com o aumento da carga fiscal sob a massa camponesa, recém liberta da servidão;

- b) O problema do minifundiário-carência e-ou má distribuição das terras agricultáveis;
- c) Falta de especialização da população campesina;
- d) Grande aumento populacional ocorrido em toda a Europa;
- e) O empobrecimento da população em virtude das más administrações governamentais e equivocada distribuição da renda per capita.

O fato de a Ucrânia ter voltado ao domínio soviético após a Primeira Guerra, provocou novas ondas emigratórias. Muitos deixaram a Ucrânia por razões políticas, e tencionavam voltar quando ela estivesse livre. Em torno de 9.000 emigrados chegaram ao Estado do Paraná, no período entre as duas Guerras mundiais.

Um terceiro grupo de emigrantes teve como causa de repulsão a Segunda Guerra. Eram os refugiados desse acontecimento. Por estarem fora de seu país, a Ucrânia, e porque daí haviam sido retirados pelos alemães e, ainda, porque a Ucrânia estava sob administração política da União Soviética, milhares de ucranianos sob a proteção da ONU, ao invés da repatriação, optaram pela emigração, dirigindo-se a vários países, entre eles o Brasil.

Em síntese, Burko (1963, p. 51) aponta, de modo bastante sintético, as causas que motivaram os vários eventos de emigração-imigração do povo ucraniano:

Fugiam eles das dificuldades, das perseguições religiosas e políticas, da guerra, da dominação de estrangeiros, da miséria e, algumas vezes, da própria fome.

4.3 - PARANÁ: ASPECTOS DA FORMAÇÃO GEOSOCIAL E ECONÔMICA VINCULADOS À NECESSIDADE DA IMIGRAÇÃO

Enquanto os portugueses se apropriavam basicamente das orlas marítimas do Brasil, os espanhóis, ao defenderem posições, no México e no Rio da Prata, procuravam interiorizar-se. Dessa forma estabeleceram os primeiros laços políticos de integração territorial e lingüística no interior dos estados do sul do Brasil.

No Paraná, o domínio espanhol atingiu todo o oeste paranaense (incluindo os extensos campos de Guarapuava) chegando, do extremo oeste, até ao planalto curitibano. Mas a atuação dos índios contra a servidão espanhola impediu que os planos desse governo se efetivasse em terras paranaenses. Ao se tornarem adversários terríveis dos espanhóis, os historiadores paranaenses afirmam que não se deveu, de começo, nada a ninguém, a não ser ao gentio nativo, em relação à posse das terras do Paraná para a América portuguesa.

O primeiro sentido comunitário da vida paranaense deve-se à tradição tribal indígena. Foi dos aldeamentos dos grupos indígenas, já catequizados e, assim, assimiláveis para o trabalho e para a paz, segundo historiadores paranaenses, que surgiram os primeiros focos de povoaamentos e as primeiras atividades rurais no estado. Dessa forma, teve-se no índio do Paraná, além da defesa territorial:

...o braço de trabalho sobre o qual foi possível a colonização e o estabelecimento das instituições de fundo português (Balhana; Machado; Westphalen, 1969, p. 63).

Era tão numerosa a tribo que dominava o território paranaense que a Câmara de São Paulo, em 1606, computava só de homens de arcos 200.000 carijós. Isso quer dizer que a “população total excederia a 600.000 almas” (Capri & Olivero, 1923, p. V-VI).

A epopéia bandeirante, incentivada pela busca de ouro e de pedras preciosas, não chegou a atingir diretamente o estado paranaense, conforme ocorrera em várias outras regiões brasileiras. O sul fornecia tropas de mulas, que era o principal meio de transporte da época, para os centros comerciais e mineradores do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Desse comércio surge o “ciclo das tropas” ou “tropeirismo”⁹ cuja influência no desenvolvimento geossocial e econômico do Paraná foi de importância capital. Teve início em 1731 e se esgota na década de 1870, quando as construções das estradas de ferro, em São Paulo, desvaloriza-

⁹ Tropeirismo: era uma forma de negócio que consistia em ir comprar as muladas no Rio Grande do Sul, no Uruguai, na Argentina, conduzi-las em tropas, numa caminhada de três meses pela estrada do Viamão, inverná-las por alguns meses nos campos do Paraná, isto é, deixava-se as mulas nos campos gerais até chegar a data de vendê-las na grande feira anual de Sorocaba, onde vinham comprá-las paulistas, mineiros e fluminenses.

ram o luar como meio de transporte.

Se a corte portuguesa inicialmente visara apenas às praias do Atlântico, a vinda da família real, em 1808, mudou os rumos dessa e de outras políticas do governo imperial. Na época, o interesse do império foi o de usar os aventureiros paulistas para firmar a posse da terra para Portugal. Dá-se início, então, a intensa exploração do interior paranaense, com o objetivo de garantir as fronteiras da colônia portuguesa. O termo “fronteira” significava, naquele momento histórico, avançar um ponto no território nacional para impedir os possíveis ou reais ataques do invasor espanhol. Para isso, criam-se colônias de fronteiras, povoados civis e militares em vários pontos do interior do Paraná. Uma dessas povoações foi Guarapuava, município ao qual Prudentópolis pertenceu, até 1906:

No intuito de povoar a zona da fronteira, mandou D. João VI abrir uma estrada nos sertões da 5ª. Comarca de São Paulo. A 17 de junho de 1810, às 10 horas da manhã, chegou uma expedição aos campos de Guarapuava, composta de 200 praças, comandados pelo tenente Coronel Diogo Pinto de Azevedo Portugal: e para fazer a catequese foram designados dois missionários.. (Paraná, 1899, p. 639).

Alguns historiadores paranaenses estabelecem o seguinte paralelo com relação à vinda da Família Real para o Brasil e à povoação dos campos do centro-oeste do Paraná: se o século XIX se abre, para a História brasileira, com as transformações provocadas pela presença da Família Real no Brasil, o início, para a comunidade paranaense, está na efetiva conquista dos campos de Guarapuava.

A partir da real ocupação dos campos gerais, a atividade econômica do Paraná se desenvolve em duas linhas de projeção histórica: tanto sob a base da concessão de grandes propriedades de terras de campo natural, as sesmarias¹⁰, quanto no tropeirismo pioneiro. A ocupação agrária dos campos gerais efetivou-se, quase exclusivamente, através da criação de gado *vacum* e invernação de mulas.

¹⁰ Sesmarias: sistema de concessão de terras incultas ou abandonadas, atribuído pela Coroa Portuguesa aos nacionais que se dispusessem a cultivá-las. Os lotes continham grandes ou pequenas áreas de terras para a cultura e criação própria, e não para venderem. No Paraná predominaram enormes lotes de terras concedidas.

A sociedade campeira da primeira metade do século XIX se encastelava em suas terras, apoiada militarmente e pela mão-de-obra de seus escravos (índios e negros) e agregados¹¹. Mantinham uma estrutura social tradicional, com predomínio de uma classe senhorial composta por famílias patriarcais. A classe social dominante, em cada uma das regiões povoadas, compunha-se de famílias fazendeiras que detinham o poder político local e regional por meio de oligarquias parentais. Com a criação da Província do Paraná (Lei n. 704 de 19 de dezembro de 1853), a liderança política se institucionalizou com os fazendeiros “coronéis” dos Campos Gerais.

A maioria dos fazendeiros dos Campos Gerais era, em grande parte, constituída por descendentes da primeira geração de portugueses vindos para o Paraná durante a grande Imigração peninsular do século XVIII. Esses, inicialmente, se estabeleceram como comerciantes nas vilas litorâneas ou do planalto curitibano; depois, foram militares, no tempo das guerras platinas e, então, se transformaram em fazendeiros no interior do Paraná. O restante da população se compunha de índios, negros e mestiços (“caboclos”). O número de escravos no quadro populacional paranaense nunca foi grande e, além disso, diminuiu consideravelmente devido à mobilização da escravaria, solicitada pela lavoura de café de São Paulo, a partir de 1867.

Trechos dos campos gerais eram considerados de uso comunitário e, por isso, protegidos contra a ocupação de particulares. Destinavam-se ao descanso das tropas (invernagens). Mas, devido à desordenada apropriação das terras por parte dos fazendeiros, os campos comunitários desapareceram. A partir de então, os fazendeiros fixados nos campos gerais passaram a alugar as pastagens naturais de suas fazendas. Essa atividade comercial, que recebeu o nome de “invernada”, persistiu até 1903. Com isso, diminuiu a quantidade e a extensão da área destinada ao gado vacum. Reduzidos os trabalhos exigidos pela criação de animais domésticos, as famílias fazendeiras passaram a residir nas cidades. Assim, a economia auto-suficiente das fazendas desapareceu, enquanto se

¹¹ Agregados: homens juridicamente livres, mas inteiramente subordinados à classe senhorial. A partir da abolição passam a ser “camaradas” surgindo, então, a relação patrão-camarada em substituição a da senhor-escravo.

firmava a supremacia comercial das cidades paranaenses interiorianas.

Outra atividade comercial rendosa, que dispensava investimento industrial imediato, era a extração da erva-mate. Os ervais eram nativos e muito abundante no Estado. Sua extração era muito fácil e não-onerosa, conforme atestava a observação feita por Zacarias de Goes de Vasconcelos (primeiro Presidente da Província do Paraná) à Assembléia Legislativa Provincial, em 1854:

Os ervais cobrem dilatada porção dos territórios da Província. Estão por toda a parte, e sem custar aos seus habitantes o mínimo esforço, colhem-lhes as folhas, secam-nas ao fogo, no carijó, e quebrada mindamente, está pronta a erva, e vão vendê-la às fábricas, que as beneficiam para exportar.

Nessa atividade empregava-se grande parte da população do litoral, do planalto curitibano e dos Campos Gerais. Era um comércio voltado para a exportação. Aliás, praticamente toda a economia paranaense da segunda metade do século XIX, se baseou, de modo geral, na produção para exportação. Por outro lado, quando as fazendas perderam a auto-suficiência, o abastecimento de produtos como trigo, farinha de mandioca, açúcar e outros similares se fez via importação. Encontra-se em outro relatório, enviado pelo Presidente da Província à Assembléia Legislativa Provincial, em 1860, o seguinte teor:

... a lavoura tratada por uma pequena parcela da população, nem sequer preenche a exigência do consumo próprio dos mesmos.

A escassez e a carestia de produtos agrícolas básicos, ocasionadas, de um lado, pelo comércio voltado para a exportação e, de outro, pela venda ou arrendamento de escravos para São Paulo, que desfalcou o meio rural paranaense de mão-de-obra, apontaram para a necessidade da vinda, em regime de urgência, de “colonos morigerados e laboriosos” ao estado, sendo a imigração considerada como o único meio adequado e imediato para a solução desses problemas. Nesse contexto histórico, antes da vinda de imigrantes europeus, havia exclusivamente, no Paraná, duas classes socioeconômicas, bem delineadas, conforme atestam os relatórios oficiais da época:

...a congonha (erva-mate) e a criação absorvem a atenção e a atividade da grande maioria dos habitantes da província, aquela de ricos e pobres, esta dos homens abastados que possuem campos...

Tais atividades econômicas, se, por um lado, promoveram a posse do território do estado, conforme a atual configuração, impediram, por outro, o real povoamento das regiões do interior. De um modo geral, os donos das imensas campanhas

...não fizeram outro benefício algum, nem curais, nem lavouras, nem casas de vivenda. A criação de gado ali não corresponde à grande extensão e riqueza dos pastos...

A densidade populacional do estado, até o ano de 1900, era de apenas 1,6 habitantes por quilômetro quadrado. Balhana, Machado e Westphalen (1969, p. 130) apresentam a seguinte situação:

Na realidade, a população paranaense ocupava efetivamente apenas um terço do território, constituído pelos antigos termos da 5a. Comarca de São Paulo...

Assim até meados do século XIX, o Paraná se constitui de vastas regiões mal povoadas, com sertões brutos e desabitados, inclusive em áreas não muito distante da capital Curitiba (fundada em 1693). Contava com 9 municípios: Paranaguá, Antonina, Morretes, Guaratuba, Curitiba, São José dos Pinhais, Lapa, Castro, Guarapuava e uma população de 62.558 pessoas. A viação pública limitava-se a:

...3 ruinosas picadas para a Marinha, à estrada da Matta ou das tropas que atravessava a provincia de norte a sul e aos caminhos de Ponta Grossa a Guarapuava, de Palmeira a Palmas e a Lapa, de Palmas a Missões, de Curityba a Castro, a S. Francisco, a Lapa e ao Apiaby. Nenhuma estrada de rodagem existia (Capri; Olivero, 1923, p. XXII).

Andreazza (1996) aponta os principais fatores que fomentaram o evento da Imigração européia para o Estado do Paraná. Alguns inclusive já foram discutidos acima.

a) o Paraná era uma Província que recebera a sua emancipação política há pouco tempo e via na ocupação territorial uma forma de garantir seu espaço político;

b) havia precaridade em métodos e insuficiência em quantidade da lavoura de subsistência;

c) existia a necessidade de ativar meios de transporte e comunicação, como também de efetuar obras públicas urbanas;

d) era preciso resolver o impasse constituído pela ameaça de extinção do

sistema escravista.

Boruszenko (1998), além desses fatores, considera outros, de origem social. Era preciso, por exemplo, de modo urgente, aumentar a espessura da classe média brasileira:

O que precisava mesmo aumentar no Brasil republicano era a classe média, porque quando não existe uma classe média significativa, então os dois extremos ficam muito vulneráveis e a mercê de convulsões sociais bruscas, rivalizando entre si. É preciso ter uma sólida classe média para que não aja convulsões entre os dois extremos e a imigração contribuía para acelerar este processo, porque afinal quem imigra não imigra para continuar pobre - ninguém imigra proletário para continuar sendo proletário - quem imigra quer melhorar de vida.. (Conteúdo gravado durante o curso de Cultura Ucraniana, Prudentópolis, janeiro, 1998).

São, assim, inúmeros os ingredientes — na verdade, motivos fortes e fundamentais — que fizeram do Estado do Paraná uma das principais regiões de atração de imigrantes europeus. Entre as regiões disponíveis para a instalação de uma colônia europeia constava o município de Prudentópolis e, entre os imigrantes europeus em situação de repulsão territorial, estavam os ucranianos. Dessa forma, à tríade étnica fundamental do Brasil, e também do Paraná — índio-português-negro —, acrescentaram-se novos elementos étnicos, principalmente os eslavos, na composição do quadro demográfico do Paraná

4.4 - A IMIGRAÇÃO UCRANIANA

A idealização de uma terra prometida, somada aos motivos que geraram a repulsão populacional ucraniana, assim como o processo de atração de imigrantes, não só desejado, mas sobretudo necessário à Província paranaense, determinaram a fixação de correntes imigratórias eslavas no estado. Boruszenko (1995, 1998) especialista em história da imigração ucraniana no Brasil, caracteriza o evento imigratório ucraniano para o Brasil como sendo “a saga do imigrante”.

Indica que a história da imigração é praticamente a saga do próprio imigrante e ela começa no momento em que ele se despede da sua casa. Com os poucos recursos que conseguia, era enganado o tempo inteiro. Não falava língua nenhuma, a não ser a dele, pois os camponeses que vieram para o Paraná nas primeiras levadas migratórias não tinham terras,

sendo, portanto, pobres, além de contarem com pouca ou nenhuma instrução escolar. Na verdade, a maioria era de analfabetos. Dificilmente eram acompanhados por pessoa mais experiente. Eram por vezes enganados pelos próprios agentes de imigração, quando, por exemplo, embarcavam para São Francisco da Califórnia e desciam em São Francisco do Sul, em Santa Catarina. Outros vieram com permissão temporária e, inclusive, o que recebiam, às vezes, era licença do governo para embarcado no navio. Viajavam de trem até Trieste, na Itália, ou Hamburgo, na Alemanha, onde tinham que aguardar a saída do navio. Pagavam hospedagem, taxas, documentações necessárias e desnecessárias, uma vez que não sabiam ler nem em italiano, nem em alemão.

No jornal “O Prácia”, fundado em 1912, em Prudentópolis, ainda em franca atividade, encontram-se inúmeros relatos feitos pelos pioneiros ucranianos, confirmando partes da saga dos imigrantes referida acima:

*Desembarcamos no Rio de Janeiro em 01 de Janeiro de 1896. Daí fomos de trem até Pinheiros, São Paulo. Nos alojaram em barracas e neste lugar ficamos por **quatro meses**. Dia 01 de maio chegamos a Prudentópolis. Muitos morreram na viagem, principalmente crianças. Alemães e italianos vinham junto, mas eles sempre eram os primeiros e nós os últimos. Os alemães foram para Santa Catarina e os italianos para São Paulo. De Pinheiros seguimos para Santos em trem e daí em navio até Paranaguá. Deste lugar fomos de trem até Curitiba e Ponta Grossa. De Ponta-Grossa seguimos em carroções até Prudentópolis. Gastamos 3 dias de viagem. As mulheres, as crianças até 10 anos e as bagagens iam nas carroças. Os homens e os jovens seguiam a pé. A estrada parecia um túnel na floresta. A caminhada não foi fácil. Ficamos a céu aberto. Havia em Prudentópolis uma capela e duas vendas (armazéns). Os imigrantes construíram barracas de tábuas. Fornecíamos em caderneta...*

Os homens construíam estradas. A divisão de terras estava sendo feita pelos engenheiros. Os que chegaram antes já estavam em seus lotes. Quem tinha lote podia trabalhar só 10 dias para o governo na construção de estradas. O trabalho para o governo durou só até o fim do ano. Sem trabalho, implementos, comida, livros, o imigrante padecia...(O Prácia, n. 7, 18, 19 10, 1936. Relato de Imigrante).

Outra questão também dramática, segundo Boruszenko (1995, p. 18), é a do pesquisador que deseja estudar essa imigração:

Um dos graves problemas é a falta de dados estatísticos comparativos

que levem às cifras exatas relativas a essa corrente imigratória, já que são muito escassos os documentos nos arquivos portuários ou similares. A escassez é agravada por contingências históricas, como por exemplo, as divisões geográficas da Europa, quando populações de diferentes formações étnico-culturais passaram por domínios políticos diversos, resultando assim que muitos imigrantes entravam no país com passaporte do governo ao qual estavam submetidos.

Quando as levas de imigrantes ucranianos começaram a vir para o Paraná, a parte ocidental da Ucrânia, conforme já registrado, estava sob o domínio do Império áustro-húngaro, administrado pelos poloneses e judeus. Disso resultou que nos passaportes dos imigrantes constava como nacionalidade: austríaco, húngaro, áustro-húngaro, polonês. O mais próximo de sua real nacionalidade era o de galicianos ou bucovinos, já que eram oriundos dessas regiões da Ucrânia:

...nós éramos austríacos, galicianos, rutenos, russos, polacos. Éramos o que cada um preferia ou queria ser, menos ucranianos. Era a situação do nosso país.. (O Prácia, n. 5, 07.02.1936, p. 03, Relato de imigrante).

Decorrente disso tem-se a seguinte situação: existia de fato o grupo étnico ucraniano, formado em função da língua ucraniana, da religião — a do rito católico-ucraniano — e da sua identidade sociocultural. Esses elementos se mantêm há mais de um século na comunidade prudentopolitana. Estavam presentes, então, todos os fatores que definiam a identidade étnica desse grupo humano, embora eles não tivessem a configuração geográfica de pátria. Tal situação — acrescida das inúmeras proibições que historicamente coibiram as reais manifestações do universo simbólico ucraniano na pátria de origem — acabaram promovendo a (re)criação da pátria onde quer que estivessem ou atuassem, pela preservação do rito, pelo uso da língua e pela expressão dos demais elementos de seu universo referencial simbólico.

A maioria dos estudos feitos sobre a imigração ucraniana no Brasil fixa o ano de 1895 como a data em que a primeira grande leva desses imigrantes chegou ao Paraná. Burko (1963) faz alusão a datas anteriores; por exemplo: já em 1872 havia imigrantes ucranianos trabalhando em São Paulo, nas fazendas de café. Em 1876 consta que veio um grupo proveniente do sudoeste da Ucrânia, estabelecendo-se próximo a Curitiba. Algumas famílias e indivíduos acompanharam a imigração polone-

sa, em 1884, oriundos do noroeste da Ucrânia. Nos anos seguintes, 1891, 92 e 93, outros grupos de famílias aportaram no Brasil.

O primeiro grupo maior, que contava com 8 famílias, proveniente da Galícia Oriental, chegou no Brasil em 1891... estabeleceram-se definitivamente na colônia Santa Bárbara, entre Curitiba e Ponta Grossa, depois de se deterem por algum tempo em Curitiba. (Burko, 1963, p. 47-8).

Esse o motivo por que o centenário da imigração ucraniana para o Brasil começou a ser comemorado, no Paraná, em 1991, continuando até 1995.

De modo mais esquemático, Buroszenko (1995) estabelece que a imigração ucraniana para o Brasil se estendeu de 1895 até 1952. Durante esse período ocorreram, segundo a historiadora, três etapas imigratórias. O critério de divisão adotado por ela baseou-se nas razões que os levaram a emigrar. Cronologicamente, portanto:

1ª fase: dos fins do século XIX até a Primeira Guerra;

2ª fase: entre as duas guerras mundiais;

3ª fase: após a Segunda Guerra.

A primeira fase imigratória caracteriza-se pela procura de um novo universo de referência e da propriedade definitiva. Em função disso, são considerados, pelos historiador, como ex-patriados. Vieram aldeias inteiras de camponeses, — sobretudo de Brody, Dobrowola, Bibka, Sokal, Zolochiw e Berezan (Anexo 5) — da região da Galícia e da Bukovina. Por isso, utilizaram um único transporte, compondo levadas muito grandes. Esse primeiro grupo era formado por população predominantemente agrícola, pobre, analfabeta e presa a uma visão de mundo bastante tradicional, como já descrito, havendo, inclusive, falta de líderes entre eles (Krevey, 1998, entrevista n. 4). Isso explica a falta de registro e documentação sobre eles. Nada escreveram, também, sobre as consequências oriundas da mudança plena do universo de referência, nem sobre outros eventos de que tenham participado ao enfrentarem o novo mundo. O que existe hoje registrado sobre a origem da imigração ucraniana para Prudentópolis são relatos de alguns pioneiros, em várias edições do jornal “O Prácia”. Tais relatos foram recolhidos e registrados por ocasião das primeiras datas comemorativas da chegada dos imi-

grantes no Paraná. Por outro lado, há referências concretas sobre intensa correspondência¹² mantida por alguns deles com os parentes que haviam deixado na pátria. Logo, alguém entre eles desempenhava a função de redator de cartas, provavelmente os próprios religiosos.

Nas primeiras levas, 1895, chegaram aos portos de Paranaguá e Santos vinte mil ucranianos, que se fixaram nos arredores de Curitiba, hoje bairros da capital paranaense (Guajuvira, Água Verde, Bigorrrilho, etc.). Já os que vieram nos anos de 1896 e 1897 foram encaminhados às terras pioneiras do 2º planalto paranaense: Prudentópolis (1.500 famílias) e Marechal Mallet (Rio Claro, na época, 800 famílias). Além desses dois principais núcleos de colonização ucraniana, as demais famílias chegadas ao Paraná foram enviadas para Antônio Olinto (Água Amarela, na época, 2.000 imigrantes), União da Vitória (80 famílias), Iracema (Santa Catarina, 200 famílias) e Dorizon. Nos anos subseqüentes, 1897-1899, novos grupos de imigrantes ucranianos vêm para o Brasil, fixando-se em São Paulo e no Rio Grande do Sul. No início do século, vieram ao Paraná mais algumas levas, mas de menores proporções, fixando-se sobretudo em Prudentópolis (250 famílias em 1905) e em Ponta Grossa e adjacências. As obras públicas iniciadas no Paraná, entre 1908 e 1914, como a construção da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande do Sul, trouxe, novamente, milhares de ucranianos ao Brasil, também provenientes da Galícia.

Assim, às custas do governo republicano, e inseridas no segundo período da política imigratória brasileira¹³, mais de 5.000 famílias ucranianas abandonaram suas aldeias de origem para se fixarem, principalmente, no município paranaense de Prudentópolis. No período entre

¹² Muitas das correspondências mandadas pelos imigrantes ucranianos fixados em Prudentópolis, aos parentes na Ucrânia não foram entregues a eles durante o regime socialista. Porém, foram mantidas, e após a independência da Ucrânia foram resgatadas; estão sendo publicadas quinzenalmente pelo jornal "Prácia".

¹³ Segundo período da política imigratória brasileira: compreende o período de 1850 a 1930. É sinalizado pela Lei de terras número 601, de 18 de setembro de 1850 e da política imigratória do Paraná (1858), em que ficaram estabelecidos, a partir de então:

Ficam proibidas as aquisições de terras devolutas por outro título que não seja o de compra...

... é pelo de venda ou aforamento de pequenos lotes de terra por módico preço, financiado pelo governo federal, que se há de realizar, ... a colonização nesta província (Paraná)

... a posição e circunstâncias do pretendente, quando pertença à classe de colono, não imponha outro preço senão o mínimo, ... ainda às terras de primeira qualidade.

Fica determinada taxativamente a composição familiar do grupo imigrante...

1897 a 1907, quando o governo republicano delegou às províncias a tarefa de colonizar suas terras devolutas, outras famílias emigraram às próprias custas. Com a renovação do transporte gratuito, em 1907, novas grandes levas de imigrantes dirigiram-se ao estado. Um dos primeiros censos que trouxe dados sobre a configuração demográfica do país, o de 1913, apontava a existência, até essa época, de 45 mil ucranianos residindo no Brasil. Desses, 80% residiam no Paraná: 70% em Prudentópolis e 10% nos demais núcleos de colonização europeia criados no sul do Brasil. Nesse quadro, os imigrantes deveriam se adaptar às necessidades da política imigratória, que era de caráter rural, além de buscarem inserir-se na emergência e na consolidação do capitalismo mundial e também brasileiro, sob o regime de trabalho livre.

A segunda fase de imigração ucraniana que veio ao Brasil e se fixou no Paraná, empreendida entre as duas guerras mundiais, é relatada por Boruszenko (entrevista n. 5, 1998) como:

Todo aquele povo que esteve envolvido nos movimentos políticos em favor da independência da Ucrânia e uma vez que a Ucrânia não conseguira sua independência, então não havia lugar para eles lá e com medo das perseguições eles acabam emigrando para fora da Ucrânia e uma boa parte veio para o Brasil. Não que necessariamente seja essa uma imigração política, mas muitos imigrantes desta fase estavam procurando refúgio político aqui no Brasil. Isto trouxe uma contribuição muito grande para os imigrantes ucranianos residentes no Brasil e também para seus descendentes, na medida em que eles se integram na vida das comunidades já existentes. Muitos tinham uma escolarização maior do que os anteriores, e, pelo que vivenciaram em seu país de origem, vão desencadear um reavivamento na consciência nacional ucraniana nas comunidades. Essas, por já estarem integradas na vida brasileira e em fase de aculturação, estavam abandonando o uso da língua ucraniana, o rito ucraniano-católico, os hábitos culturais, estavam perdendo a consciência nacional. Surgem novas associações, novos jornais, conselhos escolares, inclusive organizam um grande congresso (já haviam ocorrido dois antes desse, em Curitiba (1910) e em Dorixon (1919)) com intuito de unir as comunidades ucranianas paranaenses, em Dorixon (Paraná), no ano de 1922. Muitos eram partidários dos ideais liberalistas (séc. XIX), não sendo tão servis ao clero, logo provocaram rachas nas comunidades onde se inseriram.. Os que eram agricultores fixaram-se no campo e permaneceram nos núcleos rurais ou colônias, enquanto os demais estabeleceram-se nas cidades. A maioria desses imigrantes da 2ª fase, não vieram para ficar definitivamente no Brasil. Eles tinham espe-

ranças de um dia voltar à Ucrânia, assim como as cegonhas, ou melhor, quando ela fosse independente. Mas mesmo os que voltaram foram considerados homens sem paz, não se sentiam bem nem lá nem cá...

Por isso, embora muitos tenham chegado a Prudentópolis, só permaneceram ali aquelas famílias que eram de agricultores e, estes, na grande maioria, já migraram para outros municípios, estados ou países.

A terceira fase imigratória, após Segunda Guerra, representa o maior êxodo de ucranianos para outros países. Novamente é Boruszenko (entrevista n. 5, 1998) quem discorre sobre ela, pois, além de especialista em história da imigração ucraniana para o Brasil, é também imigrante ucraniana, tendo vindo para o Brasil, com a família, nesta terceira fase.

Quando terminou a Segunda Guerra, milhares de ucranianos estavam fora da Ucrânia. Estavam na Alemanha e tinham sido levados pelo governo de ocupação alemã. Esses ucranianos que estavam na Alemanha ficaram entre a cruz e a caldeirinha. As forças aliadas queriam que eles voltassem para a Ucrânia, só que tinha um pequeno problema – eles haviam sido levados para a Alemanha pelo governo de ocupação alemã para trabalhar na Alemanha. A Ucrânia estava na mão dos soviéticos. Como um cidadão que havia sido levado pelos alemães vai voltar para a Ucrânia, se este país estava sob Domínio soviético? Ele seria deportado diretamente para a Sibéria. Então aqueles ucranianos que estavam fora da Ucrânia não queriam mais voltar, não queriam ser repatriados para a Ucrânia. Então as forças de ocupação e depois a própria ONU ocuparam-se deles, isto é, a ONU sustentou materialmente todos nós, os refugiados. Inicialmente ficamos em campos de refugiados de guerra, de lá nós emigramos para os países do novo continente, sob a proteção da ONU. Em fins de 1945 a cláusula de repatriação obrigatória foi abolida. Mas nessa altura todo mundo queria emigrar e entre os países que aceitavam imigrantes estava o Brasil. Mas o Brasil aceitava, nessa época ainda, somente agricultores. Então médicos, engenheiros, profissionais liberais, operários e outros, aqueles que eram candidatos à imigração para o Brasil, fizeram um curso rápido de técnicas agrícolas. Meu pai era engenheiro, como era um homem previdente matriculou-se nesse curso e também em um curso de português para estrangeiros e matriculou-me também nesse curso... imigrantes

Esse último período imigratório estendeu-se até 1952. Os imigrantes desta fase utilizaram o Brasil como trampolim, isto é, como um porto de passagem. Tão logo quanto possível reimigraram para outros

países. Sobre isso Boruszenko (entrevista n. 5, 1998) acrescenta:

...na realidade, esses imigrantes ucranianos não contribuíram em grande escala na vida da comunidade paranaense e também não corresponderam muito com às expectativas da comunidade daqui. Isso porque o grupo de imigrantes era formado por um pessoal muito heterogêneo, principalmente quanto à questão profissional. Tinha de tudo – tinha agricultor, tinha operário, tinha técnicos, tinha profissional liberal, tinha realmente muitos técnicos e mais ainda muitos operários. Tinha camponeses, mas o número não era significativo... Na Alemanha, como moços solteiros, casaram nos campos de refugiados. Eram pessoas que tinham outros projetos de vida... Para o Paraná vieram mais de 6.000 famílias e desses a gente tem a quantia exata, mas só ficaram no Brasil 168 famílias, duas das quais residem em Prudentópolis. Como este município era e é ainda predominantemente agrícola e, formado por uma comunidade agrária, sendo portanto quase todos os imigrantes ucranianos daí agricultores, então quem melhor se integraria e melhor se adaptaria, seriam os agricultores e estes não eram em grande número, uma ou outra família. Talvez por isso tenham ficado tão poucos nesse município. As famílias que ficaram se integraram na vida da comunidade. Como eram pessoas com bom grau de escolaridade, pessoas que tinham posses e que tinham, por exemplo, participado de organizações ou associações sociais, então aplicaram aqui os seus conhecimentos. Mesmo quem era jovem, quem era criança, teve aquela escola do campo de refugiados, teve um certo conhecimento de organização de comunidade e aplicaram aqui nas comunidades onde eles se inseriram...

Oksana Boruszenko, por exemplo, foi Presidente da Organização Feminina, Vice-Presidente da Confederação Mundial de Mulheres Ucranianas e, atualmente, integra a executiva da Representação Central Ucraniano-Brasileira, entidade máxima da comunidade ucraniana no Brasil.

Neste final de século XX encontram-se descendentes de imigrantes ucranianos e, ainda, alguns imigrantes, desde o Rio Grande do Sul até Rondônia (Gi-Paraná, por exemplo). São os atuais reimigrantes nacionais. De modo geral, são os filhos dos primeiros imigrantes ucranianos que vieram para o Paraná, tendo acompanhado as expansões da fronteira agrícola do estado e do Brasil.

O motivo pelo qual nos detemos, neste estudo, mais especificamente, na descrição dos acontecimentos relativos à primeira fase da imigração ucraniana para o Paraná deve-se, então ao fato de que os imi-

grantes ucranianos que ainda permanecem no município, no final deste século, são os descendentes das primeiras levas imigratórias, já que os demais imigrantes e-ou seus descendentes reemigraram ou migraram tão logo quanto foi possível.

4.5 - SÍNTESE DO QUADRO POLÍTICO-SOCIAL DOS TERRITÓRIOS DE SAÍDA E DE ABSORÇÃO DOS IMIGRANTES UCRANIANOS

Quando os imigrantes ucranianos saíram da Ucrânia, em fins do século XIX, vivenciavam, ali, uma atmosfera de profundas mudanças nos padrões sociais, econômicos e culturais, conforme discussões anteriores. Como esse quadro tinha caráter mundial, também encontraram aqui, ao chegarem (1895), uma série de crises, motivadas pelas transições por que o país passava: a transição da monocultura de exportação para a policultura de abastecimento; a transição do Império para a República e as efervescências políticas e sociais decorrentes dessa mudança (Prado Júnior, 1994). No Paraná, a Revolução Federalista de 1893 deixara o estado em sérias dificuldades financeiras, situação agravada pelas péssimas administrações dos governos anteriores. Terminada a revolução tem início a repressão aos políticos que haviam manifestado simpatia pelas causa federalista. Como conseqüência, segundo historiador paranaense,

o domínio da lei transmuda-se no domínio do terror, dos pesadelos, das inquietações nas ruas e nos lares..(Balhana, Machado, Westphalen, 1969, p. 112).

No início do século, na área limítrofe, contestada pelos estados do Paraná e de Santa Catarina, irrompem as Guerrilhas do Contestado. Posteriormente, as revoltas se transformam na Guerra do Contestado (1905-1915), movimento sertanejo de graves proporções, dirigido por um foragido da cadeia de Palmas e por centenas de seus seguidores. Eram “caboclos”, miseráveis e ignorantes. Com aspirações monárquicas, estavam, na verdade, ligados à questão das terras devolutas que a República passara à competência dos Estados. Durante a fase revolucionária, publicações de panfletos, pixações e outros materiais impressos do gênero refletem a natureza reivindicatória dos revoltosos. Um dos panfletos dessa época, continha o seguinte teor:

O governo da República toca os Filhos Brasileiros dos terrenos que per-

tencem à Nação e vende para os estrangeiros! Nós agora estemo disposto a fazer prevalecer nossos direitos... ou Nós não tem direito de terras, tudo é para as gentes da Oropa? ...

A situação política e econômica do Paraná, portanto, na época da chegada das primeiras levas de imigrantes ucranianos, pode ser caracterizada como de total falta de infra-estrutura e insuficientes condições para assentamento das grandes levas de imigrantes, e, de fato, os colonos ucranianos ficaram largados, literalmente, à própria sorte.

4.6 - O MUNICÍPIO DE PRUDENTÓPOLIS: PRINCIPAIS REFERÊNCIAS HISTÓRICO-SOCIAIS E CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS

Um dos primeiros registros sobre a passagem de luso-brasileiros pelas regiões do atual município de Prudentópolis é a dos bandeirantes paulistas, que vieram com o intuito de combater o avanço espanhol em terras que se consideravam portuguesas. Consta, por exemplo, que Diogo Pinto de Azevedo Portugal passou por essa região, em 1809, tendo chegado até os campos gerais. Segundo relato de seu historiador (Paraná, 1899), a expedição avançou pelos Campos do Cupim (hoje Imbutuva), depois alcançou um rio largo e com bastante água, o rio dos Patos, na denominação atual. Há registro da existência de milhares de índios, camés, votorões, chocrens, curutons, xaclans, guarapiabas, pertencentes à nação dos coroados, alguns muito hostis, pois matavam e roubavam à toa, outros eram amigáveis, que povoavam a vasta região de florestas:

...eram todos altos e bem feitos, as mulheres antes bonitas que feias, e uma até mui linda. Os homens trazem o lábio inferior furado, e no orifício, botoques de resina com aparência de fino alambre; tanto os homens como as mulheres, cobrem com tangas de fibras de ortiga as partes que o pudor manda esconder; por isso e pelo velho querendo fumar e dizer em mau espanhol cingarró amigó, os julgamos Botocudos, descendentes das extintas reduções espanhóis... Seus machados eram de pedra, bem como os instrumentos de fazer seu armamento: de ferro, só tinham um pedaço de folha de espada, de algumas polegadas, encrostado em pau, com serventia de machado... (Fernandes, 1996, p. 182).

Depois dos índios, de 1541 a 1629, os espanhóis se tornaram senhores do território paranaense, principalmente das regiões do interior do estado. Há referência sobre a criação de um povoado civil espanhol,

próximo a Prudentópolis, o de Vila Rica do Espírito Santo, erigido à margem do rio Ivaí¹⁴, em 1576, por um famoso espanhol denominado Melgarejo. Há também relato da existência de uma redução indígena, a de Jesus-Maria, fundada em 1628 pelo jesuíta italiano Simão Masseta:

Pela descrição deixada por vários Jesuítas em suas Cartas Anuas, Informes, Autos e até pelo movimento das bandeiras paulistas quando do ataque e destruição desses redutos, devemos colocar a Redução de Jesus-Maria como localizada nas cabeceiras do Rio Ivaí, no atual município paranaense de Prudentópolis. Tal posição, que emana da autoridade de Igor Chmycz, autor de mais de uma centena de escritos sobre a arqueologia no Paraná,...(Fernandes, 1996, p. 166).

Então, os primeiros moradores do território prudentopolitano foram os índios (mais de 2.000), seguidos por líderes civis e religiosos espanhóis.

O atual território prudentopolitano pertencia ao município de Guarapuava até 1906. Por se constituir em região de sertões, de serras e quebradas, isto é, bastante acidentada, essa terra era imprópria tanto para a criação de gado como para a invernagem de mulas ou de gado. Assim até meados do século XIX, do Rio dos Patos à Serra da Esperança, a vasta extensão de terra era o habitat de magos e feiticeiros, de índios selvagens ou amigáveis, segundo relato dos jesuítas da época.

O início da povoação luso-brasileira de Prudentópolis data do estabelecimento da linha telegráfica para Guarapuava, no ano de 1822, quando Guilherme Schuch, o Barão de Capanema, diretor do Telégrafo Nacional, firmou contrato com o governo provincial do Paraná, para abrir um caminho a Guarapuava, acompanhando os postes do telégrafo. Tratava-se, na verdade, de uma estrada de rodagem (carroçável), ligaria Guarapuava à região dos Campos Gerais, ao litoral do estado e a São Paulo. Na ligação do 2º Planalto paranaense, região onde se localiza o município de Prudentópolis, com o 3º Planalto (Guarapuava), a estrada passaria transversalmente pelas terras prudentopolitanas. A divulgação desses investimentos provocou a valorização dos sertões prudentopolitanos, atraindo moradores para a região, cuja denominação era São João

¹⁴ O rio Ivaí tem sua origem em Prudentópolis. Depois de formado, corre de nordeste a norte, por aproximadamente 100 km, estabelecendo os limites do município.

do Rio Claro. Um dos primeiros a se estabelecer nesse sertão do 2º planalto paranaense foi Firmo Mendes de Queiroz. Descendente de bandeirantes paulistas, após casar-se em Guarapuava e adquirir a posse das terras onde se localiza atualmente a sede urbana do município de Prudentópolis, passou a residir na localidade, desde meados do século XIX:

Na sua nova residência, construída a 6 km além do rio dos Patos, uma casa paulista com parede de reboque, de barro, cobrindo-a de taboinhas fazendo um cercado de varas em torno da casa, à margem de um pequeno riacho, remoto sítio nos desertos sertões do Paraná. Manteve-se por longos annos, quebrando a sua monotonia de quando em vez, por um viandante desconhecido, ora em demanda dos invios campos de Guarapuava, e outras vezes em direcção de Curitiba e outras localidades do estado... (Correia, 1929, p. 11).

Paulatinamente, vieram outras famílias luso-brasileiras a São João do Rio Claro, para se instalarem às margens do Rio dos Patos, em direção a atual sede urbana do município. As primeiras eram procedentes de São Paulo, Lapa, e principalmente de Guarapuava. Formaram um pequeno povoado, com aproximadamente 40 famílias, que passou a ser conhecido, então, como Vilinha. Quando se tornou significativo o número de famílias católicas da região, por sugestão do Padre Stumbo, vigário da Paróquia de Santo Antônio do Cupim (atual Imbituva), em 1884, Firmo Mendes de Queiroz, reuniu os moradores da Vilinha e, em suas terras, com a ajuda dos demais, roçaram a mata e construíram uma capelinha, consagrada a São João Batista, um dos padroeiros atuais do município. A construção da capela teve por base a observação do pároco sobre a região: havia-se tornado centro de convergência de sertanistas, para onde afluíam trabalhadores das obras públicas, já iniciadas. Entendia o pároco que a povoação iria se formando em torno da igreja, como realmente aconteceu. A partir daí o Padre Stumbo passava por Prudentópolis, mensalmente, para rezar missas. Em volta da capelinha, branca e pequena, plantaram ervais, muito abundantes na região. Nesse mesmo local, encontra-se hoje a Igreja Matriz de São João Batista, construída em 1900, para substituir a pequena capela anterior.

Para dirigir os serviços da construção da linha telegráfica e fiscalizar a construção da estrada de rodagem, em andamento, o Barão de Capanema chega a São João do Rio Claro, hospedando-se na casa de Firmo Mendes de Queiroz, há tempos líder comunitário da região. Este,

aproveitando a visita de pessoa tão ilustre relata ao Barão que a região

...precisava de mão de obra, de braços para a lavoura e que para tanto doaria suas terras para que essas fossem colonizadas (Correia, 1929, p. 15).

O Barão, por sua vez, prometeu falar com os responsáveis, a fim de que mandassem imigrantes para a região, uma vez que a imigração e a colonização já estavam consolidadas no Brasil. Em homenagem ao amigo ilustre, Firmo, em 1884, denomina como São João do Capanema a região entre Imbituva e Guarapuava. A seguir, ela é transformada em distrito, pela lei municipal n. 25, de 26 de janeiro de 1886.

Desde então, São João do Capanema, teve a sua protecção [do Barão], e a elle se deve a sua colonisação n'aquelles tempos, de falta de estradas de penetrações, e difficuldades de transporte, agindo como fez, junto ao seu grande e particular amigo, então presidente da Republica, Doutor Prudente de Moraes, para que São João do Capanema fosse colonizado (Correia, 1929, p. 14).

Como consequência disso, começaram a chegar, já na década de 1870, os primeiros grupos étnicos europeus:

Primeiro vieram os alemães, um grupo pequeno. Foram os que deram origem a essa Igreja Evangélica Luterana de Prudentópolis. Eles se fixaram junto aos demais grupos luso-brasileiros já instalados na região. Eram engenheiros e o objetivo de suas vindas era fazer o levantamento das terras para a criação de áreas para a colonização. Depois dos alemães, veio um grupo um pouco maior de italianos. Fixaram-se no Rio dos Patos, São Pedro e Queimadas, núcleos rurais localizados no sul do Município e próximos da sede urbana municipal. Em seguida chegaram os poloneses. Estes vieram em maior número do que todos os anteriores juntos. O responsável pela vinda dos poloneses a Prudentópolis foi Saporski, grande exportador de erva-mate para a Europa. Aliás foi ele quem mandou a primeira remessa de erva-mate de Prudentópolis para os países europeus. Junto com os poloneses chegaram também os carroções eslavos de toldo, puxados por 6 a 8 cavalos, criando um ciclo intermediário de transportes no sul do Brasil. Foram usados na baldeação dos baús e dos imigrantes das hospedarias até as sedes das colônias para onde seriam destinados (Entrevista n. 3, 1998).

Wachowicz (1982) refere-se à citada imigração polonesa para Prudentópolis como sendo de reimmigrados. Afirma que os poloneses vieram para o Brasil em 1869, fixando-se inicialmente em Santa Catarina. De lá

se transferiram aos arredores de Curitiba. Em 25 de novembro de 1871 migraram novamente e, desta vez, se instalaram definitivamente em Prudentópolis. Embora fossem católicos do rito romano e já existisse no local uma capela da mesma religião e do mesmo rito, eles construíram a sua capela, em 1900, que, em 1949 foi totalmente destruída pelo fogo. Foi então edificado o atual Santuário de Nossa Senhora das Graças, concluído em 1958.

Quando a quinta leva étnica, o grupo majoritário dos ucranianos, chegou a Prudentópolis, em 1896, já estava bem concretizada a necessidade da colonização para o estado do Paraná. Por causa disso, havia se estabelecido, na região, desde 1885, o Instituto de Imigração e Colonização, órgão administrado pelo governo Federal. Cândido Ferreira de Abreu, então nomeado diretor da assim chamada colônia federal, muda o nome da região em homenagem ao Presidente da República, Prudente de Moraes.

Os técnicos do referido Instituto estudaram a localidade, fizeram obras de planejamento em relação à colonização e, em consequência desses trabalhos preliminares, surgiram os seguintes resultados:

- 1) Até então, os imigrantes se mudavam continuamente de uma comunidade a outra, o que foi proibido após ter sido implantado o Sistema de Colonização;
- 2) O município foi totalmente planejado, ou melhor, metricamente dividido, tanto no setor urbano, quanto no rural; vê-se hoje, por exemplo, que as principais ruas da sede urbana são retas, largas (Anexo 8) e, também, que muitas das quadras urbanas são geometricamente definidas.

Através desse planejamento, ficou estabelecido, por exemplo, que cada família de imigrante receberia um lote de 10 alqueires, mediante financiamento feito pelo governo federal, desde que manifestasse desejo de trabalhar na lavoura. O colono¹⁵ se estabelecia, na propriedade que lhe era destinada, por um ano, sem o ônus do terreno, após o qual pas-

¹⁵ "Colono": desde o século XIX, serviu como designação oficial para aqueles imigrantes que adquiriram um lote de terras em algum projeto de colonização (Seyferth, 1993). Hoje cabe-lhes melhor a designação de colonos produtores, produtores rurais ou agricultores.

sava a amortizar a dívida, para receber o título definitivo da propriedade.

Conforme chegavam, os imigrantes eram instalados em lotes de terra próximos à sede do povoado, nas chamadas Linhas¹⁶ ou Linhas vicinais. Nessas regiões que circundavam o povoado, criaram-se inicialmente 39 linhas (núcleos rurais), algumas com 8 lotes (Linha Mirim), enquanto outras — a Linha Ivaí, por exemplo — continham 123 lotes em suas 3 seções. Como Prudentópolis possui um terreno muito acidentado, o loteamento inicial correspondeu somente às regiões agricultáveis. Nas regiões montanhosas permaneceram as florestas, com seus antigos moradores, algumas das quais se transformaram em locais de litígio, desencadeado por antigos posseiros. Muitos deles venderam seus direitos de posse para os próprios imigrantes pioneiros.

O primeiro grupo de ucranianos a chegar compunha-se por 50 famílias. A maior parte delas era oriunda das localidades de Tchorstkova e Rohatyna (Galícia Ocidental). Era 19 de abril de 1895. Uns vinham a pé, outros de carroça, conduzidas pelo Senhor Henrique Kremmer.

A partir dessa data, uma série de acontecimentos marcou uma fase desenvolvimentista na região. No início de 1896, começou a funcionar o telégrafo, conectando a região com o resto do mundo. Pela Lei 221, de 15 de dezembro de 1896 foi criada, na sede urbana, uma cadeira de instrução primária, com classes feminina e masculina. A primeira professora da classe feminina, Ana Rodbargt, embora descendente de ingleses, dava aulas em português e sobre português. Segundo Cordeiro (Entrevista n. 3, 1998) ela também ministrava aulas de inglês, mas particulares. João Lech, imigrante polonês¹⁷, foi o primeiro professor da classe

¹⁶ As regiões de assentamento de imigrantes europeus eram loteadas, isto é, medidas, através de correntes denominadas linhas. O material usado na medição dos terrenos passou, então, a denominar a região de fixação dos colonos imigrantes. Um conjunto de lotes de terra passou a ser denominado de Linhas de demarcação. As linhas de demarcação, por sua vez, recebiam uma denominação própria. Por exemplo: Linha Abril, reunião de 98 lotes, onde passaram a residir os primeiros grupos de famílias ucranianas que chegaram em Prudentópolis, em abril de 1895. Muitas das antigas denominações de linhas desapareceram, enquanto em outras regiões permanecem conforme fora denominada na época da colonização da região. Os imigrantes europeus foram instalados à margem dessas linhas, onde construíram as suas propriedades. As linhas continuam a ser as principais estradas, as vias de comunicação, a malha viável do Município, conforme foram na época de suas criações.

¹⁷ Alguns informantes referiram-se a ele como sendo imigrante ucraniano, enquanto outros afirmavam ser ele imigrante polonês. Este dado como o fato de ter sido ele o primeiro professor da classe masculina, carece de maiores esclarecimentos e mais pesquisas.

masculina. Sendo ele imigrante e recém chegado ao Brasil, provavelmente suas aulas não eram em português nem, tampouco, sobre português. Ainda em 1896, Prudentópolis passa a contar com um distrito policial e, no ano seguinte, criou-se mais uma cadeira de instrução primária.

Apesar da existência de infra-estrutura básica, quando chegaram, em uma única leva as aproximadamente 1500 famílias de ucranianos faltaram condições para atender a tamanha multidão. Por isso, eles tiveram que ficar alojados em barracas, construídas às pressas (Anexo 7), além de auxiliarem na medição dos lotes, na abertura de estradas e na construção de pontes, e de providenciarem alimentação e socorro, face às doenças tropicais e a inúmeras outras vicissitudes que normalmente acarreta a mudança plena de ambiente. Em síntese, ficaram largados literalmente à própria sorte. Não só a região, como o próprio Estado e, inclusive, o Brasil não estavam em condições de receber uma população tão grande e de modo repentino. Por exemplo, nem o Estado nem os demais órgãos responsáveis pela vinda de imigrantes ao Brasil, prestaram assistência hospitalar ou social, além de não fornecerem técnicos para indicar sobre o quê, quando e onde plantar. Faltou, inclusive, orientação sobre o que poderia ser consumido, dentre os recursos alimentícios da mata tropical, e sobre como preparar os alimentos dessa fauna e flora. A isso, soma-se o fato de que os imigrantes, oriundos de cultura completamente diversa da que encontraram, também não se prepararam para essa epopéia:

Além de mínimas informações sobre o paraíso que aqui encontraríamos, sequer sabíamos o que nos aguardava...nada sabíamos para onde íamos. Éramos pouco previdentes... (O Prácia, n. 33, 1936, p. 3).

O resultado do despreparo, do desconhecimento e da falta de infra-estrutura elementar de ambas as partes, foram muita fome, desolação, epidemias (tifo, malária), reimigrações, vendas ou doações de filhos, bebedeiras, revoltas, e morte, de até 20 imigrantes ucranianos por dia. Uma das primeiras cartas escrita de Prudentópolis, para religiosos da Ucrânia, em 31 de julho de 1897, confirma partes da situação caótica gerada pela imigração em massa:

... A maioria do povo está abandonado... a maioria de nossa gente está mais pobre e mais abandonada do que estava quando aí viviam... Em

Prudentópolis, há aproximadamente 5.250 ucranianos adultos. Aqui vibra agora o machado e a serra. Fogos enormes queimam a mata preparando a terra para o plantio. As pessoas andam como defuntos de tanta miséria e fome. Quatro cemitérios já estão lotados. Nas matas há sepulturas sem número. Morreram muitos, dezenas diariamente. Metade dos que para cá vieram, sumiram. Há muitos tentando voltar para a Galícia. Alguns para suprir a fome vendem os próprios filhos por alguns milréis, outros entregam os filhos gratuitamente. Assim vê-se como o povo decaiu... Uma pequena parcela está progredindo, mas são muito poucos em relação aos milhares que passam fome e se prostituem... (Revista ucraniana Missionar de Jowkva, Toronto, Canada, 1898).

As dificuldades, porém, foram sendo superadas, na medida em que ambas as partes foram vencendo os obstáculos. Com o tempo, a região ficou conhecida como pérola encravada no sertão e também como sendo o local onde a maioria da população tinha vindo de longínquas terras, mas cuja integração estava sendo efetivada através do cultivo da terra.

E aquele lugar, como sede da colonia, tomou um impulso extraordinario... (Paraná, 1899).

O impulso progressista referido pelo historiador teve como uma das principais causas a integração dos nacionais e dos imigrantes de Prudentópolis, na conjuntura econômica do Paraná da época. Essa conjuntura permitiu que ambos fossem empregados: na construção das obras públicas em andamento na região (inicialmente, estradas de rodagem e pontes; depois, a estrada de ferro); na exploração da erva-mate, muito abundante e nativa na região; no transporte de imigrantes, de erva-mate e de mercadorias, através dos grandes carroções.

Junto a isso, as profissões liberais, como a de ferreiro, carpinteiro, moveleiro, entre outras, desenvolveram-se plenamente na região, uma vez que eram extremamente necessárias à estrutura econômica da época.

Especificamente para os imigrantes ucranianos de Prudentópolis, o desenvolvimento econômico, social e cultural começou a se configurar através da vinda e da fixação de religiosos oriundos de seu país natal. Isso porque, em primeiro lugar, a igreja foi a única Instituição que os socorreu nos primeiros anos de implantação da colônia; em segundo lugar, os galicianos haviam se acostumado com a tutela dos religiosos em

sua terra natal, enquanto a laicização parece não ter se desenvolvido entre os primeiros grupos etnorreligiosos que vieram para a região em pauta. Além disso, o grupo, embora majoritariamente formado por católicos, pertencia a um rito próprio, tendo essa condição religiosa passado a se destacar, desde suas próprias aldeias de origem, como símbolo de autodiferenciação etnorreligiosa. Esse conjunto de fatores fez com que, já em 26 de junho de 1897, viesse da Ucrânia para Prudentópolis, um padre pertencente ao rito ucraniano-católico, o padre Silvestre Simão Kysema. A partir dessa data, esse padre passou a residir em Prudentópolis. Em função disso, os imigrantes ucranianos construíram a sua capela, no mesmo ano da chegada do padre, a qual foi transformada em paróquia no ano seguinte (1898). Logo a capela se tornou muito pequena, o que exigiu a construção de uma outra igreja, a de São Basílio, inaugurada em 25 de maio de 1904. Algumas décadas depois, a construção de uma outra igreja também se fez necessária. Edificaram, então, a definitiva igreja ucraniana, em estilo bizantino, a qual, em 1982, foi transformada em patrimônio da humanidade, por sua rara beleza.

Da Ucrânia vieram também as religiosas, as Irmãs Servas de Maria Imaculada, em 11 de abril de 1911. Estabeleceram-se em Prudentópolis como enfermeiras e educadoras. A partir de então, sucessivas vindas, assim como a fixação de padres e religiosas ucranianas, muitas vezes oriundos diretamente da Ucrânia, atraíram constantemente novos imigrantes ucranianos. Com o passar dos anos a comunidade passou a contar com o Colégio Imaculada Virgem Maria (1911) e com Hospital Sagrado Coração de Jesus (1928), instituições onde a língua ucraniana sempre dominou e ainda domina plenamente. Vários outros benefícios para a comunidade de fala ucraniana foram criados sucessivamente, como a tipografia (1910), o seminário (1935), as cooperativas¹⁸, o clube recreativo 12 de novembro, as associações comunitárias, educativas e culturais, escolas mantidas pela comunidade nos núcleos rurais mais populosos, escola paroquial, associação educativa Santa Olga e Colégio Santa Olga (1944). A semente do Renascimento Cultural, em voga na Ucrânia quando de lá saíram, veio junto com os imigrantes e aqui se desenvolveu plenamente.

¹⁸ Os ucranianos foram os iniciadores do sistema Cooperativista no Brasil.

Em fevereiro de 1900, fixa residência em Prudentópolis, o padre Antônio Rymar, pertencente ao rito latino. Dessa forma, a região passa a contar com dois padres católicos, residindo na sede do município, desde o início do século. Essa situação impregnou a região de forte religiosidade, por vezes conflituosa, porque promoveu a autodiferenciação etnorreligiosa, além de ter fortalecido as organizações religiosas ali instaladas. Para completar a constituição desse quadro religioso, étnico e sociocultural bastante plural, a 10 de julho de 1907 chegam da Polônia algumas religiosas pertencentes à ordem das Filhas da Caridade e fundam, nesse mesmo ano, a escola Santa Sofia. Consta nos anais dessa instituição que as primeiras aulas dadas eram em polonês, alemão, ucraniano, ao lado de possíveis aulas sobre português¹⁹. Um ano depois, em 1908, abriram um ambulatório para tratamento médico-dentário. Mais tarde (1936) construíram a Santa Casa de Misericórdia, atualmente Hospital São José.

A rápida mudança ocorrida na situação demográfica da região e a agitação que isso causava, aliadas a rápido progresso, são retratadas nas descrições que os historiadores da época deixaram sobre Prudentópolis:

Prudentópolis. – Esta colonia foi fundada em Abril de 1896, pelo Dr. Candido Ferreira de Abreu, por conta do Governo Federal. Foi assim denominada em honra ao Dr. Prudente de Moraes, então Presidente da República. Está situada no município de Guarapuava, á margem esquerda do Rio dos Patos (Ivaby), em terrenos do Estado, occupando uma area de 8 leguas quadradas. Contém 1.600 lotes de 25 hectares cada um. A colonia dista 6 leguas da villa do Imbetuva, com a qual se communica por estrada de rodagem carroçavel.

Este futuroso centro de 'população tem se desenvolvido satisfactoriamente, se empregando os seus habitantes na lavoura e na extracção da herva-matte. Sua população se compõe de 8.000 habitantes polacos, afóra 200 familias nacionaes. A séde da colonia contém cerca de 200 casas, existindo estabelecimentos commerciaes, fabricas de cerveja, cortumes, etc.. Em 19 de Novembro de 1899 foi alli inaugurada uma estação telegraphica. Possue duas egrejas, uma catholica e outra ruthena.

Esta colonia logo será elevada a villa, em virtude do notavel incremento

¹⁹ Entre as religiosas de origem polonesa que passaram a residir em Prudentópolis, havia algumas que já estavam no Brasil há aproximadamente 15 anos. Residiam em Curitiba e estavam ali desde a década de 1880 (Druszcz, 1983, p. 16).

que tem dia a dia (Paraná, 1899).

Outra referência do início do século, sobre a região, aponta que:

Tal era então a importância de Prudentópolis que o próprio Congresso Legislativo do Estado, por equívoco, considerou-o município, quando ainda era apenas districto (Correia, 1929, p. 12).

Assim, em 5 de março de 1906, pela Lei n. 615, cria-se o município denominado Prudentópolis, e pelo decreto n. 242, de 14 de junho, marca-se a eleição municipal para o dia 8 de julho. Em 20 de agosto de 1906 instalou-se o município, sendo o primeiro prefeito o Coronel José Durski, catarinense, descendente de poloneses. A composição étnica dos integrantes da primeira Câmara Municipal²⁰ revela algumas especificidades da região em estudo. Em primeiro lugar, representa a base da formação étnica e da formação sociolingüística, refletidas nos traços físicos e no dialeto orolocal dos prudentopolitanos; em segundo, constata-se que o poder público caracterizou-se e foi legitimado, desde o início, por representantes autóctones e alóctones. Portanto, foi permitida a atuação e a participação dos estrangeiros na vida política local, desde a implantação do município. Além disso, o número de nacionais na composição da Câmara Municipal é relativamente mínimo, em relação aos estrangeiros. Isso comprova o quanto os estrangeiros eram numericamente superiores aos nacionais, no Paraná e, principalmente, em Prudentópolis. A soma de todos esses indícios nos levam a afirmar que a base de formação lingüística da região em pauta é bastante complexa, em seus desenvolvimentos históricos.

Uma vez que o maior grupo étnico instalado em Prudentópolis foi o ucraniano, então, a chegada desse grupo provocou e promoveu o desenvolvimento, na região, de todos os setores necessários para o bem-estar humano.

A administração pública local, junto com a liderança ucraniana, também oferecia aos habitantes inúmeros recursos públicos advindos de lucros aferidos pela exportação de erva-mate e madeira-de-lei. Como re-

²⁰ A Câmara municipal compôs-se com os seguintes integrantes: Coronel João Pedro Martins, paranaense, descendente de luso-brasileiros; Miguel Roth, alemão-russo; Guilherme Kloffleich, alemão; João Lech, polonês; José Saiewecz, ucraniano.

sultado disso, já em 1939 o município contava com telefone instalado na sede urbana e no interior (Michalouki, entrevista n. 6, 1997). A imprensa da época destacava essa atmosfera progressista:

A cidade tem optimos edificios de alvenaria, um excellente grupo escolar, theatro, clubs, tres igrejas sumptuosas, optimos hoteis, tres cinemas e as pequenas industrias vão satisfazendo as necessidades da população (Correia, 1929, p. 13).

... de colonia incipiente que era, em cidade modelar onde nada falta, desde a iluminação publica considerada como uma das melhores e mais baratas do Estado, á arborisação, feita com arte, até o abastecimento de a agua potavel, ao alcance das bolsas mais modestas. ... tem dispensado a sua melhor atenção não só ao estado das estradas que do interior convergem em infinidade de raios para a séde do Município, como ao da que liga Prudentopolis a Iraty, que elle procura manter em optimo estado de conservação, prestando assignalado serviço á sua terra e á Guarapuava, pois aquella estrada tem sido para nós guarapuavanos, uma milagrosa valvula de escapamento, quando as chuvas e as carroças não nos deixam atingir Imbituva pela estrada de ponta Grossa (Correio do Oeste. 13 de janeiro de 1929, editorial de primeira página).

Esse período de progresso que a região estava vivenciando é bruscamente interrompido pelos eventos que afetaram o país, antes, durante e após a Primeira Guerra. O município foi atingido sobremaneira e diretamente por causa da derrocada da indústria da erva-mate, sua principal fonte de renda na época. Ocorre, inclusive, um período de carência alimentar:

... nós comprávamos alimentos de canequinha; uma canequinha de farinha, uma canequinha de feijão. O pior era que não tinha o que compra ... só feijão e farinha de mandioca. Mas a gente também não tinha nem dinheiro... (Entrevista n. 36, 1997).

A partir de então, o desenvolvimento foi extremamente lento, e, na verdade, o município quase estagnou, num quadro que assim permanece até este final de século.

Dados demográficos da região apontam que a população do município sempre foi predominantemente rural. Um dos primeiros censos efetivados na região é de 1900. Nessa época o município contava com a população de 8.409 pessoas, 317 vivendo na área urbana e 8.192, na rural. Outros dados obtidos pelos censos do IBGE, são:

ANO	ÁREA URBANA	ÁREA RURAL	TOTAL
1920	1.700	18.150	19.850
1949	3.800	29.200	33.000
1996	16.971	29.412	46.383

O censo de 1996 apresentou, nos critérios do IBGE, crescimento populacional negativo, por um lado, e, por outro, aumento populacional urbano bastante alto em relação aos dados anteriores. Trata-se de resultados verificados em quase todos os municípios do interior do Paraná e também do Brasil. Decorrem das migrações da população rural para a sede urbana e da população urbana para centros urbanos maiores.

Embora Prudentópolis tenha recebido imigrantes ucranianos até 1952, a situação demográfica da região não se alterou em função disso, como ocorrera alguns anos antes. Registraram-se a vinda e a fixação de grandes levas de ucranianos apenas na primeira fase (1896 a 1930), enquanto os demais — que chegaram entre as duas Guerras Mundiais e após a Segunda Guerra — eram em pequeno número e, tão logo quanto possível, reimigraram para outros municípios ou estados, e inclusive outros países, tendo alguns voltado para a Ucrânia. Outra característica demográfica da população rural prudentopolitana, que se identifica com o resto das populações rurais do Brasil, é a mobilidade geográfica. O lote de terra inicialmente adquirido continha 10 alqueires, em média, e as famílias pioneiras eram formadas geralmente por 8 a 10 filhos. Logo, os primeiros imigrantes obrigaram-se a adquirir mais terras em outros núcleos rurais do próprio município, na medida em que isso foi-se tornando possível. Deslocaram-se em direção às regiões montanhosas de Prudentópolis, a região norte, e, assim, foram povoando todo o município. Conforme as terras da região começaram a não produzir mais o suficiente ou a quantidade de terras novamente se tornou insuficiente, foram em busca de novas fronteiras agrícolas, ocorrência comum em ou-

tras regiões brasileiras.

A partir de meados do século vieram para a região descendentes de italianos, de alemães e de luso-brasileiros, provenientes do sul do Brasil, principalmente gaúchos. Muitos agricultores venderam sua pequena propriedade mediante insistência dos novos habitantes da região e, com a família, por vezes bastante numerosa, migraram para a sede urbana de Prudentópolis. Alguns deles hoje engrossam as estatísticas dos favelados ou desempregados.

A localização geográfica do município de Prudentópolis, no Estado do Paraná, é ilustrada pela Figura 2.

Para concluir o tema, transcrevemos, a seguir, uma descrição de Prudentópolis feita pela assessoria de comunicação social do município, em 1995:

O Município de Prudentópolis localiza-se na região Centro-Sul do Paraná, a 730m de altitude (na Praça Firmo Mendes de Queiroz), distante 207 km de Curitiba, 25° 12' 40'', Latitude Sul, 50° 58' 50'' Longitude. O clima é agradável com verões quentes e geadas frequentes, no inverno. É grande a extensão territorial 2.402, 18 km². Limita-se ao norte e nordeste com Cândido de Abreu e Ivaí; a leste com Imbituva, ao sul com Inácio Martins e Irati; a oeste com Guarapuava e Turvo. Tem como atividade básica a agricultura. É grande produtor de feijão, milho, fumo, arroz e cebola, merecendo destaque ainda na economia do município a extração e industrialização da erva-mate e do mel. Prosperam as olarias, serrarias e malharias. Em fase de expansão está a suinocultura, a bovinocultura leiteira, a ovinocultura e há isoladas experiências com a sericicultura e piscicultura. Segundo estatísticas do IBGE, Prudentópolis possui 53.000 habitantes, sendo 13.923 na área urbana e 39.077 na área rural. Prudentópolis já mereceu vários epítetos: Capital da Oração, Capital da Erva Mate e Capital do Mel. Pela peculiaridade de Prudentópolis, com seus 2.402, 18 km² de extensão, de estrutura minifundiária de subsistência, a área rural é toda habitada. Para poder ofertar escola a toda essa população estão sementeas no interior do município 123 escolas, com oferta de 1ª a 4ª série. Incluindo 12 escolas urbanas, existem em Prudentópolis 135 estabelecimentos da rede municipal de ensino. Há ainda 11 estabelecimentos de 5ª a 8ª séries, 2 escolas de 2º grau, 4 estabelecimentos de ensino particular, 2 estabelecimentos de ensino religioso. Os alunos do interior contam com uma escola de 2º grau, no norte do Município. Nos estabelecimentos públicos de 5ª

a 8ª série, os alunos podem optar pelo ensino de língua ucraniana ou língua inglesa, desde 1981, autorizado pela lei estadual n. 453/81. Há também um Centro de ensino de línguas estrangeiras modernas, onde entre as línguas ensinadas consta também o ensino da língua ucraniana. Por ocasião do centenário da imigração ucraniana para Prudentópolis foi construído um portal com motivos ucranianos na entrada principal de acesso à sede urbana. Prudentópolis é cortado pela BR 373 e possui conexão fácil com a BR 277, que são duas possibilidades de acesso a Curitiba – Foz do Iguaçu, apresentando uma boa alternativa para tráfego. Pela situação geográfica e terras acidentadas, conta com um potencial turístico inexplorado e magnífico. A natureza premiou a terra com rios e cachoeiras que se destacam pela beleza e volume de água. São vinte cachoeiras que vão de 10 a 189 m de altura.

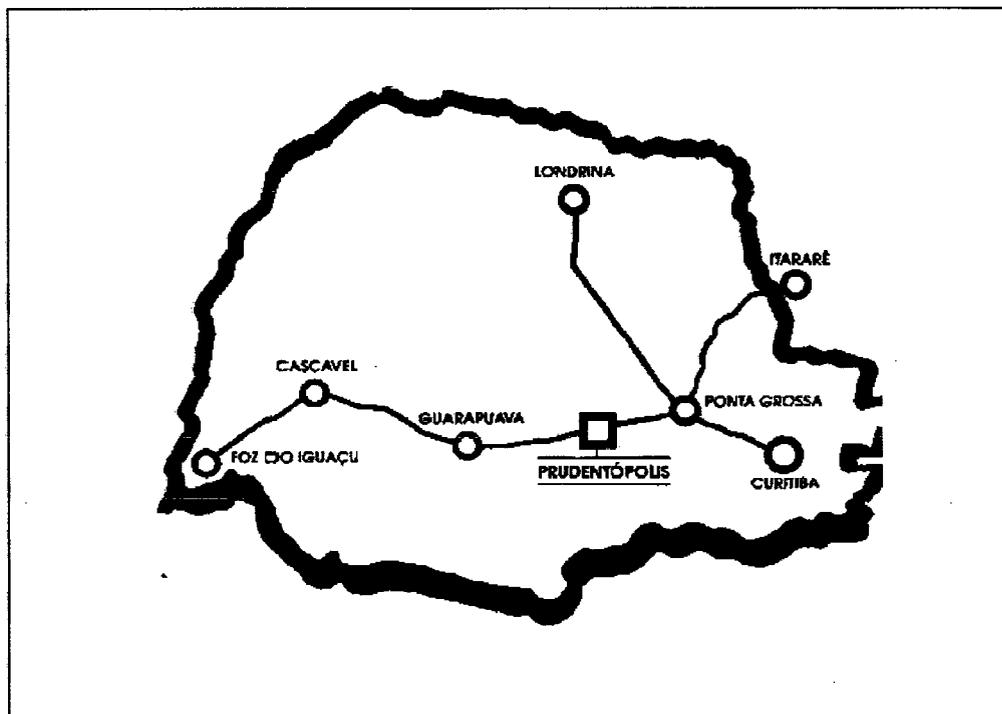


Figura 2 – Localização do município de Prudentópolis.

As regiões em que se localizam as igrejas católicas — as pertencentes ao rito ucraniano-católico e as de rito latino — são visualizadas nas Figuras 3 e 4. A Figura 5 indica a localização das escolas de propriedade das religiosas que pertencem a ordens ucranianas, no interior do

município. Nos Anexos são reproduzidas fotos históricas e atuais representativas do universo histórico e sociocultural da etnia ucraniana prudentopolitana.

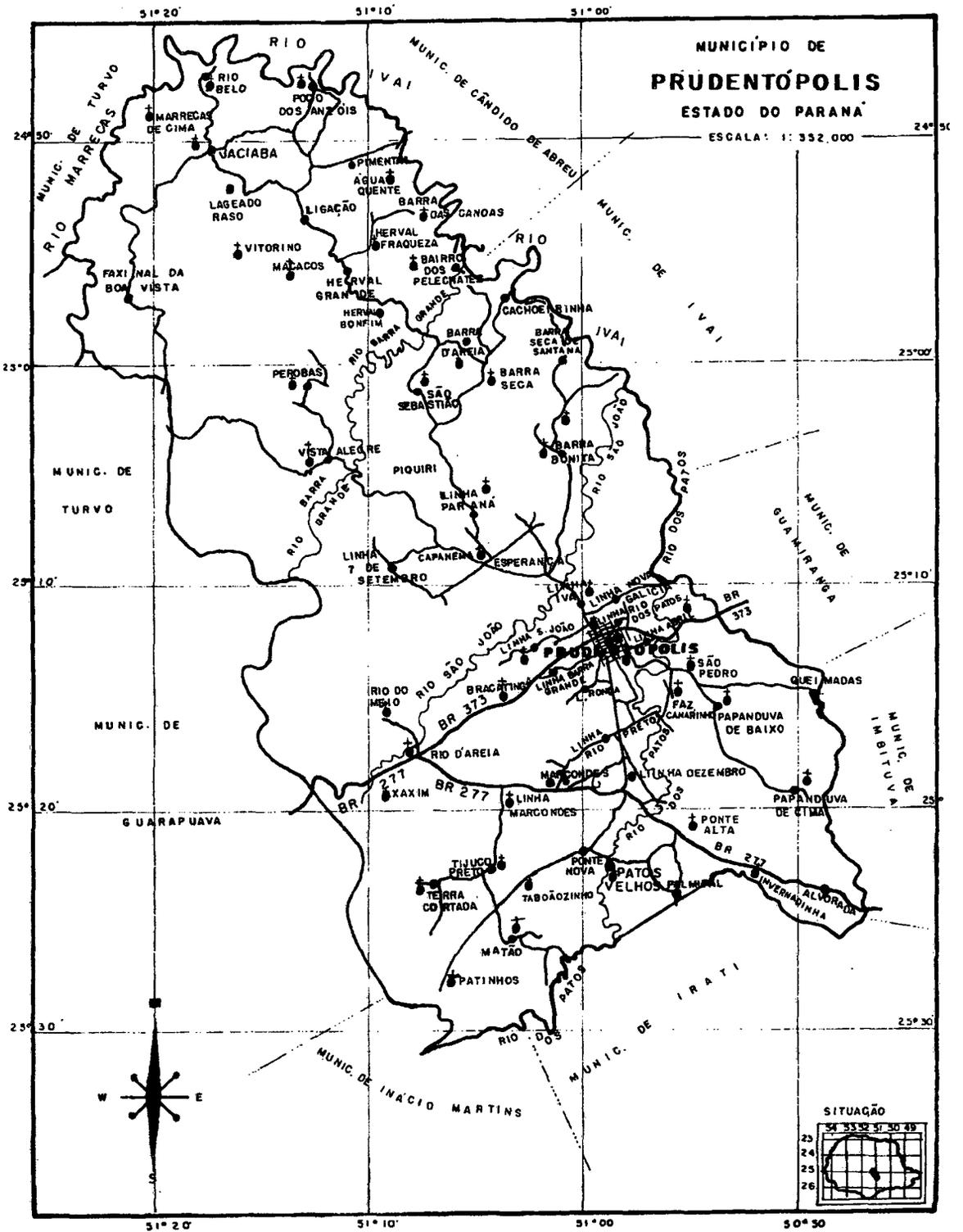


Figura 4 – Paróquia São João Batista (Matriz e Santuário Nossa Senhora das Graças e capelas no interior)

PARTE III

**RECRIAÇÃO, MANUTENÇÃO E SUBSTITUIÇÃO DO UNI-
VERSO SOCIOCULTURAL UCRANIANO NO BRASIL**

5 - O UNIVERSO SOCIOCULTURAL UCRANIANO

RECRIADO E MANTIDO NO BRASIL

Em decorrência da repulsão populacional e da colonização, um grupo de europeus se deslocou de seu território de origem, para instalar-se em terras tropicais e em meio a gentes de outras culturas. Em relação à Europa, a experiência da colonização brasileira era inédita, pois não havia modelos europeus que a orientassem em seus desdobramentos cotidianos. Assim, todos os expedientes da reprodução das condições de vida tinham que ser inventados e improvisados, no embate diário com as contingências e os elementos exóticos do país de adoção, conforme fez o grupo de imigrantes ucranianos em Prudentópolis. O anseio, entretanto, de preservar e estender a própria cultura induzia-os a se apegarem ferreamente à memória e à mística das origens européias. Isso explica a divisão apontada pelo professor Sérgio Buarque de Holanda em “Raízes do Brasil”: pés e mãos numa margem do Atlântico, e cabeça na outra.

Junto à exigência de satisfazer as necessidades básicas de sobrevivência, os imigrantes ucranianos trouxeram para o Brasil, em sua bagagem cultural, todo o universo sociocultural adquirido na pátria de origem. Dele, importa referir, basicamente, o patrimônio diretamente relacionado com a linguagem, a qual, quando concebida como objeto de práticas social, se imbrica de tal forma ao quadro sociocultural humano que os parâmetros de referência se tornam consideravelmente amplos.

As práticas socioculturais apresentadas nos itens a seguir são as que permaneceram, que tiveram ou que ainda têm participação no esforço

para manter o corporativismo etnorreligioso, do grupo em estudo. Algumas, no entanto, estão possibilitando a atenuação dos limites étnicos que foram estabelecidos na comunidade de fala ucraniana, de Prudentópolis, como, por exemplo, a das festividades natalinas.

5.1 - O RITO UCRANIANO-CATÓLICO

As divisões efetivadas no interior de uma confissão religiosa, em Prudentópolis, através da colonização, tornaram-se bastante interessantes, porque três grupos étnicos pertencentes à mesma religião, a católica, construíram ali seus templos religiosos, como se relatou na fundamentação histórica: os nacionais, os poloneses e os ucranianos. Os dois primeiros, inclusive, vinculavam-se ao mesmo rito¹, razão pela qual pertencem hoje à mesma diocese, embora tenham permanecido isolados pelos menos nas primeiras décadas. Os imigrantes ucranianos de Prudentópolis e seus atuais descendentes, 99% deles católicos, no entanto, permanecem isolados, formando o chamado grupo etnorreligioso. O que os diferencia dos demais católicos ali instalados é:

... o rito ucraniano-católico, uma forma própria e particular de expressar a sua religiosidade, traduzida nas celebrações litúrgicas, muito diferentes das celebrações do rito latino, predominante no Brasil (Hanicz, 1996, p. 71).

Neste estudo, estamos considerando o rito ucraniano-católico, como o universo sociocultural que envolve um grupo étnico, englobando os costumes e as tradições dos descendentes de ucranianos, os quais nem sempre têm a ver com o complexo litúrgico. Mais especificamente, entendemos o referido rito como um universo religioso que é integrado pelo conjunto das cerimônias, pela linguagem, pelos símbolos e pelas funções religiosas que se ligam ao culto e à liturgia dos ucranianos. De

¹ Rito, num sentido próprio, é o modo ou a ordem com os quais se exercem as várias funções sacras, isto é, as cerimônias da missa, do ofício, da administração dos sacramentos. O termo rito indica a menor ou maior solenidade com a qual se celebram a missa, o ofício, a festa. Rito, num sentido mais amplo, indica o complexo, conjunto de cerimônias e as funções de um determinado culto ou o modo diverso com o qual são feitos alguns atos do culto: rito de uma Igreja particular (de Lion, de Toledo) ou de uma comunidade religiosa (carmelita, dominicana) ou de um território mais ou menos grande (romano, ambrosiano, galicano, oriental, grego, melquita, etíope, caldeu). Neste último sentido o termo rito é equivalente à liturgia e designa não apenas a propriedade da liturgia própria, mas no direito canônico ou na vida eclesial. O termo é usado também para contrapor os fiéis do rito oriental aos fiéis do rito latino (Apud, Hanicz, 1996, p. 22).

igual forma, a expressão “rito ucraniano-católico”, usada neste estudo, designará sempre os fiéis católicos ucranianos, distinguindo-os dos fiéis católicos do rito latino. Essa diferença de ritos, vinculados à mesma religião, legitimada em Prudentópolis, estabeleceu limites étnicos extremos e, por vezes, bastante conflituosos. Tal situação evidenciou a dimensão social do rito como demarcador de campos de relações na sociedade. Dessa forma, o rito

...se constitui num sistema simbólico estruturado e funciona como um princípio de estruturação/desestruturação, inclusão/exclusão, associação/dissociação, integração/desintegração não somente do mundo religioso, mas também do mundo social da comunidade (Bourdieu, 1992, p. 30).

Conforme afirmação feita acima, o rito pode tanto induzir as pessoas a dele participarem quanto a serem por ele excluídas. Isso ocorre, principalmente, porque a liturgia da comunidade, justamente com todo o complexo litúrgico, se manifesta mediante uma língua específica, o chamado eslavo litúrgico, substituída pela língua ucraniana moderna em função da sua continuidade histórica. Como já se indicou, o complexo litúrgico foi introduzido no território de Rus’ no século IX, durante reinado de Valdomiro, o Grande:

...quando chegamos à Grécia, os gregos nos conduziram para ver o seu culto, cheio de esplendor, incenso e belos cantos, e nós ficamos tão embebecidos que não sabíamos se estávamos no céu ou na terra. Porque não existe na terra tanto esplendor e tanta beleza, e nós não sabemos nem como descrevê-lo. Sabemos apenas que o seu culto é melhor que os cultos de outros países. Porque não podemos esquecer toda aquela beleza... acrescentamos a esse esplendor, a nossa língua...(A saga dos tempos antigos, 1988, p. 46).

Uniu-se, então, a partir do século IX, a língua ucraniana com o rito grego ou bizantino. Assim, um dos dialetos do ucraniano passou a integrar todo o cerimonial religioso católico-ucraniano, enquanto os demais católicos do mundo utilizavam rito e língua próprios. Com as imigrações, expandiu-se e recriou-se, no mundo e em terras brasileiras, o caráter original bizantino-eslavo do cristianismo ucraniano, que se fortaleceu consideravelmente. Sobre essa historicidade, explica Bourdieu (1992, p. 30):

Para que o rito se perpetue e funcione como pede a tradição, existe o

aparelho religioso composto por especialistas incumbidos de assegurar a produção, a reprodução, a conservação e a difusão dos bens religiosos, como também a eficácia simbólica dele mesmo, conforme a tradição herdada dos antepassados.

A princípio foram os próprios imigrantes ucranianos que o praticaram em terras brasileiras. Posteriormente, os religiosos pertencentes a esse universo referencial, vindo diretamente da Ucrânia, incumbiram-se da reprodução e da implantação do rito na região. A manutenção, no entanto, foi possível principalmente porque, traduzido em práticas litúrgicas, ele teve a função de preservar o próprio complexo litúrgico. Sobre esse aspecto Hanicz (1996, p. 23) salienta que:

O rito pode ser visto como um poder simbólico que ideologicamente produz e atribui significados de legitimidade ao aparelho religioso. Por sua vez, o aparato religioso incumbido da produção dos bens de salvação nele encontra sustentação. É um pressuposto necessário para definir os limites religiosos e étnicos daquele grupo, bem como se definir no interior do grupo.

A sólida auto-diferenciação étnica ucraniana estabeleceu-se, na região, basicamente mediante o rito e a religião, seguida pela manutenção da língua de origem. Essa afirmação tem por base, por exemplo, a seguinte situação:

- Entrevistador: *as suas filhas casaram com alguém que não é ucraniano?*
- Entrevistado: *Sim.*
- Entrevistador: *O que ele é?*
- Entrevistado: *Evangélico (Entrevista n. 20, 1997).*

O genro é tão ucraniano quanto a filha, porém, na concepção da sogra, por não pertencer mais ao rito e à religião católica-ucraniana, deixou de ser descendente de ucraniano. Por outro lado, se alguém continua a pertencer à religião católica-ucraniana, mas já não domina a língua ucraniana, é considerado da seguinte forma:

... hoje são tudo uns ucranianos de "meia-tijela". Vão na igreja e até participam da missa em ucraniano, mas nem sabem o que estão dizendo.. (Entrevista n. 25, 1997).

A importância capital do rito, na manutenção da auto-diferenciação étnica e, por extensão, na preservação da língua ucraniana em Prudentópolis, pode ser verificada também através da situação lingüística em que se encontram os demais grupos étnicos que aí se instalaram aproximadamente na mesma época do grupo étnico em estudo. Nenhuma dessas outras comunidades, cujos descendentes ainda se encontram na região, manteve a língua de origem dos antepassados. Havia, inclusive, outros grupos étnicos religiosos, como anteriormente relatado, o dos alemães luteranos, que também são, atualmente, monolíngües em português, embora continuem a praticar a religião de seus antepassados. Todos abandonaram a língua de origem tão logo foram adquirindo os valores culturais do país de adoção. Os italianos, por exemplo, e muitos poloneses, na medida em que se juntaram aos católicos nacionais, tenderam a dissolver os limites étnicos do grupo e agregaram-se às comunidades autóctones ou a outras da região em estudo.

Em síntese, o rito ucraniano-católico desempenhou, em Prudentópolis e na comunidade de fala ucraniana, todas as funções que se podem atribuir a ele: o de vincular os imigrantes a seu passado cultural, aglutiná-los em seu novo *habitat* e vinculá-los, através do culto, à conservação dos costumes, da tradição e, principalmente, à preservação da língua ucraniana, uma vez que foi através de um dos seus dialetos que todo o universo religioso passou a ser representado:

... eu não sei o nome daquela oração que se faz na Sexta-feira santa para os finados, em português. Só sei em ucraniano... Eu só sei rezar e cantar canto de igreja em ucraniano... (Entrevista n. 12, 1997).

O missal e todos os livros litúrgicos, após adoção da língua ucraniana moderna como língua do ritual, continuam ainda redigidos em ucraniano. E é através deles que as crianças, ucranianas ou descendentes, são catequizadas, atualmente. Assim, todas as celebrações religiosas ocorrem em língua ucraniana moderna. A pompa e o esplendor que caracterizaram o rito, desde sua origem, continuam a integrar a liturgia, exatamente conforme a descrição acima. Isso ocorre pelo menos uma vez por semana, no Domingo, na celebração da missa das 10 horas.

Nas missas em que há sermão, é feito, inicialmente, em ucraniano, e seguido por outro, em português. Mas um não é a versão do outro. O

tema é o mesmo, mas a construção textual e os conteúdos diferem. Pode-se deduzir daí que, os representantes da igreja já estão cientes que seus paroquianos, descendentes de ucranianos e outros, são bilíngües e ou monolíngües em português. Os avisos são todos dados em português. Em outras localidades, como em Curitiba, já há celebrações litúrgicas totalmente em português. Nos Estados Unidos e no Canadá, são raros os rituais religiosos feitos em língua ucraniana (Entrevista n. 4, 1998).

5.2 – O CALENDÁRIO

A manutenção de calendário próprio foi um dos fatores detectados que mais nos chamou atenção, na comunidade. Observa-se, através disso, o quanto o grupo ainda recusa o contexto sociocultural brasileiro ou nele não se quer inserir. Por outro lado, tal manutenção foi possível porque a maioria deles eram e ainda são agricultores, cuja mão-de-obra foi e ainda continua sendo basicamente familiar. Sendo assim, podem seguir o calendário próprio, em que o ritmo social é definido em função da liturgia. Le Goff (1994, p. 485) considera o calendário um objeto marcadamente sociocultural:

...o calendário, objeto científico, é também um objeto cultural. Ligado a crenças, além de a observações astronômicas (as quais dependem mais das primeiras do que o contrário), e não obstante a laicização de muitas sociedades, ele é, manifestadamente, um objeto religioso. Mas, enquanto organizador do quadro temporal, diretor da vida pública e cotidiana, o calendário é sobretudo um objeto social.

Assim, podemos considerá-lo como um dos elementos que reforçam a tendência corporativista etnorreligiosa que o grupo, em descompasso com a realidade sociocultural brasileira (Hanicz, 1996; Andrezza, 1996) insiste em manter. Por exemplo, os dias consagrados aos santos ucranianos, são rigorosamente reverenciados pelos integrantes da comunidade de fala ucraniana, porém os demais grupos étnicos ali residentes, não os reverenciam. É comum, na região, algumas casas comerciais estarem fechadas, enquanto outras têm expediente normal. A Secretária Estadual de Educação teve que se adaptar a essa realidade e criar um calendário especial para o município (Entrevista n. 38, 1997). Outras diferenças no calendário afetam as festas do ciclo natalino e do

ciclo pascoal. Essas, como as demais, provocam alterações no ritmo cotidiano dos descendentes de ucraniano, diferenciando-se das práticas religiosas do catolicismo brasileiro. O dia de finados, por exemplo, é reverenciado no primeiro domingo após a páscoa; e os festejos ditos “carnavalescos” ocorrem a partir do domingo de Páscoa, etc.

5.3 - RITUAIS ETNORRELIGIOSOS MANTIDOS NA COMUNIDADE

A igreja ucraniano-católica não só aceita e reconhece o sistema cultural dito profano, como também o absorveu em favor de sua legitimidade. Na verdade, essa organização usa o sistema religioso e o cultural para articular a própria legitimação. Em função disso, constata-se, em todas as festividades, quer religiosas, quer profanas, a junção desses dois pólos, através da preservação dos índices pagãos de reverência às forças da natureza.

Devido à diferença na ocorrência das estações do ano entre o Brasil e a Ucrânia, muitas festividades são praticadas em épocas que nos parecem estranhas e desconexas. Talvez, em função disso, alguns entrevistados revelaram desconhecer o real significado de muitos dos rituais praticados:

... a explicação eu não sei, mas a mãe sempre comemorava na casa né...então sei lá, eu tenho dó de deixar de fazer né... a mãe dizia que sempre a vó fazia né, daí nós comemoramos... (Entrevista n. 21, 1997).

... e daí depois que eles dançam, eles jogam pra cima, em cima da casa aquela coroa. Só não sei o que que significa né, que ela tem que ficar em cima do telhado até cai sozinha... (Entrevista n. 23, 1997).

... nós cantamos kolhomeicas em ucraniano e fazemos brincadeiras no pátio da igreja, três dias. Não sei porque, só sei que aqui em Prudentópolis ficou conhecido como o carnaval do ucranianos... (Entrevista n. 30, 1997).

5.3.1 - Um casamento típico

No interior do município ainda acontecem casamentos típicos ucranianos, embora na sede urbana se tornem bastante raros. Observamos a realização de um evento dessa natureza, em novembro de 1997.

Os noivos eram ambos de origem ucraniana, procedentes de famílias tradicionais e de posses, residentes em Tijuco Preto, núcleo rural localizado no sul do município. O local é conhecido como um dos centros de manutenção dos índices culturais ucranianos. O cerimonial teve início com o presentear de um pão à família da noiva, pela família do noivo. Os pais dos noivos despediram-se dos filhos na casa da noiva e ali os abençoaram — tudo em língua ucraniana, assim como as saudações entre os convidados. Deu-se início ao ritual religioso com o celebrante dirigindo-se à porta da igreja e aí interrogando os noivos quanto ao desejo de firmarem ou não o compromisso. Diante da resposta afirmativa, a cerimônia religiosa teve início. É uma cerimônia especial, toda em ucraniano, com muito incenso, muitos cantos e diálogos entres os celebrantes, platéia e coadjuvantes. O sermão, inicialmente em ucraniano e, posteriormente, em português seguiu a tendência atual: não foram iguais. O tema foi o mesmo, mas os conteúdos e a apresentação divergiram. O primeiro foi bem mais longo do que o outro, como sucede na missa dominical da igreja ucraniana São Josefát, localizada na sede urbana. O celebrante colocou uma coroa verde, feita de ervas, na cabeça dos noivos, simbolizando a união de um príncipe e uma princesa. A cerimônia religiosa terminou com a noiva e sua mãe sendo encaminhadas ao altar de Nossa Senhora, localizado à direita da igreja. Ali, a filha, ladeada pela mãe, recebeu uma benção especial: para que a futura mãe desenvolva prole. O ritual da benção também foi feito em ucraniano pelo celebrante e assim respondido pela noiva.

Como casar e festejar parecem indissolúveis, nos casamentos realizados no interior do município, seguiu-se, no pavilhão do pátio da igreja, um almoço bastante concorrido, mas não típico: bem brasileiro, com churrasco e pratos afins. As músicas, algumas do folclore ucraniano e outras bem brasileiras, foram executadas no aparelho de som. Na mesa principal, onde almoçaram os noivos, foi colocado um símbolo sempre presente nos casamentos típicos: o korovai. É um pão grande, arredondado, coberto por símbolos da natureza representativos da união e da fertilidade. Por exemplo, no centro do pão havia uma árvore, simbolizando a vida agrícola. Os noivos circularam em torno da árvore, dançando, e seguraram ou puseram no corpo muitos dos símbolos do korovai; segundo a tradição, estavam prontos para dar bons frutos. Todos receberam um pedaço deste pão. A seguir, deu-se início ao baile, no

mesmo pavilhão da igreja, com músicas não-ucranianas e conjunto de som mecânico.

No Domingo, como é de costume, houve o “repique”, isto é, a festa continuou sem a participação dos noivos. Entre os convidados havia muitos religiosos, políticos, seminaristas, pessoas da comunidade, da sede urbana, de outras comunidades do município e de outros municípios: imigrantes ucranianos, descendentes de ucranianos e muitos convidados de outras etnias. As crianças e os jovens conversavam somente em português; os religiosos, seminaristas, políticos e jovens casais, ora em ucraniano, ora em português, ou só em português; os mais velhos falavam, entre eles, em ucraniano, porém, com os netos e com estranhos utilizavam o português. Esse evento sintetiza basicamente a situação demográfica, sociocultural e lingüística verificada na região: uma mistura étnica de descendências e uma recriação do universo sociocultural ucraniano, já bastante adaptado à realidade brasileira. Nos atos de fala predominou a língua portuguesa, enquanto a língua ucraniana foi utilizada no cerimonial, nos diálogos entre pessoas mais velhas e religiosos, nos ditos jocosos e nas saudações de modo geral.

Na verdade o que vem ocorrendo hoje é uma grande integração de costumes e culturas, mas nem por isso o tradicional perdeu o seu poder simbólico.

5.3.2 – O período pascoal

O período pascoal inicia algumas semanas antes da Grande Quaresma², acompanhado de jejum e penitência, ações atualmente executadas quase que exclusivamente pelos mais velhos. São eles também que consideram ainda esse período como tempo de purificação e, em função disso, procuram confessar-se amiudamente, fazendo-o em língua ucraniana. Além disso, praticamente toda a família frequenta os rituais “especiais” próprios desse tempo, como a Matina das Prostrações, a Matina da Paixão e a leitura dos Doze Evangelhos, na Quarta-feira Santa, e a Matina de Jerusalém, na Sexta-feira Santa. Todas as pessoas que entre-

² Para a tradição eclesiástica religiosa ucraniana não existe a Quarta-feira de Cinzas, nem tampouco a distribuição das Cinzas nesse dia. A Grande Quaresma tem início na Segunda-feira, do carnaval (Hanicz, 1996, p. 125).

vistamos, de origem ucraniana e inclusive de outras etnias, ignoravam a denominação, em português, dos rituais que citamos. O complexo litúrgico do período pascoal é efetivado, exclusivamente, em língua ucraniana, na igreja de São Josefat de Prudentópolis. Por se tratar de cerimônias especiais, o povo, embora presente, não mais participa dos inúmeros diálogos cantados. Observamos que a interação lingüística foi basicamente efetivada por religiosos.

A organização religiosa católico-ucraniana local e a comunidade de fala ucraniana em estudo, no decorrer do tempo, recriaram, na região, uma atmosfera pascoal de tal forma envolvente que impregnaram e agregaram outras etnias e religiões. Seguidamente há pessoas de outros estados ou países acompanhando o ritual da páscoa de Prudentópolis. É representativo disso o seguinte depoimento:

...aqui em Prudentópolis, principalmente na época da Páscoa, isso aqui vira uma Ucrânia total. Minhas netas que não tem nada de sangue ucraniano, nessa época, principalmente, cantam em ucraniano, rezam em ucraniano, fazem pêsankas, tudo como se fossem netas de ucranianos. Eu sou brasileira, neta de índio, brasileira mesmo. Meu filho não vai na igreja brasileira. Meu filho mais velho usa as camisas de vocês e vai na igreja ucraniana em Curitiba. Nenhum dos meus filhos é casado com ucraniana e, olha... cantam, dançam em ucraniano. Meus filhos e meus netos... (Entrevista n. 3, 1998).

Observa-se, por esse depoimento, que, ao invés de o grupo étnico ucraniano assimilar índices do universo sociocultural da terra de adoção, são os nacionais e outros grupos étnicos que revelam assimilação dos valores culturais ucranianos, quer religiosos, quer profanos. Essa assimilação se explica, inicialmente, pelo maior número de ucranianos na região; em segundo lugar, porque tanto a religiosidade quanto o ritual relativo ao período da páscoa permanecem extremamente vivos, assumindo características míticas entre os prudentopolitanos. Nesse período, a religiosidade e a ucraniedade se atualizam e manifestam plenamente. Dessa forma, tendem a se eternizar miticamente. A cidade e o interior literalmente param, desde a Quinta-feira Santa, até segunda-feira, após o Domingo de Páscoa.

A Sexta-feira Santa é, sem dúvida, o ápice da realização da quaresma ucraniana. Após o complexo litúrgico específico do dia, com um pe-

queno sermão em português, seguido de longo sermão em ucraniano e avisos em português, ocorre uma procissão em volta da igreja, três vezes, e, em seguida, a adoração do Santo Sudário³. Um ícone de Jesus no sepulcro é colocado em frente ao ikonostás⁴, sendo vigiado, por 24 horas ininterruptas, por soldados cossacos⁵. Os fiéis, individualmente, se aproximam do Sudário ajoelhados e ali, em atitude de extrema prostração, benzem-se inúmeras vezes, rezam e beijam as cinco chagas de Jesus Cristo. A igreja permanece aberta durante as 24 horas, toda escura, porque todas as janelas são cobertas por panos escuros. Com poucas velas e poucas lâmpadas acesas, dá-nos a impressão de que não há mais vida, nem esperança no recinto. Não comer nada o dia inteiro, passar o dia e a noite em vigília ao Santo Sudário fazem parte das manifestações penitenciais de muitos prudentopolitanos. No sábado ocorre a benção da “Paska”⁶. Centenas de fiéis, descendentes ou não de ucranianos, se dirigem para a igreja e, no pátio, com suas cestas, aguardam o ritual da benção dos alimentos, feita também em língua ucraniana (Anexo 12). Geralmente, a cesta contém, além da “Paska”, outros alimentos, como sal, manteiga, requeijão, carne assada, “khrin” (raiz forte), toucinho, “pês-sankas” (ovos pintados). Os alimentos bentos devem ser consumidos pelo grupo familiar no Domingo de Páscoa. Nesse dia, a progenitora arruma os alimentos bentos na mesa e, com toda a família reunida, após o chefe da família fazer as orações em ucraniano, consomem os alimentos benzidos na véspera. O cerimonial da Semana Santa termina com nova procissão em torno da igreja. Enquanto o povo acompanha o padre na procissão, por três vezes, as luzes voltam a iluminar o interior do templo, significando que Jesus já ressuscitou e assim simbolizam a volta da vida e da esperança. Através disso, sugerem também que o tempo de contrição e penitência teve seu fim. Segue-se a missa da Ressurreição, que se reveste de luz e alegria, apresentando o próprio complexo litúrgico essas características.

³ Santo Sudário: é um ícone de Jesus no sepulcro. Não é comum entre os ucranianos a adoração do Cristo morto (Hanicz, T. 1996, p. 127).

⁴ “Ikonostás”: parede de ícones, presente em todas as igrejas católicas-ucranianas.

⁵ Soldados cossacos: jovens da comunidade, pertencentes ao grupo de dança Vesselka, vestidos com trajes típicos ucranianos, a dos soldados cossacos.

⁶ “Paska”: tipo de pão especialmente preparado e ornamentado para ser bento e consumido no dia da Páscoa (Hanicz, T. p. 148).

A saudação entre os católicos ucranianos passa a ser, a partir da ressurreição “Khrêstós Voskrés”⁷ (Cristo ressuscitou) e recebem como resposta: “Voïstynu voskrés” (em verdade ressuscitou). Essa forma de cumprimento é acompanhada por abraços e demonstrações de alegria, conforme ocorrera em Jerusalém, quando todo mundo saiu gritando ou anunciando com alegria que Cristo tinha ressuscitado (Entrevista n. 7, 1997).

Ao observarmos esse evento como um todo, podemos afirmar que, pela freqüência com que os prudentopolitanos e outros vieram para igreja ucraniana católica, no período pascoal de 1998, não necessariamente pela participação no ritual litúrgico, e pela reverência que demonstraram ter em todo o ritual apresentado pela igreja, durante o período, o complexo litúrgico que envolve a quaresma ucraniana católica, se não perpetuar-se em Prudentópolis, se conservará ainda por longo período de tempo. Possivelmente tenha que ser traduzido para o português, conforme observações feitas anteriormente, enquanto o complexo litúrgico e mitológico, com certeza, permanecerá.

No Domingo de Páscoa, após o almoço festivo com a família, a comunidade de descendentes de ucranianos e outros simpatizantes voltavam ao pátio da igreja e aí promoviam brincadeiras folclóricas ucranianas, denominadas de “Haiukas”. Eram antigos rituais populares de celebração à primavera, comemorados nas aldeias de origem, trazidos e reproduzidos no Brasil. Hanicz (1996, p. 149) assim justifica a presença desses rituais junto aos festejos do período pascoal:

Com o advento do cristianismo, esses rituais populares foram cristianizados e passaram a fazer parte dos rituais da Páscoa cristã. A simbologia popular aos poucos foi tomando novas formas de interpretação e ganhando espaço dentro do cristianismo (Hanicz, 1996, p. 149).

Em Prudentópolis, as “Haiukas” já atraíram muitos participantes. Os ucranianos ensaiavam, por longo período, os cantos folclóricos de saudação à primavera e os símbolos decorrentes desse evento. A alegria e a irreverência estendiam-se por três dias: Domingo de Páscoa, Segun-

⁷ Todas as palavras em ucraniano constantes no presente estudo foram transcritas, conforme o modelo já publicado na imprensa.

da e Terça-feira, seguintes. Em função disso, as “Haiukas” popularmente ficaram conhecidas, no município, como a realização do carnaval dos ucranianos. Atualmente são poucos os participantes. Segundo os organizadores, sempre religiosos, os jovens já não participam dos ensaios e, por isso, não sabem mais os cantos populares ucranianos. Além disso, são raros os jovens descendentes de ucranianos que sabem ler ou cantar em ucraniano, o que dificulta ainda mais a preservação dessa festividade folclórica. O depoimento abaixo confirma nossas observações:

...antes as famílias voltavam para a igreja e no pátio, brincavam, cantavam as canções populares ucranianas. Hoje o povo participa, mas não cantam mais, o povo esqueceu as canções; os mais novos não aprenderam e não querem aprender, não vão nos ensaios. Então ficou um negócio meio sem sal... (Entrevista n. 22, 1997).

A partir da década de 1990, ao invés de três dias de brincadeiras, a celebração se reduziu à tarde de Domingo de Páscoa, após o almoço. Os religiosos é que comandam todo o desenvolvimento das brincadeiras. Muitos dos cantos e folguedos próprios das “Haiukas” foram mantidos intactos, conforme chegaram aqui, com os primeiros imigrantes ucranianos. Na época em que saíram da Ucrânia, esse costume era bastante comum, principalmente na Galícia. Assim, muito da literatura que eles trouxeram para a região era oral; hoje, documentada ali, tornou-se, por vários motivos, inédita na Ucrânia e conseqüentemente, desconhecida dos ucranianos de lá. Tal situação aconteceu porque, no país de origem, por aproximadamente um século, muitas festividades ucranianas populares foram rigorosamente proibidas, desprestigiadas e, por isso, deixaram de ser documentadas ou preservadas. Após a independência da Ucrânia, uma comissão de estudiosos veio ao Brasil e, principalmente a Prudentópolis, para ali coletar, documentar e reavivar muito dos índices culturais ucranianos, somente mantidos pela comunidade de fala ucraniana do local. Assim, o ideal de refundar a pátria de origem, onde quer que estivessem, e de manter os índices referenciais sempre atualizados, se concretizaram plenamente na comunidade em estudo. O quadro socio-cultural detectado nos leva a afirmar que os imigrantes realmente refundaram o mundo ucraniano em terras brasileiras, pois, além de satisfazerem às suas necessidades básicas de sobrevivência, reorganizaram o novo mundo social e religioso a partir das experiências socioculturais que trouxeram do país de origem. O universo sociocultural que a nova

terra lhes oferecia, no entanto, demorou praticamente um século para envolver os descendentes ucranianos residentes em Prudentópolis.

No domingo seguinte ao de Páscoa, eles reverenciam seus mortos, dirigindo-se, em procissão ao cemitério ucraniano, onde o padre faz orações em ucraniano, diante de cada uma das sepulturas presentes. De volta à igreja, em procissão, novos rituais litúrgicos são realizados. À tarde, os folguedos primaveris continuam no pátio da igreja, encerrando assim o período pascoal. Esse último evento, dos folguedos primaveris, não mais acontece em Prudentópolis.

5.3.3 - O ciclo natalino

O ciclo natalino tem início a partir de 6 de dezembro, com a comemoração a São Nicolau, o papai noel dos ucranianos. Essa festa é organizada pelas professoras da escola Paroquial Nossa Senhora do Patrocínio⁸, pertencente à organização religiosa ucraniana. As professoras, todas religiosas, aproveitam a data para fazer o encerramento das atividades educativas relativas à etnia, desenvolvidas durante o ano letivo, tais como aulas de canto, de dança, de bandura e aulas de língua ucraniana voltadas, evidentemente para a religião. Nesse dia então, os alunos da referida escola apresentam músicas folclóricas ucranianas, cantadas ou tocadas no instrumento típico ucraniano, a bandura (Anexo 13); os grupos folclóricos infantis apresentam números de danças; os alunos de ucraniano declamam, cantam e apresentam pequenas peças teatrais. Assim, desde a infância, mesmo que os pais não tenham ensinado a língua ucraniana em casa, a organização religiosa local dá oportunidade para que eles conheçam a língua e a cultura dos antepassados. A comemoração a São Nicolau, geralmente festejado em um Sábado à noite, é antecedida de uma viagem para outra comunidade ucraniana, efetivada em um domingo anterior. Observamos a realização desse evento em 1997.

⁸ Em 1998, matricularam-se e freqüentavam as atividades culturais ucranianas na Escola paroquial Nossa Senhora do Patrocínio, 160 alunos. São crianças e jovens descendentes de ucranianos ou, atualmente, pertencentes a outras etnias. A grande maioria, se não todos, já não adquirem a língua ucraniana como L1. Desta forma, os alunos passaram a ter aulas particulares de língua e de cultura ucraniana. As aulas de língua ucraniana são ministradas aos sábados, das 13 horas às 16 horas. As aulas de cultura ucraniana como canto, bandura e dança acontecem também durante a semana. A faixa etária varia de 8 a 16 anos de idade. Entrevistamos o grupo de alunos que freqüentava as aulas e a grande maioria nos disse que estava ali porque os pais exigiam ou porque querem participar do grupo de danças do Vesselka.

Nesse ano, os alunos e os professores, acompanhados dos respectivos familiares, foram a Guarapuava. Após participarem da missa e de um almoço festivo, os alunos apresentaram para a comunidade de origem ucraniana de Guarapuava aquilo que lhes ensinaram sobre a cultura ucraniana, durante o ano letivo. As duas apresentações, na cidade que visitam e na noite de São Nicolau, são feitas totalmente em ucraniano. Observamos que a maioria dos alunos, com idade entre 6 e 16 anos, todos residentes na sede urbana de Prudentópolis, não demonstrou real competência comunicativa em língua ucraniana. Repetiam automaticamente as estruturas lingüísticas que lhes foram passadas durante o ano letivo, demonstrando um não-uso funcional da língua étnica no contexto comunicativo diário. Demonstraram, por outro lado, dons excepcionais como dançarinos e como banduristas, na apresentação de danças e de músicas folclóricas.

Mesmo sendo a noite dedicada à cultura ucraniana, não ouvimos nem presenciemos, na platéia, atos de fala em ucraniano. A língua portuguesa foi a única utilizada por todos. E isso, não apenas nessa festividade, mas em outras que observamos e que são consideradas como típicas da cultura ucraniana. A língua funcional utilizada é a portuguesa, pelo menos na sede urbana de Prudentópolis.

A noite dedicada a São Nicolau encerrou-se com a entrega de presentes para todos os alunos e professores da escola paroquial e pessoas da comunidade.

Terminado o período letivo, a comunidade de fala ucraniana se prepara para o Natal.

... o nosso Natal hoje é mais misturado e parecido com o Natal dos latinos, enquanto a Páscoa não... (Entrevista n. 15, 1997).

O entrevistado revela ter consciência da lenta penetração dos índices socioculturais da terra de adoção em alguns dos eventos que a comunidade de fala ucraniana comemora. Constatamos essa realidade na atualização do evento denominado de “Sviatei Vétchir” (Tarde Santa)⁹,

⁹ Conforme a tradição ucraniana mais remota, O “Sviatei Vétchir” é uma festa agrária que reúne costumes e crenças populares muito antigas. Essa festa, que era uma saudação ao novo ano solar, com o passar dos séculos, fundiu-se aos rituais cristãos do nascimento de Jesus. As pessoas, cujas vidas

que é comemorado na véspera do Natal. De acordo com a tradição, todos deveriam jejuar nesse dia. A família reunida e, em reverência, deveria se ocupar da limpeza de toda a propriedade, da execução dos 12 pratos¹⁰ especiais, predominantemente vegetarianos, preparados para a ceia; a casa deveria ser ornamentada com muitos amuletos do campo, como trigo, feno, palha de trigo, etc. Embora todas as pessoas entrevistadas (166), quer da sede urbana, quer do interior do município, tenham-se referido a esse evento como tradição ainda mantida por eles, a forma como está sendo atualizado revela mudança de hábitos culturais em andamento. Conforme aponta o depoimento acima, os mais velhos ainda se mantêm mais próximos do real significado do evento, limpam a propriedade com esmero, enfeitam a casa com muito trigo, jejuam, ouvem ou cantam “kolhadás”¹¹, deixam a comida na mesa para que seus antepassados mortos venham alimentar-se durante a noite. Mas a maioria da atual geração de descendentes de ucranianos de Prudentópolis apenas mantém os aspectos festivos que o evento incluía, como, por exemplo, a ceia farta com doze pratos típicos ucranianos, a reunião da família, os cantos e as orações de agradecimento. Porém, entre os pratos típicos, observamos a presença de carne assada, bebidas e músicas brasileiras, e, conseqüentemente, da língua portuguesa, quase absoluta. O depoimento abaixo exemplifica as colocações deste parágrafo:

...a gente se reúne e faz os 12 pratos; mas os genros vêm trazer bebida, assam churrasco e começam a comer carne e beber e fica aquela algazarra

estavam estritamente ligadas à natureza, acreditavam que quando o sol se voltava para a primavera, tudo se renovava, inclusive os mortos vinham visitá-los, os animais se transformavam, a natureza se revestia de luz e vida... Assim eles também podiam conseguir sorte, riqueza e paz para o ano vindouro... Dessa forma, a ceia era o símbolo de riqueza, prosperidade e abundância (Hanicz, T. 1996, p. 138).

¹⁰ Os 12 alimentos significam os 12 meses do ano. Uma interpretação cristianizada associa os 12 alimentos aos 12 apóstolos, cuja simbologia não tem nada a ver com os discípulos de Jesus. De acordo com a antiga tradição ucraniana, ei-los: 1° - “Kutiá”: trigo cozido mistuado com mel e açúcar; 2° - “Kapusniak”: repolho preparado com óleo de girassol; 3° - Pêras secas; 4° - “Borščth”: sopa de beterraba com cogumelos secos; 5° - Peixe frito; 6° - “Varéneke”: pastel com ameixas secas e cerejas; 7° - Cereais cozidos: sêmola de trigo sarraceno ou semente de milho; 8° - Perohê: pasteizinhos recheados com requeijão, ou batata, ou feijão; 9° - “Uzvar”: caldo de frutas cristalizadas; 10° - “Holuptsi”: charutos de repolho; 11° - “Kolach”: pão tradicional; 12° - “Palianeste”: uma espécie de torta. (Krokosz, 1992, p. 13-14).

¹¹ “Kolhadá”: é o nome que se dá aos hinos cantados durante o ciclo natalino. A palavra “kolhadá” pode ser uma corruptela do Grego “kalendai” que significa o Ano Novo. O verbo “kolhaduvate” é muito usado entre os descendentes ucranianos para designar a ação de cantar hinos natalinos. Os ucranianos e descendentes de ucranianos de Prudentópolis não dizem “cantar nas casas” mas kolhaduvate.

ra antes de ir na missa. Daí a gente reza e canta, mas não é como antes que a gente ficava em volta da mesa cantando e o pai tocava violino até o sino tocar... (Entrevista n. 26, 1997).

A presença de indivíduos de outros grupos étnicos tende a provocar desacertos e gerar crises no seio das famílias tradicionais, para as quais a aceitação dos índices culturais da terra de adoção pode ser dolorosa. Observa-se, então, como já dissemos, que o tradicional ainda não perdeu o seu poder simbólico na região em estudo.

A partir da missa em comemoração ao nascimento de Jesus, uma grande festa toma conta da família ucraniana, a qual, segundo a tradição, deveria se prolongar até a epifania. Algumas famílias ainda a mantêm.

Durante o período natalino, a comunidade católica saúda-se dizendo “Khrêstós Rodêvsia” (Cristo nasceu!), e o saudado responde “Slavimo Ióhó” (Gloriemo-lo). Assim, no dia-a-dia, é revitalizada a religiosidade do grupo.

Detectamos a presença de outra tradição natalina ucraniana, rigorosamente mantida pelos integrantes da comunidade. Na noite de Natal ou na manhã do dia 25 eles realizam a popular “kolheduvate”, em que um grupo, incluindo crianças, jovens e adultos, às vezes após longos períodos de ensaios, jornadeiam de casa em casa, cantando o Nascimento de Jesus, a vida familiar e a religiosidade ucraniana. As músicas e os cantos, em ucraniano, pertencem ao cancionário religioso desse grupo étnico. Alguns foram coletados em fins do século XIX, na Ucrânia; porém, a grande maioria delas chegou à região via oral. Posteriormente transcritos, foram mantidos pelo grupo. Segundo Boruszenko (1998), muitas dessas músicas e dos cantos executados atualmente em Prudentópolis são inéditos na Ucrânia atual, conforme explanação acima. Nas visitas feitas pelo grupo de seresteiros misturam-se símbolos e sentidos sacros aos símbolos sociais, porque tais visitas reforçam e reavivam, de modo geral, a rede de solidariedade e de sociabilidade inicial, instaurada através das vilas rurais da região. Segundo Hanicz (1996), o evento traz em si a marca do sagrado e do profano. É um encontro que proporciona uma economia de trocas entre os diversos agentes sociais nele incluídos. Embora as cantigas tenham todas, de modo geral, fundo religioso, não existe regra, esquema ou nenhuma restrição de qualquer ordem so-

cial ou religiosa para a formação do grupo, não sendo, também, controlada pela organização religiosa. Observamos, na ação dos participantes, a presença consistente das causas que favoreceram a preservação do capital sociocultural na comunidade: a certeza de que a manutenção e a fidelidade à tradição exige que o grupo se reúna e se organize. Foi esse, aliás, o principal elemento que tornou possível a conservação de vários índices de uma cultura minoritária por período tão longo. O depoimento a seguir reforça o caráter sociorreligioso do evento:

Nós temos o nosso costume aqui, no dia do Natal. Nós reunimos o nosso grupo, que é por bairro, até por sinal o nosso grupo é o maior grupo da cidade. Reúne-se uma média de 22 a 25 pessoas. Vamos de casa em casa, felicitando o ajures, o nascimento de Jesus. Cantamos tudo em ucraniano, quando a casa é de ucraniano. Daí o dono da casa recebe a gente. Tem uns que nós só conversamos nessa época. Nós visitamos também as casas que é dos português, dos brasileiros. Então nós temos ... sempre um que diz um verso, felicitando Cristo, em brasileiro né... e nos ucranianos, tudo em ucraniano ... Mas é pareio... Quem quer tanto faz brasileiros, ucranianos, nós chegamos em todos eles... só mesmo quem não quer, mas esses são poucos aqui em Prudentópolis (Entrevista, n. 25, 1997).

Verifica-se na fala do informante que o “Kolheduvate”, que atualmente avança para além do grupo ucraniano, há uns 20 anos estabelecia uma linha divisória entre os grupos étnicos residentes na região. Além disso, o depoente se refere à casa dos portugueses como etnia, mas, na verdade, a referência deveria ter sido feita como a casa onde o proprietário fala português e, por isso, não sabe ou não usa a língua ucraniana em casa. Constata-se que a questão religiosa, vinculando etnia e língua, formam elo indissolúvel, para o grupo em estudo. De modo geral, obtêm-se, por esse depoimento, um perfil sobre a convivência interétnica atual na região, onde as trocas de bens simbólicos estão se efetivando plenamente.

Na observação do evento constatamos que os atos de fala entre uma casa e outra, e entre um e outro canto, foram realizados, predominantemente, em português. Já os cantos, as saudações e alguns diálogos entre pessoas mais velhas realizaram-se em ucraniano.

A rede de amizade e solidariedade, reavivadas durante o ciclo natalino, se expandiram para além do grupo étnico ucraniano em função da

novena de Natal. Esse evento é todo executado em língua portuguesa, na região e na comunidade de fala ucraniana. Representa um dos costumes populares das famílias católicas brasileiras, assimilado e executado pela comunidade ucraniana católica, nos últimos anos. Considerando que esse costume não fazia parte do repertório religioso e tradicional trazido da Ucrânia e que, além disso, os costumes ucranianos avançaram para além dos seus limites étnicos, pode-se confirmar a ocorrência da troca de bens simbólicos, que é bastante ampla na região, por envolver intercâmbio nos níveis social, religioso, lingüístico e cultural. E, ainda, a partir dessas constatações, afirmamos que o ciclo natalino favoreceu a penetração da cultura brasileira, enquanto o ciclo pascoal estabeleceu e ainda preserva os limites bem delineados entre os grupos étnicos que viveram e vivem hoje em Prudentópolis. Além disso, o capital simbólico religioso ucraniano do período pascoal foi assimilado e é reverenciado por outros grupos étnicos que residem ou residiram na região em estudo.

Fazem parte dos festejos religiosos natalinos a bênção das águas e a bênção das casas, que se denomina “Iordán” e acontece durante todo o mês de janeiro. A primeira, realizada em 6 de janeiro, tem ritual próprio e já conseguiu reunir a comunidade prudentopolitana, católicos ucranianos e católicos de modo geral. Pela participação, reflete um momento de forte expressão religiosa e popular, na região. Quanto às bênçãos dadas às residências, segundo depoimentos, alguns padres católicos ucranianos visitam todas as famílias católicas: quer descendentes de ucranianos, quer de outras etnias, fazem orações, aspergem água benta em todos os cômodos da casa e também na propriedade. Dessa forma, eles conseguem estabelecer um exemplo de convivência pacífica na região, após mais de um século de manifestações marcadamente xenofóbicas e, portanto, expressivas de conflitos interétnicos. Outros religiosos, no entanto, visitam somente as residências dos próprios paroquianos.

Para a organização religiosa, esse evento possibilita observar “in locu” a real situação econômica, social, religiosa e lingüística do seu grupo etnorreligioso. A partir da observação empírica, efetuada em cada uma das residências visitadas, a organização traça metas que deverão ser cumpridas dentro de prazo previamente estipulado. Muitas delas se concentram naqueles elementos que são capazes de favorecer a manutenção

e-ou expansão do capital sociocultural e religioso do grupo etnorreligioso.

O ciclo natalino encerra no dia 1º de fevereiro, época em que a comunidade de origem inicia os preparativos do período pascoal.

5.3.4 - A festa do padroeiro

O município de Prudentópolis possui dois padroeiros: um da igreja católica ucraniana: São Josefát; outro da latina: São João Batista. Entre as festividades relativas à Páscoa e ao Natal, os ucranianos católicos homenageiam o seu padroeiro. Antigamente, quando não havia igrejas católicas ucranianas no interior, os paroquianos residentes nas diversas linhas de demarcação deslocavam-se para a sede urbana, para participarem da grande festa em homenagem ao santo ucraniano. Dormiam no pavilhão da igreja, em pequenos quatinhos construídos para este fim e denominados “katinhuca”. As festas eram bastante animadas, com muitas falas em ucraniano, muitos leilões, cantorias, quermesses, jogos e bebedeiras. Hoje, além do churrasco, predomina o uso da língua portuguesa, e se resume em muitos bingos e pouca animação.

5.3.5 - A religiosidade nas saudações diárias

Além das festividades ucranianas que ainda se mantêm, de modo geral, religiosas, a religiosidade se manifesta no dia-a-dia, concretamente através da tradicional saudação “Slava Issussu Khrêstu” (Glória a Jesus Cristo), “Slava na Vike” (Glória para sempre), ao invés do bom-dia. Tal comportamento, rigorosamente preservado, é registrado desde a chegada das primeiras levas de imigrantes ucranianos no Brasil, onde um paralelo cultural se estabeleceu a partir de então:

... durante a estada no porto, chegaram ao navio uns senhores com pastas e livros. Os nossos tiravam os chapéus, inclinavam a cabeça dizendo “Slava Issussu Khrêstu” ao que respondiam boa-tarde... (O Prácia n. 5, 07.02.1936, p. 3).

Essa forma de saudação, à maneira cristã, é utilizada por todas as faixas etárias e por todos os grupos sociais que residem no interior do município, mas na cidade muitos já não a utilizam. Por outro lado, se encontram um religioso ou uma pessoa idosa, todos os integrantes do

grupo étnico em estudo, indistintamente, da cidade ou do interior, utilizam a saudação ucraniana. Mesmo que não saibam falar a língua ucraniana, sabem ao menos a saudação. Hanicz (1996) afirma que as crianças aprendem a saudação cristã em casa com os pais, ou na catequese. Resulta da ação da Igreja, que procura manter a formação religiosa desde o berço, voltada para os costumes socioculturais e para as tradições religiosas.

5.4 - OS RITUAIS ÉTNICOS E AS ATIVIDADES SOCIOCULTURAIS DIRIGIDAS AOS JOVENS

Além das religiosas, a comunidade de fala ucraniana mantém outras festividades de natureza folclórica, trazidas ou importadas de seu país de origem, tais como as de São Nicolau e as Haiukas, já apresentadas. Conforme já apontamos acima, a igreja católica ucraniana não só aceita e reconhece o sistema cultural dito profano, como também, o promove continuamente. Dessa forma, ela se mantém, porque passa a interferir em todos os níveis socioculturais do grupo etnorreligiosa que comanda, atingindo-o e controlando-o em todas as faixas etárias. Nesse caso, é lícito afirmar que, em Prudentópolis, relativamente aos ucranianos católicos, a exclusão da religião implica a automática exclusão da sociedade. Isso confere à organização religiosa local um caráter teocentrista. Por exemplo: o grupo de danças Vesselka (arco-íris)¹² foi fundado em 01/08/1958, pelo então padre Efraim Krevey, que hoje é Eparca, autoridade máxima dos ucranianos católicos do Brasil. Outros aparelhos institucionais - na expressão de Foucault - dessa natureza, de que a organização religiosa lançou mão em Prudentópolis, serão apresentados em capítulo subsequente.

Os integrantes do grupo Vesselka promovem, uma vez por ano, na sede urbana do município, o evento denominado “Noite Ucraniana”,

¹² Atualmente o grupo conta com 102 componentes. Não são necessariamente descendentes de ucranianos. Outra realidade é que apenas 20% dos integrantes do grupo de danças se comunica oralmente em ucraniano, enquanto 5% deles lê e escreve nessa língua. O grupo possui as categorias adulto, infantil e grupo de banduristas. Originalmente, era composto por um excepcional grupo coral e grupo de dança. Tem-se apresentado em vários festivais de danças folclóricas no estado do Paraná, em outros estados e também no exterior. Segundo depoimento do presidente, Marco Antônio Burko (1998): ... *os integrantes do Vesselka visam preservar o amor a Deus e a fidelidade às tradições que caracterizam a alma ucraniana.*

assessorados, evidentemente, pela organização religiosa. Participamos da realização de um deles, em agosto de 1998. O clima foi bastante formal, com a execução dos hinos do Brasil e da Ucrânia, orações e bênçãos, em ucraniano. No jantar, serviram comida típica ucraniana — como “peroh”, “borščth”, “holupts”, “kutiá” e “kapusniak” — acompanhada de comidas típicas brasileiras, como saladas da estação, carne assada e bebidas nacionais. Após o jantar, algumas pessoas da comunidade foram homenageadas pelo grupo folclórico, como, por exemplo, o presidente do Apostolado da oração, que agradeceu em ucraniano, e depois em português. Aliás, esse discurso em ucraniano foi o único ato de fala executado nessa língua em toda a noite, além do hino da Ucrânia, das orações e bênçãos. Na platéia, embora muitos pudessem ter usado a língua ucraniana, ninguém o fez, exceto em algumas saudações ou ditos jocosos. A faixa que saudava os participantes do evento continha uma frase em ucraniano, seguida pela correspondente tradução. Os enfeites de mesa, alusivos à 9ª noite ucraniana, eram exclusivamente em português. Às homenagens, seguiu-se um desfile de trajes típicos ucranianos, apresentado por membros do grupo de danças. Um grupo musical denominado os “Pepenkes” (cogumelos) encerrou o evento, executando músicas folclóricas ucranianas.

O grupo de danças Vesselka, junto com uma organização denominada Juventude Ucraniana Brasileira, essa com mais de 3000 sócios, promovem anualmente um festival de danças típicas ucranianas, específicas de competições, denominado “Hopak”, e um congresso onde se reúnem os jovens descendentes de ucraniano.

O festival de danças folclóricas, em 1997, aconteceu em Prudentópolis. Doze grupos folclóricos ucranianos se apresentaram no ginásio de esportes do município. Com suas roupas coloridas e danças ora leves, ora bélicas e vigorosas, reproduziram pedaços da história do povo ucraniano ou da própria humanidade. Compareceram representações do Paraná (a maioria), de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. A apresentação, e demais atos de fala executados, por exemplo nas arquibancadas, foram todos em português.

O congresso anual da juventude de origem ucraniana realizou-se, em 1998, nos dias 7 e 8 de fevereiro, em Pitanga, município paranaense

que também congrega grande comunidade de descendentes de ucranianos. Esse foi o 25º Congresso, jubileu de prata dos congressos da juventude ucraniana brasileira. Contou com 422 líderes comunitários vindos de todas as comunidades ucranianas do Brasil. O objetivo desse evento anual, segundo o seu idealizador, D. Efraim Krevey é:

...mantê-los conscientes da sua origem, da sua igreja, da sua fé e da sua cultura. Englobá-los e mantê-los integralmente, e assim manter os costumes, a língua, as tradições da pátria de origem e também da pátria a qual pertencem, porque eles serão bons ucranianos se forem bons brasileiros... (Entrevista n. 4, 1998).

A preocupação em preservar o capital religioso e lingüístico, assim como a vinculação e a interdependência entre ambos, estão claramente evidenciadas no depoimento. Observa-se também o assujeitamento que a instituição religiosa impõe aos próprios seguidores, e seu envolvimento como promotora e principal responsável pela manutenção da ucraniedade em terras brasileiras.

Durante a realização do congresso, as palestras foram, predominantemente, em português, com alguns trechos em ucraniano:

... para saudar os congressistas eu disse: Minha gente, vocês estão aqui em quatrocentos e poucos descendentes de ucranianos, em que língua vocês querem que eu fale? Português ou Ucraniano? Ai eu disse... não respondam, por enquanto. Quantos de vocês entendem ucraniano? Menos da metade ergueu o braço e os participantes tinham em média entre 17 a 24 anos de idade (Entrevista n. 4, 1998).

Então, mesmo se tratando de festividade folclórica, ou outros eventos, como o referido congresso, a igreja está sempre presente, buscando manter as tradições ucranianas, onde quer que haja um de seus descendentes e paroquianos. De modo geral, predomina o uso do português, mantendo-se a língua ucraniana em contextos bastante restritos.

6 - FATORES RESPONSÁVEIS PELA RECRIAÇÃO E MANUTENÇÃO DO UNIVERSO CULTURAL UCRANIANO

O principal embate cotidiano entre grupos autóctones e alóctones revela-se, em princípio, pela necessidade de autodiferenciação étnica mediante a expressão e os modos de produzir e interpretar sentidos, determinados também pelas condições de produções socioculturais específicas, exigidas em cada momento histórico. Surgem desses embates, geralmente, identidades mistas: peculiares e, ao mesmo tempo aculturadas, cujas especificidades apontam para uma realidade sociocultural e lingüística própria e, por vezes, nova.

A comunidade de fala em observação, vivendo há mais de um século em terras brasileiras, como qualquer outra comunidade humana transplantada de seu cenário de origem, envolveu-se — como acima indicamos — em inúmeros acontecimentos histórico-sociais, que foram responsáveis pela contínua modificação do universo simbólico de referência trazido de além-mar. O fato de os eventos vivenciados e os fatores intervenientes serem de natureza variada, com conseqüências específicas, exigiu que operasse uma seleção no conjunto observado. Como critério seletivo, adotamos a implicação e a vinculação desses elementos na transposição, na recriação e na manutenção do universo cultural ucraniano. Em outro grupo, selecionamos os eventos ou fatores que exigiram a substituição dos referenciais de origem pelo universo simbólico do país de adoção. De modo mais específico ainda, evidenciaremos, continuamente, aqueles eventos ou fatores que foram responsáveis pela manutenção da língua ucraniana, ou que atuaram na sua substituição pelo português. Como muitos dos eventos e fatores responsáveis por

um ou por outro resultado estão imbricados entre si, a divisão assumirá caráter abstrato e puramente metodológico.

6.1 - O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DA COMUNIDADE E SUAS CONSEQÜÊNCIAS

Após ajudarem nas medições dos lotes e estando definidas as localidades em que se deveriam fixar os imigrantes ucranianos, foram eles instalados em toscas moradias que serviam de abrigo, à margem das chamadas linhas de demarcação:

... esperávamos receber a terra: 10 alqueires por família. Os nossos, em mutirão, trabalharam duro na abertura de picadas, na medição dos terrenos, no desmatamento, na construção das moradas uma família ajudava a outra... (O Prácia n. 11: 20/03/1936, p. 03)

Como todas as propriedades rurais ou a grande maioria delas era formada por pequeno lote de terra, e os imigrantes foram fixados em lugares ora mais, ora menos distantes do centro do povoado de Prudentópolis, o que provocou o surgimento de grandes vilas rurais. Andreazza (1996, p. 174) refere o surgimento das pioneiras vilas ucranianas da seguinte forma:

... as casas estavam localizadas em lotes de dez alqueires, em média, para cada família imigrante. Tais terrenos eram basicamente retangulares com profundidade maior do que a largura. Na face dianteira passavam carreiros e as demais divisas eram com os lotes vizinhos. Cada conjunto de sessenta a noventa lotes – uma linha – recebia uma denominação específica e ligava-se às demais por uma rede de carreiros e de estradas.

Ou, segundo Ivan Francó, em “Carta do Brasil”, 1898:

...vivemos juntos, não nos separaram. Da vila quinze léguas nos distaram...

Em primeiro lugar, os textos confirmam que o fluxo migratório recorrente no sul do país implicou o deslocamento de famílias, e que elas não foram dispersadas. Comprovam, também, que os agentes locais responsáveis pela imigração não observavam uma das exigências do governo federal, que era a de envolver no mesmo núcleo rural uma mescla de estrangeiros com nacionais. Assim se evitaria, segundo os governantes, a

formação dos chamados “quistos étnicos” (Andreazza, 1996).

A contigüidade dos lotes entre os imigrantes criou configurações de sociabilidade que favorecia não somente a nuclearização familiar. Essa sociabilidade possibilitou a formação de uma rede de apoio poderosa, quer econômica, quer sociocultural, quer lingüística, tonando-se, evidentemente, um dos elementos de domínio da ucraniedade sobre uma rápida e natural aculturação contextual. Seguramente, esse foi um dos fatores que possibilitou e promoveu a continuação do uso da língua de origem, afirmação que é corroborada, por exemplo, por Romaine (1995, p. 40) ¹:

When large groups concentrate in particular geographical areas, they are often better able to preserve their languages.

É interessante destacar que, em muitos núcleos rurais que visitamos, principalmente os localizados no norte do município, constatamos ainda forte hegemonia étnica ucraniana, mantida como tal desde a época da colonização. Nesses núcleos, a língua ucraniana, de modo geral, ainda é usada e-ou adquirida como L1 pelos descendentes de ucranianos, mesmo na quinta geração de descendência. Vendo esses fatores por outro ângulo, pode-se afirmar que a aproximação geográfica entre as famílias emigradas e a não-mistura étnica que deveria ter sido efetivada nos núcleos de colonização tornaram-se obstáculos à penetração da língua portuguesa nos lares das famílias ucranianas residentes em muitos dos núcleos rurais. Em alguns dos que visitamos, o uso da língua ucraniana praticamente desapareceu porque, segundo a família entrevistada:

Ficamos só nós aqui. Todos os nossos vizinhos ou são brasileiros² ou são poloneses... eu não tenho mais com quem conversarem ucraniano; meus filhos foram esquecendo e já não falam mais nada em ucraniano.

¹ Quando um grande grupo se concentra em determinada área geográfica tem mais capacidade para preservar sua linguagem.

² Brasileiros: são considerados como os integrantes do grupo dos nacionais, na concepção dos descendentes de ucranianos de Prudentópolis, por isso não os consideram descendentes. São considerados como descendentes, pelos nossos informantes, os italianos, os alemães e os poloneses. No grupo dos nacionais, fazem distinção para os gaúchos, considerando-os como um grupo à parte. Também estabelecem diferenciação no seu próprio grupo. Os descendentes de ucranianos evangélicos, por exemplo, não são mais considerados como ucranianos pelos próprios descendentes de ucranianos.

Meus netos, esses não aprenderam nada de ucraniano... (Entrevista n. 13, 1997)

Se apenas a família tivesse sido a responsável pela manutenção do capital simbólico ucraniano, em Prudentópolis, a situação lingüística familiar a que o entrevistado se refere não se teria alterado em função da modificação étnica e lingüística da vizinhança.

Outro evento que acrescenta dados à confirmação da hipótese sobre a influência da hegemonia étnica e contigüidade geográfica entre os imigrantes ucranianos, na promoção e na manutenção do uso da língua ucraniana em Prudentópolis, resulta do confronto entre ela e a imigração ucraniana para o Canadá. São inúmeras as identificações entre ambas: a época de saída, as aldeias de onde emigraram, inclusive membros da mesma família que se dirigiram para o Canadá ou para Prudentópolis. Mas as similitudes param por aí, porque enquanto aqueles que vieram para Prudentópolis foram encaminhados aos pequenos lotes localizados no interior do município³, os que migraram para o Canadá fixaram-se predominantemente nas cidades e receberam lotes extensos (aproximadamente 50 alqueires por família). Assim, não formaram vilas rurais, embora tenham instaurado, na região de Alberta, no Canadá, por exemplo, também uma hegemonia étnica regional.

Uma das conseqüências disso, relacionada com o uso da língua ucraniana e com sua manutenção em terras canadenses, foi que a língua de origem dos imigrantes ucranianos desapareceu completamente do uso familiar já a partir da segunda ou terceira geração (Entrevista n. 6, 1997). Em Prudentópolis, além de a língua ter permanecido na região, por mais de 100 anos de convivência com o português, é adquirida como língua materna, por muitos dos atuais prudentopolitanos descendentes de ucranianos, conforme apontamos acima. É interessante destacar que a organização religiosa e a sólida ligação entre rito e uso da língua ucraniana nas liturgias foram transplantadas de igual forma para ambas as comunidades ucranianas, a de Prudentópolis e a de Alberta.

³ Só permaneceram na sede urbana três famílias de imigrantes ucranianos. Todas as demais famílias que chegaram a Prudentópolis durante a primeira fase imigratória instalaram-se, tão logo quanto possível, nas linhas de demarcação localizadas no interior do município.

Inseridos em pequenas propriedades rurais e em função de uma economia de abastecimento e de trabalho livre, produziram alimentos diversificados, porém voltados basicamente para a subsistência. Isso não favoreceu, por várias décadas, diferenciação socioeconômica que fosse significativa, entre os descendentes de ucranianos de Prudentópolis. Além disso, a situação econômica como um todo — incluindo a falta de assistência técnica e financeira, a carência de utensílios adequados para a derrubada da mata, a aplicação, em terras tropicais, dos conhecimentos que trouxeram da Galícia sobre o que, como e quando plantar produtos agrícolas — foi a responsável por inúmeras das conseqüências já anteriormente citadas. Tais fatores retardaram consideravelmente o incremento do poder aquisitivo das famílias emigradas, muitas das quais permanecem, ainda, em patamar economicamente muito baixo. Alguns, no entanto,

... tinham também uma outra profissão, por exemplo, de carpinteiro. Então faziam pequenas construções e conseguiam mais dinheiro para as suas sobrevivências... (Entrevista n. 14, 1997)

Esses conseguiram superar alguns dos obstáculos impostos mais rapidamente do que aqueles que eram somente agricultores. A identificação econômica entre eles e o gradual aumento do poder aquisitivo possibilitaram a utilização, a fixação e mesmo a solidificação do capital simbólico ucraniano em terras brasileiras. O tipo de ambientação socioeconômica que emergiu da imigração era tão favorável à continuidade do universo simbólico ucraniano que não exigiu modificações substanciais desse referencial. Ele foi, simplesmente transplantado para as terras prudentopolitanas e, com sua forma original, se manteve pelo menos nas primeiras décadas desses imigrantes no Brasil.

Conforme já apontamos, a busca da Terra Prometida envolveu quase exclusivamente o deslocamento de famílias, isto é, de jovens casais, com alguns filhos. Havia também núcleos familiares maiores, com avós, tios, primos, ou, às vezes, até pessoas não-aparentadas. De imediato, isso possibilitou a continuação do uso da língua de origem, mas não necessariamente sua manutenção, conforme argumentação feita acima. A continuidade de uso desse capital simbólico tornou-se também possível devido à mão-de-obra ser exclusivamente familiar, o que continua

ocorrendo, como constatamos em muitas das famílias observadas e-ou entrevistadas.

Pelo fato de a família ucraniana ter-se constituído solidamente, como sucedeu aqui, criaram-se muitos mecanismos de autodiferenciação étnica, cujos reflexos se projetam nos descendentes, após mais de cem anos de Brasil. Em determinadas famílias, por exemplo, o uso da língua ucraniana permanece bastante enraizado, enquanto em outras a língua portuguesa já invadiu todos os contextos funcionais. Algumas são, inclusive, vizinhas entre si. Observamos também, nos lares de algumas famílias, maior número de ícones ou símbolos da cultura ucraniana, manutenção e assiduidade dos encontros semanais entre os membros familiares, o que significa que algumas famílias não se desintegraram, permanecendo sólidas.

Como eram oriundos de uma região em que a existência do campesinato tradicional favorecia o descompasso com todas as alterações proporcionadas pela modernidade, quanto à visão de mundo, os galicianos empreenderam a saga de vir para o Brasil, em sintonia com a própria percepção, isto é, em descompasso. Em suas propriedades, a permanência da visão tradicional de mundo e o descompasso foram possibilitados pela situação geoeconômica em que se inseriram. Permanecer falando a língua do país de origem era, em síntese, manter inalteradas as concepções ideológicas, em desajuste, nesse caso, com todas as modificações geradas pela mudança plena de cenário e de contexto socioeconômico.

Mesmo tendo sido instalados próximos à sede do povoado, os imigrantes permaneciam isolados, porque o deslocamento do interior para a sede urbana era muito difícil, quase impraticável, pois o município tem configuração muito acidentada, com terrenos bastante ondulados, muitos rios caudalosos e muitas quedas de água, ou saltos. Por isso, a região estava praticamente despovoada até o início do século XX, dado que as terras não se mostravam propícias para a invernagem de gado. Assim, se, pelos acidentes geográficos, a colônia se privou do desenvolvimento econômico, por outro, viu favorecida a preservação de seus valores étnicos.

Ao lado disso, os imigrantes ucranianos eram majoritários sobre qualquer uma das etnias instaladas em Prudentópolis e permaneceram

assim até poucos anos atrás⁴. Dessa forma, a aproximação geográfica entre eles, acrescida do isolamento geográfico e da hegemonia étnica, só poderia favorecer a manutenção das fronteiras, dos limites e dos traços específicos de suas tradições. Em outras palavras: próximos, isolados e hegemônicos etnicamente, eles criaram uma barreira quase intransponível à penetração do universo referencial brasileiro. Na medida em essa barreira foi-se dissolvendo, o português invadiu paulatinamente seus lares.

A configuração que as propriedades adquiriram propiciou, por outro lado, a predominância das decisões do grupo sobre as dos indivíduos. Dessa forma, isolados, unidos e submetidos à decisão grupal, criaram condições comunitárias próprias para a implantação do regime jurídico de organização do trabalho cooperativista. Esse “modus operandi” foi aceito de imediato e proliferou rapidamente, em função das circunstâncias histórico-sociais em que se encontravam, isto é, dependiam da união porque ela representava a própria sobrevivência, em um contexto que se lhes afigurava como totalmente adverso. Boruszenko (1995) encontrou registros que comprovam a existência, desde 1898, de associações comunitárias e cooperativas comerciais. Elas foram tão difundidas junto à comunidade que, em 1913, atingiam o número de 32, dentre as quais ficaram famosas a Prosvita, a Ruska Tchcida a Narodnei Dim, que tinham como objetivos principais preservar os valores culturais trazidos do país de origem e promover a união e o desenvolvimento das comunidades ucranianas de Prudentópolis.

Especialistas sobre imigração ucraniana no Paraná destacam que o desenvolvimento econômico das comunidades ucranianas de Prudentópolis foi atingido e se consolidou por influência do renascimento cultural vivenciado em suas aldeias de origem, antes de virem para o Brasil, e que aqui foi reproduzido. Apontam também que o desenvolvimento econômico reflete, em síntese, muitos dos traços característicos da ideologia das lideranças comunitárias, até hoje presentes em inúmeros núcleos rurais. Atualmente, há 26 associações voltadas para o desen-

⁴ Nos relatórios do IBGE de 1996 consta que a porcentagem de descendentes de ucranianos residentes atualmente no município de Prudentópolis é de 50%. Até então, constava como sendo de 75%.

volvimento comunitário da região, duas com sede no centro urbano, e as demais funcionando nos núcleos rurais. Dessas, 23 são cooperativas de agricultores. De modo geral, as associações e as cooperativas reafirmam continuamente os laços étnicos e culturais, o que lhes proporciona sustentação econômica e aglutinação etnocultural. Continuam sendo como eram: local de encontros, de discussões e de leituras. O veículo de comunicação utilizado na época de suas fundações só poderia ter sido a língua ucraniana, que reinava absoluta nesses ambientes. Algumas das atuais associações ou cooperativas, principalmente as localizadas no interior do município, ainda usam a língua ucraniana. Porém, o português aí já penetrou, como observamos “in loco”.

Depois de trabalharem na construção de obras públicas, na extração de erva-mate, seguindo-se a expansão de pequenas indústrias extrativas de madeiras e olarias, os imigrantes e seus descendentes continuam dedicando-se à agricultura, atividade predominante no município, desde que aí chegaram. A partir de 1930, ou pouco antes, o crescimento econômico regional, além de ser lento, tem apresentado tendência à queda.

A Secretaria Municipal de Agricultura de Prudentópolis nos forneceu os seguintes dados:

Proprietários rurais	8.027
Parceiros	2.006
Arrendatários	402

Situação das propriedades rurais:

- a) 1.200 propriedades com até 36,30 ha de terra;
- b) 2.800 propriedades com 36,30 até 72,60 ha;
- c) 2.577 propriedades com 76,60 até 121,00 ha;
- d) 1.400 propriedades com mais de 121,00 ha;
- e) 50 propriedades com mais de 484,00 ha.

Os imigrantes ucranianos que se dedicam atualmente à agricultura são proprietários rurais, e-ou arrendatários ou parceiros. Como proprietários rurais, a grande maioria deles possui até 36,30 hectares de terra, sendo raros os possuidores de propriedade com mais de 76,60 hectares

de terra. De acordo com Sequinel (Entrevista n. 37, 1999), os parceiros, com raras exceções, são descendentes de ucranianos. Para se manterem economicamente, recebem um terreno e aí plantam produtos agrícolas, com parte dos quais pagam o aluguel do terreno ao proprietário. A terceira categoria, a dos arrendatários, possui terreno que é arrendado, mediante pagamento em dinheiro. Dessa forma, aumentam a quantidade de produtos plantados, incrementando também a renda familiar. Praticamente não há imigrantes e-ou descendentes de ucraniano arrendatários, em Prudentópolis (Entrevista n. 37, 199).

Como a maioria deles são parceiros ou pequenos e médios proprietários rurais, a agricultura se mantém como fora no princípio, diversificada e voltada, basicamente, para a subsistência. Algumas das redes de comunicação (ver parte IV, a seguir) da família continuam praticamente as mesmas, porém o português já penetrou, de modo geral, em todos os núcleos familiares. Por outro lado, são poucos os núcleos rurais onde ainda permanece alguma hegemonia ucraniana, o que dificulta a manutenção da língua étnica. A agricultura mecanizada já é utilizada em muitas das propriedades rurais, mas o cultivo do solo é ainda feito por muitos com base em métodos tradicionais. Esses agem assim em todo seu modo de ser, inclusive na manutenção do universo cultural ucraniano, principalmente na manutenção da língua de origem. Para este grupo e para o grupo dos sem-terra existe uma entidade denominada de Pro-Terra, mantida pelos descendentes de ucranianos residentes nos Estados Unidos e no Canadá, e dirigida pelo clero ucraniano local. Fornece assistência social e financia a compra de terras, de animais e de implementos agrícolas. O pagamento é feito através de uma porcentagem dos alimentos colhidos, após 5 anos de uso da propriedade adquirida.

Os dados da Secretaria Municipal da Agricultura demonstraram que ainda são muitos os pequenos proprietários rurais e parceiros que mal conseguem produzir para a sua subsistência. Por outro lado, o consequente estilo de vida de camponês tradicional e rudimentar, o chamado campesinato tradicional, tal como veio da Ucrânia, encontra-se em vias de desaparecimento, pois muitos se transferiram para o centro urbano porque venderam suas propriedades; outros revelam os primeiros sintomas da transformação capitalista, através da ostensiva aquisição de mercadorias da cidade, adquirindo, junto com isso, também a língua

portuguesa.

Nesse sentido, o grupo doméstico camponês, que detinha o pleno uso funcional da língua ucraniana e uso restrito da língua portuguesa, passando a ser ao mesmo tempo a unidade de produção e a unidade de consumo, provocou o surgimento do bilingüismo P/U em Prudentópolis.

Assim, a sólida homogeneidade socioeconômica e cultural na comunidade de fala ucraniana, em Prudentópolis, foi substituída, hoje, segundo Hanicz (1996, p. 48), por

... uma sociedade rural heterogênea, ambígua e paradoxalmente constituída, existindo acentuado desnível de proprietário para proprietário, assinalando uma diferença muito grande entre eles. Esse desnível é claramente percebido de linha para linha ou de região para região.

Idêntica é a configuração lingüística atual, no município: heterogeneidade no domínio funcional da língua ucraniana e da língua portuguesa, existindo acentuado desnível, de indivíduo para indivíduo, na própria família; e acentuado desnível também de família para família; de linha para linha e de região para região.

O exercício da atividade comercial no campo ou a vinda mais assídua dos agricultores para as cidades, facilitada por melhores vias e mais rápido acesso aos grandes centros urbanos, provocaram o conseqüente rompimento da barreira étnica que os mantinha unidos, isolados e hegemônicos. Junto com isso, ocorreu a natural e esperada restrição no uso da língua ucraniana, assim como a conseqüente, natural e esperada penetração e expansão contextual da língua portuguesa na comunidade. A soma dessas duas situações lingüísticas gerou uma terceira realidade lingüística: o chamado bilingüismo folclórico (Harding e Riley, 1986). Além disso, a língua portuguesa passou a ser, praticamente, a língua materna da maioria dos atuais descendentes de ucranianos, inclusive da grande maioria que reside no interior do município.

6.2 - OS IMIGRANTES UCRANIANOS: CONSIDERAÇÕES SOCIOCULTURAIS

Os galicianos e bucovinos que vieram para Prudentópolis, na pri-

meira fase do período imigratório — cujos descendentes são os que permanecem na região — porque há pouco se haviam libertado das obrigações feudais, trouxeram para o Brasil, como herança étnica, a consciência da submissão ao Estado e-ou à Igreja.

Embora sejam inúmeras as construções estereotipadas sobre o ucraniano, a que se tornou realmente clichê afirma que “o ucraniano é dotado de um profundo espírito religioso”:

...depois de 30 anos estudando essa comunidade, eu posso afirmar assim com toda a segurança que o que os segurou, o que os uniu e o que fez com que eles não desistissem de conquistar este país foi exatamente o profundo espírito religioso do qual eram dotados e são dotados. Isto os unia e foi a religiosidade deles que lhes deu força no início. Mesmo não contando ainda com sacerdote do rito, eles se reuniam para fazer as suas orações e como eles se reuniam para rezar, é claro que um animava o outro (Boruszenko, 1998. Prudentópolis. Anotações feitas em curso)

A submissão histórica aos poderes institucional e econômico tornaram o ucraniano carente de liderança leiga. Essa condição fez com que, em 25 de janeiro de 1897, um deles, o Sr. Ivan Degan, escrevesse uma carta, que foi enviada para Silvestre Sembratovetch, Cardeal e Arcebispo de Lviv no seguinte teor:

... solicitamos, imploramos, precisamos urgentemente de padres de nosso rito.

O apelo contido na solicitação confirma a necessidade que tinha o grupo de uma liderança institucional, demonstrando concretamente seu assujeitamento institucional. Além disso, evidencia-se plenamente a concepção que tinham sobre o valor da tradicional ligação entre religião e rito.

Quando chegaram à região os primeiros grupos de imigrantes ucranianos — que, como já dissemos eram católicos, mas de rito oriental — já havia ali uma capela para celebrações litúrgicas e um pároco itinerante que os visitava uma ou duas vezes por mês. Por isso, o pedido acima transcrito se apresenta inusitado para quem estivesse disposto a integrar-se ao universo cultural da pátria de adoção. Na verdade, o que os imigrantes ucranianos demonstraram foi a vontade de se manterem ao lado do universo cultural brasileiro. Por isso, a pertença à religião

católica de rito ucraniano passou a figurar, principalmente, como símbolo de autodiferenciação étnica. Assim, tal como o que acontecia em suas aldeias de origem, e também em Prudentópolis, desde o início da colonização, a religião passou a servir como linha demarcatória entre crença religiosa e identificação etnocultural, como sucedeu, por exemplo, com o extremo de a própria sogra não considerar o genro como descendente de ucraniano por ser evangélico, embora tenha ascendência idêntica à de sua filha.

Os imigrantes da primeira fase, por não terem terra, sendo, portanto, economicamente pobres e com pouca ou nenhuma instrução escolar, se tornaram presa fácil da prostituição, do alcoolismo e da mancebia:

Os brasileiros espalharam entre o nosso povo uma terrível prostituição. E aconteceu o que não houve senão em Sodoma e Gomorra. Para conseguir dinheiro a fim de comprar pão e cachaça, o marido mandava a sua mulher e o pai a sua filha para prostituírem-se. Até as menores, meninas de doze anos iam, porque os pais as obrigavam a se entregar e esse ganho satânico. E quando isso começou a ser insuficiente, de resto, o diabo converteu o nosso povo em animais selvagens – e os pais começaram a vender seus filhos aos brasileiros. Dizem que havia comércio de crianças como de gado.[...] O padre kysema encontrou-os nessa selvageria. Como ele conseguiu converter e fazer estes selvagens voltarem à memória é só Deus quem sabe. Hoje isso não acontece, mas ainda existem algumas mulheres que não querem se converter, vivem amancebadas com brasileiros, e o pior é que não se pode provocar, porque podem responder a bala (Missionar, Ano I, maio 1897 – abril 1898, p. 125)

Essa situação, somada à falta de liderança, fez com que vissem na figura do padre de seu rito, língua e religião o reestruturador do universo de referência sociocultural que haviam perdido e o responsável pela própria sobrevivência. Por outro lado, as relações iniciais dos nacionais com os padres parece não terem sido tão amenas:

...os caboclos foram lá, foram lá e quebraram a tribuna onde o padre falava e queriam matar o padre. E daí mandaram a tropa aqui 6 semanas cuidando para não matarem o padre (Entrevista n. 1, 1998).

Observa-se, nos dois últimos textos, a construção ideológica das fronteiras étnicas que limitaram o espaço do que veio a se tornar o grupo ucraniano de Prudentópolis. Coletivamente, eles passaram a conce-

ber o brasileiro ou o nacional (caboclo) como um dos principais causadores de seus infortúnios. Evidencia-se nesses textos outra característica do ucraniano: o preconceito étnico. É interessante observar que à aversão aos poloneses, judeus e russos que atravessou o Atlântico, acrescentou-se a rejeição ao brasileiro e, atualmente, ao gaúcho⁵. Essa atitude xenofóbica pode ser considerada como outro fator responsável pela demora na aculturação-abrasileiramento dos grupos ucranianos emigrados para Prudentópolis:

... Nós fomos, somos e seremos ucranianos até a morte... (O Prácia, n. 15-24 de abril de 1936, p. 03).

Em 02/05/1999, através do programa dominical denominado “Fantástico”, da TV Globo, em uma série de reportagens cujo título era: “Aqui não se fala português”, constatamos ainda a presença de atitudes xenofóbicas ucranianas, mesmo após mais de um século de contato permanente com a cultura brasileira. O mesmo foi detectado também em alguns dos depoimentos coletados:

... eu não queria ficar perto dele por causa que ele era bem moreno, só que ele era muito educado... (Entrevista n. 18, 1997).

...lá só tinha brasileiros, até por sinal só preto... (Entrevista n. 24, 1997)

A atitude xenofóbica, de um lado, e, de outro, a exigência de ter que adquirir a língua do país de adoção por causa da necessária função de designação, os fez aprenderem a se comunicar em língua portuguesa, inicialmente, no sentido mais restrito da palavra, ou seja, para transmitir informação e para as trocas sociais. É essa situação que fez deles estrangeiros, em terra estrangeira, e, da nova língua que conheciam, uma língua de recepção, uma língua estrangeira:

... durante um certo tempo, ao menos, esta língua não garantia para eles nem relação de inscrição no novo contexto, nem relação de identificação com o novo contexto. Ou então, se ela o faz, é de maneira precária e paradoxal: inscrição e identificação são suportes de uma rejeição, de uma marginalização, de uma posição insuportável, a sua revelia. É assim que se instalava neles a convicção de que tinham “uma verdadeira

⁵ Os descendentes de ucranianos que foram entrevistados neste estudo referiram-se aos gaúchos como etnia e assim os concebem, como grupo étnico.

pátria” , da qual estava distante, que eles tinham uma verdadeira língua, mas lhes era proibida. O que confere a uma (pátria) e a outra (língua) as dimensões do sofrimento e as do mito (Tabouret-Keller, 1989, p. 251)

Para o imigrante ucraniano, no entanto, a noção de uma verdadeira pátria é um pouco problemática, porque só vai surgir, geograficamente configurada, a partir de 1991.

...eles não tinham pátria. A falta da pátria só tem um fator que a concretize: a língua. Meu Deus que mágoa tinha o ucraniano de não ter a Ucrânia dele. A gente sentia na pele aquilo da falta da pátria. Se você não tem pátria, se você sabe que vai te faltar aquele sustentáculo, tem que manter todo o universo de referência em outro lugar. Então o ucraniano se aglutinou em torno da língua. Refez em terras brasileiras a pátria que só existia em seus imaginários e nos ucraniam também. Assim é que se justifica a manutenção da língua ucraniana, por mais de um século, em terras brasileiras (Entrevista n. 3, 1998)

As afirmações desse depoimento, sobre os ucranianos não terem pátria de fato, estão incorretas, mas, apesar disso, ele é bastante revelador. As infundáveis mudanças político-administrativas ocorridas na Ucrânia, gerando constantes divisões nos terrenos e na cidadania ucraniana, provocaram várias conseqüências na manutenção da ucraniedade e nas atitudes de seus usuários. Junto às atitudes xenofóbicas e corporativistas de muitos, encontram-se outros que falam ucraniano em casa, que aprenderam a língua ucraniana como L1, mas...

... têm vergonha de dizer que são descendentes de ucraniano ou confirmar que falam ucraniano... (Entrevista n. 6, 1997).

Nesses casos, a tendência é de abandono dos índices relativos ao universo simbólico de referência, como, por exemplo, o da língua ucraniana como língua materna.

Os ucranianos revelam um grande amor, respeito e reverência à natureza, o que está manifesto no folclore, na literatura e também na inclusão permanente de elementos da natureza em vários rituais, quer profanos, quer sagrados. Essa veneração também é demonstrada pelo grande apego à terra e às tradições, que observamos na comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis. Atualmente, na Ucrânia, segundo Boruszenko (Entrevista n. 5, 1998), é comum as famílias, em finais de se-

mana, irem trabalhar em pequenos lotes de terra. Parece que a herança camponesa impregnou de tal forma o ucraniano que, mesmo sendo urbanos, não esquecem ou não abandonam o contato com a terra, com a lavoura, com a plantação, e, por extensão, não esquecem tão facilmente os elementos que lembram a pátria de origem.

O emaranhado histórico-social que os imigrantes ucranianos encontraram no Brasil exigiu deles que continuamente reestruturassem seus códigos de referência sociocultural, o que implicou em latente e, por vezes, aberto, conflito pessoal:

Exteriormente, a obediência, interiormente, revolta e ódio. Normalmente, o seu posicionamento frente ao poder é de desconfiança e desprezo, e quando submete-se ao sistema, é por medo e não por convicção e livre escolha (Krokosz, F. 1995).

Paralelamente, vivenciavam declarado descompasso socioeconômico (Andreazza, 1996), ao que se acrescenta o desajuste histórico social:

... mesmo o país já bastante industrializado, ainda cultivam uma mentalidade de vida rural, um universo sociocultural muito próximo ao da aldeia de origem... (Krokosz, 1995, apostila de curso)

Esse descompasso histórico-social está entre os fatos geradores do conflito social, latente ou aberto, principalmente, conforme já apontamos, por manter uma visão tradicional de mundo, por tão longo período. Revelou-se também na preservação do monolingüismo em ucraniano, assim como se manifestou nas atitudes de muitos descendentes ucranianos, em relação à ucraniedade que refundaram em Prudentópolis.

No final do século XX, todos os entrevistados (166 pessoas) disseram serem brasileiros e descendentes de ucraniano, exceto dois entrevistados, que afirmaram serem imigrantes ucranianos, e realmente o são. Sequinel (1998) descreveu como são ou agem os atuais descendentes de ucranianos, agricultores e residentes no interior de Prudentópolis:

...Durante a semana, o ucraniano é um homem sério, de pouca conversa. Levanta-se cedo e vai para a lavoura; almoça em casa ou na lavoura. A noite lava as mãos e os pés e vai dormir. No final de semana toma banho e no Domingo de manhã, todo contrito, vai a igreja ucraniano-católica, assistir à missa com a família. Já durante o almoço, muitos começam a beber. A tarde na venda, no bar ou no jogo de futebol tornam-se valentes, falantes e, muitas vezes, por um motivo banal, come-

çam a duelar entre eles. Voltam para casa, geralmente bem tarde da noite e, em muitos casos, embriagados. Segunda-feira vão a cidade, de ônibus ou de carro particular, tratar dos “interesses”, conforme preferem dizer. A semana no campo, começa geralmente na Terça feira (Entrevista n. 27, 1998).

É interessante observar, aqui, que uma das dimensões do “ser ucraniano” é concretamente determinada, histórica e ideologicamente, o que vem se confrontar com a evidência de um “ser ucraniano” em abstrato. Os depoimentos abaixo confirmam muitas das afirmações feitas acima:

...sou brasileiro e descendente de ucraniano. Uso feijão com arroz que é brasileiro. Mas também perorê, holopit, borch. Meus filhos entendem ucraniano embora respondam em português. Eu procuro conhecer a história e as tradições do país de meus antepassados Quando eu era rapaz, eu não falava em ucraniano no centro da cidade, só em casa, porque se não eles riam da gente ou nos chamavam de polacos... (Entrevista n. 15, 1997).

...tem que tentar preservar, tem que cuidar das raízes. (Entrevista n. 16, 1997).

Hoje já não é tanto racismo porque já misturou muito as raças. Mas antes era só divisão: igreja, escola, hospital, cemitério, clube, cada um na sua. (Entrevista n. 17, 1997).

Hoje em dia não tem mais divisão... (Entrevista n. 12, 1997).

...ele era brasileiro, mas ele freqüentava só a igreja ucraniana (Entrevista n. 9, 1997)

6.3 - A FAMÍLIA UCRANIANA: CONSIDERAÇÕES SOCIOCULTURAIS

Antropólogos que estudam a cultura ucraniana apontam como ápice da formação social do sujeito ucraniano, quer individual, quer coletivo, o papel exercido pela mulher, mais especificamente, pela que é mãe.

A mulher-mãe ucraniana é caracterizada, na literatura e no folclore, como lutadora, guerreira, agressiva e dominadora. Esses índices masculinos presentes em sua constituição psicossocial tiveram origem no contexto-histórico vivenciado pelo povo ucraniano. Vivendo em um território onde era constante o estado de guerra ou as guerras e lutas

eram intermináveis, a mulher teve que assumir o controle total da família, enquanto o pai defendia o país. Para proteger a prole, além de adquirir alguns dos índices da masculinidade, entregou-se a uma religiosidade quase extremada. Soma-se a isso a função histórico-cultural atribuída à fêmea da espécie humana. Afirma-se que, desde a descoberta do fogo, foi delegada à mulher a atribuição de permanecer em casa, preservando esse valor. Como consequência dessas heranças que lhes foram atribuídas, constata-se, na mulher-mãe ucraniana, a extrema preocupação com a preservação da família e dos índices culturais de seu grupo étnico:

A minha professora de ucraniano foi a minha mãe que inclusive até no falar ela exigia bastante da gente porque ela falava em ucraniano e a gente tinha que responde em ucraniano, senão ela não atendia. Nessa parte ela foi bastante enérgica. Hoje a gente agradece porque tudo o que a gente aprendeu, a ler inclusive, foi graças a ela e foi naquela época. Eu tive o privilégio, porque convivi bastante com ela... (Entrevista n. 14, 1997)

A mãe ensinou... a mãe aos domingos não deixava ir passear antes de decorar um texto em ucraniano ou então ler pra ela um texto do livro em ucraniano... (Entrevista n. 8, 1997)

Observam-se também, nesses textos, algumas das decorrências do regime matriarcal: a mãe está sempre presente nas lembranças ligadas à infância, enquanto a do pai aparece como algo incerto e obscuro. As entrevistas que obtivemos deram-nos a entender, inclusive, que a figura paterna não teve nenhum significado na vida deles. Assim, no inconsciente do ucraniano, o que o guia e oferece as normas para a sua vida é o símbolo materno. Ele se apresenta, nas poesias, pela metáfora “mãe Ucrânia”, acrescido, por vezes, de emotividade, como em “mãezinha Ucrânia”, para revelar o patriotismo ucraniano, identificando-o com o amor dos filhos para com sua mãe. Por exemplo:

Somos filhos da nossa sofrida e escrava mãe-Ucrânia (Chewtchenko, T. kobzár, 1971)

Logo, o respeito, a veneração, a defesa e a manutenção da ucraniedade, onde quer que a família esteja. Por extensão, também no universo religioso o culto à Mãe de Deus é mais comum e intenso que o de Deus-Pai.

Krokosz destaca outras atribuições dadas à mãe ucraniana e as conseqüências disso advindas:

A educação dos filhos nas nossas famílias cabe à mãe, que tem plenos poderes (no campo da educação!). É normal que o pai revele abertamente o seu desinteresse e negligência no tocante à educação dos seus filhos, incumbindo somente a mãe desta responsabilidade. Cabe ao pai, porém, o direito de castigar os filhos quando achar necessário. Por isso, o pai para a criança ucraniana representa uma pessoa autoritária, normativa, inacessível, insensível, castigador. Existe também o tipo de pai carinhoso, delicado (exceção), mas que acaba assimilando atitudes “maternas” na educação e não as de um pai propriamente dito. Portanto, as normas de comportamento, seus ideais, seu modo de encarar a vida, a escala de valores, estão diretamente ligadas com o modo de ser da mulher-mãe ucraniana (Krokosz, F. Um Raio X da Raça Ucraniana. 1995, apostila de curso).

Assim, em linhas gerais, no tocante à educação dos filhos, a estrutura matriarcal da família ucraniana reforça a relação entre a língua da mãe e a que é transmitida aos filhos, o que também se constata em outros tipos de estruturas familiares. Em Prudentópolis, verificamos que quando a L1 da mãe era a ucraniana, esta foi passando de geração a geração, e assim continua sendo em muitos lares atuais. Quando a mãe, levada por contingências socioeconômicas, começou a trabalhar fora de casa, os filhos não adquiriram a língua ucraniana como L1, mesmo tendo como babás ou auxiliares nos serviços domésticos pessoas que a dominavam. Exceção a essa regra sociolinguística existente na comunidade em estudo se dá no caso de os filhos ficarem sob a responsabilidade das avós ucranianas ou descendentes de ucranianos, que então assumem o papel que a mãe normalmente desempenharia — o de, entre outras coisas, manter a língua. Os casamentos exogâmicos, isto é, quando a mãe não é de origem ucraniana, também implicam a descontinuidade de muitos dos índices culturais de raiz, principalmente o da língua (Romaine, 1995).

Em Prudentópolis, uma das tarefas desempenhadas exclusivamente pelo pai ucraniano foi o da comercialização dos produtos agrícolas e abastecimento de gêneros alimentícios não produzidos em sua propriedade. Era ele que ia ao centro urbano, inicialmente a Prudentópolis e, posteriormente, a outros maiores, para efetivar as trocas comerciais. A mãe permanecia, de modo geral, na colônia. Ela começou a deslocar-se

mensalmente para Prudentópolis para ir ao Banco, desde a criação dos benefícios da aposentadoria rural, e essa situação é bastante recente. Os filhos homens geralmente acompanhavam o pai em suas tarefas, enquanto as filhas permaneciam em casa. Comum também é o fato de a família possuir dois ou mais terrenos, às vezes localizados muito distantes um do outro. Nesse caso, o pai e os filhos homens (a partir dos dez anos) saem de casa na segunda-feira e permanecem nesse terreno por toda a semana ou, às vezes, por período bem maior, conforme a distância, enquanto a mãe, as filhas mulheres e os filhos menores permanecem na primeira propriedade, administrando-a. A consequência lingüística disso é que eles se tornaram bilíngües P/U já a partir da primeira geração nascida em Prudentópolis, como revela o depoimento abaixo:

...meu pai começou falar português muito antes que a minha mãe. A mãe teve mais dificuldade. Nós já éramos grande e ela não falava ainda português. Se perdia muito... (Entrevista n. 19, 1997)

Outra peculiaridade apontada por Krokosz (1995) refere-se à questão da herança: na Ucrânia nunca existiu o costume, nem o direito adquirido de o filho mais velho se apossar de toda a herança, como acontece entre povos cuja estrutura familiar é patriarcal. A herança é dividida entre filhos e filhas, mesmo com aqueles que abandonaram a vida campesina. Sobre isso, o referido antropólogo, acrescenta:

Analisando esta situação em termos psicoanalíticos, podemos afirmar o seguinte: Após a morte do pai dominador (poder) a "mãe" Ucrânia não permite que alguns dos seus filhos ocupe o lugar vago. Eles não desejam a renovação do poder, pois a autoridade no inconsciente do ucraniano está relacionado com o medo, com a força, e por isso é desprezado e odiado. Portanto, após a morte do "pai-poder" o que os ucranianos desejam é que cada um seja senhor de si mesmo e que todos sejam iguais entre si. Deste tipo de mentalidade podemos tirar outra conclusão: se todos são iguais, como "filhos" da mesma mãe, não é lícito que alguns destes filhos adquira poder sobre os outros; e esta suposta "igualdade" é a razão de uma "característica anárquica" presente no meio ucraniano, que os torna incapazes de construir um poder e apoiá-lo! (Krokosz, 1995, apostila de curso).

Não havendo nenhum filho que detenha mais poder do que o outro na família, também inexistente a determinação de ser o mais velho ou o

mais novo que deverá ficar residindo na propriedade da família, nem a regra de que o único responsável pelos pais seja este último. Os progenitores — ambos ou um deles — podem ficar residindo com qualquer um dos filhos. Na família em que isso ocorre e quando se trata da mãe que não tenha desempenhado outras profissões além das domésticas, a manutenção da ucraniedade se faz presente principalmente através da língua. Há também casais, e mesmo apenas um dos progenitores, que preferem permanecer morando na propriedade original, sozinhos ou com algum filho solteiro.

A manutenção da divisão tradicional dos papéis conjugais e familiares, conforme impunha a tradição da época, foi fundamental para a construção dos bens materiais da propriedade do imigrante e a recriação cultural que ele empreendeu na terra de adoção. Entre as primeiras famílias ucranianas que se deslocaram para Prudentópolis, predominavam casais com algum tempo de vida matrimonial e abrigavam a possibilidade de crescimento da prole. A política imigratória se mostrava favorável à preservação dos laços familiares, consangüíneos ou não, devido ao interesse econômico que comanda a agregação familiar. Somou-se a isso a contigüidade dos lotes familiares, que proporcionou o surgimento de uma sociabilidade que não favorecia apenas a nuclearização familiar, mas que tornou a rede de vizinhança um elo de apoio e domínio do grande grupo sobre a família, e dessa sobre o indivíduo, conforme apontamos anteriormente.

Andreazza (1996), historiadora e etnóloga paranaense, constatou em seus estudos que, entre 1895 e 1949, as moças se casavam, em média, com 21 anos, e os rapazes, com 25 anos, o que evidencia ter a comunidade de fala ucraniana mantido o padrão de nupcialidade do camponês oriental⁶, em terras brasileiras. Por outro lado, os imigrantes ucranianos desenvolveram, no Brasil, uma estrutura familiar complexa, que, optando pela moradia conjunta, acolhia também os recém casados. Tudo isso, nos primeiros anos da imigração, concorria para o casamento precoce, movido por necessidade econômica de mão-de-obra abundante, favorecendo que a língua ucraniana se mantivesse no grupo familiar. Quando a

⁶ Na Europa Ocidental, dois terços das mulheres são ainda solteiras aos 20-24 anos, enquanto na Europa Oriental três quartas partes estão casadas nessa idade (Bideau, 1984).

noiva não pertencia à etnia do noivo ou não dominava a língua usada em seu novo ambiente, muitas vezes se obrigava a aprender, embora nem sempre a tenha transmitido aos filhos. Já o noivo, se foi ele que passou a morar com os sogros, dificilmente desenvolveu novas habilidades lingüísticas.

As escolhas dos noivos eram feitas ora pelos pais, ora pelo padre, ora por vizinhos. Assim...

não eram atos totalmente individualizados, característica básica das sociedades tradicionais, onde há preponderância do controle da comunidade sobre a ação do indivíduo (Andreazza, 1996, p. 114)

A mãe buscava uma boa nora dentro de seu quadro de referência, e o pai, um genro trabalhador. Atualmente predominam as escolhas individualizadas.

Embora os enlaces endogâmicos fossem sempre o ideal visado, isto é, buscava-se, primordialmente a união etnorreligiosa, os casamentos exogâmicos aconteceram já com os próprios imigrantes. Mas predominaram sempre os primeiros, inclusive porque, até há algumas décadas, os imigrantes ucranianos e seus descendentes fossem maioria absoluta no município. O caráter de endogamia do grupo foi mantido também porque, segundo pesquisas que empreendemos junto aos registros religiosos, a grande maioria dos matrimônios envolvia noivos nascidos num raio geográfico reduzido (ver parte IV). Considerando que, desde o início da colonização, não se instalaram grupos etnicamente diversificados nas mesmas linhas de demarcação, a endogamia se beneficiou dessa característica demográfica.

Mas, com o passar dos anos, a primitiva endogamia foi sendo diluída, e entre os fatores que interferiram pode-se citar o aumento da rede de conhecimentos interpessoais, assim como as facilidades na comunicação interurbana, que subsidiaram a ampliação do perfil do futuro cônjuge para além das fronteiras étnicas e geográficas (Andreazza, 1996). Tinha-se então de início a preocupação com a delimitação da fronteira étnica, alicerçada no conservadorismo da sociedade tradicional e pautada pela coesão etnorreligiosa. Conforme esse universo foi sendo infiltrado e invadido por novos valores socioculturais, a fronteira etnorreligiosa foi-se diluindo e, com ela, estão desaparecendo vários índices

socioculturais ucranianos.

Como ocorreu no passado, enquanto o casamento não chega, o dia a dia dos jovens é marcado pelo calendário agrícola e religioso, havendo, entre colheitas e plantios, períodos de intenso marasmo. Por isso as festas de casamentos, os longos rituais relativos ao período pascal e natalino, assim como a festa dos padroeiros, são esperadas com ansiedade. Nelas, jovens e adultos cantam, rezam, jogam, bebem e brigam. Mas há uma diferença: antes faziam tudo isso em ucraniano, hoje não. Depende dos parceiros e da região, conforme exporemos adiante.

Os imigrantes ucranianos que vieram para o Brasil reservaram o exercício da sexualidade ao quadro específico do casamento, conforme atesta o baixo índice de concepções pré-nupciais⁷ em todas as colônias ucraniano-brasileiras estudadas.

A cultura ucraniana possui alguns símbolos, cuja função é definir as posições sociais ou posições espaciais preestabelecidas: tranças e cabelos compridos indiciavam a donzela, enquanto o lenço na cabeça assinalava o estatuto da mulher casada. Constatamos, na região, a presença de muitas senhoras com lenço branco na cabeça, ostentando fitas de associações ou congregações religiosas. Na igreja, por exemplo, cada espaço era ocupado por uma classe social específica. Assim, o local mais distante do altar, abaixo do coro, onde não havia bancos nem genuflexórios, destinava-se aos impuros: as mães solteiras e as mães que cumpriam o período de quarentena, por terem tido filho (Andreazza, 1996). O preconceito, questão já anteriormente apontada, novamente se evidencia, e sua recorrência nos induz a relacioná-lo com a forma padronizada de conduta e de pensamento, característica da consciência coletiva do grupo estudado. Constatamos também, nas residências de muitos dos entrevistados, a presença de índices ou símbolos representativos de valores culturais do país de seus antepassados, mas, em muitos casos, o proprietário desconhecia seus reais significados.

⁷ Andreazza(1996) , em seu estudo demográfico sobre os ucranianos de Antônio Olinto-PR, constatou que no período entre 1895 a 1995, em apenas 3,3% das uniões a noiva já estava grávida. Essa situação se manteve quando analisou os nascimentos ilegítimos, entendidos como filhos nascidos fora do casamento, que posteriormente foi efetivado. Somente 16 uniões já tinham um ou mais filhos quando foi celebrada a união na Igreja (p. 146). Considerando esses índices, a comparação com Sodoma e Gomorra, feita sobre a região por pároco da época, parece bastante exagerada.

A prática da coabitação foi bastante comum entre os imigrantes ucranianos, tendo-se verificado em todos os núcleos dessa colonização no Brasil. Coabitavam, por período temporário ou definitivo, na mesma propriedade rural, geralmente duas famílias conjugais, incluindo três gerações. Esse quadro familiar, instaurado em Prudentópolis pelos ucranianos, revela a manutenção de uma estrutura domiciliar complexa, e que é própria de regiões rurais tradicionais. Os recém-casados moravam durante os primeiros tempos na residência de seus pais; normalmente, dos pais do noivo. Se o casal não era formado por herdeiros, essa moradia era temporária; caso contrário, definitiva. Por constituir-se, em geral, de três gerações que coabitavam, às vezes, na mesma residência e na mesma propriedade rural, o núcleo familiar ucraniano de Prudentópolis caracterizou-se, inicialmente, como família-tronco⁸. Legitimada em terras brasileiras, essa modalidade constitutiva naturalmente promoveu o uso e a manutenção da língua ucraniana, principalmente enquanto perdurou tal tipologia familiar.

Burguierre (1986) elenca os principais benefícios que justificaram a aglutinação das famílias em torno de uma árvore genealógica, além do econômico:

...não podemos negligenciar o sentimento de segurança e de imersão no grupo que o indivíduo angariava pertencendo a uma família-tronco. Essas famílias eram semelhantes à fortaleza nos períodos de incerteza, já que não possuíam a proteção do Estado ou de um senhor. E, por um mecanismo de inércia, próprio a todas as instituições, o sentimento sobreviveu à realidade e gerou um sistema de valores no qual a família era investida de todos os papéis e de todos os direitos que dizem respeito ao meio social (Burguierre, 1986, p. 61.)

Considerando que se tratava de um grupo estrangeiro, e que tudo lhes era desconhecido e aparentemente adverso, a segurança e a manutenção de valores socioculturais e lingüísticos poderiam até ser mais fundamentais do que a questão econômica. A coabitação estabelecia limites, atribuía poderes e criava uma espécie de corporativismo familiar ou grupal. Isso, aliás, também pode ser considerado como mais um dos

⁸ Família-tronco: tem um elemento patriarcal estável, cujo poder é pleno e atinge todas as co-habitações. Em geral, limitava a co-residência e a sucessão a um filho do patriarca e seus descendentes, embora os outros filhos solteiros pudessem também ficar residindo no lar paterno.

fatores responsáveis pela sobrevivência do grupo ucraniano de Prudentópolis.

Junto à adoção patronímica, a mulher assumia como sua a família do marido, e

... a jovem esposa desempenhava um papel subalterno no domicílio patrilocal: na esfera feminina, devia à sogra, dedicação e obediência; devia ao marido trabalho ombro a ombro, além de serviços domésticos e reprodutivos (Andreazza, 1996, p. 188-9).

Talvez tenha sido esse o motivo que levou o poeta Chewtchenko a caracterizar a “mãe ucraniana” como “sofrida e escrava”. Não havendo coabitação, ou depois que se mudava para sua residência definitiva, a jovem mulher assumia o controle e a manutenção dos valores socioculturais e lingüísticos da família. Caso permanecesse em coabitação, devia obediência à sogra até a morte.

O interior das casas dos pioneiros ucranianos configurava-se, segundo Andreazza (1996), sacralizado, como um mapa representativo de sua visão mágica do mundo. Na construção da casa, uma das primeiras preocupações era com a localização do sol. Assim, o leste é entendido como privilegiado, porque aí nasce o sol. Por causa disso, na face leste da casa fica o aposento principal, o quarto da família em cuja parede, também no lado leste, são colocados os ícones (Anexo 09). Indagamos a uma senhora sobre o fato de, em sua casa, os quadros de santos e as fotografias não estarem na parede voltada para o leste, e ela nos respondeu:

...depois que nós mudamos os quadros de santos e as fotos para outra parede, porque a casa teve que ser reformada, parece que nada mais deu certo pra nós... (Entrevista n. 20, 1997)

O depoimento exemplifica sobre a visão mágica do mundo e a manutenção dos significados que veiculam alguns dos índices culturais herdados dos antepassados. Em função disso, reafirmamos que, nessa comunidade, o tradicional ainda não perdeu o seu poder simbólico.

De modo geral, as primeiras moradias assim se configuravam:

A “casa” contava com dois edifícios: a bata e a kubnia. À bata, cabia, à primeira vista, a função exclusiva de dormitório. Pelos relatos de an-

tigos moradores dessas casas de barro, consegue-se desvelar, no entanto, não haver uma preocupação em restringir os quartos a meros dormitórios. Na parede do cômodo mais amplo, estavam dispostos os ícones, sempre fixados acima de uma mesa, a qual servia de altar. Sendo o principal local da casa, era, portanto voltado para o leste. Por isso mesmo, neste aposento, eram recebidas as visitas de cerimônia, selados os acordos matrimoniais e os moradores eram abençoados pelo padre. Tudo isso em meio aos leitos: dos pais, dos avós, dos filhos, isto é, todos dormiam ali, em um único aposento (Andreazza, 1996, p. 178)

O altar dos ícones, presente no quarto principal, tinha por objetivo, talvez, protegê-los do temor noturno. Assim a religiosidade acontecia e acontece na rotina do cotidiano familiar. A necessidade de proteção também explica, provavelmente, a concentração de pessoas no mesmo aposento, isto é, o fato de dormirem aglomeradas. É interessante observar que, até meados de 1940, o sentido do privado parece não existir na gramática cultural dos imigrantes ucranianos e de seus descendentes, pois eles viviam em proximidade inimaginável aos nossos olhos. A individualização que acompanhou a gestação da sociabilidade moderna era desconhecida.

Além do quarto, a “hata” possuía mais dois aposentos:

Uma espécie de vestíbulo que, quando necessário, podia transformar-se em quarto; o aposento contíguo servia como depósito de cereais: trigo, feijão, arroz e milho. O sótão servia, habitualmente também, como depósito. Tornava-se dormitório na eventualidade de ficarem mais pessoas para “passar a noite” ou num aumento do grupo doméstico. A lógica que definiu tal disposição dos aposentos de uma casa parece estranha, considerando que um depósito de alimentos estaria mais bem situado nas proximidades da cozinha. Esta distava, geralmente, mais de quinze metros da hata (Andreazza, 1996, p. 179)

Ainda podem ser encontradas, na região, moradias que apresentam cozinhas separadas do corpo da casa (Anexo 10).

A partir da década de 1940, a disposição das casas se alterou, surgindo então a especialização dos ambientes domésticos, e a residência passou a ter o quarto do casal e dos filhos pequenos, o das moças e o dos rapazes. A cozinha integra o corpo da casa e os ícones são transferidos para as paredes da sala de visitas, onde, atualmente, é o lugar onde se colocam os quadros de santos e as fotografias. Essa parede repre-

senta um verdadeiro santuário familiar. Muitas vezes, junto aos quadros e fotografias, também se colocam os enfeites que a família possui. É na sala de vistas que a família se reúne para rezar, para assistir à televisão, ou para ouvir rádio. Aí também recebem as visitas estranhas. Durante a coleta de dados, fomos recebidos, geralmente, na sala das residências, onde entrevistamos membros da família. Quando uma das pessoas da comunidade nos acompanhava, religiosa ou não, permitiam que nós entrássemos nos ambientes mais íntimos, na cozinha, por exemplo.

Na cozinha sobressai, ainda hoje, uma grande mesa, que garante lugar para todos, quer nas casas dos descendentes de ucraniano localizadas no interior do município, quer nas que se situam na sede do município.

São, novamente, evidentes os fortes elementos que promoveram a coesão do grupo. O trabalho, na lavoura, as refeições, culminando com o dormir aglomerado, tudo leva à preocupação com a segurança da família, o que promovia, indiretamente, e por vezes diretamente, a integridade sociocultural e lingüística do grupo. Dessa forma, os vários elementos criados para a manutenção da ucraniedade criaram a barreira bastante sólida contra outros mapas simbólicos de representações ideológicas.

Hanicz (1996, p. 134) destaca o elo presente-passado, geralmente ostentado nos lares das famílias de origem ucraniana:

É comum, ao ser convidado a entrar na casa de um descendente ucraniano ou de um imigrante ucraniano, o visitante se deparar com a sala repleta de quadros de santo, que à primeira vista podem parecer uma simples e vulgar ornamentação. Essa "ornamentação" sugere um espaço de relações que só se consegue compreender no todo da gramática simbólica da religiosidade daquele povo. Os santos reproduzem, por vezes, a memória e a história da família. É comum ouvir as pessoas dizerem: "esse santo foi o meu avô/avó que trouxe da Europa (Ucrânia)"; "esse aí foi minha mãe quem me deu no dia do meu casamento".

Em todas as famílias que visitamos (144 famílias), do interior do município ou da sede urbana, observamos paredes totalmente cobertas

de quadros de santos ucranianos e fotografias dos familiares⁹. Mas encontramos também aparelhos de televisão e antenas parabólicas, praticamente em todas as residências visitadas (Anexo 11). Muitos possuem também rádios e aparelhos de som, entre outros índices do consumismo capitalista. Tais meios de comunicação, como rádio e televisão, impõem o seu código e o seu dialeto nos contextos onde chegam, interferindo de modo violento contra a língua étnica e contribuindo para seu desaparecimento.

O espaço externo das residências que observamos apresenta, geralmente, quintal, jardim, paiol ou depósito, garagem para implementos agrícolas ou automóvel, além de abrigo para animais, tudo rigorosamente protegido por uma cerca ou muro.

Em função da imigração, a propriedade passou a ser do grupo familiar, e não do indivíduo. A exploração familiar foi e ainda é a única forma de manutenção financeira do grupo, em muitas propriedades rurais que visitamos. As famílias tinham prole numerosa: em média 8 a 10 filhos (Anexo 14). Algumas continuam grandes, principalmente as do interior do município. Os levantamentos sobre a atual situação bilíngüe familiar indicam que, em muitas famílias com prole numerosa, as gerações mais novas já não adquirem a língua ucraniana como L1. Além disso, muitos dos filhos mais novos apenas entendem, porém não mais falam o ucraniano.

A tradição da formação de unidades domésticas extensas teve que ser alterada com o passar dos anos. A princípio, em função do tamanho da propriedade rural, pois, sendo pequena, era suficiente para proporcionar trabalho e prover sustento a um pequeno grupo doméstico. Outra alteração que se impôs foi o da tipologia familiar, das famílias-tronco. Por utilizarem constantemente o princípio da ultimogenitura, considerando que a maioria das famílias tinha prole numerosa, tornaram impraticável a coabitação de casais nas propriedades de tamanho tão reduzido. Somam-se a isso outros fatores, como casamentos, nascimentos, migração e morte, os quais naturalmente alteraram o núcleo familiar.

⁹ São raras as residências, na sede urbana, que mantêm a tradição de expor os ícones sagrados e as fotografias de familiares em uma parede da sala-de-visitas.

Assim, em um determinado momento, o núcleo residencial familiar teve que assumir a característica de família-núcleo, tipo que atualmente predomina em Prudentópolis. Segundo Andreazza (1996, p. 206), as tipologias familiares foram as seguintes:

... em um momento, tinha-se uma residência com estrutura complexa, em outro, com estrutura extensa¹⁰ e em outro ainda, tornava-se nuclear.

Movimentação idêntica à da tipologia familiar verificou-se quanto ao uso funcional da língua. Na medida em que as famílias-tronco se tornaram raras e o grupo familiar perdeu a coesão, a língua portuguesa se infiltrou nesse reduto de resistência ao abasileiramento sociocultural e lingüístico.

A religiosidade do ucraniano, que destacamos no capítulo anterior, tem sua evidente origem na família, manifestando-se inclusive nos inúmeros ícones religiosos presentes na residência familiar. Complementando um dos depoimentos transcrito em seção anterior, observamos que é hábito, no domingo, que a família de origem ucraniana vá regularmente à missa na igreja de seu rito. Depois das celebrações religiosas, os homens mais velhos conversam, no pátio da igreja, em ucraniano e em português, sobre assuntos relacionados à lavoura, caso sejam do interior, ou sobre comércio e política se da cidade. As senhoras idosas falam sobre os filhos, os netos, os genros e noras, problemas de saúde e afazeres domésticos, geralmente em ucraniano, quando no interior; em ucraniano e em português, quando na sede urbana. Os jovens, atualmente, utilizam a língua portuguesa de modo generalizado em suas conversas, namoros e lazer semanal. Para os senhores, depois da celebração religiosa, normalmente há reuniões, no pavilhão localizado ao lado da igreja, com os presidentes de associações religiosas ou de cooperativas. Nessas reuniões, as saudações e orações, se houver, são em ucraniano, mas é o português a língua dos demais assuntos em pauta. Nas reuniões das senhoras, segundo observações que fizemos, predomina a língua ucraniana, principalmente no interior. Na sede urbana, ambas as línguas são usadas nesses contextos.

¹⁰ Constituída por cônjuges viúvos que se casaram novamente.

6.4 - A ORGANIZAÇÃO RELIGIOSA: INTERVENÇÃO ETNORRELIGIOSA E LINGÜÍSTICA

A igreja precisa manter o capital simbólico e afirmar a eficácia desse capital em vista da própria preservação e continuidade. Essa afirmação é corroborada plenamente através da atuação da igreja ucraniano-católica em Prudentópolis. Para se manter em terra estrangeira, seus representantes criaram e utilizaram os mais variados recursos e aparelhos ideológicos, que, juntos, formaram a base para o florescimento da poderosa organização religiosa com sede e foro na região em estudo. Através dessa organização, foi possível recriar e manter, nessa comunidade de fala, a vinculação rito-língua-religião, após mais de um século de convivência com o rito latino, com a religião católica e com a língua portuguesa.

A efetiva participação da igreja na preservação e na continuidade do capital simbólico ucraniano em Prudentópolis foi desencadeada também pela falta de liberdade religiosa que a religião católica ucraniana sempre teve que enfrentar em seu país de origem. Na verdade, os católicos, na Ucrânia, sempre estiveram em constantes lutas — quer com o Vaticano, para serem reconhecidos e aceitos pela instituição religiosa católica romana; quer com os ortodoxos, para se diferenciarem deles. Era preciso, então, praticá-la e mantê-la como tal, em outras regiões mais democráticas. Em Prudentópolis, como acontecera na pátria de origem, a permissão para os rituais religiosos, e sua aceitação, também não foram fáceis de obter, principalmente em alguns dos períodos da história nacional brasileira.

Assim, a partir de 1895, instalaram-se, na região em estudo, os padres ucraniano-católicos pertencentes à Ordem de São Basílio Magno (OSBM), que seguiam a determinação do movimento ultramontano¹¹ e,

¹¹ O movimento ultramontano surgiu porque entre os séculos XVIII e XIX, a Santa Sé se viu desprovida paulatinamente dos privilégios, das subvenções públicas e de outras benesses que lhe conferia a vinculação com o Estado. Assim, a Igreja procura se reestruturar alicerçada sobretudo na renovação da mentalidade religiosa popular. Entre suas diretrizes mais concretas estão a reforma do clero, o extraordinário crescimento das ordens e congregações religiosas, o desenvolvimento das devoções e da vida espiritual, a expansão missionária e os primeiros ensaios de renovação litúrgica. (Andreazza, 1990, p.39). O bom católico, segundo esse modelo, é aquele que frequenta regularmente os sacramentos e obedece incondicionalmente à autoridade eclesiástica (Oliveira, 1985, p. 292).

em função disso, estavam junto com seus paroquianos. Instaladas na região prudentopolitana tão logo se iniciou a colonização ucraniana, ambas as histórias, a dos padres basilianos e a da colonização, se imbricaram de tal forma que é impossível, referir uma sem trazer junto a outra história, conforme se pode observar em todas as unidades temáticas deste estudo. Além dessa imbricação, foi a organização religiosa local que resgatou e documentou, semanalmente e em ucraniano, ambas as histórias, através de um dos aparelhos ideológicos instituídos, o jornal “O Prácia”.

Considerando que o período de atuação dos padres basilianos junto à comunidade de Prudentópolis é bastante longa, pois já ultrapassou um século, adotamos a divisão do período de acordo com Zinco, um dos principais redatores do jornal ucraniano-católico, acima referido:

1º Período: 1895 a 1911

2º Período: 1912 a 1924

3º Período: 1925 a 1932

4º Período: 1933 a 1937

5º Período: 1938 a 1945

6º Período: a partir de 1945

6.4.1 - 1º Período: 1895 a 1911

O primeiro período caracterizou-se pela desestruturação do grupo étnico imigrante, ocasionada pelas dificuldades com que se depararam os primeiros grupos instalados na região. A solução encontrada foi a de se submeterem ao domínio da instituição religiosa de que faziam parte, requisitada em seu país de origem. Uma vez que essa liderança veio e se fixou na região, deixaram-se dirigir por ela. Assim, com este mecanismo, resgataram o complexo litúrgico ao qual pertenciam e, através do rito religioso, preservaram o capital simbólico religioso, sociocultural e lingüístico das aldeias de origem.

Uma das primeiras intervenções religiosas na comunidade de fala

ucraniana de Prudentópolis foram as Missões¹², realizadas em junho de 1897. Incluiu um período de oito dias, com programação religiosa intensiva e xenofóbica dirigida aos pais, aos jovens e às crianças. Através delas, a organização religiosa resgatou muitos dos índices socioculturais que os imigrantes já haviam perdido, pela óptica da igreja, e fortaleceram-se os limites etnorreligiosos do grupo, que, na verdade, passou a ter identidade sólida a partir de então. Junto a isso, foi possível criar uma rede de solidariedade e sociabilidade muito fortes, na comunidade. Dessa forma tem-se mais um fator de revitalização do universo sociocultural ucraniano, que, com o passar dos anos, se transformou no principal elemento responsável pela manutenção da ucraniedade. Em função da transformação social ocorrida no grupo, com a implantação da organização religiosa, surgem os primeiros conflitos etnorreligiosos: “corremos risco de vida”, escrevia para os seus superiores, na Ucrânia, o padre Silvestre Kysema, em 1898.

Outro mecanismo utilizado pela instituição religiosa local, com o intuito de trazer os fiéis à igreja mais assiduamente, para assim mantê-los assujeitados, foi a criação do Apostolado da Oração, associação religiosa comandada por leigos. Segundo o seu idealizador, o padre Kysema:

... pois urgia ter uma causa capaz de sustentar a alma na piedade para refrear suas indômitas vontades.

Essa associação foi, e continua sendo, poderoso instrumento ideológico, a serviço da Igreja, para unir os paroquianos em prol da manutenção do capital simbólico religioso. Em 1912, Prudentópolis já contava com 122 grupos de Apostolado de oração, com 4.940 membros e 5.774 inscritos. Agregava e continua a agregar grupos de senhoras, senhores, moças e rapazes. No começo do século XX, os grupos do Apostolado da Oração eram formados e existiam predominantemente no interior do município. Atualmente, se encontram em toda a região e na sede urbana. Nas primeiras reuniões, o dirigente lia textos didático-religiosos em ucraniano, para os demais membros da associação, todas as sextas-feiras à noite. As reuniões gerais aconteciam uma vez por mês,

¹² Missões: instalação de missionários em uma determinada região, para a intensiva pregação da fé cristã.

na igreja da localidade ou na casa do dirigente. Gregório Hlatke, o primeiro dirigente-geral, escreveu em 1912, para a revista mensal “Missionar”, órgão de divulgação do Apostolado:

O Apostolado da Oração é a força e a vanguarda da Igreja Ucrânio-católica do Brasil e com ele acontece semanalmente uma renovação espiritual do povo ucraniano do local.

O desenvolvimento e a permanência desse grupo podem ser considerados como mais um dos fatores atuantes na fixação do universo sociocultural ucraniano em Prudentópolis. Isso, porque havia apenas um padre para um número excessivamente alto de ucraniano-católicos, na região, e a ida do sacerdote para o interior do município era extremamente difícil, pela precariedade dos acessos viários. Assim, a reunião servia, principalmente, como elemento de solidariedade e sociabilidade para o grupo. Através das reuniões semanais, acrescidas da reunião geral, exclusivamente em ucraniano, os índices socioculturais, religiosos e lingüísticos do grupo original puderam ser recriados, mantidos e divulgados para as novas gerações que surgiam. Na atualidade, detectamos a seguinte situação, com relação à língua utilizada nas reuniões do Apostolado da Oração:

- a) Em algumas localidades do interior do município (norte do município):
 - reunião de senhoras: predomina a língua ucraniana;
 - reunião de senhores: P/U, com predominância da língua portuguesa;
 - reunião de jovens: português, com inserção de alguns atos de fala em língua ucraniana, como nas saudações, orações e cantos.
- b) Na maioria das localidades do interior do município e na sede urbana:
 - reunião de senhoras: P/U, com predominância da língua portuguesa;
 - reunião de senhores: português, com alguns atos de fala em língua ucraniana como nas saudações, orações e cantos.
 - reunião de jovens: português; somente a saudação em língua ucraniana.

Após nove meses de residência do padre Silvestre Kysema em Prudentópolis, a comunidade construíra a primeira capela, destinada às práticas religiosas ucraniano-católicas. A seguir construíram a residência para o padre e, em seguida, cinco comunidades ucranianas do interior passaram também a ter as típicas igrejas ucranianas católicas. Hoje são 31 igrejas e capelas espalhadas pelo interior do município, conforme se pode observar no mapa da Figura 3.

Destituída de efetivo amparo hierárquico religioso no Brasil, a organização ucraniano-católica de Prudentópolis teve que lutar para poder continuar praticando livremente seu complexo litúrgico. Após inúmeras desavenças com os católicos poloneses e católicos nacionais de Prudentópolis, em janeiro de 1898, os líderes leigos ucranianos resolvem buscar apoio religioso hierárquico mais próximo:

...nos decidimos ir ao Sr. Bispo e pedir a autorização para ficarmos no nosso rito e que ele nos tenha sob sua proteção. Pedimos ainda para que ele abençoasse a nossa capela. O Bispo aceitou o nosso pedido e prometeu visitar a comunidade e assim fez. O padre orientou o povo para a recepção que foi calorosa. O povo ajoelhado cantava e os sinos repicavam. Na igreja o Bispo observou o retrato do Papa. E afirmou que os católicos do rito ucraniano a partir de então estavam sob a proteção da sua diocese. Depois benzeu a capela e assinou o documento autorizando o nosso padre para exercer suas funções pastorais aqui. Depois correu a notícia de que o Bispo se dirigiu ao Núncio Apostólico no Rio de Janeiro e este finalmente ordenou que o rito da igreja ucraniano-católica poderia existir e ser praticado livremente no Brasil (O Prácia n. 24, 26/06/1936, p. 03).

O relato deixa claro que a permissão para continuarem no rito não foi assim tão fácil quanto propunham as cartas de convite para virem ao Brasil, “país onde reina uma irrestrita liberdade...” Faz parte dos acontecimentos do primeiro período a fundação de escolas (Anexo 15), em vários núcleos rurais, por sugestão do pároco Kysema:

Geralmente construídas à sombra das igrejas, as escolas haveriam de ser a continuação do púlpito e agrupariam ao seu redor tanto as atividades religiosas quanto as sociais. Isso aconteceu não somente nos primórdios da colonização, mas por tempo mais duradouro. As Atividades religiosas e culturais se mesclavam perfeitamente, e por isso a escola era o espaço favorável a qualquer evento comunitário, sendo também um ambiente ideal para a evangelização (Hanicz, T. Os Basilianos e a questão escolar ucraniana brasileira. Texto no prelo)

O incentivo à criação de escolas¹³, desencadeado pela organização religiosa, não se restringia à alfabetização, segundo Hanicz:

...era algo estritamente ligado à religiosidade e ao rito. Naquelas circunstâncias era extremamente necessário saber a língua dos pais porque dela dependia a vitalidade e a perpetuidade do rito. Tudo isso abrangia um universo religioso cultural mais amplo e complexo. No fundo era uma questão de vida ou morte. A comunidade estava entre o sobreviver e o desaparecer. Para os missionários esta situação era de grande peso, porque tinha a ver com o sucesso ou com o fracasso da missão. Se as crianças não aprendessem a ler, a escrever e a falar a língua de seus pais, como poderiam aprofundar-se no catecismo? Como ficaria a liturgia? Assim, a questão escolar era uma preocupação permanente, o pão de cada dia.... (texto no prelo).

Assim o motivo que desencadeou a preocupação da igreja com a questão escolar, a manutenção do capital cultural religioso, está evidenciado no texto acima. Isso acontecia porque o referido capital foi veiculado, desde sua origem, através de um código lingüístico específico, quer oral, quer escrito, conforme já registramos. O próprio missionário dava aulas de catecismo e língua ucraniana em sua residência.

Mesmo os pais alegando miséria, dizendo não terem condições para pagar aos professores e manter uma escola, venceu o missionário. Os pais não só pagavam ao professor certa quantia mensal relativa a cada filho que freqüentava as aulas, mas também se comprometiam a ajudar o professor na derrubada do mato para a plantação da roça (Hanicz, texto no prelo, p. 5). Entre as escolas surgidas, a da Linha Nova Galícia começou a funcionar com 24 alunos, alguns dos quais — cujos pais não tinham condições financeiras — tinham a despesa paga pela organização religiosa. Em muitas linhas, a escola funcionava na própria casa do professor:

O próprio professor colocou à disposição a sua casa, construída de tábuas lascadas medindo 4,5m x 3,5m. Foram feitos três bancos e sentavam cinco crianças em cada banco. Como o espaço fosse pequeno e o número de

¹³ As primeiras escolas ucranianas paranaenses de Prudentópolis surgiram em 1898. Situar-se na Linha Nova Galícia, Linha Vicente Machado e Vila de Prudentópolis. Os primeiros professores das respectivas escolas foram: Alexandre Huk, Paulo Lepka e Casemiro Brodiak (Zinco, B., 1950). Posteriormente, nas escolas construídas pelos colonos, passaram a funcionar as escolas públicas subvencionadas.

crianças maior, as aulas foram divididas em dois turnos. Cada turno com 15 crianças. Havia somente uma cartilha. A aula iniciava-se com uma oração e seguia-se sem intervalo até o meio-dia. Igualmente acontecia no período vespertino, até chegar a hora de ir para a casa (Zinco, 1950, p. 133)

Nas escolas, cada professor podia ensinar à sua maneira e escolher as disciplinas, de modo geral, aleatoriamente. Especialistas sobre o tema (Zinco, 1950; Hanicz, texto no prelo) indicam que a maioria dos professores ensinava religião, língua ucraniana, contas e língua nacional. As aulas de língua nacional, dadas em língua ucraniana sobre o português, resumia-se a cópias de um único livro. Posteriormente, incluiu-se leitura, ditado e composição (Entrevista n. 3). Considerando que o objetivo primeiro e, por vezes único, era a alfabetização em língua ucraniana, o tempo destinado ao ensino da língua do país de adoção era o menor possível: uma vez durante a semana, ou, conforme a localidade ou a competência lingüística do professor, uma vez no mês, sem nenhuma exigência de aprendizagem (Entrevista n. 3). A situação só se alterou quando surgiram as escolas subvencionadas, fiscalizadas pelos inspetores de ensino do Estado.

É interessante acrescentar que era convidada para dar aulas a pessoa mais letrada da localidade, a qual, porém, tinha, às vezes, conhecimento bastante rudimentar da língua étnica:

... meu falecido avô foi professor em Prudentópolis, mas que tipo de professor? Lá na Ucrânia ele ajudava o padre nas celebrações da missa. Ele era sacristão e por isso terminou sendo professor aqui, só porque sabia ler e escrever em ucraniano... (Entrevista n. 4, 1998)

Além disso, conforme a língua que o mais letrado dominava, ela passava a desempenhar a função de língua da educação na localidade. Havia, então, núcleos rurais com aulas em ucraniano, em polonês, ou ainda em alemão; em português, apenas na sede urbana, pelos menos durante as primeiras décadas do século XX. Em relação ao interior, considerando que os imigrantes ucranianos eram a maioria absoluta, a língua ucraniana desempenhou, por longo período, a função de língua da educação. Além disso, o ucraniano era a L1 e a língua doméstica de todos os alunos, bem como dos pais e professores. A exceção ficava por conta dos imigrantes poloneses, fixados também na região. Por serem

mais escolarizados do que os ucranianos das primeiras levas (Entrevista n. 2, 1998), um ou outro imigrante polonês era às vezes escolhido como professor, sob protesto de muitos pais. Nesse caso, as aulas eram geralmente bilíngües, polonês-ucraniano. Os livros em ucraniano, quer didáticos, quer religiosos ou literaturas, eram importados da Ucrânia, via associações comunitárias, cooperativas ou associações religiosas. Mas o material didático em português, extremamente raro, vinha de Curitiba, onde era possível encontrar modelos de cartilha. Esse material, em número extremamente reduzido, era encaminhado às escolas e competia com a relativa abundância de material didático-religioso escrito em língua ucraniana.

Em síntese, o primeiro período caracterizou-se como a fase da re-fundação do mundo ucraniano em terras brasileiras.

Deve-se reafirmar que os rutenos trouxeram consigo várias linguagens sociais e que no estabelecimento da colônia não havia efetivamente, uma unidade étnica. A primeira década, provavelmente funcionou como diluidora de suas diferenças; passado esse tempo foi possível assumir a construção de fronteiras que limitaram o espaço dos que se tornaram o grupo ruteno/ucraniano local (Andreazza, 1996, p. 85).

6.4.2 – 2º Período: 1912 a 1924

Como já haviam vencido a primeira batalha pela sobrevivência, construído capelas para continuar praticando sua religião, edificado a residência para acolher o padre de seu rito e escolas para alfabetizar as crianças e adultos, estavam os imigrantes prontos para desenvolver o refinamento cultural da comunidade. Este período caracteriza-se, então, pela solidificação dos organismos religioso e familiar, que possibilitaram o florescimento das artes ucranianas nos núcleos rurais, atingindo todos os setores da vida social. O tema “escola” ganha consistência, desencadeando inclusive uma reunião dos líderes ucranianos, já em 1907, em Rio Claro, com a finalidade de criar-se um sistema escolar:

Na reunião foi escolhido uma delegação de líderes ucranianos a qual foi ao governador do estado e solicitou a criação de escolas locais mistas, brasileiro-ucranianas... (Zinco, B.1950, p. 51).

A questão “escola” faz surgir dois blocos distintos:

... o bloco de Prudentópolis, de tendência conservadora, liderado pelos basilianos e vinculado à igreja; e o bloco de Rio Claro, de tendência liberal, marcadamente anticlerical, liderado pela intelligentsia. São dois modelos distintos que apesar de terem o mesmo objetivo – a preservação da identidade cultural e da ucraniedade – caminham por vias diferentes. Em agosto de 1910, por causa das divergências, acontecia em Curitiba um congresso ucraniano. Nesse criou-se um Conselho Escolar (Chkelhná Rada) junto com um Conselho Popular (Naródnia Rada), com sede em Prudentópolis (Hanicz, texto no prelo, p. 05)

Para resolver esse impasse, mais um aparelho ideológico institucional é então utilizado pela Igreja católico-ucraniana: a imprensa, que começa a funcionar a partir de 1911. Desde então, são editados, na região e em ucraniano, livros devocionais, livros de canto, de alfabetização, cartazes, panfletos, edições não-periódicas e os dois principais órgãos de divulgação da organização religiosa local e mundial: a revista mensal “Missionar” (junho de 1911) e o jornal quinzenal “O Prácia” (dezembro de 1912).

Tanto o jornal “O Prácia” como a revista “Missionar” continuam sendo publicados regularmente em Prudentópolis pela editora dos padres basilianos. Ambos contêm textos redigidos em ucraniano e em português. Não são, necessariamente, um a versão do outro. Os temas são os mesmos, mas há redatores específicos para cada uma das línguas. A imprensa ucraniano-católica também considera que seus leitores atuais, paroquianos ou não, são bilíngües e-ou monolíngües em português. Nos Boletins Paroquiais e edições comemorativas a alguma data alusiva, predomina o uso da língua portuguesa.

Em um dos atuais exemplares de “O Prácia”, de 15 de junho de 1998, com 12 páginas, predomina o uso da língua ucraniana. Apenas cinco artigos são em português, cujo espaço não excedeu às duas páginas centrais. Constata-se, então não só a vitalidade da língua étnica, mas também sua resistência. Além disso, o poder dos mecanismos de proteção do universo sociocultural ucraniano passa a ser bastante eficiente, no contexto, uma vez que ainda se mantém na região. É preciso destacar também que, após longo contato com outros meios de comunicação, exclusivamente veiculados em língua portuguesa, a língua étnica predomina em alguns usos funcionais, conforme o exemplo citado.

O jornal “O Prácia” transformou-se em fonte bibliográfica valiosa, quer para os leitores residentes no município de Prudentópolis, quer para os espalhados nas demais comunidades ucranianas existentes no estado do Paraná, em outros estados do Brasil e também no exterior¹⁴. Os leitores do jornal mantinham-se informados sobre a comunidade ucraniana de Prudentópolis e demais comunidades ucranianas espalhadas pelo mundo, uma vez que havia, através do jornal, intenso intercâmbio de informações. Além disso, o jornal sempre trazia notícias sobre a Ucrânia, publicando textos literários e historiográficos de autores ucranianos, principalmente durante as guerras mundiais ou quando o país estava sob o regime soviético. A importância do jornal vai muito além de ser, na época ou atualmente, veículo informativo e educativo dos ucranianos ou católico-ucranianos. É fonte fidedigna de pesquisa sobre a história religiosa e sociocultural da comunidade ucraniana de Prudentópolis. A primeira edição contava com aproximadamente 3.000 assinantes, todos residentes no município. Hoje, sua tiragem é de 2.000 exemplares. Até 1940 era escrito todo em ucraniano, com caracteres cirílicos. Um dos mais antigos redatores desse jornal, o padre Zinco, historiou, no depoimento abaixo, a mudança de situação lingüística por que passou o jornal:

... antes se davam apenas algumas notas, editais ou propagandas em português porque não tinha outro periódico aqui em Prudentópolis. Mas era só isso, o resto tudo era em ucraniano. No período do nacionalismo brasileiro, quando fecharam todas as congregações e publicações estrangeiras, em julho de 1940 deixou de circular, porque foi proibido. Daí só reapareceu de novo em 1946, no fim do ano. Nesse número saiu o primeiro artigo escrito em português sobre o Natal, a pedido do bispo de Ponta Grossa, D. Antonio Mazzarotto. A partir de então publicam-se, até hoje apenas dois ou até três artigos em português e demais em língua ucraniana (Entrevista n. 1, 1998)

Outro acontecimento marcante do período foi a chegada, em 11 de abril de 1911, das Irmãs Servas de Maria Imaculada, diretamente da Ucrânia. Residentes na sede do município desde essa época, dedicaram-

¹⁴ Atualmente, o jornal “O Prácia” é encaminhado para os seguintes países: Casaquistão, Inglaterra, Suíça, Argentina, Uruguai, Paraguai, Canadá, Estados Unidos, Ucrânia, Itália, China, Japão, Austrália, Alemanha, Espanha, França e Tchecoslováquia. No Paraná, envia-se a 49 municípios, Santa Catarina (11 municípios), Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso, Rondônia, Brasília e Ceará.

se principalmente ao trabalho educativo e, posteriormente, ao hospitalar. A questão escolar ucraniana passa, então, a contar com dois aliados fortíssimos: a imprensa ucraniana católica, através da publicação regular do jornal “O Prácia” e da revista “Missionar”, e o ensino particular religioso, ambos instituídos quase simultaneamente. A imprensa basiliense aliou-se à questão escolar, desde sua origem. Na edição de lançamento, um dos redatores, extremamente apocalíptico, praguejava:

Um grande pecado há de cair sobre esses pais que não dão condições a seus filhos de serem cidadãos instruídos... (O Prácia, n. 1, 1912)

ou, mais ameno, revelava sua verdadeira preocupação:

...se não tivermos escolas, as nossas crianças não aprenderão a ler, a escrever, e então quem vai ler o Missionar, o Prácia e quem vai sustentá-los? E do mesmo modo, a Igreja, o rito e a fé do nosso povo,.. (O Prácia n. 7, 1913).

Assim, pela imprensa e pelo púlpito a Igreja dirigia seus paroquianos às escolas ucranianas. O ensino particular das Irmãs Servas de Maria Imaculada, através do Colégio Santos Anjos, fundado desde sua chegada, em 1911, passa a ser, de imediato, o executor básico do objetivo imposto pela organização religiosa: alfabetizar os filhos dos imigrantes em língua ucraniana. É importante observar que a finalidade principal da congregação das Servas de Maria Imaculada não era educativa, mas a de dirigir orfanatos, cuidar dos enfermos e das igrejas. A organização religiosa local, no entanto, exigiu que se dedicassem inicialmente ao trabalho educativo. Porém, pouco tempo depois, puderam transferir-se para funções médico-hospitalares. Em 1928, a congregação das religiosas inaugurou, na sede do município, o Hospital do Sagrado Coração de Jesus, passando, dessa forma, a interferir também na questão médica.

O Colégio Santos Anjos mantinha apenas internato (fechado durante período da repressão) e curso primário, cujos alunos eram exclusivamente ucranianos ou descendentes. Além das disciplinas regulares do currículo, as Irmãs também davam aulas de religião e ucraniano. Para o ensino de português, tanto das crianças como das próprias religiosas, foram contratados professores leigos. As aulas de língua ucraniana nunca deixaram de existir, mesmo em alguns dos períodos de repressão às línguas estrangeiras, após os quais o ensino de ucraniano volta como

matéria curricular, através do decreto estadual n. 453/81. O Colégio Imaculada Virgem Maria, sua denominação atual, tem 300 alunos, distribuídos da pré-escola ao segundo grau. Continua com regime de externato e internato, que, todavia, não mais se limita a alunas de origem ucraniana. Além da sede, a congregação hoje conta com colégios e residências para as religiosas em vários núcleos rurais, como ilustra a Figura 5.

Na sede, o ensino continua sendo particular, mas as escolas dirigidas pelas religiosas, no interior do município, são estaduais e municipais, cujas instalações são alugadas ao estado, para escolas de 1º grau, onde os alunos têm aula de língua ucraniana e de religião, três vezes por semana.

Capri e Olivero, em 1923, documentaram a participação das religiosas, no desenvolvimento do ensino no Paraná, da seguinte forma:

Em quase todas as colônias as Congregações religiosas mantêm escolas, em edificio próprio, destinadas aos filhos dos camponeses, internatos ou semi internatos, por preços módicos. Taes estabelecimentos acham-se registrados na Inspectoria Geral do Ensino, seguem o programma official e são obrigados a ter professor competente para o ensino da lingua nacional, geographia e historia patria. Para facilitar o estudo dos professores estrangeiros, o governo mantem na capital dois cursos gratuitos: um para religiosas e outro para homens e senhoras. Findo o curso, os candidatos recebem um certificado que os habilita a exercerem o magisterio particular em qualquer parte do territorio estadual (p. 118).

Nas instalações do colégio, fundou-se o Noviciado da Congregação das religiosas, em 12 de setembro de 1915 e aí funcionou até 1º de outubro de 1981. O colégio também sediou a Província de S. Miguel Arcanjo, criada em 1939 e de onde se transferiu, em 15 de maio de 1979, para Curitiba. A menção a estes fatos é importante porque, em primeiro lugar, as religiosas passaram a contar com jovens adolescentes pertencentes a várias etnias, imigrantes ou nacionais, que atuaram fornecendo o “input” em língua portuguesa para as religiosas. Estas, por sua vez, muitas vezes vindas da Ucrânia, proporcionavam o “input” em língua ucraniana para as aspirantes à vida religiosa. Em segundo lugar, a instituição de ensino passou a contar com professoras de português, aspirantes à vida religiosa, cuja L1 tinha sido, muitas vezes, o próprio português. Em terceiro lugar, considerando o poder religioso hierárquico,

Prudentópolis detinha o segundo posto na hierarquia católico-ucraniana. Acima da organização religiosa de Prudentópolis, somente a autoridade do Papa, na distante Roma, o que outorga à mesma poder e prestígio inquestionáveis. Em função disso, intenso e constante intercâmbio se estabeleceu com a Ucrânia, com Roma e com os outros países em que essa organização tinha representantes. Tal intercâmbio provocava, conseqüentemente, a continuada revitalização não só da organização como um todo, como também do rito, da liturgia, da religião e, sobretudo, da língua ucraniana. Prudentópolis passou a ser conhecido como Vaticano II, justamente por causa desse poder hierárquico que a organização religiosa deteve até 1979, na região.

Em função desse poder da organização católica, estar fora da religião ucraniana católica local significava, para o indivíduo, estar excluído da sociedade e dos bens que essa lhe poderia dar. Tal situação nos autoriza a classificar a organização católica ucraniana em estudo como teocêntrica, pois todos os setores da vida comunitária estavam submetidos ao seu aval, principalmente o educacional, o político, o médico-sanitarista e o cultural.

As manifestações culturais que se desenvolveram no período em tela, sob a orientação da organização religiosa, e que exigiam conhecimentos de língua ucraniana, foram o teatro e o canto coral. Havia grupos teatrais amadores em vários núcleos rurais e na sede do município, que apresentavam peças de cunho religioso e literário em ucraniano. Tais atividades se desenvolveram na região sobretudo porque a organização percebia a invasão da língua portuguesa nos contextos extra-familiares. Por isso, a necessidade de formas culturais que exigissem o aprendizado da língua ucraniana, reavivando seu aprendizado e, conseqüentemente, mantendo a língua e a religião, na comunidade de fala em estudo.

No período de 1912 a 1924 surgem várias associações comunitárias, todas originadas através da organização religiosa, como a Prosvita e a Chkilnei Soius. Muitas eram dirigidas pela organização religiosa, cujo objetivo principal se orientava, novamente, para a questão escolar. Evidencia-se, dessa forma, a participação da Igreja católica ucraniana de Prudentópolis como mantenedora do patrimônio cultural religioso, vin-

culando-se ao ensino escolar, de modo obsessivo. Através, por exemplo, da Prosvita, a organização religiosa importava livros da Ucrânia e, com esse material, criava bibliotecas, na sede e em vários núcleos rurais. Outras associações surgidas na época, como a *Tovarestvo Ukraina*, representou a unificação de outras três entidades. A associação possuía, inclusive, sede própria e suas instalações deram origem ao atual Clube Ucrainiano 12 de Novembro. As associações e cooperativas criadas neste período geralmente duraram pouco, porque a comunidade ucraniana foi atingida violentamente pela crise da Primeira Guerra, como já se explicou na fundamentação histórica. Por causa disso, a atenção da colônia se volta à pátria, em guerra, pois os imigrantes se preocupam mais com ela e com o futuro dela do que com a resolução dos problemas decorrentes da guerra, na região.

Dois fatos ocorridos neste período merecem ser mencionados: o congresso de Dorizon e a vinda do Metropolita de Lviv à comunidade ucraniana brasileira. No período de 7 a 9 de julho de 1922, realizou-se em Dorizon uma reunião da liderança ucraniana. Os temas tratados foram a questão cultural-educativa e a econômica. Estavam novamente frente a frente os antigos rivais: os conservadores, os padres basilianos de Prudentópolis, e os liberais, aliados na luta pela mesma causa – a causa ucraniana, isto é, a preservação de sua identidade. Para os primeiros,

... a preservação da identidade certamente deveria passar pelo rito e pela religiosidade do povo (Hanicz, texto no prelo, p. 14)

Enquanto para o outro grupo:

... a preservação da identidade ucraniana resultaria de uma ação cultural mais ampla, envolvendo a fundação de outros mecanismos não atrelados a igreja... (Entrevista n. 5, 1998)

A partir desse congresso, adotou-se o programa da escola pública para todas as escolas ucranianas particulares. Ao programa da escola pública acrescentaram-se a língua, a história e a cultura ucranianas, que eram dadas em sistema de contra-turno. O ensino dessas disciplinas, quanto à metodologia a ser adotada, foi bastante discutido, principalmente em relação ao ensino da língua. O grupo também determinou que o corpo docente fizesse reciclagem, anual e no período de férias, para

que houvesse um ensino atualizado, homogêneo e de qualidade.

O Metropolita de Lviv, Andrey Sheptytsky, esteve em visita às colônias ucranianas brasileiras no período de 2 de abril a 3 de junho de 1922, portanto antes da realização do congresso de Dorizon, acima referido. Veio na condição de visitador apostólico, designado pela Santa Fé. Sua visita, indiretamente, contribuiu para a realização do evento. A visita apostólica solidificou a organização religiosa ucraniana católica do Brasil e deu à comunidade ucraniana brasileira um ânimo extraordinário, já que se encontrava abalada pelos acontecimentos da Primeira Guerra:

Constatou-se uma renovação na comunidade ucraniana de Prudentópolis, fora do comum para aquela época, no âmbito religioso e no social. Em particular, o clero teve que mergulhar na realidade das colônias para responder a um questionário de 30 perguntas, distribuído pelo metropolita. Os relatórios elaborados pelo clero, respondendo às questões, trazem um levantamento geral da realidade das paróquias naquela época, mas sob a ótica clerical. Do mesmo modo, os professores também receberam um questionário de 16 perguntas. Os relatórios-respostas, na sua maioria, contêm anexo uma “carta de informações”, uma visão e interpretação pessoal da situação, uma visão da Igreja a partir do povo. O povo também pôde participar e dar suas contribuições. São muitas cartas, relatórios particulares e “dossies”, elaborados pelos leigos e apresentados ao metropolita, tratando do relacionamento do clero e das religiosas com o povo, do povo entre si e também do clero entre si. Uma boa parte desse material questiona a atitude do clero (Hanicz, texto no prelo, p. 23)

O texto evidencia que a cúpula da Igreja Católica Ucraniana, com sede na Ucrânia, se preocupava com seus fiéis, ucranianos e descendentes, espalhados pelo mundo. Outras visitas se sucederam nos anos seguintes, inclusive com autoridades religiosas hierarquicamente superiores à primeira, mas nenhuma de importância tão capital como aquele.

Nas primeiras décadas do século XX, o objetivo da organização religiosa católica era o de incorporar os ucranianos em um sólido sistema religioso e comunitário. Em Prudentópolis, ela teria que defender a escola confessional, a igreja, o rito e a vida familiar. Em seu imaginário, a colônia como tal representava algo globalizante e universal, isto é, todos os segmentos deveriam andar interligados e, obviamente, a organização se apresentava como a “salvação para o povo”.

6.4.3 – 3º Período: 1925 a 1932

Conforme iam chegando novas levas de imigrantes ucranianos, a posição monopolizante da organização religiosa do município enfraquecia consideravelmente, porque muitos dos novos imigrantes, vindos entre as guerras mundiais, tinham grande experiência de liderança política comunitária, adquirida nas lutas pela independência da Ucrânia. Os liberais, cujo líder era Petró Karmanskei, dão início a uma campanha difamatória da organização religiosa católica ucraniana de Prudentópolis, através do jornal “Khlaborob”, editado em Porto União. No meio da batalha estava a manutenção do universo sociocultural ucraniano. A organização religiosa católica ucraniana atrelava os fatores rito, liturgia, religião, escola e língua, atribuindo a essa junção a responsabilidade total pela manutenção do universo sociocultural. No outro extremo, a facção adversária, cuja maioria era anticlerical e até anti-religiosa, as categorias defendidas pela igreja católica ucraniana eram menos acentuadas e, portanto, descartadas. Substituíam-nas pelo amor à pátria distante e pela valorização das coisas nacionais ucranianas como fatores de estímulo à manutenção do capital de origem. Por isso, os intelectuais ucranianos que chegaram ao Brasil no período entre as guerras mundiais não encontraram terreno para se fixar em Prudentópolis. Tão logo quanto possível, buscaram outras regiões para a prática de suas concepções ideológicas nacionalistas. Essa situação serve também para justificar porque a maioria dos descendentes de ucranianos que ainda residem em Prudentópolis são, basicamente, os que vieram no período compreendido entre o final do século XIX até o início da Primeira Guerra. Essa população estava habituada, em seu país de origem, a um catolicismo marcadamente clerical, no qual a presença do sacerdote dominava praticamente toda a esfera de valores religiosos, sociais e morais, na aldeia ucraniana. Por isso, se adaptaram ao domínio da organização religiosa católico-ucraniana. O período de tensão e conflito entre a organização religiosa e os liberais ficou conhecido como “karmancista”.

Com a finalidade de agrupar principalmente os jovens, a organização religiosa funda, em 1929, a Congregação Mariana, que, de início, contou com a participação de 210 moças e 54 rapazes, na sede urbana. No interior, os grupos foram se formando paulatinamente, sendo as reuniões dirigidas pelas Irmãs Servas de Maria Imaculada. Desde as pri-

meiras reuniões surgiram inserções da língua portuguesa, que hoje as domina integralmente, exceto as saudações, os cantos e as orações, ainda feitos em ucraniano, quer na sede urbana, quer no interior.

Nesse período, a organização religiosa prudentopolitana passa à categoria de Vice-Província e se fortalece, novamente, após a fase de conflito vivenciada com os liberais. Dessa forma, todo o poder clerical da Igreja católica ucraniana do Brasil situa-se em Prudentópolis, quer das Irmãs Servas de Maria Imaculada, quer dos padres Basilianos. E, “com mãos de ferro” (Entrevista n. 5, 1998) passa a comandar todo o mecanismo de preservação da identidade sociolingüística e cultural, visando sempre à identidade religiosa de grupo etnorreligioso. Assim, reafirma-se a tese de que a Igreja ucraniano-católica, através do clero basiliano e das Irmãs Servas de Maria Imaculada, foi o principal fator de manutenção do patrimônio cultural do grupo etnorreligioso de origem ucraniana de Prudentópolis, por mais de um século, em contato com um ou mais patrimônios culturais majoritários, dentro do contexto demográfico brasileiro.

6.4.4 - 4º Período: 1933 a 1937

Em 1935, o primeiro padre basiliano nascido em Prudentópolis, Josafat Roga, filho de imigrantes ucranianos, funda o Seminário Basiliano, na sede urbana. Para a organização religiosa da região, a fundação dessa instituição representou a legitimação plena de seus poderes institucionais:

...a criação da Vice-província e a fundação do noviciado e do seminário vão confirmar a vitória e o resgate da ideologia basiliana, bem como da igreja ucraniano-católica sobre a corrente Karmancista, que a essas alturas estava enfraquecida (Hanicz, texto no prelo, p. 24).

Portanto, neste período, a organização católico-ucraniana atingiu seu ponto máximo de domínio, não só sobre a comunidade ucraniana do lugar, mas, de modo geral, sobre todas as comunidades ucranianas do mundo. A língua da comunidade de fala ucraniana local era o ucraniano, que passou a ter o “status” de língua funcionalmente majoritária:

Falava-se quase só em ucraniana, na casa, na rua, nas praças, nos pátios das igrejas, na escola, no recreio, dentro da igreja, no comércio. Só com estranhos é que nós falávamos português. Até os brasileiros, tudo, de tanto que ouviam nós falando em ucraniano, entendiam, não falavam,

mas entendiam a nossa língua, iam nas nossas igrejas e pediam para os nossos padres que batizassem seus filhos, fizessem o casamento deles, mas era proibido nós fazermos isso... (Entrevista n. 1, 1998)

A sólida relação entre crença religiosa e identificação etnocultural extremou-se, como atesta o depoimento, sendo comuns as manifestações xenofóbicas e os conflitos étnicos abertos, redundando em atos grupais, cada um freqüentando sua igreja, seu clube, seu hospital, seu cemitério, ...

A partir da fundação do Seminário basiliano, a questão escolar deixa de ser prioridade para a organização religiosa ucraniano-católica embora suas influências continuem trafegando, como sucede até hoje. Por exemplo, ao saber que iria iniciar a 5ª série em uma das escolas rurais do município, um senhor descendente de ucraniano manifestou-se:

... Mas como não tem nenhum padre e nenhuma freira na escola para dar aulas? (Entrevista n. 27, 1998).

O assujeitamento às instituições religiosas e o domínio que estas mantinham no campo educacional da comunidade de fala ucraniana, na região em estudo, evidencia-se nesse recorte textual.

A seguir, a organização religiosa se concentra com mais intensidade na formação do clero local para a ordem. Em sua concepção, o seminário teria dupla função: formar jovens para o sacerdócio e bons cristãos:

A formação dos jovens para o sacerdócio ou para serem bons cristãos tinha uma mesma espinha dorsal: a preservação da identidade cultural e religiosa. Por isso, a fundação do seminário vai reafirmar a tese de que a igreja é a instituição que melhor pode proteger o patrimônio cultural. Ali, a língua oficial será a ucraniana e todas as atividades, religiosas e culturais, e mesmo até as de lazer, vão convergir para um eixo central: a tradição e os costumes. É o lugar onde os jovens vão aprender a "ser ucranianos" (Hanicz, texto no prelo, p. 24).

Esse aparelho institucional religioso teve, com certeza, efetiva participação na recriação e manutenção de todo o universo sociocultural ucraniano, em terras brasileiras.

As atividades culturais continuaram a ser desenvolvidas nos núcleos rurais, intensificando-se neste período. Há muitas reuniões religiosas em que se pratica a língua ucraniana; além de salas de leitura, fundam-se

bibliotecas, havendo inclusive referência sobre a fundação de um jornal, cujos autores deveriam escrever em ucraniano. Eram redatores jovens e amadores, moças e rapazes, residentes na sede urbana e no interior do município.

6.4.5 – 5º Período: 1938 a 1945

A partir do Natal de 1937, a comunidade ucraniana adota um novo calendário: o gregoriano. Este é, concretamente, o primeiro passo dado pela organização religiosa local, na tentativa de adaptar os valores religiosos ucranianos à realidade brasileira e, também mundial.

Mas o período se caracteriza pela proibição do uso de línguas estrangeiras no território nacional. Toma-se como referência temporal a data de 10 de novembro de 1937, quando o governo federal tentou, através de decretos e de uma língua abstratamente tomada como língua nacional, integrar os imigrantes e seus descendentes na nação brasileira, principalmente entre os anos 1938 a 1945. Essa ação, de caráter nacional, provocou o esvaziamento ou a fragmentação da organização religiosa basiliana. Muitas das atividades sociais estagnaram ou passaram a ser exercidas na clandestinidade. Embora as igrejas ucranianas católicas não tenham sido fechadas, era proibido freqüentar o culto católico-ucraniano. Muitos padres católico-ucranianos foram presos e a imprensa ucraniana local parou de funcionar. Em Prudentópolis, no entanto, a tendência nacionalista brasileira, provocou mais danos no sistema escolar vigente:

As escolas ucranianas foram fechadas e os professores perseguidos. Foi proibida a língua, principalmente nas escolas. A polícia e seus agentes se infiltraram em todos os setores da comunidade e tudo era denunciado. Frequentemente os professores e catequistas eram intimados a depor. As professoras que freqüentavam a igreja ucraniana eram perseguidas. Recebiam salário inferior às demais. Do mesmo modo, as crianças eram castigadas, recebiam notas baixas e eram reprovadas, além dos desacatos e da humilhação a que estavam sujeitas (Entrevista n. 28, 1997)

Em função da proibição, algumas professoras buscaram novos meios para continuar a ensinar a língua ucraniana:

... passaram a ensinar nas casas de família ou sob a sombra de uma árvore ou mesmo até no meio do mato e cada vez em local diferente... mas a grande maioria ficou de fora (Entrevista n. 28, 1997)

A maioria dos sujeitos com mais de 50 anos que participaram do presente estudo, alguns avós, bisavós ou tataravós, vivenciaram o período. Na verdade, a terceira ou quarta geração não foi alfabetizada em ucraniano pelos religiosos, sendo raros os que aprenderam a ler e a escrever em ucraniano. Por isso, a maior parte apenas fala ou entende a língua:

... quando eu fui estudar no colégio tinha ucraniano. Mas foi só uns tempos, daí foi mudado, era proibido. Nós íamos para a aula de ucraniano escondido. Perguntavam para nós onde é que tão indo? Ai nós dizíamos que estávamos indo fazer faxina no colégio porque não tem menina internada para fazer a faxina. Uma hora nós parava de limpar as sala e então nós tínhamos aula de ucraniano. A irmã dava aula de ucraniano. Eu sou a única da minha família, dos 7 irmãos que se lembra mesmo ainda do ucraniano e falo em ucraniano, só eu. Os outro entendem mas não falam. Só eu e o Rafael, meu irmão mais velho, agora esses outros não... (Entrevista n. 12, 1997)

O autor do depoimento, nascido em 1925, tinha 13 anos quando se iniciou a fase do nacionalismo e da repressão às culturas estrangeiras, no Brasil. Portanto já havia iniciado sua alfabetização em língua ucraniana. Pelo depoimento, tem-se a visão panorâmica sobre os contextos de uso da língua ucraniana a partir de então: deixa de ser ensinada publicamente e de ser a língua dos encontros com amigos na rua, na praça. Perde também seu principal veículo de manutenção, a imprensa, e muito do contexto doméstico. O depoimento ainda informa que o regime do colégio mudou: a instituição deixou de admitir alunas internas. Foi uma decisão tomada pela própria congregação, para evitar complicações com o governo federal.

Em meio à proibição de manifestações socioculturais e lingüísticas estrangeiras no Brasil, a organização religiosa criou o Instituto Secular das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus, em 1940, dedicando-se à catequese, ao ensino e à formação de crianças, jovens e adultos. Possuindo internatos na sede e nas colônias, são responsáveis por diversas atividades culturais, como aulas de bandura, dança, língua ucraniana, bordado e arte culinária ucraniana, entre outras. Assim, a organização

religiosa apesar da repressão, encontrou formas próprias de reagir e sobreviver atuando.

Hanicz (1996) afirma que as proibições impostas pelo governo federal atingiram a comunidade de fala ucraniana por causa da nacionalidade, e não por razões políticas, como ocorrera com outros grupos étnicos, de alemães e de italianos, por exemplo. Os ucranianos e seus descendentes não eram nazistas, nem fascistas, salvo exceções não-comprometedoras, e sempre se manifestaram como anticomunistas e antibolchevistas. A partir desses acontecimentos, a organização religiosa concentrou-se na formação do seu clero. Hanicz, sacerdote basiliano pertencente a ela, sintetiza o momento histórico e aponta as conseqüências disso para o seu grupo étnico:

De um modo geral, por ser um período de repressão, que sempre resulta num corte no sistema produtivo de idéias de um grupo, o grupo ucraniano em toda a sua estrutura social e religiosa ficou bastante afetado. Foi quebrada a espinha dorsal e a comunidade perdeu o ritmo do embalo anterior.

6.4.6 – 6º Período: a partir de 1945 a 1998

Uma vez quebrada a espinha dorsal mantenedora da organização religiosa, ela não mais se tornaria absoluta, como fora até então. A comunidade segue novos rumos, e um acentuado êxodo rural toma conta das famílias ucranianas tradicionais. As novas famílias chegadas ao município, geralmente provenientes do sul do país, não tinham a religiosidade latente das demais. Muitas associações, cooperativas e grupos de jovens continuaram a ser criados, porém tiveram pouca duração. O próprio grupo de danças Vesselka, fundado em 1958, enfrentou fases de total desativação. A laicização passou a ser utilizada pela organização religiosa local, mas parece que os paroquianos, acostumados a serem dirigidos pelos religiosos, não conseguem dar continuidade a muitas das atividades que se lhes atribuem.

Com a nomeação das hierarquias religiosas, como bispado, exarcado e criação da Eparquia de São João Batista, com sede em Curitiba, toda a cúpula do poder religioso católico-ucraniano que estava centralizado em Prudentópolis se transfere para a capital. Com isso, a organização religiosa católico-ucraniana de Prudentópolis, já abalada desde o pe-

ríodo do nacionalismo getulista, se fragmenta completamente. Deixa, então, de existir como instituição de domínio da comunidade ucraniana prudentopolitana. Suspende-se ou perde vigor o trânsito intenso de religiosos vindos diretamente da Ucrânia, de Roma ou de outras partes do mundo, que revitalizavam constantemente a língua ucraniana falada. Ao lado disso, padres já nascidos no Brasil, descendentes de ucranianos, mas com outro universo sociocultural de referência e outra mentalidade, relativamente à manutenção dos bens culturais, passam a dirigir a comunidade local.

Quando a dimensão religiosa de uma comunidade se decompõe, não só a legitimação da instituição sofre o abalo, mas toda a ordem cultural em que se insere a organização é atingida. As instituições que ficaram perdem a vitalidade que até então demonstravam. Assim, a base da sociedade ucraniana de Prudentópolis, fortemente alicerçada no campo religioso, desmoronou e se dissolveu, e a respectiva comunidade, sem o poder que a organização religiosa detinha, parece que estagnou, enquanto a língua portuguesa foi ampliando os seus contextos de uso funcional.

A organização religiosa ucraniano-católica local continuou a criar congregações religiosas, como, por exemplo, a Cruzada Eucarística, que reúne crianças após realização do sacramento da primeira comunhão. As reuniões são mensais e totalmente em língua portuguesa. A catequese dos filhos dos descendentes ucranianos continua a ser feita pelos religiosos. Nesse evento, eles aprendem a rezar, a cantar e a participar do rito ucraniano-católico, ainda solenemente mantido na comunidade.

Os professores de língua ucraniana do Brasil passaram a ter uma associação própria, a APROLUB, criada em 1995, com sede em Prudentópolis, dirigida por religiosos e leigos. A associação promoveu um seminário e uma assembléia geral, em julho de 1997. O tema geral do evento foi a situação do ensino da língua ucraniana no Brasil. Da reunião, surgiram propostas e várias metas para seu reavivamento. A grande maioria dos participantes eram padres, freiras e catequistas, sendo inexpressiva a participação leiga. Aliás, os sócios da entidade são, em geral, religiosos. Além do congresso, ela já ofereceu aos seus associados, e para a comunidade de fala ucraniana em geral, um curso de Pós-

Graduação em Língua e Literatura Ucraniana, concluído em janeiro de 1999. Entre seus docentes houve professores vindos da Ucrânia e do Canadá. O curso teve 26 alunos, sendo as aulas dadas em ucraniano, na sede urbana de Prudentópolis, em salas cedidas pela organização religiosa local.

A partir de 1983, o ritual da missa católica ucraniana é transmitido semanalmente, em língua ucraniana, pela Rádio Esperança, alcançando os núcleos rurais mais distantes do município. Em 1989, a própria organização religiosa adquire a concessão radiofônica e instala a rádio FM Copas Verdes, que transmite, em ucraniano, a missa das 10 horas, todos os domingos; o terço, todos os dias; e o programa popular ucraniano “Luná”, também dominical, com uma hora de duração. Outras realizações da referida organização em prol da manutenção do universo sociocultural ucraniano foram a construção de uma praça, em homenagem ao poeta máximo ucraniano, Tarás Chewtchenko, e a construção do “Portal do Imigrante Ucraniano”, em uma das ruas de acesso à cidade. Dignas de nota ainda foram a coleta e a montagem do acervo da cultura ucraniana local por Myroslava Krevei. Esse patrimônio representativo da vida e da cultura ucraniana em terras brasileiras encontra-se exposto no “Museu do Milênio”, cuja denominação homenageia os mil anos de existência do cristianismo na Ucrânia.

Portanto, a atuação da organização religiosa ucraniana católica de Prudentópolis, na recriação do relativo universo sociocultural e lingüístico e na manutenção desse capital na região, por mais de um século, foi poderosa e decisiva. Somente uma organização com plenos poderes e com autoridade suficiente para interferir em todos os níveis da vida familiar e individual do imigrante seria capaz de conseguir esse feito, considerando que se tratava de um capital cultural sem nenhuma projeção, nem local, nem mundial. Entre a resistência e a vitalidade alcançadas está o contínuo reavivamento dos valores da pátria de origem de seus antepassados, através da contínua criação de aparelhos institucionais. Na medida em que conseguiu solidificar o grupo étnico, transformou-o, no contexto local, em um grupo etnorreligioso, legitimando-se como instituição religiosa católico-ucraniana. E isso, perante os outros grupos de católicos ali estabelecidos, que tinham igrejas e celebrantes próprios, como o grupo católico dos nacionais e o grupo católico dos poloneses.

A língua ucraniana, por sua vez, serviu como veículo de legitimação, quer da igreja ucraniano-católica, quer do respectivo grupo étnico.

Se a Igreja precisa manter o capital simbólico e afirmar a eficácia desse capital, em vista de sua própria preservação e continuidade, a igreja ucraniana católica de Prudentópolis cumpriu plenamente essa função. Neste final de século XX, a organização religiosa ucraniana católica local já admite adaptação do rito e de todo o complexo litúrgico a ele inerente, à língua portuguesa, isto é, ao capital simbólico da terra de adoção.

7 - FATORES RESPONSÁVEIS PELA SUBSTITUIÇÃO DO UNIVERSO SOCIOCULTURAL UCRANIANO

O espaço social e as inter-relações dele decorrentes podem ser considerados como formas de comunicação. Concebidos dessa forma, a língua deixa de constituir o único veículo de comunicação e o único meio capaz de garantir a permanência da cultura de um grupo étnico. Ela passa a ser vista, então, como uma das várias linguagens que se impõem na continuidade, por exemplo, que a cultura ucraniana assumiu em terras brasileiras. Vinculada ao campo sociocultural, ela é transmitida pela dança, pelo canto, pela culinária, pela liturgia, enfim é parte integrante da vida colonial, conforme a apresentamos nos capítulos precedentes. É essa a concepção atual de ucraniedade que existe no grupo, como atestam os depoimentos:

... sou de origem ucraniana, mas sou brasileiro. Meus filhos não falam mais em ucraniano, mas eles não deixam de ser de origem ucraniana. Participam do grupo folclórico, das missas ucranianas. No Natal e na Páscoa nós seguimos a tradição ucraniana, mas a gente já usa muita coisa do natal dos latinos, como por exemplo, churrasco, saladas, cerveja, refrigerante, junto com os pratos típicos ucranianos... (Entrevista n. 30, 1997).

... nós topamos com outra dificuldade: é difícil alguém da 5ª geração que entenda a língua ucraniana. Essa quinta geração tem outros valores. Eles se sentem nessa origem, tudo bem, prezam tudo etc., inclusive a missa nós já tivemos que traduzir pelo menos uma missa em português aqui em Curitiba. Em Prudentópolis ainda não. Então eles mandam livros ucranianos e aqui pouca gente aproveita, agora surgiu este problema (Entrevista n. 4, 1998)

Assim, o fato de alguém pertencer ao grupo étnico ucraniano, antes vinculado estritamente ao rito e à língua, passa atualmente por outros valores. Além disso, os depoimentos evidenciam a atual miscigenação sociocultural da região e o uso do capital cultural e lingüístico do país de adoção nos contextos familiares. Observa-se, também, que a língua portuguesa inclusive já invadiu um dos redutos específicos da língua ucraniana: o dos contextos religiosos; embora isso não se tenha completado ainda, conforme atesta um dos depoimentos transcritos acima.

Vários fatores e eventos contribuíram para tornar essa situação uma realidade predominante, na comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis, neste final de século. Mas a vitalidade do capital cultural ucraniano, na região, e a demora na adoção dos valores socioculturais brasileiros pela maioria dos integrantes da comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis devem-se a uma junção de fatores criados e manipulados, que formaram uma barreira sólida à penetração da brasilidade, não concretizada, após mais de um século de vivência e convivência com a cultura brasileira.

7.1 - SITUAÇÕES LINGÜÍSTICAS VIVENCIADAS EM PRUDENTÓPOLIS A PARTIR DA COLONIZAÇÃO EUROPÉIA

De acordo com o que relatamos em capítulos anteriores, vários grupos étnicos instalaram-se em Prudentópolis: italianos, alemães, poloneses e ucranianos. Junto a eles e já antes de sua chegada havia um grupo de nacionais estabelecidos na região. Esse quadro demonstra que a região vivenciou uma situação multilíngüe, como corroboram os depoimentos:

... éramos muitos blocos – nós e eles. Não podíamos nos comunicar porque desconhecíamos o idioma deles e eles o nosso... (O Prácia n. 2, 17 de janeiro de 1936, p. 03)

... nos comunicávamos por gestos e mímicas... e comprávamos alguma coisa para comer... (O Prácia n. 5, 7 de fevereiro de 1936, p. 03)

... os nossos tiravam o chapéu, inclinavam a cabeça dizendo Slava Issusu khréstu ao que respondiam Boa tarde... (O Prácia, n. 5, 7 de fevereiro de 1936, p. 03)

... encontramos muitos poloneses e falamos com eles, mas nós em ucraniano e eles em polonês... (O Prácia n. 10, 13 de março de 1936, p. 03)

A situação multilíngüe, devido ao fato de que cada grupo étnico utilizava a própria língua de origem em todos os contextos funcionais de uso e na mesma localidade geográfica, teve, todavia, breve existência. E isso, porque, da situação multilíngüe, a região evoluiu para a situação de coexistência da língua portuguesa com a ucraniana. As demais línguas étnicas da região, no início da colonização, desapareceram quase completamente¹. Essa mudança aconteceu rapidamente porque, provavelmente, seus usuários não desenvolveram mecanismos de manutenção dos valores socioculturais trazidos de seus países de origem, como sucedeu com os ucranianos. Além disso, todos os grupos étnicos instalados em Prudentópolis eram formados por pequeno número de famílias, exceto o ucraniano e o polonês. Este, por sua vez, ou foi absorvido pelos ucranianos ou se dissolveu junto aos nacionais. Eles eram católicos romanos, e, em função disso, muitos se uniram aos nacionais e, progressivamente, assimilaram o universo sociocultural do país de adoção ou do grupo a que se integraram.

A coexistência entre as línguas portuguesa e ucraniana, na região em estudo, produziu necessariamente uma situação bilíngüe P/U, tema a ser discutido posteriormente. Além disso, a referida coexistência deu origem a um dialeto orolocal, a ser analisado na Parte V deste estudo. Supomos ainda que a situação lingüística local deve ter gerado um "pidgin", utilizado, provavelmente, nas trocas comerciais. Esse tema merece ser investigado mais especificamente.

Mediante a observação participante, constatamos que a atual comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis já atribuiu à língua portuguesa todas as funções desempenhadas por uma língua natural. É preciso, no entanto, fazer uma ressalva: a língua ucraniana ainda desempenha exclusivamente a função de língua do complexo litúrgico ucraniano-católico.

Entre os fatores principais, ou eventos que favoreceram a lenta, mas progressiva, penetração da língua portuguesa junto à comunidade

¹ Ainda encontramos alguma referência ao uso da língua polonesa, no ambiente doméstico.

de fala ucraniana de Prudentópolis, consideramos o “status” do português, a comercialização e a escola pública. Junto a eles, também atuaram outros, que serão denominados de secundários, como, por exemplo, o fator tempo, as sanções aplicadas ao uso e ao ensino de línguas estrangeiras, os casamentos exogâmicos, o êxodo rural, a desintegração da organização religiosa local, a presença massiva da mídia e, nesta, o uso do português.

7.2 - FATORES PRINCIPAIS QUE FAVORECERAM A INVASÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

7.2.1 - O “status” de língua oficial como fator de imposição do código lingüístico

Historicamente, tanto a língua portuguesa como a ucraniana foram línguas itinerantes, isto é, transplantadas para o cenário brasileiro devido à flutuação da população europeia. Quanto à mobilidade, ambas são idênticas, mas suas histórias, os usos funcionais que lhes atribuíram no Brasil, a partir daí, situam-se em escala dual, numa forma de distribuição complementar bastante parametrizada, conforme vamos apontar.

Quando os imigrantes ucranianos chegaram ao Brasil, no fim do século XIX, não se havia estabelecido, oficialmente, uma unidade lingüística, nem na região em estudo, nem no território nacional. A determinação oficial da língua portuguesa como língua da educação, desde 1757, renovada em 1827 estabelecia que:

Os professores ensinarão a ler, a escrever... a gramática da língua nacional... através dos clássicos portugueses... (Dias, 1996, p. 10)

É interessante destacar que a inexistência oficial de unidade lingüística no Brasil passava inclusive pela não-nomeação específica da língua, que era tão somente denominada “língua nacional”. Sabe-se, pelo que já enunciamos anteriormente, que a lei não foi cumprida, pelo menos na região em estudo, até a criação das escolas subvencionadas, pelo governo federal. Dessa forma, a língua portuguesa, foi entendida e adotada como língua oficial porque tinha tradição literária, enquanto a real língua nacional brasileira, que não possuía algo de igual teor, assume, inicialmente e por lei, a função de ser a língua da educação no Brasil.

Porém, a realidade lingüística era bem outra.

Uma vez estabelecida como língua oficial do Brasil, a língua portuguesa assume, na comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis, a função de ser, de início, a língua do comércio, seguida pela imposição de ser a língua da educação. O “status” de língua oficial permitiu e possibilitou sua penetração na comunidade de fala em estudo, através dos órgãos de comunicação, além da obrigatoriedade de ser a língua a usar nos contextos oficiais e formais da comunidade. Atualmente, em muitos contextos formais e oficiais, o português é usado, lado a lado com a língua ucraniana, em Prudentópolis.

Considerando que as línguas portuguesa e ucraniana preenchiam funções de outra ordem, de outra natureza, diferente da língua portuguesa, dita “oficial” e “normativa”, e da língua ucraniana em seu país de origem, havia então, na verdade, línguas locais. Embora lingüisticamente idênticas, sociologicamente se diferenciavam: nacionalmente, em relação à língua e, internacionalmente, em relação à língua ucraniana. Por causa disso, a situação lingüística local revelou a existência de uma regularização dita exógena, a da modalidade-padrão, enquanto para a fala local havia uma regularização endógena: a da transação entre os grupos étnicos. Tal situação faz surgir o chamado “mau português”, que é empregado na região por todos os falantes, de modo geral, independente da escolaridade, pois, para os integrantes da comunidade de fala ucraniana, a modalidade-padrão e de prestígio não era só externa, mas também absolutamente artificial.

Entendemos, então, que é o “status” da língua portuguesa que a impõe à comunidade, possibilitando, dessa forma, sua penetração no grupo em estudo.

7.2.2 - A exigência das trocas comerciais

É óbvio que, tão logo chegaram ao Brasil, os imigrantes precisaram comprar alimentos para a própria sobrevivência. Posteriormente, foi preciso comercializar os produtos de sua propriedade e adquirir outros, que não produziam. Vejamos como isso se dava, do ponto de vista lingüístico:

Logo depois que chegamos em Prudentópolis, o negociante José Durski, descendente de polonês trazia mantimentos e outras coisas para vender para nós. Ele comprava a erva que nós tínhamos e outras coisas e em troca vendia mantimentos para os imigrantes. Os nossos falavam em ucraniano e ele em polonês e assim fazíamos os negócios. Tinha uns que sabiam polonês então vendiam e conversavam em polonês com ele. Antes de nós virmos para cá, nós fazíamos isso lá, quando nós encontrávamos os poloneses, quando nós podíamos nós falávamos em ucraniano e eles em polonês, quando não, falávamos em polonês... (O Prácia n. 19, 22 de maio de 1936, p. 3).

A princípio, o depoente revela uma recriação, em Prudentópolis, do universo lingüístico comum ao de sua aldeia de origem. Além disso, informa ter sido o polonês a primeira língua a desempenhar a função mercantil, na comunidade de fala ucraniana, pelo menos para alguns dos imigrantes. Mas como eles eram muitos, e o comerciante polonês apenas um, os imigrantes ucranianos tiveram que entrar necessariamente em contato com outros comerciantes, com outras habilidades lingüísticas. Os depoimentos abaixo, complementam o anterior:

... o português entrou aqui, primeiro como língua do comércio... (Entrevista n. 1, 1998)

... o português chegou para os imigrantes ucranianos através do mercado escoador, através do comércio. Eles vinham para a cidade trazer seus produtos para vender, então através dessa venda de produtos, adquiriam também a língua portuguesa. Também a necessidade de se comunicar com a cidade fez com que eles aprendessem o português. Então o português entrou nas casas ucranianas através do comércio, isto é, através dos contatos comerciais com a sociedade de adoção e, via de regra, através do comércio...para os pais ou chefes de famílias... (Entrevista n. 5, 1998)

Através desses testemunhos, temos informações sobre a primeira função desempenhada pela língua portuguesa na comunidade de fala ucraniana: a de língua mercantil. Essa foi a porta de acesso da língua do país de adoção nos lares ucranianos. Assim, os chefes de família se tornaram bilíngües em P/U, algumas gerações antes do que as respectivas mães, cujo papel foi apresentado no capítulo anterior.

Sucessivamente, nas gerações seguintes, os contextos de utilização da língua portuguesa pelos chefes de família se ampliaram, e como eles geralmente eram acompanhados pelos filhos do sexo masculino, tam-

bém estes assimilaram a língua portuguesa antes das filhas da mesma geração. Essa situação produz, de imediato, um grande desnível na competência bilíngüe familiar, cujo núcleo interno pode conter sujeitos bilíngües e monolíngües na mesma geração. Outro fator responsável pelo citado desnível resulta do caso de a família ter mais de uma propriedade rural, o que era bastante comum em Prudentópolis. Conforme já descrito, o pai e os filhos homens adultos administram uma propriedade, a que fica distante da residência, e lá permanecem, geralmente, por longo período de tempo, enquanto a mãe, as filhas e os filhos menores permanecem na propriedade original, administrando-a. Com isso, é evidente o desnível na competência bilíngüe-monolíngüe entre os integrantes do mesmo grupo familiar.

7.2.3 - As implicações lingüísticas decorrentes da implantação do sistema escolar público

Ao chegarem os imigrantes ucranianos em Prudentópolis, a sede do povoado já possuía escolas públicas, cuja criação fora aprovada em dezembro de 1895, pela lei estadual 251. No interior do município, logo depois, foram criadas duas escolas particulares, para os imigrantes ucranianos, nas Linhas Vicente Machado e Nova Galícia. Segundo Zaluski² :

Já no ano 1911, Prudentópolis tinha 14 escolas do povo, dirigidas por professores da imigração, 3 delas mantidas pelo governo: nas linhas Marcondes, Itaparã e Senador Correia. Em Barra Grande, Linha Paraná e São João ensinavam em casas particulares. Em 1914, existiam em Prudentópolis 22 escolas para imigrantes ucranianos, com 630 alunos.

Várias informações podem ser deduzidas a partir dos números citados no depoimento acima. Por exemplo: o número das escolas particulares ucranianas era bastante superior ao das públicas; nestas, em número reduzido, os professores eram, em geral, brasileiros.

Conforme explicado no capítulo anterior, a língua portuguesa era raramente utilizada como matéria de ensino nas escolas ucranianas, sendo as aulas dadas na língua que o professor dominava. Como a maioria

² Trecho do discurso proferido por ocasião da solenidade alusiva à VIII Noite Ucraniana, em 29/08/1998, pelo Padre Tarcisio Orestes Zaluski, OSBM.

dos professores tinha origem ucraniana, sendo também superior o número das escolas ucranianas, o ucraniano desempenhou a função quase exclusiva de língua da educação na comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis, até aproximadamente a década de 1930.

Mas, paralelamente à língua ucraniana, o português também desempenhou a função de língua da educação, pois, embora em número reduzido, havia as escolas públicas, em que se dava seu uso e ensino. É interessante destacar ainda que, de um lado ocorreu, provavelmente, uma clientela de origem étnica única, enquanto as escolas públicas absorviam alunos de origem étnica variada, e com L1 também diferenciadas. Nesse contexto, o português devia funcionar como língua franca.

A criação de novas escolas públicas e a impossibilidade de continuar mantendo as particulares no interior do município, alterou o panorama de ensino da língua ucraniana, tendo reduzido sua função de língua da educação. O seguinte depoimento completa o que até aqui foi exposto:

... aí quando começaram os primeiros professores nomeados, subvencionados federais, aí começaram a vir os inspetores federais para inspecionar as escolas e o ensino. Isso aconteceu porque Prudentópolis era o terceiro município mais populoso do estado, no começo do século XX. E o povo daqui era muito pobre, os imigrantes ucranianos principalmente. Mesmo os padres obrigando, eles não conseguiam sustentar o professor. Então vieram os professores subvencionados e os inspetores e eles diziam que a escola só seria subvencionada se ela tivesse aula de português e se os alunos soubessem ou aprendessem falar, ler e escrever em português e isso desde 1909 nos núcleos rurais mais populosos como Ponte Nova, Marcondes, Patos Velhos, Nova Galícia, Vicente Machado ou naqueles bem próximos da sede da vila. Na cidade sempre teve aulas de português e professores brasileiros, no interior demorou e ali tinha professores de origem ucraniana e imigrantes ucranianos e professores brasileiros, mas os alunos, esses eram 90% imigrantes ucranianos ou descendentes de ucranianos... (Entrevista n. 3, 1998)

Desde a criação das escolas subvencionadas, a língua portuguesa se impõe e passa a ser ensinada como matéria obrigatória na comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis, aí instaurando, dessa forma, uma

situação de conflito sociocultural³ contínuo e aberto, através da escola pública, como comprova o depoimento abaixo:

No interior, a professora ensinava português porque era obrigada. E quando chegava o inspetor ou inspetora para fazer as provas, rezavam em ucraniano, cantavam o hino nacional em português e começavam a fazer prova toda escrita em português. Durante a prova, isso há uns 20 anos atrás, conversavam em ucraniano entre eles, um respondia para o outro o que ele não sabia em ucraniano e este escrevia em português e às vezes escrevia até em ucraniano nas provas... (Entrevista n. 4, 1998)

Como foi a imposição que os fez adotar a língua oficial, e não a necessidade, criaram-se as condições para o conflito sociocultural contínuo e aberto que enunciamos acima. E nova alteração no ensino e no uso da língua oficial acontece na região quando são vedados o uso e o ensino de línguas estrangeiras no território brasileiro, a partir de 1937. A situação reforça o conflito, pois impõe categoricamente a adoção do português como exclusivo, no território nacional. É interessante destacar que, mesmo passando por várias proibições e imposições, a comunidade de fala ucraniana não deixou de usar e ensinar sua língua de origem. Por exemplo:

... o pai mandava a agente ir na escolinha de ucraniano, mas eu não gostava... não adiantava, tinha que ir... O pai queria que a gente falasse só em ucraniano. Ele brigava com a gente se nós não falássemos. Ele não gostava nem se ele chegasse e a gente tivesse falando em português... (Entrevista n. 21, 1997)

Há uns 16 anos fomos inaugurar uma escola em São Cirineu, no interior de Prudentópolis. As crianças não sabiam cantar nem o hino nacional em português, mas a "Haionita" eles sabiam. Então hastemos a bandeira do Brasil cantando canções ucranianas; o padre benzeu a escola em ucraniano. E, veja só, os funcionários da prefeitura que estavam lá pediram água e os alunos não entenderam o que eles queriam... (Entrevista n. 3, 1998)

Os depoimentos informam sobre a complexa situação lingüística vivenciada na região em estudo. Fornecem dados, por exemplo, que comprovam a existência de uma situação lingüística escolar geográfica-

³ Atualmente estuda-se a possibilidade de ser o conflito, e não a integração, a base da vida social e lingüística, responsável por seus mecanismos de transformação e manutenção. É dessa forma que entendemos e utilizamos o tema "conflito" neste estudo.

mente heterogênea, assim como a instauração de conflitos socioculturais, advindos das imposições institucionais, ora de um código, ora de outro. Junto a isso, detectamos também conflitos de ordem pessoal, como, por exemplo, o de terem que preservar um universo cultural que não lhes é tão caro quanto o fora para seus ancestrais. Um quadro dessa natureza pode ter desencadeado, em muitos dos descendentes de ucranianos residentes na região em estudo, o surgimento de um processo clínico denominado de *sinistrose*⁴, ou seja, uma rebelião pessoal contra a língua ucraniana e com tudo o que ela representa; e a aproximação com a língua portuguesa e, conseqüentemente, com tudo o que a ela se relaciona. Além disso, detectamos, nos depoimentos, ou “*in loco*”, casos de crises de identidade, reivindicações, auto-avaliações negativas, alcoolismo, entre outras conseqüências, que podem ter tido origem no descompasso entre o universo sociocultural e o contexto real em que viviam.

Ambas as imposições quanto ao uso e ao ensino das línguas em questão parece não terem sido cumpridas integralmente na região. Dessa forma, a manutenção da língua ucraniana junto ao ensino sistemático e a penetração da língua portuguesa na comunidade de fala ucraniana, via escola, dependeram muito do fator secundário “tempo”, pois enquanto se restringia a função da língua ucraniana como língua da educação, a língua portuguesa substituíu esse espaço criado pela restrição funcional. A demora da invasão do português nesse contexto deve-se também à escassez de material didático e à falta de professores habilitados. Junto a esses fatores há ainda a questão geográfica da região: o município é acidentado e muitas das escolas se localizam em regiões de difícil acesso, dificultando a visita regular dos inspetores de ensino.

Por outro lado, mesmo contando com fatores adversos à adoção da língua oficial do Brasil, a escola pública atuou como fator que possibilitou a invasão da língua portuguesa na comunidade de fala ucraniana, conforme atestam vários testemunhos:

... o português entrou aqui primeiro como língua do comércio e depois como língua da escola... (Entrevista n. 1, 1998)

⁴ Ver Douville, 1989.

... o português chegou para os imigrantes ucranianos... em um segundo momento, através da escola, isto é, para os filhos dos imigrantes ucranianos foi através da escola e para os pais ou chefes de família através do comércio (Entrevista n. 5, 1998)

... quando eles eram pequenos era só em ucraniano. Depois já quando começaram andar para a escola e tudo já virou, nós começamos a falar mais em brasileiro... E por causa disso, os mais novo sabem mais brasileiro do que ucraniano (Entrevista n. 11, 1997)

Atualmente, a situação lingüística escolar da comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis apresenta o predomínio de uso funcional da língua portuguesa, na maioria dos estabelecimentos de ensino, enquanto em outros nos deparamos com a situação bilingüe em P/U. Essa afirmação tem por base observações participantes empreendidas na comunidade em estudo e levantamentos feitos em escolas públicas dirigidas por religiosas de ordens ucranianas. Por exemplo, por ocasião da coleta de dados sobre a situação bilíngüe familiar e individual, a ser descrita na próxima unidade, visitamos a localidade Barra Seca de Santana, em 15/10/97, núcleo rural localizado no norte do município. Existe ali uma escola municipal, localizada em região de difícil acesso. No dia da visita, período vespertino, havia 18 alunos em uma única sala de aula da escola, 12 meninos e 6 meninas. Cursavam a 3ª e 4ª séries do 1º grau. A professora, nascida e residente na localidade, ex-religiosa, com magistério completo, domina todas as habilidades em ambas as línguas, porém a sua L1 foi a ucraniana. Aprendeu português na escola, a partir dos 7 anos de idade. O quadro de giz estava todo escrito em língua portuguesa, mas os alunos conversavam entre si em ucraniano e também nele se dirigiam à professora. Saudaram-nos também em ucraniano, mas conversamos brevemente com eles e com a professora em língua portuguesa. Segundo relato da professora, confirmado pelos alunos, todos sabiam português antes de vir para a escola, mas preferem falar em ucraniano, tanto em casa como na escola. Todos esses alunos, nessa nossa visita não-programada, afirmaram ter aprendido primeiro a língua ucraniana, enquanto a língua portuguesa eles a aprenderam “por aí” como preferem dizer, isto é, fora de casa ou através dos meios de comunicação de massa. É preciso frisar novamente que a escola se localiza em uma região de difícil acesso, pois é praticamente impossível chegar a ela de automóvel.

Em outra escola, localizada em um núcleo rural denominado Ligação, a 59 km da sede urbana, dos 46 alunos matriculados na 1ª série do 1º grau, em 1998, 28 falam ucraniano em casa e adquiriram-na como L1. Porém, todos os alunos matriculados vieram para a escola já dominando a modalidade oral da língua portuguesa, tendo-nos informado que a aprenderam com os amigos que não falam ucraniano. Ainda segundo eles, a língua ucraniana é usada esporadicamente na escola, um pouco mais em casa e bastante na igreja. Esse núcleo rural é conhecido pela ainda grande concentração de descendentes de ucranianos.

As imposições do ensino e do uso da língua portuguesa e as sanções impostas à língua ucraniana, acrescidas do fator tempo, permitiram a invasão do português através da escola, nos lares ucranianos. Observamos, porém, que essa ocorrência gerou um quadro lingüístico bastante heterogêneo.

7.3 - FATORES SECUNDÁRIOS QUE FAVORECERAM A INVASÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

7.3.1 - O fator tempo e suas conseqüências

Por mais fortes que tenham sido os fatores ou eventos que mantiveram a língua étnica em Prudentópolis, eles foram paulatinamente corroídos pelo “status” que a língua portuguesa passou a deter. Dessa forma, o próprio tempo se impõe como fator que possibilitou a diminuição dos limites étnicos do grupo em estudo, em relação aos outros grupos étnicos residentes na região. Nos capítulos anteriores, nos deparamos sempre com a atuação do tempo na eliminação das barreiras étnicas e lingüísticas, em todos os fatores ou eventos apresentados. A organização religiosa ucraniana, ao perceber esse tipo de atuação, não só criou novos aparelhos institucionais em prol da revitalização dos valores socioculturais ucranianos, como recriou eventos etnorreligiosos com o mesmo objetivo, revitalizando, assim, constantemente, o universo sociocultural em questão.

Boruszenko acrescenta:

... eles não podiam permanecer isolados por muito tempo. Aliás permaneceram isolados muito mais do que deviam. Os imigrantes ucranianos de Prudentópolis e de outras partes do mundo, precisavam vender, preci-

savam ir ao médico, encontravam pessoas das mais variadas competências lingüísticas... então o tempo encarregou-se disso, de eliminar o isolamento... era preciso e foi preciso conviver com outros, sair da comunidade... e saindo da comunidade eles tinham que falar em português... com o passar do tempo, o vizinho não era mais ucraniano, a filha, de repente casou com alguém que não era ucraniano ou o filho, têm filhos que não vão mais na igreja ucraniana, o filho tem amiguinho que não fala ucraniano e assim por diante... (Entrevista n. 5, 1998

A interferência do fator tempo como atenuante de limites étnicos está bem representada no depoimento acima.

Brenzinger (1997) aponta como fatores de substituição de uma língua por outra ou a ascensão de uma delas, a representatividade política e-ou econômica que seus usuários detêm. Na medida em que os nacionais residentes na localidade foram ascendendo econômica e politicamente, também impuseram o código lingüístico de prestígio na comunidade.

Já que era impossível que os imigrantes permanecessem isolados, inúmeras conseqüências socioculturais foram surgindo. Por exemplo, o fato de que, com o tempo, deixaram de formar uma corporação étnica, incrementou a freqüência dos casamentos exogâmicos. Naturalmente, isso esteve associado ao aumento da rede de conhecimentos interpessoais e às facilidades na comunicação interurbana, conforme anteriormente referimos. Nas famílias que se formaram com integrantes de grupos étnicos distintos, a tendência geral foi adotar a língua oficial do Brasil, como L1 dos filhos e do contato familiar. Dessa forma, o português passa a se configurar como L1 de um grande número de famílias de descendentes de ucranianos. Outras deixaram de passar aos filhos a herança sociocultural de que eram detentoras simplesmente porque, estando a Ucrânia sob domínio soviético, não viam motivos para manter um capital simbólico sem referencial geográfico definido.

Também o êxodo rural se inclui entre os eventos que, associados ao tempo, favoreceram a invasão da língua portuguesa. À medida que a propriedade ia-se revelando insuficiente para manter a família, os imigrantes e seus descendentes iniciavam a reemigração. A década de 1930 marca o início desse processo, para outras regiões do estado, do Brasil ou do exterior. Assim, a língua ucraniana e o mundo de vivência comu-

nitária se rompiam ou acompanhavam os reemigrantes para outros espaços geográficos e sociais, dando origem a novos percursos lingüísticos (Pessoa, 1995). Como decorrência disso, na comunidade de fala em estudo...

... deu-se início a uma fase de desânimo, inércia, desvalorização e pouco interesse para os bens culturais até então mantidos e promovidos pela comunidade ucraniana local. Muitos passaram a usar a língua portuguesa e não voltaram mais... (Entrevista n. 5, 1998)

Outra fase invasiva do português, com a decorrente desvalorização dos bens culturais ucranianos e, entre eles, da língua, ocorre no período de entrada de agricultores vindos do sul do Brasil. Estes, ao adquirirem as terras dos imigrantes ucranianos e de seus descendentes, transformaram o cenário econômico e cultural do município, o que sucede de modo mais acelerado a partir das décadas de 50 e 60 deste século.

A transferência da organização religiosa para Curitiba e o fato de a comunidade de fala ucraniana passar a ser dirigida por padres nascidos no Brasil — cujo universo sociocultural de referência é brasileiro — constituíram-se em novos fatores que favoreceram a invasão da língua portuguesa na família de origem ucraniana. Em uma entrevista, obtivemos a seguinte justificativa sobre o uso generalizado do português na comunidade local:

... até os padres estão falando em português agora.... (Entrevista n. 10, 1997)

Paralelamente a isso, o aumento do poder aquisitivo do grupo étnico em estudo proporcionou a seus integrantes a aquisição de bens de consumo, como jornais, revistas, aparelhos de rádio, de som e de televisão. Todos esses meios de comunicação veiculam, na região, predominantemente a língua portuguesa. Das 144 famílias visitadas, apenas uma não tinha nenhum dos meios de comunicação que citamos. As demais informaram que assistem a programas de televisão e ouvem rádio somente em português. Como a leitura não é lazer muito praticado pelo grupo em estudo, a presença massiva dos meios de comunicação em língua portuguesa nos ambientes familiares foi um dos principais fatores que completou sua invasão em um dos últimos redutos de manutenção da língua étnica.

Assim, em Prudentópolis, há aproximadamente três décadas, os integrantes da comunidade de fala ucraniana passaram a atribuir à língua portuguesa todos os domínios funcionais que uma língua natural desempenha. Ela já invadiu, inclusive, o contexto religioso, uma vez que um dos sermões e os avisos, durante a missa na igreja ucraniana católica, são em língua portuguesa. Na sede urbana é a L1, praticamente, da nova geração de descendentes de ucranianos, além de ser usada, de modo geral, em todos os atos comunicativos do contexto familiar. No interior, a língua ucraniana ainda é adquirida como L1 em algumas famílias de descendentes de ucranianos, mas o português está pressionando aceleradamente o contexto familiar, em função do conjunto de fatores referidos acima.

Resumindo, apontamos nesta seção, que a língua portuguesa exerceu na comunidade de fala ucraniana os domínios funcionais de língua oficial, língua da educação, língua mercantil e língua geral, as quais eram executadas, inicialmente, em contextos muito reduzidos. Como nas demais zonas povoadas por imigrantes, apresentava, também na região em estudo, certa dualidade funcional estável, socialmente determinada: de um lado o dito “bom português”, predominantemente escrito e usado por um número restrito de pessoas e em contextos extremamente limitados; e, de outro, o dito “mau português”, falado sobretudo, e também utilizado, por um grupo bastante reduzido de falantes, em relação à população alóctone da região. O português deteve, como modalidade oral, os domínios funcionais de língua mercantil e de língua franca, como acima apontamos. Os demais domínios que atualmente ocupa foram conseguidos paulatinamente.

O quadro lingüístico atual, da comunidade em estudo, acima descrito, será especificado na próxima unidade desta investigação.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/LINGÜÍSTICA
ÁREA DE ESPECIALIDADE: SOCIOLINGÜÍSTICA

**AS CONDIÇÕES DE RESISTÊNCIA E VITALIDADE
DE UMA LÍNGUA MINORITÁRIA
NO CONTEXTO SOCIOLINGÜÍSTICO BRASILEIRO**

TESE APRESENTADA À UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA,
PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTOR EM LINGÜÍSTICA,
PELA ALUNA:

MARLENE MARIA OGLIARI

ORIENTADOR: PROF. DR. PAULINO VANDRESEN

FLORIANÓPOLIS, JULHO DE 1999

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/LINGÜÍSTICA
ÁREA DE ESPECIALIDADE: SOCIOLINGÜÍSTICA

**AS CONDIÇÕES DE RESISTÊNCIA E VITALIDADE
DE UMA LÍNGUA MINORITÁRIA
NO CONTEXTO SOCIOLINGÜÍSTICO BRASILEIRO**

TESE APRESENTADA À UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA,
PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTOR EM LINGÜÍSTICA,
PELA ALUNA:

MARLENE MARIA OGLIARI

ORIENTADOR: PROF. DR. PAULINO VANDRESEN

FLORIANÓPOLIS, JULHO DE 1999

TOMO II
ANÁLISE LINGÜÍSTICA

PARTE IV
A SITUAÇÃO LINGÜÍSTICA E BILÍNGÜE
DE PRUDENTÓPOLIS

8 - SUBSÍDIOS TEÓRICOS PARA A ANÁLISE DA SITUAÇÃO LINGÜÍSTICA

Pelo que já apresentamos da constituição histórica, sociocultural e lingüística da região em estudo, podemos deduzir que a situação lingüística a ser descrita é altamente complexa. Tal complexidade se constituiu durante o longo processo de convivência entre as línguas portuguesa e ucraniana e, devido a essa especificidade, faz parte do processo de formação histórica da nação brasileira e da complexa situação da inexistência de uma língua nacional no Brasil. Esse foi o motivo que exigiu o exame histórico, social e psicológico das nações e do povo envolvido, para, a partir daí, poder-se chegar à especificidade da situação lingüística atual e à especificidade fonética e fonológica do dialeto do português falado na região. A complexidade, ainda, se deve à vinculação estabelecida entre língua, rito e liturgia pelo grupo-alvo.

8.1 - LÍNGUA MATERNA: IDENTIDADE E ETNICIDADE

Considerando que são os desvios diferenciais que dão aos indivíduos sua identidade, a comunidade ucraniana de Prudentópolis possui identidade própria porque a pertença ao grupo passa pela identificação religiosa própria e pelo domínio de competências comunicativas na língua étnica; caso contrário, o indivíduo se sente excluído do seu grupo de origem e, mais especificamente, da liturgia de seu rito.

Le Page e Tabouret-Keller (1985) consideram que os atos de fala são, na verdade, atos de identidade. Nesse caso, a vinculação entre língua e usuário adquire extrema consistência, pois um único padrão de

uso de uma língua se torna suficiente para identificar a participação de alguém em determinada comunidade de fala. Essa forma de conceber o vínculo entre língua e usuário é corroborada pela denominação “língua materna”: a imagem da língua absorvida pela criança junto com o leite materno é uma das raízes da metáfora. É também a força pela qual se deve, em parte, ao fato de que a criança recém-nascida não pode escapar da dependência e do cuidado dos adultos para sua sobrevivência. Sendo assim, não há como não se deixar assujeitar pela língua fornecida pela família. Uma vez situando a língua e o usuário nessa dependência, tem-se, com isso, a questão da identidade lingüística do falante, vinculada aos membros do pequeno grupo, como se fosse uma herança familiar, ou como o próprio sobrenome do sujeito. Essa realidade implica também a aceitação de uma unidade lingüística inexistente e a colocação entre parênteses da diversidade inerente nos sistemas lingüísticos. Por outro lado, aceitando a existência de uma língua materna, admite-se a diversidade lingüística local, regional ou nacional, pois a língua materna só ocorre de modo diferencial: sempre pela referência àquela da qual é separada e pela fronteira que deve marcar para se definir. Com a sociedade, no entanto, a relação não é recíproca, já que o grupo social existe independente da língua que a família pratica.

Em função dessa realidade, Halliday (1976) propõe o termo “anti-language” à língua materna. Para ele, a antilíngua constitui atributo lingüístico de uma categoria que é única apenas no contexto em que se destaca sua diferença: só é antilíngua em relação à língua e na língua. Assim a língua ucraniana passa a servir, quer falada ou escrita, como barreira simbólica de fronteira interétnica, externa e interna.

Como é natural, os integrantes de um grupo familiar podem optar por continuar pertencendo exclusivamente a seu grupo, ou por se juntarem a outros grupos, e nesse caso, se acomodando ao comportamento deles e, inclusive, adotando seus padrões lingüísticos. Na comunidade ucraniana em estudo, o pertencer à família e ao grupo étnico originário foi muito mais consistente do que a deserção. A não-deserção em massa dos integrantes da comunidade de fala em estudo teve como principal causa, conforme já apontamos, o comprometimento individual com a religião específica instaurada na região, que foi manipulado pela organização religiosa através de estratégias sempre variáveis. Isso significa fa-

zer uso da religiosidade e da língua para marcar a filiação a um grupo, para revelar limites permitidos ou proibidos, para excluir ou incluir, etc. (Tabouret-Keller, 1997).

A partir do momento em que o português passa a ser obrigatoriamente a língua da educação e língua oficial do Brasil, a língua ucraniana começa a se configurar como outra língua ao lado da língua de cultura do país de adoção, no contexto educacional e oficial. No religioso e didático-religioso, como o da catequese, no entanto, a língua étnica continuou a ser única e ininterruptamente ensinada nas escolas particulares ucranianas.

A relação entre ato de fala e ato de identidade não é nem poderia ser bidirecional. O ato de fala é, na verdade, limitado por quatro condições restritivas, que são: a capacidade de o indivíduo se identificar com o grupo-modelo; o acesso do indivíduo a esse grupo e a habilidade de reproduzir suas regras; o peso de várias e possivelmente conflitantes motivações; e a capacidade de modificar seu próprio comportamento lingüístico em função do grupo-modelo. Nas famílias ou indivíduos que mantiveram o universo sociocultural e lingüístico de origem ucraniana atualizados na comunidade de fala em estudo, tais condições devem ter sido cumpridas integralmente.

No processo de consolidação de uma nacionalidade, segundo Hobsbawn (1991), é comum eleger-se um traço de coesão protonacional a fim de que a nação se torne visível. Na comunidade em estudo, essa tarefa foi desenvolvida pelas associações comunitárias, pela língua e pela religião, como demonstramos anteriormente. Em relação à língua étnica, a variável é complexa, pois a ela foi atribuído um valor cultural essencial, o etnorreligioso, fazendo surgir daí uma cultura lingüística local.

O vínculo entre identidade e etnicidade lingüística, fortemente alicerçado na comunidade em estudo, se manteve com sucesso, de acordo com Clyne (1997, p. 310), devido à presença de elos essenciais no grupo¹:

¹ Há evidência de que a manutenção mais bem sucedida de uma língua ocorre dentro dos grupos para os quais a língua está associada a um valor essencial, entre outros valores essenciais, tais como religião e consciência histórica ou coesão familiar, ao contrário daqueles para os quais a língua permanece em isolamento como formador de identidade.

There is evidence that the most successful language maintenance occurs in groups for whom language stands is intertwined as a core value with other core values, such as religion and historical consciousness or family cohesion, rather than those for whom language stands in isolation as an identity maker.

Esses valores fizeram parte das estratégias utilizadas pela organização religiosa católico-ucraniana local, para consolidar sua missão no Brasil, através da ordem basiliana, transformando-se nas principais condições para a resistência e a vitalidade da língua étnica. É interessante repetir, novamente, que a situação de os imigrantes não terem configuração geográfica independente fê-los recriá-la aqui através do contínuo despertar da consciência histórica nacionalista. Além do rito religioso específico, alicerçado na língua, eles possuíam também um alfabeto específico — o cirílico —, ainda mantido. Sobre isso Decrosse (1989, p. 22) observa que:

Em certos territórios, o alfabeto pode ser concebido como um traço necessário de coesão nacional. Assim, na Bulgária, no século IX, Krabre criticou os “Hellins” porque não tinham letras próprias e que, escreviam, portanto, com letras fenícias. Diferentemente, os eslavos da sua época são louvados na mesma obra por terem escrito em língua materna, isto é, com um alfabeto específico.

A escrita com alfabeto específico reforça a questão do mito da “língua materna”, principalmente porque, na origem e na maioria das vezes, os alfabetos foram concebidos como um atributo nacional, que viabilizava que cada povo se identificasse como um grupo unido e autônomo. Logo, em relação ao grupo ucraniano, junto ao mito atribuído à língua materna, uniu-se também a especificidade de transcrevê-la em alfabeto próprio. Tudo isso, evidentemente, conferiu limites sólidos ao grupo e poderes duplamente delimitadores a sua língua étnica.

Fishman (1997, p. 331), todavia, acrescenta que o vínculo entre etnicidade, língua e religião, instaurador da dimensão moral do grupo, interfere, por sua vez, de modo sólido, na manutenção de uma língua étnica²:

² O vínculo entre língua e etnicidade está freqüentemente acompanhado por um vínculo entre língua e religião. As religiões são inevitavelmente veiculadas (“recebidas”) através da língua e há muito têm sido adotadas ou “professadas” por coletividades etnolingüísticas. A maioria das etnoculturas mundiais são predominantemente de uma religião específica, tradicionalmente associada a esta

The language and ethnicity link is often paralleled by a language and religion link. Religions are inevitably carried (“received”) via languages and have long been adopted or “professed” by ethnolinguistic collectivities. The majority of the world’s ethnocultures are predominantly of a particular traditionally associated religion to this very day, notwithstanding the demographic heterogenization and cultural secularization resulting from modernization or post-modernization. The resulting three-way link between language-religion-ethnicity provides a moral dimension to ethnolinguistic identity and ethnolinguistic consciousness. It is in this manner that language is frequently associated with the “soul” or the “spirit” of the nationality.

A associação entre língua, religião e nacionalidade, pelo que aponta o autor, é um fato atual, justamente porque, por vários séculos, somente as línguas clássicas, latim, grego e hebraico, eram consideradas línguas de cultura, e, por isso, exclusivamente utilizadas nos cerimoniais religiosos, até o concílio Vaticano II. O fato de os fundadores da religião ucraniano-católica terem usado, no surgimento da seita, o paleoslavo como língua da cultura religiosa, se tornou inédito, sobretudo porque a religião é católica, em cujo contexto o latim reinou absoluto por longos séculos.

Quanto ao vínculo entre identidade e indivíduo, Rajagopalan (1998) afirma que a identidade se constrói na língua e através dela. Isso significa dizer que o indivíduo não tem identidade fixa anterior e fora do código lingüístico. Além disso, a construção da identidade individual através desse código depende do fato de a própria língua, em si, ser uma atividade em evolução e vice-versa. Dois teóricos, Giles e Le Page, desenvolveram teorias que buscam explicar a construção da identidade lingüística do indivíduo.

As idéias de Giles (1980) ficaram conhecidas como teoria da acomodação, a qual está relacionada com os acontecimentos comportamentais interativos. Apóia-se na definição de grupo étnico como aqueles indivíduos que vêem a si mesmos como pertencentes à mesma categoria

própria época, não obstante a heterogeneização demográfica e a secularização cultural resultante da modernização ou da pós-modernização. O vínculo triplo resultante entre língua, religião e etnicidade confere dimensão moral à identidade etnolingüística e à consciência etnolingüística. É assim que a língua fica muitas vezes associada à “alma” ou ao “espírito” da nacionalidade.

étnica. Ele deu a seguinte definição de sua teoria³:

... that people are motivated to adjust their speech style, or accommodate, as means of expressing values, attitudes and intentions towards others. It is proposed that the extent to which individuals shift speech styles toward or away from the speech styles of their interlocutors is a mechanism by which social approval or disapproval is communicated. A shift in speech style toward that of another is termed convergence and is considered often a reflection of social integration, whereas a shift away from the other's style of speech represents divergence and is considered often a tactic of social dissociation (1980, p. 105).

Na medida em que o grupo-alvo não mudou de língua de origem nem adotou o código lingüístico do país de adoção, permaneceu com sua identidade original inalterada. Essa identidade foi firmemente alicerçada pelos fatores já referidos, considerando a vitalidade da língua ucraniana na região. As duas tendências devem ter acontecido na comunidade de fala ucraniana em questão: ou se identificaram tão somente com o universo sociocultural ucraniano ou convergiram para os valores socioculturais e lingüísticos da região em que se inseriram. A convergência, de modo geral, foi sendo progressivamente efetuada, conforme expusemos no capítulo anterior. Giles considera que a convergência e a divergência podem operar simultaneamente em dimensões lingüísticas diferentes. A isso denomina de complementaridade. Por exemplo, mudanças simultâneas podem acontecer em um ato comunicativo, sinalizando afastamento ou aproximação ao outro. Isso acontece naturalmente com qualquer um dos participantes, tanto que pode ser considerado como totalmente integrativo.

Le Page (1980) considera que o falante cria seu sistema lingüístico e seus atos de fala como atos de projeção. Aqui, os grupos sociais não precisam ser definidos de antemão; a existência do indivíduo é que se impõe como postulado básico. O pesquisador salienta que⁴:

³ ... as pessoas são motivadas a ajustar seu estilo de fala, ou a acomodar, como maneira de expressar valores, atitudes e intenções em relação aos outros. Está proposto que a medida usada pelos indivíduos para mudar seus estilos de fala, aproximando-se ou se distanciando dos estilos de fala de seus interlocutores, é um mecanismo pelo qual é comunicada a aprovação ou a desaprovação social. A mudança no estilo da fala direcionada à do outro é denominada de convergência e é considerada muitas vezes como reflexo de integração social, enquanto a mudança que se distancia do estilo de fala do outro representa divergência e é muitas vezes considerada como tática de dissociação social.

⁴ O indivíduo cria para si mesmo os padrões de seu comportamento lingüístico para se assemelhar

The individual creates for himself the patterns of his linguistic behaviour so as to resemble those of the group or groups with which from time to time he wishes to be identified, or so as to be unlike those from whom he wishes to be distinguished (1980, p. 181).

No depoimento abaixo, observam-se ambas as tendências: a identificação plena a um grupo e a evidente não-identificação com o outro grupo étnico:

...as mães acalentam seus filhos nos berços cantando canções de ninar em ucraniano. Na minha língua materna (U), louvo a Deus, converso com os vizinhos, com os filhos. Quase não falo brasileiro, ... (O Práxia n. 15, 24 de abril de 1936, p. 3).

Pelo testemunho, constata-se que as situações de contato de línguas exemplificam casos de fusão ou disjunção entre língua e identidade.

8.2 - TIPOS DE CONTATO ENTRE LÍNGUAS

O termo “contato”, referindo-se à coexistência temporal e espacial de duas ou mais línguas, é relativamente recente, e seu emprego como termo técnico de circulação internacional se deu a partir de “Language in Contact”, de Uriel Weinreich (1953). Muito antes disso, a partir do século XVI, já havia pesquisas esporádicas sobre as diversas línguas que estavam ou já haviam estado em contato. Porém, os estudos que apresentaram certa cientificidade, referidos por Elizaincin (1992) são os de H. Schuchardt (1888, 1890, 1909) e de H. Paul (1891). O primeiro estudou o que ele chamava de “Mischsprachen” (línguas mescladas ou mistas) e, já na época, afirmava não existir língua no mundo que não tivesse sofrido, em algum momento, processo de contaminação. O segundo dedicou um capítulo de seu manual “Prinzipien der Sprachgeschichte” (1981) à questão da “mescla” das línguas, afirmando ser um dos problemas que a Lingüística enfrentava.

Os estudos sobre contato entre línguas, no plano sistemático, envolvem temas relacionados com “pidgin-pidginização”, “crioulo-crioulização”, substrato, superestrato e adstrato, empréstimo, transferência, interferência, diglossia, diglossia e bilingüismo, dialetos bilíngües

àqueles do grupo ou dos grupos com os quais, de tempos em tempos, deseja identificar-se, ou de modo a ser diferente daqueles em relação aos quais deseja ser diferenciado.

em contato, variação e variabilidade, entre outros temas decorrentes. Esses assuntos são, na verdade, os principais produtos lingüísticos gestados em situação de contato entre línguas. O produto lingüístico gerado é, por sua vez, dependente, entre vários fatores, da forma na qual as línguas entraram ou permaneceram em contato, bem como do tempo de gestação do processo lingüístico.

Kulczynskij (1987) propõe, com base em Zluktenko (1966), os seguintes tipos de contato entre línguas: contato direto ou indireto; casual ou temporário; permanente ou instável; externo ou interno. Os contatos internos podem incluir a relação entre uma língua dominante⁵, isto é, majoritária, ou línguas dominantes e uma língua minoritária⁶, ou línguas minoritárias. Essas situações podem ser encontradas nas fronteiras de países ou dentro de um país; em regiões próximas a países fronteiriços ou em comunidades bilíngües. Aí podem surgir as chamadas “línguas ilhas” ou os “encaixes-encraves etnolingüísticos” (“Sprachinseln”). Exemplificam essa situação o encaixe húngaro na Eslováquia e o encaixe ucraniano no Brasil, entre tantos outros.

A comunidade de fala em estudo, ou como Kulczynskij prefere denominar “grupo lingüístico minoritário” ucraniano, pertence ao tipo de contato direto, temporário, permanente e interno. Forma uma comunidade de fala dita “ilha” (“língua-ilha”) ou um encaixe etnolingüístico (Sprachinseln) dentro do cenário lingüístico brasileiro. Complementando as situações apresentadas na seção anterior, ocorre na região: monolingüismo e multilingüismo, seguidos pela situação de bilingüismo e diglossia (detalhada a seguir). No estágio atual, ocorre o contato real e direto, no sentido físico do termo, entre uma língua minoritária e uma língua dominante.

⁵ Língua dominante ou língua majoritária: refere-se à língua oficial de uma nação e, por ter esse domínio, é geralmente a língua da educação, da administração e da mídia e, conseqüentemente da comunidade bilíngüe. Não se refere, necessariamente à frequência de uso diário ou a número de falantes (Kulczynskij, 1987).

⁶ Línguas minoritárias ou grupos lingüísticos minoritários: são línguas que existem em ambientes hostis a elas. Não são usadas como língua da educação, da mídia e da administração, etc., e, sendo assim, são dominadas por outra ou outras línguas. Como elas estão limitadas a serem usadas exclusivamente dentro da comunidade que as fala, a ameaça externa a elas deriva desses outros domínios, e o peso da pressão cai de acordo com a importância que esses domínios possuem dentro da comunidade (Brenzinger, 1997). Um critério aparentemente óbvio para identificar línguas minoritárias é o tamanho da comunidade etnolingüística.

Outros tipos de relacionamentos interlingüísticos interculturais, com base no nível de interferência entre as línguas, são “enclavic”, com interferência mínima e resistência máxima; “symbiotic”, coexistem em contato harmonioso e criativo; “hybridized”, com elementos mistos formando um conglomerado; “extinct”: com resistência zero em seu desenvolvimento histórico (Rudnycky, 1983; apud Kulczynskyj, 1987, p. 22).

Considerando essa tipologia, a comunidade em estudo revela duas formas principais de relacionamento interlingüístico e intercultural bastante interessantes: no interior do município e em vários núcleos rurais localizados da região norte do município revela-se como encravada (“enclavic”): com interferência mínima da língua portuguesa e resistência máxima a ela; nas demais áreas estudadas, sul, primeiras colônias e sede urbana, por outro lado, parece predominar o tipo hibridizado (“hybridized”): menos resistência à interferência da língua portuguesa e, portanto, o uso do ucraniano como língua da comunicação diária das gerações mais novas encontra-se em fase de extinção (“extinct”) em muitos núcleos rurais das duas regiões citadas e na sede urbana. O mesmo resultado foi aferido por Kulczynskyj (1987), em seu estudo sobre comunidades ucranianas do Paraná. No entanto, para ele, o resultado se revelou dicotômico: em áreas rurais, “enclavic” e nas comunidades ucranianas urbanas “hybridized” e “extinct”.

Há ainda outros tipos de contatos interlingüísticos como o espontâneo e o consciente. O segundo sucede nos casos de traduções de uma língua para outra, enquanto o primeiro é típico das ocorrências de “code-switching”, quando o falante bilíngüe passa de um código lingüístico a outro ou inclui lexemas de ambas as línguas em suas falas.

O universo de nossa investigação lingüística implica, assim, uma situação de convivência entre duas línguas não-aparentadas, que entraram em contato direto, interno, temporário e permanente entre si, cujos principais processos lingüísticos foram o do surgimento de sujeitos bilíngües e de um dialeto específico, concentrados em uma área geográfica específica. Constatamos também tipos de manutenção de ambas as línguas, caracterizados como encaixados e híbridos. Acrescenta-se também a não-manutenção da língua minoritária e, assim, a forma extinta dessa língua na região. Esse resultado lingüístico surgiu devido, em parte, às formas de contato que as línguas ucraniana e portuguesa desenvolveram. Mesmo espontâneos, foram necessários, pois a língua portuguesa passou a ser a oficial e dominante no

cenário brasileiro e, posteriormente, na região.

8.3 - CONTATO, DIGLOSSIA E BILINGÜISMO

O quadro lingüístico da região em estudo se delineou, no primeiro momento, conforme discussões já empreendidas, em um estágio de monolingüismo étnico esperado e natural, caracterizando-se a região como multilíngue. Após esse período, as línguas portuguesa e ucraniana assumiram a liderança lingüística na região. Os motivos que as levaram a essa condição, referidos na unidade anterior, foram bastante diferentes entre si. Por se terem tornado línguas dominantes na região em estudo, nas primeiras décadas do século XX, foram assimiladas indistinta ou distintamente pelos demais grupos étnicos existentes em Prudentópolis. Ocasionalmente, então, uma primeira situação bilíngüe, com possíveis dualidades funcionais em ambas as línguas, entre os grupos étnicos assimilados ou aculturados. Como, majoritariamente e de modo consistente, sobreviveram apenas essas duas línguas na região, as causas originárias, os processos e seus resultados lingüísticos, transformaram-se em fontes inesgotáveis de pesquisa. Seu estudo proporciona dados esclarecedores sobre a constituição da língua nacional e as realidades sócio e etnolingüísticas brasileiras. Tecnicamente, há indícios da existência de uma situação lingüística denominada de diglósica na comunidade de fala em estudo. Ferguson originalmente sumarizou diglossia (1959, p. 435) como segue⁷:

Diglossia is a relatively stable language situation in which, in addition to the primary dialects of the language (which may include a standard or regional standards), there is a very divergent, highly codified (often grammatically more complex) superposed variety, the vehicle of a large and respected body of written literature, either of an earlier period or in another speech community, which is learned largely by formal education and is used for most written and formal spoken purposes but is not used any section of the community for ordinary conversation.

Essa concepção do fenômeno lingüístico em pauta reflete as proposi-

⁷ Diglossia é uma situação lingüística relativamente estável em que, junto aos dialetos primários da língua (que podem incluir a variante padrão ou as normas regionais), há um dialeto muito divergente, altamente codificado (muitas vezes, bastante complexo gramaticalmente) sobrepondo-se à variedade. É o veículo de um grande e respectivo corpo de literatura escrita, tanto de período anterior ou de outra comunidade de fala; é aprendido através da educação formal, usado na escrita e na fala em contextos formais, mas não é usado em qualquer uma das seções da comunidade para conversação coloquial.

ções do estruturalismo funcional norte-americano e, em parte, se identifica com a situação lingüística vivenciada pela língua ucraniana, na região em estudo. Ela sempre se manteve em situação diglósica para a respectiva comunidade de fala em estudo porque o grupo apresenta um dialeto altamente codificado, fixado pela literatura religiosa e utilizado apenas nas celebrações litúrgicas. Por outro lado, não se identifica com a situação lingüística geral, gestada ali, entre as línguas em questão. Como já referimos, cada grupo étnico utilizava os vários dialetos orais de sua língua materna, nas interações comunicativas cotidianas (“for ordinary conversation”). Havia também, na região em pauta, um grupo bastante restrito que usava a variante padrão da língua ucraniana e da língua portuguesa, exclusivamente nas formas escritas. Assim, uma situação de distribuição complementar contextual de uso das línguas em estudo foi aí vivenciada, inicialmente. Mas a situação lingüística posterior à fase inicial é mais interessante e, através da concepção clássica de diglossia de Ferguson, não é possível discuti-la. Mais recentemente, Ferguson (1991) conceituou diglossia como um fenômeno graduável e variável.

Fishman (1967), alguns anos depois, retoma o conceito de diglossia, e, ampliando-o, inclui outros casos de dualidades funcionais estáveis, socialmente determinadas, que poderiam existir em determinada comunidade de fala. Admitiu, por exemplo, a assimetria nas relações de contato entre as modalidades lingüísticas, aparentadas ou não entre si. Outra expansão foi quanto à delimitação analítica. Estabeleceu uma perspectiva individual, que definiu como bilingüismo, e outra social, para a qual reservou o termo diglossia. Com isso, delimitou as principais relações que podem surgir entre diglossia e bilingüismo na situação de contato entre línguas:

- 1) diglossia e bilingüismo;
- 2) bilingüismo sem diglossia;
- 3) diglossia sem bilingüismo;
- 4) nem diglossia, nem bilingüismo.

Ao estabelecer esse tipo de dualidade funcional, observou que⁸:

⁸ O bilingüismo sem a diglossia tende a ser transicional, tanto em termos de repertórios lingüísticos

Bilingualism without diglossia tends to be transitional both em terms of the linguistic repertoires of speech communities as well as in terms of the speech varieties involved per se. Without separate though complementary norms and values to establish and maintain functional separatism of the speech varieties, that language or variety which is fortunate enough to be associated with the predominant drift of social forces tends to displace the other (s) (1967, p. 36).

Na comunidade de fala em estudo, o fato de ter surgido uma situação lingüística bilíngüe e diglössica eliminou, em parte, as conseqüências lingüísticas apontadas por Fishman. Além disso, pode-se considerar a situação lingüística aí instaurada, indiretamente, como um dos fatores revitalizadores da língua ucraniana.

Posteriormente, Fishman (1980) criou uma espécie de taxonomia do relacionamento entre as modalidades lingüísticas que havia estabelecido. Para essa tipologia, segue classificação binária, conforme havia proposto Ferguson: “H” (“highly value”) e “L” (“to less valued”)⁹:

- a) *H as classical, L as vernacular, the two being genetically related;*
- b) *H as classical, L as vernacular, the two not being genetically related;*
- c) *H as written-formal - spoken and L as vernacular, the two being genetically unrelated to each other;*
- d) *H as written-formal - spoken and L as vernacular, the two being genetically related to each other.*

A dicotomia estruturalista entre língua (sistema) e fala (realização) ainda persiste no modelo dito “estendido” do sucessor de Ferguson, levando-o a privilegiar os sistemas codificados que se encontram nos pó-

de comunidades de fala como em termos das variedades de fala envolvidas per si. Sem separar, no entanto, as normas complementares e valores para estabelecer e manter a separação funcional das variedades de fala, aquela língua ou variedade que seja o bastante favorável para ser associada com o movimento predominante das forças sociais tende a substituir a(s) outra(s).

⁹

- (a) H como clássica, L como vernáculo, as duas geneticamente relacionadas;
- (b) H como clássica, L como vernáculo, as duas não-geneticamente relacionadas;
- (c) H na fala e escrita/formal; L como vernáculo, as duas não-relacionadas geneticamente uma com a outra.
- (d) H na fala e escrita/formal e L como vernáculo, as duas geneticamente relacionada uma com a outra.

los de uma linha entre as variantes “H” e “L”.

Entre os tipos binários levantados por Fishman, a situação lingüística estudada se caracteriza, aproximadamente, como:

1 – Em relação à língua ucraniana:

- Tipo “a”: havia e ainda há, na comunidade de fala ucraniana em estudo, uma modalidade clássica dessa língua (H) e um dialeto vernáculo (L), ambos geneticamente relacionados;

2 – Em relação à língua portuguesa:

- Tipo “d” : havia e há, na região em estudo, uma modalidade da língua portuguesa usada na escrita e nos contextos formais (H), e uma variante (L), usada como vernáculo; as duas são geneticamente relacionadas entre si; essa caracterização lingüística que atribuímos à região em relação à língua portuguesa é corroborada, inclusive por Kato (1993, p. 20):

... O Brasil apresenta um caso extremo de “diglossia” entre a fala do aluno que entra para a escola e o padrão de escrita que ele deve adquirir.

3 – Em relação às duas línguas em questão:

- Tipo “c” , surgido a partir do momento em que a língua portuguesa passa a ser imposta como a língua da educação e dos contextos formais na comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis, enquanto a língua ucraniana passa a ser usada predominantemente nos contextos coloquiais; tal situação se consolidou, verdadeiramente, através das políticas negativas que rejeitavam o multilingüismo ou qualquer tipo de pluralismo cultural, verificadas no Brasil após a Primeira Guerra mundial.

Quanto às formas de relacionamento entre diglossia e bilingüismo, a comunidade de fala ucraniana e a região vivenciaram as seguintes situações:

- a) em um primeiro momento surgiu uma situação de diglossia sem bilingüismo, no interior da língua ucraniana e da língua portuguesa.
- b) em um segundo momento, a comunidade de fala ucraniana passou a vivenciar uma situação lingüística de diglossia e bilingüis-

mo: diglossia em relação à língua ucraniana e bilingüismo em relação ao português e ao ucraniano; essa situação surgiu em função dos domínios funcionais atribuídos às línguas pela comunidade de fala em questão e também pela consolidação da língua portuguesa como dominante, em termos nacionais; o depoimento abaixo confirma a existência da situação lingüística tal como a caracterizamos:

Aqui em Prudentópolis sempre existiu uma língua interna, a ucraniana, e uma língua externa a portuguesa. Fora de casa os descendentes de ucraniano usavam o português e o ucraniano para conversar com a vizinhança ucraniana e não ucraniana, para vender, comprar, estudar e até namorar, mas em casa só ucraniano e na igreja o ucraniano litúrgico... (Entrevista n. 5, 1998)

... nós cantamos e rezamos em ucraniano e as explicações do catecismo nós damos em português... (comentário sobre o uso das línguas na catequese, feito em maio de 1998).

Além desses relatos, deparamo-nos, na região em estudo, com inúmeras situações que confirmam a existência da dualidade funcional e da distribuição complementar no uso das línguas portuguesa e ucraniana: os atuais usos dessas línguas, por exemplo, pela comunidade de fala ucraniana, nas reuniões do Apostolado da Oração, nas rezas do terço, nas missas e em alguma das situações escolares que apresentamos anteriormente.

Por outro lado, a situação lingüística prudentopolitana não foi nem poderia ser uniforme, quer em relação ao caráter geográfico, quer quanto ao emprego individual das línguas em estudo, conforme exemplificaram vários depoimentos já citados. Ou seja: a diglossia não se revelou geograficamente abrangente quanto à distribuição dos domínios funcionais de ambas as línguas, criando a chamada situação de diglossia e áreas lingüísticas diferenciadas. Também não se apresentou estável, conforme a proposição clássica de Ferguson (1959) e a forma estendida de Fishman (1967).

Em uma das últimas discussões sobre diglossia, Ferguson admite que o fenômeno¹⁰:

... cannot easily be boxed into an either – or binary system of categorization. ...

e justifica da seguinte forma, as inúmeras críticas a seu modelo¹¹:

... my original formulation of diglossia was not meant to encompass all instances of multilingualism or functional differentiation of languages. Thus many attempts to “refine” or “extend” diglossia, or to discern whether such and such is or not a case of diglossia, may be barking up the wrong tree (1991a, p. 11).

Schiffman (1997) considera a diglossia como uma situação sociolinguística específica e, como tal, apresenta caracterizações diferenciáveis de comunidade para comunidade e, inclusive, na própria comunidade em que a situação se configura. Junto a isso, considera-a um fator que provoca mudança na língua, especialmente em comunidades onde a língua minoritária está em relacionamento diglótico com a majoritária. A situação linguística que estamos descrevendo se ajusta com mais precisão nessa perspectiva diglótica do que em relação aos conceitos anteriores.

A atribuição dos domínios funcionais das línguas em questão foi socialmente determinada através da imposição institucional da igreja, da escola ou da família, e executada pela comunidade de fala. O que mudou no período de convivência entre a língua portuguesa e a ucraniana, na comunidade em estudo, foram os usos funcionais dessas línguas, e, logo, seus domínios. Como é esse o panorama linguístico em estudo, temos que considerar o seguinte: se uma ou mais línguas estão em situação sociolinguística diglótica e bilíngüe, isso se dá em vista das crenças que seus usuários têm da língua ou línguas envolvidas, isto é, pela influência da cultura linguística existente na área, antes do que pelas línguas em si (Schiffman, 1997). Isso se confirma pelo fato de que a língua ucraniana no Canadá, e nos demais países onde se fixou um grande número de imigrantes ucranianos, como Alema-

¹⁰ ... não pode ser facilmente encaixado dentro de um sistema binário de categorização

¹¹ ... minha formulação original de diglossia não tinha a intenção de conter todos os exemplos de multilinguismo ou diferenciação funcional das línguas. Então muitas das observações para detalhar ou estender a diglossia, ou discernir se tal ou tal situação é ou não um caso de diglossia, pode estar indo bater em uma porta errada.

nha, Estados Unidos e Argentina, não mais se encontra em situação diglósica. Mas no Brasil, na Argentina e no Paraguai, a situação de diglossia parece prolongar-se por mais algumas décadas.

Em Prudentópolis, a aprendizagem e a adoção do português pela comunidade de fala ucraniana foram necessidades impostas pelo contexto em que os falantes estão inseridos. Em relação à língua ucraniana, a vinculação histórica entre religião, rito, língua e liturgia, assim como o poder que a organização religiosa detinha na comunidade, somados a vários outros fatores, permitiu a manutenção da situação lingüística diglósica e bilingüe por quase um século. E há indícios de continuidade dessa situação, pelo menos no domínio religioso. Observamos, por exemplo, que, nas cerimônias religiosas, os que não dominam mais a linguagem ucraniana das liturgias, mas continuam a pertencer à religião católica ucraniana, permanecem em silêncio para não utilizarem uma língua inapropriada ao contexto. Com isso, revelam possuir competência etnolingüística, isto é, dominam a gramática cultural ucraniana, porque demonstram saber que ali não se deve usar outra língua, a não ser a ucraniana. Mas a utilização da língua ucraniana na liturgia, seu domínio primeiro e absoluto em Prudentópolis, está-se tornando, de fato, monopólio de poucos. Nesse aspecto, sobressai a característica parcial da diglossia, apontada por Schiffman (1997). Mesmo que a cultura lingüística ucraniana se tenha tornado muito forte para os seus usuários, outros elementos interferiram ou interferem para dissolver um de seus últimos domínios na região. Portanto, a situação diglósica não é nem poderia ser estável e geral. Em seções anteriores já apontamos os principais fatores intervenientes e operantes na mudança dessa situação lingüística.

A língua ucraniana transitou de língua dominante no seu grupo étnico, e majoritária na região, para usos contextuais extremamente restritos, atualmente. No outro extremo se encontra a língua portuguesa, que inicialmente foi usada por um grupo extremamente limitado de nacionais quanto aos aspectos demográficos. Se, na comunidade de fala ucraniana, detinha o domínio parcial de veículo de comunicação mercantil, é o português hoje que detém o "status" de língua dominante também na região. Assim, de modo contínuo, as duas línguas passaram por uma mudança radical de "status": a língua ucraniana, de dominante a minoritária, e a portuguesa, de minoritária a dominante. Conseqüen-

temente, houve um período em que ambas se aproximaram quanto ao número de domínios funcionais. A existência dessa fase proporcionou o surgimento de indivíduos bilíngües, em relação ao português, porém não eliminou a situação diglössica em que o ucraniano se encontra na comunidade em estudo.

Essa realidade lingüística, a inexistência de bilingüismo sem diglossia, na comunidade, pode ser considerada como um dos fatores da manutenção da língua de um grupo lingüístico minoritário, para além da terceira geração de descendentes, conforme colocações feitas por Fishman (1967). Por outro lado, a situação lingüística, em Prudentópolis, neste final de século XX é a seguinte: a língua ucraniana, como língua minoritária, encontra-se em relacionamento diglössico com a língua majoritária e língua dominante, a portuguesa. E, por se configurar assim, está sinalizando para uma situação de mudança de língua (“language shift”).

Schiffman (1997) salienta que em “L” e “H” pode haver uma ou mais variedades e, em função disso, atribui as características de homogeneidade ou heterogeneidade à situação lingüística. Em Prudentópolis e na comunidade em estudo, uma variante da língua ucraniana foi sempre ensinada pelos religiosos, desde sua chegada, o ucraniano litúrgico. Por outro lado, os usuários da língua minoritária tiveram e têm acesso a essa língua escrita e falada, na modalidade-padrão, através dos programas radiofônicos (1983) e dos periódicos mensais e quinzenais, de cunho religioso, editados em Prudentópolis, em alfabeto cirílico, desde 1911. Alguns tiveram acesso à língua ucraniana escrita e coloquial através da correspondência particular:

... aqui em Prudentópolis, nós sempre tivemos notícias dos familiares, da pátria e continuam tendo porque corre correspondência, dos imigrantes e dos padres... O Prácia n. 29, 31 de julho de 1936, p. 03.

Porém nem todos tiveram nem têm acesso a esses meios de comunicação e, por causa disso, as demais variantes da língua ucraniana sobreviveram, predominantemente, na modalidade oral. Os integrantes da comunidade em estudo relatam que, ao irem à Ucrânia ou ao conversarem com pessoas vindas de lá, não conseguem se entender, o que aponta para a existência de um dialeto próprio dessa língua no Brasil, conforme o que ocorreu com o português do Brasil e o de Portugal. Em relação à

língua portuguesa, poucos dos imigrantes ucranianos ou seus descendentes tiveram acesso à modalidade padrão, em décadas anteriores, enquanto muitos dominaram uma variante coloquial; e, de modo geral, não demonstram ter consciência do menor prestígio da variedade do português que usam. Para eles “o mau português” é aquele que revela maior grau de interferência da língua ucraniana no português.

A questão é extremamente interessante e merece ser investigada em detalhe. Mesmo dominando quase que exclusivamente o “mau português”, independente inclusive do grau de escolaridade, eles têm acesso, mais recentemente, ao português-padrão através dos meios de comunicação de massa disponíveis praticamente em todas as regiões do município. Então, atualmente, ambas as línguas proporcionam a seus usuários quer a variante “L” (menor prestígio), quer a variante “H” (maior prestígio). Para a comunidade de fala ucraniana, a modalidade de prestígio atual é o português, quer na variante-padrão, quer na outra, quer na estigmatizada, quer na de prestígio, como explicamos. A situação lingüística diglósica que ocorre nessa comunidade se revela homogênea somente em relação à língua ucraniana. No português, a situação lingüística se configura mais precisamente como bilingüe.

A diglossia está associada a expressão de poder ou de solidariedade, o que faz com que o uso de uma língua ou sua variante, quando é esperada a outra, possa constituir violação das regras de competência comunicativa instauradas no grupo. Por exemplo, dirigir-se a uma autoridade religiosa de origem ucraniana em português, na região em estudo, é considerado transgressão de regra sociolingüística já consolidada. Outra violação inaceitável constituiria em responder em português aos diálogos enunciados em ucraniano, nas cerimônias litúrgicas. Isso revelaria então¹²:

... an inadequate understanding of the local linguistic culture (Schiffman, 1997, p. 213).

Tais violações provocam as seguintes reações, expressas, evidentemente, em ucraniano:

¹² um inadequado entendimento da cultura lingüística local.

... quer sujar a nossa língua?

... Aqui você não pode falar em português...

... quer que te faça engolir essa língua com um tapa...

... a professora de português já foi embora, podem falar em ucraniano, porque não é mais aula de português...

Evidenciam-se, nos fragmentos, alguns dos meios utilizados para manter o capital simbólico ucraniano por um período relativamente longo, assim como o poder dos que comandaram a manutenção da língua étnica na região. Observa-se também a forma como se promoveu e legitimou, de modo geral, o uso de uma ou outra língua na região. Outra especificidade desse tipo de relacionamento lingüístico é o de sinalizar, pelas interações verbais, quais as representações ideológicas que estão em jogo. Observa-se, nos enunciados acima, a contradição entre o ser étnico e o fazer lingüístico, ensejando o conflito lingüístico ou sociocultural.

Rubin (1972), ao estudar a situação lingüística diglósica no Paraguai, já estabeleceu, na época, as implicações de poder e solidariedade inerentes a tal ocorrência, como apontou Schiffman (1997)¹³:

... the use of "H" or "L" varieties in a given social exchange (as distinguished from societal patterned usage as a whole) may be seen as the same kind of T/V situation. The use of "L" may be an expression of solidarity and may not be offered to speakers whose social position is superior or distant. Similarly "H" may be the only variety appropriate in a given situation because the use of "L" would imply a solidarity that is reserved only for members of a particular in-group (p. 517).

Os depoimentos abaixo confirmam o uso de regras sociolingüísticas, conforme situação apontada por Rubin (1972):

... eu falava só em ucraniano com a minha baba (avó). porque ela exigia. Depois que ela morreu passamos a falar só em português, aqui em casa. E na casa do Dido (avô) era só em ucraniano, Deus me livre falar em português... (Entrevista n. 31, 1997)

¹³ ... o uso das variedades "H" ou "L" em dada troca social (tão diferenciada do uso padronizado social como um todo) pode ser visto como a mesma espécie de situação de tu/vós. O uso de "L" pode ser uma expressão de solidariedade e pode não ser oferecido para falantes cuja posição social é superior ou não próxima. Similarmente, "H" pode ser a única variedade apropriada em dada situação, porque o uso de "L" implicaria uma solidariedade que é reservada somente para membros internos de um grupo particular.

... com os padres e com as religiosas eu falo só em ucraniano. Tem padre até que é capaz de excomungar se a gente não falar com ele em ucraniano... eles puxam muito... (Entrevista n. 30, 1997)

Esses testemunhos caracterizam o funcionamento da situação lingüística diglósica, pois se oculta a origem da dominância social, substituindo-lhe uma complementaridade de direito, na consciência dos usuários, inculcando que a língua “L” só tem lugar à margem da língua “H”. Os exemplos revelam tratar-se de poder pela autoridade, de atrito entre relações sociais assimétricas, ao invés de poder da língua por si mesma. O poder geral, advindo do uso de uma das duas línguas em questão, na região, foi sempre monopólio dos falantes do português, enquanto o religioso ucraniano-católico foi monopólio dos falantes da língua ucraniana.

Mais recentemente, a escolha de uma das duas línguas, por falantes bilíngües em P/U, considerando a questão solidariedade, ocorre através do prévio conhecimento da competência lingüística do interlocutor:

... conforme se vier a minha irmã, nós falamos em ucraniano, mas se tiver a vizinha junto, porque ela não entende, então nós já viramos para o português. Nem que perguntem alguma coisa em ucraniano eu respondo em português, para pessoa não ficar sentida. Depois quando ela vai embora, se tiver só ucraniano, voltamos a falar em ucraniano... (Entrevista n. 9, 1997)

... então quando chega alguém assim e se estamos conversando em ucraniano e chega alguém, nós já mudamos de língua, não de assunto, então se a pessoa que chegou não entende ucraniano, eu repito tudo em português para não ficar aquele arzinho de desconfiança... (Entrevista n. 7, 1997)

... eu não falo em ucraniano no serviço porque os outros desconfiam, pensam que a gente tá falando deles... (Entrevista n. 25, 1997)

Caso não haja a preocupação com o aspecto “solidariedade”, a escolha é mais objetiva:

... quando eu não conheço a pessoa, se for um estranho e estiver na rua, eu... se precisar falar com a pessoa, eu “puxo a fala” em português... (Entrevista n. 9, 1997)

Outro uso diglósico da língua ucraniana verificado na região é seu papel de código secreto, o que comumente sucede em comunidades bilíngües cuja competência comunicativa em uma das línguas não se gene-

realiza no grupo de convivência. Usa-se, então, uma estratégia diglôssica:

... conforme, se tem criança e se ela não pode saber a conversa, então a gente muda, isto quando a pessoa sabe falar em ucraniano e a criança não sabe nada... (Entrevista n. 9, 1997)

... então normalmente os bilíngües de Prudentópolis quando usam uma língua de conhecimento apenas do grupo, em local de trabalho junto com pessoas que não sabem, usufruem para outra coisa. Por exemplo, sempre vem aqui na oficina uns alemães. Eles chegam e falam comigo em português. Depois de eu tratar o preço e outras coisas eles conversam entre si em alemão e daí voltam a falar comigo em português... (Entrevista n. 7, 1997).

Então, a situação lingüística de Prudentópolis, mais especificamente a da comunidade de fala ucraniana, se configura como diglôssica e bilíngüe, quadro original e atual que surgiu devido ao desenvolvimento de uma cultura lingüística ucraniana local, com base na colonização das terras brasileiras por europeus. Nos mais de cem anos de contato entre as línguas portuguesa e ucraniana, a mudança verificou-se nos domínios funcionais de ambas as línguas. Deu-se ou espontaneamente — devido ao tipo de contato em que as duas línguas se envolveram e à necessidade de interação interétnica — ou por imposição do contexto em que se inseriram. Hamel e Sierra (1983, p. 93) consideram que:¹⁴

La diglosia, como situación estable, entra en crisis cuando cambian sus condiciones histórico-sociales de existencia, es decir, cuando aumenta la comunicación entre classes sociales y regiones dialectales, cuando se massifica la educación y cuando surgen tendencias de autonomía regional o nacional.

A diglossia, na verdade, não entrou em crise em Prudentópolis, conforme apontamos acima. A língua ucraniana foi perdendo domínios em função das mudanças histórico-sociais ocorridas na região, elencadas em capítulos anteriores. Portanto, a instauração da dominância lingüística na região em estudo é o efeito da tomada de poder político, econômico e cultural, cujo modelo de Ferguson e de Fishman não incluem.

¹⁴ A diglossia, como situação estável, entra em crise quando mudam suas condições histórico-sociais de existência, quer dizer, quando aumenta a comunicação entre as classes sociais e regiões dialetais, quando se massifica a educação e surgem tendências de autonomia regional ou nacional.

8.4 – CONTATO E CONFLITO LINGÜÍSTICO

Conforme foram surgindo estudos sobre domínios funcionais distintos de línguas em contato, principalmente as investigações sobre o crioulo do Caribe, o clássico modelo conceitual de Ferguson (1959) e Fishman (1967) foi recebendo várias críticas, que exigiram sucessivas reformulações dos postulados originais, acima apresentados.

O núcleo das críticas envolve a visão idílica de estabilidade, homogeneidade e harmonia com que ambos concebem a situação lingüística diglössica, do que resultou interpretação polarizada do fenômeno lingüístico, tal como o apresenta o esquema canônico de Fishman: diglossia com bilingüismo; diglossia sem bilingüismo; bilingüismo sem diglossia; nem diglossia, nem bilingüismo¹⁵:

... La polarización en dos (y sólo dos) variantes estables camufla muchas veces el conflicto social subyacente a la distribución funcional de las lenguas, lo que pone en duda la supuesta estabilidad de la relación diglössica y de las variantes mismas; además, opaca la complejidad lingüística real y le resta importancia a la amplia gama de formas intermedias, poco codificadas y estables (interlectos) que constituyen el elemento más dinámico y quizá más interesante de la diglossia (Hamel & Sierra, 1983, p. 95).

A não-percepção ou a subestimação do caráter conflitivo de determinada situação lingüística diglössica está ligada a uma específica concepção estrutural da mudança na língua. Considerando as relações diglössicas como conflitivas, estuda o fenômeno como um dos promotores da mudança histórica no uso da língua. Isso possibilita captar a interpenetração de fatos sociais e fatos estruturais lingüísticos que intervem na alteração dos domínios funcionais das línguas envolvidas.

Em princípio, deve-se observar que, na situação de contato-conflito, qualquer uma das línguas é susceptível para se reorganizar continuamente, conforme o ambiente social e as representações que o falante estabelecer, em função da situação e da estratégia que usar na

¹⁵ A polarização em duas (e só em duas) variantes estáveis camufla muitas vezes o conflito social subjacente a uma distribuição funcional das línguas, o que põe em dúvida a suposta estabilidade da relação diglössica e as próprias variantes; além disso, obscurece a complexidade lingüística real e dá pouca importância à ampla gama de formas intermediárias, pouco codificadas e estáveis (interlectos) que constituem o elemento mais dinâmico e talvez mais interessante da diglossia.

interação verbal. É representativo disso o depoimento transcrito abaixo:

Aqui em Prudentópolis, a língua falada nas festas é o português, mas quando se faz um grupinho, aí a coisa muda. Fala-se português e ucraniano, depende de quem estiver junto e do que se quer falar. Já nas festas religiosas, principalmente do interior, fala-se muito mais em ucraniano... (Entrevista n. 7, 1997).

Nesse fragmento de fala, evidencia-se quer o “status” variável das línguas — apontando que ele não pode ser fixado de forma definitiva —, quer as características do sujeito diglótico. Ele é o lugar da ocorrência de forças contraditórias, onde as imposições sociológicas e as redes afetivas estruturam os conflitos lingüísticos de que resultam formas híbridas de comunicação, não necessariamente de “code-switching”. Assim:

A relação de forças camuflada em complementaridade não se estabiliza nunca. Ao término, a língua “A” deglute a língua “B”, salvo se, sob o impulso de forças sociais, uma reviravolta diglótica se opera, segundo um processo não-linear (Gardès-Madray & Brès, 1989, p. 157).

A atual prova de força levada a cabo em Prudentópolis, entre os integrantes da comunidade de fala ucraniana, falantes de sua língua de origem e que a preservaram por mais de um século, junto à necessidade de falar português na maioria dos contextos sociais, ilustra a dificuldade encontrada pelas forças contrárias para vencer a diglossia.

Diante dessas constatações, a concepção da situação de contato de línguas, sem a interação denominada de conflito lingüístico, não mais se configura para esta investigação. Portanto, a situação lingüística da região estudada nos levou a adotar o modelo teórico da Sociolingüística do Contato Lingüístico, principalmente porque, além do que já enunciamos na fundamentação metodológica, ele concebe a dicotomia língua-fala como imbuída do aspecto conflito, e por aí instaura o dinamismo da situação.

A literatura relativa à Sociolingüística do Contato Lingüístico considera o termo “conflito lingüístico” muito ambíguo, porém inegável, e ele permanece como tal, pelo menos quando se refere genericamente ao “conflito social” latente em uma situação multilíngüe (Hartig, 1980). Nelde (1997) adverte que nem o contato, nem o conflito podem ocorrer entre línguas, que são concebíveis somente entre os falantes. Ainda em relação à ambigüidade do termo, Oksaar (1980) recorda que a expressão

“conflito de língua” pode ser interpretada como uma tensão entre línguas, em um indivíduo, ou um conflito por meio da(s) língua(s), incluindo processos externos ao indivíduo. Para Haarmann (1980), há conflitos de língua interlingüísticos e interétnicos. A situação histórica, social, cultural, econômica e lingüística em que o grupo étnico ucraniano foi inserido em Prudentópolis produziu, então, um contexto favorável ao surgimento de conflitos lingüísticos manifestos ou latentes entre línguas, quer nos indivíduos, considerados em si mesmos, quer, por meio das línguas, questões que são externas ao indivíduo, incluindo as históricas, sociais e outras. Tais situações foram ilustradas em muitos dos depoimentos já transcritos, assim como nestes:

... eu achava muito linda a língua dos brasileiros, mas em casa, tinha que se expressar só em ucraniano senão a mãe ou o pai não respondiam e ainda xingavam a gente... (Entrevista n. 35, 1997).

... os filhos falavam: prá que falar essa língua se nem na Ucrânia eles tão falando. O brasileiro não, quando nós saímos daqui é só brasileiro que se escuta daí a gente se apura... (Entrevista n. 36, 1997).

Duas das principais linhas de pesquisas atuais, envolvidas com o contato entre línguas, adotam o princípio do conflito nas relações interlingüísticas: a do Centro de Estudos Occitanos de Montpellier, sul da França, através de seu diretor Robert Lafont; e o da Lingüística do Contato norte-americana, através de Peter Hans Nelde (1995). Baseiam-se nas proposições desses dois grupos os comentários que seguem.

Os pesquisadores europeus propõem, de início, o conceito programático de línguas em conflito ao invés de línguas em contato, provocando debates do tipo: há situações de contato sem conflito? O conflito sempre existe em uma de suas formas latentes? Ou só se pode considerar como conflito se houver manifestações concretas? Tais questões, evidentemente, estão abertas. A segunda proposição se refere ao conceito de diglossia¹⁶:

¹⁶ Concebe esta relação, pelo seu próprio caráter conflitivo, como um processo histórico de mudança entre uma língua dominante e outra dominada. O processo tende a dissolver a diglossia a um dos pólos: a substituição da língua dominada pela língua dominante, ou a normalização da língua dominada.

Concibe esta relación, por su mismo carácter conflictivo, como un proceso histórico de cambio entre una lengua dominante y otra dominada. El proceso tiende a disolver la diglosia hacia uno de los polos: la sustitución de la lengua dominada por la dominante, o la normalización¹⁷ de la lengua dominada (Hamel & Sierra, 1983, p. 95).

Disso decorrem, entre outras conseqüências, os conceitos de funcionamento diglósico substitutivo (efetuado entre línguas não aparentadas uma com a outra) e o de ideologias diglósicas.

Em Prudentópolis ocorreu e está ocorrendo a erradicação da língua minoritária, a língua ucraniana, pela sucessiva ampliação dos domínios atribuídos ao português, bem como pela sua substituição paulatina quanto à extensão geográfica. Durante a evolução, deve ter passado por períodos diglósicos relativamente estáveis, isto é, momentos de equilíbrio de forças, os quais são propícios para o surgimento de indivíduos bilíngües, cujas competências lingüísticas em ambas as línguas são relativamente equilibradas. Mas a dinâmica da relação surgiu quando a parcial estabilidade foi rompida pelo desencadeamento da eliminação da língua minoritária, ocorrência interlingüística denominada de diglossia substitutiva. Em Prudentópolis, está sucedendo entre línguas não aparentadas entre si.

O fato de se adotar a noção de conflito de línguas implica o pressuposto teórico de que toda situação de contato de línguas é sociolingüísticamente instável e em desequilíbrio, e, portanto, multidirecional, o que deixa em aberto o resultado final do processo. Nesse ponto, conflito diglósico e "language shift" se diferenciam.

Uma vez desencadeado o conflito diglósico, que requer contato massivo entre as línguas envolvidas e seus falantes, registram-se, em seu desenvolvimento, momentos em que a relação se torna mais aguda. Na comunidade de fala em estudo isso aconteceu em dois principais momentos de mudança das condições sociais de coexistência das línguas em questão: primeiro, quando o português foi imposto como língua da educação nas escolas públicas; segundo, no período de repressão às culturas estrangeiras no Brasil, quando também foi imposto seu uso em

¹⁷ Normalização: codificação e extensão social da língua a todos os contextos comunicativos (Hamel e Sierra, 1983, p. 98).

todos os contextos. Observa-se, assim, que o conflito lingüístico também pode ser visto como parte integrante da dinâmica social.

Outra característica da situação interlingüística observada na comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis foi a distribuição social do uso das línguas portuguesa e ucraniana. Na medida em que foram se alterando seus domínios de uso, observou-se crescente abrasileiramento nas classes sociais mais altas. Nas mais baixas, a alteração no uso das línguas não implicou, por outro lado, a correspondente mudança de poder no interior das classes, conforme aponta Kremnitz (1981). Assim, na alteração dos domínios das línguas em estudo, há indícios de que ela se iniciou nas camadas sociais mais altas da sociedade prudentopolitana e foi descendo, paulatinamente, às escalas sociais mais baixas. Atualmente há um movimento oposto ao da alteração histórica de domínio das línguas:

... antes quem falava em ucraniano eram pessoas pobres e parecia que os ucranianos tinham vergonha de falar. Hoje são os que mais tem recursos que estão se interessando e têm orgulho de fazer parte da tradição... estão até indo para a escola para aprender ucraniano! (Entrevista n. 25, 1997).

Junto com essa movimentação e correspondente aculturação, mas não necessariamente à correspondente ascensão social, produziram-se, na região em estudo, atitudes assimétricas de valorização ou desvalorização das duas línguas: geralmente positivas para a língua portuguesa e negativas para a ucraniana. Além disso, desigual distribuição de prestígio foi atribuída às línguas pelos seus usuários:

Aqui era assim, o ucraniano não tinha valor. Agora não, agora está sendo mais profissional. Mas no tempo das minhas crianças não tinha vantagem nenhuma eles saberem ucraniano. Então nunca eu e o meu marido falamos em ucraniano com os filhos, só em português porque só atrapalhava pra eles... (Entrevista n. 26, 1997)

O sujeito, no caso, como membro da cultura dominada, revela que abandonou os valores de sua identidade cultural e assimilou ativamente os valores da dominante, com expressão, inclusive, de recusa étnica. Hamel & Sierra (1983, p. 96-7) apontam que¹⁸:

¹⁸ ... não existe somente uma diferenciação funcional em um caso de diglossia (que é a característica predominante na acepção de Ferguson e Fishman), se não que as funções correspondem a uma

...no existe solamente una diferenciación funcional en un caso de diglossia (que es el rasgo predominante en la acepción de Ferguson y Fishman), sino que a las funciones les corresponde una valorización social diferenciada. Así se produce una jerarquía de valores (estatus, prestigio...) que se enmarca en la lucha ideológica entre la o las clases sociales que defienden la lengua A, y que arguyen que es la lengua idónea para todos los ámbitos de la comunicación; combaten la lengua B con toda una batería de argumentos tradicionales: que la lengua B no es apta para usarse en todas las situaciones comunicativas, que carece de codificación, que sería poco rentable o práctico enseñarla en la escuela, etcétera.

Na região em estudo, a argumentação pela continuidade do uso da língua ucraniana foi efetivada, principalmente, pela organização religiosa, complementada pelos progenitores. Em relação ao português, ora foi imposto, ora adotado, por deter o “status” de língua oficial do país, conforme considerações já feitas. Assim, as funções e os domínios atribuídos às línguas em estudo correspondem a uma valorização social diferenciada, produzindo escalas de valores sociolingüísticos. Tal situação confirma que, nos casos de diglossia, não existem apenas diferenciações funcionais.

A evolução de uma situação diglósica apresenta especificidades em que, segundo seus teóricos, é possível apenas reconhecer graus de domínios de uma ou outra língua. Isso ocorre porque a instabilidade e o desequilíbrio de forças estão sempre presentes na determinação dos domínios atribuídos às línguas. Em relação a Prudentópolis, exceto no domínio religioso, houve restrição nos domínios funcionais de uso da língua ucraniana nas demais situações comunicativas, atingindo atualmente inclusive o domínio doméstico e religioso. Nesses, exceto no religioso, provavelmente não houve, como também não há atualmente, um desenvolvimento linear. A impossibilidade de generalizar os domínios funcionais de uma língua, na forma de um “continuum”, em uma situação interlingüística, corresponde à impossibilidade de generalizar as situações diglósicas. É praticamente impossível encontrar duas situações idênticas

valorização social diferenciada. Assim se produz uma hierarquia de valores (status, prestígio, ...) que se forma na luta ideológica entre as classes sociais que defendem a língua A, e que argumentam ser esta a língua idónea para todos os âmbitos da comunicação; combatem a língua B com toda uma bateria de argumentos tradicionais: que a língua B não está apta para ser usada em todas as situações comunicativas, que carece de codificação, que seria pouco rentável ou prático ensiná-la na escola, etc.

de contato de línguas, inclusive naquelas com identificação de causas histórico-sociais, como é o caso da imigração ucraniana para o Brasil e para o Canadá, cujas situações lingüísticas atuais estão bastante diferenciadas.

À heterogeneidade normal, inerente e verificável em qualquer situação lingüística monolíngüe, somam-se o desequilíbrio e a instabilidade própria de uma situação interlingüística. A manifestação dessas características situacionais se revela também nos dois níveis intervenientes: no social, mediante os conflitos surgidos em diferentes níveis e usos; no lingüístico, ocasionando, por vezes, o surgimento de novas realidades lingüísticas, que podem não ser identificadas com nenhuma de suas fontes formadoras. Essa questão, da interferência, será discutida na parte V deste estudo.

Os grupos francês e espanhol apresentaram também implicação entre diglossia e relação de forças na opção por uma língua¹⁹:

La diglossia ... se refiere a una relación de poder entre grupos sociales; la institucionalización y legitimación de una lengua (y un discurso) en un ámbito determinado se da en virtud del poder que dispone el grupo lingüístico en cuestión. La normalización de la lengua dominada como extensión social no refleja sino el intento de relegitimar y reinstitucionalizar la relación entre lengua y ámbito social, como expresión e instrumento de un cambio en la correlación de fuerzas (Hamel & Sierra, 1983, p. 103).

Em nossa investigação observamos, por exemplo, que a relação de dominação da língua portuguesa se revelou e revela através de múltiplas manifestações bastante complexas, apontadas em unidades anteriores. Na verdade, tratou-se de um poder relacional, historicamente delegado para ambas as línguas e diferenciado entre elas: ora através do poder pela dominação, ora pelo poder da autoridade institucional. Mas, de nenhuma maneira, corresponde a um esquema simples, que vincule a língua portuguesa com a sociedade nacional e com o discurso do dominante, e a língua ucraniana com a etnia ucraniana e o discurso do dominado.

¹⁹ A diglossia ... se refere a uma relação de poder entre os grupos sociais; a institucionalização e a legitimação de uma língua (e um discurso) em um determinado âmbito se dá em virtude do poder que dispõe o grupo lingüístico em questão. A normalização da língua dominada como extensão social não reflete senão a relação entre língua e situação social, como expressão e instrumento de uma troca na correlação de forças.

Mesmo existindo relativa distribuição funcional de cada uma das duas línguas, tanto o português como o ucraniano participam do discurso dominante e dominado. O caso mais concreto disso é a existência de sujeitos bilingües. Nas inter-relações comunicativas, os domínios e a própria relação diglósica se manifestam como práticas sociais intercambiáveis. As formas específicas desse conflito, visto pelas relações de poder, existentes no interior do grupo em estudo, merecem investigação própria.

A grande contribuição dos pesquisadores comandados por Lafont consistiu na redefinição do termo técnico “diglossia” como parte integrante e necessária do conflito lingüístico e do processo histórico de mudança, que caminha para a substituição ou para a normalização da situação lingüística instaurada. As questões pertinentes ao “status” e ao prestígio das línguas envolvidas em situação lingüística desta natureza mesclam-se à preocupação predominante da distribuição complementar ou distribuição funcional presente nas conceituações norte-americanas. Logo, o que esses pesquisadores fizeram foi combinar a função lingüística com a de conflito. Mas não se trata de estudar a luta entre línguas. No caso da situação lingüística de Prudentópolis, a luta travada (manifesta e latente), na verdade, foi entre grupos diferenciados por fatores étnicos, religiosos e, evidentemente, lingüísticos. A luta foi sociocultural, em síntese.

A linha norte-americana de pesquisa da Lingüística do Contato, encabeçada por Nelde (1997, p. 289), admite que²⁰:

Most contact between ethnic groups does not occur in peaceful, harmoniously coexisting communities. Instead, it exhibits varying degrees of the tension, resentment, and differences of opinion that are characteristic of every competitive social structure. Under certain conditions, such generally accepted competitive tensions can degenerate into intense conflicts, in the worst case ending in violence.

A questão levantada pelo grupo, em princípio, parece centralizar-se basicamente na problemática social, não necessariamente no conflito lingüístico, como sucede no grupo europeu. Na continuidade, admite, por

²⁰ Muito do contato entre grupos étnicos não ocorre de modo tranqüilo, harmoniosamente em comunidades coexistentes. Ao invés disso, demonstra vários tipos de tensão, ressentimento, e diferenças de opinião que são características de uma estrutura social inerentemente competitiva. Sob certas condições, tais tensões competitivas admitidas, geralmente, podem degenerar em conflitos intensos, e, em caso extremo, finalizar em violência.

outro lado, que há grupos étnicos mistos que realmente conseguem conviver em condições pacíficas, o que comprova a preocupação eminentemente social dos pesquisadores norte-americanos. Embora possa não ter ocorrido conflito aberto, social ou lingüístico, deve-se admitir sua possibilidade, sob os dois aspectos. Em relação ao conflito lingüístico, apontam que a possibilidade dessa ocorrência tem base em inúmeras causas, desde as sociais, as relativas ao “status” socioeconômico do grupo relacionado a determinada língua, até as particulares, motivadas por insegurança de vária ordem, não exclusivamente lingüísticas. A relação entre valor e conflito é a diretriz dessa corrente de pesquisa, enquanto a européia toma como ponto de referência a questão diglósica para discutir o conflito lingüístico. Este, de acordo com Nelde (1997, p. 289), se caracteriza como²¹:

... contentions involving real or apparent fears, interests, and values, in which the goals of the opposing group must be opposed, or at least neutralized, to protect one's own interests (prestige, employment, political power, etc).

O desenvolvimento e a magnitude do conflito, segundo Nelde (1997), depende da presença de elementos compensadores ou atenuantes, assim como do grau de insegurança dos participantes. Em Prudentópolis, de modo geral, tanto os falantes de ucraniano como os de português pertencem a ambas as classes sociais. Por exemplo: os falantes de ambas as línguas, como dos demais grupos de imigrantes, fizeram parte já da primeira composição da Câmara Municipal, além de ocuparem cargos proeminentes socialmente, como o de inspetora de ensino ou prefeito municipal. Esses seriam os elementos atenuantes, responsáveis pelos poucos conflitos abertamente interétnicos na região. Portanto, a explicação unilateral ou baseada em preconceitos sobre o conflito social ou lingüístico se configuraria como falha, nesta e na maioria das situações de línguas em contato.

Seguindo a linha social, os estudos interlingüísticos americanos destacam que o contato entre línguas poderá instaurar conflito político. Quando isso acontece, os grupos poderão assimilar a língua dominante ou resistir aos ataques interétnicos. Se a língua possui valores tradicio-

²¹ Disputas envolvendo apreensão real ou aparente, interesses e valores, em que os objetivos do grupo opositor deve ser contrariado, ou pelo menos neutralizado, para proteger seus próprios interesses (prestígio, emprego, poder político, etc.)

nais, como sua história, cultura e religião, seus usuários podem preferir a resistência lingüística ao abandono. Em Prudentópolis, os integrantes da comunidade de fala ucraniana optaram pela resistência e manutenção dos valores culturais do país de seus antepassados, justamente porque a língua que transplantaram para o Brasil continha todos os valores necessários para a fixação dela, apesar das vicissitudes pelas quais a língua ucraniana passou, principalmente no país de origem. Por outro lado, o país de adoção impõe sua língua oficial, considerando o ideal monolíngüe como uma condição e um dos fatores de integração ao resto da população brasileira.

Nessa linha de conseqüência, o governo pôde dar tratamento preferencial aos falantes da língua oficial, impedindo a mobilidade social, particularmente em relação ao grupo étnico reprimido. Na comunidade de fala ucraniana em estudo, isso aconteceu em um período histórico apenas: durante a fase do nacionalismo getulista; e com uma classe de trabalhadores: os professores. Dessa forma, o domínio de uma das línguas se transformou em fator decisivo para a expansão e a intensificação do conflito lingüístico nessa classe de trabalhadores. Por outro lado, as instituições comerciais e públicas do município foram obrigadas a contratar pessoas bilíngües em P/U, justamente porque, há algumas décadas, os falantes de língua ucraniana eram maioria absoluta no município²².

Pode-se afirmar, então, que os conflitos ditos de língua, ocorrentes nas comunidades de fala ucraniana e portuguesa de Prudentópolis, não foram causados necessariamente por tentativas de bloqueamento da mobilidade social por parte do grupo falante da língua majoritária. Os conflitos lingüísticos surgidos entre os usuários das línguas em questão, e que estamos defendendo, deram-se em outra dimensão; nas atribuições

²² Além das várias instituições que fazem parte da organização religiosa ucraniana atual e demais referências feitas aos fatores promotores do bilingüismo e-ou da situação diglössica detectada no município em estudo, como as 23 associações e cooperativas de agricultores, programas em ucraniano (terço, missa, programa Luná) jornal quinzenal Prácia, revista mensal Missionário, grupo de banduristas, o grupo folclórico e suas promoções e participações, entre outros, há também um grupo musical "Os Pepenkes" (cogumelos), 26 casas comerciais, distribuídas em todos os ramos comerciais como livraria, tipografia, gráfica, casa de som e imagem, casa de móveis e tapeçaria, indústria de madeiras, metalúrgica, açougue, casas de produtos agropecuários, de materiais de construção, de roupas e calçados, de eletrodomésticos, supermercados, farmácia, panificadoras, lanchonetes, oficinas, instituições bancárias ... isto é, pessoas bilíngües em P/U, de Prudentópolis, atuando em todos os setores socioeconômicos e socioculturais do município. Autônomos, como médicos, dentistas, alfaiates, advogados, engenheiros, empreiteiros e outros, também são encontrados (Levantamento efetuado por Samuel Semzezyn, como bolsista da UNICENTRO, orientado pela autora do presente estudo).

funcionais dadas às línguas, por exemplo, ou mesmo na constituição de “sujeito estrangeiro” x “sujeito nacional”, mas falante de uma língua estrangeira.

De modo geral, os lingüistas norte-americanos que investigam as situações interlingüísticas ainda concebem a relação entre línguas a partir da visão estruturalista de Ferguson e Fishman. Portanto, a questão “conflito” é considerada marginal, extralingüística, e, por causa disso, não é incluída, na maioria das investigações atuais, como parte da pesquisa sobre contato entre línguas. Quando fazem referência ao fenômeno, a maioria delas volta-se às descrições sobre planejamento de línguas ou políticas de implantação de línguas e ensino, a partir da inclusão de tópicos específicos, como prestígio, “status” e poder, entre outros tópicos de igual natureza. No entanto, uma visão ainda incipiente do processo de contato, implicando situações de conflito lingüístico, começa a tomar corpo nos estudos sobre situações interlingüísticas, por um grupo de pesquisadores norte-americanos. Isso foi exigência surgida em função de novos grupos sociolingüísticos estudados, ou seja, investigações sobre sociedades industriais urbanas, amadurecidas por conflitos sociais e lingüísticos, cuja demanda por integração rápida preparou a base para o surgimento de conflitos de várias naturezas. Alguns desses trabalhos, no entanto, receberam severas críticas. Com base nisso, Nelde (1977, p. 292-3) estabelece uma série de princípios, denominados de “Princípios essenciais da Lingüística do Conflito”, que são²³:

23 1 – O conflito de língua pode ocorrer em qualquer lugar onde há língua em contato, principalmente em comunidades multilíngües, ... O conflito de língua origina-se a partir da confrontação de diferentes padrões, valores e atitudes estruturais. É fortemente influenciado pela auto-imagem, criação, educação e consciência de grupo. Então o conflito pode ser visto como uma forma de contato ou, em termos de um modelo, como um modelo complementar para o modelo de contato entre línguas.

2 – O contato da língua ... existe somente entre falantes e comunidades da língua, não entre línguas. A comparação de uma mesma língua em diferentes contextos é possível, portanto, de uma maneira bem limitada.

3 – A afirmação de que não pode haver contato da língua sem conflito da língua (“A Lei de Nelde”) me parece exagerada, mas não há situação de contato imaginável na esfera das línguas européias, hoje em dia, que não possa também ser descrita como conflito da língua.

4 – A lingüística de contato geralmente vê a língua como um signo significante secundário de causas fundamentais de conflito de um tipo socioeconômico, político, religioso ou histórico. Por isso, de certo modo, o conflito da língua parece ser dos males o menor, já que ele pode ser corrigido e neutralizado mais facilmente do que conflitos sociopolíticos básicos.

5 – A lingüística de contato, ao mesmo tempo deixa claro que os conflitos não deveriam ser condenados somente pelo seu aspecto negativo, mas ao invés disso, ela prova que novas estruturas,

1 – Language conflict can occur anywhere there is language contact, chiefly in multilingual communities,...Language conflict arises from the confrontation of differing standards, values, and attitude structures. It is strongly influences self-image, upbringing, education, and group consciousness. Thus conflict can be viewed as a form of contact or, in terms of a model, as a complementary model to the language contact model.

2 – Language contact ... exists only between speakers and language communities, not between languages. Comparison of one and the same language in different contexts is therefore possible only in a quite limited way.

3 – The statement that there can be no language contact without language conflict (“Nelde’s Law”) may appear exaggerated, but there is in the realm of the European languages at present no imaginable contact situation which cannot also be described as language conflict.

4 – Contact linguistics usually sees language as a significant secondary sign of fundamental causes of conflict of a socioeconomic, political, religious, or historical sort. Thus, in a way, language conflict appears to be the lesser evil, since apparently it can be more easily corrected and neutralized than primary sociopolitical conflicts.

5 – Contact linguistics, at the same time, makes it clear that conflicts should not be condemned as only negative, but rather, it proves that new structures which are more advantageous than earlier ones, especially for minority speakers, can often result from conflicts (1997, p. 292, 293).

Tais princípios implicam uma forma de conceber a relação entre línguas a partir da própria relação e, nesse caso, a questão lingüística se torna primordial. Nesse ponto, evidencia-se o caráter estrutural dessas investigações. Observando o fenômeno do contato através de uma focalização sincrônica, esses princípios se tornam fundamentais. Todavia, ao se conceber a situação interlingüística como processo, impõe-se considerar a constituição histórica da situação e as implicações sociais, econômicas, culturais, políticas e religiosas envolvidas. Em relação ao modelo não todo, da mesma forma como foi apontado por Nelde, concebemos que o processo do conflito lingüístico é complementar ao do contato entre línguas.

Junto aos princípios essenciais da Lingüística do Conflito, Nelde

que são mais vantajosas que as anteriores, especialmente para os falantes minoritários, podem frequentemente resultar de conflitos.

(1997) aponta dois tipos de conflito entre línguas, porque ocorrem de modo natural ou de modo artificial.

Os conflitos naturais são os que sucedem tradicionalmente entre minorias estrangeiras e maiorias nativas, sobre os quais há extensa literatura, particularmente minorias que se opõem à língua oficial, de âmbito nacional ou regional. São exemplos disso as situações lingüísticas das fronteiras germano-romance e eslavo-germânica, assim como a do Canadá, envolvendo a minoria francofônica e uns poucos nativos. Em relação à comunidade em estudo, os levantamentos demográficos apontam que aí se encontrava, até há uns 30 anos, número muito grande de falantes de origem ucraniana, sendo a minoria de nativos ou de outros grupos étnicos.

Nelde (1997, p. 293) observa que²⁴:

Natural language conflicts can become problematic when ideology on either side – not only the majority but the minority as well – is used to intensify the differences that exist, and peaceful coexistence between language communities can easily be threatened when the banner of language is hoisted as the defining symbol of a people.

Em Prudentópolis, a questão do emprego da língua ucraniana envolve muito mais do que a simples questão de conflito lingüístico latente ou aberto, como demonstramos na discussão sobre os fatores que promoveram a resistência e a vitalidade da língua minoritária na região. A vinculação língua-religião-rito, por exemplo, tornou-se símbolo de diferenciação do povo ucraniano e a questão língua apenas exacerba a diferença cultural aí estabelecida. Em função disso, afirmamos estar diante de um funcionamento diglótico ideologicamente motivado. Situações semelhantes são encontradas na Namíbia e na África do Sul, com o emprego do “africâner” e do inglês. Casos idênticos são os conflitos lingüísticos estabelecidos em Belfast e Connemara, e o da antiga União Soviética, quando a língua russa foi imposta aos países do bloco socialista. Todos são exemplos de conflitos ideologicamente motivados. A atual falta de interesse pelo russo, nas novas repúblicas que se tornaram independentes, como a

²⁴ Os conflitos naturais da língua podem se tornar problemáticos quando a ideologia de cada um dos lados – não somente o da maioria mas também o da minoria – é usada para intensificar as diferenças existentes, e a coexistência pacífica entre as comunidades da língua pode ser facilmente ameaçada quando a bandeira da língua é içada como símbolo de definição de um povo.

Ucrânia e a Bósnia, é considerada como um exemplo de “de-ideologização”.

Os conflitos de línguas ditos artificiais ou auto-impostos surgem em situações de comprometimento nas quais uma ou mais comunidades de língua estão desfavorecidas. Segundo Nelde (1997, p. 294), tais situações têm sido recorrentes em todas as sociedades, desde Babel até Bruxelas, ou mesmo até a globalização²⁵:

Symmetric multilingualism, in which equal numbers of speakers are invested with equal rights and in which both language prestige and linguistic identities are congruent, is impossible, since one of the language groups will always be subject to stigmatization and/or discrimination, with conflict the inevitable result.

A argumentação acima é perfeitamente adequada, mesmo para conflitos lingüísticos latentes e, de acordo com os vários depoimentos já transcritos, ajusta-se à situação lingüística investigada.

O conflito artificial de línguas ocorre especialmente quando os poderes econômicos, politicamente influentes, motivados pela necessidade de rápida comunicação internacional, exportam suas línguas, e também seus parceiros comerciais, junto com a influência socioeconômica que detêm. O russo, antes de 1990, e o inglês, a partir do século XX, tornaram-se línguas de grande expansão econômica, criando condições artificiais de conflito de línguas, quando foram impostas, por força política ou econômica. Por exemplo: 60,2% dos prudentopolitanos bilíngües em P/U, entrevistados, afirmaram que gostariam de aprender a língua inglesa. Consideramos esse resultado como instaurador de conflito etnolingüístico, para a comunidade de fala ucraniana em estudo, além de revelar a situação econômica e cultural dos sujeitos, de modo geral, neste final de século. Observa-se, assim, que os conflitos de língua que ameaçam a coexistência pacífica entre os povos nem sempre resultam de causas histórico-sociais permanentes entre grupos lingüísticos do tipo majoritário x minoritário, como é o caso da situação lingüística em investigação.

²⁵ O multilingüismo simétrico, no qual um número igual de falantes está investido de direitos iguais e no qual tanto o prestígio da língua quanto as identidades lingüísticas são congruentes, é impossível, já que um dos grupos de língua estará sempre sujeito à estigmatização e-ou discriminação, tendo o conflito como resultado inevitável.

As duas linhas de pesquisa sobre línguas em contato que focalizamos, a européia e a norte-americana, diferenciam-se substancialmente quanto aos pressupostos teóricos implicados na interpretação dos fenômenos lingüísticos observados: a européia articula as implicações lingüísticas com o contexto histórico-social, vinculando-as à relação diglósica ocorrente em sua historicidade; a norte-americana, por sua vez, discute, de início, a questão social e política do contato para, depois, centralizar a observação na situação “línguas”, deixando as demais implicações, histórico-sociais, por exemplo, em segundo plano. Trata-se de um estudo mais antigo, do grupo europeu; e de um enfoque mais recente, o norte-americano.

Em relação ao grupo-alvo desta investigação, a concepção européia de “conflito lingüístico” como decorrência da situação lingüística diglósica, vista a partir da constituição histórico-social e lingüística da comunidade de fala ucraniana, se identifica perfeitamente com nosso objeto de estudo. É preciso, no entanto, completar essa caracterização sobre a língua portuguesa: ocorre aí a relação de bilingüismo com e sem diglossia (a detalhar nas unidades seguintes). A concepção norte-americana de Nelde é útil para esta investigação na medida em que concebe o conflito lingüístico como complementar ao modelo de contato entre línguas. Assim também concebemos os resultados lingüísticos efetivados em Prudentópolis: como resultados ocasionados por uma situação de contato-conflito lingüístico.

8.5 - O CONTATO-CONFLITO DA LÍNGUA E O DESLOCAMENTO

A tendência mundial é que haja línguas majoritárias, com absorção das minoritárias. Estudo de Grojean (1982) indica que 11 línguas são faladas por 70% da população mundial. Assim, a maioria das línguas do mundo são minoritárias e sua manutenção depende de um conjunto de fatores e eventos solidamente enraizados nas comunidades de fala.

Em relação a uma língua étnica, sua sobrevivência em outro meio, não-originário, ou o oposto, sua substituição pela língua oficial, geralmente tem como causa uma série de fatores, quer sociais, quer comportamentais que direcionam para um ou para outro resultado. Heredia (1989, p. 178) aponta os seguintes fatores sociais:

1. a dimensão do grupo de locutores em questão, sua concentração geográfica (seu agrupamento num bairro, seu isolamento);
2. o carácter temporário ou permanente da imigração;
3. a data de sua partida e a renovação por novas chegadas;
4. a religião;
5. a militância política;
6. a mobilidade social;
7. a política do país receptor, no que se refere à imigração em geral e a essa, em particular, e suas repercussões, principalmente na educação;
8. a política do país de origem em relação a seus emigrados e sua família, etc.

E, como fatores comportamentais:

9. o peso das atitudes que têm os locutores em relação a sua língua, à língua da maioria, ao bilingüismo, ao purismo lingüístico, mas também aos valores e à identidade cultural de origem, ao biculturalismo, etc.
10. a fidelidade lingüística (“language loyalty”), isto é, a ligação que os locutores emigrados mantêm com sua língua, manifesta pelo uso que fazem dela entre familiares e amigos, e por sua transmissão às crianças, evidencia as atitudes que desenvolvem em relação aos dois países representados simbolicamente por suas línguas.

De acordo com o que anteriormente elencamos, a maior parte dos fatores arrolados acima foram vivenciados na comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis, o que justifica a permanência da língua étnica nessa comunidade. Mas entre tais fatores estão os que permitiram a lenta invasão da língua portuguesa na comunidade, como os de número 6 e 7 acima.

Kulczynskyj (1987, p. 33) em seu estudo sobre as comunidades

ucranianas de Paulo Frontin e Mallet, destaca²⁶:

... main reasons for the maintenance of their L1: family and neighborhood, church and religion and ethnic solidarity.

Se é verdade que muitos dos fatores citados por Kulczynskij foram também os principais responsáveis pela manutenção do ucraniano em Prudentópolis, algumas especificidades, no entanto, surgiram nessa comunidade. Por exemplo, o poder que nela detinha a organização religiosa revelou-se fundamental no processo de manutenção do capital simbólico ucraniano no Brasil. Por outro lado, na medida em que esses elementos se tornaram frágeis ou deixaram espaços, a língua portuguesa foi penetrando e invadindo as fortalezas da ucraniedade na região.

Fishman (1997) aponta duas ameaças que uma língua etnicamente escolhida pode sofrer: ameaça a seu “status”, isto é, às funções desejadas e aprimoradas intraculturalmente ou até mesmo interculturalmente; ameaça a seu “corpus”, que significa inadequação de seu léxico, de seu sistema de escrita ou de seu repertório estilístico, relativos ao “status” pelos quais ela é defendida pelo grupo usuário. As duas situações já foram vivenciadas pela língua ucraniana em Prudentópolis, pois, atualmente, os usos funcionais a ela atribuídos pelos integrantes da comunidade de fala ucraniana são bastante restritos. Basicamente, ela sobrevive como língua de comunicação de um pequeno número de famílias e como língua do complexo litúrgico ucraniano-católico. Isso, evidentemente, interfere na renovação contínua de seu “corpus” e de seu repertório estilístico, principalmente. Portanto, encontra-se duplamente ameaçada, se consideradas as concepções de Fishman. Por outro lado, o autor (1997, p. 333) destaca que²⁷:

... once it has been ideologized and widely raised to saliency it probably never disappears entirely from among its speech community and can be

²⁶ As razões principais para a manutenção de sua L1: família e vizinhos, igreja e religião e solidariedade étnica.

²⁷ ... uma vez que tenha sido ideologizado e trazido incondicionalmente a uma posição de destaque, a língua provavelmente nunca desaparece inteiramente do âmbito de sua comunidade de fala, e pode ser facilmente trazida à proeminência quando a mobilização destas bases novamente parecer vantajosa. Por outro lado, quando as inquietações intra-grupos e, sob as circunstâncias anteriores, o vínculo entre línguas e a etnicidade são tipicamente mais latentes, mas mesmo então eles não desaparecem.

easily recalled to prominence when mobilization on that basis again seems advantageous . On the other hand, intragroup concerns, when they come to the fore, usually require quite different alignments from intergroup concerns and, under the former circumstances language and ethnicity linkages are typically more quiescent, but even then they do not disappear.

Tem-se, então, mais um motivo que justifica a longevidade da língua ucraniana, na região em estudo, em função da renovação de seu uso de tempos em tempos, efetivado sobremaneira pela organização religiosa.

[Toda comunidade mantenedora de uma língua minoritária que também seja língua étnica, quando em contato intenso com uma língua majoritária e oficial de um país de adoção, vive em constante risco entre mantê-la ou abandoná-la. Poche (1989, p. 80) destaca aspectos dessa tensão:

... a característica da identidade de um grupo minoritário é a de interiorizar a sua situação de minoria, e o meio desta identidade é a produção de um código simbólico da diferença em e por si mesma, isto é, de um código que mostra que a minoria é uma minoria. De imediato, o jogo de espelhos, no qual o grupo minoritário é preso, é total, e, nesta identidade narcísica à qual ele é convidado, a língua se torna o veículo, o "dito" desta reflexividade, isto é, o próprio sistema de espelhos. Isto implica que se faça com que a língua (e não mais a linguagem) desempenhe o papel de forma simbólica, como é o caso, por exemplo, das línguas de religião.

Assim, a relação entre uma língua étnica (simbólico) com a linguagem (lugar social da produção de sentido) se consubstancia. Por ter essa natureza, permaneceu, e é um dos últimos domínios da língua ucraniana em Prudentópolis: o religioso. E nem mesmo aí se mantém como única: os avisos são dados em português, o mesmo sucedendo com um dos sermões. Um dos sujeitos adolescentes entrevistados afirmou que se confessa em ucraniano, mas os "pecados" são ditos em português. Outra tendência atual das famílias de raiz ucraniana, quer urbanas, quer rurais, é fornecer a seus filhos, como língua materna, o português, abandonando a língua étnica. As pressões sociais, econômicas e ideológicas, então, passaram a ter efeitos invasivos na base da lealdade lingüística ucraniana, dentro da própria família e, por extensão, na comunidade de fala. Muitos se situam entre as duas opções, os bilíngües. Nesse caso, os filhos de progenitores bilíngües acabam adquirindo uma das línguas dos

país, geralmente a dominante. Essas mudanças podem levar ao desaparecimento irreversível de uma das línguas (language death) ou à progressiva substituição de uma por outra (language shift/language displacement). Brenzinger (1997, p. 274) aponta²⁸:

In situations of language displacement, two opposing languages are typically involved, one which is replacing and one which is being replaced. The most common occurrence is that of a dominant, spreading language ousting a receding language.

Embora muitas tenham sido as línguas trazidas para a região, conforme já apontamos, apenas sobreviveram aos primeiros embates lingüísticos o português e o ucraniano. A seguir, a língua ucraniana passa a ser substituída lentamente pela portuguesa. O processo de substituição foi, de modo geral, efetivado em um “continuum” temporal, com três picos de intensidade: imposta como língua da educação pública do país; imposta como língua oficial do país e de uso em todos os contextos interacionais; vários fatores e eventos em conjunto aceleram a substituição da língua, nas últimas décadas. Assim, observamos que é o ambiente sociopolítico das minorias etnolingüísticas que, muitas vezes, proporciona explicações sobre os agentes da mudança e que é a partir deles que se identifica o conjunto de razões e motivos da substituição. Exceto nos dois momentos em que o português foi imposto, a substituição foi efetivada voluntariamente. A língua substituída foi paulatinamente perdendo domínios de usos funcionais, enquanto ressurge em sua pátria de origem, devido a contingências políticas da Ucrânia.

Considerando que as comunidades de fala não são estruturas monolíticas, a lealdade lingüística, os padrões de uso das línguas, os domínios funcionais e a competência lingüística de seus usuários, tudo isso é extremamente heterogêneo, em qualquer tipo de comunidade de fala. Através da observação participante na comunidade estudada, encontramos famílias de origem ucraniana detentoras daquela visão tradicional de grupo étnico: só é ucraniano se pertencer à religião ucraniano-católica e se souber falar ucraniano. Nesse tipo de família encontramos

²⁸ Em situações de deslocamento de línguas, duas línguas opostas estão geralmente envolvidas, uma que está ocupando um espaço e uma que está deixando de ocupá-lo. O acontecimento mais comum é que uma língua dominante e em expansão domine uma língua enfraquecida.

peças da terceira idade²⁹, adultos, jovens e crianças, utilizando ambas as línguas; por outro lado, nos deparamos com famílias, também de origem ucraniana, que revelaram deter conhecimento apenas passivo de sua língua étnica, inclusive idosos e-ou imigrantes.

Pela observação, constatamos também que o uso de uma ou de ambas as línguas não é polarizado, do tipo interior e cidade, ou seja, a localização não corresponde um a um aos perfis dessas duas famílias hipotetizadas. Aliás, nada se revelou dual na situação lingüística prudentopolitana. Outro resultado obtido através da observação participante³⁰ foi relativa a “onde” e “por quem” o ucraniano continua a ser usado: predominantemente quem mais a utiliza são os religiosos e as pessoas com mais de 60 anos, em situações e contextos bastante específicos: no pátio da igreja, por exemplo. E os usuários já estão conscientes da atual restrição ao da língua de origem, conforme se constata:

O uso da língua ucraniana está em decadência. Eu percebo que ele existe ou sobrevive nas regiões onde existe colégio das irmãs religiosas ou colégio das catequistas. E onde existe um trabalho mais profundo da igreja. A igreja ainda é a instituição que segura a língua ucraniana quer seja na língua, nos costumes e nas tradições... (Entrevista n. 27, 1998)

A Universidade da região, a UNICENTRO, desenvolveu uma pesquisa, junto aos vestibulandos, por solicitação da APROLUB (Associação dos professores de língua ucraniana do Brasil), com sede em Prudentópolis, sobre a inclusão da língua ucraniana no concurso vestibular, como opção de língua estrangeira moderna. Os resultados obtidos foram os seguintes:

Em Guarapuava:

- 386 (16,5%) vestibulandos responderam positivamente à inclusão da língua ucraniana;
- 1954 (83,5%) vestibulandos não optariam pela língua ucraniana.

²⁹ Pessoas com mais de 65 anos.

³⁰ Pesquisa desenvolvida por Maria Lurdes Kassiano, em 1997, como bolsista da UNICENTRO, orientada pela autora da pesquisa em discussão.

Em Irati³¹:

- 162 (19,3%) vestibulandos responderam positivamente à inclusão da língua ucraniana;
- 678 (80,7%) vestibulandos não optariam pela língua ucraniana.

A pesquisa levantou também, entre outras coisas, o percentual relativo às habilidades de leitura e escrita, em ucraniano, do grupo-alvo, cujos resultados foram os seguintes:

	Guarapuava	Irati
Lêem	96 (4,1%)	35 (4,2%)
Escrevem	10 (0,4%)	3 (0,4%)
Lêem e escrevem	84 (3,6%)	44 (5,2%)
Não lêem e não escrevem	2.150 (91,9%)	758 (90,2%)

O resultado é sintomático, revelando, entre outras coisas, restrição quase plena das habilidades lingüísticas de ler e de escrever em ucraniano, pelos vestibulandos da UNICENTRO, geralmente jovens, e, entre eles, muitos de origem ucraniana.

Os dois municípios fazem divisa com o município de Prudentópolis. Porém Irati fica mais próximo e é para onde se dirige a maioria dos universitários prudentopolitanos. Isso explica, em parte, a alta taxa de preferência pela língua ucraniana entre os vestibulandos de Irati.

A falta generalizada da habilidade de ler e-ou escrever em ucraniano, pelos jovens descendentes de ucranianos é reconhecida pela própria igreja ucraniano-católica. Além de já ter incluído um dos sermões e de dar avisos em português, também nas cerimônias religiosas ela deixou de utilizar apenas o ucraniano, assim como nas mensagens de qualquer natureza, na mídia. Por exemplo:

³¹ Os organizadores acrescentaram uma questão onde o vestibulando poderia escolher, entre as línguas arroladas, uma língua estrangeira moderna para o próximo vestibular da UNICENTRO. Os vestibulandos de Guarapuava, optaram preferencialmente pela língua italiana (80,3%), seguida pela japonesa (8,1%). A língua ucraniana obteve 5,6% da preferência. Os que estavam fazendo vestibular em Irati, optaram preferencialmente também pela língua italiana (58,1%), seguida pela língua polonesa (16,1%); a língua ucraniana obteve 15,3% da preferência.

As faixas, os dizeres quando eu era mais jovem, quando eu era criança, ainda me lembro que tudo era só em ucraniano. Hoje as faixas e os dizeres são escritos em ucraniano e tem a tradução logo embaixo. Inclusive a gente observa no portal do cemitério deles, no portal do cemitério dos ucranianos está escrito em ucraniano “Esperamos Ressurreição” e tem esta frase em português, escrita logo abaixo. No jantar que teve agora (01.08.98) eu observei aquela faixa que tinha na parede que dizia em ucraniano: “Bem vindos à 8ª noite ucraniana” e, a seguir, tinha a frase traduzida embaixo... (Entrevista n. 27, 1998)

Romaine (1995, p. 39-40) considera a fase bilíngüe de uma comunidade de fala como sinalizadora da extinção de uma das línguas³²:

... community which was once monolingual becomes transitionally bilingual as a stage on the way to the eventual extinction of its original language.

Dessa forma, vários indícios sinalizam a extinção do ucraniano em Prudentópolis. A hipótese, inclusive, é de que esse bilingüismo estável e-ou transicional finalmente se transforme em monolingüismo no português.

Há três categorias nas quais a substituição de uma língua por outra pode ocorrer, segundo Brenzinger (1997): em contextos regionais, imperiais e globais. Desses, a substituição lingüística que se vem operando em Prudentópolis é do tipo regional. É na região e na comunidade de fala ucraniana que o processo lingüístico se efetua pelos usuários da língua minoritária, em processo recorrente e ao mesmo tempo específico. Recorrente, porque inúmeras comunidades de fala já abandonaram sua língua étnica, e o fizeram por força de grupos dominantes, isto é, coagidos, ou naturalmente.

Em Prudentópolis ocorreram os dois casos. A especificidade da substituição, na região, fica por conta do ambiente e do andamento do processo. Trata-se de ambiente em que houve encontro necessário de línguas por motivos socioeconômicos, cujos sujeitos desenvolveram uma forma de vida bastante rudimentar, em isolamento que se configurou, por algumas décadas, como geográfico, social, cultural e religioso. Enquanto a comunidade não esteve submetida à educação em língua

³² ... uma comunidade que foi uma vez monolíngüe torna-se bilíngüe transicionalmente como um estágio para a eventual extinção de sua língua original.

portuguesa nem se expôs à mídia veiculada na língua do país, o universo simbólico ucraniano permaneceu refundado e com plenos poderes. Na medida em que esse universo se foi abrindo ou teve que se abrir, deixou ou teve que deixar entrar a língua portuguesa, que paulatinamente foi invadindo todos os contextos interacionais da comunidade. A pressão do corporativismo passou a ser substituída pela pressão social e, mais ainda, pela econômica no contexto global. Portanto³³:

Language contact is a prerequisite for language shifts. Ethnolinguistic communities, usually those with minority status, become bilingual in that they still retain their own language and acquire the language of a dominant group in addition. Recessive use of the old language with intra-ethnic communication leads to the process of language displacement. The changing language behavior of members of an ethnolinguistic minority of this kind qualifies to disturb the fragility of a status quo. The process of language replacement usually takes at least three generations. This is not a unidirectional development, but in the course of time successive phases with different characteristics modify the process before a language becomes extinct (Brenzinger, 1997, p. 282).

Por outro lado, a substituição da língua ucraniana pela portuguesa, na região, foi-se efetuando desde a chegada dos imigrantes ucranianos, e, estando já na quinta geração, ainda não se completou. O processo deve ter-se modificado continuamente, devido à inclusão de novos elementos mantenedores da língua de origem, ou em função da necessidade de uso da língua oficial, provocando o surgimento do bilingüismo. Em 1958, por exemplo, a criação do grupo folclórico “Vesselka” provoca um despertar nacionalista efetivado pela juventude de origem ucraniana. Essa atmosfera envolveu também muitos jovens não-descendentes de ucranianos, que passaram a se interessar por esse universo sociocultural e, além disso, muitos conseguiram inclusive (re)aprender sua língua. Em

³³ O contato com a língua é um pré-requisito para a mudança de língua. As comunidades etnolingüísticas, geralmente aquelas com um status minoritário tornam-se bilingües de modo que além de manter sua própria língua, ainda adquirem a língua do grupo dominante. O uso reprimido da língua antiga na comunicação intra-étnica leva ao processo de deslocamento da língua. A mudança de língua operada pelos membros de uma minoria etnolingüística deste tipo qualifica e perturba a fragilidade de um status quo. O processo de mudança de língua usualmente é efetivado no espaço de três gerações. Esta mudança não tem um desenvolvimento unidirecional, mas com o passar do tempo fases sucessivas com diferentes características modificam o processo antes que uma língua se torne extinta.

relação a essa situação Brenziger (1997, p. 283) considera que³⁴:

For investigating the details of the processes leading to the extinction of languages, however, we rely heavily on shift situations which are obviously not completed yet. And in these cases we can never be sure whether changes in language behavior will eventually result in the extinction of the language or not.

A substituição do ucraniano pelo português, em andamento, poderá alterar-se, como já ocorreu no contexto em estudo, sempre que a organização religiosa engendrou novo aparelho institucional que se mostrasse capaz de renovar e, assim, manter seu universo sociocultural. Hudson (1990, p. 834) levanta as seguintes questões sobre o tema em pauta³⁵:

...can we diagnose incipient language death? Obviously this is easy when no children are learning the language concerned, but are there any other more subtle symptoms, either in the social circumstances or in the language's structure? ... The social circumstances under which languages die are surprisingly diverse, and, as we have seen, the language's structure tells us very little.

Os pesquisadores da área reforçam a importância do contexto na permanência ou substituição da língua minoritária, uma vez que esses processos influenciam seu comportamento. Durante a mudança de uma língua dessa natureza, muitas das minorias etnolingüísticas reagem com estratégias de manutenção ou, ao menos, com lealdade não-dissimulada e crescente em relação à língua. Por sentirem que sua língua está sendo ameaçada de extinção, os líderes tentam promovê-la. A fundação da APROLUB (Associação dos professores de língua ucraniana do Brasil) em Prudentópolis teve esse objetivo principal, assim como outras organizações recentemente fundadas no Paraná.

No congresso realizado em julho de 1997, em Prudentópolis, pela

³⁴ Para investigar os detalhes dos processos que levam a extinção das línguas, entretanto, nós confiamos grandemente nas situações de trocas que obviamente ainda não estejam concluídas. E nestes casos nós nunca podemos estar seguros se as mudanças no comportamento de uso da língua irão eventualmente resultar na extinção da língua ou não.

³⁵ ... podemos diagnosticar a morte de uma língua incipiente? Obviamente que isto é fácil quando não há crianças aprendendo a língua em questão, mas haveria alguns outros sintomas mais sutis ou nas circunstâncias sociais ou na estrutura da língua? ... As circunstâncias sociais sob as quais as línguas morrem são surpreendentemente diversas, e, como temos visto, a estrutura da língua revela-nos muito pouco.

APROLUB, discutiu-se exclusivamente: “Como promover-renovar o uso da língua ucraniana na comunidade?”. Mais recentemente, em 30 de agosto de 1998, também em Prudentópolis, foi realizado um encontro entre o cônsul ucraniano e os professores da língua ucraniana, cujo tema girou em torno da mesma questão. Nesse caso, é possível que as tentativas de manter a língua étnica, na comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis, se tenham iniciado muito tarde, sendo, por isso, ineficazes. Além disso, a língua étnica pode ser vista somente como símbolo de identidade, o que implicaria falta de iniciativa para sustentar e implementar sua manutenção pelo grupo-alvo (Brenzinger, 1997).

A partir de 1991, quando a Ucrânia se tornou país independente, reiniciou-se o intercâmbio entre o país e o município de Prudentópolis. Muitas das atividades que atualmente ele desenvolve pela manutenção do universo sociocultural e lingüístico ucraniano têm a co-participação da Ucrânia. No encontro entre os atuais falantes da Ucrânia com os falantes de ucraniano de Prudentópolis, a comunicação nessa língua, muitas vezes, foi impossível de efetivar-se, tendo exigido ajuda de religiosos, no papel de intérpretes. Isso foi possível porque estes últimos nunca interromperam o vínculo com a Ucrânia. Porém, no estágio atual da língua ucraniana em Prudentópolis, esse fato constituiu mais um registro negativo para o ressurgimento da língua ucraniana na região.

Brenzinger (1997) acrescenta ainda que, quando uma língua entra numa espécie de espiral descendente, por uso reduzido, inicia-se também sua perda ou o círculo fatal que leva a ela. Assim, a redução no uso da língua minoritária leva à limitada exposição a ela, o que resulta no decréscimo da competência lingüístico-comunicativa de seus usuários, com perda de confiança no uso da língua e a crescente confiança na língua dominante. Essa é, em geral, a situação do ucraniano e de seus usuários, hoje, em Prudentópolis.

Para completar o quadro teórico exposto, acrescentamos outras considerações feitas por Fishman (1997, p.337), sobre a problemática lingüística em foco³⁶:

³⁶ Assim como não se pode fazer uma bolsa de seda de uma orelha de porco, também não se pode pretender (ou, às vezes, até mesmo perseguir) os status modernos de poder para a língua amada sem provê-la com as vestimentas externas (a nomenclatura, pronúncias padrão, gramáticas e con-

Just as one cannot make a silk purse out of a sow's ear, so one cannot discharge (or, at times, even pursue) modern power statuses for the beloved language without providing it with the outer vestments (the nomenclature, standardized spellings, grammars, and stylistic conventions) that modern pursuits and modern institutions require. Although the perfection of the ethnically preferred language is roundly championed prior to corpus planning for modernization, it inevitably transpires that the already perfect language requires human intervention in order to be more perfect yet, most particularly so for functions with which it has not hitherto been frequently associated. This is not a simple task, not only because many of those who have conserved the beloved language when its chances looked slim are also likely to be conservatives when it comes to language innovation, but also because such innovations must often be made while publications, formal schooling, and political (or even official) activities are already proceeding feverishly. Where does one begin, and how does one proceed, when it is necessary to build the new ship out of the old ship when the latter is already on the high seas and the crew is not all of one mind as to the advisability of the voyage?

venções estilísticas) que as conquistas modernas e as instituições modernas requerem. Ainda que a perfeição da língua etnicamente preferida não seja unanimamente defendida como prioritária ao planejamento do "corpus" na modernização, ela inevitavelmente deixa transparecer que a língua já perfeita precisa da intervenção humana para ser mais perfeita ainda, e mais especificamente em relação às funções com as quais ela ainda não tem sido frequentemente associada. Esta não é uma tarefa simples, não somente porque muitos daqueles que ajudaram a conservar a língua amada quando suas chances pareciam escassas provavelmente sejam eles também conservacionistas quando for chegado o momento de renovar a língua, mas também porque tais inovações devem muitas vezes ser feitas enquanto as atividades editoriais, de educação formal e políticas (ou até mesmo oficiais) já estejam se processando febrilmente. Por onde se começa e como se continua, quando é necessário construir um novo navio a partir do antigo quando este já está em alto mar e a tripulação não partilha da mesma opinião sobre a viabilidade da viagem?

9 - SUBSÍDIOS TEÓRICOS PARA A ANÁLISE DA SITUAÇÃO BILÍNGÜE

Considera-se postulado básico desta investigação a afirmação de que a história de uma língua associa-se intimamente à história social do povo que a fala (Émile Littré, 1983). Assim sendo, a língua minoritária, objeto do estudo, além de se ajustar a ele, caracteriza-se como uma língua móvel no espaço social e fugaz no tempo. O “status” de língua minoritária exigiu que seus usuários necessariamente adquirissem a língua oficial do país de adoção, do que resultou o surgimento da situação bilíngüe em português-ucraniano na região.

9.1 - BILINGÜISMO: DEFINIÇÕES E DESCRIÇÕES

O bilingüismo é comumente entendido como competência lingüística facultativa ou indispensável para a comunicação com interlocutores de dois mundos alófonos, por meio de dois idiomas ou dois dialetos que apresentam entre si proporção de diferença lingüística capaz de afetar ou inviabilizar a comunicação (Fasold, 1990, p. 142). Os interacionistas, por sua vez, definem bilingüismo como fenômeno multidimensional que sofre a influência de variáveis sociais, políticas, econômicas, históricas, culturais e da história pessoal dos usuários de línguas (Franco, 1990, p. 16).

O bilingüismo inclui noções relativas e dependentes de fatores que são, em si mesmo, conceitos correlatos, tais como: bilingüismo ideal versus bilingüismo parcial; bilingüismo coordenado versus bilingüismo composto. Em função disso tem-se um “continuum” de definições so-

bre a questão. Por exemplo: há definições que consideram bilíngüe especificamente aquele que tem competência plena nas duas línguas conforme um nativo (Bloomfield, 1933), ou, o bilingüismo começa quando o falante de uma língua pode produzir enunciados completamente significativos em outra língua (Haugen, 1953). No outro extremo situam-se definições como a de Diebold (1964), que usa a expressão “incipient bilingualism” para caracterizar os estágios iniciais de contato entre duas línguas. Romaine (1995, p. 11) resume essa situação da seguinte forma¹:

In doing so, ... leaves open the question of the absolute vs minimal proficiency required in order to be bilingual and allows for the fact that a person may be bilingual to some degree, yet not be able to produce complete meaningful utterances. A person might, for example, have no productive control over a language, but be able to understand utterances in it. In such instances linguists generally speak of “passive” or “receptive” bilingualism.

Hockett (1958), antes de Diebold, já havia usado o termo “semibilingualism” (semibilingüismo), que implica a mesma concepção de “incipient bilingualism” (bilingüismo incipiente).

Conforme as tendências apontadas, a inclusão de alguém como bilíngüe ou não-bilíngüe depende da localização em que se encontra nessa escala, conforme a definição que dá suporte à investigação. Neste trabalho, adotamos a definição mais elástica, pois consideramos “bilíngüe” em português-ucraniano o sujeito que revela ter pelo menos competência lingüística e comunicativa nas duas línguas. Por exemplo, se afirma entender a língua, mas não fala ucraniano, é considerado como bilíngüe incipiente.

Na região em estudo, o bilingüismo incipiente ou semibilingüismo, cuja definição incorpora a questão do desenvolvimento, é bastante comum. Na situação atual, não resultou, necessariamente, dos estágios iniciais do contato-conflito em que se envolveram o ucraniano e o português. Este tipo de bilingüismo sinaliza para o surgimento da situação

¹ Ao fazerem assim, ... deixam aberta a questão da proficiência absoluta vs mínima exigida para se tornar bilíngüe e permitem o fato de uma pessoa poder ser bilíngüe em alguns níveis, mesmo que não seja capaz de produzir um enunciado completamente significativo. Uma pessoa pode, por exemplo, não ter o controle produtivo sobre uma língua, mas ser capaz de entender enunciados nela. Em tais circunstâncias lingüísticas geralmente fala-se de um bilingüismo passivo ou receptivo.

monolíngüe ou comprova o estágio final de uso da língua ucraniana na comunidade. Além disso, a situação de bilingüismo passivo ou receptivo surgiu em função dos domínios atribuídos às línguas ucraniana e portuguesa pela comunidade de fala que as usa, fundamentada na cultura lingüística ali enraizada. Na medida em que foi surgindo, em Prudentópolis, o bilingüismo comunitário ou social, a distribuição complementar de domínios de ambas as línguas foi sendo reorganizada continuamente, o que possibilitou o aparecimento da comunidade bilíngüe na região em estudo.

Para a descrição de situações bilíngües, Mackey (1968) sugere que se devem observar quatro questões básicas: nível, função, alternância e interferência. O nível se refere à proficiência, isto é, a quanto o bilíngüe conhece das duas línguas e suas habilidades em ambas. A função diz respeito ao uso que o falante faz das línguas que domina, onde e com quem as emprega, e os diferentes domínios que elas desempenham no seu repertório total. A alternância trata da passagem que o usuário costuma fazer de uma para outra língua. A interferência refere-se à maneira com que o bilíngüe domina as línguas, mantendo-as separadas ou amalgamando-as em seu repertório. Romaine (1995, p. 12) alerta para o fato de que essas questões não podem ser discutidas isoladamente pois²:

...speakers' knowledge of a language will to some extent determine the functions to which it is put; and vice versa, the contexts in which individuals have the opportunity to use a particular language will affect their competence in it. Similarly, proficiency and manner in which the languages have been acquired have been tied to the kind and degree of alternation engaged in. In turn, alternation between languages and certain kinds of switching patterns play an important function in the communicative repertoires of certain communities.

Esses fatores serão considerados na análise da situação atual do bilingüismo em P/U de Prudentópolis, que consta no próximo capítulo.

Cada uma das unidades sugeridas por Mackey foi utilizada neste

² ... o conhecimento dos falantes de uma língua para algumas dimensões determina qual a função que deve usar; e vice-versa, o contexto em que o indivíduo tem a oportunidade para usar uma língua em particular afetará a sua competência. Similarmente, proficiência e maneira em que a língua tem sido adquirida têm sido vinculado a uma espécie e a um nível de alternância engajada. Em tempo, a alternância entre línguas e certas espécies de padrões de "switching" desempenham uma importante função no repertório comunicativo de certas comunidades.

estudo, cujos dados foram obtidos através de questionários e relatório (Anexos 1, 2 e 3) aplicados a dois grupos selecionados, respectivamente, de famílias e de sujeitos bilíngües. As três primeiras questões, nível, função e alternância, relativas ao uso das línguas portuguesa e ucraniana, serão discutidas no próximo capítulo, junto com a apresentação e análise dos resultados, e a questão interferência será abordada posteriormente.

Além dessas questões, Mackey lista outras variáveis intervenientes passíveis de influenciar a atitude do bilíngüe em relação aos usos e às línguas, tais como idade, sexo, inteligência, motivação e atitude. Dentre essas, selecionamos, para este estudo, a idade e o sexo, às quais acrescentamos outras, como local de residência, local de nascimento, estado civil, religião, profissão, escolaridade, mobilidade regional, redes sociais e outras. Quanto às variáveis “motivação” e “atitude”, foram de modo geral observadas indiretamente e já discutidas anteriormente. Algumas das implicações dessas duas variáveis serão retomadas na próxima unidade.

9.2 - NÍVEIS DE DESEMPENHO BILÍNGÜE

Ao se considerar a discussão implicada pela questão do bilingüismo na relação entre língua minoritária e língua dominante, sabe-se que aquela está em concorrência permanente com esta. Poche (1989) assegura que cada situação lingüística forma um todo, possibilitando que o indivíduo — ao participar de situações lingüísticas coexistentes, inclusive nas práticas de alternância de códigos (“code-switching”) — se desloque de uma para outra língua, ao invés de se dividir.

De modo geral, a realidade lingüística que o falante bilíngüe P/U da região vivencia é a seguinte: de um lado a língua minoritária, cujos domínios foram-se restringindo paulatinamente e que, por isso, deixou de se renovar na comunidade de fala ucraniana, embora ainda seja veiculada pelos meios de comunicação de massa, como jornal e rádio; de outro lado, paralela à língua étnica dispõem os bilíngües em P/U da língua oficial do Brasil, que avançou e avança continuamente em todos os contextos interacionais e comunicativos da comunidade. Ambas as caminhadas lingüísticas são, em princípio, sem retorno no contexto regio-

nal. Evidentemente, essa situação interfere no nível de desempenho lingüístico do bilíngüe, pois, conforme já enunciamos anteriormente, o uso reduzido de uma língua minoritária leva a que sua exposição seja limitada, disso resultando o decréscimo da competência lingüística de seus usuários, a perda de confiança em seu uso e a confiança crescente na língua dominante.

Mesmo nas regiões em que a diferença não é tão polarizada entre os "status" funcionais das línguas envolvidas, na realidade lingüística em discussão, dificilmente se equiparam as competências lingüísticas em ambas as línguas, em todos os níveis lingüísticos, entre todos os sujeitos bilíngües. É através disso que se comprova que as comunidades lingüísticas não são nem poderiam ser monolíticas. Se isso ocorresse, significaria que todos os sujeitos bilíngües manifestariam plena proficiência, necessária e pronta, em qualquer área comunicativa, em ambas as línguas.

É novamente Mackey (1968, p. 557) que fornece sugestões sobre o que verificar, e como fazê-lo, quanto aos níveis de bilingüismo em um sujeito, como se verifica na Tabela 1, já adaptada à língua portuguesa.

TABELA 1 - GRAUS DE BILINGÜISMO

Habilidades	Níveis									
	Fonológico-ortográfico		Gramatical		Lexical		Semântico		Estilístico	
	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B
Falar										
Ouvir										
Ler										
Escrever										

De acordo com Mackey (1968), o bilingüismo passa a ser considerado, em primeiro lugar, como competência lingüística variável de indivíduo para indivíduo. A seguir, observa-se que os dois grupos estão dispostos de modo inter-relacional, sendo ambos tratados como séries

contínuas entre si. Em relação às habilidades, no entanto, não há, necessariamente, vinculação entre os níveis.

Para este estudo, levantamos as habilidades lingüísticas de todos os componentes das famílias bilíngües entrevistadas, isto é, pais e filhos. A correlação entre habilidades e níveis gramaticais, em ambas as línguas, não foi observada, pois demandaria estudo à parte, principalmente por exigir conhecimentos específicos também da língua ucraniana. Efetivamos esse levantamento em um questionário do tipo relatório (Anexo 1). Nesse relatório, observa-se que há outra linha de interesse que difere da sugestão dada por Mackey. Por exemplo, levantamos as habilidades lingüísticas sobre o entender, o falar, o ler e o escrever e seguimos essa serialização crescente sobre as competências lingüísticas averiguadas. Não observamos a habilidade sobre o ouvir, porque a consideramos competência lingüística plenamente receptivo-passiva, cuja testagem exigiria aparelhagens de audiometria. Aliás, nenhum dos sujeitos entrevistados nos asseverou que apenas dominava a habilidade de “ouvir” ou que alguém de sua família detinha apenas essa competência lingüística em uma das línguas, enquanto a de entender foi bastante referida:

... a gente fala com os netos em ucraniano, mas eles só me respondem em português... (Entrevista n. 9, 1997)

Então, os netos dessa pessoa são capazes de entender e, além disso, filtram a mensagem, vertendo-a para outro código lingüístico, o da língua portuguesa. Esse tipo de operação lingüística foi comumente relatado pelos entrevistados, sendo amplamente empregado pelos membros mais jovens das famílias bilíngües, nas interações lingüísticas com pessoas idosas.

Outra orientação seguida, que difere da sugestão constante na Tabela 1, foi quanto às línguas. Mesmo não constituindo o centro de interesse deste estudo, levantamos também as habilidades lingüísticas relativas à língua polonesa. Os casos foram raros, mas alguns integrantes das famílias bilíngües entrevistadas, geralmente idosos, revelaram deter também competência multilíngüe. Consideramos as habilidades lingüísticas envolvendo, além da competência lingüística (Chomsky, 1965) e da competência comunicativa (Hymes, 1971), o entender, o falar, o ler e o escrever em português, ucraniano, polonês, assim como o aspecto estratégico-discursivo da escolha lingüística (Gumperz, 1976). Faz parte do “corpus” relativo às 45

famílias bilíngües selecionadas o total de 402 sujeitos.

Avaliamos também os dados sobre “com quantos anos” e “com quem aprendeu” as línguas em questão. As respostas forneceram subsídios para detectarmos os efetivos domínios funcionais atribuídos às línguas pelo grupo, isto é, qual a língua falada no ambiente doméstico e-ou no meio externo; a seguir, obtivemos dados sobre a questão L1-L2 do grupo, além da indicação concreta sobre a via de penetração da língua portuguesa na família ucraniana. As restrições atribuídas às línguas pela respectiva comunidade de fala evidenciaram-se através da falta de desenvolvimento de algumas das habilidades lingüísticas essenciais, como, por exemplo, a impossibilidade de “falar” ucraniano, ou de “entender”; o desenvolvimento da leitura, mas não da escrita, entre outras estratégias comunicativas.

Uma das preocupações antigas, mas ainda recorrente, implica a medida objetiva do bilingüismo, quantitativamente, sobretudo em relação à competência comunicativa e à distribuição das funções atribuídas às línguas. Fishman (1971, p. 560) aponta que³:

...the allocation of functions of the languages in society is normally imbalanced and in complementary distribution. Any society which produced functionally balanced bilinguals who used both languages equally well in all contexts would soon cease to be bilingual because no society needs two languages for the same set of functions.

A inerente conexão entre proficiência e função levou muitos teóricos da área a tomarem cuidado quanto à verificação do bilingüismo desvinculado de suas situações funcionais.

9.3 - A FAMÍLIA BILÍNGÜE E O INDIVÍDUO BILÍNGÜE

As condições de resistência e vitalidade das línguas minoritárias dependem muito do comportamento lingüístico do meio familiar em que a criança se situa, desde o nascimento. Heredia (1989, p. 191) aponta que:

³ A atribuição de funções à língua pela sociedade é normalmente não balanceada e em distribuição complementar. Qualquer sociedade que produz funcionalmente bilíngües balanceados que usam ambas as línguas igualmente bem em todos os contextos poderá, em breve, cessar de ser bilíngüe porque nenhuma sociedade necessita de duas línguas para o mesmo grupo de funções.

Do mesmo modo que um país escolhe as línguas que serão faladas, ensinadas ou oficializadas em seu território, uma família faz também decisões desse tipo.

Assim, as famílias que imigram e as de seus descendentes imediatos perguntam-se com frequência o que convirá para a criança:

Falar-lhe na língua materna, a dos pais, dos avós, da família no seu país, aquela que eles dominam melhor e que, para eles, transmite as relações afetivas, simboliza e concretiza sua identidade cultural? Ou, numa preocupação de integração e num anseio de êxito escolar e promoção social, falar-lhe na língua do país de residência e da escola? (Heredia, 1989, p. 191)

Tais questões surgiram, com certeza, de uma forma ou de outra, nas famílias bilíngües que entrevistamos. Muitas, inclusive, nos transmitiram seus conflitos e aflições com relação às decisões lingüísticas tomadas. Por causa disso, para muitas famílias, a porta da casa é a fronteira lingüística e cultural: ao passarem dali, mudam a língua, os hábitos culturais e culinários, os gostos ou todo o universo simbólico de referência. Essa realidade nos fez elaborar questões sobre a existência ou não de uma língua interna e outra externa e, por extensão, sobre o uso, ou não, de uma língua no interior e outra na sede urbana do município. As respostas revelaram a existência de práticas lingüísticas flutuantes extremamente comuns, caracterizadas pelo sempre citado “depende”.

Junto a uma estratégia comunicativa que pode estabelecer uma identificação interna e uma delimitação externa do grupo, além do possível emprego situacional geográfico do português e do ucraniano, há outros objetivos, como, por exemplo, detectar as diferentes funções e situações de emprego das línguas em estudo, pelos membros de uma família ou por dado locutor. Assim, é possível evidenciar a interação lingüística, isto é, o fato de que cada língua é associada a uma função, a uma situação e a uma pessoa, ou a um grupo social bem definido. A questão se fundamenta na teoria da acomodação (Giles, 1977), apresentada no capítulo anterior. Mas a fala pode ser propositalmente divergente, quando o falante quer acentuar qualquer diferença com o interlocutor, a fim de manter a identidade cultural. A operação pode ser consciente ou inconsciente, mas sempre se manifesta nos atos comunicativos, e os falantes usam, de uma ou outra forma, estratégias discursivas

em função dos ouvintes. A ocorrência da operação comunicativa nesses moldes tem por base o fato de que todo falante quer transmitir ao seu interlocutor, direta ou indiretamente, índices que revelam se ele é, ou se não quer ser, membro do mesmo grupo social e-ou étnico de seu interlocutor.

Há, ainda, complementações sobre as tais questões, como as de Peng (1974) e Bourhis (1977). O primeiro observou que os falantes podem, pela escolha lingüística, criar um clima de “proximidade” ou “afastamento” em relação a seus interlocutores. O segundo, por sua vez, acrescenta que, como um fenômeno psicossocial, a “acomodação” pode ser considerada como processo em que os indivíduos, em interação social, podem, com os recursos lingüísticos de que dispõem, simbolizar ou não, a própria solidariedade. Esse processo se torna mais evidente em comunidades bilíngües, pois o sujeito, além de fazer as seleções naturais e necessárias, deverá selecionar a língua a ser utilizada no ato comunicativo.

A língua poderá ser definida em função do tópico, da situação de comunicação, da intenção comunicativa e da competência monolíngüe do interlocutor, segundo Grosjean (1982). É possível, no entanto, que se tenha, definitivamente, uma língua preferencial para determinado assunto, determinada interação ou determinada situação.

Elaboramos também um conjunto de questões visando a detectar a mobilidade geográfica da família, quer no município, quer em outras regiões. Os constantes deslocamentos ocorridos no município poderão favorecer a manutenção da língua ucraniana, devido à grande concentração de ucranianos ainda existentes na região. Por outro lado, os deslocamentos para outras regiões exigiria da família o uso predominante da língua portuguesa, o que poderia alterar inclusive os hábitos lingüísticos das famílias.

Em síntese, no levantamento dos fatores intervenientes na manutenção da situação bilíngüe, como a que investigamos, aliada aos hábitos familiares, como viagens e vida social, toda a esfera contextualizada da comunicação deve ser observada. Por exemplo: o domínio das línguas em questão, em casa, no trabalho, na escola, nas atividades religiosas e comerciais, no lazer, nas amizades e no grupo comunitário (Clyne, 1997).

Harding e Riley (1997) selecionam cinco tipos principais de famílias bilíngües, classificadas segundo algumas características próprias:

TIPO 1: “Bilingualism begins at the front door”⁴

- Pais: Os pais possuem diferentes línguas nativas, mas os têm algum nível de competência na língua do outro.
- Comunidade: A língua de um dos pais é a dominante na comunidade.
- Estratégia: Cada um dos pais fala sua própria língua para os filhos desde o nascimento.

TIPO 2: “Traces from childhood”⁵

- Pais: Os pais possuem diferentes línguas nativas.
- Comunidade: A língua de um dos pais é a dominante na comunidade.
- Estratégia: Ambos os pais falam a língua minoritária para a criança. Ela somente será exposta plenamente à língua dominante quando sair de casa e em particular quando for iniciar sua vida escolar.

TIPO 3: “My home is my linguistic castle”⁶ Language as religious and social identity”⁷.

- Pais: Os pais compartilham a mesma língua nativa.
- Comunidade: A língua dominante não é a língua dos pais.
- Estratégia: Os pais falam sua própria língua para a criança.

TIPO 4: “Travelling light – bilingualism as basic baggage”⁸

- Pais: Os pais têm diferentes línguas nativas.
- Comunidade: Nenhum dos pais teve como L1 a língua domi-

⁴ Bilingüismo começa em casa.

⁵ Marcas da infância.

⁶ Minha casa é meu castelo lingüístico.

⁷ Língua como identidade religiosa e social.

⁸ Bilingüismo como bagagem básica.

nante.

- Estratégia: Cada um dos pais fala sua própria língua para o filho desde o nascimento.

TIPO 5: “Bilingualism – and a better life”⁹

- Pais: Os pais compartilham a mesma língua nativa.
- Comunidade: A língua dominante é a mesma língua dos pais.
- Estratégia: Um dos pais sempre se dirige à criança em uma língua que não é sua língua nativa.

O “corpus”, a ser analisado no próximo capítulo, foi obtido mediante uma bateria de questões feitas às famílias (Anexo 2) que se identificam com o tipo 3 acima: os pais compartilham a mesma língua nativa, a ucraniana; a língua dominante na região não é a língua dos pais; os progenitores forneceram a seus filhos a língua étnica, em função da identidade social e religiosa instaurada na região pela colonização. Portanto, trata-se de um grupo especial de estudo, seja em relação às demais famílias existentes da região, seja quanto aos demais tipos bilíngües arrolados acima. Em relação às demais famílias, o grupo foi selecionado por variáveis previamente escolhidas, conforme indicado na Introdução do presente estudo.

Os tipos 3 e 5 são constituídos por união étnica endógena, a chamada união étnica ideal e desejada pelas famílias imigrantes ou de seus descendentes; os demais tipos relacionam-se a uniões exógenas. Os tipos 1, 2, e 3 são hoje bastante comuns na região em estudo, tendo-se formado desde a chegada dos imigrantes ucranianos em Prudentópolis. Das 144 famílias entrevistadas, apenas 3 revelaram suas lutas pelos casamentos endógenos e aversões às uniões exógenas. Constata-se a preferência pela união matrimonial étnica, mas o casamento misto é normalmente aceito. Os cinco tipos acima encaixam-se no tipo “My home is my linguistic castle”.

Ao se considerarem as dimensões sociopsicológicas e as socioculturais vinculadas à identidade étnica do bilíngüe, surgem algumas perspectivas inerentes ao fenômeno lingüístico, tais como:

⁹ Bilingüismo e uma vida melhor.

1) Do ponto de vista da competência:

- bilingüismo equilibrado: competência iguais na L1 e L2;
- bilingüismo dominante: competência maior na L1, sobre a L2, ou da L2 sobre a L1;

O contexto histórico-social e lingüístico que estamos abordando, da coexistência de uma língua minoritária e de uma majoritária, dificilmente possibilitaria o surgimento de um bilíngüe equilibrado na região.

2) Do ponto de vista da relação entre linguagem e pensamento:

- bilingüismo composto: possui conceitos equivalentes;
- bilingüismo coordenado: unidade 1 – conceito 1; unidade 2 – conceito 2.

O primeiro resulta da aquisição de duas línguas no mesmo contexto; já o segundo resulta da aquisição das línguas em contextos diferentes. Na verdade as diferentes formas de bilingüismo se situam num “continuum” que transita desde o pólo composto até o pólo coordenado. Os bilíngües P/U prudentopolitanos se situam em pontos diferentes desse “continuum”.

3) Do ponto de vista do “status” de ambas as línguas:

- bilingüismo aditivo: L1 e L2 valorizadas harmoniosamente;
- bilingüismo subtrativo: L1 desvalorizada com relação a L2 ou vice-versa.

Em Prudentópolis, o bilingüismo é do tipo subtrativo, pois a língua do meio-ambiente é valorizada em detrimento da língua familiar, pois aquela é a língua oficial do país onde residem. Esse é um dos tipos mais comumente encontrados, até porque uma situação onde ambas as línguas são valorizadas harmoniosamente, se existe, é rara. O bilingüismo subtrativo pode levar:

... a um bilingüismo passivo ou mesmo à recusa obstinada de falar ou compreender a língua de origem dos pais e, em casos mais extremos, inclusive, retardar-se com relação à criação monolíngüe (Franco, 1990, p. 17)

4) Do ponto de vista de idade de aquisição:

- bilingüismo precoce: aquisição simultânea ou consecutivo-sucesiva;
- bilingüismo de adolescência;
- bilingüismo adulto.

A idade de aquisição e a forma como o falante adquire as línguas influem quer em seu nível de competência, quer no funcionamento cognitivo, como também em outros aspectos do desenvolvimento neuropsicológico e sociocultural. Se as duas línguas são adquiridas até a idade de três anos pode-se considerá-lo do tipo simultâneo; se depois, do tipo sucessivo ou consecutivo (Bijongal-Braggio, 1997). Essa classificação, segundo Franco (1990) leva em conta não apenas a idade de aquisição, mas também o contexto no qual se adquire a L2 e o contexto de uso de ambas as línguas.

Como investigamos o bilingüismo em famílias e em filhos de imigrantes, esses, em geral, aprendem a L2 de forma consecutiva ao idioma materno. Grande número de sujeitos, dentre os bilíngües em estudo, nos revelaram ter sido dessa forma que adquiriram as línguas ucraniana e portuguesa; isto é, a aquisição foi, predominantemente, precoce e consecutiva.

5) Do ponto de vista da pertinência ou identidade cultural:

- bilíngüe cultural;
- bilíngüe monocultural em L1;
- bilíngüe aculturado.

O bilíngüe bicultural é aquele que se identifica positivamente com os dois grupos culturais, sendo por ambos reconhecido como tal. Este tipo de bilingüismo se correlaciona com o aditivo e com o equilibrado. Encontram-se bilíngües P/U dessa natureza na comunidade em estudo, mas bastante raros. O oposto, o bilíngüe aculturado ou o monocultural em L1/L2 pode renunciar à própria identidade cultural ou adotar a de L2/L1. Há também os que não conseguem adotar a identidade cultural correspondente à da L2/L1 e perdem a própria identidade. Nesse caso, fala-se de anomia (Franco, 1990). Essa situação lingüística extrema cor-

responde àquela já comentada, que é a de o bilíngüe sentir-se estrangeiro em seu país de origem ou no de adoção, o que poderá levá-lo a considerar a língua dominante ou a língua materna como “língua de recepção”, estrangeira. Durante certo tempo, ao menos, essa língua não lhe garante nem relação de inscrição nem de identificação lingüística. A situação é bastante freqüente nas investigações sobre o uso e os usuários das línguas indígenas brasileiras (Braggio 1986, 1989, 1992b; Seki 1983 e 1993, entre outros). Bilíngües P/U dessa natureza são também encontrados em Prudentópolis, embora os casos extremos sejam possivelmente raros.

6) Do ponto de vista socioeconômico:

- bilingüismo “folclórico”;
- bilingüismo “elitista”.

Harding e Riley (1997, p. 27) descrevem esses dois tipos da seguinte forma¹⁰:

Elitist bilingualism is the privilege of middle-class, well-educated members of most societies. Folk bilingualism results from the conditions of ethnic groups within a single state who have to become bilingual involuntarily, in order to survive.

Pela definição, identificamos a predominância de bilingüismo folclórico entre os sujeitos bilíngües que estamos investigando.

As tipologias acima estabelecidas têm por base um conjunto de dimensões e perspectivas variadas que influenciam no nível de competência lingüística e características da pessoa bilíngüe. No grupo estudado, de modo geral, predominam os bilíngües com uma língua dominante, o que os identifica com o bilingüismo composto, subtrativo, precoce, monocultural (atualmente) e folclórico. A caracterização tem como parâmetro básico os domínios e os estatutos atribuídos às duas línguas pelos seus usuários.

Muitas das atuais pesquisas sobre bilingüismo rejeitam distinções polarizadas, atribuindo ênfase à situação sócio-histórica, cultural e lingüística responsável pelo surgimento, manutenção e mudança de uso de

¹⁰ Bilingüismo elitista é um privilégio da classe média, de membros bem-educados de muitas sociedades. O bilingüismo folclórico é uma consequência das condições de grupos étnicos em um único estado que tem se tornado bilíngüe involuntariamente a fim de sobreviver.

línguas na comunidade bilíngüe, conforme estamos procedendo. A tipologia, embora útil em certos casos, não reflete a realidade dos níveis e das características lingüísticas do sujeito bilíngüe. E isso, porque o fato é predominantemente heterogêneo e os indivíduos bilíngües se situam em escala que vai do bilingüismo, que contém os componentes positivos do fenômeno, até aquele que engloba todos seus aspectos negativos. Harding e Riley (1997, p. 25), complementam as colocações que fizemos da seguinte forma¹¹:

The distinction is a crucial one and this polarisation between the privileged ones and the rest, for example, hides a real problem, and one that is common to both groups: if bilingualism is not maintained, it means that somewhere along the line, someone will lose their linguistic identity – and it is usually the mother.

As questões aplicadas aos indivíduos bilíngües (Anexo 3) foram mais específicas do que as adotadas para a família bilíngüe. Junto ao levantamento sobre as redes sociais — mobilidade geográfica, interlocutores, vida social, contextos e situações de uso de ambas as línguas —, levantamos dados relativos às atitudes lingüísticas, auto-avaliações sobre a competência bilíngüe, existência de línguas preferenciais para determinadas interações, entre os 88 sujeitos selecionados, de acordo com as variáveis predeterminadas.

9.4 - AS REDES SOCIAIS: DEFINIÇÃO, IMPORTÂNCIA E TIPOLOGIA

Outro elemento apontado como responsável pela manutenção da língua minoritária são as atitudes e as motivações subjacentes que os usuários da língua detêm sobre ela. Disso decorrem as estratégias lingüísticas que o grupo usará com o objetivo de atingir e garantir a integração social e preservar a própria identidade, através de redes de comunicação ou redes sociais que a família ou o indivíduo estabelece e mantém.

As redes sociais (“social networks”) são as estruturas e as normas

¹¹ A distinção é uma coisa crucial e esta polarização entre um privilegiado e o resto, por exemplo, encobre-se um problema real, e um que é comum para ambos os grupos: se o bilingüismo não é mantido, significa que em qualquer parte ao longo da linha, alguém perdeu sua identidade lingüística – e ela é geralmente a materna.

de comportamento social, incluindo a linguagem, que envolvem o indivíduo em seu cotidiano. Bortoni-Ricardo (1985) define esse mecanismo como as relações existentes em dado sistema social. Considera também que quando se trata de sistemas sociais, a análise das redes é a estratégia estrutural aplicada ao estudo das relações entre os indivíduos de um grupo. Embora bastante usadas em estudos de psicologia e antropologia social, é recente seu emprego nas investigações lingüísticas. Gumperz (1972) aponta Bloomfield como um dos primeiros lingüistas a reconhecer a interveniência de fenômenos não-lingüísticos como um dos elementos caracterizadores do repertório verbal dos sujeitos. Por exemplo: o fato de certos indivíduos terem mais contato verbal com uns do que com outros interlocutores influencia o ritmo da difusão das inovações.

Entre os principais estudos que consideram as redes sociais como variável interveniente na manutenção ou substituição de uma variante lingüística citamos os de Labov (1966c), Gumperz (1968, 1972, 1976), Bloom e Gumperz (1972), Gal (1979), Le Page (1980), Milroy (1980, 1987, 1992 a, b), Russell (1981), Bortoni-Ricardo (1985), Schmidt (1985), Lippi-Green (1989), Salami (1991) e Edwards (1992).

Labov (1966c) está entre os primeiros sociolingüistas a observar que os indivíduos urbanos e monolíngües de classe média, em processo de mobilidade ascendente, demonstram maior tendência a adotar os valores de um grupo externo de referência. Milroy, através de estudos sociolingüísticos de três comunidades proletárias do distrito de Belfast (1980, 1987) estabelece os parâmetros de observação de uma rede social: a densidade e a multiplicidade¹²:

... a network is said to be relatively dense if a large number of the persons to whom ego is linked are also linked to each other; it is multiplex if, for example, the same man may be connected to ego as co-employee, neighbor, kin and in many other capacities (1987, p. 50-1).

Os parâmetros da densidade e da multiplicidade encontrados nas redes sociais observadas por Milroy funcionavam como mecanismos de re-

¹² ... uma rede social é dita como sendo relativamente densa se a maior parte das pessoas com as quais eu estou ligado estão ligados também umas com as outras; é múltipla se, por exemplo, o mesmo homem pode estar conectado comigo como colega de emprego, vizinho, parente e em muitas outras capacidades.

forço de valores lingüísticos e culturais da região, isolando seus membros da influência da cultura dominante. Essa situação, da rede social impedindo a penetração da cultura dominante, identifica-se com a que estamos descrevendo. O fato de o grupo étnico ucraniano se ter fixado no interior do município, em vilas rurais, resultou na construção de verdadeiras redes sociais fechadas e densas, que impediram, por várias décadas, a penetração da paralela, e posteriormente dominante, cultura brasileira.

No Brasil, o estudo de Bortoni-Ricardo (1985) figura entre os primeiros do gênero. No início da década de 80, ela estudou um grupo de migrantes originários da zona rural da região do Alto Paranaíba, em Minas Gerais, radicados em Brazilândia, cidade satélite de Brasília. Nesse estudo, estabelece três parâmetros, ao invés de dois, para a avaliação dos tipos de redes sociais: a densidade, a “multiplexidade” e a complexidade de papéis sociais. Considera o conceito de densidade como equivalente à noção matemática de “completeza”¹³, isto é, considera o número de ligações que efetivamente existem como a proporção do número máximo de ligações que poderiam existir. Afirma, então, que em comunidades pequenas e tradicionais, como a que investigamos, onde todo mundo conhece todo mundo, a densidade é muito alta, enquanto é baixa nas grandes cidades. Sobre a inclusão das redes de comunicação nos estudos sociolingüísticos, Bortoni-Ricardo (1989, p. 170) aponta as atuais tendências:

Os estudos sociolingüísticos de redes têm-se ocupado principalmente de duas questões: a manutenção ou o deslocamento de línguas ou dialetos em comunidades tradicionais que começaram a sofrer influências modernizadora e a preservação de dialetos não-padrão de grupos territorialmente definidos em áreas metropolitanas. Estes grupos apresentam alto grau de coesão interna em virtude da polarização de valores sociais, étnicos, religiosos ou políticos..

Como sucede nos estudos sociolingüísticos, algumas pesquisas de cunho antropológico destacam que, em comunidades de alta densidade e multiplicidade, mas de baixa complexidade de papéis, desenvolve-se

¹³ Os dois termos, “multiplexidade” e “completeza”, são destacados por aspas para preservar a terminologia do texto citado. O primeiro, do latim (*multiplex, multiplicis*), corresponde, em português, a “multiplicidade”. O segundo é um italianismo (“completezza”) que, em português, se diz “completeza” (Academia Brasileira de Letras, 1981).

grande consenso normativo local e, conseqüentemente, forte resistência a valores exógenos.

É importante destacar ainda outra identificação entre o grupo em estudo e aqueles já estudados, por exemplo, por Bortoni-Ricardo (1989, p. 171):

...as redes densas, cujos laços são contraídos num território limitado, são encontradas em grupos de nível socioeconômico mais baixo, onde prevalece a orientação para a identidade. Em termos sociolinguísticos, verifica-se que nestes grupos há uma forte tendência à preservação do vernáculo, isto é, da variedade usada no lar e no círculo de amigos e vizinhos. Os indivíduos que conseguem engajar-se no processo de mobilidade social, por outro lado, contraem redes mais esparsas e estão, conseqüentemente, mais abertos à influência das pressões padronizadoras da cultura dominante, inclusive da língua padrão.

A caracterização que fizemos do grupo-alvo evidencia que seus integrantes vivem em território limitado, a maior parte pertence a um nível socioeconômico muito baixo e se mantém, entre eles, orientação para a coesão dos membros através da identificação religiosa e linguística.

Apesar de consideradas fundamentais as redes sociais nas pesquisas sociolinguísticas, o que levou seus adeptos a proporem a hipótese da existência de um universal do comportamento linguístico humano, pelas correspondências entre os resultados aferidos, o modelo recebeu sérias críticas, entre elas a de Williams (1992, p. 195)¹⁴:

... the assumption that the social group is an amalgam of individuals is a rejection of the fundamental basis of sociological: collective representation, emotion, and tendencies are caused not by certain states of the consciousness of individuals but by the conditions in which the social group in its totality is placed.

Junto a essa crítica, Williams (1992) aponta ainda a falta de discussão das questões relativas à solidariedade e ao conflito em qualquer agrupamento humano. Tais críticas, entre outras, levaram alguns estu-

¹⁴ ... a pretensão de que o grupo social é um amálgama de indivíduos é uma rejeição da base sociológica fundamental: representações coletivas, emoções e tendências são ocasionadas não por certos estados de consciência de indivíduos mas pelas condições em que o grupo social em sua totalidade está localizado.

osos, por exemplo Milroy, a reverem seus pressupostos. Assim, os estudos que incluem a questão rede social, passaram a¹⁵:

... to attempt a careful integration between class distinctions and network relationships; they answer some criticisms about the lack of explanatory power, solidarity and conflict in the strength of network ties, ... In order to achieve this integration they adopt the analysis by the Danish Marxist anthropologist Thomas Hojrup of social class as a large-scale and ultimately economically-driven process that splits populations into sub-groups characterized by what Hojrup describes as "life models" (Le Page, 1997, p. 27)

Nesta investigação, a questão do conflito social e-ou individual, assim como a da solidariedade, já está integrada nas discussões. Dessa forma, por estarmos investigando um sistema bilíngüe fluido, que vem sofrendo continuada mudança nos domínios funcionais atribuídos às línguas, intensificada nestas últimas décadas, a análise que inclui as redes sociais passou a ser um instrumento valioso.

Obtivemos os dados demográficos e etnográficos, inicialmente, através da observação participante, ao longo de 14 meses (janeiro 1997 a maio de 1998). Além da observação, e para chegarmos à tipologia das redes sociais existentes no interior do grande grupo em investigação, utilizamos a técnica sociométrica denominada "a friend of a friend", que é a forma de nomeação da pessoa com quem os falantes mais conversam, a quem visitam ou oferecem ajuda, o melhor amigo, e a relação social entre eles (amizade ou parentesco). Já que nosso centro de interesse é o uso das línguas ucraniana e portuguesa, cada tópico referido continha perguntas sobre que língua usam, a frequência, o local e o tempo despendido nas interações.

Detectamos, pela observação participante, a importância da rede de vizinhança na manutenção ou no abandono da língua minoritária e a adoção da língua dominante, conforme comentários anteriormente feitos. Aplicamos, então, uma bateria de questões sobre a etnia da vizi-

¹⁵ ... empreender uma cuidadosa integração entre distinções de classe e relações de rede; eles ponderaram algumas críticas sobre a falta de poder explicativo, solidariedade e conflito na força do vínculo entre as redes sociais, ... A fim de encontrar esta integração, eles adotam a análise do antropólogo marxista dinamarquês Thomas Hojrup sobre classe social como um processo de larga escala e por fim economicamente dirigido, que divide as populações em subgrupos caracterizados pelo que Hojrup descreve como "modelos de vida".

nhança, a frequência dos encontros, o local, o tempo despendido e a língua usada nas interações efetivadas com os que residem geograficamente mais próximos ao entrevistado. A ligação, ou não, do grupo familiar ou do indivíduo com o país de origem étnica também foi contemplada por questões específicas.

Conclui o quadro de referência com que se construiu a tipologia de redes sociais detectadas a existência ou não de meios de comunicação de massa, a frequência na exposição a esses meios, as línguas veiculadas por eles, e, ainda, quais os programas preferidos (e quando ocorrem) pelo grupo étnico selecionado: 45 famílias bilíngües e 88 sujeitos bilíngües.

O quadro da Figura 6, adaptado de Bortoni-Ricardo (1989, p. 173) para este estudo, resume as categorias analíticas e as respectivas características sociolingüísticas, que serão empregadas no próximo capítulo.

A situação lingüística a ser apresentada e discutida no próximo capítulo caracteriza-se como de diglossia e bilingüismo dos imigrantes, tendo sido o “corpus” obtido mediante uma bateria de questões (Anexos 1, 2 e 3) propostas às famílias bilíngües, que se caracterizam através da expressão: “my home is my linguistic castle” e-ou “language as religious and social identity”. Os indivíduos bilíngües, por outro lado, caracterizam-se como sujeitos extremamente heterogêneos quanto à tipologia do indivíduo bilíngüe, situando-se, na verdade, em um “continuum” que vai desde o pólo positivo até o pólo negativo, quanto aos parâmetros, domínios, atitudes e “status” atribuídos às línguas portuguesa e ucraniana.

TIPOS DE REDES	PRESSÃO NORMATIVA	CRITÉRIOS ANALÍTICOS DENSIDADE DE PAPÉIS SOCIAIS	GRUPO DE REFERÊNCIA	CARACTERÍSTICAS DO REPERTÓRIO VERBAL
Redes fechadas	Alto grau de consenso no grupo: resistência à mudança	Baixa densidade de papéis sociais: interação com um número limitado de pessoas	Religiosos Familiars Vizinhança	Focalização dialetal: acesso limitado à língua de prestígio. Interferência da L1 na L2
Redes intermediárias	Conflito: entre a resistência e a mudança	Viveu alta intensidade de papéis sociais: interação com pessoas de "background" social e geográfico mais variado em diversos contextos, mas no momento cessou tal densidade	Religiosos Alunos e-ou Clientes Familiars Vizinhança	Difusão dialetal: maior flexibilidade com relação ao controle das línguas e modos de falar de maior prestígio. Conflito: variação, interferência, hiper-correção
Redes abertas	Maior exposição a influências externas	Densidade mais alta de papéis sociais: interação com pessoas de "background" social e geográfico mais variado em diversos contextos	Identificação com os grupos de maior prestígio	Difusão dialetal: maior flexibilidade com relação ao controle das línguas e modos de falar de maior prestígio. Mudança em progresso

Figura 6 — Tipos de redes sociais, manutenção e abandono do uso da língua minoritária.

10 – AS FAMÍLIAS BILÍNGÜES EM P/U: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Através do conjunto das variáveis selecionadas, já referidas na Introdução, formamos uma população-alvo especial quanto ao perfil lingüístico: os progenitores, ambos descendentes de ucraniano, bilíngües em P/U, forneceram a seus filhos, como L1, a língua étnica de seus antepassados. O português, presente no ambiente doméstico dessas famílias, penetrou nesses contextos, principalmente em função do “status” que ela assumiu na região em estudo, como língua majoritária.

Rastreamos todo o município de Prudentópolis, interior e sede urbana, em busca de dados sobre o uso das línguas em estudo pelas famílias selecionadas, residente e domiciliada em cada uma das quatro regiões em que dividimos o município. A amostragem total se compôs de 402 sujeitos, sendo 312 filhos, 45 pais e 45 mães. Lembramos que as 45 famílias selecionadas bilíngües são dos tipos “My home is my linguistic castle” e “Language as religious and social identity”. Socialmente, caracterizam-se como famílias-núcleos que evoluíram da estrutura familiar complexa, cuja prática de coabitação e de concentração de pessoas no mesmo aposento foi experienciada, pela maioria dos antepassados da população-alvo. Quanto ao aspecto econômico, de modo geral, pertencem à classe médio-baixa.

10.1 - CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS DA POPULAÇÃO-ALVO

Os dados sociodemográficos relativos a data e local de nascimento, sexo, estado civil, escolaridade e profissão de cada um dos integrantes das

45 famílias em estudo foram obtidos através de um questionário-relatório (Anexo 1), aplicado em 45 famílias, sendo que 9 residem na sede urbana de Prudentópolis, 9 na região denominada de primeiras colônias, 9 no sul do município, 9 na região norte A e 9 na região norte B.

Ao efetuarmos o levantamento sobre as datas de nascimento da população-alvo, constatamos que o mais idoso integrante do grupo nasceu em 1896, enquanto o mais jovem é de 1982. Assim, obtivemos, indiretamente, um panorama bastante amplo de inserção dos sujeitos em estudo: transversalmente, 86 anos de história e de convivência entre dois universos etnolinguísticos. Nesses extremos cronológicos, detectamos um “continuum” de uso das línguas portuguesa e ucraniana que transita desde um bilingüismo incipiente em língua portuguesa para o correspondente bilingüismo incipiente em língua ucraniana. Logo, a constatada longevidade da língua ucraniana contraria a maioria das teses existentes, que apontam a substituição de uma língua étnica a partir da terceira geração de descendentes radicados em uma região estrangeira. Essa constatação, por sua vez, autoriza-nos a atribuir aos fatores responsáveis pela manutenção uma atuação bastante eficaz, por terem sido capazes de fazer com que a língua minoritária sobrevivesse em ambiente adverso a sua manutenção e a seu pleno desenvolvimento.

A grande maioria dos sujeitos em estudo (389), no entanto, situam-se em pontos intermediários da escala cronológica (1896–1982). Nessa fase, um conjunto de fatores e eventos socioeconômicos, já anteriormente referidos, favoreceu o surgimento da situação bilíngüe em P/U na região em estudo. De modo mais específico, 93% dos progenitores da amostra viveram o período de ensino pleno e liberal da língua ucraniana, seguido pelo período em que se exigiu o ensino da língua oficial do Brasil. Porém, como tiveram oportunidade de aprender a língua ucraniana de modo liberal, forneceram-na aos seus filhos como L1. Os demais 7% viveram a fase da imposição coercitiva da língua portuguesa, durante o período do chamado nacionalismo brasileiro. Foram os primeiros a adotar a língua portuguesa como L1 em suas famílias. Todos esses fatores históricos e sociolinguísticos, com certeza, interferiram na quantidade de exposição à língua minoritária que, por sua vez, atuou no tipo de competência linguística e nas atitudes dos usuários para com a aprendizagem e a manutenção de sua língua de origem.

10.1.1 - Mobilidade espacial quanto ao local de nascimento e residência atual

Relativamente ao local de nascimento de pais e filhos e ao respectivo local de moradia, os dados constam na Tabela 2.

TABELA 2 -: PAIS E FILHOS: LOCAL DE NASCIMENTO E RESIDÊNCIA ATUAL

Nasceu em Prudentópolis?				Morou/mora no mesmo local de nascimento			
			%				%
Pais	Sim	39	86,6	Pais	Sim	34	75,5
	Não	6	13,4		Não	11	24,5
Mães	Sim	41	91,1	Mães	Sim	25	55,5
	Não	4	8,9		Não	20	44,5
Filhos	Sim	311	99,6	Filhos	Sim	301	96,4
	Não	1	0,4		Não	11	3,6
Total		402		Total		402	

Os resultados refletem a imobilidade espacialmente generalizada dos sujeitos que integram o grupo de famílias em estudo, quanto ao local de nascimento. Em relação à segunda questão, no entanto, índice relativamente alto de mobilidade ocorre, principalmente, em relação às mães: 44,5% delas não nasceram na mesma localidade em que moram atualmente, o que indica que a constituição das famílias-alvo foi predominantemente patrilocal, como aponta Andreatza (1996). Quanto aos filhos, a variável em discussão foi praticamente nula. Mas isso não significa que não haja mobilidade espacial entre as famílias de origem ucraniana de Prudentópolis. Neste estudo, ela não apareceu porque estabelecemos que as famílias tinham que ser constituídas na região onde a coleta estava sendo efetivada. A dificuldade maior foi encontrar famílias bilíngües em P/U, constituídas na sede urbana, uma vez que, praticamente, todas as famílias bilíngües P/U que aí moram são famílias que migraram do interior do município para a sede. Quanto às outras regiões em estudo, citadas acima, a maior mobilidade detectada foi a de uma região para outra ou de um para outro núcleo rural, cuja movimentação se deu no interior do próprio município.

Entre os subgrupos formados, observa-se que maior número de pais, em relação ao de mães, não nasceu em Prudentópolis: 2 são imigrantes ucranianos e 4 nasceram em outros municípios; uma mãe é imigrante ucraniana e 3 nasceram em outro município. Os filhos, por sua vez, exceto um que é imigrante, predominantemente nasceram na região, o que significa que a família foi constituída em Prudentópolis. Tal resultado também foi direcionado porque, como apontamos acima, buscamos sempre famílias constituídas na região da coleta.

A observância da não-mobilidade como critério seletivo teve por base a intenção de verificar a existência ou não de bilingüismo localizado no município, que será demonstrado posteriormente, e, ainda, para evitar dados cruzados.

10.1.2 - Sexo e estado civil dos filhos dos entrevistados, confissão religiosa da família bilíngüe e geração dos informantes

Os dados relativos ao sexo, à constituição familiar e à confissão religiosa dos entrevistados constam nas Tabelas 3, 4 e 5.

TABELA 3 - SEXO

	Sede	Prim. Col.	Sul	Norte A	Norte B	Total	%
Masculino	24	43	45	47	39	198	49,2
Feminino	33	42	51	38	40	204	50,8
Total						402	100

O levantamento relativo ao sexo dos informantes, Tabela 3, apontou um resultado interessante, pois seria impossível a equiparação estabelecida a priori na população-alvo, porque selecionamos famílias bilíngües e todos os seus integrantes. O resultado apontou, indiretamente, a equiparação entre os integrantes, quanto ao sexo. Mas não vamos observar aqui a interferência dessa variável no grupo familiar.

TABELA 4 - ESTADO CIVIL DOS FILHOS DAS FAMÍLIAS ENTREVISTADAS

	Sede	Prim. Col.	Sul	Norte A	Norte B	Total	%
Casados	33	56	62	52	38	241	77,3
Solteiros	6	12	16	15	22	71	22,7
Total						312	100

A Tabela 4, por sua vez, aponta para a predominância de famílias já constituídas sobre as não-constituídas. Assim, de um lado, atingimos um universo observacional bastante amplo quanto ao número de gerações envolvidas, e, de outro, detectamos a consistência no uso funcional de ambas as línguas pelas gerações em estudo.

TABELA 5 - CONFISSÃO RELIGIOSA

	Sede	Prim. Col.	Sul	Norte A	Norte B	Total	%
Católicos ucranianos ...	57	79	96	76	79	387	96,3
Evangélicos	-	6	-	9	-	15	3,7
Total						402	100

A variável seguinte, a da confissão religiosa, na Tabela 5, revelou o esperado: identificação religiosa predominante. Dessa forma, os informantes continuam ainda a formar um bloco religioso bastante sólido, o dos ucranianos católicos de Prudentópolis. No entanto, de modo muitíssimo lento, outras religiões estão conseguindo se infiltrar nessa comunidade. Junto à infiltração religiosa, a língua portuguesa invade os ambientes domésticos dos 3,7% dos sujeitos de origem ucraniana, não mais ucraniano-católicos. Esse subgrupo integra, na verdade, o grupo de bilíngües passivos ou de bilíngües receptivos tão somente. Em uma dessas famílias, a progenitora sentenciou:

*... o ucraniano só atrapalha a gente e os filhos, eu já deixei faz tempo...
(Entrevista n. 39, 1997)*

É preciso, no entanto, maior número de dados para que se possam efetuar afirmações mais consistentes sobre a questão lingüística do grupo

de descendentes de ucraniano, cuja confissão religiosa é evangélica¹.

Efetuamos um levantamento sobre as gerações incluídas junto à população-alvo. Mas observamos a não-predominância de uma geração sobre as demais. Entre os integrantes da população-alvo, há desde imigrantes até descendentes da 5ª geração. Dessa forma, verifica-se que o grupo é bastante heterogêneo quanto aos motivos da imigração. Ao observarmos essa questão nas regiões, verificamos que na sede urbana se situa a população mais heterogênea, enquanto a mais homogênea é a das primeiras colônias, onde residem, ainda, na grande maioria, os descendentes das famílias pioneiras.

10.1.3 - Anos de escolarização dos informantes

A classificação por anos de escolarização seguiu critérios previstos pelo projeto VARSUL (1997), cujo novo modelo se ajusta perfeitamente ao grupo investigado, porque a maioria de seus integrantes abandonou a escola antes de concluir uma das etapas de escolarização, por exemplo.

A princípio, o levantamento foi feito por regiões, mas constatamos uma evidente polarização, o que nos fez adotar a configuração sede “versus” interior, cujos resultados constam nas Tabelas 6 e 7.

Observa-se na Tabela 6, relativa à sede urbana, que, devido às facilidades encontradas, os sujeitos têm maior número de anos de escolarização, o que é seguido por taxa relativamente alta de universitários bilíngües em P/U. Porém, a taxa de analfabetos se equipara com a dos existentes no interior. Em relação a esta variável, a cidade revelou-se contraditória, isto é, universitários e analfabetos.

¹ Nesses 3,7%, não nos deparamos com uma família bilíngüe P/U onde todos os seus integrantes fossem de outra confissão religiosa a não ser a católica ucraniana.

Outro dado interessante verificado foi que em todas as regiões encontramos famílias que têm filhos religiosos ucranianos: na sede (1), 1ªs colônias (1), sul (2), norte A (1) e norte B (4). É motivo de extremo orgulho para eles terem em suas famílias representantes do clero ucraniano.

TABELA 6 - ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO DOS INFORMANTES RESIDENTES NA SEDE URBANA

Anos de escolarização	Pais	Filhos	Total	%
1 – 4 anos	10	1	11	19,2
5 – 8 anos	4	6	10	17,6
9 – 12 anos	2	18	20	34,6
Universitários	-	14	14	25
Analfabetos	2	-	2	3,6
Total	18	39	57	100

TABELA 7 - ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO DOS INFORMANTES RESIDENTES NO INTERIOR DO MUNICÍPIO

Anos de escolarização	Pais	Filhos	Total	%
1 – 4 anos	56	191	247	71,5
5 – 8 anos	3	33	36	10,4
9 – 12 anos	-	35	35	10,1
Universitários	1	10	11	3,1
Analfabetos	12	4	16	4,9
Total	72	273	345	100

Na Tabela 7, cujos resultados apontam para algumas generalizações, constata-se maior número de sujeitos com até 4 anos de escolarização, seguido por uma taxa relativamente alta de sujeitos analfabetos. Entre os últimos, há muitos sujeitos com problemas mentais. Novamente o que as tabelas revelam é um “continuum” que vai da não-frequência à escola (analfabetismo) ao curso universitário, quando comparadas ambas as tabelas.

Quanto à polarização dos resultados entre a sede urbana e as demais regiões, veremos, mais adiante, se a variável anos de escolarização terá ou não influência na manutenção da língua minoritária e nos domínios atribuídos às línguas pelos seus usuários.

10.1.4 - Profissão dos informantes

Após efetuarmos o levantamento das profissões desempenhadas pelos

informantes que integram o grupo em estudo, confirmou-se que são predominantemente agricultores (77,4%), seguidos por um leque de outras profissões liberais e institucionais, como, por exemplo, comerciante, costureira, professora, pedreiro, enfermeira, funcionário público, religioso, entre outras, cujo índice percentual não se revelou significativo.

De acordo com as características sociodemográficas, a população-alvo é predominantemente formada por agricultores, com poucos anos de escolarização, e a identificação religiosa ainda é bastante sólida. Trata-se também de um grupo cuja mobilidade espacial foi praticamente nula. Esses fatores, junto a outros ainda não discutidos, com certeza, promoveram a manutenção da língua étnica.

10.2 - COMPETÊNCIAS LINGÜÍSTICAS, COMUNICATIVAS E DISCURSIVAS

As competências lingüísticas, comunicativas e discursivas, levantadas de cada um dos integrantes do grupo em estudo, isto é, dos 402 sujeitos selecionados, foram as de entender, falar, ler e escrever, em ucraniano, em português e em polonês.

A língua polonesa foi incluída porque há algumas décadas era bastante usada na região. Foi referida pelos sujeitos que entrevistamos como tendo sido uma das línguas mercantis. Constatamos, no entanto, já ter-se completado sua substituição, ou pela língua portuguesa ou pela língua ucraniana. Por causa disso, não mais será mencionada aqui.

A princípio, discutiremos as habilidades do entender e do falar, e posteriormente as relativas ao ler e ao escrever.

10.2.1 - Entender e falar ucraniano e-ou português

Os resultados relativos às habilidades implicadas em entender e falar as duas línguas em estudo constam na Tabela 8.

TABELA 8 – HABILIDADES LINGÜÍSTICAS: ENTENDER E FALAR UCRANIANO OU PORTUGUÊS

REGIÕES	SEDE	%	PRIM.	%	SUL	%	NORTE		%	
							A	B		
País	Entendem ucraniano	18	100	18	100	18	100	18	100	100
	Falam ucraniano	18	100	18	100	18	100	18	100	100
	Entendem português	18	100	18	100	18	100	18	100	94,4
	Falam português	18	100	14	77,7	18	100	13	72,2	88,8
Filhos	Entendem ucraniano	35	89,7	67	100	75	96,1	67	100	91,8
	Falam ucraniano	25	64,1	54	80,5	70	89,7	53	79,1	88,5
	Entendem português	39	100	67	100	78	100	67	100	100
	Falam português	39	100	67	100	78	100	67	100	100

A Tabela 8 evidencia a atual situação lingüística da comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis: ainda são encontrados bilíngües incipientes em língua portuguesa, embora bastante raros, e, por outro lado, há muitos bilíngües incipientes em língua ucraniana. Os dados revelam e confirmam a expansão dos domínios funcionais atribuídos à língua portuguesa pelos integrantes da população-alvo e a correspondente restrição à língua ucraniana. A afirmação tem por base o fato de que são das gerações mais novas os bilíngües incipientes em língua ucraniana, sendo, ao contrário, das gerações mais velhas os bilíngües incipientes em língua portuguesa. Junto a isso, observa-se também a gradação percentual relativa às competências lingüístico-comunicativas em discussão que vai do falar ao entender, tanto em relação à língua portuguesa quanto no tocante à ucraniana. Esta, porém, por apresentar maior índice percentual relativo à existência do bilingüismo incipiente, já entrou em espiral descendente, quanto à redução de uso, o que marca o início de sua substituição pela língua majoritária. Como já foi assinalado, a limitação do uso de uma língua leva à sua reduzida exposição, do que resulta o decréscimo da competência lingüística de seus usuários, como sucede na região.

Quanto às regiões, observa-se a polarização nos resultados obtidos na zona urbana e na rural, o que se identifica com os resultados de outros estudos de igual natureza (Gal, 1979; Kulczynskyj, 1987). No subgrupo formado pelos filhos dos entrevistados residentes na sede urbana ou zona urbana, por exemplo, não detectamos o pleno domínio das competências lingüístico-comunicativas em língua ucraniana, o que, todavia, ocorreu no interior do município. Verifica-se também que, de modo geral, não há diferença expressiva nos índices percentuais detectados entre os resultados obtidos nas subdivisões efetuadas do interior do município, conforme já comentamos. A identificação plena entre os resultados se verifica na população dos “filhos”, na questão sobre as competências lingüístico-comunicativas na língua majoritária. Os dados, portanto, convalidam o “status” de língua majoritária do português.

A título de complementação, fizemos um levantamento entre os sujeitos denominados aqui como “pais” e observamos que, entre eles, 10% de mães informaram que não falam em português, ao contrário de 2,2% dos pais. O resultado confirma vários comentários que anteriormente fizemos sobre a incumbência atribuída à mulher-mãe-ucraniana de mantenedora

dos bens culturais da família; entre eles, o capital lingüístico.

10.2.2 – Ler e escrever em ucraniano e-ou português

A Tabela 9 apresenta os resultados relativos às habilidades implicadas por ler e escrever utilizando as duas línguas em questão.

Os dados ilustram a gradativa e acentuada restrição no uso funcional da língua ucraniana, motivada pela falta de domínio das habilidades da leitura e da escritura, em ambos os subgrupos, opondo-se ao crescente domínio dessas habilidades quanto à língua portuguesa. Verifica-se, novamente, a mudança em progresso, como a sociolingüística prefere denominar.

Vários são os fatores que podem justificar esse visível abandono da leitura e da escritura em língua ucraniana. Por exemplo: há tempos, ela não desempenha mais a função de língua da educação, em sua comunidade de fala; um grande número de progenitores vivenciou o período nacionalista, quando da total proibição de uso e ensino de línguas estrangeiras no Brasil; os núcleos rurais localizavam-se e ainda se localizam em áreas de difícil acesso. Soma-se a isso o fato de que a língua ucraniana praticamente só obteve “status” de língua oficial, língua da educação e da comunicação de massa em sua pátria de origem, a partir de agosto de 1991.

Em meio a todas essas adversidades, a vitalidade e a resistência que a língua minoritária demonstra, na região em estudo, passam a ter causas bastante complexas, porque, seguramente, são múltiplas.

Exceto para a região denominada aqui de norte B, a diferença percentual entre as habilidades de ler e escrever em ucraniano é bastante acentuada, conforme se observa na Tabela 9. O resultado aponta para a parcial e direcionada aprendizagem das habilidades em questão, pois o ler normalmente se complementa com o escrever. No entanto, em relação à língua ucraniana, a complexidade e a especificidade de seu alfabeto cirílico possibilitou, quantitativamente, maior desenvolvimento da

TABELA 9 – HABILIDADES LINGÜÍSTICAS: LEITURA E ESCRITA EM UCRANIANO E EM PORTUGUÊS

REGIÕES	SEDE	%	PRIM. COL.	%	SUL	NORTE		%			
						A	B				
País	Lêem ucraniano	15	83,3	16	88,8	14	77,7	11	61,1	11	61,1
	Lêem português	16	88,8	17	94,4	17	94,4	11	61,1	15	83,3
	Escrevem ucraniano	11	61,1	6	33,3	7	38,8	5	27,7	8	44,4
	Escrevem português	16	88,8	17	94,4	17	94,4	11	61,1	15	83,3
Filhos	Lêem ucraniano	10	25,6	36	53,7	38	48,7	32	47,7	39	63,9
	Lêem português	39	100	64	95,5	78	100	66	98,5	61	100
	Escrevem ucraniano	8	20,5	24	35,8	11	14,1	22	32,8	35	57,3
	Escrevem português	39	100	64	95,5	78	100	66	98,5	61	100

habilidade de leitura, sem a correspondente habilidade quanto à escritura. Na verdade, os usuários teriam que aprender outra forma de representação escrita da fala. Soma-se a isso o fato de que não havia, como não há, para o grupo em estudo, imediata necessidade nem objetivo que motivasse o desenvolvimento da escrita. Ao contrário, a leitura se impõe como condição necessária para a participação nos eventos litúrgicos, que se efetivam exclusivamente em língua ucraniana até a atualidade, na região em estudo.

Além disso, outros mecanismos promoveram e promovem o desenvolvimento da leitura em ucraniano, como, por exemplo, a existência de periódicos e literatura impressos em caracteres cirílicos, pela gráfica da organização religiosa católica de Prudentópolis. Assim a leitura sempre teve fatores que promoveram seu desenvolvimento, o que não aconteceu com a escrita². Por causa disso, pode-se afirmar que o ensino sistemático da língua ucraniana, na região em estudo, foi direcionado. Resultou, de modo geral, segundo depoimentos, de cursos de catequese, rápidos e especificamente voltados à manutenção do vínculo entre língua e rito ucraniano católico.

Quanto à especificidade constatada na região denominada aqui de norte B, apresentaremos mais dados a seguir, que poderão confirmar o fato de ser essa região um dos locais de maior índice de manutenção da língua ucraniana.

Embora não tenha sido essa a preocupação imediata do presente estudo, detectamos indiretamente o índice de 15,5% de progenitores analfabetos em ambas as línguas, e de 1,2% de filhos nessa situação. Tal resultado revela a preocupação e a ação concreta, em favor da educação sistemática, pelos integrantes da comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis.

A diferenciação, estabelecendo um “continuum”, mas em cujas extremidades se situam a sede urbana “versus” interior e a de pais “versus” filhos constatada nos resultados anteriormente discutidos, também se configura nos índices percentuais ora em discussão. Por exemplo:

² A partir do momento em que a Ucrânia foi incorporada a União Soviética, todas as correspondências, ou, pelos menos a grande maioria delas, não eram entregues ao destinatários. Na medida em que eles deixaram de responder as cartas que lhes eram enviadas, os emissores deixaram também de enviá-las. Assim, a intensa correspondência escrita que era mantida até então entre Prudentópolis e Ucrânia, deixou de existir.

- 1) em relação à sede urbana, a diferença é bastante expressiva no que diz respeito ao domínio das competências de leitura e escrita, dos pais sobre a dos filhos; nesse caso, o fator geração parece assumir valor determinante no domínios das habilidades em discussão;
- 2) nas demais regiões, a diferença entre os subgrupos diminui, e chega a ser superada pelo índice de domínio superior dos filhos sobre o dos pais, quer para a língua ucraniana, quer para a língua portuguesa; esse resultado é muito interessante porque inclusive anula a interferência do fator geração, conforme tínhamos suposto acima, e deve, portanto, ser investigado especificamente; os sujeitos denominados aqui de “filhos” possivelmente tenham tido mais recursos, mais oferta e, portanto, mais facilidade para a aprendizagem da língua ucraniana ou da língua portuguesa, em sua época, do que os sujeitos pertencentes a gerações anteriores;
- 3) seguramente, o fato de muitos dos que constam como progenitores terem vivenciado a fase da proibição nacional às manifestações e ao ensino de línguas estrangeiras no Brasil interferiu na não-aprendizagem da língua ucraniana.

10.2.3 – Local e forma de aquisição do ucraniano e do português

As formas com que ambas as línguas foram adquiridas revelam, entre outras coisas, a situação em que se encontram os domínios funcionais dos códigos lingüísticos em discussão, na comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis. Os dados relativos à questão constam na Tabela 10.

Pelos dados da Tabela verifica-se, em relação à língua ucraniana, que:

- 1) para toda a população, a língua em questão foi adquirida exclusivamente no ambiente doméstico, caracterizando como ainda vigente a situação de “My home is my linguistic castle”;

TABELA 10 - FORMA DE AQUISIÇÃO ORAL DAS LÍNGUAS UCRANIANA E PORTUGUESA

	SEDE		PRIM. COL.				SUL				NORTE A				NORTE B					
	PAIS		FILHOS		PAIS		FILHOS		PAIS		FILHOS		PAIS		FILHOS		PAIS		FILHOS	
	U	P	U	P	U	P	U	P	U	P	U	P	U	P	U	P	U	P	U	P
Ambiente Interno	3	5	-	-	9	-	15	-	13	-	10	-	13	-	40	-	9	-	12	-
Ambiente Externo	-	-	15	-	14	-	47	-	18	-	70	-	17	-	54	-	17	-	33	-
Ambiente Int./Ext.	13	-	24	-	4	-	20	-	-	-	8	-	1	-	13	-	-	-	-	28
Primeira Língua – L1	18	-	25	14	18	-	54	20	18	-	70	8	18	1	53	13	18	-	54	28
Segunda Língua – L2	13	-	25	-	18	-	47	-	18	-	70	-	17	-	54	-	17	-	33	-
Aquisição simultânea	5	-	10	-	2	-	13	-	-	-	-	-	1	-	19	-	-	-	28	-
Aquisição consecutiva ...	13	-	15	-	12	-	54	-	18	-	70	-	17	-	34	-	17	-	54	-
Total	18	18	25	39	18	18	54	67	18	18	70	78	18	18	53	67	18	17	54	61

- 2) foi a L1 de todos os progenitores e continua-se configurando como tal para 82,0% do subgrupo denominado aqui de “filhos”; esse índice aponta para a incontestável vitalidade da língua étnica na comunidade de fala ucraniana em estudo;
- 3) quanto à forma de aquisição das línguas, 75,6% da população-alvo (402 sujeitos) adquiriram primeiro a língua ucraniana e, a partir dos 3 anos ou mais, aprenderam a língua majoritária, o que caracteriza a situação de aquisição das línguas em questão como sendo do tipo consecutivo, com o surgimento de bilingüismo em P/U do tipo precoce; tem-se novamente outro índice percentual que revela a vitalidade da língua minoritária.

Em relação à língua portuguesa, constata-se que:

- 1) considerando o período em que ambas as línguas vivenciaram a situação de contato-conflito, acrescido do fato de a língua portuguesa ser majoritária há várias décadas na região, o índice percentual revelado pela forma de aquisição do português passa a ser quase inexpressivo; mas, por outro lado, ela já se faz presente nos ambientes domésticos de famílias de origem ucraniana e, uma vez nesse contexto, já é a L1 de 18% dos sujeitos denominados aqui de “filhos”; junto a isso, a língua majoritária é adquirida simultaneamente à língua ucraniana por 24,4% de sujeitos da população-alvo; constata-se, dessa forma, a lenta e progressiva invasão da língua portuguesa nos antes confirmados redutos absolutos de domínio da língua ucraniana; tal situação presente acelera a substituição da língua minoritária pela majoritária.
- 2) a língua portuguesa foi adquirida predominantemente em ambiente externo, isto é, por 70,8 % dos sujeitos integrantes da presente amostragem.

De acordo com esses dados, a língua ucraniana ainda domina os ambientes domésticos e, sendo assim, passa a ser a L1 da maioria dos sujeitos integrantes do presente estudo. A portuguesa, por sua vez, é a língua dos contextos externos ao ambiente doméstico e, como tal, assume a função de L2 da população-alvo.

Em relação às regiões, o presente levantamento identifica-se com os

demais resultados já discutidos: maior invasão da língua portuguesa na sede urbana e menor no interior do município. Entre as regiões do interior, verifica-se a identificação nos resultados. Outro resultado interessante é o que ocorre em relação aos dois subgrupos que formamos aqui: a dos pais e a dos filhos. Para o primeiro grupo, os índices são basicamente categóricos, enquanto o segundo revela muita variação na forma de aquisição de ambas as línguas. A situação sinaliza para a mudança de domínios funcionais em andamento.

Efetuamos também um levantamento sobre a forma de aprendizagem da leitura e da escrita, sobre os quais importa comentar que:

- 1) todos os integrantes do subgrupo “filhos” foram alfabetizados inicialmente na língua portuguesa, e 49,6% deles alfabetizaram-se, posteriormente, na ucraniana; em relação aos pais, 11,1% foram alfabetizados, inicialmente, na língua ucraniana e, posteriormente, na portuguesa; no entanto, 88,9% dos pais seguiram o mesmo procedimento atual, que é o de ser alfabetizado inicialmente em língua portuguesa; tem-se, assim, a confirmação do “status” da língua portuguesa como língua da educação na comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis, apresentando-se como praticamente absoluta.
- 2) o ambiente de aprendizagem das habilidades de ler e escrever em português e ucraniano revelou que ambas foram adquiridas predominantemente em ambientes externos, isto é, não domésticos; em relação à língua ucraniana o índice foi de 80% para os pais e 100% para os filhos; nesses índices destaca-se a atuação da organização religiosa ucraniano-católica, através das escolas paroquiais, pelo ensino e pela manutenção das habilidades de leitura e escrita da língua minoritária junto aos integrantes da comunidade em estudo.

No conjunto, os dados revelam avanço nos domínios funcionais atribuídos à língua portuguesa e a correspondente restrição no domínio da língua ucraniana, identificando-se com outras situações lingüísticas que se originaram de convivência entre língua majoritária e língua minoritária.

É preciso destacar ainda que, mesmo contando a sede urbana com toda a infra-estrutura promotora da manutenção plena do universo simbólico ucraniano, as forças contrárias a isso se revelaram superiores às condi-

ções de resistência. É basicamente a partir da sede urbana, seguida pela região das primeiras colônias, localizadas, atualmente, próximas ao perímetro urbano, que a mudança da situação lingüística bilíngüe do município gradativamente se opera. Por outro lado, já atingiu núcleos rurais bastante afastados do centro urbano, devido basicamente ao êxodo rural operante na região desde a década de 30. Em relação ao interior do município, a manutenção de habilidades lingüísticas, principalmente a da escrita, se deve ao fato de que os filhos dos imigrantes ucranianos e de seus descendentes geralmente estudavam na sede urbana como internos. O depoimento abaixo confirma essa colocação:

Eu e os meus irmãos estudamos na cidade. As filhas o pai mandava no Colégio Imaculada Virgem Maria e os homens o pai mandou eles para o Seminário..... (Entrevista n. 9, 1997).

E, na medida em que os alunos iam apresentando dificuldades na aprendizagem da língua portuguesa, todos os fracassos eram atribuídos ao domínio e aprendizagem da língua ucraniana como L1. Por exemplo:

Eles (os alunos) eram bem atrapalhados por causa do ucraniano, não aprendiam, era muito difícil de dar aula pra eles... (Entrevista n. 23, 1997).

Eu e meu marido não ensinamos ucraniano pros filhos porque isso só atrapalhava eles na escola...hoje eles tem um português que eu até me admiro... (Entrevista n. 26, 1997).

Tais atitudes aceleraram, com certeza, a substituição da língua étnica pela majoritária. Mas são necessários mais dados específicos sobre atitudes negativas relativas ao uso e à manutenção da língua minoritária, na região. Tal situação comprova a existência do conflito lingüístico instaurado no grupo em estudo.

Ao se fazer um corte transversal e, portanto, temporal, no "corpus" em análise, encontramos uma família constituída no início do século XX (família n. 1), cuja progenitora ainda vivia na época da coleta de dados e, no outro extremo, situa-se uma família (2) cujos filhos são os mais jovens que integram a amostra sobre o bilingüismo familiar. Os dados relativos a ambas as famílias constam nas Tabelas 11 e 12.

TABELA 11 - COMPETÊNCIAS LINGÜÍSTICAS CONSTATADAS NA FAMÍLIA CONSTITUÍDA EM 1914

Família 1	Pais	%	Filhos*	%
Falam ucraniano	2	100	9	100
Falam português	1	50	9	100
Lêem ucraniano	2	100	9	100
Lêem português	1	50	9	100
Escrevem ucraniano	1	50	7	77,7
Escrevem português	1	50	9	100

* O primogênito nasceu em 1915 e o caçula em 1934

TABELA 12 - COMPETÊNCIAS LINGÜÍSTICAS CONSTATADAS NA FAMÍLIA CONSTITUÍDA EM 1957

Família 2	Pais	%	Filhos*	%
Falam ucraniano	2	100	5	71,4
Falam português	2	100	7	100
Lêem ucraniano	1	50	-	0
Lêem português	2	100	7	100
Escrevem ucraniano	1	50	-	0
Escrevem português	2	100	7	100

* O primogênito nasceu em 1961 e o caçula em 1976

Na família 1, o ascendente mais velho é tataravô, enquanto na família 2 é apenas avô. Através dessas famílias podemos traçar uma linha contínua sobre a aquisição e a aprendizagem da língua ucraniana em Prudentópolis. Em relação à língua ucraniana, o índice percentual de domínio da fala transita de 100% a 71,4%; o da leitura de 100% a 0,0%, e o da escrita, de 50% para 0,0%. Quanto à língua portuguesa, observa-se uma transição que vai de 50% a 100% em todas as habilidades lingüísticas em discussão.

Através desses índices percentuais comprova-se que a língua ucraniana, quantitativamente majoritária até há três ou quatro décadas do atual século, detinha todos os domínios funcionais próprios de uma língua natural,

na região, inclusive como língua da educação. Observa-se também que, desde o início, a prioridade foi o ensino da leitura, em relação à língua ucraniana, conforme revelam os percentuais acima.

Outra questão interessante a observar nos índices percentuais calculados é o atual domínio da língua portuguesa, confirmando assim seu “status” de língua majoritária na região, embora tenha desempenhado poucas funções durante as primeiras décadas do século XX. Mas é a segunda família arrolada acima que reflete a real e atual situação sobre o conhecimento e emprego das habilidades lingüísticas pelas famílias de descendentes de ucranianos de Prudentópolis. Sendo assim, os dados comprovam a substituição da língua ucraniana pela portuguesa, enquanto as habilidades de leitura e escritura estão, praticamente, em fase de extinção na região em estudo. Lembramos, no entanto, que esse quadro lingüístico pode reverter, conforme ocorrido em outros momentos históricos apresentados em capítulos anteriores.

A complexidade lingüística detectada em Prudentópolis comprova a ocorrência de conflito lingüístico, e não apenas de contato entre línguas. Tem-se, em função disso, uma multiplicidade de vetores atuantes que orientam, por vezes, para direções contrárias.

Embora dispondo ainda de poucos dados discutidos, é possível apontar para a correlação entre entender e falar a língua minoritária como fruto das redes sociais estabelecidas e mantidas pelos integrantes da comunidade de fala ucraniana. Paralelamente, as habilidades em ler e escrever podem ser consideradas como resultantes da ação da organização religiosa local. Logo o epíteto “Language as religious and social identity” cabe perfeitamente para o grupo em estudo. Outros dados, apresentados e discutidos a seguir, poderão elucidar melhor as colocações feitas aqui, principalmente subsidiando o traçado do perfil lingüístico das famílias selecionadas para estudo.

10.3 - MOBILIDADE DA POPULAÇÃO DE AMOSTRAGEM

10.3.1 - Trabalho de alguém da família em outra cidade³

A questão referente ao trabalho de alguém da família em outra cidade obteve o índice percentual, bastante inexpressivo, de 8,9% da população. Desses, 7,4% não regressaram mais à casa paterna. Sendo assim, esse resultado revela as seguintes implicações:

- 1) o êxodo rural a que anteriormente nos referimos se compôs de casais que integravam uma família-tronco; dessa forma, raros integrantes da família, isoladamente, migraram para outras cidades;
- 2) a imigração original efetivou-se através de famílias e a solidez desse núcleo social parece ter-se perpetuado na região; portanto, com relação ao tópico, a maioria absoluta dos membros componentes do grupo familiar em estudo manteve-se integrada;
- 3) permanecendo unidos e coesos em torno do núcleo familiar, os imigrantes criaram atmosfera propícia para a manutenção da língua de origem do grupo em estudo.

Entre os que mais se afastaram da casa paterna em busca de trabalho estão os que constam como filhos, em nossa coleta, que se dirigiram, predominantemente, à capital do Estado do Paraná. A língua mais usada por esses sujeitos, na cidade em que residem, é a portuguesa. Portanto, esse grupo, que reside atualmente fora de Prudentópolis, pode ser considerado como bilíngüe passivo ou detentor de uma língua encoberta. A visita desses sujeitos à casa paterna faz com que, em alguns momentos, todos os integrantes do grupo familiar modifiquem seus hábitos lingüísticos, principalmente porque os netos oriundos das famílias que não se constituíram em Prudentópolis não aprenderam, de modo geral, a língua materna de um ou de ambos os pais.

Não foi encontrada diferença percentual acentuada entre as regiões.

3 No instrumento que consta no Anexo 2, as primeiras três questões foram inadequadamente colocadas no questionário, pois se a família teria que ser constituída na região da entrevista, logo ela não deveria ter morado em outras regiões. Por isso as inutilizamos.

10.3.2 - Estudo de alguém da família em outra cidade

O percentual de sujeitos que estudaram em outras cidades, além de bastante inexpressivo, foi ainda inferior ao anterior: 6,4% do total da amostragem. Mais um dado que revela a preservação integrada das famílias entrevistadas e que favorece a permanência da língua ucraniana. Do sub-grupo que saiu da casa paterna para estudar, a maior parte deles dirigiu-se à capital do Estado, onde ainda permanecem. Aí residindo, utilizam predominantemente a língua portuguesa, o que os transformou em bilíngües passivos em língua ucraniana. Como tais, não forneceram essa língua para seus filhos, conforme fizeram os seus pais. Nenhuma das regiões em estudo apresentou índice mais generalizado de saída de sujeitos.

10.3.3 – Outras atividades de alguém da família em outra cidade

A questão relativa à saída de alguém da família implicou três motivações, com os seguintes resultados:

- a) para ir ao médico – 9,9% da população;
- b) para ir ao dentista – 3,7% da população;
- c) para fazer compras – 3,9% da população.

Os percentuais reforçam uma característica comum às famílias entrevistadas: a quase imobilidade nos deslocamentos para as finalidades citadas. Como, para essas questões relativas à mobilidade familiar, os índices foram bastante baixos, estamos diante de um grupo cuja estrutura familiar, a princípio, se mostra coesa. Esse tipo de estrutura familiar exerce, seguramente, controle sobre o cultivo dos hábitos tradicionais e, entre eles, o da língua minoritária. Por outro lado, a penetração da língua majoritária, no reduto familiar, passa a ser extremamente lenta, como atestam os dados acima, sobre as habilidades lingüísticas discutidas.

Conforme os demais resultados, a diferença por região não foi acentuada, exceto na sede urbana, cujos percentuais sempre foram ligeiramente diferentes.

10.3.4 - Frequência de viagem de alguém da família

No que diz respeito à frequência com que viaja alguém da família, o

índice percentual das respostas afirmativas foi de 71,1%. Esse dado revela clara contradição com os resultados anteriores. Entendemos, no entanto, que o grupo em observação concebeu o termo “viagem” de acordo com as características constantes da própria formulação, isto é, como deslocamento não especificado, como viagem de lazer. Entre os lugares mais visados para essas viagens está a capital do Estado. A língua predominantemente usada pelo grupo que viaja com mais assiduidade é a portuguesa (75,4%), ou o português e o ucraniano (24,6%):

...quando eu vou a casa de minha irmã que mora em Ponta Grossa, eu falo com ela em ucraniano. Mas quando eu vou na casa do filho que mora também em Ponta Grossa, eu falo quase só em português porque os netos não sabem falar em ucraniano.... (Entrevista n. 32, 1997)

O depoimento aponta dados que corroboram a teoria da acomodação, isto é, afirma a motivação que tem o depoente para efetuar a escolha das línguas, como meio para expressar valores, atitudes e intenções. Nesse caso, a estratégia comunicativa da referida escolha não serve necessariamente como meio de delimitação interna do grupo, uma vez que se trata do mesmo grupo étnico. Aponta a opção por um código lingüístico a sua disposição em vista das competências monolíngües ou bilíngües dos interlocutores. Além disso, a escolha entre os sistemas lingüísticos que o grupo domina parece não depender do local, mas do interlocutor. Mais dados analisados a seguir trarão novos subsídios para a presente inferência.

O índice relativo às famílias que nos informaram não viajarem assiduamente é bastante significativo: 28,9%. Assim, há dois tipos de famílias: as que precisam efetuar a escolha da língua e, muitas vezes devem optar pela portuguesa, enquanto as outras não precisam, necessariamente fazer tais escolhas lingüísticas. Porém, verificando o desempenho lingüístico dessas famílias, constatamos que se identificam com as de mobilidade constante. Isso nos leva a afirmar que a vitalidade da língua minoritária não resulta de um único fator, mas de um conjunto deles. Há implicações, evidentemente. Por exemplo: todas as famílias que residem na sede urbana responderam afirmativamente a esta questão, enquanto nas demais regiões houve equiparação de resultados. Naquela região, ou seja, na sede urbana, obtivemos os menores índices de desempenho lingüístico relativo à língua minoritária. Mas alertamos não ser este o único elemento responsável pelo abandono da condição bilíngüe observada nos sujeitos em estudo.

10.3.5 – Visita da família a outras colônias do município

A questão que implicou a visita da família a outras colônias do município obteve 100% de asserções. O resultado, somado ao anterior, aponta para um dos hábitos familiares do grupo em observação: embora as viagens a negócios ou para tratamento de saúde sejam mais raras, as de lazer são extremamente constantes. Tem-se, assim, a clara sinalização sobre um dos elementos favorecedores da manutenção da língua minoritária. O constante trânsito do grupo entre as comunidades de fala ucraniana, além de favorecer a manutenção das redes sociais e, com isso, a dos valores tradicionais, favorece a contínua realimentação etnolingüística e, em muitos casos, passa a ser incentivo à manutenção do universo cultural e lingüístico ucraniano, embora possa ocorrer o inverso: ser um convite ao abandono.

Investigamos ainda a seguinte questão – quem da sua família visita mais os outros núcleos rurais do Município? Obtivemos 80% de respostas no sentido de que os integrantes do grupo que mais visitam outros núcleos rurais do município são o filho, a filha, ou os filhos e os netos. São estes os multiplicadores ou mantenedores da língua minoritária, ou os responsáveis pelo abandono progressivo de seu uso.

10.3.6 - Meios de transporte coletivo

Dentre os núcleos rurais visitados 36,9% não são servidos por meios de transporte coletivo. As afirmações feitas anteriormente - de que ainda há núcleos rurais de difícil acesso no município - se confirmam com esse levantamento. A região onde há maior número de localidades de difícil acesso é a do norte do município. Nela, o solo é altamente dobrado e há muitos rios e quedas d'água. Os moradores dessas localidades utilizam meios de transporte bastante diversificados: vão à cidade a pé, a cavalo, de carroça ou de carro próprio. Não encontramos diferença em relação às competências lingüísticas dos sujeitos que moram em localidades de difícil acesso face aos residentes em núcleos rurais com vias asfaltadas. A língua portuguesa, geograficamente, parece ter penetrado em todas as regiões e núcleos rurais do município, quer seja, quer não seja servido por meio de transporte coletivo. Aliás, em muitos desses locais não encontramos famílias de descendentes de ucranianos, apenas luso-brasileiros e índios.

10.3.7 - Elemento humano de ligação entre núcleo rural e cidade

Para levantarmos dados sobre quem desempenha o papel de mediação, ligando o núcleo rural e a cidade, propusemos a seguinte pergunta: Quem da sua família ia ou vai mais para a cidade? Obtivemos como resposta um índice bastante homogêneo: das 36 famílias entrevistadas e residentes no interior do município de Prudentópolis, 35 delas responderam ser o esposo a pessoa responsável pela atividade mercantil da família⁴. Informaram também que quando o chefe da família se dirige à cidade, se tem filhos homens adultos, eles geralmente o acompanham para tratar dos “interesses” da família, conforme preferem dizer. Os filhos mais novos, as filhas mulheres e a esposa permanecem na propriedade da família. Assim, os papéis sociais parecem estar bem delimitados nessa comunidade de fala: a mãe é a responsável pela administração do lar, enquanto o pai faz os contatos externos. Essa situação atual se identifica com as discussões anteriormente feitas sobre a família ucraniana, e sua constatação nos leva a afirmar que quem trouxe a língua portuguesa para o ambiente doméstico, antes de os filhos serem alfabetizados, foram os maridos. Outras implicações lingüísticas dessa situação socioeconômica são:

- 1) os esposos pertencentes ao grupo em estudo tornaram-se bilíngües em P/U, de modo geral, muito antes do que as mães, conforme atestam alguns dos depoimentos citados anteriormente;
- 2) a mãe ucraniana desempenhou o papel de mantenedora e transmisora dos valores culturais e lingüísticos da família, conforme atestam alguns dos depoimentos citados anteriormente.

Acrescentamos ainda a seguinte questão: Quantas vezes a pessoa vinha para a cidade? Mas a resposta não foi objetiva. Obtivemos um recorrente “depende”, relacionado à época do ano, à necessidade, ao antes e ao agora. Portanto, não foi possível testar a assiduidade das idas à cidade.

4 Uma entrevistada respondeu ser o casal. Trata-se de uma família constituída mais recentemente.

10.4 - CASAMENTOS MISTOS

10.4.1 – Casamento de alguém da família com pessoa não-ucraniana

Visando à obtenção de dados sobre as uniões exogâmicas, no grupo em questão, perguntamos se alguém da família do entrevistado havia-se casado com pessoa não-ucraniana. Da população de amostragem, 8,4% responderam afirmativamente. O percentual revela, entre outras coisas, que:

- 1) sendo a etnia quantitativamente majoritária na região, e assim permanecendo até aproximadamente três décadas, isso favoreceu a ocorrência de casamentos endogâmicos;
- 2) a coesão étnica do grupo permaneceu sólida, embora hoje, no geral, esteja bastante alterada; junto a isso, tem-se mais um dado favorecedor da coesão lingüística entre os ucranianos.

As uniões mistas predominantes foram entre ucranianos e luso-brasileiros e nelas predomina a língua portuguesa, inclusive como L1.

Embora os casamentos exogâmicos tenham ocorrido desde a chegada dos primeiros imigrantes ucranianos em Prudentópolis, conforme apontamos anteriormente, o percentual acima revela que, para a população-alvo, esse fator tem um valor insignificante. Da mesma forma, a penetração da língua portuguesa nos grupos familiares em estudo, por esse meio, passa a ser insignificante. Logo, justifica-se o maior uso da língua minoritária pelos sujeitos selecionados. Exceto na sede urbana, nas demais regiões não foi constatado predomínio estatístico, em relação à presente questão.

Sugerimos, no entanto, estudo mais detalhado sobre o tema casamentos mistos que aconteceram na comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis e sua implicação na permanência ou não da língua minoritária.

10.5 - PROFISSÃO DAS GERAÇÕES ANTERIORES À DO ENTREVISTADO

A questão proposta envolveu a seguinte pergunta: O que faz ou fazia o pai, o sogro, os tios e os avós do entrevistado. Obteve os seguintes resultados:

a) o pai:	90%	agricultor
b) o sogro:	90%	agricultor
c) os tios:	90%	agricultores
d) os avós:	100%	agricultores

Os percentuais confirmam o dado histórico e econômico: os imigrantes ucranianos foram requisitados para virem ao Brasil como agricultores, e foi o que aconteceu. A coleta de dados revelou também que a grande maioria deles permanece, até este final do século XX, desempenhando a mesma profissão de seus ancestrais, nas quatro regiões do município em estudo.

10.6 - ASPECTOS DA VIDA SOCIAL DOS SUJEITOS

O questionário apresentou as seguintes questões e resultados:

A) Vocês vão a festas?

a) sim: 97,7 %

B) De que tipo?

a) de igreja: 100%

C) Onde?

a) na sede e no interior: 100%

D) Com que frequência?

a) sempre: 77,1%

b) quase sempre: 17,7%

c) às vezes: 15,2%

E) Quem da família vai mais a festas?

a) filhos: 77,7 %

b) todos: 15,3 %

c) netos: 0,7 %

O perfil preferencial relativo aos aspectos sociais da família ucraniana

de Prudentópolis evidencia-se através do tópico geral e do subtópicos levantados. Exceto uma família⁵, as demais deram resposta afirmativa para a primeira questão, revelando o índice de 97,7% de participação em festas que, aliada à subquestão seguinte, aponta para a forte religiosidade do grupo: 100% deles participam ou preferem festas religiosas. Tem-se, desta forma, mais um dado que aponta para a permanência da característica corporativista do grupo em estudo, além de índices percentuais que revelam sua pertença a uma rede social fechada⁶, uma vez que participam, quase exclusivamente, de festas promovidas pelo próprio grupo etnorreligioso. Aliás, os outros tipos de festas citadas relacionam-se com as festividades religiosas como: casamentos, batizados, bingos ou jantares beneficentes. A atividade social do grupo em observação parece resumir-se a eventos de cunho religioso: 77,1% deles afirmaram participar de tais festas frequentemente. Logo, este fator pode ser considerado como um dos elementos promotores da manutenção da identidade cultural, lingüística e religiosa do grupo. Conforme afirmamos desde o início, a organização religiosa ucraniana de Prudentópolis é, com certeza, um dos principais responsáveis pela vitalidade da língua minoritária na região, além de o ser diretamente pela situação diglósica que a língua ucraniana manteve e mantém na comunidade de fala em questão.

As subquestões que complementam o tema em discussão indicam que nas gerações mais novas ocorre a ida mais constante a festas: 77,7% dos filhos participam frequentemente de festividades, como acontece com qualquer outro grupo familiar. As famílias do interior são as que mais vão às festas religiosas, justamente porque é uma das únicas atividades sociais que acontece com maior regularidade nessas regiões. A preferência por festas religiosas do município os caracteriza como grupo humano extremamente regionalista e corporativista e, sendo assim, justifica-se a permanência da delimitação grupal e a identificação interna do grupo.

5 A família que nos informou não participar de festas é a que possui o maior número de evangélicos entre seus integrantes. Quanto à situação lingüística, não diferem das demais.

6 Estamos usando o termo "rede social" de modo mais elástico do que o sentido atribuído a ele pelos pesquisadores que utilizam essa abordagem metodológica.

10.7 - ELEMENTO FAMILIAR DE LIGAÇÃO COM A UCRÂNIA

A questão buscou esclarecer se o entrevistado tem parentes na Ucrânia. Do grupo em observação, apenas 4 famílias responderam afirmativamente a esta questão. As demais não sabem. Aqueles que têm parentes ou sabem da sua existência e endereço comunicam-se com eles através de cartas ou telefonemas, servindo-se, para isso, da língua ucraniana e, inclusive, da portuguesa. Logo, esse fator atualmente não colabora para a manutenção da língua ucraniana. Exceto o norte A, as 4 famílias que sabem ter parentes na Ucrânia, residem, cada uma, em uma das outras regiões em estudo.

10.8 - EXPOSIÇÃO AOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

A questão 20 do questionário permitiu avaliar o campo relativo à exposição aos meios de comunicação de massa. Continha três perguntas, como abaixo transcritas, com os respectivos resultados:

A) Vocês assistem televisão?

a) sim: 82,3%

b) não: 17,7%

B) Quando?

a) de noite: 90,0%

b) de dia: 10,0%

C) Todo dia?

a) sim: 97,8%

b) não: 2,2%

D) Vocês ouvem rádio?

a) sim: 97,8%

b) não: 2,2%

E) Quando?

a) de dia: 97,8%

b) de noite: 2,2%

F) Todo dia?

a) sim: 95,6 %

b) não: 4,4%

G) Vocês escutam a missa e os programas em ucraniano?

a) sim: 97,8%

b) não: 2,2%

H) Frequência?

a) sempre: 100,0%

Os índices percentuais detectados revelam que tanto o rádio (97,8% o ouvem) como a televisão (82,3% a vêem) estão presentes no dia-a-dia dos sujeitos que integram o estudo, inclusive daqueles que residem em locais de difícil acesso. Nesses locais, por exemplo, sem estrada de acesso à residência, encontramos, por vezes, antenas parabólicas ao lado de uma casa antiga, tipicamente ucraniana.

A polarização, rádio de dia (97,8%) e televisão à noite (90,0%), revela que os sujeitos em estudo são trabalhadores, pois a televisão implica assistência, coisa que, principalmente no interior, eles parecem só poder fazer à noite. Nos feriados e domingos, geralmente têm outra atividade; por exemplo: visitar parentes, conforme nos informaram, além de assistirem à televisão. A esse lazer dedicam-se todas as noites (90,0% da população-alvo), fazendo com que a influência lingüística dessa mídia se torne mais atuante que a do rádio, que permite outras atividades simultâneas.

Quando da exposição aos meios de comunicação de massa, duas são as línguas que atuam diretamente na comunidade em estudo, em distintos canais de veiculação. A língua portuguesa, com espaço praticamente pleno, como língua exclusiva da televisão e também da quase totalidade das estações e dos programas de rádio; e a língua ucraniana, com espaço reduzidíssimo nesses canais, pois é veiculada em uma única estação de rádio local, a Copas Verdes, e apenas em FM, o que dificulta ainda mais a sua penetração e audiência. Além disso, em horários reduzidos: todos os dias, das 18h 30min às 19h, transmissão do terço; aos domingos das 9h às 10h, apresentação de um programa cultural, seguida pela transmissão da missa solene.

Essa, inclusive, com inclusões de textos em língua portuguesa.

A situação que acabamos de descrever reflete nitidamente o “status” de ambas as línguas na comunidade em estudo: a primeira, com alto poder de penetração na comunidade de fala ucraniana; a segunda, destituída do poder de penetração junto às gerações mais novas. Por outro lado, a audiência aos programas em ucraniano é absoluta (97,8% dos entrevistados), o mesmo sucedendo à frequência (100%). Porém, fazemos uma ressalva: a pessoa que serviu de porta-voz da família foi sempre o membro mais velho, isto é, avós ou avôs, bisavôs, bisavós ou tataravós. Sentimos que, principalmente no campo relativo aos meios de comunicação de massa, o porta-voz respondeu tendo por base unicamente a própria preferência. Pesquisas específicas sobre este campo merecem ser desenvolvidas na região. Para a geração que atuou como porta-voz familiar, realmente, a classe religiosa gerou muitos mecanismos que serviram como meios de perpetuação do universo cultural ucraniano. Entre eles, o rádio e o jornal, ambos de propriedade da organização religiosa católico-ucraniana, conforme já referimos. Logo a vitalidade da língua minoritária na região em estudo, também se justifica por esse mecanismo.

Entre os programas de televisão preferidos estão o jornal e os religiosos da Rede Vida. Em relação ao rádio, disseram preferir os programas ucranianos religiosos. A religiosidade do grupo em estudo evidencia-se plenamente aqui, em função da preferência revelada. No entanto, a ressalva feita acima também serve para a subquestão em discussão.

Os dados indicam a audiência quase generalizada do rádio (97,8%), pelos entrevistados, sobre percentual um pouco menor de assistência à televisão (82,3%). A diferença, no entanto, não é significativa. Entre as regiões também não se verificaram diferenças marcantes.

Uma vez que trabalhamos com as condições de resistência e vitalidade de uma língua minoritária, estabelecemos a correlação entre os meios de comunicação de massa e as competências lingüísticas em estudo. Quanto ao rádio, apenas uma família entrevistada informou que não costuma ouvi-lo. É justamente a família que possui maior número de não-católicos ucranianos entre seus integrantes. As competências lingüísticas dessa família, no entanto, identificam-se com as demais. São necessários mais dados para se verificar a interferência desse fator na manutenção ou abandono de uso da

língua minoritária, assim como a relação entre religião e audiência radiofônica.

No que respeita à televisão, 8 dentre as famílias selecionadas, que estão dispersas nas regiões estudadas, não a possuem. Na sede urbana, ao contrário todas as famílias entrevistadas têm televisão. Em relação às famílias que não possuem televisão, 100% dos filhos falam ucraniano; quanto ao ler e ao escrever, identificam-se com o resultado do outro grupo, isto é, 10% sabem ler e escrever e 20% disseram saber ler. O percentual dessas duas últimas competências parece ainda inferior ao do grupo que está exposto às influências da língua portuguesa pela televisão. Quanto ao falar, o fato de a família não ter televisão em casa parece que interfere nessa competência.

Considerando que, atualmente, o fato de não haver televisão na casa constitui índice sugestivo de baixa condição socioeconômica, pode-se então deduzir que a competência lingüística relativa à fala da língua minoritária, em Prudentópolis, permanece nas famílias de condição socioeconômica mais baixa. Advirta-se, todavia, que somente uma pesquisa mais específica pode demonstrar a existência, ou não, da correlação sugerida.

10.9 - AS REDES SOCIAIS DA FAMÍLIA

10.9.1 - Rede de amizade fora do município

Os dados que envolvem a rede de amizade dos entrevistados e a respectiva localização resultaram de quatro questões propostas aos entrevistados:

A) vocês têm amigos que moram em outro município?

a) sim: 77,7%

b) não: 22,3%

B) São só ucranianos?

a) sim: 26,6%

b) não: 73,4%

C) Onde eles moram?

a) no Paraná: 77,7%

b) outros: 22,3%

D) Que língua falam quando vocês vão na casa dos amigos em outro município?

a) P/U: 58,8%

b) Português: 30,4%

c) Ucrainiano: 10,8%

As redes interpessoais estabelecidas pela família são fundamentais em comunidades com línguas distintas, como é o caso do estudo que estamos efetivando. Essa colocação se torna verdadeira porque as escolhas entre os códigos e as convenções pragmáticas dependem muito dessas ligações sociais. Juntas, são responsáveis diretas pela manutenção ou pela substituição de uma língua por outra, geralmente a minoritária.

As redes sociais de amizade do grupo que estão situadas fora do município são abertas relativamente à etnia, porque 73,4% responderam que a grande maioria dos amigos não são ucranianos. A coesão étnica interna do grupo ou a segregação dos membros da comunidade de fala ucraniana parece estar desaparecendo na comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis. Esse resultado tem origem, seguramente, em casamentos exogâmicos efetivados com maior frequência entre os netos dos entrevistados, isto é, nas gerações mais novas em relação à que foi alvo direto deste estudo. A maioria respondeu ter vínculos de amizade, já bastante antigo, com pessoas que residem em municípios paranaenses. Provavelmente pertençam ao grupo que migrou da região em busca de novas fronteiras agrícolas.

Para o estudo que efetivamos, no entanto, a escolha das línguas nessa situação contextual, ou seja, em domínios privados (Fishman, 1971; Peñalosa, 1980), porém não familiares, é fundamental. Inicialmente, indicia a condição bilíngüe desses sujeitos: 58,8% dos incluídos no estudo utilizam ambas as línguas nas interações pragmáticas efetivadas com amigos residentes em outros municípios. Segundo palavras próprias, assim como em depoimentos anteriormente transcritos, ora usam a língua portuguesa, ora usam a língua ucraniana. Por vezes, usam as duas com o mesmo interlocutor, no mesmo ato de fala, executando uma operação lingüística de mudança ou alternância de códigos, tecnicamente denominada de "code-switching". Dispomos, com isso, de dados capazes de confirmar que, atu-

almente, a rede de amizade da população-alvo não se restringe aos limites étnicos, parentais e geográficos nem à homogeneidade interna da comunidade.

A gradação percentual relativa à escolha da língua é bastante interessante. Na verdade, esses valores refletem a situação lingüística atual da comunidade de fala ucraniana: predomínio do bilingüismo com amplo espaço de invasão e penetração da língua portuguesa, e a conseqüente redução no uso da língua ucraniana. A gradação do fenômeno também chama atenção, porém é preciso observar a recorrência desse resultado nos dados discutidos a seguir.

O percentual relativo às famílias que disseram não ter amigos residindo em outros municípios não pode ser ignorado. São 10 famílias, cuja rede de amizade se situa, provavelmente, apenas no município de Prudentópolis. Sendo assim, constata-se a existência de um pequeno grupo com rede social mais limitada, face ao outro grupo. Este, de rede social mais limitada, ao ter verificadas suas competências lingüísticas, revelou, no que respeita ao falar, ser novamente superior ao grupo com rede social mais aberta. Conforme sugestão anterior, também aqui se exige pesquisa específica para confirmar essa relação. As 10 famílias destacadas distribuem-se nas diversas regiões abrangidas pelo estudo.

10.9.2 - Rede de parentesco fora do município

Os dados que envolvem as relações de parentesco fora do município, sua etnia e local de residência, assim como a língua falada nas visitas a outros municípios, e respectiva freqüência, resultaram de cinco perguntas:

A) Vocês têm parentes que moram em outro município?

a) sim: 97,7%

b) não: 2,3%

B) São só ucranianos?

a) sim: 46,6%

b) não: 53,4%

C) Onde eles moram?

a) no Paraná: 82,3%

- b) outros: 17,7%
- D) Que língua falam quando vocês vão na casa de parentes em outro município?
- a) Português: 15,7%
- b) ucraniano: 6,6%
- c) Em P/U: 77,7%
- E) Frequência de visitas aos amigos e parentes:
- a) sempre: 74,4%
- b) quase sempre: 15,6%
- c) às vezes: 10,0%

É bastante significativo o percentual que indica a existência de parentes residindo fora do município: 97,7%, superior ao de amigos, o que comprova a ocorrência de intensa migração dos membros da comunidade de fala ucraniana e da família. Esse resultado se mostra contraditório em relação a não-desintegração familiar observada no tópico, já discutido, sobre a mobilidade. Sobre ele, as pesquisas etnográficas que efetivamos revelaram, conforme já apontamos, que os membros das famílias que saíram da casa paterna foram, quase na sua totalidade, casais em busca de novas oportunidades de vida, da mesma forma como haviam feito seus antepassados. A maioria desses casais são tios, sobrinhos, primos, netos, bisnetos ou tataranetos dos sujeitos que atuaram como porta-vozes da família entrevistada. Então, enquanto a descendência direta do porta-voz se manteve íntegra e coesa, promovendo, com isso, a coesão lingüística, a desintegração já se operou na de seus filhos. Assim, tornou-se fácil para a língua portuguesa adquirir “status” de L1 para os filhos dos casais que migraram da região prudentopolitana, por estarem distantes e desintegrados da rede familiar e da rede social de origem.

Observamos a correlação entre uma questão anterior, a da frequência das viagens da família (71,1%), com a frequência das visitas a amigos e parentes residentes em outros municípios, pois 74,4% da população-alvo viaja com frequência a esses locais. Esse fato favorece a ocorrência de dois percursos lingüísticos em contato frequente: o dos que ficaram e o dos que foram embora. O primeiro representa a continuidade de uso do referencial

b) outros: 17,7%

D) Que língua falam quando vocês vão na casa de parentes em outro município?

a) Português: 15,7%

b) ucraniano: 6,6%

c) Em P/U: 77,7%

E) Frequência de visitas aos amigos e parentes:

a) sempre: 74,4%

b) quase sempre: 15,6%

c) às vezes: 10,0%

É bastante significativo o percentual que indica a existência de parentes residindo fora do município: 97,7%, superior ao de amigos, o que comprova a ocorrência de intensa migração dos membros da comunidade de fala ucraniana e da família. Esse resultado se mostra contraditório em relação a não-desintegração familiar observada no tópico, já discutido, sobre a mobilidade. Sobre ele, as pesquisas etnográficas que efetivamos revelaram, conforme já apontamos, que os membros das famílias que saíram da casa paterna foram, quase na sua totalidade, casais em busca de novas oportunidades de vida, da mesma forma como haviam feito seus antepassados. A maioria desses casais são tios, sobrinhos, primos, netos, bisnetos ou tataranetos dos sujeitos que atuaram como porta-vozes da família entrevistada. Então, enquanto a descendência direta do porta-voz se manteve íntegra e coesa, promovendo, com isso, a coesão lingüística, a desintegração já se operou na de seus filhos. Assim, tornou-se fácil para a língua portuguesa adquirir "status" de L1 para os filhos dos casais que migraram da região prudentopolitana, por estarem distantes e desintegrados da rede familiar e da rede social de origem.

Observamos a correlação entre uma questão anterior, a da frequência das viagens da família (71,1%), com a frequência das visitas a amigos e parentes residentes em outros municípios, pois 74,4% da população-alvo viaja com frequência a esses locais. Esse fato favorece a ocorrência de dois percursos lingüísticos em contato frequente: o dos que ficaram e o dos que foram embora. O primeiro representa a continuidade de uso do referencial

simbólico ucraniano, enquanto o segundo pode ter representado uma ruptura do universo cultural ucraniano, mantido até ali pelas gerações anteriores ou pelos que ficaram na região em estudo. Ao se reencontrarem, a geração mais antiga revê as competências lingüístico-comunicativas em relação à língua minoritária e aprimora as competências lingüístico-comunicativas sobre a língua majoritária com as gerações mais novas.

O percentual relativo aos parentes que moram em outros municípios paranaenses é bastante alto (82,3%), revelando tendência migratória dos ex-moradores de Prudentópolis: a grande maioria buscou melhor condição econômica em locais não muito distantes do município de origem. Muitos amigos residem nas mesmas cidades onde moram os parentes, conforme depoimento de um dos informantes:

... eu vou visitar os netos e já vejo uns amigos que eu tenho lá... (Entrevista n. 14, 1997)

Assim o vínculo de amizade e de parentesco do grupo em estudo parece situar-se, predominantemente, no estado do Paraná.

Observa-se que a maioria dos amigos não são ucranianos (73,4%) enquanto o percentual relativo aos parentes não-ucranianos (53,4%) e parentes ucranianos (46,6%) se equiparam. Dessa forma, o fator tempo possibilitou a miscigenação na população paranaense ucraniana, que passou a se identificar com a população brasileira em geral.

A escolha da língua nas interações pragmáticas com os parentes que residem em outras localidades revela que a preferência, ou talvez a necessidade, faça com que predomine o português e o ucraniano (77,7%), conforme colocações acima. Surpreendentemente, o uso da língua ucraniana é menor entre parentes do que nas interações lingüísticas com os amigos. De modo geral, a recorrência de resultados, quanto ao percentual de escolha de ambas as línguas, quer na interação comunicativa entre amigos (58,8%), quer entre parentes, sinaliza para uma inferência: a escolha da língua indicada pelo grupo em estudo parece não ser estratégia comunicativa que estabeleça a identificação interna do grupo, em si. As identificações podem acontecer no interior do grupo, conforme já apontamos anteriormente.

A gradação de uso das três possibilidades existentes em uma situação bilíngüe (P, U, ou P/U), de que dispõe a grande maioria dos sujeitos deste

estudo, autoriza a reafirmar proposições anteriores, acrescentando que a substituição da língua minoritária pela majoritária, em Prudentópolis, está se operando gradualmente e que isso revela características de um processo lingüístico natural, conforme ocorre com as mudanças lingüísticas em progresso.

Exceto na sede urbana, seguida pela região das primeiras colônias, cujos resultados foram ligeiramente diferentes, não encontramos diferenças acentuadas nas demais regiões.

10.9.3 - Rede de amizade no município:

Os dados que envolvem a rede de amizade dos entrevistados e a respectiva localização resultaram de quatro questões propostas aos entrevistados:

A) Vocês têm amigos que moram no interior do município?

a) sim: 95,6%

b) não: 4,4%

B) Vocês têm amigos que moram na cidade?

a) sim: 97,8%

b) não: 2,2%

C) Os seus amigos de Prudentópolis são só ucranianos?

a) sim: 6,6%

b) não: 93,4%

c) etnia: misturada

D) Em que língua conversam com os amigos de Prudentópolis?

a) Português: 17,7%

b) Ucraniano: 4,4%

c) P/U: 77,9%

10.9.4 - Rede de parentesco no município

Quatro questões buscaram levantar os dados relativos ao parentesco dos entrevistados no Município de Prudentópolis:

- A) Vocês tem parentes que moram no interior do município?
- a) sim: 100%
- B) Vocês tem parentes que moram na cidade?
- a) sim: 95,6 %
- b) não: 4,4%
- C) Os seus parentes de Prudentópolis são só ucranianos?
- a) sim: 48,8%
- b) não: 51,2%
- D) Em que língua conversa com os parentes de Prudentópolis?
- a) Português: 8,8%
- b) Ucraniano: 6,6%
- c) P/U: 84,6%

As respostas e os percentuais relativos às redes de amizade e às de parentesco locais identificam-se entre si, razão pela qual as colocamos sequencialmente. Observa-se também a identificação com os demais percentuais levantados sobre a caracterização da rede social do grupo em observação. Além disso, a identificação é a mesma entre as regiões em estudo, com ligeira diferença detectada na sede urbana e região das primeiras colônias, conforme resultados anteriores. É importante destacar ainda que até as diferenças entre os percentuais constatados em cada uma das localidades geográficas em estudo, assim como os tipos de relacionamento, são praticamente os mesmos. Disso podemos deduzir que a amostragem em estudo está se revelando coerente e fidedigna, viabilizando que se trace um perfil bastante fiel da realidade lingüística da comunidade investigada. A presença de um dos fatores que tornou possível a manutenção da língua minoritária em Prudentópolis, favorecendo sua vitalidade, é confirmada pelo índice de 48,8% de parentes de origem ucraniana que residem atualmente na região em estudo.

Uma vez que nos deparamos com identificações nos resultados, as discussões levantadas nos dois últimos tópicos aplicam-se também aos resultados aqui apresentados. Acrescentamos, no entanto, que a recorrência dos resultados quanto à escolha da língua parece indicar a não-interferência

do contexto geográfico sobre o processo de escolha da língua a usar. A maior diferença se situa nas extremidades: entre os amigos de outras localidades e os parentes que residem em Prudentópolis. Voltaremos a esta questão posteriormente.

Correlacionando os dados sobre a existência de parentes que residem no interior do município (100%) com a da frequência de viagens ao interior do município (100%), obtém-se o quadro sobre a identificação etnocultural que o grupo procura preservar, de modo concreto. No tocante à sobrevivência da língua minoritária, esse hábito torna-se fundamental.

10.9.5 - Relações sociais íntimas entre famílias

Entre as relações sociais, há algumas, mais íntimas, que são estabelecidas com integrantes de uma rede social maior. Decorrem da convergência, por afinidade e ajuda, entre famílias, muito comum, em todos os sentidos, no interior dos municípios brasileiros, como também nas pequenas cidades.

O conteúdo das questões abaixo, esclarece mais sobre esse tipo de relações que podem ser instauradas entre famílias.

A) Existem famílias com as quais a sua família melhor se dá?

Sim: 100%

B) O que vocês são deles?

a) parentes? 76,6%

b) amigos? 23,4%

C) Onde eles moram?

a) vizinhos? 75,5%

b) não vizinhos? 24,5 %

D) Em que língua conversam?

a) Português: 17,9%

b) Ucraniano: 48,8%

c) P/U: 33,3%

E) Onde vocês se encontram?

a) em casa: 82,2%

- b) externa: 17,8%
- F) Vocês se encontram
- a) sempre: 75,5%
- b) quase sempre: 8,8%
- c) às vezes: 5,7%
- G) Quanto tempo vocês ficam juntos?⁷
- a) "Depende": 100%

Os percentuais obtidos evidenciam os grupos com os quais interage o grupo de estudo mediante relações mais íntimas: com parentes (76,6%) e com vizinhos (75,5%). Destaca-se assim um tipo de relação social fechada, pois as relações mais arraigadas se estabelecem preferencialmente entre parentes e, além disso, entre parentes que são vizinhos. São encontros frequentes (75,5%) e íntimos, pois 82,2% deles ocorrem nas residências das pessoas que interagem com vínculos sociais dessa natureza.

Os percentuais relativos à sede urbana foram novamente diferentes. As relações mais íntimas, por exemplo, sucedem preferencialmente com amigos (61,9%) e não com parentes (38,1%), que, provavelmente, são poucos na cidade.

A situação revelada por tais dados, em vista das pessoas que participam das relações sociais em tela, evidentemente, caracteriza-se por favorecer o uso e a manutenção da língua minoritária. Corrobora essa constatação o percentual que a língua ucraniana obteve na questão sobre a língua usada nas interações pragmáticas com pessoas mais íntimas: 48,8% da população-alvo disseram usar a língua ucraniana.

Desta forma, podemos afirmar que, junto à crença religiosa que estabeleceu o vínculo, até agora indissolúvel, entre rito e língua na comunidade de fala ucraniana, a identidade lingüística do grupo ainda é solidificada pelos tipos de parceiros que integram algumas formas de relações sociais, por exemplo, mais íntimas dos sujeitos em estudo. Esse, então passa a ser o se-

⁷ A resposta a essa questão revelou que se trata de práticas sociais não fixas ou predeterminadas. Acontecem naturalmente e o tempo dispendido depende da situação geral, da época do ano, do dia da semana, do porquê da visita. ...às vezes é só para um dedo de prosa... como preferem dizer. Em função disso, não vamos incluir tal questão, nas futuras discussões.

gundo fator responsável pela vitalidade da língua minoritária na região.

Por outro lado, não podemos ignorar que, estabelecendo-se as relações íntimas preferencialmente com os parentes — e considerando que 50% dentre eles, atualmente não têm ascendência ucraniana —, a língua portuguesa, ao invadir esse reduto, tenderá gradualmente a substituir a língua minoritária, instaurando a mudança da situação lingüística em progresso na região, como reiteradas vezes se evidenciou neste estudo, embora a situação lingüística, como tal, possa ser modificada de modo não unidirecional.

10.9.6 - Grupo de comunicação mais assídua

A assiduidade nas comunicações do entrevistado foi questionada mediante cinco perguntas:

A) A sua família conversa mais com:

- | | |
|--------------|-------|
| a) parentes: | 56,8% |
| b) amigos: | 43,2% |

B) Em que língua falam com essas pessoas que conversam mais?

- | | |
|---------------|-------|
| a) Português: | 24,6% |
| b) Ucraniano: | 26,6% |
| c) P/U: | 48,8% |

C) O que essas pessoas fazem?

- | | |
|-----------------|---------------------|
| a) interior: | agricultores |
| b) sede urbana: | profissões variadas |

D) Vocês se encontram

- | | |
|------------------|-------|
| a) sempre: | 77,7% |
| b) quase sempre: | 4,4% |
| c) às vezes: | 17,9% |

E) Onde vocês se encontram?

- | | |
|-------------|-------|
| a) casa: | 51,0% |
| b) externo: | 49,0% |

Algumas diferenças nos índices percentuais em relação aos anteriores são bastante interessantes. Por exemplo: os informantes “conversam” mais com interlocutores que são parentes (56,8%) ou amigos (43,2%), embora predomine a comunicação mais assídua com os primeiros. Sendo assim, o bilingüismo só poderia predominar nesses contatos: 48,8%. O bilingüismo passa a ser a estratégia comunicativa que estabelece identificação entre os que sabem e os que não sabem ucraniano. Considerando o bilingüismo como competência lingüístico-comunicativa dupla, não institui nem pode instituir fronteiras étnicas, até porque elas também já são bem tênues na região.

O fato de o percentual relativo à escolha da língua ucraniana (26,6%) ser superior ao da portuguesa (24,6%), nas interações em discussão, causa surpresa devido sobretudo ao tipo de questões em estudo, no momento. As observações que efetivamos na comunidade de fala ucraniana em estudo revelaram que não predomina a escolha da língua ucraniana na maioria das interações comunicativas com amigos. Como essas questões foram levantadas junto às questões relativas à tipologia das relações mais íntimas, isso talvez tenha influenciado as respostas. Porém, a diferença entre os dois índices citados não é tão expressiva.

Nos demais subtópicos levantados, a polarização novamente se manifestou: a sede urbana apresenta índices ligeiramente diferenciados em relação aos das outras regiões. Por exemplo, quanto às profissões: nas regiões do interior do município, a maioria absoluta, como era de se esperar, é de agricultores, enquanto na sede urbana as pessoas com quem mais “conversam” exercem profissões as mais variadas.

As interações comunicativas mais assíduas se dão em encontros de rua, na estrada, no supermercado, na igreja, etc., mas são freqüentes.

Conforme colocações anteriormente feitas, há variáveis sociolingüísticas operando em direções contrárias. Exemplificando: as relações sociais mais íntimas favorecem a manutenção dos vínculos etnolingüísticos ucranianos, principalmente porque a língua ucraniana obteve o maior índice percentual de escolha, entre os códigos lingüísticos disponíveis para esse grupo. Com as pessoas que “mais conversam”, no entanto, o bilingüismo P/U revelou o maior percentual de uso, seguido pela equiparação percentual entre as línguas portuguesa e ucraniana. Portanto, estamos diante de uma

situação lingüística flutuante, em que a substituição da língua ucraniana pela portuguesa, iniciada há décadas, ainda não foi concluída, isto é, está em progresso, o que justifica a constatação de resultados conflitantes.

10.9.7 - Rede de vizinhança

A) Quem são seus vizinhos?⁸

- | | |
|----------------------|-----|
| a) ucranianos: | 59% |
| b) luso-brasileiros: | 30% |
| c) poloneses: | 5% |
| d) outros: | 6% |

B) Em que língua fala com seus vizinhos?

- | | |
|---------------|-------|
| a) Português: | 15,6% |
| b) Ucraniano: | 20,0% |
| c) P/U: | 64,4% |

C) Se estiver precisando de ajuda, qual desses vizinhos vem ajudar?

- | | |
|--------------|-----|
| a) parentes: | 50% |
| b) amigos: | 50% |

D) Em que língua falam com este vizinho?

- | | |
|---------------|-------|
| a) Português: | 22,2% |
| b) Ucraniano: | 42,3% |
| c) P/U: | 35,5% |

E) Qual desses vizinhos visita mais?

- | | |
|-------------|-----|
| a) parente: | 80% |
| b) amigo: | 20% |

F) Em que língua falam com este vizinho que visita mais?

- | | |
|---------------|-------|
| a) Português: | 31,1% |
|---------------|-------|

⁸ A título de complementação é importante destacar a concepção do que possa ser grupo étnico para a comunidade de fala em estudo: entre o rol dos grupos étnicos citados, constam gaúchos, crentes e brasileiros. A motivação para assim os classificarem já foi comentada anteriormente.

- b) Ucrainiano: 42,3%
- c) P/U: 26,6%
- G) Vocês se encontram com os vizinhos para conversar?
- a) Sim: 100%
- H) Onde vocês se encontram?
- a) em casa: 50%
- b) externo: 50%
- I) Os encontros são:
- a) sempre: 82,3%
- b) quase sempre: 4,4%
- c) às vezes: 13,3%

A rede de vizinhança das famílias da presente amostra, existente no interior do município, foi fundada em bases socioeconômicas que se articularam desde o início do século, quando da formação das verdadeiras vilas rurais na região em estudo, devido ao tamanho das propriedades recebidas: 10 alqueires por proprietário. A combinação de fatores tais como vilas rurais constituídas por uma única etnia, da mesma religião, além da equiparação socioeconômica, só poderia solidificar a manutenção de todo o universo sociocultural de origem e, entre eles, o da língua ucraniana. Na medida em que essa convergência de fatores tendeu a se dissolver ou se modificar, a língua portuguesa foi penetrando no interior desses redutos ou dessas redes de reprodução da cultura de origem. Mesmo porque as comunidades de imigrantes não seriam capazes de sobreviver por um período muito longo, como ilhas socioculturais e lingüísticas independentes e autônomas, no interior do país que as adotou.

A investigação revelou que a grande maioria das famílias entrevistadas ainda tem atualmente vizinhos com ascendência ucraniana (59,0%). Por outro lado, 5 famílias, entre as 45 selecionadas, residem em núcleos rurais em que todos os seus vizinhos têm ascendência de outras etnias. Cruzando esses dados com aqueles relativos às competências lingüísticas mantidas pelo grupo, constatamos que apenas os pais são bilíngües, enquanto os fi-

lhos, embora tenham tido como L1 a língua ucraniana, transformaram-se em bilíngües passivos. Os netos, cujos avós são bilíngües, apresentaram a seguinte situação lingüística: não tiveram como L1 a língua ucraniana, ou entendem ucraniano, mas não falam — tornaram-se falantes monolíngües de L2, com algum conhecimento passivo da L1. Dessa forma, a vizinhança, enquanto mantém hábitos de fala similares, desempenha papel fundamental na manutenção da língua minoritária (Kulczynskyj, 1987).

A escolha da língua, que implica elaboração de estratégias comunicativas, está se revelando bastante interessante nesse estudo. Destacou-se, por exemplo, que se o interlocutor for especificado, a língua também é especificada. Quando foi indicado um interlocutor inespecífico, a opção bilíngüe foi a mais referida, resultado que se apresenta como perfeitamente lógico e coerente. No campo ora em discussão, a língua ucraniana foi a opção preferencial para o interlocutor específico, conforme percentuais obtidos nos itens “D” (42,3%) e “F” (42,3%) — respectivamente “Se estiver precisando de ajuda, qual desses vizinhos vem ajudar?” e “Em que língua falam com este vizinho que visitam mais?”. Da mesma forma, se o interlocutor é inespecífico, de acordo com o item 2 (“Em que língua fala com seus vizinhos”), predomina o bilingüismo (64,4%). Nesse caso, a escolha é feita de acordo com a competência lingüístico-comunicativa do interlocutor, o que comprova a existência de subgrupos, no interior da comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis, que detêm competências lingüístico-comunicativas bilíngües comuns (Gumperz, 1976).

Assim, o quadro sobre as estratégias comunicativas dos nossos informantes está se revelando plenamente, em função da recorrência e especificidade de questões como a 3 e a 5 — respectivamente: “Se estiver precisando de ajuda, qual desses vizinhos vem ajudar?” e “Qual desses vizinhos visita mais?”

As demais questões revelam que o grupo mantém hábito assíduo de contatos verbais com os vizinhos onde quer que eles estejam e venham a se encontrar: nas casas, na rua, na igreja, na roça, na cerca, etc.

Selecionamos duas famílias, uma residente na sede urbana e outra na região denominada de norte B. Para a seleção, optamos por aquelas famílias que contavam com maior número de gerações vivas, ambas com bisavôs vivos. As regiões selecionadas são as que estão apresentando, entre si, mai-

or divergência quanto aos índices percentuais já levantados. Após levantamento da rede de comunicação das famílias selecionadas, obtivemos os dados ilustrados pelo gráfico da Figura 7.

A rede de comunicação da família residente na sede urbana é aberta, uma vez que se expõe mais à língua portuguesa e às influências comunicativas externas. A língua majoritária inclusive já invadiu o ambiente doméstico. A língua ucraniana, por outro lado, possui número restrito de usuários, sendo também usada por limitado número de interlocutores, que desempenham papéis sociais bem especificados ou pertencem à chamada terceira idade (>65 anos).

Em relação à segunda família, cuja situação é ilustrada pelo gráfico da Figura 8, o levantamento das redes de comunicação surpreende, pelo fato de ela não ser do tipo fechado. Todos têm acesso à língua portuguesa através dos meios de comunicação de massa, comércio, escola, amigos e vizinhos. Da mesma forma têm acesso à língua ucraniana pelos progenitores, religiosos, parentes, amigos e vizinhos. Assim sendo, todos os integrantes da família selecionada têm maior flexibilidade de uso e controle das línguas em questão.

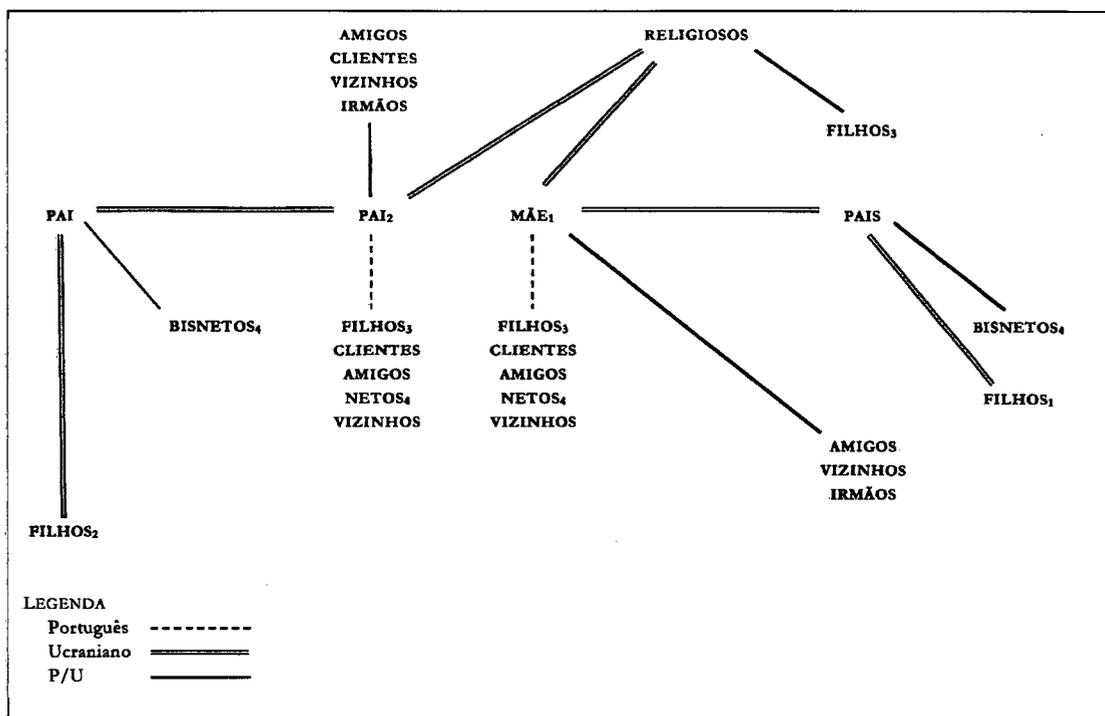


Figura 7 - Gráfico da rede de comunicação da família 1, residente na sede urbana de Prudentópolis

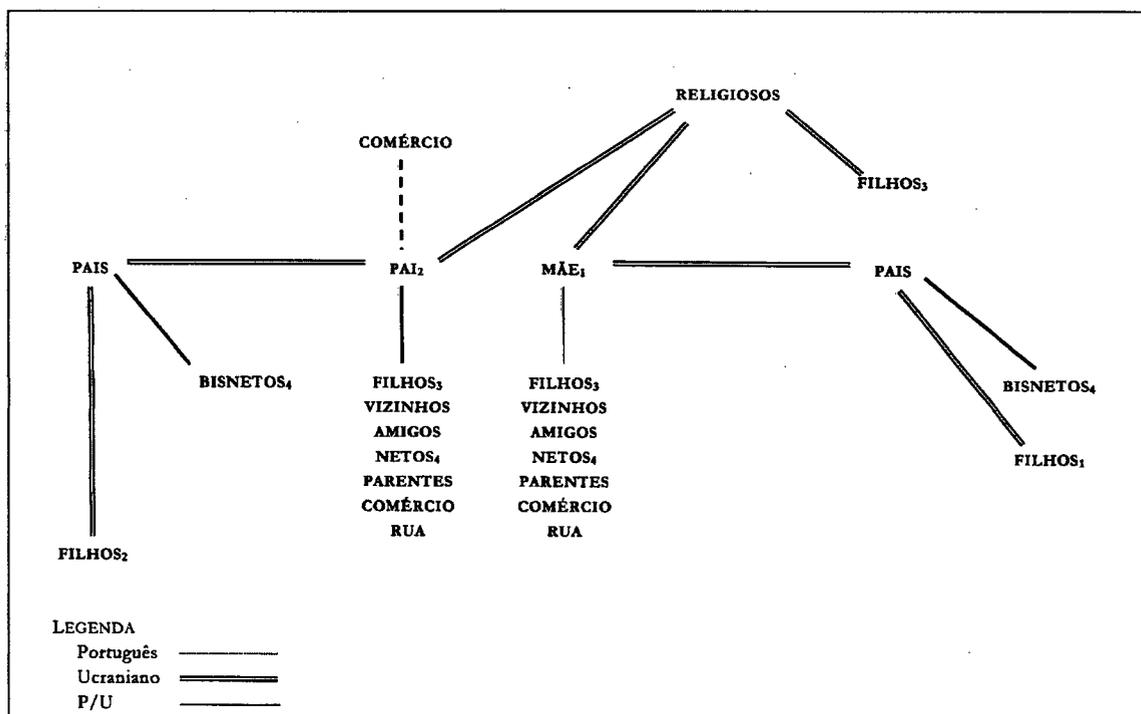


Figura 8 - Gráfico da rede de comunicação da família 2, residente região Norte B.

Trata-se de uma rede de comunicação do tipo intermediário, favorável ao desenvolvimento do processo de mudança em progresso. Neste aspecto, ambas as redes se identificam, embora a mudança de panorama lingüístico na primeira família já esteja sendo efetivada há mais tempo. Alertamos para o fato de que esse resultado camufla, muitas vezes, o conflito social e lingüístico subjacente a todo e qualquer núcleo familiar, interferindo diretamente no comportamento lingüístico dos sujeitos.

Esse último levantamento evidencia também os atuais “status” das línguas em estudo: comprovadamente majoritária a língua portuguesa e minoritária a ucraniana.

10.10 - ESCOLHA DA LÍNGUA EM INTERAÇÕES PRAGMÁTICAS DIVERSAS

Embora o tópico relacionado à escolha da língua em interações pragmáticas diversas já tenha surgido em outras questões, já discutidas, de ora em diante ele se constitui como específico, já que sua recorrência o torna extremamente importante para o estudo que estamos realizando.

10.10.1 - Língua preferencial em função do assunto

A) Se vocês da sua família estiverem conversando sobre alguma coisa e mudam de assunto, mudam também de língua?

a) não: 100%

B) Isso acontece sempre?

a) sim: 100%

C) Todos os da família?

a) sim: 100%

D) Quando vocês falam de filhos, netos, infância, vocês preferem falar em que língua?

a) Português: 13,3%

b) Ucraniano: 57,7%

c) P/U: 29,0%

E) Todos os da família?

- a) não: 100%
- F) Quando vocês estão falando sobre missa, festa da igreja, vocês preferem falar em que língua?
- a) Português: 11,1%
- b) Ucraniano: 20,1%
- c) P/U: 68,8%
- G) Todos os da família?
- a) não: 100%
- H) Tem algum assunto que a sua família só fala em;
- a) Português? - sim 100,0%
- b) Ucraniano? - sim 95,6%

As línguas, em comunidades bilíngües, podem estar associadas a diferentes tipos de experiências, o que pode induzir os indivíduos bilíngües a mudarem de língua ao falarem sobre temas específicos. Essa operação, se ocorreu, parece já não fazer parte das opções lingüísticas na comunidade que estamos investigando, pois 100% da população-alvo respondeu não mudar de língua quando muda de assunto. Por outro lado, existe ainda a língua preferencial para determinados assuntos: 57,7% apontou a preferência pelo ucraniano se o assunto for “filhos”, “netos” e “infância”, conforme se observa na questão n. 4 (“Quando vocês falam de filhos, netos, infância, vocês preferem falar em que língua?”). Comparando com o resultado revelado pela questão 6 (“Quando vocês estão falando sobre missa, festa da igreja, vocês preferem falar em que língua?”), onde 68,8% disseram optar por uma opção bilíngüe para assuntos sobre missa e festa da igreja, deparamo-nos com um resultado que parece ser contraditório. Entendemos os referidos resultados da seguinte forma: os temas “filhos, netos, infância” geralmente fazem parte das falas de gerações mais velhas, pois implicam lembranças do passado. Logo a língua preferencial é demarcadora de certo limite etário de uso, cujos resultados apontam para a ausência de limites claramente demarcados nos domínios entre as línguas e os tópicos.

O índice percentual constante na questão 8 (“Tem algum assunto que a sua família só fala em português-ucraniano?”), que revelou existir, no grupo em estudo, uma língua preferencial para determinados assuntos

(95,6%) revela, por outro lado, resultados conflitantes, tendo exigido busca de subsídios, para seu esclarecimento, em depoimentos dos informantes:

... aqui em casa ninguém sabe rezar em brasileiro, só em ucraino. Se confessar também não, só em ucraino, cumprimentos, cantos, brincadeiras (ditos jogos) só em ucraniano. Agora quando é coisa de comprar, vender, banco, tudo em brasileiro... (Entrevista n. 33, 1997)

... se for segredo, assim e tiver mais gente e eu não quero que todo mundo fique sabendo e se só nos sabemos ucraniano, então eu falo aquilo em ucraniano... (Entrevista n. 13, 1997)

É justamente essa flutuação que torna instigante a presente investigação. Os depoimentos revelam a existência de uma língua preferencial, que, mais precisamente, consiste no domínio lingüístico funcional atribuído à língua minoritária por seus usuários. Os domínios listados por eles revelam ser extremamente restritos e demarcam que os atuais usuários da língua ucraniana de Prudentópolis pertencem a um grupo etnorreligioso, antes do que a um grupo étnico apenas. A demarcação entre grupo interno e externo (Clyne, 1997) sobrevive, formando pequenos subgrupos no interior da comunidade de fala ucraniana em estudo. Além disso, a manutenção da língua ucraniana nessa situação bilíngüe e diglössica passa a servir como motivo de identificação do subgrupo, uma vez que a demarcação étnica parece ter-se diluído através da miscigenação ocorrida.

As práticas lingüísticas flutuantes na região, reveladoras da situação de conflito lingüístico e da mudança de situação lingüística ainda não completada, estão refletidas através das questões 5 e 7 — respectivamente: “Todos os da família” (Quando vocês falam de filhos, netos, infância, vocês preferem falar em que língua?)” e (“Quando vocês estão falando sobre missa, festa da igreja, vocês preferem falar em que língua?”). O categórico “não” a esses dois subtópicos confirma que os fenômenos lingüísticos não são monolíticos nem homogêneos, conforme propõem Ferguson e Fishman.

Não encontramos nenhuma diferença percentual significativa entre as regiões em observação.

10.10.2 – Língua usada na comunicação intrafamiliar

No grupo familiar, quando se dirige à cidade, predomina a escolha pela língua ucraniana com o índice de 75%. Essa questão foi observada também através da metodologia etnográfica, isto é, mediante a observação

participante. Verificamos que, realmente, os falantes de ucraniano residentes no interior do município, estando na cidade, comunicam-se entre si quase que exclusivamente em língua ucraniana, embora as gerações mais novas prefiram responder em português às mensagens trocadas entre os membros do grupo familiar. Porém, se houver um estranho no grupo, ou pessoas que não dominam a língua ucraniana, as trocas comunicativas são feitas em português. Essa forma de uso linguístico, que estabelece limites grupais, além de atribuir à língua minoritária a função de código secreto, foi bastante referida e corroborada através de depoimentos, em capítulos anteriores.

Os entrevistados que residem perto do perímetro urbano relataram ser mais usual, entre eles, a língua portuguesa, quando estão na sede urbana. Quanto às demais regiões, não encontramos diferenças significativas.

10.10.3 – Língua usada na comunicação extrafamiliar

Perguntados sobre a língua que falam com as pessoas da cidade, quando a família para aí se dirige, os entrevistados manifestaram preferência pela opção bilíngüe, ou seja, 62% informaram que falam português e ucraniano, enquanto 38% responderam que a escolha é da língua portuguesa. No entanto, os porta-vozes geralmente responderam “depende”:

Se eu sei que ela fala ucraniano eu falo com ela em ucraniano. Com os pais, irmãs e catequistas eu sempre falo em ucraniano. Se for um estranho ou uma pessoa nova eu falo em português... (Entrevista n. 11, 1997)

O testemunho nos foi prestado por uma senhora que já é bisavó. Portanto, a língua preferencial para os bilíngües P/U prudentopolitanos mais idosos parece ser a língua ucraniana.

Todos os entrevistados (100%) informaram não usar somente a língua ucraniana ou não escolher somente essa língua para as trocas comunicativas efetivadas na sede urbana. O local parece ser considerado por todos os integrantes da comunidade de fala ucraniana como área geográfica de domínio da língua portuguesa. Assim, retificamos discussões feitas anteriormente, pois determinados espaços geográficos parecem interferir na escolha da língua para a população-alvo. A interferência, no entanto parece ser secundária.

Não encontramos diferenças regionais significativas em relação a esse

campo da investigação.

10.10.4 - Escolha da língua em situações e em locais, com interlocutores diversos

Uma das variáveis a serem consideradas no exame das situações bilíngües refere-se à localização das interações comunicativas, porque os aspectos situacionais dos eventos de fala podem revelar implicações significativas, principalmente em relação à oposição entre interior e cidade (Rubin, 1972; Gal, 1979; Kulczynskyj, 1987). Essa oposição já se revelou interveniente quanto à região, nos resultados discutidos. Junto ao contexto geográfico, acrescentamos as principais relações sociais comumente existentes em uma comunidade de fala. Dessa forma, pode-se verificar a interferência ou não de fatores relativos ao local da interação verbal e à relação social nas estratégias discursivas que orientam as escolhas lingüísticas. Além disso, os atos de fala passam a ser examinados a partir de um quadro de referência mais amplo e mais completo e, portanto, mais próximo da cena lingüística real.

A) Que língua falam com os amigos do interior:

A1) No interior:		A2) Na cidade:	
a) Português:	6,6%	a) Português:	20,0%
b) Ucraniano:	11,1%	b) Ucraniano:	4,4%
c) P/U	82,3%	c) P/U:	75,6%

B) Que língua falam com os parentes do interior:

B1) No interior:		B2) Na cidade:	
a) Português:	2,2%	a) Português:	11,1%
b) Ucraniano:	22,2%	b) Ucraniano:	15,5%
c) P/U:	75,6%	c) P/U:	73,4%

C) Que língua falam com os amigos da cidade:

C1) No interior:		C2) Na cidade:	
a) Português:	28,8%	a) Português:	33,4%
b) Ucraniano:	0,0%	b) Ucraniano:	0,0%
c) P/U:	71,2%	c) P/U:	66,6%

D) Que língua falam com os parentes da cidade:

D1) No interior:

- a) Português: 15,5%
- b) Ucraniano: 6,6%
- c) P/U: 77,9%

D2) Na cidade:

- a) Português: 22,2%
- b) Ucraniano: 6,6%
- c) P/U: 71,2%

Em princípio, o uso de ambas as línguas se mostrou semelhante para os dois tipos de relação social entre interlocutores (Fishman, 1971; Peñalosa, 1980). Porém, observando o percentual relativo ao local “cidade”, verifica-se que o resultado foi ligeiramente inferior quanto ao uso da estratégia bilíngüe e ao uso da língua minoritária, mas superior quanto ao uso da língua majoritária, em relação ao interior. Portanto, considerando o fator “região”, a sede urbana já sinaliza o uso preferencial da língua portuguesa. Outra diferença verificada nos resultados acima, não necessariamente expressiva, foi a seguinte: entre parentes, o local da interação verbal é menos significativo do que entre amigos, pois observa-se maior identificação entre os percentuais de escolha de P/U quer na cidade, quer no interior. Logo, a relação social entre os interlocutores é uma variável que condiciona a escolha de um dos códigos lingüísticos, enquanto o local parece ter atuação secundária nessa operação lingüística.

Reagrupando os elementos selecionados passíveis de intervenção nos atos comunicativos, obtivemos os seguintes índices percentuais de referência ao uso de uma ou outra opção lingüística em análise:

A) Em relação à língua ucraniana:

- a) com amigos da cidade no interior e na cidade: 0,0%
- b) com amigos do interior na cidade: 4,4%
- c) com parentes da cidade no interior e na cidade: 6,6%
- d) com amigos do interior no interior: 11,1%
- e) com parentes do interior na cidade: 15,5%
- f) com parentes do interior no interior: 22,2%

B) Em relação à língua portuguesa:

- a) com parentes do interior no interior: 2,2%

b) com amigos e parentes do interior	
neste e na cidade:	11,1%
c) com parentes da cidade no interior:	15,5%
d) com amigos do interior na cidade:	20,0%
e) com parentes da cidade na cidade:	22,2%
f) com amigos da cidade no interior:	28,8%
g) com amigos da cidade na cidade:	33,3%

Revelou-se plenamente aqui um “continuum” relativo ao uso de uma das línguas, em contextos geográficos específicos e com interlocutores específicos, evidenciando que — em se tratando de “onde” e de “com quem” — ainda ocorrem usos preferenciais de uma das duas línguas em questão. Junto a isso, os dados apontam para o fato de que algumas interações verbais são efetivadas preferencialmente em língua portuguesa, cuja substituição já deve ter-se completado. Comprova-se, pelo levantamento feito, que nas situações bilíngües as mudanças em progresso existem, porém são lingüísticamente simultâneas. Tal revelação nos faz constatar o quanto as situações bilíngües são complexas.

No conjunto, observa-se que ambas as variáveis em discussão interferem no condicionamento sobre a escolha da língua, quer o aspecto situacional, quer o aspecto das relações sociais. A mudança de opção lingüística, mesmo permanecendo com o mesmo interlocutor, mas em contexto situacional diferente, revela que determinados locais parecem exigir uma língua em detrimento de outra, conforme apontamos anteriormente. Interpretamos esse resultado como revelador da existência de um conflito instaurado não só quanto ao “onde” se deve usar a língua minoritária, mas, principalmente, indicando a existência, na comunidade de fala em estudo, do preconceito lingüístico que se evidenciou em muitos dos depoimentos transcritos em capítulos anteriores. A restrição, quanto ao domínio funcional da língua ucraniana e, em oposição diametral, a expansão do domínio do português se torna evidente na síntese acima. Assim, ratifica-se o “status” da primeira como língua minoritária, enquanto a segunda, justamente por estar presente em todos os contextos de usos em discussão, revela-se plenamente como majoritária na comunidade em estudo.

Investigamos também a situação lingüística da população-alvo quando

da realização de eventos sociais, como festas de aniversário, de igreja, de casamento; de bailes, jogos de futebol, jantares e apresentação do grupo folclórico. A questão local, quanto aos parâmetros cidade “versus” interior, sempre se situou ao lado das questões sobre eventos sociais. Exceto em eventos sociais do tipo “festa de igreja”, quando realizada no interior do município (19,2% de referência ao uso da língua ucraniana), constatamos, nos demais eventos sociais arrolados, a penetração da língua portuguesa e a gradativa redução no uso da língua ucraniana como código escolhido para as comunicações. É interessante observar que a especificidade do evento social, junto com os aspectos situacionais, por exemplo, “festa de igreja no interior” também são variáveis selecionadoras de línguas e, por causa disso, determinantes de estratégias discursivas. O tema “religião”, e tudo que pertence ao universo religioso, diminui inclusive a força da oposição entre interior e cidade e parece estar patenteado no imaginário coletivo do grupo em estudo como algo que evoca necessariamente referência à língua ucraniana. O tópico “festa de casamento”, por seu turno, parece ser concebido pela população-alvo como festa religiosa e profana, porém religiosa em primeiro lugar. Sendo assim, desapareceu, nesse evento, o uso exclusivo da língua ucraniana na sede urbana, que, no interior, se apresenta em seu estágio final de uso (3,8% de referência). Nas observações participantes que efetuamos sobre eventos sociais, observamos a realização de um casamento ucraniano típico, conforme já relatamos, podendo constatar “in loco” a não-utilização da língua ucraniana pela maioria dos convidados.

A questão que envolve o fator “tempo”, isto é, “quanto tempo por dia vocês falam em ucraniano e em português”, obteve como resposta o categórico “depende” para a língua ucraniana e o também categórico resultado “bastante”, para a língua portuguesa. Pela distinção entre os dois termos se pode avaliar e comprovar a existência de prática comunicativa flutuante, que indicia mudança continuada nos domínios funcionais atribuídos à língua minoritária e o “status” majoritário da língua portuguesa, se não por todas as famílias de origem ucraniana, pelo menos para a grande maioria delas. O termo empregado para referir a intensidade no uso da língua portuguesa demonstra a prática comunicativa mais consistente ou mais rotineira. O termo “depende” sugere que a questão deveria envolver interação comunicacional com um interlocutor predeterminado ou específico, daí sua continuada recorrência, principalmente no tocante à língua ucraniana.

10.10.5 - Escolha da língua nas interações verbais intra e extrafamiliares

Para traçarmos perfil mais completo e o mais possivelmente real sobre a escolha da língua, nas interações pragmáticas da rede familiar, situamos a família bilíngüe em um quadro bastante amplo de relações e abrangência temporal. No centro do quadro de referência colocamos o porta-voz familiar, que é avô ou avó, conforme critérios determinados pelas variáveis relativas à coleta de dados. Do porta-voz avô fomos ao bisavô e ao bisneto, isto é, transversalmente cobrimos quatro gerações, cujas investigações, quanto às relações e às interações, constituíram as seguintes díades: pai e filho da 1ª geração (bisavô-avô), pai e filho da 2ª geração (avô e filho), pai e filho da 3ª geração (neto e bisneto). Essa é a metodologia que adotamos para incluir aspectos sincrônicos e diacrônicos na presente investigação sociolinguística. Acrescentamos ainda as relações e interações irmão-irmão, avô-neto, neto-avô, sogros-genro ou nora, sogros-cunhados (pai-filho), sogros-netos (avôs-netos) e sobrinhos-tios.

Das relações transfamiliares selecionamos duas das relações mais comuns que foram detectadas no grupo: a de padrinho-afilhado e a de amigos-amigos. Os dados para a discussão foram agrupados sequencialmente por gerações, isto é, o parâmetro referencial será sempre o diacrônico, conforme critérios adotados em análises feitas com base na sociolinguística do contato.

Inicialmente, vamos discutir a variável escolha da língua nas interações pragmáticas efetivadas entre pais e filhos (Tabela 13); em seguida, nas relações estabelecidas entre as díades sogros-genro ou nora, tios-sobrinhos, padrinhos-afilhados, irmãos-irmãos, amigos-amigos. Conclui-se a discussão sobre a escolha da língua nas interações pragmáticas com interlocutores pertencentes à rede familiar e transfamiliar, a relação familiar entre avôs-netos. Dessa forma, foi possível verificar qual a língua preferida nas interações linguístico-comunicativas com diferentes parceiros pertencentes às relações familiares e o grau de penetração da língua portuguesa nas díades familiares e não-familiares.

A disposição dos resultados revela as mudanças funcionais nos padrões de uso das línguas, o processo da formação do bilingüismo decorrente e necessário nesse contexto sócio-histórico e o resultado final do contato-conflito lingüístico, que é a substituição da língua minoritária pela majoritária, inclusive no domínio privado, conforme se observa na última coluna da tabela.

No eixo diacrônico, constata-se a continuidade de atuação do processo lingüístico operante, ou seja, a mudança em progresso, não-concluída em nenhuma das regiões em estudo. A escala vai de 100% a 10% de uso ainda remanescente da língua ucraniana na região, relativo às interações pai-filho. A língua portuguesa transita de 0% a 60% nas gerações mais novas. Conforme tabelas anteriormente apresentadas, no centro do processo reside o bilingüismo e, por estar aí, comprova seu caráter histórico-social transitório. Nas extremidades dessa escala encontram-se as oposições entre o interior e a cidade. Constata-se novamente a intervenção dos aspectos situacionais nos resultados aferidos aqui, o que vem provar que, neste estudo, o contexto geográfico da interação pragmática é condicionante.

Comparando-se esses resultados com os dados sobre as competências lingüísticas levantadas anteriormente, obtêm-se alguns resultados bastante significativos:

TABELA 13 - ESCOLHA DA LÍNGUA NAS RELAÇÕES ENTRE PAI E FILHO

RELAÇÃO FAMILIAR	PAI	FILHO	PAI	FILHO	PAI	FILHO	PAI	FILHO
CODIFICAÇÃO	I	II	1	2	2	3	3	4
Sede	U	90 %	U	70 %	U	40 %	P	60 %
	P/U	10 %	P/U	30 %	P/U	60 %	P/U	40 %
Prim. Colônias	U	100 %	U	100 %	U	60 %	P	40 %
	-	-	-	-	P/U	40 %	P/U	60 %
Sul	U	90 %	U	90 %	U	50 %	P	10 %
	P/U	10 %	P/U	10 %	P/U	50 %	P/U	90 %
Norte A	U	90 %	U	90 %	U	30 %	P	10 %
	P/U	10 %	P/U	10 %	P/U	70 %	P/U	90 %
Norte B	U	90 %	U	100 %	U	70 %	U	10 %
	P/U	10 %	-	-	P/U	30 %	P	20 %
	-	-	-	-	-	-	P/U	70 %

Legenda

I: sogros dos entrevistados

1: bisavós/pais dos entrevistados

3: filhos dos entrevistados

II: cunhados dos entrevistados

2: avô/avó dos entrevistados

4: netos dos entrevistados

- 1) as competências lingüísticas levantadas anteriormente foram dos sujeitos codificados na Tabela 13 como 2 e 3; ao examinar essa coluna, observa-se que realmente o uso da língua ucraniana é aí reiterado em todas as regiões; verifica-se também a coincidência dos altos índices percentuais obtidos na região norte B em relação ao uso da língua ucraniana, presente quer nos levantamentos anteriores, quer no levantamento constante na tabela; logo, os índices percentuais relativos às competências lingüísticas desse grupo específico passam a ter maior credibilidade, devido à recorrência entre aqueles resultados e os da tabela; além disso, o percentual de 85,7%* de falantes da língua ucraniana também se confirmou para a faixa etária idêntica ou semelhante aos do grupo 2-3 da tabela;
- 2) os sujeitos pertencentes à geração mais nova incluídos no instrumento de pesquisa são os que constam aqui como 4, que não foram incluídos no levantamento efetuado sobre as competências lingüístico-discursivas discutidas no item 10.2. Logo, o percentual atual de uso da língua ucraniana na região é de 10%, tendo sido detectado apenas no interior do município;
- 3) entre outras identificações nesse cruzamento de dados, refira-se, por exemplo, a oposição entre cidade e interior: na cidade ocorre maior penetração da língua portuguesa, enquanto no interior verifica-se uso da língua ucraniana em domínios funcionais já extintos na sede urbana; o interior se identifica, como um todo, gerando a oposição cidade “versus” interior;
- 4) a relação social entre os pares é a mesma, verificando-se, porém, mudança na escolha lingüística efetuada, no eixo diacrônico; como envolve o fator tempo, a relação social entre os pares pode ser anulada, em função daquele, significando que, em tempos anteriores, o uso da língua ucraniana deveria ser generalizado e, em alguns tipos de relações sociais, provavelmente não havia mudança do código lingüístico utilizado.

O processo histórico de mudança lingüística, várias vezes detectado aqui, entre a língua dominante e a dominada, que tende a dissolver a diglossia a um dos pólos, caracteriza-se pelo resultado não-direcional nos estágios intermediários, como, por exemplo: 100% para 10% em língua ucraniana ou 100% em língua ucraniana para 40% em português, no mesmo perí-

odo cronológico. A interpenetração de fatos histórico-sociais, religiosos (fundamentais, neste estudo) com fatos lingüísticos, incluindo a atitude que as famílias têm sobre as duas línguas em estudo, podem justificar o porquê da mudança diferenciada. Os resultados desses acontecimentos se refletem, aqui, na imprevisibilidade dos índices percentuais aferidos.

Embora tenhamos acabado de alertar para a não-unidirecionalidade dos resultados históricos do processo de contato-conflito lingüístico, chamam atenção os índices percentuais diametralmente opostos constantes nas duas primeiras linhas das duas últimas colunas da Tabela 13 (40%U, 60%P/U; 40%P/U, 60%P). Tais resultados parecem confirmar que o estágio bilíngüe pode ser considerado como a última etapa de uso da língua minoritária, e que, a partir desse processo lingüístico, dá-se sua substituição pela língua majoritária, como corroboram os dados acima referidos.

Os resultados constantes na Tabela 14, relativos à escolha da língua nas interações em geral, intra ou extrafamiliares, demonstram menores implicações evolutivas do que os anteriores, justamente porque aqui predominam as interações sincrônicas entre os interlocutores selecionados. Exceto na primeira coluna, onde a língua ucraniana era a escolhida nas interações entre sogros-genro ou nora, a língua portuguesa se faz presente nas demais interações. Incipiente, de início, mas já dominando nas interações com os interlocutores constantes na última coluna. Assim, confirma-se a interferência do fator “época” como determinante da opção lingüística, sobre a da relação social mantida entre os interlocutores, conforme o depoimento abaixo esclarece:

... antigamente aqui os ucranianos, todos falavam em ucraniano, não interessava se era vizinho, compadre, pai, mulher, filho... só com estranhos e na cidade era um pouco diferente... (Entrevista n. 08, 1997).

TABELA 14 - ESCOLHA DE LÍNGUAS NAS INTERAÇÕES FAMILIARES E TRANSFAMILIARES

RELAÇÕES	S	G/N	S	T	AF	P	I	I	AM	AM
CODIFICAÇÕES	1	2	3	7	3	8	3	3	3	9
Sede	U	70 %	U	20 %	U	20 %	P	50 %	P	80 %
	P/U	30 %	P	20 %	P	20 %	P/U	50 %	P/U	20 %
	-	-	P/U	60 %	P/U	60 %	-	-	-	-
Prim. Col.	U	100 %	P	20 %	P	10 %	U	20 %	P	60 %
	-	-	P/U	80 %	P/U	90 %	P	10 %	P/U	40 %
	-	-	-	-	-	-	P/U	70 %	-	-
Sul	U	80 %	P/U	100 %	P	10 %	P	20 %	P	70 %
	P/U	20 %	-	-	P/U	90 %	P/U	80 %	P/U	30 %
	U	80 %	P	20 %	U	10 %	P	10 %	P	60 %
Norte A	P/U	20 %	P/U	80 %	P	10 %	P/U	90 %	P/U	40 %
	-	-	-	-	P/U	80 %	-	-	-	-
	U	90 %	U	20 %	U	20 %	U	30 %	P	70 %
Norte B	P/U	10 %	P	10 %	P	10 %	P	10 %	P/U	30 %
	-	-	P/U	70 %	P/U	70 %	P/U	60 %	-	-

Legenda

- 1: sogros dos entrevistados
 2: avô/avó - os entrevistados
 3: filhos dos entrevistados
 7: tios dos filhos dos entrevistados
 8: padrinhos dos filhos dos entrevistados
 9: amigos dos filhos dos entrevistados
- S — G/N: Relação de sogros x genro/nora
 S — T: Relação de sobrinhos x tios
 AF — P: Relação de afilhados x padrinhos
 I — I: Relação de irmãs x irmãos
 AM — AM: Relação de amigos x amigos

A estratégia comunicativa como responsável pela escolha entre os códigos disponíveis aos interlocutores de gerações diferentes, constante nas colunas 2 e 3 da tabela, manifesta-se através do alto índice de P/U. Como esse resultado não revela uma língua preferencial, os condicionadores da escolha são, em princípio, a época em que ocorreu a interação verbal, a relação social entre os interlocutores, o conhecimento sobre as competências bilíngües e monolíngües do interlocutor, ou ouvinte e o local da interação verbal. O depoimento abaixo confirma, em parte, as colocações que fizemos:

... como eu sou novo e moro na cidade, as pessoas de idade que vêm do interior e chegam na minha oficina pensam que eu não falo ucraniano. Quando eu começo falar com eles em ucraniano ou respondo em ucraniano eles ficam admirados... (Entrevista n. 17, 1997)

Justifica-se a identificação dos resultados quanto à escolha da língua, quer para tios, quer para padrinhos, porque na grande maioria dos casos o padrinho é também tio.

A segunda variável ora em discussão, parentes e não-parentes, condiciona com mais clareza a escolha da língua, retificando resultados e comentários anteriormente feitos. Aponta, por exemplo, para o fato de que a língua preferencial nas interações com amigos é a portuguesa, enquanto o uso da língua ucraniana é condicionado, por vezes, pela variável parentesco. Assim, a relação social entre parceiros do ato comunicativa constitui um dos fatores condicionantes da opção lingüística atualmente efetivada.

Em questões anteriores detectamos um índice percentual bastante expressivo de integrantes não-ucranianos na rede de amizade da população-alvo. Dessa forma, a predominância na escolha da língua portuguesa nas interações pragmáticas com elementos dessa rede se justifica e retifica resultados anteriores. Porém, na unidade em que discutimos sobre a escolha da língua nas interações com os amigos do interior e da cidade (10.10.4) predominou sempre a situação bilíngüe. Tal tipo de situação indica não uma preferência, mas uma estratégia comunicativa, sobrepondo-se à identificação interna e à delimitação externa do grupo. Naqueles dados, no entanto, os interlocutores não estavam especificados, logo, a língua preferencial também não se evidenciou, mas revelou-se plenamente aqui, na medida em que pelo menos um dos interlocutores é especificado. A identificação interna do grupo continua; formaram-se, porém, subgrupos dentro da co-

munidade de fala ucraniana, conforme os resultados estão sinalizando.

Detectamos, em questões anteriores, com respeito às condições de vitalidade da língua minoritária, que a interação lingüística da comunidade em estudo, seja com parentes, seja com amigos, apresenta semelhante percentual para ambos os grupos. Assim, constata-se, por um lado, a influência de ambas as línguas, condicionando o surgimento do bilingüismo, e, por outro, a situação interacional pragmática, favorecendo a vitalidade da língua minoritária e da própria situação bilíngüe na região.

Novamente, observamos aqui a polarização nos resultados interior “versus” cidade, confirmando que essa variável condiciona de modo secundário as opções lingüísticas em discussão.

A Tabela 15 apresenta, novamente, uma amostragem de interações pragmáticas considerando a mesma relação social: avôs-netos e dispostos dentro de um intervalo temporal de quatro gerações. Junto às relações familiares avôs-netos que envolvem aspectos diacrônicas, acrescentamos duas relações sincrônicas.

A penetração da língua portuguesa nas díades em discussão é percebida desde a geração mais velha, paralela ao bilingüismo, e concretizada nas interações pragmáticas com interlocutores pertencentes à geração mais nova, mesmo permanecendo acentuado desnível cronológico entre as gerações envolvidas.

As duas primeiras colunas constantes na Tabela 15 representam certa hegemonia do uso da língua ucraniana na comunidade de fala em estudo, enquanto dessa para as outras duas colunas percebe-se o progressivo domínio da língua portuguesa, em oposição à progressiva restrição do domínio da língua ucraniana. Alguns dos depoimentos transcritos anteriormente adiantaram, em parte, os resultados que detectamos aqui. Neles constam, por exemplo, que os netos muitas vezes condicionam a escolha da língua a ser feita pelos avôs. Nesse caso, a escolha ocorre com base na competência bilíngüe ou monolíngüe do receptor, inclusive a partir de sua própria atitude com relação à língua

TABELA 15 - ESCOLHA DE LÍNGUAS NAS DÍADES AVÓS-NETOS E NETOS-AVÓS

RELAÇÕES	AVÓS-NETOS		AVÓS-NETOS		AVÓS-NETOS		AVÓS-NETOS	
CODIFICAÇÃO	1	3	I	3	2	4	4	2
Sede	U	70 %	U	70 %	P	40 %	P	70 %
	P/U	30 %	P/U	30 %	P/U	60 %	P/U	30 %
	U	90 %	U	90 %	U	20 %	U	10 %
Prim. Col..	P/U	10 %	P/U	10 %	P	20 %	P	40 %
					P/U	60 %	P/U	50 %
	U	80 %	U	80 %	U	10 %	U	10 %
Sul	P/U	20 %	P/U	20 %	P	30 %	P	40 %
					P/U	60 %	P/U	50 %
	U	70 %	U	70 %	U	10 %	U	10 %
Norte A	P/U	30 %	P/U	30 %	P	30 %	P	40 %
					P/U	60 %	P/U	50 %
	U	90 %	U	80 %	U	30 %	U	20 %
Norte B	P/U	10 %	P/U	20 %	P	20 %	P	20 %
					P/U	50 %	P/U	60 %

Legenda

1: bisavós/avós dos filhos dos entrevistados

I: sogros dos entrevistados/avós dos filhos dos entrevistados

2: avós - os entrevistados

3: filhos dos entrevistados

4: netos dos entrevistados

minoritária. Grande parte desses netos são oriundos de casamentos mistos, enquanto outros, mesmo sendo filhos de pais descendentes de ucranianos, demonstram claramente a opção e a adoção da língua majoritária. Essa situação se verifica inclusive nas famílias com avós imigrantes cujos pais são bilíngües ativos em ambas as línguas. É, todavia, um resultado esperado em situações de convívio entre a língua dominante e a língua dominada.

A mudança do enfoque interacional — isto é, dos netos para os avôs, conforme demonstrado na última coluna da Tabela 15 —, que poderia condicionar maior índice e provocar o surgimento da estratégia comunicativa do grupo, não se revelou conforme esperávamos. Ao contrário, serviu para revelar índice ainda superior de uso da língua portuguesa nessas interações verbais. Assim, nas interações entre interlocutores de diferentes gerações, parece dominar a língua majoritária, que é também a preferida pelas gerações mais novas. Esse resultado revelou ser bastante diferente daquele apontado por Steiner (1988), em que a pesquisadora detectou que o fator geração do falante exerceu influência na opção pela escolha entre os códigos disponíveis para a população bilíngüe.

A região norte B continua ligeiramente diferenciada em relação às demais, com referência ao uso da língua minoritária; a polarização, porém, se dá entre as variáveis interior “versus” cidade.

As tabelas apresentadas acima resultaram das respostas dadas à questão 8, do roteiro da entrevista que utilizamos (Anexo 2), a qual continha ainda outras subquestões que, junto às demais, complementam o quadro panorâmico levantado sobre a situação lingüística específica. Como os resultados foram examinados muitas vezes diacronicamente, tornou-se possível constatar a penetração da língua portuguesa no núcleo familiar e, como consequência, a restrição do domínio funcional atribuído às línguas pelo grupo em observação.

Fecha esse campo investigacional sobre as opções lingüísticas preferenciais a questão relativa à língua materna da geração que precedeu a dos entrevistados. O resultado apontou uma situação única: 100% dessa geração anterior teve como L1 a língua ucraniana. A maior parte dos sujeitos para os quais foi dirigida a questão sobre a L1 pertence às primeiras décadas do século XX, tendo inclusive alguns deles nascido no século XIX. Nessa época, portanto, a língua ucraniana era majoritária, quer na aldeia de

origem, quer nos núcleos rurais em que foram residir quando chegaram ao Brasil. Assim, captamos um instante em que a língua ucraniana detinha o “status” de língua majoritária, enquanto a língua portuguesa, possivelmente, não se fazia presente na comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis. Isso se tornou possível porque a presente pesquisa, transversalmente, atingiu mais de um século de investigação.

10.11 - LÍNGUAS MAIS FALADAS NAS REGIÕES CIRCUNVIZINHAS

Os dados relativos à maior densidade no uso das línguas foram os seguintes:

- a) Português: 52,2%
- b) Ucraniano: 12,2%
- c) P/U: 35,6%

Através dos sujeitos que serviram como porta-vozes das famílias selecionadas, obtivemos informações sobre as línguas mais usadas nas circunvizinhanças. O resultado foi bastante interessante pois, mesmo vindo de outra perspectiva investigacional, os índices percentuais corroboram os resultados anteriormente obtidos. O percentual sobre o uso da língua ucraniana na comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis, neste final do século XX, gira em torno de 10% a 12%. Portanto, a investigação procurou captar, através de diferentes ângulos, a real situação lingüística da região em estudo, indicada também pelos percentuais acima. A língua portuguesa está presente em mais de 50% dos usos interacionais do grupo em observação. Pelas recorrências dos resultados, o quadro lingüístico está-se revelando bastante coerente.

10.12 - MONOLINGÜISMO E MULTILINGÜISMO NA REGIÃO

Relativamente às pessoas monolíngües, na família ou na rede de amizade do entrevistado, resultaram os seguintes dados:

- a) Português: 80%
- b) Ucraniano: 20%
- c) Outras línguas: inglês (24,4%), alemão, polonês, espanhol e ita-

liano.

O alto índice relativo à existência de pessoas monolíngües em português, em oposição ao baixo índice de monolíngües em ucraniano, aponta como conseqüência para a atual restrição dos usos funcionais da língua ucraniana. Uma vez que as estratégias comunicativas exigem que os bilíngües utilizem mais a língua portuguesa em função dos interlocutores monolíngües naquela língua, a língua majoritária passa, em conseqüência, a ser mais atuante. Além disso, a limitada exposição a uma língua faz com que ocorra um decréscimo na competência lingüístico-comunicativa de seus usuários, ao lado da perda de confiança naquela língua, ambas acompanhadas por crescente confiança no uso da língua dominante, conforme anteriormente apontamos. Entre os que constam como monolíngües em português estão os sujeitos que apenas entendem a língua ucraniana, mas não a falam. São os chamados bilíngües incipientes.

A pesquisa também rastreou a existência de multilingüismo na região. O número não é expressivo, exceto em inglês, devido ao intercâmbio familiar mantido por algumas famílias que têm parentes que residem nos Estados Unidos. Os demais que informaram dominar outras línguas são ex-seminaristas, religiosos ou imigrantes.

Para concluir a discussão sobre a situação do bilingüismo na família ucraniano-prudentopolitana, efetuamos, junto à população-alvo, levantamento sobre a existência de interlocutores com quem a família só utiliza uma das línguas e o respectivo local de uso. São os seguintes:

- A) interlocutores preferenciais em relação à língua ucraniana: mãe, pai, avó, filhos, padres, idosos, religiosos, esposo, esposa, parentes, sogro, sogra, cunhada, amigos, comadre, vizinhos.
- B) interlocutores preferenciais em relação à língua portuguesa: estranhos, comércio, filhos, netos, bisnetos, tataranetos, clientes, amigos, vizinhos, noras, bisnetos, primos, sobrinhos, empregados, genro, médico, alunos, “apenas para pessoas de cor”, “com todos”.

Os usuários atribuíram contextos de uso funcionais bastante restritos à língua ucraniana, enquanto ampliaram e diversificaram-no em relação à língua portuguesa. Além disso, destacaram os domínios funcionais que as duas línguas mantêm na comunidade. Exceto os interlocutores referidos como filhos, amigos e vizinhos, que condicionam o surgimento do bilin-

güismo, os demais interlocutores listados confirmam que a língua ucraniana se mantém como língua da religião e de um subgrupo pertencente à terceira idade. É a língua usada na rede de amigos e vizinhos, desde que pertençam ao mesmo grupo e detenham competências lingüísticas em comum, principalmente entre pares idosos.

O uso da língua portuguesa transita de uma restrição de uso funcional – “apenas com pessoas de cor” – para o domínio pleno das funções, em regiões monolíngües, “com todos”. Essa realidade aponta para a situação de mudança de situação lingüística em progresso, a qual também propicia o surgimento de conflito lingüístico, bastante diverso de um resultado homogêneo, conforme aponta o estruturalismo funcional norte americano.

Os informantes associaram categoricamente o uso da língua majoritária a estranhos, comércio, amigos, vizinhos, clientes e empregados.

Quanto ao local em que a família mais usa a língua ucraniana, observamos a perfeita conjugação com a especificidade das línguas e dos interlocutores:

- 1) local onde a família usa mais a língua ucraniana: igreja, interior, em casa, na reunião do apostolado, na reunião familiar, no clube ucraniano, na associação, na casa de parentes, na casa da mãe, na vizinhança, no terço.
- 2) local onde a família usa mais a língua portuguesa: festas, trabalho, mercado, cidade, comércio, vizinhos, loja, casa, rua, baile, escola, banco, na sociedade, na roça, na vizinhança, “em todo lugar”, “por toda parte”.

Dessa forma, as duas últimas questões ratificam e complementam a discussão central que empreendemos na presente investigação: a mudança de “status” de ambas as línguas, a situação diglössica e bilíngüe que se mantém na região em estudo e a lenta, mas progressiva, substituição de uma língua por outra, não concluída em nenhuma das regiões estabelecidas no estudo.

Entre os elementos responsáveis pela vitalidade da língua minoritária está o forte vínculo instaurado, na comunidade de fala ucraniana, entre língua, rito e religião. Isso é reiterado inúmeras vezes, inclusive nas duas últimas questões levantadas e comentadas acima. A esse elemento mantenedor

da língua minoritária segue-se o tipo de rede de amizade mantida pelo grupo, e a da vizinhança, no interior do município, nenhuma delas necessariamente fechadas, mas cuja origem remonta ao período de implantação da colônia de imigrantes ucranianos em Prudentópolis. Tudo isso fortalece o grupo e a manutenção da língua. Verificamos também que a coesão do grupo étnico não se restringe aos limites geográficos do município nem à homogeneidade interna da comunidade.

A língua portuguesa, por sua vez, penetrou na comunidade via escola, campanhas nacionalistas e também devido aos contatos comerciais e, no caso dos residentes no interior do município, pela ida das pessoas da família à cidade. Na sede urbana, a invasão da língua portuguesa se deu também em função dos tipos de redes de convivência social. Em relação à escola, muitos dos últimos filhos de uma família já não adquiriram mais a língua ucraniana como L1. Outro elemento responsável pela penetração da língua majoritária foram os casamentos mistos, através dos quais se dissolveram os limites étnicos, ampliando a rede de amizade e parentesco com elementos pertencentes a várias etnias. Junto a isso, situa-se a ação dos meios de comunicação de massa, que mais rapidamente trouxeram a língua portuguesa para o núcleo familiar, quer dos residentes na sede urbana, quer daqueles que moram no interior do município de Prudentópolis.

As questões relativas à definição da língua em determinados contextos situacionais e com interlocutor específico, seja como grupo, seja como determinado interlocutor, revelaram que as dimensões significativas ou condicionadoras, nesse “corpus”, foram: termos que evocam o universo religioso (igreja, padre, rezar...), a época à qual se referia a interação verbal (hoje “versus” ontem), a relação entre os interlocutores (parente “versus” amigo), o contexto situacional (interior “versus” cidade), o interlocutor específico e o conhecimento sobre as competências lingüísticas deste.

O próximo capítulo, que versará sobre a situação bilíngüe individual, trará outros dados sociolingüísticos, oriundos da estratificação social feita para aquela amostragem. Somados aos atuais resultados, possibilitarão conclusões mais consistentes sobre a complexa situação lingüística detectada na região em estudo.

11- O INDIVÍDUO BILÍNGÜE EM P/U: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

O levantamento de dados sobre o uso de ambas as línguas, pelas famílias bilíngües em P/U, de Prudentópolis, proporcionou um quadro panorâmico sobre as situações lingüísticas vivenciadas, cujo período de abrangência se estende por mais de um século de contato-conflito entre as línguas em estudo. Através disso, foi possível fazer algumas projeções lingüísticas acerca da situação bilíngüe constatada na região em estudo.

Para a coleta de dados relativa à amostragem que iremos analisar neste capítulo, muitas das variáveis se identificam com as que testamos na família bilíngüe, sendo várias questões inclusive idênticas. Tal procedimento favorece a comparação entre os dois “corpus” em análise.

Como pretendemos observar o processo lingüístico de ampliação e redução de domínios de ambas as línguas, acrescentamos no corpo que ora iremos discutir, as variáveis sociais “idade”, “sexo” e “escolaridade”. Assim, obtivemos um conjunto de dados formado por 88 sujeitos: 22 informantes de cada uma das regiões¹ em que dividimos o município de Prudentópolis, conforme já referido na Introdução deste estudo.

Reagrupamos as questões constantes no instrumento de pesquisa (Anexo 3) conforme temática central, portanto não faremos uma discussão sequencial das mesmas. A não-sequencialização temática verificada no ins-

¹ Para essa amostragem, consideramos a região norte do município como uma região, isto é, não temos aqui dados relativos ao norte A e ao norte B. Esse procedimento foi tomado em razão da dificuldade em detectar alguns perfis sociais e lingüísticos determinados.

trumento de pesquisa foi efetivada justamente para não favorecer respostas automáticas.

11.1 - CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS E COMPETÊNCIAS LINGÜÍSTICO-COMUNCIATIVAS DA POPULAÇÃO-ALVO

Embora já selecionados a priori, para facilitar as discussões futuras re-
apresentamos o perfil sociodemográfico desses sujeitos:

A) São oriundos das seguintes regiões:

- a) Sede: 22 sujeitos
- b) Prim. Col.: 22 sujeitos
- c) Sul: 22 sujeitos
- d) Norte: 22 sujeitos

B) Sexo

- a) masculino: 44 sujeitos
- b) feminino: 44 sujeitos

C) Idade

- a) 7 a 14 anos: 16 sujeitos²
- b) 15 a 25 anos: 24 sujeitos
- c) 26 a 50 anos: 24 sujeitos
- d) > 50 anos: 24 sujeitos

D) Escolaridade

- a) até 5 anos: 32 sujeitos
- b) até 9 anos: 32 sujeitos
- c) até 12 anos: 24 sujeitos

Esse grupo, formado por sujeitos bilíngües P/U, teve como L1 a lín-

²

A não equiparação numérica deu-se em função da escolaridade pois não encontramos sujeitos entre 7 a 14 anos com mais de 9 anos de escolaridade. Aliás esses dois perfis foram os mais difícil de ser detectados em algumas das regiões: o bilíngüe P/U entre 7 a 14 anos nascido e residentes na sede urbana e masculino, no interior, com mais de 10 anos de escolaridade.

gua ucraniana e a aquisição da língua portuguesa ocorreu predominantemente em contexto externo ao familiar, embora 20% deles já a tivessem adquirido na casa paterna. Considerando que a condição preestabelecida é de que tivessem nascido e tenham vivido sempre na região onde foi feita a coleta, a mobilidade geográfica foi eliminada “a priori”.

Caso a família entrevistada tivesse entre seus integrantes um dos perfis sociolingüísticos listados acima, esse sujeito passava a fazer parte também da amostragem. Dessa forma, a grande maioria dos sujeitos que integram a população-alvo pertence ao quadro familiar discutido no capítulo anterior, enquanto outros foram detectados em outras famílias e em outros núcleos rurais. Por causa disso, a abrangência da amostragem de dados tornou-se consideravelmente ampla, cobrindo praticamente todo o município de Prudentópolis. Além disso, muitas das implicações inerentes à preferência lingüística do porta-voz da família, ao invés da preferência lingüística familiar como um todo, foi eliminada nesta amostragem, justamente porque estes dados evidenciaram as opções lingüísticas do indivíduo.

Não levantamos dados, nesta amostragem, sobre as competências lingüísticas relativas a ler e a escrever. As questões se referem tão somente à competência comunicativa de falar ucraniano e português, por ser essa a competência em geral mais recorrente em comunidades bilíngües.

Mesmo não tendo como objetivo central a constatação de uma situação lingüística multilíngüe, investigamos também a situação de uso da língua polonesa na região. Os dados revelaram, no entanto, que essa língua já foi substituída pela língua portuguesa ou pela língua ucraniana. No todo, detectamos a porcentagem de 1,9% de uso dessa língua eslava na região em estudo.

Através da observação participante foi possível verificar a classe social a que pertencem os sujeitos integrantes da população de amostragem: 98,9% são da classe médio-baixa e apenas 1,1% é oriundo da classe médio-alta. Assim a afirmação abaixo encontra respaldo aqui³:

³ ... no início do processo, a substituição começa pelos estratos mais altos da sociedade e vai abaixando paulatinamente pela escala social. A este movimento corresponde um processo de aculturação e ascensão social que produz atitudes assimétricas (positivas para A e negativas para B) e uma distribuição desigual de prestígio das línguas.

... al inicio del proceso, la substitución comienza por los estratos altos de la sociedad y va bajando paulatinamente por la escala social. A este movimiento le corresponde un proceso de aculturación y ascenso social que produce actitudes asimétricas (positivas hacia A y negativas hacia B) y una distribución desigual del prestigio de las lenguas. (Hamel & Sierra, 1983, p. 96).

11.2 - ELOS DE COMUNICAÇÃO COM A UCRÂNIA

A grande maioria dos sujeitos (92,1%) que integram a amostragem nos informaram não saber da existência de parentes na Ucrânia. O restante, ou seja, 7,9% deles, se comunica freqüentemente por carta ou por telefone, com os parentes ou amigos que residem no país de origem de seus pais, utilizando, nesses contatos, a língua ucraniana.

Duas implicações imediatas decorrem do fato de essas ligações, quer familiares, quer individuais com a Ucrânia, não serem intensivas: a primeira é que não atuam como fator incentivador do desenvolvimento ou da manutenção da competência da leitura e da escrita; a segunda, é que não constituem fator interveniente na manutenção da língua ucraniana, nas regiões estudadas. Boruszenko (1997) justificou da seguinte forma esse resultado:

... os descendentes de ucraniano que moram ou moravam no Brasil, mantiveram um contato bastante intenso com os parentes da Ucrânia, durante as primeiras décadas de vida aqui no Brasil. Porém, quando a Ucrânia passou para os domínios soviéticos, as cartas que eram mandadas para lá, não chegavam aos destinatários. Isso fez com que se deixasse de escrever para os parentes de lá e assim se perderam muito dos laços familiares. Quando foi autorizado a abertura dos arquivos onde continham documentos confiscados pelo poder soviético, eu estive presente nessa solenidade e constatei que inúmeras correspondências foram arquivadas tal qual chegaram até lá e assim permaneceriam...

Assim, a língua étnica evoluiu de modo mais ou menos autônomo em Prudentópolis, mesclando-se com lexemas da língua portuguesa, conforme acontece com todas as línguas transplantadas de sua pátria de origem, cujo contato com a matriz é escasso.

11.3 - LÍNGUAS E MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

As questões abaixo deram origem à Tabela 16, na qual amalgamamos as respostas às línguas veiculadas através desses canais de comunicação.

A) Você assiste televisão? Quantas horas por dia? Em que língua?

- B) Você ouve rádio? Quantas horas por dia? Em que língua?
- C) Você lê jornais? Em que língua?
- D) Você lê revistas? Em que língua?
- E) Você lê livros? Em que língua?

Observa-se, de imediato, a influência da língua portuguesa através da televisão e do rádio sobre os sujeitos em estudo. Por outro lado, a imprensa escrita ucraniana no meio procura fornecer materiais principalmente para leitura e, assim, prolonga por mais tempo a situação bilíngüe na região. É interessante observar que mesmo tendo programas em ucraniano, transmitidos diariamente por rádio FM, isso parece não interferir nas preferências desses informantes⁴.

As gerações mais novas demonstram estar plenamente condicionadas à influência da língua majoritária e, nas demais faixas etárias, embora predomine sempre esse mesmo condicionamento, a situação bilíngüe se apresenta bastante consistente, enquanto a presença e o uso exclusivo da língua minoritária nesses meios de comunicação estão praticamente extintos. Não se verificam alterações expressivas quanto à variável “região”, no campo agora discutido.

⁴ Alguns dos informantes disseram-me que o fato de a rádio ser FM dificulta sua sintonia em muitas regiões. Além disso, muitos não possuem aparelho radiofônico com o dispositivo para sintonizar rádios FM.

TABELA 16 - LÍNGUAS E MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

REGIÕES	SEXO	MASCULINO												FEMININO											
		PRIMÁRIO				GINÁSIO				2º GRAU				PRIMÁRIO				GINÁSIO				2º GRAU			
		1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
SEDE	TV	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
	Rádio	P	P	-	P	-	P	-	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
	Jornal	-	-	-	PU	-	-	-	U	-	-	-	P	-	-	-	PU	-	-	-	PU	-	-	-	PU
	Revista	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Livros	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
PRM. COL.	TV	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
	Rádio	-	PU	P	P	P	PU	P	P	P	PU	PU	PU	P	PU	PU	PU	P	PU	PU	PU	P	PU	PU	PU
	Jornal	-	PU	PU	PU	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Revista	-	PU	P	PU	P	PU	P	-	P	PU	PU	PU	P	PU	-	U	P	PU	-	U	P	PU	PU	PU
	Livros	-	PU	U	U	P	-	-	-	P	PU	PU	PU	P	-	-	-	P	-	-	-	P	-	-	-
SUL	TV	P	P	-	-	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
	Rádio	-	P	P	P	P	P	-	-	P	PU	U	U	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
	Jornal	-	P	PU	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Revista	-	P	PU	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Livros	P	P	U	P	P	-	-	-	P	PU	PU	PU	P	PU	PU	PU	P	PU	PU	PU	P	PU	PU	PU
NORTE	TV	P	P	P	-	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	-	-	-	-	-	-	-	-
	Rádio	P	PU	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
	Jornal	P	PU	U	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Revista	-	PU	U	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Livros	P	P	PU	-	P	P	-	-	P	PU	PU	PU	P	PU	PU	PU	P	PU	PU	PU	P	PU	PU	PU

Legenda

- ESCOLARIDADE
- Primário: até 5 anos de escolarização
 - Ginásio: até 9 anos de escolarização
 - 2º Grau: até 12 anos de escolarização
- IDADE
- 1: 7 a 14 anos
 - 2: 15 a 25 anos
 - 3: 26 a 50 anos
 - 4: mais de 50 anos

11.4 - REDE DE VIZINHANÇA: ETNIA E ESCOLHA DA LÍNGUA

11.4.1 - Etnia e vizinhança

O levantamento relativo a etnia e vizinhança revelou que todos os informantes residentes nas quatro regiões em estudo têm como vizinhos, majoritariamente, ucranianos, enquanto as demais etnias circunvizinhas de suas propriedades se revelaram inexpressivas, exceto na sede urbana. Nesse local, o índice de luso-brasileiros é bastante aproximado ao de ucranianos. Logo, a manutenção da língua minoritária, em algumas regiões, é favorecida pela convivência com sujeitos pertencentes à mesma etnia. Na cidade, a predominância e a convivência com luso-brasileiros pode favorecer o desenvolvimento da língua portuguesa e, inclusive, a perda da condição de bilíngüe em P/U. Os dados já levantados e discutidos corroboram essa afirmação.

Entre as três regiões interioranas não foi constatada diferenciação quanto à convivência étnica, que se estabeleceu, conforme já apontamos, entre cidade e interior. Assim, quanto a etnia e vizinhança, o sujeito bilíngüe revelou ter dois tipos principais de redes de comunicação: aberta na sede urbana e fechada no interior do município.

Trata-se de um grupo cujos integrantes mantêm assiduamente o hábito de conversar com os vizinhos, efetivando-se os encontros em casa, na igreja, nas ruas, no supermercado, na venda, isto é, em todo lugar. O tempo de permanência juntos “depende” do dia, da época do ano, da pessoa, entre outros fatores determinantes da resposta “depende”. Há, portanto, no conjunto, fatores que favorecem a manutenção da língua minoritária no interior e a desfavorecem na sede urbana.

11.4.2 - Línguas escolhidas nas interações com vizinhos

As quatro questões abaixo forneceram dados que ocorrem na Tabela 17:

I) Em que língua fala com os vizinhos?

II) Em que língua fala com o vizinho que mais o ajuda nas dificuldades?

TABELA 17 - LÍNGUAS ESCOLHIDAS NAS INTERAÇÕES PRAGMÁTICAS COM A VIZINHANÇA

REGIÕES	QUESTÕES	MASCULINO								FEMININO															
		PRIMÁRIO				GINÁSIO				2º GRAU				PRIMÁRIO				GINÁSIO				2º GRAU			
		1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
SEDE	I	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
	II	P	P	PU	P	P	P	P	PU	P	P	P	P	P	P	P	PU	P	P	P	PU	P	P	P	PU
	III	P	P	PU	P	P	P	P	PU	P	P	P	P	P	P	P	PU	P	P	P	PU	P	P	P	PU
	IV	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
PRIM. COL.	I	P	PU	PU	PU	P	PU	P	PU	P	PU	PU	PU	P	P	PU	PU	P	P	PU	PU	P	P	P	U
	II	P	P	PU	U	P	PU	P	PU	P	P	P	U	P	PU	U	U	P	P	PU	U	P	PU	P	U
	III	P	PU	PU	U	P	P	P	PU	P	P	P	U	P	P	P	U	P	P	P	U	P	PU	P	U
	IV	P	PU	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	U	P	P	P	U	P	P	P	U
SUL	I	P	P	PU	P	PU	P	PU	P	P	PU	PU	P	P	PU	PU	PU	P	PU	PU	PU	P	PU	PU	PU
	II	P	P	PU	P	PU	P	U	P	P	P	PU	P	P	P	PU	P	P	PU	PU	U	P	PU	PU	PU
	III	P	P	PU	P	PU	P	U	U	P	P	PU	U	P	P	PU	P	P	PU	PU	U	P	PU	U	P
	IV	P	P	PU	P	P	P	U	P	P	P	P	U	P	P	P	U	P	P	PU	U	P	PU	U	P
NORTE	I	PU	PU	PU	PU	PU	PU	U	P	PU	U	PU	P	PU	PU	PU	PU	PU	PU	PU	PU	PU	PU	PU	PU
	II	P	P	U	U	PU	PU	U	PU	U	U	U	PU	P	P	U	U	P	U	U	U	P	PU	U	PU
	III	P	P	P	U	PU	PU	U	PU	U	U	U	PU	P	P	U	U	P	U	U	U	P	PU	U	PU
	IV	PU	PU	PU	U	P	P	P	U	U	U	U	PU	U	U	P	U	U	U	U	U	P	U	U	U

Legenda

ESCOLARIDADE

- Primário: até 5 anos de escolarização
- Ginásio: até 9 anos de escolarização
- 2º Grau: até 12 anos de escolarização

IDADE

- 1: 7 a 14 anos
- 2: 15 a 25 anos
- 3: 26 a 50 anos
- 4: mais de 50 anos

III) Em que língua fala com o vizinho que você visita mais?

IV) Em que língua conversam mais com os vizinhos?

A escolha da língua que foi referida pelos sujeitos da população em estudo nas interações pragmáticas com a vizinhança revelou alguns condicionamentos recorrentes e outros que se mostraram condicionantes para esses dados.

Entre os fatores sociais selecionados, observamos, como decorrentes dos valores retirados da tabela, as implicações que a seguir se explicitam.

A) SEXO

a) Masculino: 59,2% P 10,2% U 30,6% P/U

b) Feminino: 42,0% P 26,8% U 31,2% P/U

As mulheres foram as que proporcionaram mais referências sobre a utilização da língua minoritária. Dessa forma, podemos afirmar que foram elas as responsáveis pela manutenção do universo simbólico ucraniano em terras brasileiras. A apresentação psicossocial que fizemos da mulher ucraniana, em capítulos anteriores, concretiza-se paulatinamente, conforme vamos observando os dados lingüísticos levantados. É interessante frisar que se trata de uma diferença proporcional: maior referência ao uso da língua minoritária e menor índice de uso da língua majoritária, enquanto na opção pelo bilingüismo há relativa identificação da escolha, considerados os dois sexos. Mesmo que os homens tenham sido bilíngües antes que as mulheres, ou mesmo que tenham sido eles os primeiros a estabelecerem contato com a língua mercantil, há uma identificação na situação bilíngüe. Isto nos leva a afirmar que a situação bilíngüe em P/U de Prudentópolis é usada como uma estratégia comunicativa, não necessariamente como meio para se estabelecer uma identificação interna e uma delimitação externa do grupo. Trata-se de recurso comunicativo ou, conforme determina Dell Hymes, de uma competência comunicativa que é usada quando é necessário recorrer a ela.

B) ESCOLARIDADE:

a) Primário: 54,8% P 17,1% U 28,1% P/U

b) Ginásio: 51,7% P 17,9% U 30,4% P/U

c) 2o Grau: 43,8% P 20,8% U 35,4% P/U

De modo geral, a escolaridade não se revelou elemento condicionante na interação com os vizinhos. Observa-se, porém, um índice progressivo-regressivo na passagem de um nível de escolaridade a outro. Nesse caso, a afirmação de que pessoas com mais escolaridade podem aprender a língua majoritária mais facilmente e, por isso, não precisam tanto da L1 para fins comunicativos, encontra aqui certa corroboração. Por não precisarem dispensar tanto tempo à aquisição da língua e da cultura dominante, eles têm mais oportunidade de manter a L1 (Clyne, 1997).

C) FAIXA ETÁRIA:

a) 7 a 14 anos:	78,2% P	6,2% U	15,6% P/U
b) 15 a 25 anos:	54,2% P	8,3% U	37,5% P/U
c) 26 a 50 anos:	39,6% P	25,0% U	35,4% P/U
d) > 50 anos:	39,6% P	30,2 % U	30,2% P/U

Como trabalhamos com quatro faixas etárias, foi possível observar, por um lado, a gradativa penetração da língua portuguesa nas interações entre jovens e entre vizinhos e, por outro, o lento desaparecimento do uso da língua ucraniana na geração mais nova. Temos, então, subsídios concretos para afirmar que a situação lingüística bilíngüe em Prudentópolis está passando pelo processo de mudança em progresso, uma vez que o português é a língua predominantemente usada pelas gerações mais novas. Defendemos, porém, a tese de que esse tipo de situação lingüística pode reverter para outras situações, não necessariamente monolíngües. É importante frisar que, mesmo estando a substituição da língua minoritária pela majoritária bastante adiantada, ainda se encontram descendentes de ucranianos entre 7 e 14 anos que usam preferencialmente a língua minoritária nas interações lingüísticas verbais com os amigos ou parentes vizinhos.

A terceira e quarta faixas etárias apresentam certo equilíbrio de uso entre as três opções de uso dos códigos lingüísticos em estudo, o que não foi observado nas duas primeiras faixas etárias. Isso significa que a mudança está se operando com maior rapidez nas duas primeiras, ao passo que, nas outras duas, a situação lingüística se encontra mais equilibrada.

O predomínio da língua portuguesa como majoritária evidencia-se,

nesse levantamento, bem como nos anteriores, uma vez que ela se destaca como língua preferencial nas três variáveis sociais já discutidas. Na Tabela 17, a língua majoritária obteve o percentual de 50,7 % de referência, para 30,9% de opção pela interação verbal bilíngüe e 18,4% pelo uso da língua minoritária. É um resultado a destacar, porque mesmo que eles tenham, majoritariamente, vizinhos ucranianos, isso não parece implicar necessariamente o uso da língua de origem. Apenas em uma das regiões em estudo, a etnia dos vizinhos parece influenciar na opção pela língua étnica, conforme vamos observar a seguir.

D) REGIÃO:

a) Norte:	23,8% P	35,2% U	41,0% P/U
b) Prim. Col.:	52,2% P	20,4% U	27,4% P/U
c) Sul:	47,7% P	14,7% U	34,9% P/U
d) Sede urbana:	78,4% P	3,4% U	18,2% P/U

Na parte introdutória do presente estudo apresentamos as diferenciações demográficas regionais de Prudentópolis que serviram de base para efetuarmos a divisão do município em quatro regiões. Convém retomá-las aqui para facilitar a compreensão do resultado acima: no norte do município, os descendentes de eslavos são majoritários sobre qualquer uma das etnias ali representadas; no sul, há muita mistura étnica; na região das primeiras colônias residem famílias tradicionais solidamente aí radicadas. Essa configuração demográfica, que possibilitou a formação de uma rede fechada em relação ao tipo étnico da vizinhança, deve ter participação nos índices percentuais aferidos acima. Observa-se, por exemplo, nesses índices, a diferenciação polarizada entre cidade e interior, e também diferenciações entre as regiões, quanto ao uso da língua ucraniana nas interações verbais com os vizinhos.

Mesmo não estabelecendo mais a divisão norte A e norte B, em função dos motivos elencados anteriormente, os dados continuam apontando para a significativa diferença, nessa região, quanto aos domínios funcionais das línguas em questão. Vários fatores condicionam tal resultado. Entre eles, citamos o tipo de rede social fechada quanto à etnia da vizinhança, confrontando-se com uma rede social aberta, nesse aspecto, relativamente à sede urbana.

11.5 - REDE DE AMIZADE

Todos os sujeitos integrantes da população-alvo responderam afirmativamente à questão envolvendo a existência de uma pessoa com quem trocam confidências; isto é, todos têm um amigo em especial, que é geralmente um parente e vizinho. Na amostragem, os parentes pertencem à mesma etnia e à mesma religião. Esse dado é importante porque estamos discutindo a amostragem composta pelo depoimento de sujeitos que possuem uma língua que se está caracterizando como etnorreligiosa e, conforme já apontamos anteriormente, este é um dos fatores essenciais na promoção da vitalidade dessa língua minoritária.

Na medida em que mais dados são analisados, verificamos estar diante de um grupo étnico que se insere em uma rede fechada, em relação ao círculo de vizinhança e amizades, no interior do município, basicamente. Os encontros com o amigo e vizinhos acontecem assiduamente, em casa, na rua, na igreja, no bar, etc. O tempo de permanência juntos “depende” da idade dos entrevistados, da época do ano e do dia da semana. Junto à característica da rede de amizade, a qual pode promover o uso de uma das duas línguas ou de ambas, investigamos questões relativas às pessoas com quem mais conversam, além dos parentes. Obtivemos o seguinte resultado:

A) PESSOAS COM QUEM MAIS CONVERSAM

a) vizinhos:	52,4%
b) amigos:	28,4%
c) colegas de serviço:	9,0%
d) colegas de escola:	10,2%

Os dois últimos resultados não foram generalizados, mas todos os sujeitos integrantes da amostragem referiram os dois primeiros. Os informantes que conversam mais com colegas de serviço residem na sede urbana e pertencem à segunda e à terceira faixa etária. Consideramos coerente tal resultado, pois, no interior, a maior parte da mão-de-obra é familiar e, uma vez que a questão eliminou o grupo de parentes, restou aos entrevistados referir a interação pragmática mais assídua com vizinhos e amigos, não-parentes. Os informantes que conversam mais com os colegas de escola são aqueles que têm entre 7 e 14 anos, os estudantes.

Considerando que a rede de amizade é tramada com essa peculiaridade, ou seja, porque nossos informantes conversam mais com os vizinhos, e por serem estes descendentes de ucraniano, seguidores da mesma religião, a ucraniano-católica, e, ainda, por dominarem pelo menos uma das quatro competências lingüísticas anteriormente discutidas, tudo isso só poderia resultar em proveito da língua minoritária. Dos informantes que compõem esta amostragem, 22,5% estão inseridos nesse tipo de rede social e são, na maioria, sujeitos com mais de 50 anos de idade. Há, portanto, dois tipos principais de redes sociais de comunicação nessa situação de contigüidade: a fechada e a aberta, nos pólos. Entre estes dois extremos transitam tipos intermediários de redes sociais de comunicação que merecem um estudo à parte e especificamente voltado para esta temática.

Logo, instaura-se, dentro desta problemática psicossocial, uma situação de conflito lingüístico cujos reflexos se manifestam nas interações pragmáticas, sobretudo na escolha entre os dois códigos. Por outro lado, os dois tipos principais de redes sociais detectadas não estão necessariamente dispostos de modo antagônico: a rede de vizinhança influencia menos, lingüisticamente, os sujeitos, enquanto a de amizade assume mais essa implicação sociolingüística.

A partir das questões enumeradas abaixo, levantamos os dados dispostos na Tabela 18.

- I) Em que língua conversa com as pessoas com quem você melhor se dá?
- II) Se encontrar esse amigo no interior, fala com ele em que língua?
- III) Se encontrar esse amigo na cidade, fala com ele em que língua?

TABELA 18: LÍNGUAS ESCOLHIDAS NAS INTERAÇÕES PRAGMÁTICAS COM AMIGOS.

REGIÕES	QUESTÕES	MASCULINO												FEMININO											
		PRIMÁRIO				GINÁSIO				2º GRAU				PRIMÁRIO				GINÁSIO				2º GRAU			
		1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
SEDE	I	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
	II	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
	III	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
	IV	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
	V	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
PRIM. COL.	I	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
	II	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
	III	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
	IV	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
	V	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
SUL	I	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
	II	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
	III	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
	IV	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
	V	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
NORTE	I	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
	II	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
	III	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
	IV	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
	V	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P

Legenda

ESCOLARIDADE
 Primário: até 5 anos de escolarização
 Ginásio: até 9 anos de escolarização
 2º Grau: até 12 anos de escolarização

IDADE

1: 7 a 14 anos
 2: 15 a 25 anos
 3: 26 a 50 anos
 4: mais de 50 anos

IV) Se encontrar esse amigo na igreja, fala com ele em que língua?

V) Em que língua conversa com as pessoas com quem você conversa mais seguido?

Em princípio, podemos afirmar que a comunidade de fala ucraniana atribui ao português também a função de língua das interações pragmáticas entre amigos: 51,5% de referência à língua portuguesa, para 31,1% de opção pelo bilingüismo e 17,4% pela língua minoritária. O índice percentual indica inclusive que mais da metade da população da amostra escolhe a língua portuguesa para as interações em discussão, enquanto a percentagem relativa ao uso da língua ucraniana revelou ser bastante inferior ao da língua majoritária. Por outro lado, chama atenção a vitalidade dessa língua, em vista das adversidades por que passou, quer em seu país de origem, quer na região para onde foi transplantada.

Esse resultado identifica-se com aqueles aferidos sobre o bilingüismo familiar.

B) SEXO:

a) masculino:	58,8% P	12,2% U	29,0% P/U
b) feminino:	44,6% P	22,2% U	33,2% P/U

O resultado na escolha da língua em relação ao sexo coincide com o que obtivemos nas interações verbais com os vizinhos. As mulheres utilizam mais a língua minoritária do que os homens e, ainda, atribuem à língua étnica usos contextuais bastante ativos e quase extintos nas interações lingüísticas ocorridas entre homens. Sendo assim, e pela recorrência dos resultados, podem ser elas consideradas como as responsáveis pela vitalidade que a língua minoritária vem demonstrando na comunidade de fala em estudo.

Quanto às outras opções, observa-se que se identificam com o resultado relativo à tabela anterior: menor uso da língua majoritária em face a maior uso da língua minoritária e, na opção pelo bilingüismo, que a rigor não é opção, mas estratégia comunicativa, os índices percentuais se aproximam. A identificação destes resultados com os anteriores pode ser explicada porque geralmente o amigo ou a amiga é um vizinho e, na maioria das vezes, amigo que é vizinho e parente.

C) ESCOLARIDADE

a) Primário:	54,3% P	19,5% U	26,2% P/U
b) Ginásio:	61,2% P	8,7% U	30,0% P/U
c) 2o Grau:	35,0% P	25,8% U	39,2% P/U

É interessante observar que a maior escolaridade está implicando menor uso da língua portuguesa e maior índice percentual de uso da língua ucraniana. Esse resultado, já discutido em capítulos anteriores, coincide com a tese apresentada por Clyne (1997). Porém, pela tabela anterior, observa-se progressão-regressão perfeita entre índice percentual e aumento de anos de escolaridade. Aqui, essa progressão-regressão se explicita entre o nível mais baixo de escolaridade e o mais alto; no nível intermediário constata-se o aumento de referências à língua majoritária, com a consequente redução de alusões à língua minoritária. Fizemos novo levantamento e verificamos que os informantes que referiram o uso da língua ucraniana com escolaridade relativa ao ginásio são do sexo feminino, residem no interior do município e têm mais de 50 anos. Duas são professoras aposentadas, que, além de suas aulas normais, também ministravam catecismo em ucraniano, alfabetizando seus alunos em ambas as línguas, embora o ensino do ucraniano ocorresse exclusivamente pelo catecismo e pelos livros de cânticos religiosos. A terceira estudou como aluna interna e, pretendendo ser religiosa, conviveu, durante esse período, com religiosas da Ucrânia. A maior parte dos sujeitos que integram a presente amostra se enquadra nos perfis das três informantes que acabamos de descrever ou com eles se identifica. Por outro lado, esses não constituem motivos que possam justificar índice tão inexpressivo de referência ao uso da língua ucraniana pelos informantes com escolaridade média, em relação aos outros dois grupos. Como já apontamos anteriormente, vários são os fatores que promoveram ou promovem o uso de uma ou de outra língua. Assim sendo, a escolaridade não se configura como variável significativa.

D) IDADE:

a) 7 a 14 anos:	72,5% P	11,3% U	16,2% P/U
b) 15 a 25 anos:	64,3% P	4,1% U	31,6% P/U
c) 26 a 50 anos:	46,6% P	14,2% U	39,2% P/U
d) > 50 anos:	30,0% P	37,5% U	32,5% P/U

Os dados indicam com clareza que a variável “idade” se constitui como o principal fator responsável pela manutenção da língua minoritária na região em estudo.

O índice percentual progressivo-regressivo entre as faixas etárias, conforme obtivemos no levantamento sobre a língua preferencial referida nas interações com os vizinhos, foi constatado também aqui. Na faixa etária com idade superior a 50 anos, o uso da língua minoritária nas interações em discussão, supera inclusive o índice percentual de uso da língua majoritária. Esse recorte transversal no tempo revela que, há aproximadamente 40 ou 50 anos, a língua ucraniana detinha o domínio de língua majoritária para o grupo em estudo. Os dados apontam para uma situação de mudança em progresso, ainda não concluída, conforme já indicamos capítulos anteriores.

Embora o índice de uso relativo da língua portuguesa pela geração mais nova seja bastante expressivo, chama atenção a permanência da língua ucraniana nas conversas entre amigos: 11,3%. Mesmo indicando a substituição dessa língua pela língua majoritária, em andamento na comunidade de fala ucraniana prudentopolitana, esse índice ainda é expressivo, ao considerarmos as adversidades pelas quais a língua passou. Tais resultados induzem a reafirmar que as condições que possibilitaram a vitalidade dessa língua étnica em terras paranaenses são múltiplas.

A acentuada queda no uso da língua ucraniana pela segunda faixa etária (15 a 25 anos) leva a deduzir que, na adolescência e no início da fase adulta, o sujeito bilíngüe opta pela língua majoritária porque se trata de uma geração que não só precisa ingressar no mercado de trabalho, como também anseia por um emprego melhor (Labov, 1972), que, muitas vezes, é atribuído àquele que domina a língua majoritária. Além disso, é comum que essa faixa etária não revele os verdadeiros hábitos lingüísticos. Portanto, podemos afirmar que não existe somente diferenciação funcional em casos de bilingüismo. As funções que as línguas desempenham em uma comunidade bilíngüe podem corresponder à diferença na valorização social. Em todo caso, deve-se indicar a necessidade de um estudo dirigido sobre os hábitos lingüísticos dos bilíngües pertencentes a esta faixa etária.

Fica evidente, ainda, a oposição, entre a geração mais jovem e as demais, que instaura a opção bilíngüe. Esse resultado se mostra coerente, pois

é expressivo o índice percentual de uso da língua portuguesa nas interações entre amigos na primeira faixa etária; logo, a opção pelo uso de ambas as línguas desaparece.

E) REGIÃO:

a) Norte:	21,8% P	31,8% U	46,4% P/U
b) Sul:	59,2% P	15,4% U	25,4% P/U
c) Prim. Col.:	52,8% P	13,6% U	33,6% P/U
d) Sede urbana:	72,8% P	8,2% U	19,0% P/U

O levantamento por região novamente revela a dicotomia entre a cidade e o interior; e neste, a oposição entre o norte e as demais regiões do interior do município.

A tríplice combinação de fatores amigo-vizinho-parente, detectada no norte do município, implica necessariamente que os indivíduos pertençam à mesma escola, cooperativa, associação, igreja, credo, etc. Logo, essa junção de fatores favorece a longevidade da língua minoritária nessa região. Nas demais regiões, não detectamos a mesma situação a favor da manutenção da língua ucraniana. Constatamos a ocorrência de situações intermediárias, em que os amigos, embora possam até ser descendentes de ucraniano, são falantes passivos ou bilíngües incipientes em ucraniano, casos em que a língua portuguesa encontra espaço favorável para sua penetração, o que vem acontecendo há algum tempo na região em estudo.

As questões foram elaboradas levando em conta dois interlocutores que deveriam ser específicos para o informante. O primeiro interlocutor referia-se ao melhor amigo. Constatamos que o processo psicossocial dinâmico relativo à escolha entre as duas línguas disponíveis para essa população bilíngüe revelou que tal operação se subordina à imagem do interlocutor, enquanto o aspecto contextual da interação manifestou-se, para esta população, a princípio, irrelevante: o mesmo interlocutor e a mesma língua, onde quer que se encontrem. Com relação ao contexto de interação, detectamos um resultado que, por ora, difere do obtido em relação ao bilíngüismo familiar. Naqueles dados, o aspecto contextual revelou ser significativo na escolha das opções lingüísticas em discussão. O segundo interlocutor selecionado pelo instrumento de pesquisa refere-se à pessoa com

quem eles mais conversam. Levantamos os índices percentuais especificamente sobre as duas questões em foco e obtivemos os seguintes resultados:

a) interlocutor amigo: 52,2% P 22,7 % U 25,1% P/U

b) pessoa com quem mais fala: 49,0% P 9,0% U 42,0% P/U

A referência ao uso da língua portuguesa não diferiu significativamente entre os dois tipos de interlocutores focalizados, evidenciando o atual "status" da língua portuguesa como majoritária na comunidade de fala ucraniana em estudo. A especificidade situou-se em relação à língua minoritária e à estratégia bilíngüe. Consideramos os resultados bastante coerentes porque, quando o informante tem em mente um interlocutor específico, a escolha entre as duas línguas é definida. Frisamos também que tal resultado está-se tornando recorrente nesta investigação. Além disso, a utilização da língua ucraniana nas interações verbais com um amigo passa a simbolizar a postura de um subgrupo diante de determinada interação lingüística. Paralelamente, evidencia-se que este subgrupo de bilíngües em P/U possui noção precisa do valor funcional das duas línguas. A segunda implicação metodológica evidenciou a opção bilíngüe, resultado que nos leva a interpretá-la como recurso estratégico-comunicativo usado pelos falantes bilíngües que é empregado em conformidade com as competências monolíngües ou bilíngües do interlocutor.

11.6 - LÍNGUA PREFERENCIAL PARA DETERMINADOS ASSUNTOS

As questões seguintes provavelmente não foram entendidas pelo grupo investigado porque tínhamos que repeti-las constantemente:

A) Se estiver falando com alguém sobre plantação e começar a falar sobre os filhos, os pais, vocês mudam também de língua?

a) sim: 3,4%

b) não: 96,6%

B) Para que língua mudam?

a) língua ucraniana: 100%

C) Isso acontece:

- a) sempre: 0,0%
- b) quase sempre: 0,0%
- c) às vezes: 3,4%

O resultado não foi significativo no cômputo geral, porque as questões não foram entendidas, ou, ainda, porque o tópico não é realmente o responsável pela mudança de língua, conforme idêntico resultado, obtido no levantamento sobre o bilingüismo familiar.

11.7 - EXISTÊNCIA DE MONOLINGÜISMO E MULTILINGÜISMO NA REGIÃO

Embora a segregação lingüística da comunidade de fala ucraniana já tenha desaparecido da região há bastante tempo, conforme verificamos através da penetração dos meios de comunicação de massa em praticamente todos os núcleos familiares, investigamos a existência ou não da situação de monolingüismo, quer em ucraniano, quer em português:

A) No teu serviço existem pessoas que só falam em:

- a) Ucraniano?: sim 2,2%
- b) Português?: sim 84,0%

A existência de pessoas monolíngües em ucraniano, em Prudentópolis, atualmente, citada por dois informantes, refere-se à presença de um agrônomo recém chegado da Ucrânia, que faz estágio envolvendo estudo das formas de ocupação das terras brasileiras pelos descendentes de ucraniano na região. Mas a força de penetração e de domínio da língua portuguesa é absoluta. E, justamente por isso, a vitalidade da língua ucraniana, diante do poder de penetração da língua majoritária, chama atenção, o que nos fez buscar os motivos responsáveis por sua preservação, em vários campos. Entre eles, está o atual intercâmbio reavivado entre o país de origem dos antepassados e a comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis, quer através da vinda de religiosos católicos, quer de técnicos e artistas, entre outros. As pessoas que usam, no local de trabalho, não só a língua portuguesa, isto é, também a língua ucraniana, atingiram o percentual de 16,0%, índice que se pode considerar significativo face ao poder inerente à língua majoritária.

B) Existem pessoas na tua escola que falam só em:

a) Ucraniano? 79,1%

b) Português? 20,9%

Exceto na região norte, onde três informantes com mais de 15 anos relataram ter tido colegas que só se comunicavam em ucraniano, os informantes das outras regiões que responderam positivamente sobre a existência de colegas de escola monolíngües em ucraniano têm mais de 25 anos. Conforme exposição anteriormente feita, constatamos que, no ano de 1998, nenhuma escola do município, pública ou particular, recebeu crianças monolíngües em ucraniano. Mesmo assim, o índice percentual relativo à existência de alunos que dominavam apenas a língua minoritária, há aproximadamente 25 anos, é bastante expressivo. Sua presença foi detectada em todas as regiões, com poucas variações entre elas. A existência de alunos monolíngües em português não é, de modo geral, expressiva, uma vez que se refere à língua majoritária, cujo “status” está sendo amplamente confirmado pelo grupo em estudo.

O índice, por outro lado, é significativo, sobretudo se comparado com o resultado obtido em relação à língua ucraniana, pois confirma que, para muitos dos descendentes de imigrantes ucranianos, a aprendizagem da língua portuguesa aconteceu através da escola ou seja, pelo domínio público. Além disso, a aquisição e aprendizagem da língua portuguesa, simultaneamente na expressão oral e na escrita, deve ter sido traumatizante para muitos deles. Ouvimos muitos relatos de professores que afirmavam categoricamente sobre a nocividade da L1 ter sido a língua ucraniana, justamente porque, para eles, isso interferiu ou interfere no desenvolvimento cognitivo do aluno. Trata-se de interpretação bastante comum, ainda vigente na região em estudo, para um problema de natureza sociocultural.

C) Em que língua você fala quando seus colegas só falam em:

a) Ucraniano?

b) Português?

As respostas foram praticamente categóricas: com os colegas que só falam ou falavam em ucraniano, o entrevistado fala ou falava em ucraniano; com os colegas que só falavam ou falam em português, o entrevistado fala ou falava só em português. Alguns informantes (todos com mais de 50

anos) disseram que houve um período de suas vidas que não sabiam falar português, mas que atualmente todos o fazem. Portanto, quando eram crianças, 10 informantes (mais de 50 anos, 7 mulheres e 3 homens, do interior do município) disseram-nos que não se comunicavam com aqueles que só falavam em português porque eram monolíngües em ucraniano. Quanto aos interlocutores que só falam ou falavam em polonês, aqueles, dentre os entrevistados, que se depararam com esta situação usavam a língua ucraniana.

D) Em que língua você fala com uma pessoa que você acha que não fala:

a) em ucraniano?

b) em português?

...eu puxo a conversa em português quando eu vejo que ela ou ele não é ucraniana ou ucraniano. Mas teve uma vez que eu levei um carão. Comecei a falar em ucraniano porque achei que ela falasse em ucraniano, mas ela me respondeu em português. Agora eu começo a falar em português, quando eu não conheço a pessoa... (Entrevista n. 34, 1997).

As respostas foram categóricas para as duas opções – português para a primeira; ucraniano para a segunda. Através das respostas dadas podemos pressupor que a população em amostragem é realmente bilíngüe em P/U.

E) Você tem amigos ou conhecidos que só falam em:

a) Ucraniano? 5,7%

b) Português? 94,3%

Essa questão absorveu uma implicação temporal – o índice de 5,7% de uso exclusivo da língua ucraniana refere-se primordialmente ao passado, enquanto os 94,3% de monolingüismo em português dizem respeito ao presente, o que se deduz da idade dos sujeitos monolíngües em ucraniano. Entrevistamos, com a ajuda de intérpretes, três senhoras, tataravós, residentes no norte do município. Há aproximadamente 20 anos elas deixaram de falar português. E, segundo seus familiares, esse abandono foi-se processando progressivamente. Dessa forma temos novamente, através do instrumento de pesquisa, um cruzamento temporal que, no caso, se refere às ocorrências de monolingüismo na região em estudo. Provavelmente, há meio século, os percentuais referentes às situações monolíngües em português e em ucraniano eram opostas entre si.

Verifica-se, pelos resultados indicados acima, que o índice de influência da língua majoritária é pleno, enquanto o da língua ucraniana é praticamente nulo na região, neste final do século XX.

11.8 - INTERLOCUTORES E LOCAIS PREFERENCIAIS PARA USO EXCLUSIVO DE UMA DAS LÍNGUAS

O campo de observação aberto por este tópico poderia revelar a existência de interlocutores que seriam usuários exclusivos de uma das duas línguas, assim como a existência de contextos situacionais específicos, em que a exigência de uso de uma das línguas fosse obrigatória, na região em estudo.

As questões foram elaboradas da seguinte forma:

- A) Para quem você só fala em ucraniano?
- B) Para quem você só fala em português?
- C) Onde você só fala em ucraniano?
- D) Onde você só fala em português?

Em relação ao primeiro grupo de questões obtivemos como respostas mais recorrentes:

A) Interlocutores para quem só falam em ucraniano:

A1) Sede urbana: Idade dos informantes:

- | | |
|-----------------------|---------------------|
| a) com ninguém | a) menos de 50 anos |
| b) com religiosos | b) mais de 50 anos |
| c) com os mais velhos | c) mais de 50 anos |

A2) Primeiras Colônias: Idade dos informantes:

- | | |
|-------------------|---------------------|
| a) com ninguém | a) menos de 25 anos |
| b) com religiosos | b) mais de 25 anos |
| c) com os pais | c) mais de 25 anos |

A3) Sul: Idade dos informantes:

- | | |
|-------------------|---------------------|
| a) com ninguém | a) menos de 25 anos |
| b) com religiosos | b) mais de 25 anos |

c) com a mãe e com idosos c) mais de 25 anos

A4) Norte:

Idade dos informantes:

a) com ninguém

a) menos de 25 anos

b) com religiosos

b) mais de 25 anos

c) com os pais e vizinhos

c) mais de 25 anos

A vinculação da língua minoritária à religião e seu condicionamento a esta fica patenteada a partir de determinada faixa etária, enquanto o não-uso exclusivo da língua ucraniana parece ser mais recorrente em outra faixa etária. Ambos os resultados, junto com os já discutidos, revelam as realidades lingüísticas que a comunidade de fala ucraniana está vivenciando. Outra vinculação e conscientização que um subgrupo da população-alvo parece fazer diz respeito ao uso exclusivo da língua ucraniana com pessoas idosas. Porém, trata-se de sujeitos com mais de 50 anos e com interlocutores da mesma faixa etária, quando detêm conhecimento bilíngüe comum.

A oposição entre zona urbana e zona rural configurou-se através da referência ao uso exclusivo da língua ucraniana feita somente por informantes com mais de 50 anos de idade. Nas outras regiões, o uso exclusivo atinge outras faixas etárias, exceto uma delas, a de 7 a 14 anos. Na região norte pontifica a predominância do uso da língua minoritária em relação às demais regiões, pela referência dos entrevistados ao uso exclusivo da língua ucraniana com os vizinhos. Esse fator é, com certeza, um dos responsáveis pela grande vitalidade que a língua ucraniana tem na região.

A variável “escolaridade” se mostrou totalmente irrelevante neste grupo de questões.

B) Interlocutores para quem só fala em português:

B1. Na sede urbana:

Idade dos informantes:

a) comércio

a) todas

b) vizinhos

b) todas

c) estranhos

c) todas

d) amigos

d) menos de 50 anos

e) com todos

e) menos de 50 anos

B2. Primeiras Colônias:	Idade dos informantes:
a) estranhos	a) todas
b) jovens	b) todas
c) vizinhos	c) mais de 25 anos
d) colegas de escola	d) menos de 25 anos
e) amigos	e) 7 a 14 anos
B3. Sul:	Idade dos informantes:
a) estranhos	a) todas
b) com todos	b) menos de 25 anos
c) comércio	c) mais de 25 anos
d) vizinhos	d) menos de 50 anos
e) netos	e) mais de 50 anos
B4. Norte:	Idade dos informantes:
a) estranhos	a) todas
b) comércio	b) menos de 50 anos
c) colegas de escola	c) menos de 25 anos
d) com todos	d) menos de 25 anos
e) no banco	e) menos de 50 anos

Exceto a referência feita ao uso exclusivo da língua portuguesa com os netos, as demais indicações que o grupo em estudo fez à língua portuguesa atribuem a esse código lingüístico preferencialmente o “status” de língua franca, língua dos contextos externos. Outro resultado coerente e que chama atenção se explicita no uso não-restrito dessa língua a determinadas faixas etárias. Por ser a língua majoritária na região, seu uso é mais difuso na comunidade em análise do que a língua minoritária. Portanto, a distribuição complementar do uso da língua minoritária entre as faixas etárias em análise não encontra correspondência na utilização da língua majoritária. Registra-se, então, outra implicação, decorrente desse uso generalizado para uma língua e restrito para outra: a situação funcional diglósica é atribuída pelos usuários à língua minoritária, ao passo que a língua majoritária já invadiu todos os contextos de uso de uma língua natural, exceto os

da liturgia, como língua da religião. Mesmo permeando todos os contextos próprios de uma língua natural, observa-se que os falantes bilíngües ainda atribuem preferencialmente à língua portuguesa o “status” de língua franca. Tal resultado tem por base, possivelmente, o fato de que, por longo período, ela desempenhou essa única função, na comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis.

Em relação ao segundo grupo de questões, as respostas mais recorrentes foram:

C). Local onde preferencialmente fala somente em ucraniano:

C1) Sede urbana:

a) lugar nenhum

b) igreja

Idade dos informantes:

a) todas

b) mais de 50 anos

C2) Primeiras Colônias:

a) lugar nenhum

b) igreja

c) em casa

Idade dos informantes:

a) menos de 50 anos

b) mais de 15 anos

c) mais de 25 anos

C3) Sul:

a) lugar nenhum

b) igreja

c) em casa

Idade dos informantes:

a) menos de 50 anos

b) todas

c) todas

C4) Norte:

a) lugar nenhum

b) igreja

c) em casa

Idade dos informantes:

a) menos de 15 anos

b) todas

c) todas

D) Local onde preferencialmente fala somente em português:

D1) Sede urbana

a) no comércio

b) na escola

c) em casa

Idade dos informantes:

a) todas

b) menos de 25 anos

c) menos de 50 anos

- | | |
|-------------------------|------------------------|
| D2) Primeiras Colônias: | Idade dos informantes: |
| a) no comércio | a) todas |
| b) na escola | b) menos de 50 anos |
| c) em casa | c) menos de 50 anos |
| d) na rua | d) todas |
| D3) Sul: | Idade dos informantes: |
| a) no comércio | a) mais de 25 anos |
| b) na escola | b) menos de 25 anos |
| c) em casa | c) menos de 15 anos |
| d) na rua | d) mais de 15 anos |
| D4) Norte: | Idade dos informantes: |
| a) no comércio | a) mais de 15 anos |
| b) na escola | b) menos de 25 anos |
| c) na cidade | c) mais de 50 anos |
| d) no trabalho | d) mais de 15 anos |

A recorrência dos resultados em relação à questão anterior permite efetuar as discussões desta unidade em um único bloco.

Os locais de uso exclusivo das línguas referidos pelo grupo de bilíngües em estudo revelam, a princípio, que a identificação sobre o “status” funcional é de conhecimento consciente dos usuários. Portanto, essa operação metalingüística, que é efetuada conscientemente pelos usuários, integra a competência comunicativa dos sujeitos bilíngües. É interessante frisar ainda que é freqüente encontrarem-se, na literatura especializada, menções sobre a existência de uma “consciência metalingüística” mais desenvolvida no indivíduo bilíngüe ou multilíngüe do que no monolíngüe (Najab, 1989). Entre essas competências comunicativas está a de serem mais atentos às informações contextuais e aos usos funcionais das línguas que conhecem.

O fato de os usuários da língua minoritária estarem conscientes e admitirem a atual restrição espacial e funcional de sua língua étnica — manifesto na recorrência das afirmações sobre o não-uso exclusivo dessa língua “em lugar nenhum” — pode provocar a instauração de um conflito lingüís-

tico aberto ou latente e trazer à tona a questão da “política lingüística familiar”, ocorrência freqüente em situações lingüísticas como a que estamos estudando. A língua portuguesa, por sua vez, embora reconhecida como majoritária pelo grupo, é ainda associada preferencialmente a espaços ou domínios públicos.

A situação comprovadamente multilíngüe, que a região vivenciou há algumas décadas, parece ter desaparecido completamente, pois a resposta “não uso a língua ucraniana exclusivamente em nenhum lugar”, foi categórica em algumas regiões (sede urbana) e para algumas faixas etárias (7 a 14 anos).

As questões que acabamos de apresentar e discutir levam a preconizar a existência, em Prudentópolis, de um bilingüismo em P/U estabelecido, porque ainda detectamos sujeitos para quem cada uma das línguas se acha associada claramente a uma situação ou a interlocutores específicos, porém não há, necessariamente, um local de uso exclusivo da língua ucraniana, conforme os dados revelam.

11.9 - ATITUDE DOS MONOLÍNGÜES EM RELAÇÃO ÀS LÍNGUAS QUE NÃO DOMINAM

Em capítulos anteriores, fizemos referências às atitudes de sujeitos monolíngües acerca da língua minoritária ou à própria etnia ucraniana. Na ocasião, transcrevemos depoimentos em que se evidenciaram atitudes negativas da população local sobre a língua ucraniana ou sobre o respectivo grupo étnico. Tais atitudes têm como suporte o fato de que o vínculo entre língua e identidade se encontra, às vezes, de tal maneira cimentado, que um único padrão de uso de uma língua é suficiente para identificar a participação de alguém em um determinado grupo (Tabouret-Keller, 1997). Desse modo, revelados por sua língua como pertencentes a determinado grupo étnico, cujo “status” socioeconômico, político e religioso foi sempre considerado inferior pela população local, procuram não usar a própria língua em domínios públicos, exceto no religioso. Além disso, negam, muitas vezes, quer sua origem, quer o conhecimento e o domínio da língua ucraniana. Por ocasião das visitas que efetuamos em escolas públicas ou particulares, por exemplo, localizadas na sede urbana ou no interior do município, ao indagarmos sobre quem sabia falar ucraniano, não obtínhamos resposta

alguma. Era preciso refazer a pergunta em ucraniano e, somente através dessa estratégia comunicativa, manifestavam suas habilidades na língua étnica. O incidente revela, até certo ponto, a consciência de que com estranhos não deviam falar em ucraniano.

No instrumento que serviu de base para a obtenção dos dados que ora estamos discutindo, há três questões que objetivaram verificar a existência dessa problemática, ou seja, quais as atitudes dos falantes monolíngües em relação ao uso de línguas que não dominam.

A) As pessoas que não falam ucraniano, como ficam ou o que falam quando você ou alguém está falando ucraniano?

- a) reagem negativamente: 78,4%
- b) reagem positivamente: 1,2%
- c) ficam indiferentes: 20,4%

Conforme esperávamos, evidenciou-se nitidamente uma atitude negativa por parte dos sujeitos monolíngües em relação ao uso da língua ucraniana. Os depoimentos abaixo reafirmam a veracidade dos índices percentuais aferidos:

“Eles ficam desconfiados, pensam que a gente está falando mal deles”

“Quando eu percebo que a pessoa não gostou ou fica desconfiada, eu mudo de língua, senão eles me chamam de polaca⁵ atrapalhada e pedem para eu falar língua de gente...”

Trata-se de atitudes não só negativas, mas, inclusive, ofensivas, decorrentes da vinculação entre língua e etnia. Tornam-se ainda mais estranhas por ocorrerem em um país onde a miscegenação há muito tempo se vem processando. Além disso, porque sucedem em um momento em que o mundo caminha para uma concepção de globalização, que, apesar de ser mais econômica do que cultural, também interfere, ou deveria interferir, na cultura.

Os dados ainda revelam que, em Prudentópolis, o falante monolíngüe provoca uma mudança de código, mesmo que seja participante passivo de

⁵ Na região em estudo, polonesas e ucranianas são denominadas, por vezes, indistintamente de “polacos”, principalmente quando a intenção é de ofender a pessoa.

um evento comunicativo (Grosjean, 1982).

O índice percentual sobre a reação “ficam indiferentes” (20,4%) também é significativo. Revela a natural existência de subgrupos cuja concepção de diversidade lingüística e da aceitação de uma situação lingüística desta natureza está lingüística e culturalmente correta. Já o índice relativo à reação positiva é completamente inexpressivo.

B) O que diziam seus colegas que não falavam em ucraniano quando você estava falando ucraniano?

- a) reagem negativamente: 75,9%
- b) reagem positivamente: 1,1%
- c) ficam indiferentes: 23,0%

Repetem-se basicamente os mesmos índices percentuais atingidos pelo levantamento anterior, mesmo após a inclusão do fator temporal. Portanto, a atitude negativa manifestada pelos bilíngües a respeito da reação dos monolíngües parece ter acompanhado todo o período de vivência em terras brasileiras e, conforme resultado anterior, continua a existir nas interações verbais interétnicas. Provavelmente houve períodos em que os atritos se manifestaram mais acirradamente, enquanto em outros o comportamento ocorreu apenas de modo latente. Alguns informantes acrescentaram, em seus depoimentos, que quando foram surpreendidos usando a língua ucraniana, os “brasileiros” lhes diziam:

Onde você pensa que está, na Ucrânia por acaso?

Nem existe Ucrânia e vocês continuam a falar essa língua de ninguém!

Esse panorama sociolingüístico comprova que a comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis vivenciou e ainda vivencia uma situação de conflito lingüístico, pois, se a situação fosse simplesmente de contato, como teorizam Ferguson e Fishman, teria provocado nos monolíngües somente reação de indiferença, quanto ao uso de uma ou outra língua.

C) O que dizem seus colegas que não falam português quando você está falando português?

- a) reagem negativamente: 20,4%
- b) reagem positivamente: 1,1%

c) ficam indiferentes: 78,5%

O resultado é bastante significativo, uma vez que revela situação oposta, quando confrontado com os anteriores. Vários estudos, em diferentes países, tendem a mostrar que quanto mais a língua materna for valorizada e conservada “pura” em casa, mais se aceita a língua do país receptor (Heredia, 1989). Consideramos a reação de indiferença manifestada pelos falantes monolíngües em ucraniano, quando se deparavam com situações de interações pragmáticas em português, como atitude de subjugação lingüística imposta por sua necessidade ou desejo de permanecerem em terras brasileiras. A chamada subjugação histórica que o povo ucraniano sofreu parece refletir-se nos resultados acima. Além disso, interpretamos esses dados como indicadores de outras implicações sociolingüística, tais como:

- 1) o domínio da língua portuguesa parece ter sido concebido pelos monolíngües em ucraniano, acerca de seus contrerrâneos que já dominam a língua majoritária, como uma necessidade ou como símbolo de “status” ou como símbolo de dominação;
- 2) o “status” de língua da religião, atribuído à língua ucraniana, parece predominar sobre o de ser símbolo de identidade étnica e delimitação interna e externa do grupo;
- 3) os resultados encontrados na literatura, de que a consciência metalingüística é mais desenvolvida no bilíngüe do que no monolíngüe, fica aqui corroborada; principalmente têm consciência das diferenças funcionais de uso entre as duas línguas; esses sujeitos são lingüisticamente corretos e estão mais preparados para uma situação de diversidade sociolingüística;
- 4) esse resultado é revelador, quer da situação de conflito lingüístico, embora aparente, quer da situação, também aparente, de contato entre as línguas, que é vivenciado pela comunidade de fala ucraniana e pela população autóctone:
 - a) conflito em relação ao português sobre o ucraniano;
 - b) contato aparente em relação ao ucraniano sobre o português.

O índice relativo à reação negativa (20,4%), embora bastante menor, face ao que foi comentado, é expressivo e revela, conforme já apontamos, a existência esperada de subgrupos no interior da comunidade de fala ucrani-

ana. Nesses grupos, a identificação não se dá necessariamente através da etnia, mas por características inerentes à natureza humana.

As variáveis social e regional não tiveram influência significativa nesta unidade. Sugerimos, no entanto, pesquisa ou estudo específico e mais abrangente da problemática que foi detectada.

11.10 - ESCOLHA DA LÍNGUA E DE INTERLOCUTORES PARA AS INTERAÇÕES VERBAIS

Considerando que um dos objetivos deste estudo consiste em detectar os “status” e os domínios das línguas portuguesa e ucraniana nas mais diversas interações pragmáticas, o campo relativo à operação lingüística de escolha da língua foi o mais perseguido e o mais recorrente. Procuramos levar em consideração, além das variáveis em discussão, outros fatores contextuais, como a da relação social mantida com o interlocutor — por exemplo: solidariedade, intimidade, formalidade, informalidade (Rubin, 1972, Fishman, 1971; Peñalosa, 1980) — e o contexto geográfico em que a interação verbal é passível de acontecer. Nesse levantamento, orientou-nos o pressuposto de que a prática discursiva constitui importante parcela da realidade social. Não a concebemos, portanto, como simples meio de comunicação.

11.10.1 - Escolha da língua com interlocutores do núcleo familiar e relações íntimas

O núcleo familiar é geralmente um dentre os fatores diretamente responsáveis pela manutenção de uma língua minoritária. Por ocasião da montagem das questões constantes no instrumento de pesquisa, procuramos incluir a maioria e as mais comuns das díades familiares existentes em um núcleo familiar⁶.

Estamos considerando também como íntimas as relações entre padrinho e afilhado, assim como entre compadres, porque, pelas observações efetuadas, verificamos que elas são estabelecidas, na maioria das vezes, en-

⁶ As tabelas 17 e 18, dispostas em anexo, seguem o critério regional. Não foi possível agregá-las em uma única tabela, como fizemos com as anteriores, devido ao grande número de interlocutores elencados.

tre familiares, na região em estudo. Além dessas relações, incluímos também, neste campo investigativo, uma questão relativa às relações de amizade e duas sobre as relações de namoro.

A legenda utilizada corresponde aos seguintes interlocutores:

A – pai	J - tios
B – mãe	K - tias
C – avô paterno	L - esposo/esposa
D – avó paterna	M - filhos
E - avô materno	N - afilhados
F - avó materna	O - compadres
G – irmãos	P – cunhados/cunhadas
H – primos	Q - netos
I – primas	R – genros/noras

De acordo com os levantamentos efetuados (Anexos 17 e 18), observa-se a lenta penetração da língua portuguesa e a conseqüente substituição da língua minoritária pela majoritária no contexto doméstico e das relações íntimas. Tal situação, embora lenta, ocasiona a diminuição da vitalidade da língua minoritária, por colocar em perigo sua transmissão às gerações futuras. A alta taxa de uso de ambas as línguas em discussão (55,5% P/U), por exemplo, e o quase desaparecimento do uso da língua minoritária nas díades avós-netos — 48% de referência ao uso da língua portuguesa e 52,0% de referência à estratégia bilíngüe P/U, para nenhuma referência à língua ucraniana — são indicativos concretos da substituição da língua minoritária pela majoritária.

A) ÍNDICE TOTAL DE REFERÊNCIA

- a) Português: 16,9%
- b) Ucraniano: 27,6%
- c) P/U: 55,5%

É importante frisar que este constitui o primeiro resultado em que se

observa índice referencial superior de preferência pela língua ucraniana em relação à língua majoritária. Dessa forma, podemos afirmar que a língua ucraniana em Prudentópolis ainda é a preferencialmente usada nas interações pragmáticas que envolvem relações familiares e relações sociais íntimas. Logo, esse contexto pode ser considerado como um dos redutos de manutenção da língua minoritária, além do campo religioso.

Chama atenção o alto índice de referência ao bilingüismo nas interações em discussão. Tal situação lingüística, que se revelou bastante ativa, evidencia a presença da língua portuguesa nesses tipos de relações sociais. Embora tímida e, digamos, aparentemente tardia, em relação às adversidades inúmeras vezes apontadas, é uma situação lingüística normal e esperada, uma vez que a segregação dos membros de uma comunidade de fala, com o passar dos anos, vai-se tornando impraticável, quer sejam da zona urbana, quer da zona rural.

As variáveis com as quais estamos trabalhando revelaram, de modo geral, o mesmo comportamento condicional, conforme se manifestaram nos índices já discutidos.

B) SEXO:

a) masculino:	23,6% P	24,7% U	51,7% P/U
b) feminino:	10,2% P	30,4% U	59,4% P/U

O condicionamento extralingüístico da variável social “sexo” está-se confirmando como significativa na aplicação da regra sociolingüística de uso da língua ucraniana. Nas outras opções, no entanto, a diferença não foi significativa.

C) ESCOLARIDADE:

a) Primário:	18,7% P	28,3% U	53,0% P/U
b) Ginásio:	18,7% P	25,4% U	55,9% P/U
c) 2º Grau:	12,3% P	29,2% U	58,5% P/U

Observa-se que a presente variável não está implicada na determinação de uma das opções entre os códigos disponíveis para o grupo em investigação, conforme os resultados anteriormente verificados. Em função da recorrência desse resultado, a variável será excluída das discussões futu-

ras.

D) FAIXA ETÁRIA:

- a) 7 a 14 anos: 20,3% P – 16,5% U - 63,2% P/U
- b) 15 a 25 anos: 20,2% P – 15,6% U - 64,2% P/U
- c) 26 a 50 anos: 16,5% P - 31,4% U - 52,1% P/U
- d) > 50 anos: 13,6% P - 37,4% U - 49,0% P/U

A distribuição percentual dos dados apontou a prioridade, no uso das línguas, nas interações verbais efetivadas no domínio privado, de duas fases etárias distintas — antes de 25 anos: maior uso da língua majoritária; após 25 anos: maior uso da língua minoritária. Esse condicionamento dicotômico da faixa etária está sendo recorrente no estudo. Conforme discussão anterior, a progressão e regressão, nos índices relativos às duas línguas, revelam a mudança em progresso quanto à substituição da língua minoritária pela majoritária, inclusive no contexto familiar e de relações íntimas. Através das diversas faixas etárias selecionadas, a realidade lingüística da região pôde-se evidenciar, tanto a relativa ao tempo real, quanto a que diz respeito ao tempo aparente. A primeira decorre do uso referido pelas gerações mais novas; já a segunda realidade é indicada pelo índice percentual resultante das gerações mais velhas. Assim, constata-se que, atualmente, o uso da língua portuguesa já percorreu caminho mais ou menos longo, encontrando-se presente nos núcleos familiares, ao passo que em tempos anteriores, não muito distantes, predominava o uso da língua ucraniana nas interações pragmáticas em discussão.

E) REGIÃO:

- | | | | |
|-----------------|---------|---------|-----------|
| a) Sede urbana: | 31,7% P | 12,9% U | 55,4% P/U |
| b) Prim. Col.: | 14,6% P | 24,8% U | 60,6% P/U |
| c) Sul: | 15,0% P | 31,7% U | 53,3% P/U |
| d) Norte: | 6,0% P | 41,0% U | 53,0% P/U |

Exceto na sede urbana, o índice de referência ao uso da língua ucraniana nas interações pragmáticas privadas, nas demais regiões, foi superior ao da língua portuguesa. Confirma-se então que o uso da língua minoritária, em Prudentópolis, é condicionado por várias regras sociolingüísticas; entre elas, a variável “região”. No interior, a região norte do município está-se

configurando como um dos principais redutos de manutenção da língua ucraniana, principalmente nas interações verbais com informantes pertencentes ao núcleo familiar e de relações íntimas. Tal resultado identifica-se com aqueles que se apresentaram no capítulo sobre o bilingüismo familiar.

O cruzamento entre as variáveis sociais selecionadas para este estudo e os interlocutores em discussão revela, aqui, dados bastante importantes sobre o uso dos códigos lingüísticos à disposição da população-alvo:

- 1) obtêm-se um “continuum” na referência feita ao processo psicossocial de escolha entre os dois códigos lingüísticos em estudo, nas interações verbais com os parceiros selecionados: Avós > pais > tios > irmãos > cônjuge > primos > compadres > afilhados > cunhados > filhos; nesse aspecto, evidencia-se o fator geração;
- 2) as mulheres, a geração mais velha e os residentes na região norte foram as variáveis responsáveis diretamente pelo resultado apontado no item precedente; e a “escolaridade” novamente revelou não ser variável condicionante da opção lingüística;
- 3) é nesse sentido que a mudança de um código para outro pode ser entendida como processo psicossocial dinâmico; muitos pesquisadores a concebem como processo lingüístico metafórico, onde o falante geralmente quer transmitir muito mais do que simples palavras; junto com a mensagem, ele pode ou quer transmitir solidariedade étnica ou evocação de algum sentimento particular... (Peñalosa, 1981).

As díades que não fizeram nenhuma referência ao uso exclusivo da língua ucraniana foram avós-netos (P/U, P), genros-noras-sogros (P/U, P). As primeiras incluem as novas gerações, enquanto as últimas contêm a implicação do núcleo familiar. Ambas as relações indiciam fatores favoráveis à invasão da língua portuguesa. Aqui, o fator “geração” deixa de ser variável condicionante.

Portanto, a língua ucraniana ainda se mantém como meio de comunicação entre os membros das famílias de origem ucraniana de Prudentópolis, assim como nas relações íntimas. Por outro lado, a mudança de uma língua para a outra está-se efetivando, inclusive neste contexto situacional, mas o índice de penetração não pode ser considerado expressivo, justa-

mente por ser a língua portuguesa, há tempos, a língua majoritária na região. Além disso, os meios de comunicação de massa, que são veiculados quase exclusivamente em língua portuguesa, se encontram massivamente presentes em quase todos os núcleos familiares prudentopolitanos, sejam aqueles situados na sede urbana, sejam os do interior do município.

11.10.2 – Frequência de uso das línguas portuguesa e ucraniana

Junto aos interlocutores elencados na unidade anterior, acrescentamos uma questão que objetivou verificar a existência daquele interlocutor que seria considerado preferencial para uma das línguas em estudo. Esse interlocutor devia ser escolhido entre os elencados pelo instrumento de pesquisa. O tempo despendido no uso de uma das línguas com os referidos interlocutores fecha o quadro referencial sobre a situação bilíngüe individual de Prudentópolis, em domínios privados. Obtivemos o seguinte resultado:

A) Com qual das pessoas referidas você fala mais em:

- a) Ucraniano? pais, mãe, avó, avós
- b) Português? netos, filhos, irmãos, esposa, tios

B) Quanto tempo por dia você fala com essas pessoas:

- a) 11,6% língua ucraniana mais de 10 horas por dia
- b) 88,4% língua portuguesa mais de 10 horas por dia

No levantamento que resultou do “continuum” transcrito na unidade precedente, era dado o interlocutor, e o informante citava a língua escolhida. Aqui, forneceu-se a língua, e o informante citou o interlocutor preferencial para cada um dos códigos lingüísticos em discussão. Observa-se que as respostas se identificam entre si, mesmo se utilizadas formas diferentes de elicitación. Sendo assim os dados e os resultados passam a ter maior credibilidade. Portanto, uma das funções das questões acima foi justamente de tentar eliminar possíveis respostas falsas. Essa aglutinação de distintas focalizações, que convergem para o mesmo objeto, nos autoriza a esperar que estejamos traçando com bastante fidelidade a realidade sociolingüística da comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis.

Verificando os interlocutores referidos, constata-se que são todos da geração anterior à do entrevistado. Pelos dados já apresentados, ora a gera-

ção interfere, ora parece não ser fator condicionante. Entendemos que tais aspectos, exibidos por essa dimensão, se refletem nos resultados da seguinte forma: para algumas díades, a geração constitui fator condicionante — por exemplo, na dos pais em relação a seus pais —, enquanto para outras díades há interferência de outros fatores. O fato pode ser exemplificado nas díades avós-netos. Logo, a questão que interfere de modo mais generalizado é o fator época: ontem se usava quase que exclusivamente a língua ucraniana; hoje ela é usada com alguns interlocutores e em certos contextos situacionais, entre outros fatores condicionadores.

O tempo referido pelos informantes sobre o uso de ambas as línguas também nos parece coerente, pois trata-se de duas línguas com “status” estabelecidos em pólos extremos de uma escala: majoritária “versus” minoritária. É justamente por causa disso que ainda surpreende a vitalidade da língua ucraniana nesta comunidade.

11.10.3 - Escolha da língua entre amigos e namorados

As relações sociais entre amigos e namorados podem ser consideradas íntimas e, em função disso, foram incluídas nesta unidade.

A) Se você encontrar um amigo (a) no mercado, em que língua fala com ele/ela?

a) em português: 22,7%

b) em ucraniano: 1,1%

c) em P/U: 76,2%

Confirma-se que, quando o interlocutor “amigo” não for especificado, a estratégia comunicativa utilizada nas interações pragmáticas com amigos é o bilingüismo P/U. Essa recorrência de resultados, constatada desde capítulo anterior, está sinalizando para a escolha da língua orientada em função do interlocutor. A seguir, o contexto geográfico ou espacial também pode ter alguma interferência na escolha da língua. Portanto, a relação social mantida entre os interlocutores e as habilidades lingüísticas monolíngües ou bilíngües são os fatores extralingüísticos determinantes das opções lingüísticas, em detrimento das atitudes negativas discutidas em unidades anteriores.

B) Que língua você utilizou quando iniciava um namoro?

a) Português: 70,9%

b) Ucrainiano: 11,7%

c) P/U: 17,4%

C) Que língua você passou a utilizar depois de um tempo de namoro?

a) Português: 35,2%

b) Ucrainiano: 29,3%

c) P/U: 35,5%

A situação inicial de namoro caracteriza-se pelo formalismo, o que justifica a interferência dessa dimensão no alto índice de referência à língua portuguesa. Porém, na medida em que os namorados se vão tornando mais íntimos acontece uma mudança no comportamento lingüístico: a língua ucraniana passa a ser referida também nessas interações pragmáticas.

Mesmo que não tenha sido ensinada aos integrantes da comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis a linguagem do namoro em língua ucraniana, foi através dela que, de acordo com seus próprios comentários, 11,7% dos sujeitos entrevistados iniciaram os primeiros contatos com a futura esposa. Como se trata de informantes com mais de 50 anos e do sexo feminino, provavelmente não sabiam, ou sabiam muito pouco, português, na época. A geração mais nova não mais utiliza a língua ucraniana nesse tipo de interação pragmática. Pelo menos lingüisticamente e em tempos passados, os rapazes descendentes de ucraniano, ou mesmo imigrantes ucranianos e casadoiros, pareciam ser mais formais do que as moças casadoiras pertencentes ao mesmo grupo étnico. Isso, porque, pelos dados, os informantes do sexo masculino atingiram índice percentual superior relativamente ao uso da língua portuguesa, nessa situação interacional específica.

A sugestão de se considerar o tempo neste tipo de interação socio-pragmática vem de Rubin (1972). Segundo o pesquisador, pode-se dessa forma captar a mudança na escolha da língua que está implicada com esse fator. Desconsiderado o tempo, por exemplo, o resultado obtido foi: 30,0% de P, 9,2% de U e 60,8% de P/U. Nessa relação, portanto, é fundamental o acréscimo desse elemento, a fim de que se possa constatar a importante associação entre o lapso de tempo, o aumento da intimidade e a mudança de comportamento lingüístico dos indivíduos implicados.

Não se observaram condicionamentos significativos nas variáveis em estudo, nas três últimas questões discutidas. Continuam a apresentar os mesmos comportamentos, porém sem grande diferença nos índices percentuais.

11.10.4 - Escolha da língua com interlocutores extrafamiliares

Dentre os vários levantamentos realizados, um se concentrou sobre as organizações públicas ou particulares, comerciais ou institucionais, existentes na sede urbana, que seriam capazes de promover a manutenção da língua minoritária⁷, conforme referências anteriormente feitas. Através desse levantamento, verificamos que existem na sede urbana municipal inúmeros estabelecimentos públicos e privados que oferecem serviços bilíngües em P/U. Sendo assim, torna-se possível para os membros da comunidade de fala ucraniana efetuarem a operação dinâmica de escolha entre os códigos lingüísticos disponíveis, em domínios públicos, tais como em casas comerciais, bancárias, estabelecimentos institucionais e de prestações de serviço, entre outros. Tal situação nos permitiu elaborar uma série de questões, que viabilizaram traçar um quadro amplo e bastante nítido sobre o uso de uma das três opções lingüísticas disponíveis para os bilíngües em P/U de Prudentópolis, com interlocutores para os quais geralmente se efetuam as interações verbais em domínios públicos.

A escolha da língua em relação a determinados interlocutores nas interações efetivadas geralmente em domínios públicos foi amplamente verificada (Anexos 19 e 20). Para a seleção de funções socioeconômicas, no rol detectado na região em estudo, seguimos o critério da presença necessária e comum de algumas dessas funções nos centros urbanos. Incluímos outras, de acordo com a predominância das atividades comerciais da região, como, por exemplo, a de “vendedor de loja de produtos agrícolas”, “secretária do sindicato rural” e a de “agrônomo”, pois o município é predominantemente agrícola. Junto a essa especificidade, e, de acordo com os levantamentos efetuados, constatamos a presença do “dono da venda”, figura bastante conhecida, principalmente nos núcleos rurais, responsável pelo desempenho de várias funções na localidade em que reside. Esse tipo de

⁷ Levantamento efetuado por Samuel Semzezyn, como bolsista de iniciação científica da UNICENTRO, em 1997, sob a orientação da autora.

interlocutor foi então selecionado. Em tempos mais antigos, foi bastante comum, a presença de “parteiras”. Devido à situação ou à relação social entre parteira e parturiente, geralmente utilizavam a língua materna entre elas. Por isso, passou a fazer parte também do rol de interlocutores selecionados.

Agrupamos, inicialmente, a seguinte população de interlocutores pertencentes ao domínio público:

A – empregados da casa	J - Balconista da loja de roupas, de calçados
B – empregados da lavoura	L – Vendedor na padaria
C – empregados do comércio	M – Vendedor no açougue
D – funcionários	N – Vendedor na farmácia
E – chefe ou superior	O – Funcionários do Correio
F – vendedor de loja de produtos agrícolas	P – Funcionário do INPS
G – caixa de supermercado	Q – Garçom na lanchonete / restaurante
H – Dono da venda	R – Funcionários do banco
I – Balconista da papelaria	S – Gerente do banco

Nas interações verbais efetivadas em domínios públicos, cuja relação social entre os interlocutores geralmente é formal, a língua portuguesa foi o código lingüístico verbal mais referido pela população-alvo, conforme revelam os dados a serem analisados.

A) ÍNDICE TOTAL DE REFERÊNCIA

- a) 91,5% P
- b) 1,6% U
- c) 6,9% P/U

O índice aferido nos leva a afirmar que, não necessariamente neste final de século XX, mas em uma época não muito distante da atual, as duas línguas em estudo se encontraram em situação de distribuição complementar para a comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis: a língua

portuguesa como língua mercantil, língua franca, língua dos encontros ou situações formais, enquanto a língua ucraniana desempenhava as funções de língua do núcleo familiar, das situações ou interações pragmáticas íntimas, além de ser a língua da religião. Muito dessa distribuição complementar de uso funcional dos códigos lingüísticos em discussão teve como fator responsável as atitudes negativas atribuídas ao uso da língua ucraniana pelos monolíngües em português, conforme anteriormente apontamos.

Mesmo dispondo de atendimento bilíngüe em P/U para as interações verbais comerciais, os sujeitos bilíngües em P/U, de Prudentópolis, parecem não utilizar esse recurso, ou poucos usam essa disponibilidade lingüística. É provável que isso deva ser explicado por várias razões: a força advinda à língua portuguesa, em função de ser, reconhecidamente, a língua mercantil ou língua dos domínios públicos e das relações sociais formais, o fato mesmo de ser a língua majoritária, a que se devem acrescentar as reações negativas referentes ao uso da língua ucraniana em domínios públicos, todas essas ocorrências se impõem, com superioridade, à possibilidade de uso da língua minoritária em interações pragmáticas comerciais, na região. Portanto, a infra-estrutura urbana de Prudentópolis, apesar de oferecer atendimento bilíngüe em todos os setores comerciais e assistenciais, não interfere e não interferiu diretamente na manutenção da língua minoritária. Mais dados, a serem discutidos, poderão corroborar essa afirmação.

O levantamento sobre as implicações sociolingüísticas revelou os mesmos condicionamentos já apontados, porém com menor intensidade, uma vez que a escolha da língua portuguesa configurou-se, nesse tipo de interação verbal, praticamente como categórica.

B) SEXO

a) masculino:	95,5% P	4,1% P/U	0,4% U
b) feminino:	95,9% P	2,8% P/U	1,3% U

Os homens revelaram maior uso da estratégia bilíngüe do que as mulheres com interlocutores cuja interação se dá, mais comumente, em domínios públicos. Tal resultado se mostra perfeitamente coerente com os aspectos histórico-sociais que apresentamos. Um pequeno grupo de mulheres usa mais a língua ucraniana do que os homens, também para esse tipo de contexto situacional. O uso da língua majoritária obteve índice pratica-

mente idêntico em ambos os sexos.

C) FAIXA ETÁRIA

a) 7 a 14 anos:	96,8% P	0,6% U	2,6% P/U
b) 15 a 25 anos:	93,4% P	0,9% U	5,7% P/U
c) 26 a 50 anos:	87,9% P	1,5% U	10,6% P/U
d) > 50 anos:	89,9% P	3,0% U	7,1% P/U

Uma pequena parcela da geração mais idosa prefere utilizar a língua ucraniana também com estes tipos de interlocutores. Possivelmente, em período muito anterior, e como a cidade proporcionava esse tipo de atendimento, a língua ucraniana era mais comumente utilizada também nesse contexto. É interessante observar a gradação crescente demonstrada pelo percentual relativo à escolha da língua ucraniana. Tem-se, assim, a substituição diacrônica de uma língua por outra. O aumento no uso da estratégia bilíngüe na faixa etária 3 nos surpreendeu. Mas, por não ser basicamente expressivo, fica a sugestão para desenvolvimento de estudos futuros sobre o tema.

D) REGIÃO

a) Sede urbana:	94,8% P	0,0% U	5,2% P/U
b) Prim. Col.:	92,9% P	1,8% U	5,3% P/U
c) Sul:	92,1% P	0,9% U	7,0% P/U
d) Norte:	86,5% P	3,3% U	10,2% P/U

Observa-se que já ocorreu, na sede urbana, completa mudança na referência ao uso da língua ucraniana com os interlocutores em tela, enquanto na região norte do município de Prudentópolis a substituição se encontra em outras etapas, como sucede em processos de substituição lingüística.

A língua majoritária não apresentou condicionamento diferenciado nas variáveis em estudo, mantendo-se com índices constantes nos quatro levantamentos efetivados. Tal comportamento se deve ao fato de a língua portuguesa dominar funcionalmente essas interações, praticamente desde o início da convivência inter-étnica em Prudentópolis.

Quanto aos aspectos metodológicos, constatamos algumas implicações. A princípio, observamos a formação de dois grupos de respostas: as relativas aos interlocutores legendados de “a” até “e”, e aos de “f” em diante. Os primeiros interlocutores arrolados receberam maior número de referência ao uso da estratégia bilíngüe ou de uso da língua minoritária. São interações sociais entre patrão e empregado ou cliente e atendente. Nas demais relações sociocomerciais elencadas, a língua preferencialmente escolhida foi a portuguesa. Entendemos que tais resultados foram influenciados pelas dimensões de intimidade ou mesmo pela frequência das interações pragmáticas efetivadas, principalmente nas interações verbais entre os empregados da casa ou da lavoura. Na região em estudo, esses são, geralmente, familiares ou pessoas pertencentes à rede social dos informantes.

A leitura vertical das tabelas (Anexos 19 e 20) indica que, além dos cinco primeiros interlocutores, dois outros receberam referência maior de uso da língua ucraniana: “balconista da papelaria” e “dono da venda”. Em relação à primeira, há uma implicação de referência ao uso da língua ucraniana vinculada à religião, pois uma das papelarias de Prudentópolis é de propriedade dos padres basilianos, a ordem religiosa de origem ucraniana. Nesse local, os fregueses são geralmente atendidos por religiosos. Sabem então que podem usar a língua étnica nesse contexto, e, muitas vezes, se vêem obrigados a optar pela língua etnorreligiosa. A segunda referência ao maior uso da língua ucraniana ocorreu com o “dono da venda”. Conforme apontamos acima, no interior dos municípios brasileiros se mantém uma relação bastante intensa com este tipo de interlocutor. Ele desempenha, muitas vezes, papel de conselheiro familiar, além de também ser o elo de ligação entre a cidade e o interior, e o representante político e comunitário do núcleo rural. Parece-nos, então, que alguns dos informantes levaram em consideração esse quadro de relações para definir a língua a ser usada com tal interlocutor.

Entre os informantes, dois deles fizeram maior referência ao uso da estratégia comunicativa bilíngüe. São do sexo masculino, com 2º grau completo e pertencem à mesma faixa etária (entre 25 e 50 anos). Ambos foram seminaristas. Um, hoje, é funcionário de uma cooperativa agrícola, e o outro trabalha na tipografia de propriedade dos padres ucranianos. Os dois mantêm contato, quase que exclusiva e diariamente, com pessoas que dominam a língua ucraniana, o que pode justificar as idiosincrasias constata-

das.

O segundo grupo de interlocutores selecionados, que completam o quadro amplo sobre as interações pragmáticas efetivadas com interlocutores não-pertencentes ao quadro familiar nem das relações íntimas, apresentou alguns resultados categóricos, em conformidade com o que se observa na distribuição das opções lingüísticas configuradas nas tabelas (Ane-xos 19 e 20), enquanto outros revelaram implicações e condicionamentos sociolingüísticos de acordo com os demais resultados já discutidos. Por causa disso, dispensamos o levantamento efetuado através de tabelas, para fazer um comentário geral acerca das referências às línguas, relativamente à função ou relação social desempenhada pelos atores em perspectiva.

E) OUTROS INTERLOCUTORES NÃO PERTENCENTES AO NÚCLEO FAMILIAR

E1) Determinaram categoricamente a língua referida:

- | | |
|----------------------------|--------|
| a) Prefeito ⁸ : | 100% P |
| b) Delegado: | 100% P |
| c) Dono do cartório: | 100% P |
| d) Agrônomo: | 100% P |
| e) Guardas: | 100% P |
| f) Estranho na rua: | 100% P |

É interessante destacar que algumas dessas funções são ocupadas por descendentes de ucranianos ou por pessoas que falam ucraniano, como, por exemplo, a de “dono do cartório”. A implicação subjacente a isso possivelmente seja a de que, em certos domínios públicos ou em determinadas relações sociais, se sobrepõe a possibilidade de uso da língua ucraniana?

Na interação verbal com alguns dos interlocutores elencados acima, a resposta a essa questão se confirma como afirmativa. É preciso, no entanto, um estudo específico sobre o tema, incluindo algumas dimensões

⁸ Atualmente o prefeito de Prudentópolis não é descendente de ucranianos e não domina esta língua étnica. Soma-se a isso a implicação de que a relação social que normalmente se mantém com este tipo de interlocutor é basicamente formal. Justifica-se então a escolha categórica da língua portuguesa nas interações verbais com ele.

(Brown & Gilman, 1960) como, por exemplo, a do ambiente ser totalmente público ou a de que, embora sendo ambiente público, também oferece possibilidade de interação verbal privada, a relação social entre os interlocutores...

A resposta categórica, atribuída ao interlocutor denominado como “estranho na rua”, representa perfeito domínio da competência comunicativa exigida em contextos onde convivem com a língua majoritária e a língua minoritária.

E2) Não determinaram categoricamente uma língua utilizada

a) conhecido na rua:	0,0% P	1,2% U	98,8% P/U
b) secret. do Sind. Rural:	97,7% P	0,0% U	2,3% P/U
c) prof. de catequese:	0,0% P	34,1% U	65,9% P/U
d) enfermeira:	82,9% P	0,0% U	17,1% P/U
e) *parteira ⁹ :	10,8% P	86,0% U	0,0% P/U
f) clientes:	96,4% P	0,0% U	3,6% P/U
g) barbeiro/Cabeleireiro:	87,5% P	6,9% U	5,6% P/U
h) *professor de seus filhos:	37,3% P	22,1% U	30,6% P/U
i) diretora da escola:	68,7% P	1,3% U	30,0% P/U

Os dados estão confirmando que, para o grupo em estudo, as dimensões inerentes às relações sociais são as que determinam a opção linguística referida. Em seguida vem o conhecimento sobre a competência bilíngüe ou monolíngüe do interlocutor. Por exemplo: a população local tem conhecimento de que as secretárias do sindicato rural são reconhecidamente bilíngües; mas, apesar disso, os sujeitos que integram a presente amostra optaram preferencialmente pela língua portuguesa nas interações verbais com essas interlocutoras. Logo, a relação formal que há nesse tipo de contato

⁹ Obtivemos um índice percentual de 3,2% de referência ao uso da língua polonesa com este tipo de interlocutor. Segundo depoimentos dos sujeitos que fizeram tal referência, havia na região, na década de 30, uma senhora de origem polonesa que prestava tais serviços a população residente no interior do município. Nos informaram também que, na época, era comum encontrar-se pessoas que dominavam a língua ucraniana e a língua polonesa em determinadas regiões do município de Prudentópolis. Conforme colocações já feitas anteriormente, essa situação multilíngüe já foi substituída pela situação bilíngüe, ora também em processo de mudança.

* Os percentuais não se completam porque nem todos os sujeitos em estudo responderam a essas questões.

comunicativo anulou a possibilidade de outra referência. Sendo assim, o conhecimento sobre a competência bilíngüe ou monolíngüe do interlocutor passa a se configurar como fator condicionante secundário, para o grupo em estudo. O que pode confirmar também as afirmações feitas são os índices percentuais aferidos na estratégia comunicativa bilíngüe, uma vez que, a partir do tipo de relação mantida com o interlocutor, e dependendo da competência bilíngüe ou monolíngüe deste, muitos dos integrantes da comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis podem optar pela língua portuguesa, pela língua ucraniana ou por ambos os códigos lingüísticos em pauta. A opção pela estratégia bilíngüe também é corroborada pelo fato de que, pelos dados já discutidos, detectamos falantes bilíngües em P/U e monolíngües em português, nos círculos de amizade, parentesco e vizinhança da população-alvo.

Em relação à opção dada na interação verbal com o “professor de catequese”, consideramos que a referência foi orientada pelo fato de que o domínio funcional da língua ucraniana é, para a comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis, primordialmente a religião. Além disso, o “professor de catequese” dos ucranianos católicos de Prudentópolis é sempre uma religiosa. Tem-se, assim, mais um elemento orientador da opção feita. Por outro lado, a penetração da língua portuguesa já se faz presente e está se operando progressivamente, em paralelo à estratégia comunicativa bilíngüe, nessa interação verbal.

Dois outros resultados constantes no levantamento acima também evidenciaram implicações que exigem comentário: a das interações verbais efetivadas com “enfermeiras” e “parteiras”. A primeira ocorre entre parceiros cuja relação social é formal, e o tempo envolvido é o presente. Já no segundo tipo de interlocutor, as interações verbais entre parturiente e parteira aconteciam na residência daquela, geralmente no quarto do casal, e muitas delas nos disseram terem sido assistidas por pessoas da própria família, como mãe, sogra ou tia. Assim, tem-se a influência de uma combinação de traços, na determinação de que língua escolhiam para esses tipos de interações verbais: evento não-atual, intimidade na relação dos interagentes, contexto situacional privado, entre outras influências. Assim, justifica-se o predomínio de referência à língua portuguesa para a interação pragmática com “enfermeiras”, e o predomínio de referência à língua ucraniana em relação às “parteiras”. Dessa forma, mais dados estão confirmando a im-

portância da dimensão social, aliada a outros fatores, na opção por um dos códigos lingüísticos em estudo. Confirma-se que a escolha por um código lingüístico ou por uma estratégia discursiva constitui operação psicossocial complexa, porque envolve múltiplos dados extralingüísticos.

Nas interações verbais com clientes, o uso exclusivo da língua ucraniana, se existiu, esteve sempre restrito a um pequeno grupo de interlocutores, cuja relação incluía, além da comercial, uma relação de amizade. Assim, o resultado é esperado, pois o português sempre desempenhou a função de língua mercantil, na região em estudo.

Mesmo não apresentando resultados polarizados, como se configuraram alguns dentre os já discutidos, a língua portuguesa domina a preferência nas interações verbais efetivadas com os três últimos interlocutores arrolados acima, em que a relação social dos interagentes não é, em princípio, íntima. A formalidade da relação social entre os parceiros do ato comunicativo novamente se sobrepõe, para definir por que língua optar em tais interações verbais.

Observa-se a diferença no comportamento lingüístico atribuído para professor e diretor de escola. Ambas as interações são efetivadas predominantemente em domínios públicos. Mas a relação social entre aluno e professor, entre aluno e diretor, são diferentes. Logo, as escolhas lingüísticas são diferenciadas. Esse resultado sinaliza para a não-interferência imediata do contexto geográfico para determinar a opção pelo código lingüístico usado nas interações pragmáticas, conforme já detectado anteriormente.

O campo investigativo das opções preferenciais por uma língua ou por uma estratégia comunicativa com interlocutores não-pertencentes ao círculo familiar, em interações efetivadas geralmente em domínios públicos, apresentou os mesmos condicionamentos sociolingüísticos, conforme já discutido anteriormente. Por causa da recorrência de comportamento, deixamos de comentá-los junto às últimas questões. Uma ressalva deve ser feita, no entanto: os homens revelaram utilizar mais a estratégia bilíngüe do que as mulheres com esse grupo de interlocutores. A justificativa disso é sócio-histórica: foram sempre eles que efetuaram e efetuam as trocas comerciais, entre outras atividades necessárias ao bem-estar da família.

Conforme apontamos anteriormente, a disponibilidade de atendi-

mento aos falantes nativos, quer da língua minoritária, quer da língua majoritária, de que dispõe a sede urbana de Prudentópolis, parece não ter desempenhado papel algum na resistência e na vitalidade que a língua minoritária está demonstrando possuir na região em estudo.

11.10.5 - O contexto espacial na opção pelo código lingüístico

Dentre os espaços geográficos onde normalmente ocorrem as interações verbais discutidas na unidade anterior, selecionamos alguns, levando em consideração os aspectos da formalidade e da informalidade que esse fator pode impor às interações verbais.

Iniciaremos pelo local de trabalho, seguido por outros contextos geográficos intervenientes no dia-a-dia social do ser humano, para depois considerar outros, como sítio e fazenda, que são mais específicos das atividades desenvolvidas na região.

A) Que línguas são faladas no local onde você trabalha?

- a) Português: 80,2%
- b) Ucraniano: 4,5%
- c) P/U: 15,3%

B) Fora do local de trabalho, qual a língua que você utiliza para falar com as pessoas que trabalham com você?

- a) Português: 70,6%
- b) Ucraniano: 27,6%
- c) P/U: 1,8%

A língua portuguesa, pela recorrência dos resultados, é considerada pelos bilíngües em estudo, como aquela predominantemente usada nas relações extra-familiares e formais, além de ter desempenhado sempre a função de língua mercantil na região. Por outro lado, o uso da língua ucraniana nesses contextos se encontra praticamente extinto. É interessante frisar que, embora a diferença de índice percentual não tenha sido significativa, há aumento de uso da língua ucraniana com os colegas de serviço, fora do ambiente de trabalho. Assim, verifica-se que, para os usuários da língua minoritária, o ambiente de trabalho, pela formalidade que muitas vezes impõe, é um dos contextos de não-uso preferencial da língua ucraniana. Junto

a isso, verifica-se, nesse campo, a influência do local na determinação da opção entre os códigos disponíveis; a relação social de intimidade ou de solidariedade, porém, pode anular a interferência desse fator na operação lingüística, conforme constatamos nos levantamentos anteriormente discutidos.

As variáveis sociais e regionais apresentaram as mesmas implicações constatadas anteriormente, porém os condicionamentos não foram expressivos.

C) Quando você vai a uma loja em outra cidade, em que língua você fala com os vendedores de lá?

a) Português: 100%

Essa questão obteve resposta categórica: todos os informantes disseram utilizar a língua portuguesa nessa situação contextual. Trata-se de um resultado esperado e está coerente com os demais já discutidos. Indagados sobre o porquê de tal procedimento, obtivemos justificativas que esclarecem quais são alguns dos parâmetros utilizados na operação lingüística de opção por um dos códigos lingüísticos, de acordo com a situação em foco. Desse modo, constatamos que o contexto espacial interfere de modo sutil na opção por um dos códigos em estudo, aliado às dimensões de formalidade e informalidade, de intimidade e não-intimidade. Assim, confirma-se a natureza psicossocial dessa operação lingüística.

- *São estranhos... São desconhecidos...*
- *Acho que eles não entendem... Acho que eles não sabem...*
- *Porque não entendem...*
- *Me representa que eles não sabem fala em ucraniano...*
- *Português todos falam... Português é mais usado...*
- *Não tem ucraniano em outra cidade (sic)*
- *A maioria dos vendedores são brasileiros...*
- *Não sei se é ucraniano...*

D) Que língua você usa quando está no(a):

a) cartório: 100,0% P 0,0% U 0,0% P/U

b) sindicato rural:	98,8% P	0,0% U	1,2% P/U
c) banco:	98,8% P	0,0% U	1,2% P/U
d) posto de saúde:	98,8% P	0,0% U	1,2% P/U
e) prefeitura:	98,8% P	0,0% U	1,2% P/U
f) hospital:	81,8% P	0,0% U	18,2% P/U
g) rua:	11,6% P	0,0% U	88,4% P/U
h) casa da namorada:	70,0% P	10,0% U	20,0% P/U
j) sítio/fazenda:	11,5% P	27,2% U	61,3% P/U
i) casa da sogra/sogro:	29,0% P	49,0% U	22,0% P/U

Exceto os cinco últimos contextos geográficos arrolados acima, os demais apresentaram uma referência praticamente categórica de opção por um código lingüístico¹⁰. Entendemos que as interações verbais efetivadas nesses espaços geográficos são estritamente formais e, por terem essa natureza, são as determinantes da escolha referida. Esses locais configuram-se como espaços de domínio da língua portuguesa e, como tais, possibilitam a invasão da língua majoritária a outros domínios geográficos.

Conforme apontamos anteriormente, também aqui se deve salientar a relação social como sendo o fator de interferência nas interações pragmáticas efetivadas nos locais onde os índices aferidos acima não foram categóricos. Por exemplo: na rua podem-se encontrar pessoas que desempenham as mais variadas funções e relações sociais; no hospital, as relações são praticamente apenas formais. É interessante observar a diferença estabelecida entre posto de saúde e hospital quanto ao tema em discussão. O primeiro é uma instituição pública estadual, enquanto o segundo representa, ao contrário, uma instituição particular de propriedade da organização religiosa ucraniano-católica. Nesse local é possível estabelecer uma relação menos formal, enquanto no posto de saúde esse tipo de relação é inviável. Ao se considerarem os fatores formalidade-informalidade não como dimensões dicotômicas e opostas, mas como valores dispostos em uma escala, justifi-

¹⁰ Apenas um sujeito informou escolher a estratégia comunicativa bilíngüe nestes domínios públicos. É o mesmo que vem apresentando um comportamento idiossincrático em praticamente toda a bateria de questões. Apesar de acreditarmos que tenha na região outros descendentes de ucraniano que fazem uso mais generalizado da língua minoritária, ou da estratégia comunicativa bilíngüe, ele ou eles não representam o comportamento lingüístico da maioria da população em estudo.

ca-se a diferenciação gradativa dos índices percentuais. A interferência desses fatores se mostra de modo mais nítido nos três últimos contextos espaciais selecionados, uma vez que entre o espaço “casa da namorada” e “casa da sogra” se passa de mais formalidade para menos formalidade e, conseqüentemente, para mais intimidade e solidariedade neste último domínio. A conseqüência lingüística disso é o maior emprego da língua portuguesa no primeiro desses espaços e maior uso da língua ucraniana no segundo¹¹.

O interior do município de Prudentópolis é considerado pela população do município como um dos locais onde ainda se usa, de modo generalizado, a língua minoritária. Mas a realidade lingüística que constatamos na referida região já está bastante diferente da concepção que os prudentopolitanos têm, de acordo com os dados discutidos. Assim, aparentemente, pode-se observar a interferência do local na referência pela opção do código lingüístico. Acrescentamos, porém, que a possibilidade de ir a um sítio ou a uma fazenda geralmente implica relações sociais íntimas ou solidárias entre os interlocutores.

As variáveis sociais em estudo apresentaram, nesta unidade, o condicionamento lingüístico já apontado anteriormente. No entanto, em questões como as três últimas listadas acima, as implicações e correlações sociolingüísticas se evidenciam com maior nitidez.

De modo geral, detectamos um “continuum” no que respeita à influência do contexto espacial para a determinação da escolha do código lingüístico. Como pólo dessa continuidade, um dos extremos constitui o espaço geográfico onde cabem apenas relações formais ou comerciais; no outro, o local pode incluir relações de intimidade e solidariedade entre os pares. Em posição intermediária situam-se os contextos geográficos em que as relações sociais admitem também a informalidade, cujas interferências e correlações já implicaram e estão implicando as mudanças lingüísticas em progresso. Assim, podemos já considerar que o local da interação interfere na escolha do código lingüístico, desde que associado a outros fatores, como os que acabamos de apontar.

¹¹ Apontamos, no entanto, que na questão sobre que língua usam para falar com os sogros, nenhum dos sujeitos integrantes da presente amostragem fez referência ao uso da língua ucraniana. As opções citadas foram PU e P. Pode-se considerar que junto a PU existe a presença da língua minoritária. Mas a ocorrência dessa contradição deve ser investigada de modo mais específico.

11.10.6 - Escolha da língua em domínios públicos: escola

Nos capítulos em que tratamos da constituição de uma comunidade bilíngüe, e da recriação e manutenção do universo sociocultural ucraniano no Brasil, já constatamos a existência de vida cultural bastante intensa na comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis. Havia clubes de leitura, grupos de teatro, dança e canto, escolas comunitárias particulares, tanto na sede urbana como nos núcleos rurais localizados no interior do município. Nessas escolas falava-se ucraniano ou polonês, e havia aulas de uma dessas duas línguas eslavas. De grande importância para a comunidade de fala ucraniana foi a conservação do ucraniano como língua de ensino até a época do surgimento das escolas subvencionadas. A partir de então, o português passou a ser a língua de ensino na comunidade em estudo. Essa situação foi intensificada ou deveria ser exclusiva durante a fase do nacionalismo getulista, acentuando o conflito interétnico em nível nacional. A constatação desse panorama nos orientou na montagem das questões acerca da situação lingüística, nos níveis diacrônico e sincrônico, em relação ao contexto escolar.

A) Que língua você aprendeu na escola?

a) Português: 72,7%

b) P/U: 27,3%

Essa população-alvo foi alfabetizada a partir do nacionalismo getulista e vivenciou outros eventos que, seqüencialmente, foram interferindo na sistemática exclusão do ensino da língua ucraniana em Prudentópolis. Assim, o português foi a língua da educação da atual comunidade de fala ucraniana da região em estudo.

O índice percentual relativo ao ensino bilíngüe, embora pequeno, refere-se ou às aulas de religião utilizadas para a alfabetização lingüístico-religiosa, que nunca foi interrompida na região, ou às aulas de língua ucraniana, autorizadas pelo governo do Estado do Paraná, a partir de 1981, como aulas de língua estrangeira moderna¹². Frisamos, no entanto, a influência que a língua majoritária exerce no grupo em estudo e, por outro lado,

¹² Alguns ex-seminaristas que fazem parte do grupo em estudo, disseram ter aprendido também inglês, latim e grego.

a vitalidade da língua minoritária, mesmo em face da imposição da língua oficial do Brasil.

B) Que língua você gostaria de aprender?

- | | |
|--------------|-------|
| a) Inglês: | 60,2% |
| b) Espanhol: | 29,9% |
| c) Outras: | 9,9% |

A força da modernidade, com os impactos decorrentes da globalização e do Mercosul, reflete-se nos percentuais atingidos e no teor das respostas dadas. Essa realidade socioeconômica esperada, está anulando, conseqüentemente, a tendência conservadora e corporativista que o grupo mantinha até há algumas décadas. Vemos também algumas implicações metodológicas nesse resultado. Considerando, provavelmente, que dominam quer a língua portuguesa, quer a ucraniana, os entrevistados manifestaram, por conseguinte, o desejo de aprender outras línguas, além das que já dominam.

A Tabela 19 contém as respostas dadas às seguintes questões:

C) Na escola, em que língua você fala ou falava com a:

- I) Professora?
- II) Diretora?
- III) Merendeira?
- IV) Servente?
- V) Colegas da escola?

Entre as várias leituras que proporcionam os dados da Tabela 19, envolvendo muitos dos aspectos da realidade educacional brasileira, aquela que nos interessa diretamente diz respeito aos domínios funcionais das línguas em questão, nas interações verbais ora em discussão.

Comparando com a resposta dada sobre que língua aprenderam na escola, os índices percentuais discutidos abaixo se revelam surpreendentes.

D) ÍNDICE TOTAL DE REFERÊNCIA

Português: 57,0%

Ucraniano: 9,8%

P/U: 33,2%

Mesmo tendo sido alfabetizados em língua portuguesa, e apesar das proibições, desestruturações e atitudes negativas que dizem ter passado, o índice percentual de uso, quer da estratégia comunicativa bilíngüe, quer do uso exclusivo da língua ucraniana nos interlocutores arrolados acima, é bastante expressivo. Em função disso é que se constata a existência da situação de conflito lingüístico, e não apenas de simples contato entre as línguas portuguesa e ucraniana.

As implicações lingüísticas como resultantes dos principais condicionamentos foram as seguintes:

E) SEXO

a) masculino: P: 65,1% P/U: 27,7% U: 7,2%

b) feminino: P: 48,6% P/U: 38,8% U: 12,6%

F) FAIXA ETÁRIA

a) 7 a 14 anos: 68,9% P 1,4% U 29,7% P/U

b) 15 a 25 anos: 74,0% P 1,0% U 25,0% P/U

c) 26 a 50 anos: 30,6% P 11,4% U 58,0% P/U

d) > 50 anos: 41,7% P 31,5% U 26,8% P/U

G) REGIÃO

a) Sede Urbana: 66,3% P 4,3% U 29,4% P/U

b) Prim. Col.: 60,0% P 12,0% U 28,0% P/U

c) Sul: 56,0% P 12,0% U 32,0% P/U

d) Norte: 40,3% P 13,0% U 46,7% P/U

As variáveis sociais "sexo" e "faixa etária" revelaram, aqui, um com-

portamento sociolinguístico semelhante ao que vem ocorrendo nos levantamentos já efetuados: maior referência ao uso da língua minoritária. No que se refere à região, todavia, apresentou certa polarização entre a cidade e o interior, também já explicitada em outros resultados. Dessa forma, o interior se identifica nesse domínio público.

Entre os dados revelados, um deles chama atenção: o alto índice percentual relativo à referência do uso da língua minoritária pela faixa etária “mais de 50 anos”, nesse domínio público. O resultado pode ser justificado através do traço de solidariedade e intimidade presente na relação social entre esses pares: os sujeitos que estão nessa faixa etária vivenciaram as proibições, desestruturas e preconceitos anteriormente apontados. Mas a força do traço de solidariedade e a relação de intimidade com os referidos interlocutores os fez ignorar quer as proibições, quer as sucessivas desestruturas do grupo, quer o preconceito interétnico existente na região e usar sua língua de origem também em domínios públicos, desde que a relação com o interlocutor seja íntima ou de coleguismo.

H) INTERLOCUTORES EM PERSPECTIVA

a) professores:	60,2% P	9,2% U	30,6% P/U
b) diretores:	78,1% P	7,4%U	14,5% P/U
c) merendeira:	91,6% P	---	8,4% P/U
d) servente:	87,5% P	2,5% U	10,0% P/U
e) colegas:	12,5% P	19,4% U	68,1% P/U

O condicionamento dos traços intimidade, solidariedade e formalidade, que as relações acima incluem, revela-se concretamente nos resultados aferidos. Logo, a relação social mantida pelos interagentes de um evento comunicativo está se confirmando como uma das dimensões responsáveis pela opção do código linguístico, sob o aspecto em discussão. Tal procedimento se identifica com situações linguísticas monolíngües, onde continuamente os falantes optam por um ou por outro dialeto, em função da relação mantida com o interlocutor. Em ambas as situações, a interferência do contexto espacial é secundária à relação social presente nas interações verbais.

Na análise feita sobre o bilingüismo familiar obtivemos as mesmas

implicações sociolingüísticas: interferência secundária do contexto espacial em detrimento da relação social mantida pelos interagentes do evento comunicativo. Portanto, complementamos e ratificamos a importância de um dos principais fatores responsáveis pela manutenção da língua minoritária na comunidade de fala ucraniana: solidariedade a subgrupos integrantes do grande grupo étnico e símbolo de intimidade da relação. Assim, confirma-se a hipótese de que é por meio da escolha do código, entre outros recursos, que o falante bilíngüe elabora suas estratégias comunicativas onde estão implícitos os significados sociossimbólicos da mudança de uma para outra língua.

As díades aluno-professor e aluno-diretor não apresentaram grande diferença entre os percentuais aferidos. De modo geral, observa-se que, para o diretor, há maior referência do uso da língua portuguesa, enquanto para o professor há mais referência de uso da língua minoritária, ou da estratégia comunicativa bilíngüe. A relação social aluno-diretor é, com raras exceções, formal, ao passo que a de aluno-professor vai se tornando, no dia-a-dia, mais íntima. E, assim sendo, há menos policiamento no uso da língua étnica.

Através dos índices percentuais – progressivo para a língua minoritária, regressivo para a língua majoritária, ou progressivo para a estratégia comunicativa bilíngüe — tem-se a seguinte escala de formalidade > informalidade/intimidade nas relações sociais em discussão: merendeira > servente > diretor > professor > colegas de escola

I) CONTEXTO ESPACIAL E ESCOLHA DA LÍNGUA

Fora da escola, em que língua você fala ou falava com:

- a) Professor?
- b) Diretor?
- c) Merendeira?
- d) Servente?
- e) Colegas de escola?

Das 307 respostas dadas, apenas 9,7% dos informantes disseram fazer alterações nas opções lingüísticas, quando o local era modificado. Portanto, reiteramos as asserções acima. O local da interação tem papel secundário

na operação lingüística psicossocial da escolha da língua nas interações e contextos espaciais em discussão. Os interlocutores que mais provocam essa alteração são os professores, seguidos dos colegas, e, por último, o diretor. A modificação referida pelos sujeitos em estudo foram da seguinte natureza: P>P/U; P>U. Como o percentual aferido nesse campo investigativo foi bastante inexpressivo, embora continue a revelar as mesmas implicações sociolingüísticas, a influência das variáveis na distribuição percentual foi muito inexpressiva, motivo por que as ignoramos.

Uma vez que os resultados vêm apontando, desde o início da análise, para o bilingüismo familiar e individual, a interferência da relação entre os participantes da interação verbal na escolha do código lingüístico, efetuamos um cruzamento de fatores extralingüísticos e lingüísticos entre interlocutores e variáveis sociais, cujo condicionamento se verifica na Tabela 20.

Em relação à variável social “sexo”, observa-se que o cruzamento de fatores evidenciou o condicionamento dessa variável para a definição da escolha do código lingüístico, o que não se verificou no levantamento anterior. Observa-se também que os homens parecem ser mais formais, menos conservadores, enquanto as mulheres utilizam a língua minoritária mesmo que a relação social entre os pares não seja necessariamente íntima. Essa mesma implicação fora constatada na relação social “namorados”. Quando a relação social entre os pares é íntima, como a “entre colegas”, ambos os sexos geralmente se identificam quanto à operação lingüística psicossocial.

A estratégia comunicativa bilíngüe revelou alto índice percentual para a relação “entre colegas”, apontando a existência de falantes bilíngües e monolíngües, em português, atualmente, entre os integrantes da rede de comunicação do grupo em estudo.

Para esse cruzamento de dados voltamos a incluir a variável social “escolaridade”. Constata-se então, o condicionamento extralingüístico interessante em relação a essa variável. Quanto mais anos de escolarização tem o indivíduo, mais a dimensão de formalidade interfere na

TABELA 20: CRUZAMENTO ENTRE FATORES LINGÜÍSTICOS, EXTRALINGÜÍSTICOS E INTERLOCUTORES ESPECÍFICOS

VARIÁVEIS	INTERLOCUTORES															
	PROFESSOR	DIRETOR	MERENDEIRA	SERVENTE	COLEGAS	PROFESSOR	DIRETOR	MERENDEIRA	SERVENTE	COLEGAS						
SEXO	MASCULINO	65,9%P	6,9%U	27,2%PU	88,6%P	3,8%U	7,6%PU	100P	0%U	0%PU	100%P	0%U	0%PU	18,1%P	16%U	65,9%PU
	FEMININO	54,5%P	11,5%U	34%PU	68,9%P	10,5%U	20,6%PU	82,3P	0%U	17,7%PU	72,2%P	5,6%U	22,2%PU	6,8%P	22,8%U	70,4%PU
ESCOLARIDADE	PRIMÁRIO	56,2%P	12,6%U	31,2%PU	80%P	10%U	10%PU	92,3P	0%U	7,7%PU	85,8%P	7,1%U	7,1%PU	12,5%P	21,9%U	65,6%PU
	GINÁSIO	59,3%P	3,2%U	37,5%PU	69,7%P	8,6%U	21,7%PU	85,8P	0%U	14,2%PU	82,3%P	0%U	17,7%PU	12,5%P	6,3%U	81,2%PU
FAIXA ETÁRIA	2º GRAU	66,6%P	12,5%U	20,8%PU	91,6%P	0%U	8,4%PU	100P	0%U	0%PU	100%P	0%U	0,0%PU	12,5%P	33,4%U	54,1%PU
	7 A 14 ANOS	62,5%P	0%U	37,5%PU	78,7%P	7,1%U	14,2%PU	92,8P	0%U	7,2%PU	92,8%P	0%U	7,2%PU	25%P	0%U	75%PU
REGIÃO	15 A 25 ANOS	79,1%P	0%U	20,9%PU	94,7%P	0%U	5,3%PU	89,4P	0%U	10,6%PU	94,4%P	0%U	5,6%PU	25%P	4,2%U	70,8%PU
	26 A 50 ANOS	45,8%P	8,4%U	45,8%PU	50%P	10%U	40%PU	100P	0%U	0%PU	50%P	0%U	50%PU	0%P	16,7%U	83,3%PU
SEDE	> 50 ANOS	54,1%P	25,1%U	20,8%PU	75%P	16,7%U	8,3%PU	100P	0%U	0%PU	66,6%P	16,7%U	16,7%PU	4,2%P	50%U	45,8%PU
	PRIM. COL	63,6%P	4,6%U	31,8%PU	68,1%P	4,7%U	27,2%PU	100P	0%U	0%PU	88,2%P	0%U	11,8%PU	31,8%P	9,2%U	59%PU
NORTE	PRIM. COL	68,1%P	9,2%U	22,7%PU	92,3%P	0%U	7,7%PU	100P	0%U	0%PU	88,8%P	11,2%U	0%PU	4,5%P	22,8%U	72,7%PU
	SUL	59%P	13,8%U	27,2%PU	76,9%P	15,5%U	7,6%PU	88,8P	0%U	11,2%PU	88,8%P	0%U	11,2%PU	13,6%P	18,3%U	68,1%PU
NORTE	50%P	9,1%U	40,9%PU	85,7%P	0%U	14,3%PU	66,6P	0%U	33,4%PU	80%P	0%U	20%PU	0%P	27,3%U	72,7%PU	

escolha do código lingüístico. Por outro lado, se a relação social for de menor formalidade ou intimidade, anula-se o condicionamento entre as variações de maior e menor número de anos de escolarização. Continuam inexplicáveis, no entanto, os resultados obtidos no nível médio de escolarização.

Se a relação social entre os participantes do evento comunicativo não for íntima, isto é, implicar formalidade, os sujeitos com mais de 25 anos parece que preferem usar exclusivamente a língua portuguesa, ao passo que nas gerações mais novas o traço de formalidade tende a diminuir na intensidade de condicionamento, pois, para o interlocutor “merendeira” disseram optar também pela estratégia comunicativa bilíngüe. Se a relação social for de solidariedade ou intimidade, como na interação pragmática “com colegas”, a gradação constatada anteriormente entre mais referência ao uso da língua minoritária, conforme a faixa etária implique mais anos de vida, revelou-se também aqui, mesmo mudando a focalização estatística.

Mesmo contando a sede urbana com escolas do tipo particular e paroquial dedicadas ao ensino da língua ucraniana desde o início da colonização ucraniana em Prudentópolis, isso parece não ter interferido no maior uso da língua ucraniana pelos interlocutores em questão. De modo geral, o cruzamento dos dados das regiões em que dividimos o município de Prudentópolis apresentou os mesmos resultados anteriormente aferidos: menor indicação de referência ao uso da língua minoritária na sede urbana, maior referência ao uso da língua minoritária e da estratégia bilíngüe no interior do município; e, no interior, na região norte, o não-uso exclusivo da língua portuguesa com interlocutores “colegas de escola”, cujas justificativas já foram elencadas anteriormente. Exceto nas primeiras colônias, o grupo de bilíngües em P/U do interior do município parece ser menos formal do que os residentes na sede urbana, no relacionamento lingüístico em discussão, porque utilizam a estratégia comunicativa bilíngüe com todos os interlocutores.

Além do que já discutimos sobre os dados constantes na Tabela 20, observa-se que eles revelam uma das características fundamentais da linguagem humana: o processo de mudança contínuo pelo qual as línguas são envolvidas, revelando a dinâmica inerente ao fenômeno lingüístico. Isso implica entender os princípios que regem a variação e a mudança (condi-

onadores), como a mudança se dá (transição) e por que ela ocorre (encaixamento), conforme estamos procedendo. Pelos dados já apresentados, a situação lingüística que estamos focalizando encontra-se em fase de transição, e, como tal, produz, naturalmente, idiosincrasias e tendências generalizantes.

Através do cruzamento de fatores lingüísticos e extralingüísticos intervenientes na definição da escolha do código lingüístico, não observamos modificações acentuadas na distribuição dos percentuais apresentados, em relação aos dados discutidos anteriormente. Esse resultado confirmou a veracidade dos levantamentos efetuados e dos condicionamentos detectados. Portanto, continuaremos, nas discussões futuras, considerando os fatores de natureza extralingüística, conforme procedemos até o presente no campo investigativo.

Incluimos ainda outras questões relativas ao campo escolar e implicações lingüísticas em discussão.

J) Você gostaria que seus filhos aprendessem ucraniano?

a) sim: 100%

b) por quê?

... Por causa da tradição...Porque o ucraniano predomina na região...

... Por causa da religião.../Não dá para rezar se a gente não souber...

... É bom conhecer outra língua.../É bom saber mais línguas.../Vive melhor...Facilita a comunicação...

... Para falar direito.../Acho bonito.../Fica feio a gente ser ucraniano e não saber fala ucraniano...

... Acho bonito...

L) Você gostaria que seus filhos aprendessem português?

a) sim: 100%

b) por quê?

... É mais usada...

... Para ir melhor na escola...

... É melhor para eles...

... Estamos no Brasil. Tem que saber, né!...

... Deve saber Português porque estamos no Brasil...

... Quanto mais línguas souber, mais facilidade terá de se comunicar com o mundo...

... Ter um emprego melhor...

Nas respostas e justificativas dadas, misturam-se dimensões das mais variadas naturezas, como por exemplo:

- a) linguagem e identidade;
- b) linguagem e religião;
- c) linguagem e historicidade;
- d) fatores de manutenção e de substituição da língua minoritária;
- e) consciência metalingüística dos sujeitos bilíngües.

11.10.7 - Escolha da língua em domínio público: eventos sociais

O dia-a-dia de uma comunidade inclui, geralmente, a participação em eventos socioculturais, como festas de igreja, de escola, bailes, apresentações teatrais, entre outros. Nessas situações, a opção por um código lingüístico pode revelar ou a influência do local ou da relação social entre os participantes do evento comunicativo. Por incluir um comportamento ritualístico, isto é, repetitivo ou esperado, a dimensão da relação social em eventos dessa natureza tende a ser mais formal. Mas pode incluir também os tipos, o modo e a disposição normal dos comportamentos permitidos no grupo, caracterizando a dimensão de informalidade. Os índices percentuais discutidos a seguir, poderão revelar algo sobre os aspectos elencados, presentes ou ausentes, no grupo que estamos estudando.

As questões que originaram as respostas configuradas na Tabela 21 foram duas. A primeira — “Em que língua você fala com seus amigos” — implica as seguintes situações e locais:

- I) Festa da escola?
- II) Festa da igreja?
- III) Festa em outras cidades?

IV) Festa ucraniana?

A segunda — “Quando você vai a um baile ou clube, que língua você usa para falar com” — envolve os seguintes interlocutores:

V) Pessoas conhecidas do interior?

VI) Pessoas conhecidas da cidade?

VII) Moças ou senhoras conhecidas do interior?

VIII) Moças ou senhoras conhecidas da cidade?

Selecionamos um conjunto de eventos que ocorrem em domínios públicos e cujas relações sociais foram especificadas como sendo “entre amigos” para as quatro primeiras questões e relações sociais que podem ser “formais” pois são eventos comunicativos efetivados com “pessoas conhecidas” para as últimas quatro questões.

C) ÍNDICE TOTAL DE REFERÊNCIA

C1) Questões: I-II-III-IV

C2) Questões: V-VI-VII-VIII

a) Português:	48,2%	a) Português:	48,5 %
b) Ucraniano:	1,9%	b) Ucraniano:	0,0%
c) P/U:	49,9%	c) P/U:	51,5%

A relação social “entre amigos” implica necessariamente dimensões de informalidade, intimidade ou solidariedade. Porém, o índice de referência pela opção da língua minoritária foi altamente inexpressivo. Ao se interpretarem os resultados acima, junto à constituição das redes de amizade, verifica-se que elas são formadas por pessoas bilíngües e monolíngües, conforme se constatou em levantamentos anteriores. Assim, nas interações comunicativas informais, também interfere a competência bilíngüe ou monolíngüe dos interlocutores ou ouvintes, na opção por um dos códigos lingüísticos em tela. Dessa forma, a interferência do contexto espacial tem, novamente, discreta importância nos resultados aferidos.

Em relação ao segundo grupo de questões, a não-interferência do contexto espacial na determinação da regra de opção pelo código lingüístico é mais proeminente. O determinante da opção pela estratégia comunicativa bilíngüe é a relação social que se pode manter com “pessoas conhecidas”: aí se incluem as relações formais e as informais, as íntimas ou as so-

lidárias. Portanto, a indefinição da relação social entre os interlocutores só poderia provocar um resultado alternativo:

... depende de quem seja... se for alguém que eu conheço muito e falar em ucraniano, eu falo em ucraniano; se não for ucraniano e não falar ucraniano, eu falo em "brasileiro"... não interessa onde a gente esteja... (Entrevista n. 12, 1997).

Portanto, o local da interação se revela como tendo discreta participação na construção da regra de opção por um dos códigos lingüísticos disponíveis para os sujeitos em estudo.

Tal afirmação é corroborada através da análise de outros dados, como os obtidos a partir das questões subseqüentes.

- D) Quando você vai a um baile ou clube, que língua você fala com:
- | | |
|--|--------|
| a) pessoas desconhecidas do interior: | 100% P |
| b) pessoas desconhecidas da cidade: | 100% P |
| c) moças e senhoras desconhecidas do interior: | 100% P |
| d) moças e senhoras desconhecidas da cidade: | 100% P |

Mesmo efetuando o levantamento estatístico em dois grupos, as variáveis sociais que se mostraram intervenientes na definição pela opção do código lingüístico continuam a ter a mesma atuação nesse levantamento; por isso deixamos de transcrever os índices percentuais detectados. No norte do município, por exemplo, há mais referência ao uso da opção bilingüe. É interessante destacar que, nessa região, o contexto geográfico "interior" parece apresentar interferência na escolha do código lingüístico. A partir disso, pode-se levantar a hipótese de que o local da interação já deve ter tido papel ativo nas operações lingüísticas efetuadas pela comunidade de fala ucraniana em estudo. Hoje, resta-lhe a função de ser a língua do "interior", no inconsciente dos falantes de língua ucraniana de Prudentópolis.

A variável social "escolaridade" evidenciou o condicionamento da maior escolarização junto à maior referência de uso da língua minoritária para o segundo grupo de questões apenas. Conforme colocações feitas anteriormente, reiteramos a necessidade de estudo específico sobre o encaixamento lingüístico dessa variável social.

Focalizando a distribuição dos índices percentuais nos temas em discussão no momento, obtém-se o seguinte resultado:

E) Que língua você fala com seus amigos na:

a) festa da escola:	57,9% P	1,1% U	41,0% P/U
b) festa da igreja:	26,1% P	3,5% U	70,4% P/U
c) festa em outras cidades:	75,0% P	0,0% U	25,0% P/U
d) festa ucraniana:	34,0% P	3,4% U	62,6% P/U

F) Quando você vai a um baile/clube, que língua você usa para falar com:

e) Pessoas conhecidas do interior:	46,5% P	0,0% U	53,5% P/U
f) Pessoas conhecidas da cidade:	48,8% P	0,0% U	51,2% P/U
g) Moças ou senhoras conhecidas do interior:	50,0% P	0,0% U	50,0% P/U
h) Moças ou senhoras conhecidas da cidade:	48,8% P	0,0% U	51,2% P/U

Observam-se dois blocos de resultados, embora as diferenças entre ambos tenha sido relativamente inexpressiva. De modo geral, o tipo da relação social que vigora entre os interlocutores, acrescida aqui do tipo de evento, pode influenciar na operação lingüística em discussão. Observa-se também a influência secundária, mas ainda existente, conforme já apontamos, do contexto geográfico da interação comunicativa na determinação da escolha de um dos códigos disponíveis para a população bilíngüe em estudo. Por exemplo, nos resultados aferidos em "c", acima. De acordo com o que já apontamos anteriormente, ainda é bastante difundida na região em estudo a conscientização de que só existem ucranianos ou descendentes de ucranianos, majoritariamente, em Prudentópolis, e que apenas nesse município paranaense se fala ucraniano.

Os dados aferidos neste campo investigativo apontam para a conclusão de que a estratégia comunicativa bilíngüe é referida pelos sujeitos em estudo quando a relação com o interlocutor é do tipo generalizado, como a que incluímos nas questões elencadas acima. O tipo de evento tem atuação também discreta na determinação da escolha de um dos códigos lingüísti-

cos em discussão.

Nas interações pragmáticas que envolvem a relação social de amizade ou “conhecimento da pessoa”, a opção preferencialmente referida foi a de P/U ou P. Observa-se a identificação com os demais dados levantados e discutidos anteriormente. Tais resultados apontam para o fato de que a comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis não poderia continuar segregada, após mais de um século de convivência em terras brasileiras.

11.10.8 - Escolha da língua em domínio público: igreja

O vínculo entre rito e língua, solidificado desde a origem da liturgia ucraniano-católica, ainda se mantém em Prudentópolis. A participação desse fator na preservação da língua minoritária já foi amplamente confirmada neste estudo. Em função disso, elaboramos uma bateria de questões que têm a finalidade de revelar a possível penetração da língua portuguesa nas interações verbais com religiosos, levando em consideração também o contexto espacial, conforme estamos procedendo em outros campos já discutidos.

A) Aqui há celebrações de missa em ucraniano e em português?

- | | | |
|------------------|-----|--------|
| a) em Português: | sim | 100,0% |
| b) em Ucraniano: | sim | 95,5% |

Há mais igrejas do rito latino, no município de Prudentópolis, do que do rito ucraniano. Nos núcleos rurais em que inexitem igrejas ucraniano-católicas, os moradores geralmente participam das celebrações religiosas do rito católico-apostólico-romano. Eventualmente se dirigem aos núcleos rurais ou à sede urbana, para participar dos rituais religiosos ucraniano-católicos.

B) Você acha bom haver missas em:

- | | | |
|---------------|-----|------|
| a) Português: | sim | 100% |
| b) Ucraniano: | sim | 100% |

C) Você aprendeu a rezar em:

- | | | |
|---------------|-----|--------|
| a) Português: | sim | 95,4% |
| b) Ucraniano: | sim | 100,0% |

Constata-se que a condição de língua da religião, que usufrui a língua ucraniana, está bastante presente no dia-a-dia da comunidade de fala ucraniana. Isso é reflexo da solidez e da importância que assume a organização religiosa ucraniano-católica, que se instaurou na região aproximadamente há três décadas, e que ainda se mantém, de acordo com o que já relatamos neste estudo.

As questões que deram origem à distribuição das opções lingüísticas dispostas na Tabela 22 foram cinco. A primeira — “Quando você está na igreja, que língua você usa para falar com ...” — envolveu os seguintes interlocutores:

I) Padre ou pastor?¹³

II) Catequistas?

III) Religiosas?

As outras duas implicam as seguintes situações ligadas à religiosidade do entrevistado:

IV) Em que língua você se confessa?

V) Quando você reza em silêncio, em que língua você reza?

Como língua das interações verbais com interlocutores que pertencem ao campo religioso, a língua ucraniana domina de modo quase categórico na comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis, enquanto a penetração da língua portuguesa revelou estar em fase inicial, na situação em foco.

G) ÍNDICE TOTAL DE REFERÊNCIA

a) Português: 2,9%

¹³ No grupo de bilíngües em estudo não há ninguém de confissão religiosa evangélica. Todos são católicos-ucranianos. Caso houvesse informantes pertencentes a outras religiões, o resultado, com certeza, teria sido outro.

b) Ucraniano: 59,6%

c) P/U: 37,5%

As variáveis extralingüísticas apresentaram o seguinte comportamento na distribuição dos índices percentuais:

H) SEXO

a) masculino: 4,5% P 54,0% U 41,5% P/U

b) feminino: 1,3% P 65,0% U 33,7% P/U

I) FAIXA ETÁRIA

a) 7 a 14 anos: 2,5% P 56,3% U 41,2% P/U

b) 15 a 25anos: 4,1% P 46,8% U 49,1% P/U

c) 26 a 50 anos: 0,8% P 57,6% U 41,6% P/U

d) > 50 anos: 4,1% P 76,8% U 19,1% P/U

J) REGIÃO

a) Sede Urbana: 10,6% P 18,2% U 71,2% P/U

b) Prim. Col.: 0,0% P 59,1% U 40,9% P/U

c) Sul: 1,5% P 42,5% U 56,0% P/U

d) Norte: 0,0% P 63,7% U 36,3% P/U

Verifica-se que as variáveis sociais “sexo” e “faixa etária”, e a variável geográfica “região” são os fatores extralingüísticos que determinam o maior índice percentual de opção pela língua ucraniana, conforme observamos nos levantamentos anteriores. A variável social “escolaridade” não apresentou, novamente, tendência clara nos resultados aferidos.

Além do alto índice de referência ao uso da língua minoritária no campo investigativo ora em discussão, observa-se também índice bastante elevado de opção pela língua ucraniana na faixa etária “7 a 14 anos”. Tal resultado indica a vitalidade da língua minoritária na comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis e, possivelmente, a ainda longa permanência da situação de diglossia no domínio funcional em discussão.

L) INTERLOCUTORES E OPÇÃO LINGÜÍSTICA

a) padre: 3,4% P 52,3% U 44,3% P/U

b) catequistas:	2,2% P	43,3% U	54,5% P/U
c) religiosas:	3,4% P	42,1% U	54,5% P/U
d) confessa?	1,1% P	80,8% U	18,1% P/U
e) reza em silêncio:	4,5% P	79,6% U	15,9% P/U

Em princípio, constata-se alto índice de referência da estratégia comunicativa bilíngüe com interlocutores para os quais a determinação do uso da língua ucraniana era regra, e não opção. Esse resultado revela a interferência da dimensão de solidariedade (Brown & Gilman, 1960) nas relações entre religiosos e paroquianos e, conseqüentemente, a interferência de condicionantes socioculturais que ocasionaram o processo de mudança da situação lingüística que estamos analisando, na comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis.

A relação social com qualquer um dos cinco interlocutores elencados acima é predominantemente formal. Sendo assim, pelas conclusões levantadas anteriormente, a língua portuguesa seria a opção preferencial. Ter-se-ia, com certeza, esse resultado, caso o ucraniano não fosse historicamente uma língua etnorreligiosa. Então, se o uso se referir ao campo religioso, o traço “formalidade”, determinante da opção pela língua majoritária é, aparentemente, anulado, em detrimento do domínio funcional atribuído à língua ucraniana.

Dissemos que o traço formalidade é aparentemente anulado nas interações verbais em discussão porque, ao examinarmos os índices referenciais acima, observa-se que os três primeiros interlocutores arrolados implicam a mesma relação social: os índices referenciais foram basicamente idênticos; nos dois últimos também se mostram idênticas as relações sociais, implicando também a identificação entre os dois resultados. Assim, destacam-se, aqui, dois tipos de relações formais. Se considerarmos uma distinção ainda mais apurada, as relações entre os interlocutores arrolados acima, inerentes aos atos de fala em discussão, chegam a formar um “continuum:

Ato de se confessar > Ato de rezar > Padre > Catequistas > Religiosas.

A língua portuguesa, por outro lado, está progressivamente penetrando nesse domínio funcional, embora de modo bastante lento, através da

estratégia comunicativa bilíngüe.

Comparando os resultados aferidos acima com aqueles relativos à escolha da língua nas interações pragmáticas já discutidas, obtêm-se os seguintes valores sintetizantes:

A) Interlocutores pertencentes ao domínio privado:

Familiares e relações sociais íntimas:	16,9% P	27,6% U	55,5% P/U
--	---------	---------	-----------

B) Interlocutores pertencentes ao domínio público:

Relações comerciais e relações sociais diversas:	91,5% P	1,6% U	6,9% P/U
Escola:	57,0% P	9,8% U	33,2% P/U
Relações com amigos:	51,5% P	17,4%U	31,1% P/U
Relações com pessoas conhecidas:	48,8% P	0,0% U	51,2% P/U
Igreja:	2,9% P	59,6% U	37,5% P/U

Entre as várias leituras que se podem fazer do levantamento sinóptico acima, destacamos:

- 1) os "status" das línguas evidenciam-se: de um lado a língua portuguesa, majoritária, invadindo progressivamente os domínios funcionais desempenhados por qualquer língua natural; de outro, a natural e progressiva restrição do domínio funcional que sofre a língua de imigração ao ser transplantada de seu país de origem, configurando-se funcionalmente, na região em estudo, como língua minoritária;
- 2) a permanência da situação diglósica na língua ucraniana e a situação de bilingüismo em relação à língua portuguesa, após mais de um século de interação no contexto situacional entre português e ucraniano; desde o início da situação de contato-conflito lingüístico, em que as duas línguas se envolveram, situaram-se como:
 - língua mercantil: português;
 - língua etnorreligiosa: ucraniano.
- 3) a estratégia comunicativa bilíngüe indica, além do que já foi amplamente apresentado, a opção preferencialmente utilizada na co-

municação com amigos ou pessoas conhecidas, e a mudança lingüística em progresso, no contexto sociolingüístico em estudo.

Após levantamentos efetuados, chegamos ao seguinte “continuum”, relativo às funções desempenhadas pelas línguas em estudo, na comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis:

- A) Língua portuguesa:
- a) língua mercantil;
 - b) língua oficial do país de adoção;
 - c) língua da educação;
 - d) língua dos domínios privados;
 - e) língua da religião.
- B) Língua ucraniana:
- a) língua da religião;
 - b) língua dos domínios privados;
 - c) língua da educação;
 - d) língua mercantil.

Tal disposição conduz à heterogeneidade constitutiva da fala, por um lado, e, por outro, à heterogeneidade funcional da linguagem. Tornou-se previsível também, através dos levantamentos efetuados com base nos resultados obtidos, a especialização do registro de uso da língua ucraniana, como língua da religião, dentro do modelo “diglósico” de Hamel e Sierra (1983).

Observamos também que em nenhum dos contextos situacionais já apresentados, a língua ucraniana foi totalmente substituída, conforme aconteceu, na região, por exemplo, com a língua polonesa. Há registros de que essa língua foi amplamente utilizada em Prudentópolis, há aproximadamente 50 anos.

Na disposição do domínio funcional que ambas as línguas desempenham ainda no limiar do século XX, várias mudanças já se operaram. Por não terem sido concluídas, a disposição do domínio funcional terá ainda, com certeza, várias reorganizações. Assim, pelo que já foi exposto, a situa-

ção lingüística da região em estudo foi, ainda é, e continuará sendo bastante complexa.

Acrescentamos ainda que o levantamento dos domínios funcionais listados acima só foi possível porque os bilíngües ucranianos de Prudentópolis, integrantes da população-alvo, revelaram possuir uma noção precisa do valor funcional das duas línguas que coexistem na região.

Conforme procedemos em outros campos investigativos, neste também mantivemos os mesmos interlocutores e acrescentamos o fator “local”, para observarmos sua implicação na determinação de uso do código lingüístico.

M) Fora da igreja, que língua você usa para falar com o/as

- a) padre?
- b) catequistas?
- c) religiosas?

Oito sujeitos (9,05%) disseram que mudam de uma opção para outra, quando ocorre alteração no local da interação verbal. As mudanças lingüísticas referidas foram: P/U – P; U – P/U; U – P.

Apesar de o resultado não ter sido expressivo, a mudança de uma língua para outra revela a discreta interferência do contexto situacional na escolha de um dos códigos lingüísticos em tela, conforme anteriormente apontamos.

Ao rol de interlocutores listados acima, acrescentamos interlocutores que não se relacionam com atividades religiosas. Serão discutidos junto a esta unidade porque situamos o ato comunicativo em ambiente religioso, isto é, dentro da igreja.

N) Quando você está na igreja, que língua você usa para falar com:

- | | | | |
|-------------------|----------|---------|-----------|
| a) conhecidos? | 1,1% P | 12,6% U | 86,3% P/U |
| b) desconhecidos? | 100,0% P | 0,0% U | 0,0% P/U |

Constata-se, novamente que a relação social anula a possível influência generalizada do local da interação verbal na opção por um dos códigos lingüísticos a disposição da população-alvo.

A estratégia comunicativa bilíngüe revela aqui, entre outras implicações já apresentadas, a existência de monolíngües em português, no rol de pessoas conhecidas dos sujeitos em estudo, que freqüentam, atualmente, a igreja católico-ucraniana de Prudentópolis.

Este campo de investigação demonstrou, entre todas as implicações apontadas, que o vínculo entre língua e religião, solidamente cimentado há mais de mil anos, é um dos principais fatores responsáveis pela vitalidade da língua minoritária em contexto social e geográfico de coexistência com uma língua majoritária.

11.10.9 - As redes de comunicação e relações preferenciais

Após efetuarmos o levantamento sobre as opções lingüísticas em discussão, apontadas pela população-alvo, tendo recuperado a ordem dinâmica do fenômeno lingüístico em foco, tornou-se possível traçar o perfil dos tipos de redes de comunicação em que os sujeitos desse estudo se encontram inseridos. A rede de relações preferenciais de um informante, segundo Steiner (1988), são os vizinhos mais próximos, pessoas com quem o informante melhor se relaciona, incluindo membros da família, e as pessoas com quem conversa mais seguidamente, além da família. Selecionamos três sujeitos da população-alvo, cujas variáveis sociais e geográficas revelaram ser os fatores condicionantes das opções lingüísticas apontadas: sexo (feminino), faixa etária (< 50 anos) e região (sede urbana, sul e região norte).

O tipo de rede representado graficamente pela Figura 9 apresenta um índice reduzido de uso da língua ucraniana, característica de uma rede de trama aberta.

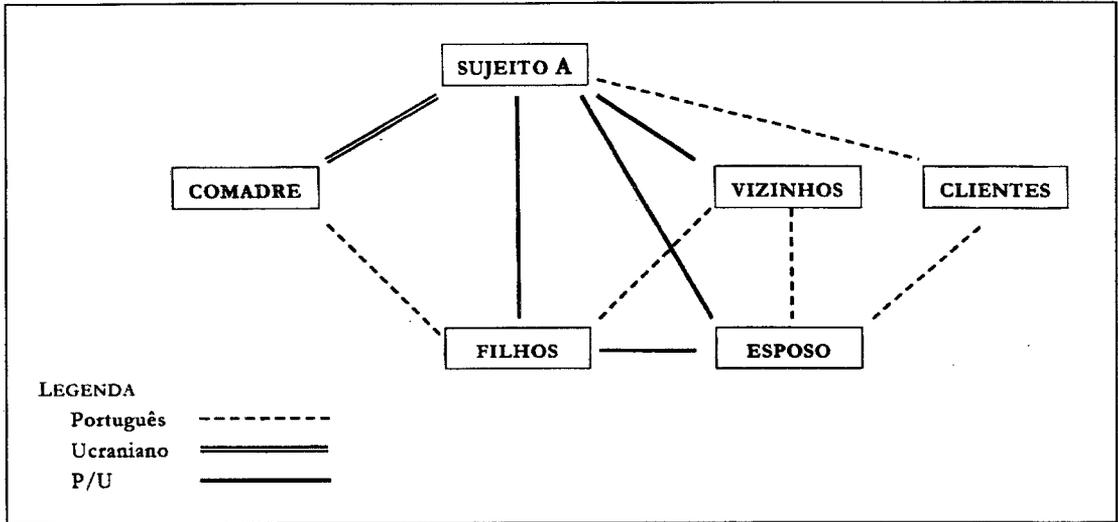


Figura 9 – Sujeito A: sede urbana.

O sujeito B apresenta uma rede mais densa de relações familiares, conforme se pode observar na reprodução gráfica da Figura 10. Representa também uma maior flexibilidade com relação ao controle das línguas, uma vez que utiliza todas as opções lingüísticas disponíveis para os sujeitos bi-língües em estudo. Desta forma este sujeito convive em uma rede intermediária de relações.

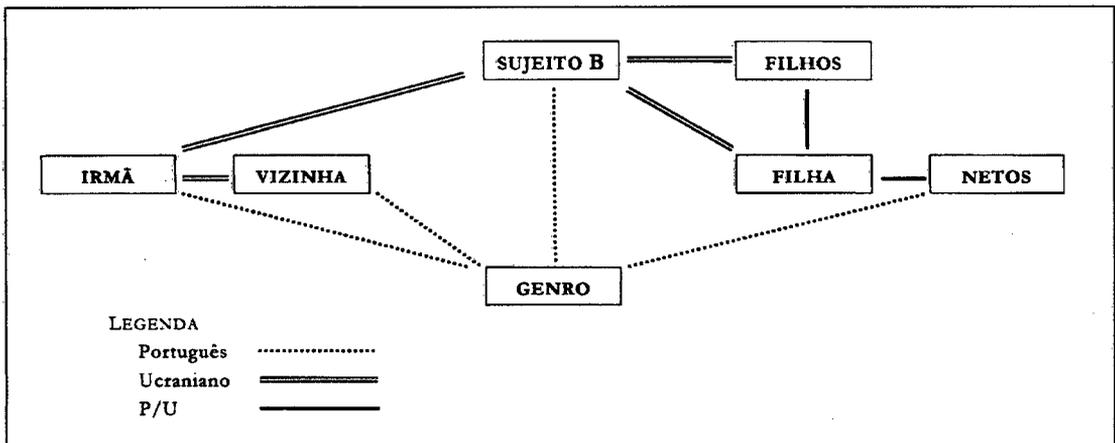


Figura 10 – Sujeito B: sul do município.

Observa-se elevado grau de densidade na rede de relações do sujeito C (Figura 11), e de uso da língua ucraniana na rede. Nessa mesma linha de interpretação, verifica-se o acesso limitado desse sujeito à língua portuguesa, baixa densidade de papéis sociais e integração com limitado número de pessoas. Dessa forma, a rede de relações se caracteriza como fechada.

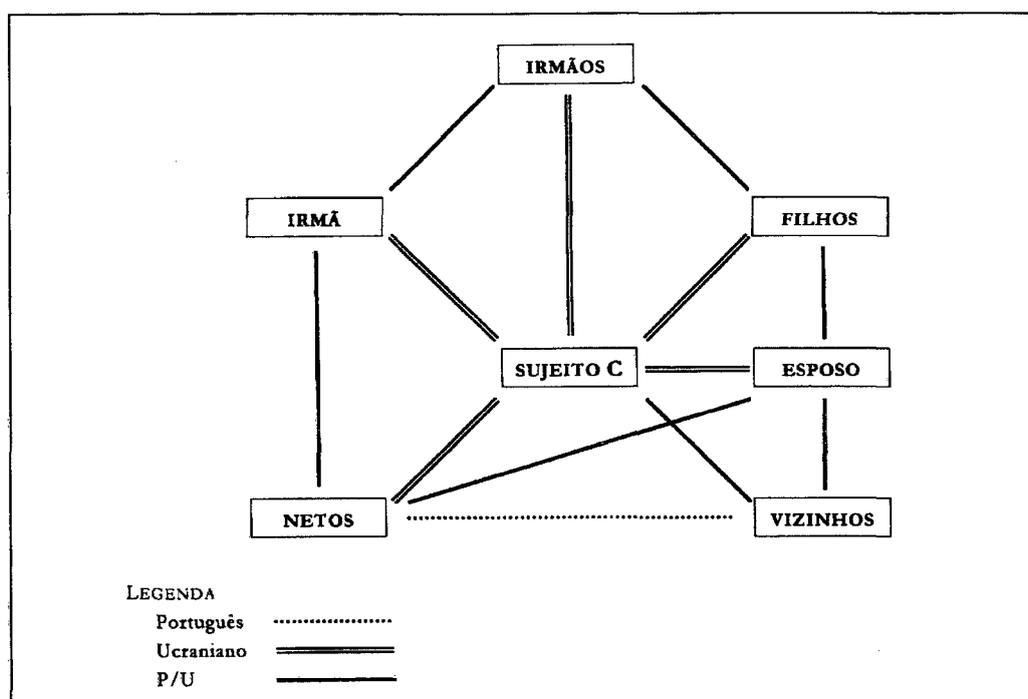


Figura 11— Sujeito C: norte do município.

É interessante destacar que todos os sujeitos selecionados tem acesso à língua portuguesa mediante os meios de comunicação de massa, os vizinhos, o comércio, a escola, os amigos e parentes. Por outro lado, o tipo de rede que detectamos no sujeito C caracteriza a maior parte das redes de relações preferenciais dos sujeitos que integram a presente amostragem, residentes na região norte do município. Podemos indicar, dessa forma, que além dos demais fatores já mencionados anteriormente, tais como “sexo” e “faixa etária”, as características de densidade da rede familiar também devem exercer influência na manutenção da língua minoritária. Isso confirma as conclusões de Bortoni-Ricardo (1985, 1989), de que as redes densas de relações, isto é, fechadas, reforçam o uso da língua étnica, aumentando a resistência a inovações. E, neste estudo, resistência à adoção da língua portuguesa.

11.11 - CONSIDERAÇÕES COMPLEMENTARES AO USO DAS LÍNGUAS EM SITUAÇÕES BILÍNGÜES

Apontamos, anteriormente, estarmos partindo do pressuposto de que a prática discursiva constitui parcela significativa da realidade social. Assim, não a vemos como simples meio de comunicação, mas como atividade em que os falantes criam regras sociolinguísticas de modo a se aproximarem

dos membros do grupo com o qual desejam identificar-se. Por causa disso, incluímos também questões que se mostrem capazes de revelar as implicações entre a língua e a identidade étnica, assim como as escolhas lingüísticas feitas em atividades ditas “internas” ao indivíduo, como sonhar, contar, praguejar, etc.

11.11.1 - Linguagem e identidade étnica

Quando ocorre um vínculo triplo entre língua, religião e identidade étnica, como a que verificamos na comunidade ucraniana de Prudentópolis, instaura-se o que Fishman (1997) denomina como dimensão moral da identidade etnolingüística e da consciência etnolingüística. É dessa forma que a língua muitas vezes se vincula à “alma” ou ao “espírito” de nacionalidade de um grupo étnico. Com base nesse tipo de realidade etnolingüística constatada na comunidade de fala ucraniana em estudo, acrescentamos ao instrumento de pesquisa, as duas questões seguintes:

A) Qual a língua de que você gosta mais?

- | | |
|---------------|--------------------|
| a) Português: | 31,8% |
| b) Ucraniano: | 55,2% |
| c) P/U: | 9,5% |
| d) Inglês: | 3,5% ¹⁴ |

B) Qual a língua que você acha mais bonita?

- | | |
|---------------|-------|
| a) Português: | 11,3% |
| b) Ucraniano: | 72,6% |
| c) P/U: | 8,1% |
| d) Inglês: | 5,6% |
| e) Italiano: | 1,2% |
| f) Japonês: | 1,2% |

Em ambas as questões emergem a dimensão moral e a associação ao que é chamado de consciência nacionalista. Porém constata-se aí a tensão

¹⁴ Os informantes que fizeram as referências a inglês, italiano e japonês são todos da faixa etária “1” e “2” e com escolarização relativa ao Ginásio.

entre o insuperável valor da tradição, aliado ao domínio funcional do ucraniano como língua da religião, com os potenciais indiscutíveis da modernidade, aos quais seus adeptos aspiram. Ainda presente nessa arena: a necessidade de aquisição da competência comunicativa do país de adoção que é, para a grande maioria deles, a língua oficial e língua majoritária da sua pátria. Em tal contexto lingüístico, não é de se estranhar a situação de conflito lingüístico. Não cabe, portanto, considerar a realidade lingüística que estamos descrevendo como simples contato entre as línguas.

11.11.2 - Escolha da línguas em domínios “internos”

Segundo Mackey (1968), alguns bilíngües podem usar uma e sempre a mesma língua para todas as expressões internas. Com base nessa hipótese e na ocorrência de atividades lingüísticas dessa natureza, incluimos as questões que seguem:

A) Você já sonhou em:

a) Português: sim: 96,5%

b) Ucraniano sim: 65,9%

B) Em que língua você sonha?

a) Português: 49,2%

b) Ucraniano: 2,7%

c) P/U: 48,1%

C) Quando você faz contas de cabeça, você as faz em que língua?

a) Português: 95,4%

b) Ucraniano: 2,3 %

c) P/U: 2,3%

D) Numa briga bem violenta, em que língua você pragueja/xinga?

a) Português: 50,4%

b) Ucraniano: 3,7%

c) P/U: 45,9%

Exceto para a atividade de fazer as contas mentalmente, em que se verifica um domínio praticamente categórico da língua portuguesa, a hipótese

levantada por Mackey (1968) não se confirmou aqui com relação às duas outras. Os sujeitos em estudo disseram utilizar quer a língua majoritária, quer a estratégia comunicativa bilíngüe para os domínios funcionais ditos “internos”.

Todos os resultados dessa unidade apontam para maior índice de referência ao uso da língua portuguesa, o que evidencia o caráter majoritário que a língua oficial do Brasil já adquiriu junto à comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis. Pode-se acrescentar, também, que são os sujeitos bilíngües que atribuem à língua portuguesa esse “status” funcional.

Em ambas as unidades discutidas, as variáveis sociais continuam a apresentar o condicionamento que vem sendo recorrente em todos os campos investigativos já discutidos. Por isso, não vemos necessidade de configurar a distribuição dos dados em tabela, para essa unidade.

11.12 - AVALIAÇÕES METALINGÜÍSTICAS SUBJETIVAS

Em várias passagens deste estudo fizemos referência à consciência metalingüística dos sujeitos bilíngües, apontada pelos estudos sobre bilíngüismo. Nesta unidade vamos observar diretamente alguns dos componentes que fazem parte do complexo campo de investigação sobre a consciência metalingüística.

A) Qual a língua que você acha mais fácil?

- a) Português: 69,3%
- b) Ucraniano: 19,4% (Informantes com mais de 50 anos)
- c) P/U: 11,3%

Explicita-se nesse resultado o fato de que uma língua transplantada de seu local de origem se transforma, inclusive pela criação de normas em conformidade com o meio em que ela se instalou. Ao mesmo tempo, ela não segue exatamente as transformações lexicais nem as novas expressões que ocorrem no país de origem, forçando a ocorrência do chamado “code-switching”. Disso resulta certa defasagem, que foi captada pelos bilíngües em estudo. Algumas das justificativas dadas, que transcrevemos abaixo, avalizam as colocações feitas aqui:

Referências à língua portuguesa:

... Todos falam daí fica mais prático...; ... Uso mais...; ... Falo mais...; ... É mais falado...; ... É mais usado...; Português é mais conhecido...; Português tem mais expressão...; A gente se comunica com mais gente...

... Sai melhor o português e não é tão enrolado...

... Estou no Brasil...

... Ucrâniano é mais difícil; ... Português é mais fácil...

... Já estou acostumada...

... Aprendi primeiro...

Referências à língua ucraniana:

... Aprendi primeiro...; É minha primeira língua...

... Aprendi na escola e em casa...

Referência à opção bilíngüe:

... Falo as duas...

B) É mais fácil pensar em...

- a) Português? 67,0%
- b) Ucrâniano? 20,5% (informantes com mais de 50 anos)
- c) P/U? 12,5%

C) Em que língua é mais fácil falar suas idéias?

- a) Português: 65,9%
- b) Ucrâniano: 22,8%
- c) P/U: 11,3%

Os índices percentuais mantiveram-se estáveis nas três questões, o que acrescenta aos resultados maior coerência, uma vez que todos eles versam sobre o mesmo campo de investigação.

Outra coerência constatada reside no índice maior de referência à língua portuguesa: sendo ela a língua majoritária, só poderia provocar o surgimento de um resultado dessa natureza.

Entre “achar mais fácil”, “pensar” e “falar” ocorre uma progressão sutil de preferência pela língua ucraniana: Os hábitos articulatórios já adquiridos interferem nessa opção? Possivelmente sim.

Junto com a questão C, constante acima, indagamos sobre o porquê da opção feita e obtivemos as seguintes justificativas:

Referência à língua portuguesa:

... Falo mais...; ... É mais usado...; ... Conheço mais a língua...; ... Entendo mais...; ... Conheço melhor o português...; ... Tem muitas palavras que eu não conheço em ucraniano...

... É mais fácil...; ...É mais fácil de entender...; Ucraniano é muito complicado...; ... É mais fácil se expressar em português...

... Aprendi primeiro...

... Porque estamos no Brasil...

Referência à língua ucraniana:

... Foi a primeira língua que aprendi...; ... É a minha primeira língua...

... Me acostumei a falar em ucraniano...; ... Sou mais acostumada a falar em ucraniano...

... Prá mim é mais fácil pensar e falar em ucraniano...

... exercito a convivência falando em ucraniano...

... Me parece que toca mais fundo fala em ucraniano...

... Falo mais em ucraniano porque assim ninguém percebe quando falo errado...

Referência às duas línguas:

... Falo as duas...

... Aprendi as duas...

... Depende da ocasião...

Nas justificativas dadas, cruzam-se concepções metalingüísticas bastante claras e das mais variadas natureza, junto à indiscutível presença da tradição e da consciência nacionalista.

D) Você acha que a língua ucraniana vai continuar sendo falada aqui?

a) sim: 80,6%

b) não: 19,4%

Em relação à resposta afirmativa, as razões podem ser estas:

... Por causa da tradição...; Tem pessoas que estão ainda cultivando a tradição...

... Por causa da religião...

... Um ou outro ainda vai falar...; ... Ainda tem criança que fala...; ... Estão ainda falando...; ... Tem pessoas que ainda falam... ; ... A maioria só fala em ucraniano...

... Ainda estão aprendendo...; ... É ensinado...; ... Estão ainda ensinando para os filhos...

... Tem muito ucraniano ainda...; Tem bastante descendentes de ucraniano aqui...; ... A maioria das pessoas que mora aqui são de origem ucraniana...;

... Se tiver aulas de ucraniano e catequistas para ensinar a ler e a escrever, vai continuar...

... Hoje tem incentivo...; ... Agora as pessoas estão mais interessadas em aprender...

... Se depender de mim, dos meus filhos e dos meus netos, na sociedade, no colégio e na igreja vão continuar falando em ucraniano e só em ucraniano...

Quanto às respostas negativas, os depoimentos referem que:

... Nós já não falamos...; Não tem mais gente falando...; ... Ninguém mais fala em ucraniano...; ... Está se acabando...; ... Poucas pessoas sabem...; ... Os jovens não falam mais...; Os pais deixaram de falar...; ... Os pais estão abandonando...

... Os pais não estão ensinando mais...

... Toda a comunicação é em português...

A partir de tais justificativas, torna-se óbvio por que, sob certas circunstâncias de relevância etnolingüística intensificada, as ações são tão frequentemente empreendidas para promover e implementar essa língua já repleta de etnicidade.

Constata-se também, nesse rol de justificativas dadas, a instauração do conflito lingüístico entre o ideal lingüístico visado e a realidade em que a língua minoritária se encontra, pois o índice percentual que revela sua real situação na região foi relativamente baixo: 10,0%. Para Fishman (1997), tem-se aí a comprovação de que o imaginário da etnicidade comumente recobre a real situação funcional de uma língua.

E) Como você acha que fala português:

a) Perfeito português de Prudentópolis, como qual- quer pessoa daqui	14,7%
b) Muito bem, mas não perfeito	15,9%
c) Mais ou menos bem.	51,1%
d) Não muito bem.	15,9%
e) Quase não falo.	2,4%
F) Como você acha que fala ucraniano:	
Perfeito ucraniano falado em Prudentópolis	12,5%
Muito bem, mas não perfeito	15,9%
Mais ou menos bem	42,0%
Não muito bem	21,5%
Quase não falo	8,1%

Esse exercício de auto-avaliação sobre a competência lingüística para cada uma das línguas em discussão complementa o quadro, amplo e bastante detalhado, a respeito dos reais usos das línguas, nos contextos com que os descendentes de ucraniano se confrontam, tanto na conversação comum, quanto em situações interacionais autênticas.

Julgaram falar “mais ou menos bem” ambas as línguas. Esse tipo de julgamento, porém, foi superior em relação à língua portuguesa e menor em relação à ucraniana. Acrescentamos nessa unidade as justificativas dadas acima pelos sujeitos bilíngües, porque elas também cabem aqui. Há ainda outros elementos detectados, tais como:

- esporadicamente, ao tentarem manter contato com monolíngües em ucraniano, vindos do exterior — da Ucrânia, por exemplo —, a comunicação não se efetua ou se torna muito difícil e precária; eles atribuem essa situação à não-aprendizagem “perfeita” da língua de seus predecessores; porém, entre os vários motivos dessa problemática está o de que a língua ucraniana no Brasil se “abrasileirô”, enquanto na Ucrânia, se russificou;
- muitos deles não tiveram contato com a língua ucraniana “padrão” e afirmam falar “cabocriano” — uma espécie de ucraniano “caboclo”.

Tal resultado vem a comprovar que os sujeitos bilíngües estão, de

modo geral, mais aptos a acentuar as diferenças de estrutura entre as duas línguas, ou mais aptos a perceberem a diversidade constitutiva de uma ou de várias línguas.

As variáveis sociais tiveram o mesmo e recorrente condicionamento também neste último campo em análise.

De modo geral, a comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis que utiliza duas línguas em seu cotidiano demonstra ter noção precisa sobre o valor funcional que a língua portuguesa e a língua ucraniana ainda exercem na comunidade. Os resultados aferidos, por sua vez, apontaram o caráter lingüístico, psicossocial e metafórico da operação lingüística da escolha da língua: quer para a família, quer para o indivíduo, como dependente das relações sociais vigentes entre os interlocutores, assim como do grau de bilingüismo ou monolingüismo dos interlocutores habituais. O local teve discreta participação na operação lingüística em tela. Além disso, ficou destacada a necessidade de se considerarem os fatores externos para a explicação da maioria dos fenômenos lingüísticos constatados.

A seguir vamos discutir a fala dos sujeitos bilíngües em P/U de Prudentópolis. Assim, a condição de ser bilíngüe não só foi verificada a partir de um quadro bastante amplo de práticas discursivas, mas, também, a forma pela qual essa condição pode interferir no uso da língua majoritária.

PARTE V
COMPORTAMENTO SOCIOLINGÜÍSTICO DA VIBRANTE
EM CONTEXTO BILINGÜE

12 - SUBSÍDIOS TEÓRICOS PARA A ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA DA VIBRANTE EM CONTEXTO BILÍNGÜE

O processo de aquisição e aprendizagem da língua materna e da segunda língua foi observado e discutido a partir da contribuição de diferentes enfoques teóricos e com objetivos também bastante diferenciados, evidenciando que esse campo de estudo atravessa as fronteiras de diversas disciplinas.

Outras decorrências advindas da observação desse processo resultaram em inúmeros estudos dirigidos, quer sobre a natureza sócio-histórica e política do processo de aquisição-aprendizagem de línguas, quer sobre o desenvolvimento cognitivo-lingüístico da aquisição e aprendizagem de línguas, mais especificamente.

Em relação ao estudo que efetivamos, a natureza desse processo diz respeito à aprendizagem de línguas na situação de contato-conflito lingüístico, assim como à ocorrência de domínio funcional diglósico da língua ucraniana e situação bilíngüe em relação à língua portuguesa. De uma lado, a língua materna, a língua que “teceu o inconsciente” do grupo em observação, ou língua da família, foi transplantada através do processo de imigração e, por conseguinte, passou a ser língua minoritária no cenário brasileiro. A segunda língua, por sua vez, sempre desempenhou a função de língua oficial, de língua franca e, conseqüentemente, é a língua majoritária na região onde se fixaram os imigrantes ucranianos e seus descendentes. Dessa forma, e principalmente por causa do contexto sócio-histórico em que foram inseridas, as duas línguas não podem ser vistas independentes das redes de memória que as teceram e tecem, nem isoladas das filiações sócio-históricas às quais estão continuamente submetidas. Essas foram as diretrizes que comandaram a investigação e a discussão.

Serrani-Infante(1997, p. 76) aponta que:

Instanciada em ressonâncias discursivas, a produção em segunda língua... marca a possibilidade de uma desestruturação-re-estruturação das redes de memória e filiações sócio-históricas de identificação.

Acrescentamos ainda que a produção na segunda língua marca a possibilidade da desestruturação-reestruturação do sistema lingüístico, junto às redes de memória e filiações sócio-históricas de identificação que possam existir. Tal processo lingüístico, que ultrapassa em muito as conseqüências do simples contato de línguas, pode dar origem a um dialeto específico, como resultado lingüístico geral.

12.1 - O PROCESSO DE INTERFERÊNCIA ENTRE LÍNGUAS

A forma de contato na qual as duas línguas em questão se envolveram, junto à necessidade de os indivíduos terem que aprender a língua oficial do país de adoção, foram as responsáveis pelo surgimento de inúmeros fenômenos lingüísticos das mais variadas naturezas, quer funcionais, quer estruturais. Entre os fenômenos funcionais está o surgimento de uma situação lingüística diglôssica e de uma situação bilíngüe, discutidas em unidades anteriores. Os fenômenos estruturais, decorrentes dos funcionais, dizem respeito, por exemplo, aos empréstimos, às interferências e às transferências que ocorrem quando dois sistemas lingüísticos convivem por tempo relativamente longo, como é o caso da situação lingüística que estamos apresentando.

Um dos pioneiros a desenvolver estudos sobre situações interlingüísticas e fenômenos decorrentes dessa situação foi H. Schuchard, estudioso neogramático, o qual, em final do século XIX, fazia as seguintes colocações, conforme aponta Elizaincin (1992, p. 21):

... não existe língua que não tenha sofrido, em algum momento de sua história, um processo de "mescla" ou "contaminação". Da mesma maneira como não existem as razões puras, tão pouco seria possível encontrar línguas puras,..., sem contaminação alguma. ...A mescla é um dos principais fatores responsáveis pela modificação das Línguas...

Assim, Schuchard pode ser considerado o fundador da moderna Lingüística do Contato lingüístico. Porém foi somente após a publicação de "Languages in Contact"(1953), de Weinreich, que os estudos sobre situa-

ções interlingüísticas obtiveram sustentação teórica e discussões consistentes.

Com base em muitas das afirmações feitas por Weinreich, os estudos voltados para o ensino de línguas estrangeiras forneceram subsídios para o surgimento da Lingüística Contrastiva, enquanto os relativos a situações de contato de línguas deram origem às atuais Lingüística do Contato lingüístico ou Lingüística do Conflito, apresentadas em unidades anteriores.

Para a primeira linha de pesquisa, a que tem por objetivo o ensino de línguas, o fenômeno da interferência e outras questões similares passaram a ser um dos temas mais visados. Entre as muitas definições encontradas sobre a relação interferência-ensino, convém destacar, por exemplo, a de Waldman (1966, p. 288-289), que define como hábito negativo o processo de passagem inconsciente de regras gramaticais da L1 para a L2. Há evidente preocupação didática nessa concepção, na medida em que Waldman atribui valores ou conceitos negativos aos processos resultantes. Ainda nessa linha de pesquisa, encontra-se em Krashen (1984, p. 27) uma hipótese proposta por Newmark (1966), que vê o fenômeno da interferência, por exemplo, como falha metodológica revelada no binômio ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira¹:

...performers who are asked to produce before they are "ready" will fall back on first language while speaking the segund language.

Observa-se que um dos processos ocorrentes nessa situação, da interferência, é visto como uma operação mecânica, isto é, não como um processo interacional ocorrente entre duas línguas. Utilizam-no basicamente como meio para se prever e listar os prováveis erros que as metodologias de ensino e os aprendizes de uma L2 podem cometer em sala de aula. Desse estudos behavioristas surgiram, por exemplo, concepções que implicaram e ainda implicam a rotulação do bilíngüe como um aprendiz lingüisticamente deficiente. Segundo Vandresen (1988, p. 75), esses estudos são taxionômicos ou estruturalistas quanto aos postulados lingüísticos, e behavioristas ou empiristas quanto aos princípios da psicologia da aprendizagem, principalmente aqueles que têm por base a lingüística contrastiva.

As abordagens que consideram a interferência como processo negati-

¹¹ ... executores que são inquiridos a produzir antes de estarem "prontos" voltam à primeira língua enquanto produzem a segunda.

vo, fizeram com que vários estudos sobre situações interlingüísticas fizessem críticas ao termo “interferência”. Fishman (1968, p. 29), por exemplo, indica que o termo, quando usado para se referir à fala do bilingüe, passa a ter conotação pejorativa (“disruptive”). Haugen (1972) posiciona-se de modo semelhante, segundo Kulczynskyj (1987, p. 70)²:

... interference is not an appropriate term as the overlap between languages helps the bilingual in communicating his ideas by whatever devices are available to him at the moment of speaking.

Por esse motivo, Sharwood-Smith e Kellerman (1986) sugerem que o termo mais neutro é “crosslinguistic influences”³. Não nos parece que seja necessário fazer tal adoção, até porque o campo do bilingüismo, segundo Romaine (1995), já é impregnado de termos com implicações negativas.

Encontramos ainda críticas a respeito da inobservância da relação entre “interferência” e “norma padrão”, “interferência” e “níveis dialetais” ou “registros”, “interferência” e “mudança” e outros temas de igual natureza. Dependendo do dialeto ou registro utilizado, ou, ainda, da abordagem teórica seguida, diferentes padrões de uso podem ser estabelecidos. Isso quer dizer que o critério para se determinar se estamos diante de “desvio” ou de “interferência”, de uma norma regional ou de uma mudança, a princípio, não está definido de modo preciso e único. Há muitas divergências, inclusive na determinação e extensão do fenômeno da interferência. Por exemplo, para Grosjean (1982, p. 291), empréstimos lingüísticos conscientes, feitos entre línguas, por bilíngües, não devem ser considerados como interferências. São, “a priori”, complementações de lacunas, lexicais, por exemplo, que existem em uma das línguas.

Outra linha de pesquisa surgiu a partir das discussões teóricas dadas a público por Chomsky (de 1965 em diante):

O fato de a aquisição de uma língua para os racionalistas não ser tomada meramente como imitativa, mas como processo ativo e criativo, aglutinou autores (...) que se ocuparam com a aquisição de segunda língua e o que era chamado erro, passa a ser visto como tentativas que o adquirente faz para se apropriar da segunda língua as quais devem ser analisadas e avaliadas como tal. Ou seja, vistas não como erros, mas

² ... interferência não é um termo apropriado como o é a sobreposição entre as línguas, que ajuda o bilingüe a comunicar suas idéias por meio de quaisquer mecanismos disponíveis a ele no momento da fala.

³ “influências translingüísticas”.

como estratégias cognitivas no processo de aquisição de uma língua, primeira ou segunda. (Bigonjal-Braggio, 1997, p. 142)

Decorrem dessa postura teórica o surgimento do termo “interlíngua” e a discussão a respeito da existência ou não de uma ocorrência interlingüística em situações bilíngües, quer naturais, quer artificiais. Gorbet (1979) define a interlíngua como um sistema que conterà não só as regras da língua materna, mas também as regras que são únicas para o aprendiz, no que este percebe dos dados lingüísticos aos quais está exposto. Esse teórico segue afirmando que as regras podem não ser explícitas, mas funcionam como princípios subjacentes e organizadores que permitem ao falante produzir a forma de língua que está usando. As estratégias de aprendizagem do adquirente estão refletidas na argumentação lógica desses princípios. Podem ser múltiplas e são agrupadas em lingüísticas e comunicativas, gramaticais e semântico-pragmáticas.

A interferência, tomada como positiva e referindo-se às influências mútuas entre as línguas, é considerada como resultante das seguintes estratégias, segundo Gorbet (1979):

- 1 - Analogia: por exemplo, dizer em português [éytón póka leybrãsa tey]⁴ (então pouca lembrança tem), ao invés de [ew teño poka leybrãsa~ poka leybrãsa ew teño] (eu tenho pouca lembrança~pouca lembrança, eu tenho), é uma analogia feita a partir da estrutura morfossintática flexível do ucraniano.
- 2 - Generalização: caracterizados pela aplicação incompleta das regras, como a redução de redundância que resulta em simplificação, como em [ivã está na pórtón], [na Prudentópolis]... (João está no portão), (em Prudentópolis).
- 3 - Abandono da mensagem: isto é, o silêncio.
- 4 - Ajustamento da mensagem: tal como a criação de palavras, por exemplo, [foysevate] para “roçar o mato”, ...
- 5 - Circunlóquio: por exemplo, “that special toy for children”⁵ (aquele brinquedo especial para criança), para “balloon” (balão).

⁴ Trata-se de uma transcrição adaptada à digitação. Por exemplo, vamos adotar os símbolos [é, ó] com o diacrítico para representar as vogais orais baixas, anterior e posterior, seqüencialmente. Ver, neste estudo, 1.1.3. para maiores esclarecimentos.

⁵ Exemplo retirado de Bigonjal-Braggio, 1997, p. 143.

Diante das alterações lingüísticas constatadas numa situação interlingüística, Romaine (1995) alerta para o fato de que qualquer tentativa de se considerar como erro as ocorrências de empréstimos, interferências ou transferências lingüísticas de bilíngües em relação aos monolíngües é desastrosa. Considera, inclusive, que em situações de contato lingüístico intenso é possível que um terceiro sistema emergja com propriedades não encontradas em nenhuma das línguas envolvidas. Esse novo sistema pode ser criado através da mistura ou convergência de dois sistemas. É a partir deste sistema que as divergências lingüísticas devem ser vistas, e não em relação a cada língua tomada isoladamente. Soma-se a isso o fato de que nem todos os erros podem ser atribuídos a interferência ou transferência. Para Yavas (1994), a emergência da sistematicidade fonológica está enraizada num processo mais geral de desenvolvimento cognitivo.

Druszcz (1983) considera o processo de interferência entre línguas como sendo uma operação inconsciente que simultaneamente envolve a valorização de traços lingüísticos de uma segunda língua enquanto conserva traços da primeira. Há um período de equilíbrio, que leva à criação de um repertório com elementos de ambas as línguas par formar uma língua comum à comunidade, predominando, por vezes, a segunda língua.

Em razão disso é que se postula a autonomia para o possível terceiro sistema surgido de intenso e prolongado contato-conflito entre línguas, como é a situação lingüística que estamos apresentando neste estudo, a qual, em última instância, liga-se a uma decisão de política lingüística, ou, mais amplamente considerando, a um fato sociopolítico e ideológico.

Entre as duas posturas citadas, observa-se a ruptura da segunda posição em relação à primeira, tanto na forma de conceber o erro, quanto na de avaliá-lo. De modo geral, os pesquisadores da Lingüística aplicada ao ensino de L2 ou de línguas estrangeiras ainda consideram a interferência ou transferência como resultado negativo, enquanto os pesquisadores de línguas em contato vêem-na, por exemplo, como processo lingüístico resultante da aplicação de regras lingüísticas.

Retornando a Weinreich (1953, p. 1), encontramos a seguinte definição de interferência⁶:

⁶ Aqueles exemplos de desvios da norma de qualquer língua que ocorre na fala de bilíngües como um resultado de sua familiaridade com mais de uma língua, isto é, como um resultado de línguas em contato, será referido como fenômeno de interferência.

Those instances of deviation from the norms of either language which occur in the speech of bilinguals as a result of their familiarity with more than one language, i.e. as a result of language contact, will be referred to as INTERFERENCE phenomena.

A noção implica uma forma de vincular o fenômeno exclusivamente ao bilingüismo e ao contato de línguas, considerando-o também, e exclusivamente, como resultado de um processo estrutural, não interacional. Além disso, Weinreich usa o termo “interferência” para descrever qualquer diferença entre a fala de um monolíngüe e a de um bilíngüe. Posteriormente, restringe o uso do termo a casos em que o falante estabelece reorganizações nos padrões de fala. Dessa forma, passa a excluir empréstimos simples de palavras de uma língua para outra dos processos de interferência. Mackey (1968) também acentua a necessidade de se fazer distinção entre empréstimo e interferência. Define a interferência como realização contingente e individual, enquanto o empréstimo é processo sistemático e coletivo. Haugen (1956) estabelece a seguinte distinção: “switching” é a alternância no uso de duas línguas; interferência, a sobreposição de duas línguas ou a aplicação de regras de dois sistemas em uma única palavra. Usa o termo “integração”, significando o uso de palavras ou frases de uma língua que as torna parte de outra língua; ele, porém, não se identifica com “switching” ou sobreposição, exceto em sentido histórico. Clyne (1967) prefere o termo “transferência”, ao invés de interferência, e define-a como a adoção de qualquer elemento ou traço de uma língua que é transferido para outra. Posteriormente (1972), passa a considerar a interferência como processo decorrente da transferência. Classifica, então, a transferência como positiva ou negativa, de acordo com a área de diferença ou similaridade entre duas línguas.

Ainda é de Weinreich (1964, p. 11) uma das colocações mais metafóricas feitas sobre o fenômeno da interferência⁷:

In speech, interference is like sand carried by the stream; in language it is the sedimented sand deposited on the bottom of a lake.

Junto à certeza da ocorrência do fenômeno, Weinreich (1953, p. 11) estabelece a atuação da interferência na fala e na língua-linguagem, ao afir-

⁷ A interferência na fala é como areia conduzida pela curso de um rio; na língua ela é sedimentada e depositada no fundo de um lago.

mar que⁸:

In speech, it occurs anew in the utterances of the bilingual speaker as a result of his personal knowledge of the other tongue. In language, we find interference phenomena which, having frequently occurred in the speech of bilinguals, have become habitualized and established.

Conforme apontamos acima, a concepção estruturalista do fenômeno lingüístico em discussão revela-se plenamente aqui. O processo de interferência visto na fala é concebido como um tipo de mescla individual, e, sendo assim, passa a ser aleatório, e não sistematizado. As interferências ocorrentes na língua, ao contrário, configuram-se como recorrentes, estruturadas e, por isso, sistemáticas.

Embora as considerações sobre o fenômeno, em termos de língua, possam ser consistentes, estão completamente superados em relação à fala. Desde os neogramáticos, a sistematicidade da fala fora considerada como princípio incontestável. Mas foram os estudos sociolingüísticos, psicolingüísticos e da lingüística clínica, principalmente, que trouxeram evidências empíricas sobre a veracidade da sistematicidade da fala. Comprovou-se, além disso, que as escolhas entre opções lingüísticas disponíveis para os falantes são feitas a partir de regras sociolingüísticas determinadas ou motivadas socialmente. Neste estudo, comprovamos, no capítulo anterior, que a escolha entre os dois códigos lingüísticos disponíveis para os falantes bilíngües em P/U de Prudentópolis é feita com base na relação social existente entre os participantes dos atos comunicativos, na competência monolíngüe ou bilíngüe do interlocutor e na atribuição funcional das línguas envolvidas, por exemplo. Não se está negando a existência do “idioleto”, mas parte-se do pressuposto teórico de que toda variação é motivada por variáveis quer sociais, quer culturais, quer lingüísticas.

No que segue, vamos observar especificamente o fenômeno da interferência na fala de sujeitos bilíngües em P/U, como um processo individual, graduável, sistemático, multidirecional, dinâmico e motivado, a partir da perspectiva de Weinreich (1953). A variedade decorrente do contato-conflito da língua ucraniana com a língua portuguesa será observada na realização da língua portuguesa, que é a segunda língua da maioria dos sujei-

⁸ Na fala, ela ocorre nos enunciados de um falante bilíngüe como um resultado de seu conhecimento pessoal da outra língua. Na língua, nós encontramos o fenômeno da interferência que tem freqüentemente ocorrido na fala de um bilíngüe, tornado hábito e estabelecido.

tos em estudo. Acrescentaremos à perspectiva weinreichiana os postulados teóricos e metodológicos da Sociolingüística do contato-conflito lingüístico e da Sociolingüística laboviana.

12.1.1 - Interferências na modalidade oral e intervenientes no sistema lingüístico

É preciso inicialmente distinguir que tipos de línguas, em relação ao parentesco lingüístico, estão em contato-conflito na região em estudo, além do tempo e do motivo desencadeador desse fenómeno lingüístico. Quanto ao tempo de permanência e ao motivo sociocultural desencadeador do contato-conflito lingüístico, já foram ambos discutidos detalhadamente em unidades anteriores, restando, portanto, discutir aqui a tipologia das línguas envolvidas.

A língua portuguesa e a língua ucraniana pertencem a distintos ramos indo-europeus. A primeira faz parte do grupo das línguas neolatinas, ao passo que as línguas eslavas, da qual a língua ucraniana faz parte, pertencem ao ramo das línguas bálticas (The Encyclopedia of Language and Linguistics, 1994, p. 3.965).

A provável seqüência de desenvolvimento da língua ucraniana foi do balto-eslavo-germânico ao balto-eslavo, eslavo e, finalmente, o ucraniano. Atualmente, forma, junto com o bielorusso e o russo a chamada “the East Slavic branch of the Slavic language family”⁹. A língua ucraniana é representada na escrita através de um código gráfico específico, o alfabeto cirílico, que torna difícil o acesso a ela, quer para a alfabetização, em muitos países de imigração, quer para a leitura de sua literatura científica ou literária. Possui sete casos manifestos.

A língua portuguesa, por sua vez, teve origem no itálico > latim > português e é transcrita em alfabeto latino. Não possui casos manifestos, o que implica maior rigidez quanto à ordem dos elementos frasais.

Por existirem grandes diferenças entre as duas línguas que, por longo período, convivem no mesmo espaço geográfico, a interferência se torna facilmente detectável. Elizaincin (1992, p. 42) aponta para o fato de que quanto mais similares forem as línguas em convivência, menos provável será de o falante identificar as interferências. O oposto serve para a investi-

⁹ ... o ramo eslavo oriental da família das línguas eslavas.

gação que efetivamos.

Weinreich (1953) aponta três níveis gerais de interferências: o fônico, o gramatical e o lexical. O primeiro será discutido a seguir, pois constitui o campo selecionado para a análise sociolingüística quantitativa, enquanto os outros dois serão brevemente exemplificados nos parágrafos seguintes.

É preciso esclarecer, entretanto, que os níveis da língua não são discretos, e, portanto, quando a interferência parece afetar uma área, por exemplo, a fonética, pode ter conseqüências em outros componentes da língua. A interferência gramatical da L1 (língua ucraniana) na L2 (língua portuguesa) é constatada em várias partes do sistema lingüístico. Tal conseqüência exige estudo específico sobre o assunto. A título de ilustração, citamos alguns exemplos de interferências ocorrentes¹⁰:

- a) Gênero: [*kwarta*] – o quarto; [*foysa*] – a foice; [*a pórtón*] – o portão...
- b) Número: [*revovtózy*] – revoltosos; [*namorade*] – namorados...
- c) Flexão verbal: acréscimo do sufixo [*uvate*] para verbos no infinitivo: [*mãduvate*] – mandar; [*atakuvate*] – atacar.

Um dos exemplos bastante interessantes que detectamos é a criação do lexema [*foysevate*], citado anteriormente. Em ucraniano não existe um vocábulo específico para referir a ação de “acabar com o mato”. Para manifestarem a expressão “vai roçar” dizem: [*ew vow foysevate*] (eu vou “foissevate”). Na prática, transformaram o substantivo “foice” em um verbo, dando-lhe um significado específico e, junto a isso, formaram uma palavra híbrida.

Segundo Wouk (1981, p. 76), o presente do indicativo do verbo “descascar” [*deskaskuvate*] é conjugado da seguinte forma:

Yá deskaskúyu - eu descasco

Tê deskaskúyes - tu descascas

Vin/voná deskaskúye - ele/ela descasca

Mê deskaskúyemo - nós descascamos

Vê deskaskúyete - vós descascas

¹⁰ Os exemplos foram tomados de Wouk (1981), Kulczynskij (1987), Hauresko (1998), Lozovei (1998). Outros foram constatados pela autora do presente estudo.

Vonê deskaskúyt - eles descascam

Acrescenta Wouk (1981, p. 76) que, nos demais tempos, segue-se o mesmo processo. A operação foi detectada em todos os verbos em que o processo de interferência se operou. No “corpus” que coletamos não encontramos exemplos dessa natureza. Provavelmente tais processos já não mais ocorram.

O mesmo autor aponta interferências na formação do diminutivo. Por exemplo:

[*kanarok*] – canarinho; [*pekenitšo*] – pequenino; [*pawlitšo*] – Paulinho.

As interferências morfossintáticas e sintático-semânticas são bastante interessantes e revelam operações, por vezes, bastante complexas. Devem-se constituir, por causa disso e por outros motivos, temas de estudos específicos. Entre elas citamos alguns casos:

a) Interferências quanto à ordem/posição das palavras na frase:

[*kavaló kōpró*] – *comprei (um) cavalo.*

[*patós tšiņa myytós ali*] – *ali tinha muitos patos/ tinha muitos patos ali...*

[*ké vay óŽé fazé?*] – *o que vai fazer hoje?/ hoje vai fazer o quê?*

[*Kéyté óŽé está*] – *hoje está quente/ está quente hoje...*

[*bonita kaza tšiņa éw*] – *eu tinha uma casa bonita...*

[*nós mató i nas kapóera bóa kaza téyn*] – *nos matos e nas capoeiras têm casas boas/ casas boas têm nos matos e nas capoeiras*

[*éytón póka léybrāsa téy*] – *então, eu tenho pouca lembrança...*

b) Quanto ao aspecto relacional:

[*éw vów na prudentópolis*] – *eu vou para Prudentópolis*

[*éspéro na pórtón*]¹¹ – *espero no portão*

c) Há vários apagamentos, mas os mais recorrentes são os de artigos e cópula:

[*Šuva kayiu*] – *a chuva caiu*

¹¹ Kulczynskij (1987, p. 183) faz o seguinte comentário sobre o emprego da contração “na”: Particularly interesting is the use of the preposition “na” meaning “do” in U (ucraniano), as in [*vin poyikhav na Malé*], where interference from the P (português) preposition “no” can be noticed. The P preposition “na” (no), however, does not indicate the direction of a movement, but is static.

[*pórkó mórėw*] – o porco morreu

[*kénté dŽia*] – o dia está quente

[*bonita kaza ali*]- ali tem uma casa bonita

d) Quanto ao aspecto¹² :

[*estów indó na Curitiba, óntėy*] – “estão indo para Curitiba, ontem” , ao invés de “foram a Curitiba, ontem”.

Todos os fenômenos morfossintáticos listados acima foram constatados por nós, através da observação participante, ou reproduzidos nos “corpora” que coletamos na comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis.

Apesar de termos feito considerações sobre o fenômeno da interferência, até aqui, de modo unidirecional, isto é, da L1 para a L2, não o concebemos dessa forma, conforme a caracterização atribuída ao fenômeno e apresentada acima. A multidirecionalidade do processo de interferência em termos gramaticais nos parece exigir necessariamente competência em língua ucraniana ou, de modo mais ameno, pode ser discutido por bilíngües em P/U. Fica a sugestão para que se desenvolva tal pesquisa.

Em relação à interferência lexical, pode ser vista de modo multidirecional justamente devido à característica mais concreta e aberta dos léxicos. Além disso, auxilia-nos também a inexistência de parestescos lingüístico entre o português e o ucraniano, assim como as divergências socioculturais bastante acentuadas, como apresentado em unidades anteriores.

Temos em mãos dois estudos sobre interferência lexical do português no ucraniano, isto é, da L2 para a L1: o de Wouk, editado em 1981, mas efetivado em 1965; e o de Kulczynskyj, efetivado em 1987, ambos já referidos nesta investigação. Por ser mais recente e mais específico sobre o tema, vamos tomar por base o último. Kulczynskyj (1987, p. 181 e seguintes), em seu estudo sobre a influência da língua portuguesa na língua ucraniana, observada na fala de um grupo de descendentes de ucranianos residentes no município paranaense de Paulo Frontin e Mallet, obteve o seguinte resultado¹³:

¹² Um estudo sobre o emprego do aspecto pelos falantes bilíngües em P/U está sendo desenvolvido por Vink (1999) – UFPR.

¹³ Um total de 904 palavras tomadas de empréstimo foram encontradas em 18 horas de gravação de fala (...)

A total of 904 loanwords was found in 18 hours of recorded talk. (...) The list of loanwords shows a predominance of nouns over other parts of speech. (...) The borrowed lexical elements can be divided into two main classes: open class words and closed class words. (...) Among the words in the closed class, the most frequent are adverbs: [kvázi] (quase); [mézmo] (mesmo) (...). Only two conjunctions: [porké] (porque); [mais~mas] (mas) (...). (...) interjections are [poizé] (pois é); [barbaridádé] (barbaridade) and a number of exclamations (...). (...open class) include nouns [bariga vérde] (barriga verde) adjectives [visinál] and verbs [sapekuváte] (...). As far as numerals are concerned, many informants confessed that they had difficulties in saying numbers in U, so numbers are very often said in P (...). (...) 60% of all loanwords are either totally or partially integrated. Loanwords which retain foreign characteristics make up 35%. The remaining 5% are loanshifts and loanblends. Most noun compounds retain their foreign characteristics and seem to resist assimilation.

No “corpus” que coletamos, não especificamente elaborado para esse fim, com 24 horas de gravação em fita cassete, encontramos o total de 273 palavras de origem ucraniana presentes na produção oral, feita em língua portuguesa por sujeitos bilíngües em P/U. São exclusivamente nomes ou expressões nominais, e referem-se, entre outras coisas, a comidas típicas bastante comuns na região; a cerimônias ou rituais religiosos católico-ucranianos; a festividades ucranianas; ao título do jornal de propriedade da organização religiosa ucraniano-católica de Prudentópolis; a instrumentos musicais ou outros instrumentos relativos à cultura ucraniana; a nomes próprios, por exemplo. A título de ilustração, citamos, abaixo, alguns exemplos de itens lexicais mais recorrentes, junto à produção oral em português.

a) comidas: [bóršĉ], [perohe], [kutšia]~[kutšyu], [hétšika],[holupit]...

b) rituais religiosos ucranianos/símbolos:[pesäka], [šóteyvétšia],

A lista de palavras tomadas de empréstimo mostra uma predominância de nomes sobre outras classes gramaticais. (...) Os empréstimos de elementos lexicais podem ser divididos em duas classes principais: classes fechadas e classes abertas de palavras. (...) Entre as palavras pertencentes à classe fechada, os mais freqüentemente emprestados são os advérbios como “quase”, “mesmo” (...). Somente duas conjunções: “porque”, “mas” (...). (...) interjeições são “pois é”, “barbaridade” e um número de exclamações (...). As classes abertas incluem nomes “barriga verde”, adjetivos “vicinal” (caminho ou estrada que hga povoações próximas) e verbos “sapecar” (Esse termo é usado, freqüentemente, para se referir a ação de queimar as folhas da erva-mate) (...). Tanto quanto os numerais estão relacionados, muitos informantes confessaram que eles têm dificuldades para falar números em ucraniano, assim os números são muitas vezes ditos em português (...). (...) 60% de todas as palavras tomadas de empréstimo estão totalmente ou parcialmente integradas. As palavras tomadas de empréstimo que retêm características estrangeiras perfazem 35%. O restante dos 5% são “loanshifts” e “loanblends”. Muitos nomes compostos retêm suas características estrangeiras e parecem resistir à assimilação.

[paska], [kolheduvate], [zalenesweta] [resurétšia utra], [korovai], [yórdaj]...

- c) festividades ucranianas/danças: [haylka], [hopak], [kozatšiopisni]...
- d) nomes próprios: [liwiw], [hana], [iván], [Šótey nikolay], [Žozefat]...
- e) instrumentos musicais/cantigas folclóricas; [bãdura], [kolumeykas]...
- f) nome do jornal/grupo folclórico: [pratšia], [vesélka], [poltava]...

Os poucos exemplos citados acima refletem, em síntese, a gramática cultural¹⁴ ucraniana interferindo no cotidiano dos prudentopolitanos. Em relação ao tema central da presente investigação, os exemplos dão pistas sobre a formação e a coexistência de um dialeto orolocal na região. Por outro lado, a possibilidade da existência de um terceiro sistema, na região em estudo, deve ser investigada, a partir das características lingüísticas do “corpus” coletado para a presente análise. Mas a influência dos meios de comunicação de massa em língua portuguesa e as restrições funcionais atribuídas à língua ucraniana, atualmente, pela comunidade de fala que a usa, podem já ter substituído muitas das características do sistema lingüístico originado na comunidade em estudo.

Constata-se a característica multidirecional da interferência, em que se comprova a ação da língua minoritária sobre o léxico da língua majoritária, ou o inverso, através dos exemplos citados acima. Atualmente predominam acréscimos nominais do ucraniano no português, enquanto as interferências verbais ou criações mistas (conforme citações feitas) não foram detectadas no “corpus” que será discutido no próximo capítulo.

12.1.2 - A interferência fonológica

Entre os níveis gramaticais citados anteriormente, a interferência fonológica foi o nível que Weinreich mais explorou. Em função disso, seus estudos foram inúmeras vezes citados, tornando-se modelares. Distinguiu quatro tipos básicos de interferências fonológicas:

- 1 – Subdiferenciação de fonemas: ocorre quando um bilíngüe incipiente encontra dois sons no sistema da L2 cuja contrapartida não é feita na L1; por exemplo, falantes bilíngües em P/U ao usarem o

¹⁴ Gramática cultural: regras socioculturais e, por vezes, históricas, adquiridas junto com o dialeto de uma comunidade de fala.

português como (L2) pronunciam [e] e [é] apenas como [é]: [kadé-
ra] – cadeira; [kafé] – café;

- 2 – Supra-diferenciação de fonemas: envolve uma distinção fonêmica feita na L2 que nela não existe; os bilíngües em P/U tendem a estabelecer diferenciação entre [z] e [z']¹⁵ quando se utilizam do português como (L2);
- 3 – Reinterpretação de distinções entre fonemas: ocorre quando o bilíngüe distingue fonemas, na L2, casos que fonologicamente são alofones nessa língua; por exemplo, os bilíngües P/U podem considerar [t] e [tʃ] como fonemas distintos do português, ao invés de alofones do fonema [t].
- 4 – Substituição fônica: aplica-se a fonemas que são identicamente definidos nas duas línguas, mas cuja pronúncia difere na L2; um exemplo dessa natureza constatado entre o sistema da língua portuguesa e o sistema da língua ucraniana é quanto ao [s]: em ucraniano ele é dental, e em português é alveolar; o bilíngüe P/U ao falar em português como L2, poderá fazer essa substituição fônica.

A vinculação entre ensino de línguas e interferências fonológicas produziu inúmeros estudos, conforme apontamos acima. A título de ilustração, citaremos algumas considerações feitas ou hipóteses levantadas acerca do tema. A princípio, encontramos em Halliday (1974) uma exposição a respeito das circunstâncias favorecedoras do processo de aprendizado de L2 ou língua estrangeira:

- a) aquisição-aprendizado precoce;
- b) quantidade de exposição e experiência envolvida;
- c) motivação.

Se o professor de línguas se basear em sólidos princípios lingüísticos e se os fatores listados acima forem positivos, a interferência fônica “negativa” poderá ser eliminada, segundo Halliday (1974).

O grupo em observação apresenta todos esses fatores como favorecedores da aprendizagem da L2, além de estarem imersos na situação lingüística de predomínio absoluto da língua portuguesa em todos os canais co-

¹⁵ Ver Anexo 21: “Table of Consonants”

municativos. A língua ucraniana, por outro lado, há aproximadamente 30 anos, passou a enfrentar, sucessivamente, a restrição de seu domínio funcional, na comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis, conforme constatamos nos resultados de capítulos anteriores. Tudo isso nos leva a pressupor que a interferência da L1 (ucraniano) na L2 (português) também será restrita, no “corpus” que analisaremos no próximo capítulo. A variável social “idade” provavelmente terá papel bastante ativo no favorecimento da aplicação da regra de interferência.

Krashen (1984, p. 39) destaca a seguinte implicação em relação ao processo de interferência fônica entre línguas:

*A “incorreção” na produção lingüística é característica dos primeiros estágios. A correção ocorrerá com o tempo e maior exposição, e dependerá da quantidade e qualidade do **input**: quanto mais exposição e mais correto for o **input** que o falante receber, melhor será sua produção lingüística.*

De acordo com essa hipótese, a melhor, ou talvez mesmo a única maneira de se aprender L2, ou língua estrangeira, do modo mais aproximado à pronúncia dos falantes nativos é fornecendo um suficiente e variado “input”.

Que tipo de “input” da L2 os falantes nativos de ucraniano recebem? O fator tempo-idade é também fundamental aqui. Atualmente, há forte influência dos meios de comunicação de massa, principalmente na região urbana, local de domicílio da presente população-alvo. Os que integram a chamada “terceira idade”, por sua vez, receberam menos registros variados e, provavelmente, só o dialeto orolocal. Conseqüentemente foram menos expostos à L2. Assim, a interferência também deverá ser mais consistente nessa faixa etária.

A concepção do fenômeno da interferência fônica em Lado (1971, p. 26-27) é um pouco diferente das duas vistas acima:

Provavelmente, pelo fato de o uso do sistema fônico de uma língua funcionar como um sistema de hábitos automáticos ou semi-automáticos, seja extremamente difícil mudar qualquer coisa nesse sistema. Existe uma força incrivelmente poderosa unindo as unidades – os fonemas – de qualquer língua no seu complexo de contrastes. O falante adulto de uma língua não consegue pronunciar com facilidade os sons lingüísticos de outra, embora não tenha nenhum impedimento articulatório e – o que é mais impressionante – não consegue ouvir facilmente sons lingüísticos

que não sejam os de sua língua nativa, embora não sofra de nenhuma deficiência auditiva.

Encontramos comprovações das colocações feitas por Lado na fala dos sujeitos bilíngües P/U selecionados: mesmo estando expostos diariamente à língua portuguesa, através dos mais variados canais de comunicação e meios, e de utilizá-la na grande maioria dos contextos comunicativos interacionais, conforme constatamos na parte IV deste estudo, a interferência da L1 na L2 se faz presente em sua fala. É interessante destacar ainda que, no sistema fonológico da língua ucraniana, há um fonema /h/, que, todavia, não é utilizado para estabelecer os contrastes entre as vibrantes do português. Dizem eles, com propriedade, que se trata de um outro som (fonema). Assim a “força incrivelmente poderosa” que une as unidades fonológicas no seu complexo de contrastes, conforme apregoa Lado, é muito superior ao processo de transferência articulatória que poderia ser feito pelos falantes bilíngües em P/U, com L1 (ucraniano) e L2 (português).

Deixando de lado a questão do ensino e a preocupação com a interferência levantada em função de objetivos didáticos, encontra-se em Yavas (1981) o estabelecimento da interferência posicionada entre sistemas de sons lingüísticos com base em dois níveis: no fonético e no fonológico. Em relação ao primeiro, Yavas afirma que o falante nativo substitui sons mais próximos de sua língua por sons estrangeiros. Embora a caracterização “sons mais próximos de sua língua” possa ser bastante vaga, encontramos exemplificações nas execuções bilíngües que comprovam isso. Por exemplo os sons [θ] e [ð] do inglês geralmente são substituídos por [t] e [d] respectivamente, pelos falantes com L1 português. Quanto ao nível fonológico, a interferência é regulada pelo sistema receptor, ocorrendo a substituição dos fonemas mais próximos de seu próprio inventário pelos segmentos estrangeiros. No texto de Yavas (1981) não há explicação para as lacunas entre sistemas fonológicos. Provavelmente, ela é preenchida por um modelo mais próximo do sistema fonológico, identificando-se com aquele que está interferindo. Polivanov (1931), citado por Yavas (1981) sugere que o falante, mesmo escutando uma palavra estrangeira desconhecida, tenta encontrar nela um complexo de suas representações fonológicas, para decompô-la em fonemas pertencentes a sua língua nativa e, certamente, de conformidade com suas regras de agrupamento fonético. Para Bloomfield (1933) os sons estrangeiros não são reanalisados como fenômenos isolados, ao contrário, encaixam-se no sistema fonológico da língua tomada de em-

préstimo. A falta da vogal posterior, arredondada, baixa [ó], no sistema fonológico da língua ucraniana, e a presença de ambos os fonemas vocálicos na língua portuguesa [o] e [ó] resultaram na reanálise de ambos e uma aglutinação desses sons para [ó]. Isso é estendido a todos os contextos lingüísticos na fala de um semibilíngüe na L2 (português): [nóyva], “noiva”, [pór-tón], “portão”, [bólá], “bola”... Temos a comprovação de que a explicação deve ser sempre fonológica, mais do que fonética, em matéria de fenômenos interlingüísticos.

Para Romaine (1995, p. 53), por outro lado¹⁶,

It can be seen (...) that.. (the) categories of phonological cross-linguistic influence are not watertight. Probably more cases occur due to mismatches at the level of allophonic variation and differences in the phonotactic patterns between two languages.

As especificidades fonéticas e alofônicas próprias de cada língua são, sem dúvida, um dos principais fatores responsáveis pelo surgimento de interferências comumente detectadas na fala de estrangeiros, denominada de “sotaque”.

12.1.3 - O sistema fonológico da língua ucraniana

Um dos problemas enfrentados pelos eslavistas consiste na transcrição dos sons das línguas eslavas. Kulczynskyj (1987, p. 186) adotou o seguinte critério¹⁷:

It was decided to use diacritical marks to represent certain sounds following international transcription procedures commonly used in Slavic linguistics. The result is a Latinized version of the Cyrillic spelling used in literary U adapted (...) The adapted transcription system for U words represents a compromise between the practice of linguists and the standard spelling of U. It is not really phonetic...

E acrescenta em nota de rodapé, logo a seguir¹⁸:

¹⁶ Pode ser visto que (as) categorias de influências translingüísticas fonológicas não são estanques. Provavelmente mais casos ocorrem devido a má combinações no nível de variação alofônica e diferença nos padrões fonotáticos entre duas línguas.

¹⁷ Decidi usar marcas diacríticas para representar certos sons seguido do procedimento internacional de transcrição, comumente usado na Lingüística eslava. O resultado é uma versão latinizada da ortografia cirílica usada na literatura ucraniana adaptada (...). O sistema de transcrição adaptada das palavras em ucraniano representa um compromisso entre a prática de lingüistas e a pronúncia padrão de ucraniano. Não é a realidade fonética...

¹⁸ Em princípio, o sistema de transcrição adaptado está baseado na transcrição fonemática de palavras

In principle the adapted transcription system is based on the phonematic transcription of U words as suggested by Bilodid (1969, ch. 9, pp. 418-431) (...).

O mesmo critério fora adotado por Haugen (1953) para a transcrição de palavras da língua norueguesa para o inglês.

Vamos adotar, neste estudo, a transcrição dos sons e a discussão sobre o sistema fonológico do ucraniano feitas por Kulczynskyj (1987), porque esse pesquisador é a principal autoridade existente no Brasil sobre o assunto, além de ter desenvolvido trabalhos sobre a interferência da língua portuguesa na língua ucraniana, além de outras pesquisas de igual natureza. O mesmo procedimento já foi adotado neste estudo em exemplos citados anteriormente.

Kulczynskyj (1987) descreve o sistema fonológico da língua ucraniana moderna com base em Bilodid (1969), para quem a língua ucraniana possui 38 unidades fonêmicas (seis vogais e 32 consoantes ou sons consonantais):

/a, o, u, e, y, i, b, v, h, g, d, d', z, z', ž, k, l, l', m, n, n', p, r, r', s, s', t, t', f, kh, tš, ts', č, š, dz, dž, dz', i/.

Não existem, no sistema vocálico da língua ucraniana, vogais nasais; por outro lado, a distinção fonológica entre vogais abertas e fechadas [o, ó, e, ê], que é bastante importante na língua portuguesa, inexistente na língua ucraniana. Tais lacunas geraram, na comunidade de fala em estudo, reanálises da seguinte natureza:

- a) [fižăn] ~ [fižón] – feijão; [món] – mão;
- b) [réal] – real; [nátéréró] – no terreiro.

Quanto ao sistema consonantal, Kulczynskyj (1987, p. 188) o caracteriza da seguinte forma¹⁹:

The most important feature of U consonantal phonemes is their palatalization. (...) Palatalization is also characteristic of other Slavic languages, e. g. Polish, Russian, Byelorussian.

Young (1994, p. 4827) acrescenta outras especificidades da língua

ucranianas sugeridas por Bilodid (1969, cap. 9, p. 418-431) (...).

¹⁹ O mais importante traço dos fonemas consonantais do ucraniano é a sua palatalização. A palatalização é também característica de outras línguas eslavas, por exemplo do polonês, russo e bielorrusso.

ucraniana, relativas ao sistema consonantal²⁰:

In contrast to Russian and Byelorussian, Ukrainian consonants are not palatalized before [e] or [y], but there is palatalization before the new [i] representing ESI; stem-final ts is typically palatalized; final labials lose palatalization. Like Byelorussian, Ukrainian has [w] corresponding to Russian [v] in a closed syllable. Unlike other East Slavic, there is no regressive devoicing of voiced consonants.

A ênfase e as especificidades das regras de palatalização presentes na língua ucraniana interferem, por vezes, nos seguintes contextos lingüísticos da língua portuguesa: quando os bilíngües P/U deparam-se com a seqüência de lateral [l]+[i] ou de nasal [n]+[i], produzem algumas alofonias da seguinte forma:

- a) [eytón a polhisya šego] – “então, a polícia chegou”
- b) [na kolónya éra muito trabalho] – “na colônia era muito trabalho”

Essas ocorrências de palatalização, no entanto, são também constatadas na produção oral de monolíngües em português. Porém a freqüência é, geralmente, menor em relação à ocorrência constatada na fala dos bilíngües em P/U.

12.1.4 - O som vibrante do português e do ucraniano

12.1.4.1 - O som vibrante do português brasileiro: estudos e características

Entre as várias interferências fônicas detectadas na produção oral dos bilíngües em P/U de Prudentópolis, selecionamos o fonema vibrante por dois motivos: em primeiro lugar, porque observamos, na execução oral desse fonema, feita pelos sujeitos selecionados, a presença da interferência da L1 na L2, quando eles fazem uso da língua portuguesa na modalidade oral; em segundo lugar, porque esse é um dos fonemas consonantais do português brasileiro que mais recebeu a atenção dos foneticistas e fonólogos variacionistas, devido à grande variabilidade apresentada em seu uso.

²⁰

Ao contrário do russo e do bielorrusso, as consoantes do ucraniano não são palatalizadas antes de [e] ou [y], mas há palatalização antes do novo [i]; raízes com ts final são tipicamente palatalizadas; labiais finais perdem a palatalização. Como o bielorrusso, o ucraniano tem [w] correspondendo ao russo [v] em uma sílaba fechada. Diferente de outras línguas eslavas orientais, não há dessonorização regressiva de consoantes sonoras.

Justamente por apresentar grande variabilidade, os principais estudos sobre a vibrante foram efetivados a partir da perspectiva da sociolinguística laboviniana. Tais estudos apontaram, entre outras coisas, que a vibrante tem ocorrências e freqüências diferenciadas por dialetos, isto é, ou ela pode servir como identificador da região de origem do locutor, ou como marca de sua identificação sociocultural.

Entre os vários estudos efetivados sobre os fatores extralingüísticos, geográficos e sociais, intervenientes que envolvem a distribuição da vibrante, encontram-se os de Votre (1978), Callou (1987), Mollica e Paiva (1991), Callou, Moraes e Leite (1994), este, aplicado ao dialeto do Rio de Janeiro. Skeet (1997) verificou o emprego do “r” pós-vocálico em Paraíba. Furlan (1989) e Monguilhott (1997) sobre o emprego desse fonema em Santa Catarina, assim como pelos açorianos residentes ao longo do litoral catarinense. Marquardt (1977) e Monaretto (1992, 1997) verificaram a distribuição do uso da vibrante no dialeto do Rio Grande do Sul e nas três capitais da região sul: Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba. Entre os estudos referidos, interessam-nos particularmente os dois últimos. Marquardt (1977) e Monaretto (1992) observaram, em seus estudos, que a articulação alveolar é a predominante na região estudada, e que os bilíngües de colonização européia substituem a vibrante múltipla pela simples, em qualquer posição da palavra. Em trabalho posterior, Monaretto (1997, p. 31-32) apresenta o seguinte resultado:

Em Porto Alegre, emprega-se as quatro variantes (anterior, posterior, tepe, retroflexa); em Florianópolis realizam-se principalmente as variantes tepe e, quase que categoricamente, pelo alto número de realizações, a vibrante posterior; em Curitiba, também há a presença das quatro variantes, sendo o emprego da vibrante anterior e da retroflexa os mais significativos.

O chamado “r caipira” que caracteriza a variedade popular e rural do português brasileiro foi examinado, por exemplo, por Head (1987) o qual aponta que:

... as suas realizações retroflexa e gutural derivam de um processo de variação e mudança de consoantes líquidas anteriores com um processo de retração semelhante ao do r-forte (Monaretto, Quednau e da Hora, 1996, p. 216)

De natureza um pouco diferente é o estudo feito por Messias e Zerling (1996). Esses autores estudaram os aspectos articulatórios e acústicos

do /r/ no português brasileiro. Nesse estudo os autores apontam as seguintes particularidades (p. 67)²¹:

[ʀ] est généralement réalisé sonore. Les assimilations de sourdité se produisent le plus souvent derrière l'occlusive sourde [t] et souvent lorsque la voyelle suivante est un [i].

[r] la variante alvéolaire multiple s'assourdit facilement devant une consonne sourde.

[R] postérieur est pratiquement toujours réalisé sourd, dans toutes les positions où il apparaît.

[r] est réalisé apico-alvéolaire avec un seul battement. En position intervocalique dans les expressions, il est parfois rétroflexe.

[R] postérieur est généralement uvulaire ou pharyngal. La présence de battements semble fortement corrélée à la réalisation sourde.

A oposição fonológica entre /r/ e /-rr-/ é descrita por eles como²²:

Elle correspond à l'opposition graphique (-r) ~ (-rr-), et impose au deuxième phonème une durée en moyenne 2,8 fois plus longue que celle du premier.

Monaretto, Quednau e da Hora (1996, p. 217-218), com base em Malmberg (1954), complementam as características articulatórias da vibrante, dadas acima:

Um som vibrante ocorre por pequenas oclusões produzidas pela língua ou pela tremulação da úvula através da ação da corrente de ar. Os movimentos vibráteis são feitos pela ponta ou pelo dorso da língua, que bate repetidamente contra a arcada dentária superior, contra os alvéolos ou ainda contra o véu palatino. A língua pode, em vez de produzir uma série de oclusões, não fechar por completo a passagem do ar, fazendo desaparecer a vibração propriamente dita para dar lugar a um som fricativo ou aspirado. (...) Essas modalidades de articulação caracterizam os

²¹ [ʀ] é geralmente realizado sonoro. As assimilações do traço -[sonoro] se produz geralmente junto com a oclusiva surda [t] e frequentemente quando a vogal seguinte é um [i].

[r] a variante alveolar múltipla ensurdecida facilmente diante de uma consoante surda.

[R] posterior é praticamente sempre realizado surdo, em todas as posições onde ele aparecer.

[r] é realizado apicoalveolar com um só batimento. Em posição intervocalica nas expressões é realizado retroflexo.

[R] posterior é geralmente uvular ou faríngeal. A presença de batimento parece fortemente correlacionado a realização surda.

²² Ela corresponde a oposição gráfica (-r) ~ (-rr-), e impõe ao segundo fonema uma duração em média 2,8 vez mais longa que aquele primeiro.

sons do r-forte, que pode, pois, ser tanto uma vibrante propriamente dita, quanto uma fricativa ou aspirada. É chamada também de vibrante múltipla e é enquadrado na categoria das líquidas.

Embora a oposição fonológica se realize somente entre o /r/ e o /-rr-/, o r-forte pode ter várias realizações fonéticas quanto ao ponto e modo de articulação, evidenciado no texto acima. Segundo Câmara Júnior (1984, p. 16), há quatro execuções articulatórias com efeito auditivo específico correspondente, para o r-forte.

Já o outro componente do par fonológico, o “r” dito fraco, conforme Monaretto, Quednau e da Hora (1996, p. 218), é executado foneticamente como:

Há sons de r que podem ocorrer com uma só batida da língua junto aos alvéolos chamados de tepe ou de vibrante simples, branda ou fraca, encontrados em grupos consonantais (cravo) e entre vogais (maré). Há outros sons de r, em que se encurva a ponta da língua em direção à região palato-alveolar ou palatal, os retroflexos, encontrados no dialeto caipira (característico da região norte de São Paulo e sul de Minas Gerais).

Essas variações fonéticas da execução da vibrante possibilitaram o surgimento de inúmeros estudos sociolinguísticos sobre a distribuição de seu uso. Além da dependência dialetal localizada, apontada pelos estudos sociolinguísticos, a vibrante apresenta dependências do contexto linguístico:

...na posição pré-vocálica (rato, honra), ocorre o uso da vibrante forte e, em posição pós-vocálica (carne, mar), predomina a simples. Em grupo consonântico (prato), só aparece a vibrante simples. Na posição intervocálica, a diferença de articulação é importante, pois o sentido entre duas palavras é alterado pela realização da vibrante fraca ou forte como em caro/carro, era/erra, muro/murro, etc. Nesse ambiente, entre vogais, há oposição fonológica (Monaretto, Quednau e da Hora, 1996, p. 218).

Em uma situação de contato-conflito linguístico essa diversidade fonética produz, quase que necessariamente, interferências da L1 na L2, quando a segunda língua é, por exemplo, a língua portuguesa.

As mudanças que estão ocorrendo no português brasileiro, na realização do r-forte, apontadas por estudos sociolinguísticos, situam-se quanto ao ponto e modo de articulação. Câmara Júnior (1984, p. 16) faz as seguintes considerações sobre a primeira das mudanças:

...é um estado de flutuação fonética, que no plano descritivo, ou sin-

crônico, passa a ser a contraparte de um lento trabalho diacrônico de mudança, que vai pouco a pouco ganhando novas áreas de falantes. (...) a marcha diacrônica é no sentido da substituição da articulação ântero-bucal (vibração múltipla da ponta da língua junto aos dentes superiores) por uma vibração posterior, que vai da vibração da raiz da língua junto ao véu palatino à tremulação da úvula e à mera fricção faríngea;

Câmara Júnior cita ocorrências dessa mudança, de igual natureza e já concluídas no francês parisiense. Em relação ao português, Monaretto, Quednau e da Hora (1996, p. 218-219) trazem os seguintes dados:

Essa mudança parece datar do fim do século passado, época em que se atestam as pronúncias uvular [R] e velar [x] para o r-forte, antes somente articulado como uma vibrante alveolar [r], segundo as gramáticas. A vibrante uvular aparece no Português de Portugal, em Lisboa, conforme Barbosa (1994, p. 38), como uma pronúncia vulgar no final do século XIX, e a aparição de r como uma fricativa sonora [X] é assinalada desde 1883, entre os jovens, segundo Gonçalves Viana (1973).

É interessante destacar que, no grupo em estudo, o tipo articulatório do r-forte que entra no sistema dos sujeitos bilíngües em P/U de Prudentópolis é o ântero-bucal, com vibração múltipla. Quando a interferência se apresenta em menor grau, aparecem as articulações posteriores da vibrante, chegando à região velar: [x] e [X]. Logo, comprova-se a marcha diacrônica apontada por Câmara Júnior, inclusive no desenvolvimento da aprendizagem da L2, aqui representada pela língua portuguesa. Mais detalhes serão apresentados no próximo capítulo.

Quanto ao modo de articulação, a mudança em operação é de um som vibrante para um som fricativo. Enquanto a mudança do ponto de articulação já está integrada ao sistema fonético-fonológico do português brasileiro, a segunda mudança, do modo de articulação, determinaria, segundo Callou (1987), a reestruturação do sistema consonântico do português, que passaria a apresentar mais uma oposição de ordem qualitativa (vibrante anterior x fricativa posterior) do que quantitativa (quantidade de vibrações). Na região sul e no dialeto paulista predominam a vibrante alveolar; porém, essa modalidade articulatória está sendo substituída paulatinamente por uma fricativa velar no contexto intervocálico ou pré-vocálico.

Callou (1987, p. 54) considera ser...

... possível que em primeiro lugar tenha ocorrido uma posteriorização para em seguida ocorrer uma fricativização, mas, por outro lado, a posteriorização pode ser concomitante à fricativização. O que parece fora de

dúvida é que a aspiração representa uma etapa ulterior...

Tais características fonéticas, por não alterarem o significado, muitas vezes passam despercebidas nos atos comunicativos. Além disso, exigem aparelhos sofisticados para que sejam constatadas.

Junto à indiscutível variação na execução da vibrante, há discussões acerca do “status fonológico” desse fonema:

- a) Há um ou dois fonemas?
- b) Caso se considere a existência de um, qual deles é o subjacente? /-rr-/²³ ou /r/?

A literatura registra defensores para ambas as questões:

- 1 – O português brasileiro possui duas vibrantes, a forte e a fraca;
- 2 – O português brasileiro possui um fonema vibrante apenas:

- a) para Câmara Jr, é a vibrante forte;
- b) para Lopez, Monaretto e Bisol é a vibrante simples.

Não temos intenção de provocar nova discussão teórica a respeito do tema. Na verdade, vamos fornecer mais dados elucidativos em relação à controvérsia. No entanto, partimos do pressuposto de que há apenas um fonema vibrante no sistema fonológico do português do Brasil, que é a vibrante simples, porque concordamos com as evidências citadas por Lopez (1979), Bisol (1994) e Monaretto (1992, 1997). Em relação à argumentação feita por Monaretto (1997), encontramos evidências, no “corpus” que coletamos, que se identificam com o resultado apontado por ela:

Verificando o papel de fatores socioculturais intervenientes na fala de quatro regiões sociolinguisticamente representativas do Rio Grande do Sul, revelou que não existe distribuição defectiva entre as duas vibrantes em zona bilíngüe. Há a substituição de um fonema por outro em todos os contextos, excluindo-se o de grupo, e até mesmo em V_ V (onde, em princípio, existe a função distintiva). Isso leva-nos a crer que os bilíngües (de zona de colonização européia), possivelmente levados pela influência de uma segunda língua, interpretam as duas vibrantes como variantes da mesma unidade fonológica.

A produção generalizada do fonema [r] pelos sujeitos que apresentaram maior índice de interferência da L1 (ucraniano) na L2 (português), em

²³ De ora em diante será grafado como /R/, exceto em citações.

todos os contextos, e as reanálises efetivadas são algumas das evidências que nos levam a adotar a tese da existência de um fonema no sistema fonológico do português brasileiro. Soma-se a isso o fato de que o fonema evidenciado foi o [r], que tomamos como o que existe a nível subjacente, conforme o fez Monaretto (1992). Para Bisol (1994), a generalização feita ao [r] em todos os contextos tem a seguinte implicação:

... o bilíngüe tem de ser treinado somente no uso da regra de reforçamento da posição inicial de sílaba. A partir daí automaticamente saberá fazer a distinção fonológica reservada ao contexto intervocálico no interior de vocábulo.

Muitos dos sujeitos bilíngües cuja produção oral foi selecionada para análise do som vibrante aplicaram a regra de reforçamento, mas em contextos não-adequados. Por conseguinte, estariam em outro nível de conscientização fonético-fonológica. Bisol conclui afirmando que:

...o uso variável da vibrante em qualquer posição na fala de comunidades bilíngües pode ser tomado como uma evidência em favor da hipótese da existência de um fonema e de ser este o /r/, como o fez Monaretto (1992), embora se tenha de levar em conta que a interferência deva estar exercendo alguma influência.

É o que iremos constatar na análise e discussão que faremos no próximo capítulo.

12.1.4.2 - O som vibrante do ucraniano

Na língua ucraniana, a vibrante é uma consoante líquida, sonora, anterior e frontal ou vibrante. É produzida com a ponta da língua, formando uma série de oclusões e aberturas momentâneas contra os alvéolos (Zilyns'kyj, 1979, p. 93 e seguintes).

Ao contrário da grande variedade fonética detectada na produção oral da vibrante no português brasileiro, Kulczynskyj (1987, p. 188) apresenta as características fonético-fonológicas desse fonema no ucraniano da seguinte forma²⁴:

In the U language there is a voiced alveolar trill /r/ and its palatized counterpart /r'/.

Para o foneticista Zilyns'kyj (1979, p. 103) o [r'] palatalizado do ucr-

²⁴ Em ucraniano há uma alveolar sonora tridente /r/ e sua contraparte palatalizada /r'/.

niano²⁵:

...has preservad its softness only in some dialects and only in certais positions. In other dialects, it either shows a strong tendency towars depalatalization or has already been completely depalatalized in all positions.

O que se pode deduzir disso é que em ucraniano, no nível fonológico, há somente uma consoante vibrante, que é a vibrante simples /r/.

Em páginas anteriores, apontamos que a maioria absoluta dos imigrantes ucranianos que se fixaram em Prudentópolis eram procedentes da mesma área geográfica da Ucrânia: a região do rio Dniester. Sendo assim, eles eram falantes, de modo geral, de um único dialeto social e geográfico, denominado por Zilyns'kyj (1933) de “dialeto do Rio Dniester”, cuja região dialetal limita, ao norte, com a região de Volhynia e, ao sul, com os Montes Cárpatos²⁶. Acrescentamos ainda que, embora possam ter vindo ambas as vibrantes (r, r'), a vibrante remanescente e predominante no dialeto que se formou pelo contato-conflito lingüístico surgido em terras brasileiras, entre as duas línguas em estudo, foi a vibrante simples, alveolar.

O depoimento de um leigo comprova isso:

No ucraniano só tem aquele “r” simplezinho, por isso é complicado, falar português... (Entrevista no. 21, 1997)

Dessa forma, o “status” fonológico da vibrante no ucraniano, em contato-conflito lingüístico com a grande variedade de produções da vibrante no português brasileiro, torna-se campo propício para a ocorrência de reanálises, substituições e interferências, entre outros processos lingüísticos. Kulczynskyj (1987, p. 188) sintetiza algumas das dificuldades encontradas pelos bilíngües em P/U, ao utilizarem a L2, o português brasileiro, quanto às múltiplas variantes da vibrante nessa língua, e as principais conseqüências lingüísticas advindas das divergências entre os sistemas fonéticos e fonológicos²⁷:

²⁵ ... tinha preservado seu caráter palatal somente em alguns dialetos e somente em certas posições. Em outros dialetos, ele tanto mostra uma forte tendência à despalatalização ou já tem se despalatalizado completamente em todas as posições.

²⁶ Dados fornecidos por Kulczynskyj (1999).

²⁷ Falantes de ucraniano encontram problemas na produção da alveolar múltipla do português /-rx-/ e suas múltiplas variantes. A palavra portuguesa *carro* (...) torna-se no ucraniano brasileiro [karo] e não [kárro]; *rato* (...) torna-se em ucraniano brasileiro [rato] e não [rráto]. Esta dificuldade pode ser vista na integração fonológica das palavras tomadas de empréstimo, conforme falantes de ucraniano tendem a substituir as

Speakers of U find a major problem in rendering the pronunciation of the P voiced alveolar trill /rr/ and its multiple variants. The P word carro (...) becomes in Braz. U [káro] and not [kárro]; rato (...) becomes in Braz. U [ráto] and not [rráto]. This difficulty can be seen in the phonological integration of the borrowed words, as speakers of U tend to substitute the foreign sound variants by their own equivalents.

Em estudo sobre o bilingüismo em Araucária em relação à interferência polonesa na fonologia portuguesa, Druszcz (1983) aponta que, no polonês, língua eslava cuja fonologia se aproxima bastante da língua ucraniana, o fonema /r/ é único em qualquer contexto, pois o polonês não possui nem [R], vibrante múltipla apical, nem [X] constitutivo velar, como em português. Por isso, surge o grande problema, segundo o pesquisador, da pronúncia da vibrante múltipla do português. Salienta também que o bilíngüe, por vezes, não percebe tal distinção, ou, se o percebe, fará confusão entre as vibrantes existentes na língua portuguesa brasileira.

12.1.5 - Interferência fônica, variação e mudança em progresso

Junto à heterogeneidade e diversidade normal, ocorrente a cada evento de fala, encontra-se, na região em estudo, a heterogeneidade provocada pelo contato-conflito entre os usuários das línguas ou contato entre os dialetos locais.

Quais seriam as relações entre mudança em progresso e interferência, na situação multilíngüe ou bilíngüe?

Não temos a pretensão de esgotar o tema, até porque separamos o fenômeno da interferência para estudá-lo com maior especificidade. Consideramos que é preciso primeiro, conhecer esse processo lingüístico para, posteriormente, discutir as ocorrências de variação e mudança lingüísticas detectadas no dialeto orolocal. Porém, vamos apresentar algumas exemplificações, por nos depararmos amiudadamente com o fenômeno no “corpus” coletado, a ser analisado no próximo capítulo.

A princípio precisamos esclarecer que concebemos a relação interferência e mudança lingüística em progresso como processos coocorrentes ou encaixados um em relação ao outro. Por exemplo:

[éw kiRia muytó um rélóžyu dé paRédé maz ainda nón déw sértó]

Observa-se no enunciado transcrito acima, em relação à vibrante, os

seguintes processos lingüísticos:

- a) interferência da L1 na L2 em [rélóŽyu];
- b) aplicação da regra de reforço da vibrante em contexto lingüístico não adequado (Bisol, 1994), Druszczyk (1983): [kiRia], [paRédé];
- c) mudança em progresso em [sértó] conforme Monaretto (1997).

A variação advinda pela interferência é responsável pela caracterização do dialeto orolocal, e tenderá a diminuir de intensidade conforme esse processo da L1 na L2 deixar de existir, uma vez que o fenômeno da interferência apresenta graus, mas é um processo que pode não provocar mudança lingüística. Por outro lado, a variação sociolingüística que apontamos configura-se, atualmente, como mudança em progresso, que pode ser constatada regionalmente (Monaretto, 1997). Tal variação é passível de ocasionar mudanças lingüísticas. Como se pode ver, é preciso estabelecer a natureza lingüística de cada processo que está operando em uma comunidade de fala. Sugerimos que a complexidade lingüística existente na região em estudo seja estudada de modo específico.

A seguir nos concentraremos em um dos complicadores sociolingüísticos: os graus de interferência fônica detectada a partir da produção oral da vibrante, por sujeitos bilingües em P/U de Prudentópolis.

13 - INTERFERÊNCIA E CARACTERÍSTICAS DIALETAIS NA PRODUÇÃO ORAL DA VIBRANTE NA LÍNGUA PORTUGUESA: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Através da via empírica, mais especificamente da observação e da coleta de dados, conforme procedemos em todas as unidades que compõem o presente estudo, obtivemos os dados sobre a produção oral, em português, de um grupo de sujeitos bilíngües em P/U residentes em Prudentópolis.

A produção da fala dos sujeitos bilíngües selecionados foi integrada ao tema geral do presente estudo, que versa sobre as condições de resistência e vitalidade de uma língua minoritária e suas atuais implicações bilíngües, justamente porque entendemos que as abordagens etno e sociolinguística do contato-conflito lingüístico devem-se completar, sendo também vinculadas ao quadro dos estudos sobre a fala. Assim concebemos os estudos voltados para a constituição da língua nacional, que, por sua vez, se subordinam à questão, mais geral, da linguagem e de sua historicidade. Especificamente sobre o tema aqui estudado, as questões históricas e sociais responsáveis pelo surgimento da situação bilíngüe descrita em unidades anteriores podem e devem ser recolocadas no quadro mais amplo das pesquisas sobre a variação lingüística.

Em função disso, vamos analisar a interferência fônica provocada pelo contato-conflito lingüístico instaurado entre o uso das línguas portuguesa e ucraniana, junto a certas condicionantes sociais determinadas "a priori". Teoricamente, concebemos que ambas, interferência interlingüística e condicionantes sociais, são as responsáveis pela pronúncia variável da vibrante, com base no método quantitativo, da análise variacionista, proposto por Labov (1966) e Sankoff (1988).

Conforme consta na parte inicial deste estudo, o “corpus” a ser analisado foi obtido mediante a produção oral de 24 sujeitos bilíngües em P/U, residentes na sede urbana do município de Prudentópolis. Os critérios adotados para a forma de eliciação, também já comentados anteriormente, seguiram as determinações adotadas pelo projeto VARSUL (Variações Lingüísticas da Região Sul), em sua versão de 1996.¹

As variantes lingüísticas detectadas no “corpus” elicitado, vinculadas à regra de interferência entre as línguas ucraniana e portuguesa, ou à aplicação de regra de reforçamento, ou à não-aplicação da regra de interferência, resultaram, basicamente, em três tipos articulatórios principais:

- 1) anterior: para som de r-forte, realizado na zona anterior da boca, cujo símbolo fonético representativo e adotado aqui será [R];
- 2) posterior: para som de r-forte, realizado na zona posterior da boca, representado aqui pelo símbolo [X];
- 3) tepe: para som de r-fraco, realizado na zona anterior da boca, simbolizado aqui por [r]².

Os dados foram transcritos e, a seguir codificados. Na codificação, levou-se em consideração um grupo de fatores, distribuídos da seguinte forma:

1) Variáveis lingüísticas:

- a) aplicação ou não da regra de interferência;
- b) posição de aplicação da regra de interferência: inicial ou intermediária;
- c) contexto fonológico precedente (Consoante, a, e, é, i, o, ó, u, glide, #);
- d) oralidade-nasalidade da vogal precedente;
- e) contexto fonológico seguinte (i, e, é, u, o, ó, a);
- f) tonicidade da sílaba (tônica, pré-tônica, pós-tônica).

2) Variáveis sociais:

¹ O conjunto dos dados coletados foi doado pela pesquisadora ao banco de dados do referido Projeto.

² Classificação e caracterização dadas por Monaretto, 1997, p. 26.

- a) sexo (masculino, feminino);
- b) idade (de 25 a 49 anos; mais de 50 anos);
- c) escolaridade (primário, ginásio, 2º grau);
- d) rede social (aberta, fechada, intermediária);
- e) codificação especial atribuída a cada indivíduo a fim de efetuar levantamento sobre a forma de aquisição de ambas as línguas e outras idiossincrasias detectadas.

Foram codificadas 19.998 ocorrências de vibrantes nas já referidas 24 horas de gravação da fala de bilíngües em P/U. Como estamos dando prioridade ao processo de interferência entre as línguas portuguesa e ucraniana, isolamos a vibrante em posição silábica de ataque (rato, carro, cadeira) porque foi nessa posição que observamos maior incidência do processo em discussão. Na posição de coda (porta, mar), por outro lado, verifica-se a ocorrência do processo de mudança lingüística em progresso, cujos estudos são bastante atestados na literatura sobre o tema, no Brasil. Discutimos, de modo rápido, a questão no capítulo anterior, e, como já indicado, julgamos necessário, inicialmente, verificar a questão da interferência e, posteriormente, observar a questão da mudança lingüística em progresso. Em etapa posterior será importante cruzar os dados sobre a interferência e a mudança lingüística em progresso, e comparar com resultados aferidos em comunidades monolíngües. Tais resultados poderão apontar as características comuns do fazer lingüístico humano e parâmetros desencadeados pela situação etnolingüística envolvida.

As variáveis lingüísticas, as sociais e as relativas à forma de aquisição de ambas as línguas foram consideradas neste estudo porque temos como objetivo verificar o grau de condicionamento desses fatores no emprego das regras de interferência ou de reforçamento da vibrante. O resultado disso apontará as características do dialeto orolocal surgido através da situação lingüística instaurada na região.

Utilizaremos como parâmetro de comparação, com o objetivo de especificar o dialeto orolocal, os resultados levantados por Monaretto (1992, 1996, 1997). Isso se tornou possível devido à identificação teórico-metodológica e à identificação geográfica entre o dialeto que estudamos e os dialetos que a pesquisadora discutiu em seus estudos, principalmente os relativos ao emprego da vibrante na região de Curitiba.

13.1 - "CORPUS" COLETADO E SUJEITOS BILÍNGÜES SELECIONADOS

A necessidade de comparação entre resultados aferidos pela identificação teórico-metodológica, somada à certeza de estarmos adotando metodologia já consagrada, nos fez optar por falantes bilíngües em P/U urbanos, uma vez que o banco de dados do projeto VARSUL, do qual esta investigação também faz parte, foi montado com amostras de fala da língua portuguesa urbana. Assim, os 24 sujeitos que compõem a amostra em discussão nasceram e são domiciliados na sede urbana de Prudentópolis, acrescidos de outros requisitos sociolingüísticos já apontados acima e na introdução deste estudo.

Em relação banco de dados do projeto VARSUL, a especificidade desses dados reside no caráter bilíngüe dos sujeitos e é, por outro lado, a responsável pela caracterização do dialeto em discussão. Porém, a distinção desse dialeto, relativamente ao da região de Curitiba, seria mais proeminente se se tratasse do dialeto rural prudentopolitano, pois sabemos que, mesmo em situações lingüísticas monolíngües, as distinções entre dialeto rural e urbano existem e já foram bastante documentadas por sociolingüistas. Aqui, no entanto, nas zonas rurais, onde se concentra grande parte da comunidade de fala ucraniana, o dialeto existente parece apontar para a existência de vestígios da chamada "interlíngua". Há muitos traços de identificação entre a fala dos sujeitos bilíngües em P/U de Prudentópolis e as estratégias apontadas por Gorbet (1979), já discutidas no capítulo anterior. Representam vestígios de um processo de pidginização que deve ter existido na região em pauta. Julgamos, no entanto, que é preciso, inicialmente, caracterizar o dialeto urbano para, posteriormente, levantar as especificidades do dialeto rural prudentopolitano. Tem-se aí, outro estudo a ser desenvolvido na região, decorrente da investigação efetivada.

Na unidade em que descrevemos a situação bilíngüe de Prudentópolis, verificamos, na sede urbana, que muitas famílias ou indivíduos isolados, descendentes de ucranianos, já adquiriram as línguas portuguesa e ucraniana simultaneamente. Outra forma constatada foi a da aquisição da língua ucraniana, que não mais se efetiva na casa paterna, mas em escolas públicas ou particulares. Logo, a identificação com a expressão "My home is my linguistic castle" já não corresponde à atual realidade lingüística detectada na sede urbana. Soma-se a isso o fato de que, embora as línguas portuguesa e

ucraniana tenham, na comunidade de fala ucraniana em estudo, há muito tempo, “status” bem definidos, atribuídos por seus usuários em função do contexto situacional em que ambas as línguas convivem, na sede urbana, há várias décadas a língua ucraniana vem perdendo domínio funcional. Por conseguinte, neste final do século XX, desempenha aí, quase exclusivamente, a função de língua da religião. Sendo assim, a expressão “Language as religious identity” identifica-se melhor com a realidade lingüística urbana de Prudentópolis, relativamente à comunidade em estudo. Neste caso, a exposição à língua ucraniana e, conseqüentemente, o “input” fornecido pela língua étnica aos seus usuários, passa a ser extremamente restrito e específico, enquanto a influência da língua portuguesa se torna praticamente plena. A implicação de todos esses fatores lingüísticos aponta para a existência de um dialeto local urbano cujas especificidades estão desaparecendo e, em conseqüência disso, pode estar surgindo maior aproximação com o falar da região de Curitiba, devido à aproximação geográfica entre os dois centros urbanos. Há outras identificações históricas, sociais e culturais que também aproximam o dialeto urbano prudentopolitano do dialeto da região curitibana.

Os vinte e quatro sujeitos, selecionados conforme critérios já discutidos, convivem na realidade interlingüística descrita acima, sendo eles próprios agentes dessa situação.

Do levantamento sobre a idade em que os sujeitos adquiriram ambas as línguas, cuja produção oral será discutida a seguir, obtivemos o seguinte perfil:

1) Aquisição simultânea:

a) L1: Ucrâniano

L1: Português

- 7 sujeitos;

2) Aquisição consecutiva ou sucessiva:

b) L1: Ucrâniano

L2: Português - Adquirido após os 3 anos de idade:

- 7 sujeitos;

c) L1: Ucrâniano

L2: Português: adquirido após os 7 anos de idade, junto com a alfabetização que foi em português:

- 8 sujeitos;

d) L1: Português

L2: Ucrainiano: adquirido após os 7 anos, em escola particular e paroquial, junto com as aulas de religião:

- 2 sujeitos³.

Os perfis levantados acima apontam para um “continuum”, em relação à idade de aquisição de ambas as línguas:

a) língua ucraniana: de 0 a 7 anos;

b) língua portuguesa: de 0 a 7 anos.

Trata-se de bilingüismo precoce e predominantemente consecutivo, conforme o caracterizamos na parte IV deste estudo. O “continuum”, que naturalmente se formou, por sua vez, permite verificar o grau de interferência em ambas as línguas. Nesta investigação, porém, observaremos os aspectos fonético-fonológicos da língua ucraniana interferentes na língua portuguesa.

As outras dimensões sociopsicológicas e socioculturais, que também se vinculam à identidade étnica dos sujeitos em estudo, já foram bastante discutidas em unidades anteriores.

Assim, junto à tarefa de examinar quais as variantes da vibrante são mais empregadas na amostra elicitada para esta pesquisa, em qual das variantes da vibrante se situa a interferência, e, ainda, quais os fatores lingüísticos e sociais que exercem papel nessa variação, este estudo tem também o objetivo de verificar a possibilidade de estabelecer o grau de interferência na fala dos bilíngües, em relação à forma como se processou a aquisição das línguas em estudo. Em síntese, todas as discussões concorrem para a verificação da hipótese sobre a existência ou inexistência de um dialeto

³ Os principais motivos que levaram os sujeitos a adquirirem a língua ucraniana foram: um deles passou a trabalhar na tipografia pertencente à instituição católico-ucraniana de Prudentópolis; nesse local, onde se imprimem o jornal e os materiais de divulgação da organização religiosa em ucraniano e-ou em português, os funcionários falam, quase exclusivamente, ucraniano, o que é quase uma exigência natural da atividade; o outro passou a fazer parte do grupo folclórico ucraniano de Prudentópolis, o “Vesselka”; antigamente a maior parte dos integrantes desse grupo dominavam as habilidades lingüísticas do ucraniano e, por causa disso, utilizavam-nas amiudadamente nos encontros. Portanto, ambos nos disseram que se tornaram bilíngües necessariamente a partir dos 7 anos.

orolocal, constituído a partir dos fatores extralingüísticos, de natureza sociocultural e demográfica, na região em pauta.

13.2 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS NA FALA DE SUJEITOS BILÍNGÜES, SOB A PERSPECTIVA QUANTITATIVA

13.2.1 - A vibrante como variável dependente: resultados gerais

Inicialmente, observamos os dados tendo como variável dependente as variantes da vibrante. Assim obtivemos o seguinte resultado⁴:

Variantes	número	%
r	17.241	86
R	2.564	13
X	193	1
Total	19.998	100

O tepe foi a variante predominante aqui, atingindo o índice percentual de 86%, enquanto a vibrante anterior, alveolar dupla obteve 13% de ocorrência no “corpus” elicitado. Esse resultado se identifica com o obtido por Monaretto (1997, p. 27), que aponta o tepe como a variante mais usada na fala dos sujeitos monolíngües em português, residentes em Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

A freqüência obtida, somada ao fato de que esse som se originou de um exercício de reanálise fonológica feito pelos bilíngües em P/U, corroboram a hipótese de que esse fonema constitui a forma subjacente da vibrante. O som duplo do fonema, portanto, passa a ser o resultado da aplicação de uma regra de reforço efetuada ao tepe.

Em relação às vibrantes duplas, observa-se que a preferência pela vibrante anterior, alveolar, dupla é praticamente categórica, pelo alto número de realizações constatadas. Esse resultado também encontra identificação com o de Monaretto (1997, p. 32):

... em Curitiba (...) há a presença das quatro variantes, sendo o emprego da vibrante anterior e da retroflexa os mais significativos.

⁴ Devido ao grande número de dados codificados, o programa VARBRUL não aceitou algumas células. Nesse caso trabalhamos apenas com porcentagens. O peso relativo, por sua vez, quando o programa nos forneceu, nós o utilizamos aqui.

Embora concordemos com a afirmação de que a preferência pelo emprego de determinada variante possa estar relacionada à localidade, acrescentamos o fato de que tal preferência pode ser reflexo da situação multilíngüe que é bastante comum na região de Curitiba, cidade cuja identificação demográfica se assemelha com a da região que investigamos. Junto a essas constatações, acrescentamos outras; por exemplo:

- o som vibrante duplo, que inicialmente passa a fazer parte do sistema do bilíngüe em P/U de Prudentópolis, é o anterior, alveolar; a mudança de ponto e modo de articulação que esse som vem sofrendo há várias décadas no português do Brasil é também detectada na comunidade de fala ucraniana, porém aí se encontra em estágios mais primitivos; a adoção paulatina do som fricativo posterior pelos falantes bilíngües em estudo acompanha o decréscimo do grau de interferência presente na fala do sujeito bilíngüe em P/U, ou seja, parece ser um processo de “desinterferência” entre as línguas em pauta;
- o processo de posteriorização da vibrante múltipla, que a comunidade de fala ucraniana está operando de forma lenta, ocorre concomitantemente à posteriorização, enquanto a aspiração praticamente não existe no sistema fonológico do bilíngüe em P/U de Prudentópolis, o que confirma ser processo ocorrido em etapa ulterior (Callou, 1987);
- com relação ao fonema [h], que foneticamente também aparece como realização da vibrante dupla no português brasileiro, ele foi detectado de modo predominante apenas na fala de um sujeito e, mesmo assim, sua produção sinaliza para um caso de desvio fonológico, não constituindo, portanto, realização de processo de transferência; conforme já enunciamos no capítulo anterior, a não-realização desse fonema pelo grupo explica a sólida distinção que o falante nativo faz entre fonemas de sua língua; junto a isso, constata-se que o processamento do som é efetivado através de classes de sons ou classes naturais de sons (Stampe, 1973);
- em muitas das ocorrências nas quais se constatou o som fricativo posterior, neste “corpus”, ele apareceu em palavras tomadas de empréstimo de outros léxicos regionais do Brasil, como, por exemplo, em [šuxasko], [šimaxón]; essas palavras entraram para o léxi-

co local junto com as migrações sulistas vindas para a região em estudo, referidas em unidades anteriores; na maioria das emissões dessas palavras, a vibrante dupla não se identifica com o processamento evolutivo por que o som vem passando na região: [r] > [R] > [X]; nesse caso, há exemplos que corroboram a teoria da difusão lexical (Wang, 1969), na qual se afirma que a palavra tem soberania e liberdade para determinar sua própria história; por outro lado, a grande maioria dos usuários do dialeto local apresenta a evolução da vibrante do tipo passo a passo, de acordo com a seqüência indicada acima e conforme propunham os neogramáticos; tal seqüência é verificada, inclusive, através da mudança em tempo aparente. No artigo “Resolving the neogrammarian controversy” (1981), Labov afirma e ilustra através de exemplos, que as palavras mudam e os sons mudam; porém, a seguir aponta que⁵:

The whole array of sound changes will undoubtedly show many intermediate combinations of these properties of discreteness, abstractness, grammatical conditioning, and social conditioning.

13.2.2 - A aplicação da regra da interferência nas variantes da vibrante

Dos 19.998 dados que o programa VARBRUL analisou, 2.398 apresentaram emprego da regra de interferência. Conforme comentamos acima, o índice geral de ocorrência do processo em discussão (11,9%) revelou que a interferência, embora ainda possa caracterizar o dialeto orolocal, está em vias de ser substituída pela norma de pronúncia paranaense. Isolando-se os dados onde a regra de interferência foi aplicada, constatamos o seguinte:

Interferência		
Variantes	número	%
R	1.530	63,8
r	862	35,9
X	6	0,3
Total	2.398	100,0

A interferência consiste predominantemente na não-aplicação da re-

⁵ O conjunto total de mudanças de sons indiscutivelmente mostram muitas combinações intermediárias destas propriedades de discrição, abstração, condicionamento gramatical e condicionamento social.

gra de reforço de vibrante e, neste caso, ocorre um processo de transferência do sistema fonológico da língua ucraniana para a língua portuguesa, uma vez que naquela língua não há essa regra. Em relação ao tepe, sucede o inverso: os bilíngües aplicam a regra de reforço da vibrante em contexto inadequado. Aqui, podemos pressupor que o falante está ciente da especificidade fonológica da língua portuguesa, porém, as hipóteses criadas sobre a necessidade de aplicação da regra de reforço da vibrante necessitam ser reformuladas para acrescentar as especificidades e as exceções fonológicas e lingüístico-contextuais da língua portuguesa sobre o uso da referida regra. A operação de supra-diferenciação, conforme classificação de Weinreich, apresenta índice menor, em relação ao da não-aplicação dessa regra. Acrescentam-se, assim, mais dados justificativos que corroboram a hipótese da existência de um único fonema vibrante no sistema fonológico da língua portuguesa. Mas há, também, dados que confirmam outra hipótese: a de ser a vibrante simples o fonema que deve estar a nível subjacente na língua portuguesa do Brasil.

O baixo índice de uso do som fricativo posterior em contextos lingüísticos não-adequados, que podem ser atribuídos, inclusive, a “desvios fonológicos” ou, ainda, a “erros de fala”, comumente detectados na comunicação diária de monolíngües, vem comprovar que a presença desse som no inventário fonético-fonológico de um sujeito bilíngüe em P/U constitui indicativo da eliminação do processo de interferência entre as línguas em questão.

13.2.3 - Interferência como variável dependente

Os dados já apresentados indicam que a interferência se faz presente na produção oral efetuada em português por falantes bilíngües em P/U, através do emprego da regra de reforçamento da vibrante em contextos lingüísticos em que não é exigido o emprego de tal regra, ou o oposto, não-emprego da regra de reforçamento fonético, com ou sem implicações fonológicas do fonema em questão. Uma vez constatado isso e verificando-se também em que variante da vibrante há maior aplicação da regra de interferência, vamos considerar, a partir de então, a interferência como variável dependente.

13.2.3.1 - Interferência e variáveis lingüísticas:

1) Posição silábica de aplicação da regra de interferência:

a) No ataque	Nº	%
- Início da sílaba, início da palavra	82	50,0
- Início da sílaba, dentro da palavra	2.316	11,0
Total	2.398	61,0

Como se pode observar, a interferência se situa predominantemente na posição inicial absoluta. Assim, a sílaba passa a ser importante fator para a manifestação fonética da vibrante. Constata-se também que, nesse contexto lingüístico, em que não emerge o caráter fonológico do fonema vibrante na língua portuguesa, a pouca exposição a essa ocorrência ou a própria escassez de “input” contendo itens que exigem a aplicação da regra de reforçamento da vibrante em início de sílaba ou início de palavra pode ser a responsável pela ocorrência desse processo lingüisticamente localizado. Tal resultado se ajusta à chamada hipótese do “input”, de Krashen. Para ele, a única maneira de se ensinar uma língua a alguém é fornecendo-lhe suficiente “input”. Logo, considerando que a ocorrência da vibrante dupla em posição inicial absoluta é extremamente rara, quer no léxico da língua portuguesa, quer na normalidade linear e seqüencial da produção da fala, tal processo de interferência localizado acompanha por muito tempo o falante de L2 em língua portuguesa. Constata-se sua ocorrência inclusive na fala de sujeitos ditos bilíngües incipientes, ou ainda, de monolíngües em português, mas que convivem na comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis, descendentes ou não de ucranianos.

2) Implicações decorrentes do contexto fonológico precedente

A interferência observada no contexto fonológico precedente apontou os seguintes condicionamentos:

Variantes lingüísticas	Nº	Peso relativo	Exemplos
#	164	.85	rapazes
glide	94	.85	eu rezo
u	552	.59	natureza
e	2.459	.52	cadeira
a	2.118	.51	a religião
o	1.697	.48	orientar

i	328	.46	vestiram
ó	1.062	.45	agora
C	9.521	.42	branco
é	2.003	.30	era
Total	19.998		

A manifestação da interferência se mostrou condicionada à ausência de elemento fonológico precedente (\emptyset), adequando-se com o resultado apontado acima, e também seguida de glide. Ambos os contextos lingüísticos de manifestação da vibrante, \emptyset e glide, são extremamente raros em português, o que favorece o surgimento da variação no emprego da regra de uso da vibrante na língua portuguesa, conforme justificativa apresentada acima. Tem-se aqui novamente a manifestação da interferência provocada pela escassez do “input”, impossibilitando a criação da hipótese de reanálises a partir dos dados lingüísticos fornecidos. Especificamente sobre a glide, Monaretto (1992) aponta que, nos vocábulos de língua portuguesa, não se verifica a presença de ditongo seguido de [R], com exceção de “bairro”. As ocorrências que detectamos, de glide seguida por vibrante, nesse “corpus”, foram as que surgiram do natural encadeamento da fala. Dessa forma, além do contexto histórico e social bastante amplo em que situamos o dialeto orolocal, estamos levando em consideração os fenômenos que ocorrem no momento da enunciação. Somamos a isso o contexto da produção, a observação da fala a partir do uso do dialeto orolocal, à luz da situação sociolingüística. Assim, podemos afirmar que estamos considerando a produção discursiva na grande maioria dos seus âmbitos (Hamel, 1983).

Os demais contextos fonológicos precedentes que foram selecionados não apresentaram tendência clara sobre o elemento condicionador da interferência constatada, exceto nos dois extremos (u, é), cujas características fonológicas são bastante diferenciáveis entre si. Porém, outros elementos condicionantes devem estar interferindo na aplicação da regra, não necessariamente o contexto fonológico precedente.

3) Característica nasal-oral da vogal precedente

O comportamento da interferência junto à característica nasal-oral da vogal precedente foi o seguinte:

	Nº	%	Exemplos
a) Vogal precedente nasal	62	45,0	um respeitava

b) Vogal precedente oral	1.466	15,0	de repente
c) / (não aplica)	870		
Total	2.398		

A escassez do “input”, em relação à seqüência nasal+vibrante, constatada acima, junta-se às outras ocorrências raras de vibrantes em determinados contextos. Pela recorrência do resultado, podemos afirmar que a aplicação da regra em pauta é fruto da pouca exposição a determinadas seqüências que envolvem a vibrante. A seqüência vogal oral+vibrante, por sua vez, não se mostrou significativa para a manifestação da regra de interferência. Se a pouca exposição à norma condiciona o surgimento da regra de interferência, o suficiente fornecimento de dados condiciona, por sua vez, o não-surgimento da regra em discussão.

4) Implicações decorrentes do contexto fonológico seguinte

Ao contrário do contínuo que se formou em relação ao contexto fonológico precedente, os resultados aqui mostram certo equilíbrio de comportamento na manifestação da regra de interferência.

Variantes lingüísticas	Nº	Peso relativo	
e	4.794	.57	costureira
é	399	.53	prezinho
i	2.809	.50	gostaria
o	2.838	.47	futuro
a	8.292	.43	senhora
ó	284	.38	paróquia
u	582	.37	grupo
Total	19.998		

Em princípio, não se evidencia fator condicionante lingüístico, vocálico e pós-vibrante, que seja responsável pela aplicação da regra de interferência, conforme verificamos em relação ao contexto fonológico precedente. Todas as variantes lingüísticas selecionadas são bastante recorrentes no contexto lingüístico em discussão, o que favorece a diminuição da influência da interferência interlingüística.

A seqüência descendente acima revela, por outro lado, a presença de outros elementos — de natureza diferente da que se manifestou no levantamento feito sobre o contexto fonológico precedente — que podem estar

favorecendo a aplicação da regra em tela. Aqui, o traço distintivo parece ser: vogais anteriores x vogais posteriores. Enquanto as primeiras propiciam a aplicação da regra em discussão, as últimas parecem impedir a aplicação da regra de interferência. Considerando que a variante do som vibrante mais recorrente na região em estudo é a vibrante alveolar anterior, a presença de uma vogal anterior, em posição pós-vibrante, pode estar proporcionando a aplicação da referida regra.

5) Interferência e tonicidade silábica

A análise dos contextos fonológicos precedente e seguinte não revelou comportamento genérico quanto à manifestação da regra de interferência. Faz-se mister, portanto, verificar o comportamento da tonicidade das sílabas, junto à manifestação do processo interlingüístico em discussão.

Características da sílaba	Nº	Peso relativo	Exemplos
a) Pré-tônica	6.421	.57	carregava
b) Tônica	5.477	.51	as roupas
c) Pós-tônica	8.100	.44	mulheres
Total	19.998		

Embora a diferença de aplicação da regra entre os três tipos silábicos exemplificados tenha sido irrelevante, a sílaba pré-tônica favorece ligeiramente a aplicação da regra de interferência.

No conjunto, algumas das variáveis lingüísticas selecionadas apresentaram resultados expressivos em relação à manifestação da regra de interferência. São elas: a posição em que a vibrante se encontra na sílaba e o contexto fonológico precedente, com glide e com nasal. Tais resultados são motivados principalmente pela rara ocorrência do fonema em estudo no "input" fornecido ao bilíngüe.

13.2.3.2 - Interferência e variáveis sociais

1) Interferência e escolarização:

Escolaridade	Nº	Peso relativo
a) Primário	6.200	.55
b) Ginásio	5.873	.49
c) 2º grau	7.925	.35

Total 19.998

É interessante lembrar que, no levantamento efetuado sobre a situação bilíngüe individual, em que os sujeitos selecionados necessariamente não se confundem com os integrantes do grupo ora em discussão, a questão “escolaridade”, em função do uso de ambas as línguas em estudo, manifestou esse mesmo comportamento gradativo: certa progressão-regressão no uso da língua minoritária e da língua majoritária, relacionada com a maior ou menor escolarização. Confirma-se a tese de que pessoas com maior escolaridade podem aprender a língua majoritária mais facilmente e, por isso, não precisam tanto da L1 para fins comunicativos. Por não precisarem dispensar tanto tempo à aquisição da língua e da cultura dominante, tais indivíduos têm mais oportunidade de manter a L1 (Clyne, 1997). A recorrência de resultados que obtivemos, a partir de grupos de sujeitos distintos e com metodologias e objetivos também diferenciados, nos leva a afirmar que a escolarização não só pode favorecer a manutenção de uma língua minoritária como também pode interferir na menor taxa de aplicação da regra de interferência. Emergem, junto a esse resultado — maior uso de uma língua e menor taxa de interferência —, questões relacionadas com o desenvolvimento da consciência metalingüística, que, segundo consta e conforme comentários feitos na unidade onde descrevemos o bilingüismo, é mais aguçada em sujeitos bilíngües. Druszcz (1983), em seu estudo sobre a interferência fônica do polonês no português, também detectou resultado semelhante ao demonstrado acima. Afirmou ele que quanto maior a instrução, menos os “erros” detectados.

2) Interferência e rede social

O fato de estarmos discutindo a aplicação de uma regra interlingüística no interior de um grupo social e étnico específico exigiu a observação das redes sociais da população-alvo⁶. Constatamos, então, no levantamento feito e discutido em unidades anteriores, que o tipo de rede social mantido pela família ou pelo sujeito é responsável por um dos seguintes processos lingüísticos: manutenção da língua ucraniana ou sua substituição pela língua portuguesa.

Para determinarmos o tipo de rede em que cada sujeito entrevistado poderia ser classificado, levamos em consideração a situação empregatícia

⁶ Ver parte IV deste estudo.

ou profissional, a vivência social, as pessoas com quem o sujeito mais conversa, a relação com a vizinhança e as pessoas com quem mais se relaciona (Milroy, 1981). O levantamento feito com base nesses fatores apontou para as seguintes conseqüências lingüísticas:

Tipo de Rede Social	Nº	Peso Relativo
a) Fechada	2.942	.78
b) Intermediária	4.591	.56
c) Aberta	12.465	.40
Total	19.998	

Observa-se que determinado tipo de rede social condiciona a aplicação da regra de interferência. A maior exposição à língua portuguesa, a que os integrantes de uma rede social aberta estão sujeitos, por exemplo, aguça a percepção sobre o contexto de aplicação da regra de reforçamento da vibrante. Logo, menor é o índice de aplicação da regra em discussão.

Entre as duas redes sociais situadas nos extremos, detectamos um tipo específico, que denominamos de rede social intermediária. Fazem parte dela, por exemplo, professores aposentados que, a partir da interrupção da atividade, restringiram o círculo de amizade e de contatos sociais. Na distribuição da aplicação da regra de interferência, o grupo assim classificado situou-se na posição intermediária entre os dois pontos, confirmando a natureza dinâmica e graduável, não só das relações sociais, mas também do processo lingüístico em discussão. Julgamos, no entanto, que, para esse grupo, a variável social “faixa etária” deve estar também interferindo nos resultados aferidos.

Na rede social fechada estão os sujeitos cujas interações pragmático-comunicativas se efetivam quase exclusivamente junto a familiares, ou com pessoas pertencentes ao grupo étnico correspondente. De modo mais específico, comunicam-se mais assiduamente com pessoas pertencentes ao seu grupo etnorreligioso e, predominantemente, em língua ucraniana, além de sua vida social estar restrita à participação em festividades religiosas. Estão expostos à língua portuguesa através dos meios de comunicação de massa, dos vizinhos e de determinados parentes, porém o acesso a estes é bastante limitado.

Há perfeita vinculação desses resultados com aqueles discutidos na unidade sobre o bilingüismo familiar e individual. Por exemplo:

	Interferência
a) Rede social Aberta	
- menor uso da língua ucraniana	
- maior uso da língua portuguesa	.40
b) Rede social intermediária:	
- maior uso da língua portuguesa > menor uso da língua portuguesa	
- menor uso da língua ucraniana > maior uso da língua ucraniana	.56
b) Rede social fechada:	
- menor uso da língua portuguesa	
- maior uso da língua ucraniana	.78

Ao contrário do resultado anterior, relativo à escolarização, o maior uso da língua ucraniana, aqui, em relação aos que mantêm rede social fechada, implica considerável aumento de aplicação da regra de interferência. O cruzamento de dados aponta para a interferência como sendo motivada por insuficiência de dados em língua portuguesa, o que também não possibilita o desenvolvimento da consciência metalingüística quanto à distinção entre os dois sistemas. Mesmo que tal consciência metalingüística seja mais aguçada em sujeitos bilíngües, é preciso receber “input” quantitativo e qualitativo suficiente para que possam aplicar corretamente as regras de reforçamento contextual da vibrante em língua portuguesa.

3) Interferência e sexo

Conforme apontamos anteriormente, os estudos sobre a dimensão social da variável “sexo”, ao lado dos condicionamentos lingüísticos detectados, resenhados por Wodak e Benke (1997), formam já um considerável corpo de dados. Todos os resultados, contraditórios ou não, apontam para a inegável atuação dessa variável social na distribuição de determinada regra sociolingüística. As referidas pesquisadoras sugerem que a variável “sexo” seja avaliada a partir da diferença psicológica, social e cultural entre machos e fêmeas. O amplo contexto histórico, social, econômico e cultural que apresentamos em unidades anteriores, em que os sujeitos integrantes desta população-alvo se inserem, ajusta-se a essa sugestão.

Sexo	Nº	Peso Relativo
------	----	---------------

a) Masculino	9.837	.58
b) Feminino	10.161	.42
Total	19.998	

O condicionamento da variável social “sexo”, na distribuição da regra sociolingüística em discussão, confirma a asserção de que a língua-padrão está relacionada à mulher, ao passo que o vernáculo é mais detectado no falar do homem. Considerando o contexto em análise, em que o padrão é falar em português, independente do registro utilizado (Halliday, 1970), o resultado reflete que a menor interferência implica a maior aproximação com a língua majoritária e, como tal, passa a se aproximar do que pode ser chamado de uso obrigatório de um código lingüístico. Essa constatação tem por base o fato de que o português é a língua oficial do país de adoção. Sendo assim, o resultado não indica, necessariamente, que as mulheres utilizam a modalidade-padrão da língua portuguesa, enquanto os homens usam a modalidade coloquial. O que se verifica, na verdade, é que as mulheres se aproximam mais da competência lingüística do falante nativo. Nesse caso, então, a mulher bilíngüe teria consciência metalingüística mais aguçada que o homem, por estar vinculada a questões sociais da seguinte natureza: consciência da dimensão do prestígio e da dimensão da ascensão social (“upward mobility”).

Ao efetuarmos o cruzamento destes dados com aqueles verificados junto ao bilingüismo individual, obtivemos resultado bastante interessante, coincidente com os resultados sobre a escolarização:

	Língua mais usada	Interferência
a) Homens	P	.58
b) Mulheres	U	.42

Mesmo que a mulher utilize mais a língua ucraniana do que o homem, o que caracteriza o dito “conservadorismo feminino”, advindo do atributo dado a ela pelo fato de ser responsável pela manutenção do universo cultural, a interferência revelou ser percentualmente menor em relação à que foi revelada pelos homens. Consideramos que a percepção mais aguçada, característica do gênero “fêmea”, é responsável pelo desenvolvimento da consciência metalingüística, sugerida pela recorrência dos resultados, passando a ser fator interveniente na distribuição dos percentuais acima. Além dessas implicações sociolingüísticas, há outras, como por exemplo:

- esse resultado, aparentemente contraditório, caracteriza a existência do conflito lingüístico instaurado na região em estudo, pois a simples situação de contato entre línguas não produziria tais implicações sociolingüísticas;
- embora as mulheres possam estar menos expostas à língua portuguesa do que os homens, uma vez que usam mais a língua ucraniana, isso parece não interferir no “output” em português; Krashen (1982) afirma que é impressionante a força de outros dispositivos, tais como objetivos precisos de aprendizagem, predisposição e percepção mais aguçada, por exemplo;
- tais dispositivos possibilitam que algumas pessoas, apesar das condições mais adversas de exposição à língua, adquiram alguns traços da língua com mais perfeição do que outras;
- a afirmação de que quanto mais se falar a língua ucraniana maior é o prejuízo na aprendizagem ou no próprio uso da língua portuguesa, anula-se plenamente através destes resultados.

Nos resultados apontados por Druszcz (1983), consta que as mulheres cometem mais “erros” por terem menos ocasiões de contato com a língua portuguesa. No presente estudo, essa afirmação é totalmente anulada.

4) Interferência e faixa etária

O projeto VARSUL, no qual esta investigação se integra, agrupa os informantes em duas faixas etárias: de 25 a 49 anos e mais de 50 anos, conforme já enunciado anteriormente. Dessa forma, as falas gravadas foram produzidas por sujeitos adultos cuja caracterização predominante, detectada em estudos variacionistas, é a do conservadorismo, uma vez que se trata de população, conforme dissemos, de adultos. Este conservadorismo é gerado, de acordo com alguns sociolingüistas, pela imposição do mercado de trabalho, que exige o uso da variante-padrão (Bright, 1997). Em relação a Prudentópolis, verificamos que, no local de trabalho, a língua preferencialmente escolhida é a portuguesa, mesmo quando o indivíduo tem como companheiro de jornada pessoas bilíngües. Detectamos nessa variável, o seguinte resultado:

Faixa etária	Nº	Peso relativo
a) Menos de 50 anos	10.797	.36
b) Mais de 50 anos	9.201	.67

Total 19.998

Cruzando esses resultados com os do uso preferencial das línguas pelos sujeitos bilíngües, obtém-se o seguinte quadro referencial:

Faixa etária	Uso preferencial das línguas	Interferência
a) Menos de 50 anos	P	.36
b) Mais de 50 anos	U	.67

A preservação de um capital cultural e, em relação à presente investigação, a manutenção da língua minoritária, simboliza o conservadorismo etnolingüístico, refletido no maior uso da língua ucraniana. Por outro lado, estudos variacionistas efetivados sobre o uso de determinado dialeto por um grupo específico mostram que o avanço da faixa etária correlaciona-se com o crescente conservadorismo na fala. Tudo isso está refletido e amalgamado nos resultados aferidos aqui, através do maior uso da língua ucraniana e do maior índice de interferência interlingüística detectada. Assim, pode-se dizer que os índices refletem as características da chamada situação lingüística em tempo real e em tempo aparente, na região em estudo: atualmente, há restrição ao domínio funcional atribuído pelos usuários à língua ucraniana, demonstrado em capítulos anteriores, implicando menor índice de interferência; no outro extremo, nos deparamos com uma situação lingüística em que havia mais domínios funcionais de uso atribuídos à língua minoritária, menor exposição à língua majoritária e, conseqüentemente, maior índice de interferência. Voltaremos a essa questão posteriormente. Mais duas conseqüências lingüísticas são decorrentes daí: em primeiro lugar, evidencia-se a característica graduável da interferência; em segundo lugar, de acordo com os índices, a referida mudança lingüística em progresso, verificada no dialeto orolocal, parece caminhar em direção à norma-padrão regional do monolíngüe em português.

Eckert (1997) levanta algumas questões que merecem ser citadas aqui⁷:

... the evidence from apparent time (...), it is ambiguous whether the language patterns of the community are changing over the years or whether the speakers are becoming more conservative as they age – or both. With out evidence in real time, there is no way of establishing

⁷ ... a evidência do tempo aparente (...) é ambígua se os padrões da língua de uma comunidade mudam com o passar dos anos ou se os falantes tornam-se mais conservadores conforme eles têm mais idade ou ambos. Sem a evidência do tempo real, não há forma de estabelecer se padrões de estratificação etária da variação realmente reflete uma mudança em progresso ou não.

whether or not age-stratified patterns of variation actually reflect change in progress.

O fato de termos inserido a variação em um contexto histórico e social amplo, em que se combinam o ontem e o hoje, nos autoriza a fazer a seguinte afirmação: trata-se de uma mudança em progresso, a qual está alterando as características marcantes do dialeto orolocal, surgido do contato-conflito entre as línguas portuguesa e ucraniana.

Essa discussão, no entanto, não se manifesta como um dos principais problemas surgidos a partir da investigação. Parece-nos que os resultados que apontam ora para maior índice de interferência correlacionado com o maior uso da língua ucraniana, ora para maior uso da língua portuguesa, implicando o menor índice de interferência, passaram a ser fundamentais neste estudo. Partindo dessa constatação, efetuamos o chamado cruzamento de fatores extralingüísticos, entre aqueles que estão se comportando como os principais condicionadores do uso da regra interlingüística na unidade lingüística ora em análise: “sexo” e “faixa etária”:

	Interferência	
	Faixa etária	Faixa etária
Sexo	A	B
a) Masculino (+P)	.44 (+P)	.76 (+U)
b) Feminino (+U)	.30 (+P)	.55 (+U)

O que estaria, na realidade, condicionando o maior-menor índice de interferência?

- a) o desenvolvimento da percepção e da consciência metalingüística?
- b) o conservadorismo, o desejo de ascensão social, ou o oposto, a despreocupação com esses dois fatores, ou com outros, de igual natureza?
- c) a quantidade ou a qualidade do “input”?

A resposta a essas questões que emergiram da presente investigação, evidentemente, não pode ser dada categoricamente, tendo por base apenas os resultados obtidos neste estudo. São necessárias mais investigações dessa natureza, para que se possa apontar o principal fator condicionador ou distribuidor dos índices probabilísticos detectados na quantificação dos dados relativos ao processo lingüístico em discussão.

Apontamos, no entanto, que o processo lingüístico da interferência longe está de ser considerado simplesmente como conseqüência reveladora do desconhecimento da língua-alvo. Vários são os fatores intervenientes com que nos deparamos quando esse processo é inserido no amplo contexto sócio-histórico e sociolingüístico instaurado pela situação de contato-conflito lingüístico.

O quadro-síntese da Figura 12, elaborado a partir da combinação dos resultados já discutidos sobre o condicionamento das variáveis sociais, revela-nos um panorama bastante interessante, conforme já apontamos.

	Língua preferencial	Índice de interferência
Escolarização:		
- Menor escolarização	P	.55
- Maior escolarização	U	.35
Rede social:		
- Fechada	U	.78
- Intermediária	P/U	.56
- Aberta	P	.40
Sexo:		
- Masculino	P	.58
- Feminino	U	.42
Faixa etária:		
- Mais velhos	U	.67
- Mais jovens	P	.36

Figura 12 - Quadro das variáveis sociais, língua preferencial e índice de interferência.

5) Interferência e formas de aquisição das línguas em questão

Já enunciamos, neste estudo, que as formas de aquisição de uma língua em relação a outra, e em situações bilíngües, naturais ou artificiais, são consideradas como fatores atuantes na interferência de uma língua sobre a outra. Em função disso, os dados de produção da fala de cada um dos sujeitos que fazem parte deste estudo foram codificados individualmente. Tal procedimento possibilitou a formação de quatro grupos de sujeitos, cujos

resultados⁸ foram os seguintes:

Grupo 1:

Aquisição consecutiva:

- Português como L1;
- Ucrainiano como língua estrangeira moderna, isto é, adquirido a partir dos 7 anos:

Sujeito	Nº	%
“s”	1.163	1,0
“p”	1.059	0,0
Total	2.222	

Percentual médio 0,5

A ausência da regra de interferência nesse grupo é praticamente categórica. O percentual surgido pode ser atribuído a “erros de fala”, e não propriamente entendido como oriundo da aplicação da regra em discussão.

Grupo 2: Aquisição simultânea:

a) Português e Ucrainiano como L1:

Sujeito	Nº	%
“u”	451	19,0
“g”	642	14,0
“d”	991	8,0
“o”	979	7,0
“r”	1.088	3,0
“e”	885	3,0
“n”	1.031	2,0
Total	6.067	

Percentual médio 8,0%

O uso não-generalizado da regra de interferência por este grupo re-

⁸ Não foram efetuados os pesos relativos destes dados, porque a princípio, o programa apresentou muitos “knockout”.

vela que o processo em discussão parece não ser direcionado pela forma de aquisição das línguas. Assim, pode-se afirmar que são outros os fatores lingüísticos ou extralingüísticos intervenientes na aplicação dessa regra. Por exemplo o sujeito “u” pertence à faixa etária “b” (mais de 50 anos), tem baixa escolarização, é do sexo masculino e possui rede social dita intermediária; por outro lado, de perfil social praticamente oposto é o sujeito “n”, embora também pertença ao sexo masculino e tenha adquirido as línguas de igual forma que o sujeito “u”. Conforme vimos acima, os fatores sociais demonstraram ser condicionantes da distribuição dos percentuais discutidos, enquanto a forma de aquisição das línguas parece não exercer papel significativo para a manifestação da regra em discussão.

Grupo 3: Aquisição consecutiva:

Língua ucraniana como L1;

Língua portuguesa como L2, adquirida a partir dos 3 anos de idade.

Sujeito	Nº	%
“m”	846	18
“h”	707	
“i”	672	14
“w”	698	11
“x”	856	10
“c”	762	5
“f”	779	3
Total	5.320	

Percentual médio 11,2

Embora ainda não tenha surgido homogeneização do grupo na aplicação da regra de interferência, observa-se maior índice de generalização na utilização da regra em tela, por todos os integrantes deste grupo, em relação aos resultados já discutidos sobre a questão da forma de aquisição das línguas. É possível que algumas formas de aquisição das línguas interfiram na aplicação da regra de interferência. Outros dados, advindos de outra forma de aquisição das línguas em discussão, poderão confirmar a suposição levantada aqui.

Grupo 4:

Aquisição consecutiva:

a) Língua ucraniana como L1;

b) Língua portuguesa como L2 e adquirida a partir dos 7 anos, junto com a alfabetização efetivada em português.

Sujeito	Nº	%
“q”	713	39
“r”	981	33
“b”	601	25
“v”	682	17
“a”	544	11
“t”	1.145	11
“z”	829	11
“j”	894	10
Total	6.389	

Percentual médio 19,6

O condicionamento do fator “forma em que as línguas foram adquiridas” se revelou interveniente na aplicação da regra de interferência, na medida em que se situa em um “continuum”, que transita cronologicamente conforme enunciamos acima, de 0 a 7 anos, para ambas as línguas. Entre as duas formas de aquisição detectadas, a simultânea e a consecutiva, a última revelou graduabilidade que se correlacionou com:

- 1) adquirir a língua portuguesa a partir dos 7 anos, maior índice de interferência;
- 2) adquirir a língua ucraniana a partir dos 7 anos, menor ou nenhuma interferência na aplicação da regra de reforçamento da vibrante ou reforçamento inadequado desse fonema.

A média atingida em cada um dos quatro grupos formados naturalmente foram as seguintes:

- a) Grupo 1 0,5%
- b) Grupo 2 8,0%

- c) Grupo 3 11,2%
- d) Grupo 4 19,6%

Então, retificando o que anteriormente foi dito, a forma com que o sujeito adquiriu ambas as línguas interfere no processo relativo à regra de reforço da vibrante, não efetivada ou efetivada inadequadamente. O processo se revela desde que seja relacionado ao contexto amplo, no qual se possam detectar várias formas de aquisição de línguas em situações multilíngües. Isso, porque foi nos extremos que a forma de aquisição se revelou distributiva dos percentuais detectados na aplicação da regra de interferência. Alertamos, no entanto, para o fato de que os fatores sociais revelaram ser mais determinantes do que a forma de aquisição das línguas. Aqueles fatores são, inclusive, mais significativos do que todos os condicionantes lingüísticos discutidos neste capítulo. Conforme detectamos na análise feita sobre os domínios funcionais de ambas as línguas em estudo, no caso dos bilíngües residentes na sede urbana de Prudentópolis, a língua ucraniana está praticamente restrita ao domínio religioso. Em outras palavras: na sede urbana de Prudentópolis, o uso do ucraniano, para fins de interações pragmáticas cotidianas, está, de modo geral, extinto. Sendo assim, e por não estarem mais os falantes vivendo o apogeu do contato-conflito entre as duas línguas em questão, o que deve ter acontecido há algumas décadas, o percentual de interferência tenha se revelado, de um modo geral, não expressivo.

13.3 - INTERLÍNGUA OU DIALETO OROLOCAL?

Pelo levantamento efetuado junto ao grupo selecionado, cuja produção oral em português serviu como material de pesquisa para se caracterizar a língua majoritária, verificamos que, para a maioria dos sujeitos, a língua do país de adoção dos antepassados não foi sua língua materna, ainda que ela fosse majoritária na região há várias décadas e mesmo após mais de um século de vida desse grupo étnico no Brasil. Porém, já encontramos progenitores, entre os sujeitos selecionados, cuja L1 não foi mais a língua ucraniana, mas a portuguesa.

Em função disso, além de outros fatores detectados, a situação lingüística prudentopolitana deste final do século XX, principalmente na sede urbana, aponta para a inexistência de cenário lingüístico próprio para o surgimento da chamada interlíngua. Isso é verdadeiro pelo menos para o

grupo de sujeitos selecionados. Tal cenário existiu e deve ter sido bastante efervescente nos primeiros anos ou nas primeiras décadas em que a língua portuguesa passou a ser concebida, pelas instituições governamentais brasileiras, como língua oficial do Brasil. Sendo assim, a partir da situação lingüística promotora do surgimento da interlíngua, teve origem o dialeto orolocal detectado na região em estudo. Esse sistema, que a comunidade de fala ucraniana construiu para si, a fim de se exprimir em língua que não era a sua, materna, tem, evidentemente, coerência interna e pode ser descrito sob a forma de regras internalizadas, conforme o que fizemos na unidade acima.

Vista por outro ângulo, a língua portuguesa falada em Prudentópolis se caracteriza como um português eslavizado (Druszcz, 1983), divorciado da norma-padrão do português brasileiro, e cuja simplificação, como foi detectado, se situa em todos os níveis do sistema lingüístico. Para ilustrar, citamos alguns exemplos retirados do “corpus” que serviu de base para a análise do uso da vibrante:

- [mar e mar] - “mal e mal”; [paya de miyo] – “palha de milho”
- [nóys foy premero pa sidade depoys kompremo alguma koyza...] – “Nós fomos primeiro para a cidade e depois compramos alguma coisa...”
- [pay foy óže] – “O meu pai foi hoje...”

É interessante destacar que este tipo de dialeto orolocal, ocorrente em Prudentópolis e comumente observado nas camadas populares e não-alfabetizadas do Brasil, que, por isso mesmo, se caracteriza como exemplo de diglossia, não é considerado como tal pelo grupo em estudo. Ocorre, normalmente, na fala de bilíngües com até 12 anos de escolarização; na fala de professoras normalistas aposentadas pertencentes à classe médio-baixa da população prudentopolitana, por exemplo.

Outra questão, correlacionada com o que levantamos, e que chama atenção, tendo sido, por isso, já referida anteriormente, diz respeito à noção de norma: pelos depoimentos que obtivemos, os bilíngües em P/U, de Prudentópolis, estão cientes da existência de um dialeto culto em língua ucraniana. Sabem também da diferença entre o dialeto ucraniano moldado em sua região e o falar ucraniano daqueles que vêm de outros locais. Sobre isso, dizem que falam o “cabocriano”, uma espécie de ucraniano caboclo,

conforme apontamos em unidades anteriores. Mas, em relação à língua portuguesa, ninguém se manifestou conscientemente sobre a grande divergência entre o dialeto oral que muitos integrantes da comunidade de fala ucraniana em estudo utiliza e a norma-padrão da língua portuguesa. Conforme apontamos neste capítulo, parece assumirem que o falar em português é a norma orolocal, sem necessariamente se questionarem sobre o dialeto do português que estão usando normalmente. Quando se referem, por exemplo a: “... minha mãe falava muito mal o brasileiro (português)...” ou “eu não falo o português de Prudentópolis”, referem-se exclusivamente a um português com ou sem marcas de interferências da L1 para a L2.

Em outro depoimento, uma informante teceu elogios sobre o dialeto do português de seus filhos:

... eu me admiro do português perfeito que os meus filhos falam...

Esse “português perfeito” é, na verdade, um português que revela pouca ou nenhuma marca de interferência da língua ucraniana na portuguesa. Entre as marcas de interferência, por exemplo, um emprego correto da regra de duplicação da vibrante é motivo de orgulho por parte dos pais, uma vez que o não-emprego correto dessa regra já se tornou motivo de inúmeros conflitos lingüísticos na região.

Outra ocorrência que desperta atenção foi a de que, mesmo não tendo adquirido a língua ucraniana como L1, ou, inclusive, não dominando algumas das habilidades lingüísticas mais importantes, como, digamos, o de falar ucraniano, o sujeito muitas vezes não aplica a regra de duplicação da vibrante nos contextos exigidos, conforme apontamos anteriormente. Tal ocorrência leva a supor que esse sujeito tenha adquirido o dialeto orolocal originado da situação lingüística instaurada na região em estudo. Comprova-se, assim, que existe um dialeto falado, local, e, além disso, confirma-se também que ele já passou a ser adquirido pelos nativos, não-falantes de ucraniano. Sugerimos, no entanto, um estudo específico sobre tal questão.

A hipótese sobre a existência de um dialeto orolocal, configurado na região em estudo, confirmou-se plenamente aqui. Trata-se de um dialeto surgido de processos interlingüísticos e interdialetais desencadeados na região. Junto a isso, nos deparamos com processos de variação, mudança em progresso e interferência, todos coexistindo no mesmo espaço geográfico e social. Entre esses processos, o último tenderá a desaparecer, na medida em que o dialeto orolocal, através da mudança em progresso que foi detectada,

continuar sua caminhada rumo às identificações com o dialeto regional paranaense, conforme sinalizaram os dados discutidos.

14 - CONCLUSÃO

Reconstruir os momentos do percurso histórico-social e lingüístico desse grupo étnico em terra estrangeira foi tarefa árdua, principalmente porque envolveu disciplinas independentes, que passaram, nesta investigação, a ser convergentes. E, no cruzamento entre elas, várias problemáticas surgiram e se consubstanciaram.

O trabalho desenvolvido configura-se como uma pesquisa-ação, pelo fato de se ter construído junto com o ato de investigar. É uma das características básicas dos estudos etnográficos. Na verdade, não tínhamos noção da complexidade do universo sociocultural e lingüístico que iríamos adentrar e desvendar.

Os resultados da investigação confirmaram as hipóteses – geral e sub-hipóteses – de que a vitalidade da língua minoritária se deu em função da participação da organização ucraniano-católica de Prudentópolis junto à comunidade estrangeira, porque esta, ao chegar na região estudada, avaliou e promoveu a língua étnica do grupo imigrado, em língua etnorreligiosa. Somaram-se a isso vários outros fatores que corroboraram a situação lingüística instaurada em Prudentópolis. Entre eles, citamos a grande concentração de imigrantes ucranianos da mesma religião, com o mesmo poder aquisitivo, fixados próximos uns dos outros e na mesma região geográfica. Assim, o tipo de ambientação socioeconômica que emergiu da imigração era tão favorável ao transplante e à continuação de uso do universo cultural e simbólico ucraniano que não exigiu modificações substanciais desse referencial no país de adoção, por várias décadas. Sendo vários os elementos criados para a manutenção da ucraniedade, os imigrantes construíram uma barreira sólida à penetração de outros mapas simbólicos de representações ideológicas.

Em função disso a língua portuguesa foi invadindo lentamente a comunidade de fala em questão. Conseguiu seu espaço porque passou a ser a língua oficial e língua da educação no Brasil e, como tal, foi imposta na comunidade estudada. Acrescentamos ainda que a atribuição-aceitação de língua mercantil à língua portuguesa pelos imigrantes ucranianos foi feita de modo mais natural do que a atribuição-aceitação em outros domínios funcionais.

Observamos, na investigação etnográfica efetivada, nas entrevistas e nos depoimentos coletados, a existência de constante tensão entre as forças educacionais e socioeconômicas do monolingüismo e as da contingência religiosa e familiar, promovendo a ocorrência do bilingüismo. Portanto, a situação de contato entre as línguas, complementada com a de conflito lingüístico, se justificou plenamente neste estudo.

Os domínios funcionais atribuídos às línguas pelos integrantes da população-alvo foram-se modificando nesses mais de cem anos de contato-conflito lingüístico instaurado. A modificação se deu de modo radical, invertendo totalmente os “status” iniciais que as línguas detinham na comunidade de fala, por exemplo:

- a) língua ucraniana: de língua majoritária a língua minoritária;
- b) língua portuguesa: de língua minoritária a língua majoritária.

Junto a essa modificação, constatamos também que, diacronicamente, a comunidade estudada vivenciou as seguintes situações lingüísticas:

- a) do multilingüismo ao bilingüismo em P/U;
- b) diglossia em relação à língua ucraniana;
- c) bilingüismo em relação à língua portuguesa.

Neste final do século XX detectamos a seguinte situação lingüística na comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis:

- a) bilingüismo em P/U a uma possível situação monolingüe em português;
- b) diglossia em relação à língua ucraniana;
- c) bilingüismo em relação à língua portuguesa;
- d) língua portuguesa como L1;
- e) língua ucraniana como L2 e-ou como língua estrangeira moderna.

Observa-se que a situação de diglossia e bilingüismo permaneceram estáveis na referida comunidade de fala; os domínios funcionais é que foram-se modificando, alguns de modo mais radical, gerando o conflito lingüístico. Dessa forma anulam-se muitas das afirmações feitas por Ferguson e Fishman sobre situações lingüísticas diglössicas homogêneas e estáveis.

Pode-se dizer ainda que a inevitável dependência econômica e política do grupo ucraniano imigrado para o Brasil transformou os sujeitos em bilingües em P/U ou em monolingües em português. A não-dependência religiosa, no entanto, fez com que a língua ucraniana se mantivesse em situação de diglossia até este final do século XX, na comunidade estudada.

Nos três “corpora” estudados observamos a situação bilingüe familiar, a situação bilingüe individual e a interferência da L1 (U) na L2 (P).

Em relação ao primeiro “corpus”, a manutenção da língua minoritária se operou em função do tipo de relações familiares e sociais mantidas, isto é, por não terem os imigrantes se desintegrado como grupo familiar, étnico e religioso, conseguiram manter a língua étnica para além da quarta geração. Encaixam-se nas seguintes expressões: “My home is my linguistic castle” e “Language as religious and social identity”. Os domínios funcionais atribuídos às línguas parecem estar bem delineados em suas concepções metalingüísticas: a língua ucraniana como língua das interações familiares e íntimas, língua do interior do município é, principalmente, língua da religião; a língua portuguesa é concebida como língua do comércio, da interação verbal para além do grupo familiar, e como língua da cidade.

A mudança da atual situação bilingüe para a possível situação monolingüe em Português está se processando geograficamente da sede urbana à região norte do município. Nessa região sobrevive o bilingüismo bastante atuante, em relação às outras regiões em que dividimos o município de Prudentópolis.

Nos outros dois “corpora” incluímos variáveis sociais e lingüísticas às variáveis esboçadas acima. Os resultados se complementaram e se avaliaram, uns em relação aos outros. Sobre as variáveis lingüísticas e extralingüísticas, estas revelaram ter relevância, enquanto as lingüísticas não apresentaram tendência generalizante, exceto quanto à forma de aquisição das línguas em estudo. As variáveis sociais “sexo”, “tipo de rede social” e “faixa etária” se tornaram variáveis altamente condicionantes na aplicação das regras sociolingüísticas em discussão. Por outro lado, a variável social “es-

colaridade” não foi relevante neste estudo.

Os sujeitos bilíngües que integram a população-alvo deste estudo não demonstraram, necessariamente, consciência da variação ou consciência da existência de modalidades de prestígio ou desprestígio no emprego da língua portuguesa, independente do nível de escolaridade. Mas, em relação à língua ucraniana, demonstraram estar conscientes da implicação sociológica do uso de uma ou de outra modalidade. Essa situação é bastante interessante e merece ser investigada.

Muitos possíveis desdobramentos deste estudo foram apontados no decurso do texto. Entre eles, retomamos alguns ou sugerimos outros. Por exemplo: a reconstituição deste estudo pelo ângulo dos luso-brasileiros residentes na região em estudo; as outras situações lingüísticas surgidas na região, em função do contato-conflito lingüístico ali instaurado; o dialeto rural da língua portuguesa constituído na comunidade de fala ucraniana; as questões das mudanças lingüísticas em progresso, esboçadas neste estudo.

Na caminhada que empreendemos destacamos constantemente a atuação da observação, da constituição histórico-social e sociocultural possibilitando o estabelecimento da natureza complexa das práticas lingüísticas concretas. Daqui, podem constituir o ponto de partida de uma abordagem teórica da Sociolingüística do contato-conflito Lingüístico. É preciso, no entanto, não ignorar as etapas intermediárias que seguimos: o contexto, a situação, o grupo, o indivíduo e o falar resultante. É desta forma que concebemos o estudo da linguagem associado à sua historicidade.

15 - FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

15.1 - FONTES

15.1.1 - Paroquiais e oficiais

CORRESPONDÊNCIA DOS IMIGRANTES. 1922–1936. Prudentópolis: Arquivo Provincial da Ordem Basiliana.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Rio de Janeiro: 1959.

PARANÁ. *Relatórios de Presidentes de Província*. 1854 – 1889.

_____. *Relatórios de Presidentes/Governadores do Estado*. 1890 – 1930.

_____. Secretaria do Estado do Meio Ambiente. Pasta Prudentópolis. Divisão de Regularização Fundiária. Coordenadoria de Terras, Cartografia e Cadastro.

15.1.2 - Periódicos

CORREIO DO OESTE. 1929 (Arquivo histórico da UNICENTRO).

GAZETA DO POVO. Curitiba. 1919-1998 (Museu Paranaense).

O PRÁCIA. Prudentópolis. 1922 – 1998 (Arquivo da Ordem Basiliana).

15.1.3 - Revistas

ALGO SOBRE A UCRÂNIA... SUA IGREJA, SUA CULTURA E SEU POVO. Curitiba: dez. 1958.

ARTESANATO DE PRUDENTÓPOLIS. Coordenadoria de Pesquisa e Documentação. Curitiba: 1994.

ETNIAS NO PARANÁ. Secretaria de Estado da Cultura. Curitiba: 1991.

IRMÃS SERVAS DE MARIA IMACULADA: Os primeiros cem anos.

MISSIONAR. 1897 a 1998 (Arquivo da Ordem Basiliana).

PRUDENTÓPOLIS. Prudentópolis: Gráfica e Tipografia Prudentópolis, 1996.

- PRUDENTÓPOLIS: Capital do mel. Curitiba: Champagnat, 1995.
- PRUDENTÓPOLIS: História e Desenvolvimento. Material Mimeografado.
- PRUDENTÓPOLIS: Tradição, Trabalho, União e Fé. 1994.
- UKRAINE; history, present and future. 1997.

15.1.4 - Outras fontes

- ALMANAQUE JUBILAR. 1897 – 1947.
- BOLETINS DA EMBAIXADA DA UCRÂNIA NO BRASIL.
- BOLETINS DA PARÓQUIA SÃO JOSAFAT.
- BOLETIM DO CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO UCRANIANA PARA O BRASIL – 1997.
- BOLETINS DO INSTITUTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E ETNOGRÁFICO PARANAENSE.
- UMA CENTELHA DE LUZ. Curitiba, 1985.
- UKRAINIAN BILINGUAL EDUCATION IN ALBERTA. Alberta, Language services, Maio, 1989.

15.1.5 - Fontes orais

- Entrevistas com atuais e antigos moradores da região em estudo, com pessoas relacionadas à etnia ucraniana e/ou com pesquisadores vinculados ao tema em pauta.

15.1.6 - Fontes literárias

- A SAGA DOS TEMPOS ANTIGOS: TRECHOS ESCOLHIDOS. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1988.
- ANTOLOGIA DA LITERATURA UCRANIANA: dos seus princípios até 1950. Rio de Janeiro: Comp. Brasileira de Artes Gráficas, 1977.
- ANTONYTCH, B. I. *Jarra eslava*. Rio de Janeiro: Artes Gráficas, 1989.
- DRATCH, I. *Asas*. Rio de Janeiro: Comp. Brasileira de Artes Gráficas, 1997.
- FRANKO, I. *Para o Brasil*. Curitiba: Ed. Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana, 1981.
- _____. *Moisés*. Curitiba: Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana, 1981.
- GHOLOBORODHKO, V. *Dia verde*. Rio de Janeiro: Artes Gráficas, 1991.
- KALKO, O. N. *A Saga da (e)imigração dos ucranianos na Literatura*. Curitiba: 1998. Monografia.
- KOTSIUBYNSKY, M. *Sombras dos ancestrais esquecidos*. Rio de Janeiro: Comp. Brasileira de Artes Gráficas, 1985.
- STEFANYK, V. *Cruz de pedra e outros contos*. Curitiba: Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana, 1982.
- TARÁS CHEVTCHENKO. O poeta da Ucrânia. Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana, 1989.

- TYTCHYNA, P. *Dourado eco*. Rio de Janeiro: Artes Gráficas, 1992.
- VOROBÍÓW, M. *Signos*. Rio de Janeiro: Comp. Brasileira de Artes Gráficas, 1994.

15.2 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, C. F. de. *Imigração: Relatório de 1889*. Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense. Curitiba: 1889.
- ACHARD, P. Um ideal monolíngüe. In: *Multilingüismo*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1989.
- AGAR, M. H. *The professional stranger*. An informal introduction to ethnography. New York, Academic Press, 1980.
- _____. *Speaking of ethnography*. Beverly Hills, Sage, 1986.
- ANDREAZZA, M. L. *Paraíso das delícias: estudo de um grupo imigrante ucraniano – 1895-1995*. UFPR, 1996. Tese de Doutorado.
- _____. *Cruz e espada: uma presença eslava no Brasil meridional*. História: questões & debates. Curitiba: ano 11, no. 20/21, jun-dez. 1990.
- AUBURGUER, L. *Deutsche Sprachkontakte im Übersee*. Tübingen, Narr: 1979.
- AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Oxford: Clarendon Press, 1962.
- BALHANA, A. P. & MACHADO, B. P. & WESTPHALEN, C. M. *História do Paraná*. 2. ed. Curitiba: GRAFIPAR, 1969.
- BASSO, K. H. To give up on words: Silence in western Apache culture. *Southwestern Journal of Anthropology*. Autumn, 1974.
- BEIGUELMAN, P. A. *A crise do escravismo e a grande imigração*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BETTENCOURT, E. T. *Crenças, religiões, igrejas & seitas: quem são?* 2. ed. Santo André: O Mensageiro de Santo Antônio, 1995.
- BIDEAU, A. *população e sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- BIJONGAL-BRAGGIO, S. L. *Aspectos fonológicos e morfológicos do Kadiwéu*. Campinas: Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1986.
- _____. Alfabetização como um processo social: análise de como Ela ocorre entre os Kaingang de Guarapuava, Paraná. *Trabalhos de Linguística Aplicada*, n. 14, jul./dez. UNICAMP, Campinas, 1989.
- _____. Situação sociolingüística dos povos indígenas do estado de Goiás e Tocantins: subsídios educacionais. *Revista do Museu Antropológico*, 1992.
- _____. Aquisição e uso de duas línguas: variedades, mudança de código e empréstimo. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, n. 20, jan. 1997.
- BISOL, L. Variação consonantal. ABRALIN: *Congresso Internacional de Linguística*. Salvador, 1994.
- _____. (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1996.
- BLEY JUNIOR, W. *Imagem do Paraná em 1915*. Curitiba: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense. 1920.

- BLOM, J. P. & GUMPERZ, J. Social meanings in linguistics structures. In: *Directions in sociolinguistics*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1972.
- BLOOMFIELD, L. *Language*. New York, Hold, 1933.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *The urbanization of rural dialect speakers; a sociolinguistics study in Brazil*. Cambridge, Cambridge University Press, 1985.
- _____. A migração rural-urbana no Brasil: uma análise sociolinguística. In: *Fotografias Sociolinguísticas*. Campinas, Pontes, 1989.
- BORUSZENKO, O. *Os ucranianos*. 2. ed. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1995.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BOURHIS, Y. K. Language in ethnic interation: a social psychological approach. In: *Language, ethnicity and intergroup relations*. London: Academic Press, 1977.
- BOUTET, J. A diversidade social do francês. In: *Multilingüismo*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1989.
- BREZINGER, M. Language contact and language displacement. In: *The handbook of sociolinguistics*. Cambridge: Blackwell, 1997.
- BRETON, R. Indices numériques et représentations graphiques de la dynamique des langues. In: *Diffusion des langues et changement social*. Sainte-Foy: Les Presses de l'Université Laval, 1990.
- BRIGHT, W. Social factors in language change. In: *The handbook of sociolinguistics*. Cambridge: Blackwell, 1997.
- BROWN, P. and LEVINSON, S. D. Politeness: some universals in language usage. In: *Questions and politeness: strategies in social interaction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- BURGUIERE, A. *Une géographie des formes familiales*. Paris: Armand Colin, 1986.
- BURKO, W. *A imigração ucraniana no Brasil*. 2. ed. Curitiba: 1963. Tese jornalística.
- CADIOT, P. As misturas de língua. In: *Multilingüismo*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1989.
- CALLOU, D. *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, UFRJ/PROED, 1987.
- _____, et alii. *A realização das consoantes pós-vocalísticas no português do Brasil*. 1994. Material inédito.
- _____, et alii. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /R/ no português do Brasil. In: *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP. v. VI, 1996.
- CÂMARA JUNIOR, J. M. *Problemas de lingüística descritiva*. 11. ed. Petrópolis, Vozes, 1984.
- CAPRI, R. & OLIVERO, M. F. *História política do estado do Paraná*. São Paulo: Empreza Editora Brasil, 1923.
- CASTRO, J. A. Formação e desenvolvimento da língua nacional brasileira. In: *A literatura no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1986.

- CASTRO, H. História social. In: *Domínio da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CHAMBERS, J. K. & TRUDGILL, P. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- CHOMSKY, N. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Coimbra: Sucessor, 1965.
- CLYNE, M. G. *Transference and triggering*. Nijhof: The Hague, 1967.
- _____. *Perspectives on language contact*. Melbourne: Hawshorn, 1972.
- CLYNE, M. Multilingualism. In: *The handbook of sociolinguistics*. Cambridge: Blackwell, 1997.
- COULMAS, F. (ed.). *The handbook of sociolinguistics*. Cambridge: Blackwell, 1997.
- CORREIA, L. *O município de Prudentópolis*. Curitiba: Empresa Editora Olivero, 1929.
- CRAIG, C. G. Language contact and language degeneration. In: *The handbook of sociolinguistics*. Cambridge: Blackwell, 1997.
- DASCAL, M. (org). *Fundamentos metodológicos da lingüística*. São Paulo: Global, 1978.
- DECROSSE, A. Um mito histórico, a língua materna. In: *Multilingüismo*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.
- DENISON, N. A linguistic ecology for Europe? *Folia Linguistica*: v. 16, n. 1-4, 1982.
- _____. Language change in progress: variation as it happens. In: *The handbook of sociolinguistics*. Cambridge: Blackwell, 1997.
- DIAS, L. F. *Os sentidos do idioma nacional: as bases enunciativas do nacionalismo lingüístico no Brasil*. Campinas: São Paulo, Pontes, 1996.
- DIEBOLD, A. R. Incipient bilingualism. In: *Language in culture and society*. New York: Harper & Row, 1964.
- DOUVILLE, O. Língua materna e corpo, o caso da sinistrose. In: *Multilingüismo*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.
- DRUSZCZ, A. M. *O bilingüismo em Araucária: a interferência polonesa na fonologia portuguesa*. PUC/PR, 1983. Dissertação de mestrado.
- DURKHEIM, D. *As regras do método sociológico*. 14. ed. São Paulo, Nacional, 1990.
- ECKERT, P. Age as a sociolinguistic variable. In: *The handbook of sociolinguistics*. Cambridge: Blackwell, 1997.
- EDWARDS, W. *Sociolinguistic behavior in a Detroit inner city black neighborhood*. *Language and Society*. 1992.
- ELIADE, M. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ELIZAINCÍN, A. *Dialectos en contacto*. Montevideo: Arca, 1992.
- _____. *Contacto y cambio: revision de los conceptos*. Montevideo: Arca, 1992.
- ELLEN, R. F. *Ethnographic research*. New York: Academic Press, 1984.
- FARIA, S. de C. História da família e demografia histórica. In: *Domínio da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

- FASOLD, R. W. *The Sociolinguistics of language*. Oxford: Basil Blackwell, 1990.
- FAZOLI FILHO, A. *História geral*. São Paulo: Editora do Brasil, 1976.
- FERGUSON, C. A. Diglossia. *Word*, 15, 1959.
- _____. Diglossia revisited. *Southwest Journal of Linguistics* n. 10, 1991.
- FERNANDES, J. C. *Saga da esperança*. Ponta Grossa: Gráfica e Editora Planeta, 1996.
- FERREIRA NETO, E. História e etnia. In: *Domínio da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- FISHMAN, J. A. Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism. *Journal of Social Issues*, 1967.
- _____. *Advances in the sociology of language*. The Hague: Mouton, 1971.
- _____. *The sociology of language*. Rowley: Newbury House, 1972.
- _____. Bilingualism and biculturalism as individual and societal phenomena. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, 1980.
- _____. Language and ethnicity: the view from within. In: *The handbook of sociolinguistics*. Cambridge: Blackwell, 1997.
- FRANCO SOBRINHO, M. de O. *As bases das nacionalidades no Paraná*. Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense. Curitiba: 1976.
- FRANCO, C. V. G. Bilingüismo e leitura. *Jornal da Alfabetizadora*, v. 6, n. 31, 1990.
- FURLAN, O. A. *Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 1989.
- GAL, S. *Language shift*. New York: Academic Press, 1979.
- _____. Variation and change in patterns of speaking: language shift in Austria. In: SANKOFF, D. *Linguistic variation; models and methods*. New York: Academic Press, 1978.
- GARDÈS-MADRAY, F. e BRÈS, J. Conflitos de nomeação em situação diglósica. In: *Multilingüismo*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.
- GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- GILES, H. (org.). *Language, ethnicity and intergroup relations*. London: Academic Press, 1977.
- _____. Accommodation theory: some new directions. In: *York papers in linguistics*, v. 9, 1980.
- GIRARD, R. *A violência e o sagrado*. São Paulo: Paz e Terra/UNESP, 1990.
- GLINKA, L. *Breve historia de la Iglesia Ucraina*. Buenos Aires: Libris S.R.L. 1986.
- GOMES, N. D. *Prudentópolis: sua terra e sua gente*. Curitiba: Editora Cultural Paraná, 1972.
- GORBET, F. To Error is human: error analysis and child language acquisition. *ELT*, v.34, n. 1, 1979.
- GROSJEAN, F. P. *Life with two languages*. Mouton: Paris, 1982.
- GUIMARÃES E., ORLANDI, E. P. *Língua e cidadania: o português no Brasil*.

- Campinas: Pontes, 1996.
- GUMPERZ, J. J., The speech community. *International Encyclopedia of the Social Sciences*. Macmillan, 1968.
- _____. Social network and language shift. In: *Sociolinguistics*. Harmondsworth: Penguin, 1972.
- _____. The sociolinguistic significance of conversational code-switching. In: *Papers on language and context*. Working Paper n. 46, 1976.
- _____. & HYMES, D. (eds). *Directions in sociolinguistic: the ethnography of communication*. New York: Basil Blackwell, 1986.
- GUY, G. R. & BISOL, L. A teoria fonológica e a variação. In: *A variação no português do Brasil*, v. 5, n. 8, 1991.
- HAARMANN, H. *Multilingualism*. Tübingen: Narr, 1980.
- HALLIDAY, M. A. K. Language structure and language function. In: *New horizons in linguistic*. Harmondsworth: Penguin, 1970.
- _____. *As ciências lingüísticas e o ensino de línguas*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- _____. Anti-languages. In: *American Anthropologist*, 1976.
- HAMEL, R. e. & SIERRA, M. T. Diglossia y conflicto intercultural - la lucha por un concepto o la danza de los significantes. *Boletín de Antropología Americana* 8. Instituto Panamericano de Geografía e História, 1983.
- HANEIKO, V. *Em defesa de uma cultura*. Rio de Janeiro: Editora COBRAG, 1974.
- HANICZ, T. *Religião, rito e identidade: estudo de uma colônia ucraniana no Paraná*. PUC/SP, 1996. Dissertação de Mestrado.
- _____. *Os basilianos e a questão escolar ucraniana no Paraná*. No prelo.
- HARDING, E., RILEY, P. *The bilingual family: a handbook for Parents*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- HARTIG, M. *Sociolinguistic today*. London: Methuen, 1980.
- HAUGEN, E. *The ecology of language*. Stanford: Stanford University Press, 1972.
- _____. *Language conflict and language planning: the case of modern Norwegian*. Cambridge: Harvard University Press, 1966.
- _____. *The Norwegian language in America: a study in bilingual behavior*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1953.
- HEAD, B. Propriedades fonéticas e generalidades de processos fonológicos: o caso do "r-caipira". *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 13, Campinas, UNICAMP, 1987.
- HEATH, S. Ethnography in education: defining the essentials. In: *Children in and out of school*. Washington: Gilmore & Glatthorn eds., 1982.
- HEREDIA, C. de. Do bilingüismo ao falar bilíngüe. In: *Multilinguismo*, Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.
- HOBSBAWN, E. J. *Nações e nacionalismo desde 1780*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- HOCKETT, C. F. *A course in modern linguistic*. New York: Macmillan, 1958.

- HONEY, J. Sociophonology. In: *The handbook of a sociolinguistics*. Cambridge: Blackwell, 1997.
- HORBATIUK, P. *Imigração ucraniana no Paraná*. Porto União: Uniporto Editora, 1989.
- HORNBY, P. A. Bilingualism: an introduction and overview. In: *Bilingualism. psychological, social, and educacional implications*. New York: Academic Press, 1977.
- HUDSON, R. A. Investigating obsolescence. In: *Language*, n. 66, 1990.
- HYMES, D. H. On communicative competence. In: *Sociolinguistics*. Harmondsworth: Penguin, Pride & Holmes eds., 1971.
- _____. Towards ethnographies of communication: the analysis of communicative events. In: *Children in and out of school*. Washington: Gilmore & Glatthorn eds., 1972.
- _____. *Foundations in sociolinguistics. an ethnographic approach*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974.
- _____. Ways of speaking. In: *Explorations in the ethnography of speaking*. New York: Bauman & Sherzer eds., 1974.
- _____. What is ethnography? In: *Children in and out of school*. Washington: Gilmore & Glatthorn eds., 1982.
- JORGENSEN, D. L. *Participant observation. A methodology for human sciences*. Beverly Hills: Sage, 1989.
- KATO, M. e ROBERTS, I. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. São Paulo: UNICAMP, 1993.
- KNIES, C. B. & COSTA, I. B. *Manual do usuário do banco de dados lingüísticos "VARSUL"*. Curitiba: UFPR, 1996.
- KRASHEN, S. D. *Principles and practice in second language acquisition*. Oxford: Pergamon Press, 1982.
- _____. *Input hypothesis: issues and implications*. London: Longman, 1984.
- KREMELITZ, J. Bilingüismo, educación indígena y conciencia lingüística em comunidades otomies de Valle del Mesquital, Mexico. In: *Estudios Filológicos*, 1981.
- KROKOSZ, F. *Um raio x da raça ucraniana*. Curitiba: setembro de 1995. Apostila de curso.
- _____. *A religiosidade popular do povo ucraniano*. Curitiba: Stadium Theologicum, 1992. Apostila de curso.
- KULCZYNSKYJ, W. *The influence of the Portuguese language on the Ukrainian language in Brazil: lexical and morphological aspects*. Munich: Ukrainian Free University. 1987. Tese de doutorado.
- _____. Projeto integrado de estudos do bilingüismo e variação lingüística na região sul. *Fragmenta Lingüística*, n. 3, 1983/84.
- _____. Mapeamento de comunidades eslavas no Paraná. *Fragmenta Lingüística* n. 3, 1983/84.
- LABOV, W. *The social stratification of english in New York City*. Washington: Cen-

- ter for Applied Linguistics, 1966.
- _____. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- _____. Resolving the neogrammarian controversy. *Language*, v. 57, n. 2, 1981.
- _____. *Principles of linguistic change, I: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.
- LABRIE, N. Commentaires. In: *Diffusion des langues et changement social. Dynamique et mesure*. Sainte-Foy: Les Presses de l'Université Laval, 1990.
- LADO, R. *Introdução à lingüística aplicada*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1971.
- LANGUAGE CONTACT AND BILINGUALISM. London: Edward Arnold, 1988.
- LE GOFF, J. *História e memória*. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.
- LE PAGE, R. B. Projection, focussing and diffusion. In: *York papers in linguistics*, 1980.
- _____. The evolution of a sociolinguistic theory of language. In: *The handbook of sociolinguistics*. Cambridge: Blackwell, 1997.
- _____. and TABOURET-KELLER, A. *Acts of identity: creole-based approaches to ethnicity and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- LEITNER G. The sociolinguistics of communication media. In: *The handbook of sociolinguistics*. Cambridge: Blackwell, 1997.
- LENARD, A. *Lealdade lingüística em Rodeio*. UFSC, 1976. Dissertação de mestrado.
- LINGUA(GEM) E IDENTIDADE: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- LIPPI-GREEN, R. L. Social network integration and language change in progress in a rural alpine village. In: *Language in Society*, 1989.
- LITTRÉ, E. *Histoire de la langue française*. Paris: Librairie Philosophique de Ladrain, 1983.
- LOPEZ, B. S. *The sound pattern of brazilian portuguese: cariocan dialect*. Los Angeles: University of California, Ann Harbor, 1979, Tese doutorado.
- MACKEY, M. F. The description of bilingualism. In: *Reading in the sociology of language*. Fishman, J. A. (ed). The Hague: Mouton, 1968.
- _____. The ecology of language shift. In: *Contact linguistics*. New York: De Gruyter, 1980.
- MALINOWSKI, B. *Argonauts of the western Pacific*. London: Routledge & Kegan Paul, 1922.
- MARQUARDT, Lia. *A vibrante no Rio Grande do Sul: uma análise computacional*. Porto Alegre, UFRGS, 1977. Dissertação de mestrado.
- MARTINS, R. *Terra e gente do Paraná*. Curitiba: Editora Gráfica Paranaense, 1944.
- MARTINS, L. M. *Interferência fonológica na tríplice fronteira: um estudo de caso*. Foz do Iguaçu: FACISA, 1993.

- _____. *Um estudo sociolingüístico da comunidade dos imigrantes brasileiros em Santa Rosa del Monday – Paraguai*. Campinas: IEL-UNICAMP, 1996.
- MELLO, L. J. A; COSTA, L. C. A. *História moderna e contemporânea*. São Paulo: Scipione, 1995.
- MESSIAS, L. & ZERLING, J. Aspects articulatoires et acoustiques du [r] en portugais du Brésil. In: *Travaux de l'Institut de Phonétique de Strasbourg*, 1996.
- MILROY L. *Language and social networks*. Oxford: Blackwell, 1980.
- _____. *Observing and analyzing natural language: a critical account of sociolinguistic method*. Oxford: Blackwell, 1987.
- _____. *Linguistic variation and change*. Oxford: Blackwell, 1992.
- _____. Social network and prestige arguments in sociolinguistics. In: *Sociolinguistics today*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- _____, MILROY J. Varieties and variation. In: *The handbook of sociolinguistics*. Cambridge: Blackwell, 1997.
- MOLLICA, M. C. , PAIVA, M. da C de. Restrições estruturais na relação entre [l]>[R] e [R]> 0 em grupos consonantais em português. *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*, Unicamp, n. 11, jun. 1991.
- MONARETTO, V. *A vibrante: representação e análise sociolingüística*. Porto Alegre: UFRGS, 1992. Dissertação de mestrado.
- _____. *Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica*. Porto Alegre: PUC/RS, 1997. Tese do doutorado.
- _____. Análise sociolingüística da vibrante no sul do Brasil. *Graphos*, v. 2, n. 1, 1997.
- _____, QUEDNAU, L. R., DA HORA, D. As consoantes do português. In: *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDI-PUCRS, 1996.
- MONGUILHOTT, I. de O e S. A vibrante em final de palavra na fala de Santa Catarina. In: *Anais do 3. Seminário do GT de Sociolingüística*. ANPOLL, 1997.
- MOREY FILHO, D. B. *Understanding the function of linguistics and education at Unijui*, Georgetown University, 1993.
- MUNANGA, K. Construção da identidade negra: diversidade de contextos e problemas ideológicos. *Cadernos PUC/SP*, 33, EDUC, 1988.
- MYERS-SCOTTON, C. Code-switching. In: *The handbook of sociolinguistics*. Cambridge: Blackwell, 1997.
- NAJAB, F. O sujeito bilíngüe; abordagem cognitiva. In: *Multilingüismo*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.
- NELDE, P. H. Language conflict. In: *The handbook of sociolinguistics*. Cambridge: Blackwell, 1997.
- OLIVEIRA, P. A. R. de. *Religião e dominação de classe*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- OLIVEIRA, R. C. de. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976.
- OKSAAR, E. Languages in contact and in conflict. In: Nelde, P. (ed.), Wiesbaden: Steiner, 1980.

- ORLANDI, E. P. (org.) *Discurso fundador*. Campinas: Pontes, 1993.
- ORTIZ, R. *Cultura brasileira & identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2. ed. 1986.
- _____. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PARANA, S. *Cronographia do Paraná*. 1899.
- PASSINI, J. *Bilingüismo: utopia ou antibabel*. Campinas: Pontes, 1993.
- PEÑALOSA, F. *Chicano sociolinguistics*. Massachusetts: Newbury House Publishers, 1980.
- PENG, K. Language and intergroup relations. In: *Language*, v. 50, 1974.
- PESSOA, M. do Socorro. *Ontem e hoje: percurso lingüístico dos pomeranos de Espigão D'Oeste*. UNICAMP, 1995. Dissertação de Mestrado.
- PIAZZA, W. F. *O problema da imigração e colonização no Brasil*. UFSC, mimeografado.
- POCHE, B. A construção social da língua. In: *Multilingüismo*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.
- PRADO JUNIOR, C. *História econômica do Brasil*. 42. ed. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical. In: *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- RICKFORD J. R., MCWHORTER, J. Language contact and language generation: pidgins and creoles. In: *The handbook of sociolinguistics*. Cambridge: Blackwell, 1997.
- RITCHIE, W. C. On the explanation of phonic interference. In: *Language Learning*, v. 18, 1968.
- RODRIGUES, J. H. A vitória da língua portuguesa no Brasil colonial. *Humanidades*. v. 1, n. 4, Brasília, UNB, 1983.
- ROMAINE, S. *Bilingualism*. 2. ed. Oxford: Blackwell, 1995.
- RUBIN, J. Bilingual usage in Paraguay. In: *Advances in the sociology of language*. The Hague: Mouton, 1972.
- RUDNYTSKYJ, J. B. *Ukrainian nationalism*. New York: 1955.
- RUSSELL, J. *Communicative competence in a minority group: a sociolinguistic study of the Swahili-speaking community in the Old Town*. Mombasa: Leiden, 1981.
- SALAMI, L. O. Diffusion and focusing: phonological variation and social networks in Nigeria. In: *Language in society*, 1991.
- SAVEDRA, M. *Bilingüismo e bilingüidade: o tempo passado no discurso em língua portuguesa e língua alemã*. Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1994. Tese de Doutorado.
- _____. M. & HEYE, J. Dimensões de bilingüismo e bilingüidade na aquisição formal da L2. In: *Revista Palavra*, PUC/RJ, Rio de Janeiro, 1995.
- SAVILLE-TROIKE, M. *The ethnography of communication*. 2. ed. Oxford: Basil Blackwell, 1989.

- SCHAFF, A. *A sociedade informática*. 4. ed. UNESP, 1993.
- SCHIFFMAN, H. F. Diglossia as a sociolinguistic situation. In: *The handbook of sociolinguistics*. Cambridge: Blackwell, 1997.
- SCHMIDT, A. *Young people's Dyirbal: an example of language death from Australia*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- SEARLE, J. R. *Os actos de fala*. Coimbra: Livraria Almedina, 1984.
- SEKI, L. Notas sobre a história e a situação lingüística dos povos indígenas do Parque Xingu. In: *Lingüística indígena e educação na América Latina*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1983.
- _____. Observações sobre variação sociolingüística em kamaiurá. In: *CADERNOS de Estudos Lingüísticos*, 4, Campinas, IEL/UNICAMP, 1993.
- SELANSKI, W. *Os costumes natalinos na Ucrânia*. Rio de Janeiro, Artes Gráficas, 1988.
- _____. *Hábitos da primavera e da páscoa na Ucrânia*. Rio de Janeiro. Artes Gráficas, 1989.
- SERRANI-INFANTE, S. Formações discursivas e Processos Identificatórios na Aquisição de Línguas. *DELTA*, v. 13, n. 1, 1997.
- SHARWOOD-SMITH, M., KELLERMAN, E. *Crosslinguistic influence in second language acquisition*. Oxford: Pergamon Press, 1986.
- SHERZER, I., DARNELL, R. Outline guide for the ethnographic study of speech use. In: *The ethnography of communication*. New York: Basil Blackwell, 1986.
- SKEETE, N. A. O uso variável da vibrante na cidade de João Pessoa. In: *Graphos*, v. 2, n. 1, 1997.
- SPERBER, D. *On anthropological knowledge*. Cambridge: University Press, 1985.
- SPRADLEY, J. P. *The ethnographic interview*. New York: Holt Rinehart & Winston, 1979.
- _____. *Participant observation*. New York: Holt Rinehart & Winston, 1980.
- STEINER, M. E. E. *O bilingüismo em áreas urbanas de colonização alemã: um estudo em Jaraguá do Sul*. UFSC, 1988. Dissertação de Mestrado.
- STAMPE, D. *The acquisition of phonetic representations*. New York: Academic Press, 1973.
- STREET, B., ROBERTS, C. Spoken and written language. In: *The handbook of sociolinguistics*. Cambridge: Blackwell, 1997.
- SUFREDINI, L. C. S. *Aspectos do bilingüismo alemão/português numa comunidade rural do Oeste Catarinense*. UFSC, 1993. Dissertação de Mestrado.
- SZEWCIW, I. *O milênio do cristianismo na Ucrânia*. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1988.
- TABOURET-KELLER, A. Language and identity. In: *The handbook of sociolinguistics*. Cambridge: Blackwell, 1997.
- _____. Questões relacionadas a uma psicologia clínica do bilingüismo. In: *Multilingüismo*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1985.

- _____. (org). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: São Paulo, Pontes, 1989.
- _____, ALKMIN, T. *Falares crioulos. Línguas em contato*. São Paulo: Ática, 1987.
- THE ENCYCLOPEDIA OF LANGUAGE AND LINGUISTICS. Oxford: Pergamon Press, 1994.
- TSVIETKOV, V. *Pequena história da Ucrânia – Rus*. Curitiba: Eparquia Ucraino-Católica de São João Batista, 1994.
- VALDMAN, A. *Trends in language teaching*. New York: McGraw-Hill, 1966.
- VANDRESEN, P. *Fonologia do vestfaliano de Rio Fortuna*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1973. Dissertação de Mestrado.
- _____. (org.). *Tópicos de linguística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988.
- VERDOODT, A. F. The demography of language. In: *The handbook of sociolinguistics*. Cambridge: Blackwell, 1997.
- VIEIRA, M. Z. M. *Estudo histórico, social e lingüístico de três núcleos de colonização polonesa em Ponta-Grossa*. UNESP, 1995. Tese de Doutorado.
- VOTRE, S. *Variação fonológica no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: PUC, 1978. Tese de Doutorado.
- WALD, P. Língua materna: produto de caracterização social. In: *Multilingüismo*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.
- WARDHAUGH, R. *An introduction to sociolinguistics*. 2. ed. Cambridge: Blackwell, 1993.
- WACHOWICZ, R. C. História do Paraná. Curitiba: Editora dos Professores, 1967.
- _____. Imigração polonesa para o Brasil. In: *Anais do IV Simpósio de História Regional*. FAFIG, 1982.
- WEINREICH, U. *Languages in contact*. Haia: Mouton, 1953.
- WHITE, J. An ethnographic approach. In: *An invitation to research in social education*. Washington: Cornbleth ed., 1986.
- WILLIAMS, G. *Sociolinguistics: A sociological critique*. London: Routledge, 1992.
- WODAK, R., BENKE, G. Gender as a sociolinguistic variable: new perspectives on variation studies. In: *The handbook of sociolinguistics*. Cambridge: Blackwell, 1997.
- WOLFRAM, W. Dialect in society. In: *The handbook of sociolinguistics*. Cambridge: Blackwell, 1997.
- WOUK, M. *Estudo etnográfico-lingüístico da comunidade ucraniana de Dorizon*. Curitiba: Projeto, 1981.
- YAVAS, M. O que os falantes fazem quando encontram sons estrangeiros. In: *Letras de Hoje*, n. 46, dez. 1981.
- _____. (org). *First and second language phonology*. Singular Publishing Book, CA, 1994.
- ZILYNS'KYJ, I. *A phonetic description of the Ukrainian language*. Cambridge: Har-

vard University Press, 1979.

ZINKO, B. *Ridna chkola v Brazylji*. Prudentópolis: Tipografia dos padres basilianos, 1950.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO FAMILIAR

INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS "RELIDADE LINGÜÍSTICA"
MUNICÍPIO: PRUDENTÓPOLIS - BILINGUALISMO FAMILIAR

FAMÍLIA: _____ DATA ___/___/___ LOCAL: _____

1. Quanto tempo faz que vocês moram aqui?
2. Por que vocês se mudaram para cá?
3. Onde vocês já moraram?
4. Alguém da sua família já trabalhou em outra cidade? _____
 - Quem? _____
 - Onde? _____
 - Quantos tempo ficou/ficaram lá? _____ Ainda continuam lá? _____
 - Qual a língua que é/era a mais usada lá? _____
5. Alguém da sua família já estudou em outra cidade? _____
 - Quem? _____
 - Onde? _____
 - Quantos tempo ficou/ficaram lá? _____ Ainda continuam lá? _____
 - Qual a língua que é/era mais falada lá? _____
6. Alguém da sua família foi/vai em outra cidade ou município
 - AO MÉDICO? _____ Quem? _____ S _____ QS _____ ÀSV _____
 - Que língua falam lá? _____
 - AO DENTISTA? _____ Quem? _____ S _____ QS _____ ÀSV _____
 - Que língua falam lá? _____
 - FAZER COMPRAS? _____ Quem? _____ S _____ QS _____ ÀSV _____
 - Que língua falam lá? _____
7. Alguém da sua família casou com outra pessoa que não é ucraniano? _____
 - Quem?Etnia _____
 - Qual a língua que eles usam mais? _____
 - Por quê? _____
8. Uso de línguas pela família/vizinhança:
 - O senhor sempre falou em que língua com seus filhos? _____
 - O seu pai falava/fala com o senhor sempre em que língua? _____
 - E com os netos, o seu pai falava/fala em que língua? _____
 - Os netos falavam/falam com os avós em que língua? _____
 - Os seus filhos falavam/falam com os irmãos em que língua? _____
 - Os seus filhos falam com seus netos sempre em que língua? _____
 - O senhor sempre fala com seus netos em que língua? _____
 - Qual a língua que seu pai aprendeu primeiro? _____
 - E seu sogro falava/fala com o senhor sempre em que língua? _____
 - O seu sogro sempre falou em que língua com os filhos dele? _____

- E com os netos, o seu sogro falava/fala em que língua? _____
- Em que língua a sua família conversa com:
 - Os tios? _____
 - Padrinhos? _____
 - Amigos? _____
- Qual a língua que a sua mãe aprendeu primeiro? _____
- E a do seu sogro? _____ sogra? _____
- Quais as outras línguas que a sua família fala? _____
- Que línguas que se falam mais por aqui, nas vizinhanças? _____
- Existem pessoas na sua família ou amigos que só falam U? _____ Polonês? _____
 - Quem? _____
 - Como vocês conversam com ela/ele? _____ todos os da família? _____ -
- Existem pessoas na sua família ou amigos que só falam P? _____
 - Quem? _____
 - Como vocês conversam com ela/ele? _____ todos os da família? _____
- Existem pessoas na sua família ou amigos que falam outras línguas? _____
 - Quem? _____ Que língua? _____
 - Como vocês conversam com ele/ela? _____ todos os da família? _____
- Para quem a sua família só fala em U _____
- Para quem a sua família só fala em P _____
- Para quem a sua família só fala em p _____
- Onde a sua família conversa mais em U? _____
- Onde a sua família conserva mais em P? _____
- Onde a sua família conversa mais em p? _____

9. O que faz/ou fazia:

- Seu pai? _____
- Seu sogro? _____
- Seus tios? _____
- Seus avós? _____

10. Tem ônibus daqui para a cidade? _____ Como vocês vão daqui para a cidade?

11. Quem vai mais para a cidade? _____

- Quantas vezes (1 vez por semana, mês, dia, ...) _____
- Que língua falam lá?
 - entre vocês? _____
 - com as pessoas de lá? _____

12. A sua família viaja muito? _____

- para onde? _____
- Que língua falam lá? _____
- Vocês têm amigos que moram em outro município? _____ São U? _____
- Onde eles moram? _____
- Que língua falam quando vocês vão lá? _____
- Vocês têm parentes que moram em outro município? _____ São U? _____
- Onde eles moram? _____

- Vocês visitam os amigos e parentes S ___ QS ___ AV ___
 Que língua falam quando vocês vão na casa de parentes em outro município?

13. A sua família visita outras colônias do interior do Município? ___ S ___ QS ___ AV ___
 Onde? _____
 Vocês têm amigos que moram no interior? _____ Cidade? _____
 São só U ___ Que etnia _____ Em que língua conversam? _____
 Vocês têm parentes que moram no interior? _____ Cidade? _____
 São só U ? ___ Que etnia? _____ Em que língua conversam? _____
 Que língua falam:
 Com amigos do interior, no interior? _____ Na cidade? _____
 Com parentes do interior, no interior? _____ Na cidade? _____
 Com amigos da cidade, no interior? _____ Na cidade? _____
 Com parentes da cidade, no interior? _____ Na cidade? _____
 Quem da sua família visita mais as outras colônias do Município? _____
 Ele vai S ___ QS ___ AV ___
14. Vocês vão em festas? ___ S ___ QS ___ AV ___
 Que tipo? _____
 Onde? _____
 Que língua falam quando vão em festa de aniversário no interior? ___ Na cidade?
 Que língua falam quando vão em festa da igreja no interior? ___ Na cidade _____
 Que língua falam quando vão em festa de casamento no interior? ___ Na cidade
 Que língua falam quando vão em baile no interior? ___ Na cidade? _____
 Que língua falam quando vão em jogo de futebol no interior? ___ Na cidade
 Que língua falam quando vão em um jantar do grupo folclórico? _____
 Na apresentação do grupo folclórico _____
 Quem da sua família vai mais a festas ? _____
 Que tipo de festas ele vai mais? _____
 Onde? _____
 S ___ QS ___ AV ___
15. Existem famílias que a sua família melhor se dá ? _____
 O que vocês são delas? _____
 Onde elas moram ? _____
 Em que língua vocês conversam? _____
 Onde vocês se encontram? _____
 Vocês se encontram S ___ QS ___ AV ___
 Quanto tempo vocês ficam juntos? _____
 A sua família conversa mais com parentes? _____ amigos? _____
 Em que língua falam com essas pessoas que conversam mais? _____
 O que essas pessoas fazem? _____
 Vocês se encontram S ___ QS ___ AV ___
 Quanto tempo ficam junto? _____ Onde vocês se encontram?

16. Se vocês da sua família estiverem conversando sobre alguma coisa e mudam de assunto, mudam de língua? ___ Isso acontece sempre? ___ Todos os da família? _____
 Quando vocês falam de filhos, netos, infância, vocês preferem falar em que língua?

- Todos os da família? _____
- Quando vocês estão falando sobre missa, festa da igreja, vocês falam em que língua? _____
- Todos os da família? _____
- Tem algum assunto que a sua família só fala em U? _____ em P? _____ em p? _____

17. Quanto tempo por dia aproximadamente vocês conversam em U? _____ em P? _____
 Outras línguas? _____

18. Vocês têm parentes na Ucrânia? _____

- Quem? _____
- Como vocês se comunicam com eles? _____
- Em que língua? _____ S _____ QS _____ AV _____
- Tem alguém da sua família que se comunicam com alguém da Ucrânia? _____
 - Quem? _____ Como ela faz? _____
 - Em que língua? _____

19. Quem são seus vizinhos? _____

- Em que língua falam com seus vizinhos? _____
- Se estiver precisando de ajuda, qual desses vizinhos vem lhe ajudar? _____
- Em que língua falam com este vizinho? _____
- Qual desses vizinhos visitam mais? _____
- Em que língua falam com este vizinho? _____
- Vocês se encontram com os vizinhos para conversar? _____
- Onde? _____
- Os encontros são seguidos _____ QS _____ AV _____
- Quanto tempo aproximadamente vocês ficam juntos? _____

20. Vocês assistem televisão? _____ Quando? _____

- Todo dia? _____
- Programas preferidos? _____
- Vocês ouvem rádio? _____ Quando? _____
- Todo dia? _____
- Programas preferidos? _____
- Vocês escutam a missa e os programas em U? _____ S _____ QS _____ AV _____ N _____

- Compadres: S _____ QS _____ AV _____
 Seus cunhados/cunhadas S _____ QS _____ AV _____
 Seus netos S _____ QS _____ AV _____
 Genros e noras S _____ QS _____ AV _____

2. Com qual dessas pessoas acima você fala mais em:

- Ucraniano _____
 Português _____
 Polonês _____
 Para quem você só fala em U _____
 Para quem você só fala em P _____
 Para quem você só fala em p _____
 Onde você só fala em U _____
 Onde você só fala em P _____
 Onde você só fala em p _____

3. Quanto tempo por dia você fala com essas pessoas em:

- Ucraniano _____
 Português _____
 Polonês _____

4. Você tem parentes na Ucrânia? _____ Quem? _____

- Como você se comunica com eles? _____
 Em que língua? _____ S _____ QS _____ AV _____
 Se tivesse, em que língua se comunicaria com eles e como? _____

5. Quem são seus vizinhos? _____

- Em que língua fala com eles? _____
 O que eles fazem?
 Se estiver precisando de ajuda, qual desses vizinhos vem lhe ajudar? _____
 Em que língua conversa com este vizinho? _____
 Qual desses vizinhos visita mais? _____
 Em que língua conversa com este vizinho? _____
 Você se encontra com seus vizinhos para conversar? _____
 Onde? _____
 Em que língua conversam mais? _____
 Os encontros são S _____ QS _____ AV _____
 Quanto tempo aproximadamente vocês ficam juntos? _____

6. Existem algumas pessoas com quem você melhor se dá? _____

- O que você é delas? _____
 Onde elas moram? _____
 Em que língua conversam? _____
 Onde vocês se encontram? _____
 Se encontrar esse amigo no interior, fala com ele em que língua? _____
 Se encontrar esse amigo na cidade, fala com ele em que língua? _____
 Se encontrar esse amigo na igreja, fala com ele em que língua? _____
 Vocês se encontram S _____ QS _____ AV _____
 Quanto tempo ficam juntos? _____
 Fora seus parentes, com quem você conversa mais seguido? _____

- Em que língua conversa com essa pessoa? _____
 - Onde vocês se encontram? _____
 - Vocês se encontram S _____ QS _____ AV _____
 - Quanto tempo ficam juntos? _____
 - Se estiver falando com alguém sobre plantação e começar a falar sobre os filhos, os pais, vocês mudam também de língua? _____
 - Para que língua mudam? _____
 - Isso acontece S _____ QS _____ AV _____
7. Que línguas são faladas no local de trabalho? _____
- No teu serviço existem pessoas que só falam U? _____ que só falam P? que só falam polonês? _____
 - Em que língua fala com essas pessoas? _____ S _____ QS _____ AV _____
 - As pessoas que não falam U, como ficam ou o que falam quando você ou alguém está falando U ou Polonês? _____
- Caso você tenha que falar com clientes em que língua você fala com eles _____ S _____ QS _____ AV _____
 - Fora do local de trabalho, qual a língua que você fala com as pessoas que trabalham com você? _____ S _____ QS _____ AV _____
 - Em que língua você fala com:
 - Empregados da casa? _____ S _____ QS _____ AV _____
 - Empregados da lavoura? _____ S _____ QS _____ AV _____
 - Empregados do comércio? _____ S _____ QS _____ AV _____
 - funcionários? _____ S _____ QS _____ AV _____
 - chefe/superior _____ S _____ QS _____ AV _____
8. Existem pessoas na sua escola que falam/ falavam só U? ___ só P? ___ só polonês? ___
- Na escola, em que língua você fala/falava com a:
 - Professora _____
 - Diretora _____
 - Merendeira _____
 - Servente _____
 - Colegas _____
 - Fora da escola, em que língua você fala/falava com a
 - Professora _____
 - Colegas _____
 - Diretora _____
 - Merendeira _____
 - Servente _____
 - Em que língua você fala/falava quando seus colegas só falam/falavam em
 - Ucraniano _____ Português _____ Polonês _____
 - O que dizem/diziam seus colegas que não falam/falavam U quando você está/ estava falando U? _____
 - O que dizem/diziam seus colegas que não falam/falavam P quando você está/estava falando P? _____
 - Que língua você aprendeu na escola? _____
 - Que língua você gostaria de aprender? _____
 - Você gostaria que seus filhos aprendessem U _____ P _____ p _____ Por quê?

9. Que língua você usa quando vai a(o)/está:

- Sindicato rural? _____
 - Banco _____
 - Posto de saúde _____
 - Rua _____
 - Cartório _____
 - Na casa do sogro/sogra _____
 - Que língua você usa para falar com:
 - Prefeito _____
 - A secretária do(a):
 - Sindicato rural _____
 - Prefeitura _____
 - Barbeiro/cabeleireira _____
 - Delegado _____
 - Professor de catequese _____
 - Estranho na rua _____
 - Namorada _____
 - Depois de algum tempo de namoro _____
 - Com uma pessoa que você acha que não fala U _____ Que não fala P _____ que não fala Polônês? _____
- Prefeitura _____
 - Escola _____
 - Hospital _____
 - Na casa da namorada _____
 - No sítio/fazenda _____
 - Enfermeiras _____
 - Parteiras _____
 - Dono do cartório _____
 - Agrônomo _____
 - Guardas _____
 - Professor de seus filhos _____
 - Diretora da escola _____
 - Conhecido na rua _____
 - No início do namoro _____

10. Aqui têm celebrações de missa em U _____ em P _____ em p _____

- Quando você está na igreja, que língua você usa para falar com
 - Padre/pastor? _____ Pessoas conhecidas? _____
 - Catequistas? _____ Pessoas desconhecidas? _____
 - Religiosas? _____
- Fora da igreja, que língua você usa para falar com:
 - Padre/pastor? _____ - Catequistas? _____ Religiosas? _____
- Em que língua você se confessa? _____
- Você aprendeu a rezar em U _____ em P _____ em p _____
- Quando você reza em silêncio, em que língua você reza? _____
- Você acha bom ter missas/cultos em U _____ em P _____ em p _____

11. Em que língua você fala com:

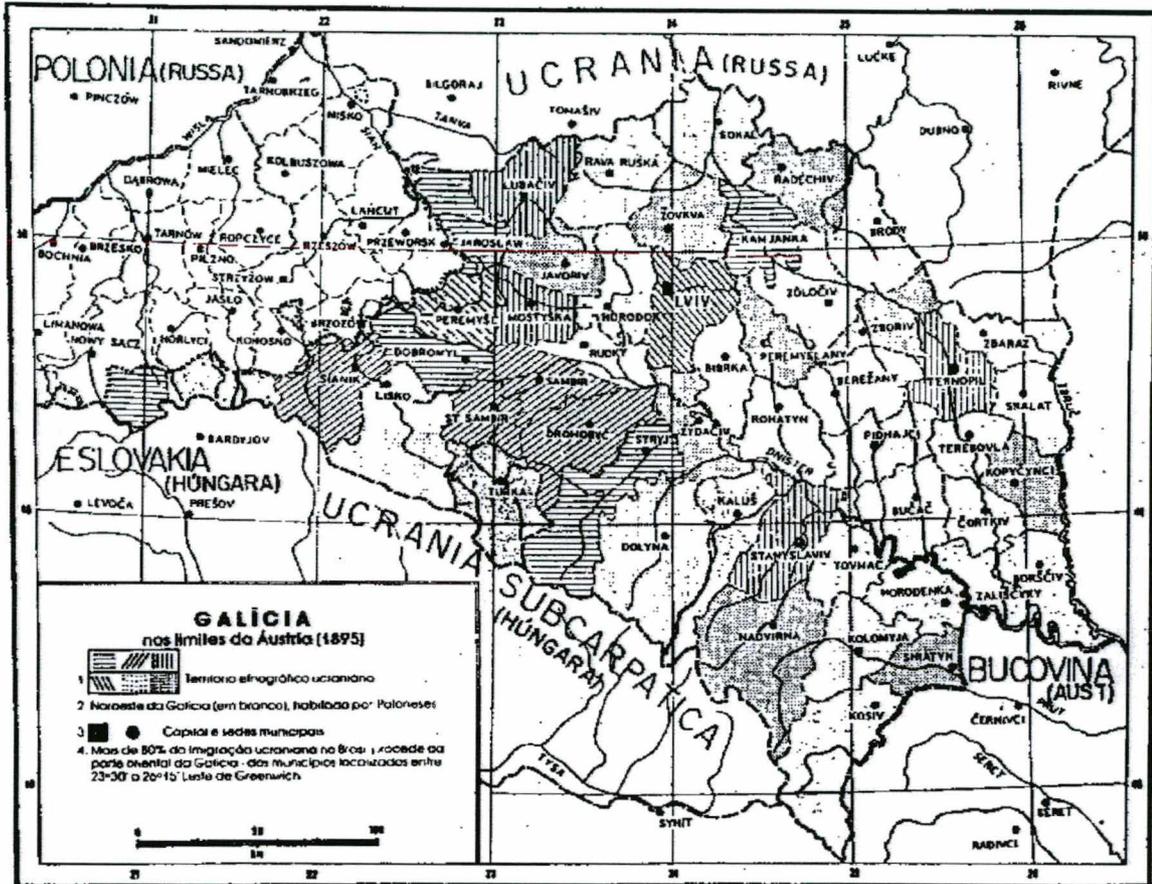
- Vendedor da loja de produtos agrícolas _____
- Caixa do supermercado _____
- Dono da venda _____
- Balconista da papelaria _____
- Balconista da loja de roupas, sapatos _____
- Vendedor na padaria _____
- Vendedor no açougue _____
- Vendedor na farmácia _____
- Funcionários do Correio _____
- Funcionários do INPS _____
- Garçon na lanchonete/restaurante _____
- Funcionários do banco _____ Gerente do banco _____
- Se você encontrar um amigo(a) no mercado, em que língua fala com ele/ela? _____
- Quando você vai a uma loja em outra cidade, em que língua você fala com os vendedores? _____ Por quê? _____

12. Você assiste televisão _____ Quantas horas por dia? _____ Em que língua _____
13. Você ouve rádio? _____ Quantas horas por dia? _____ Em que língua _____
14. Você lê jornais? _____ Em que língua? _____
15. Você lê revistas? _____ Em que línguas? _____
16. Você lê livros? _____ Em que línguas? _____
17. Em que língua você fala com seus amigos
- Na festa da escola _____
 - Na festa da igreja _____
 - Em festas em outras cidades _____
 - Nas festas ucranianas _____
18. Quando você vai a um baile/clube, que língua você fala com:
- Pessoas conhecidas do interior _____
 - Pessoas conhecidas da cidade _____
 - Pessoas desconhecidas do interior _____
 - Pessoas desconhecidas da cidade _____
 - Moças/senhoras conhecidas do interior _____
 - Moças/senhoras conhecidas da cidade _____
 - Moças/senhoras desconhecidas do interior _____
 - Moças/senhoras desconhecidas da cidade _____
19. Você tem amigos ou conhecidos que só falam/falavam U _____ P _____ p _____
- Qual a língua que você acha mais fácil para você? _____ Por quê?
 - Qual a língua que você gosta mais? _____
 - Qual a língua que você acha mais bonita? _____
 - É mais fácil pensar em U _____ em P _____ em p _____
 - Em que é mais fácil falar suas idéias? Por quê?
 - Em que língua você sonha? _____ Já sonhou em U _____ em P _____ em p _____
 - Quando você faz contas de cabeça, você as faz em que língua? _____
 - Numa briga bem violenta, em que língua você xinga? _____
 - Você acha que o Ucraniano? Polonês vai continuar a ser falado aqui? _____
 - Por quê?
20. Como você acha que fala Português:
- () Perfeito português de Prudentópolis, como qualquer pessoa daqui.
 - () Muito bem, mas não perfeito.
 - () Mais ou menos bem.
 - () Não muito bem.
 - () Quase não falo
21. Como você acha que fala Polonês:
- () Perfeito polonês falado em Prudentópolis.
 - () Muito bem, mas não perfeito.
 - () Mais ou menos bem
 - () Não muito bem.
 - () Quase não falo.
22. Como você acha que fala Ucraniano:
- () Perfeito ucraniano falado em Prudentópolis.

- Muito bem, mas não perfeito.
- Mais ou menos bem.
- Não muito bem.
- Quase não falo.

ANEXO 05

Mapa da Galícia



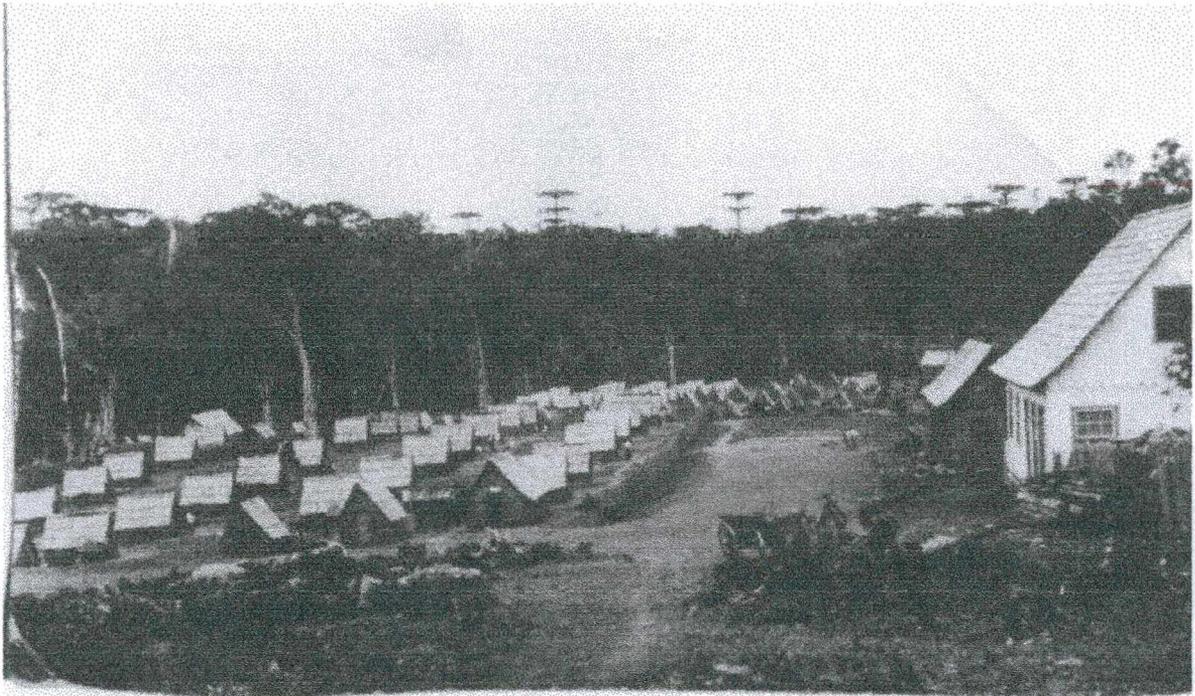
ANEXO 06

Prudentópolis: visualização do planejamento urbano definido já em fins do Século XIX



ANEXO 07

Foto das Barracas

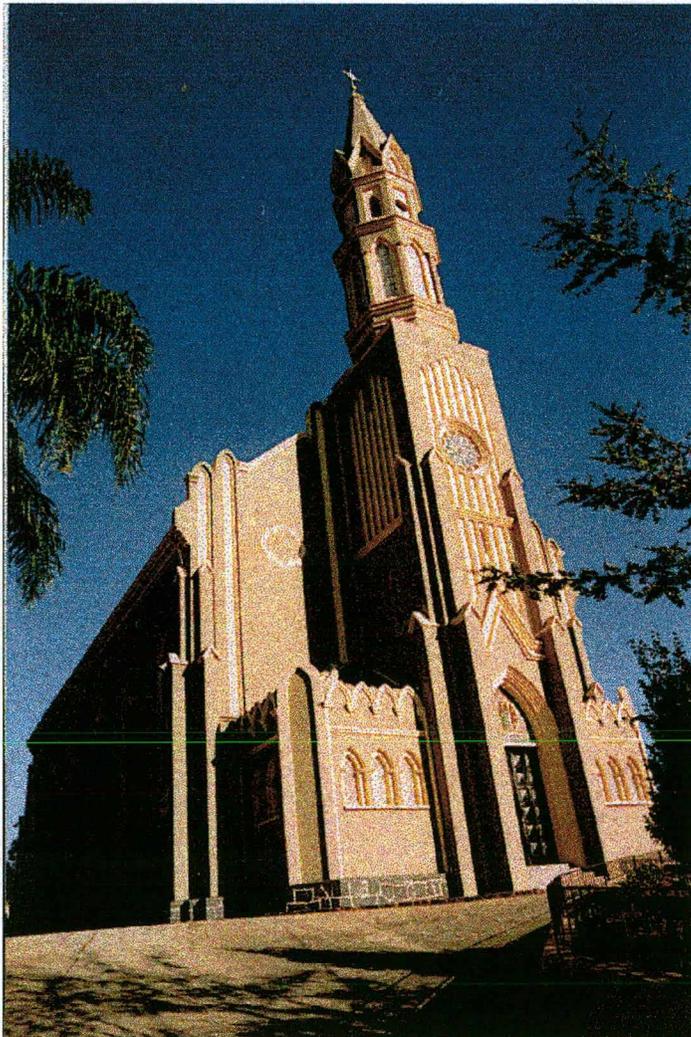
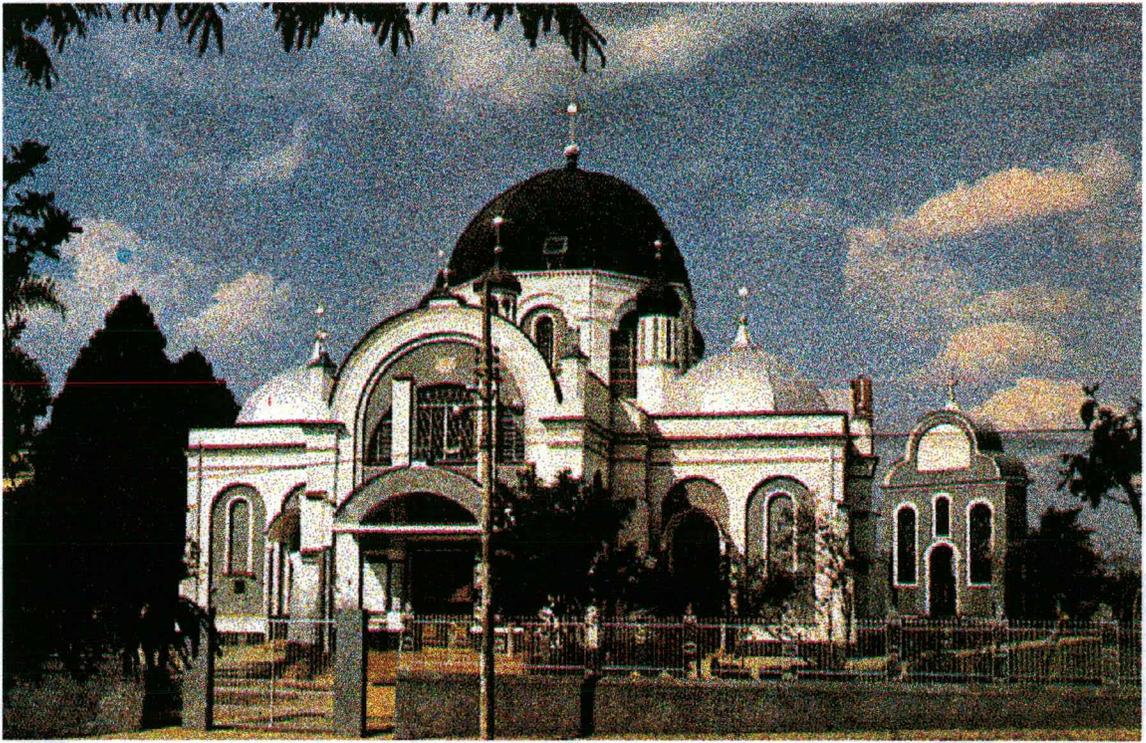


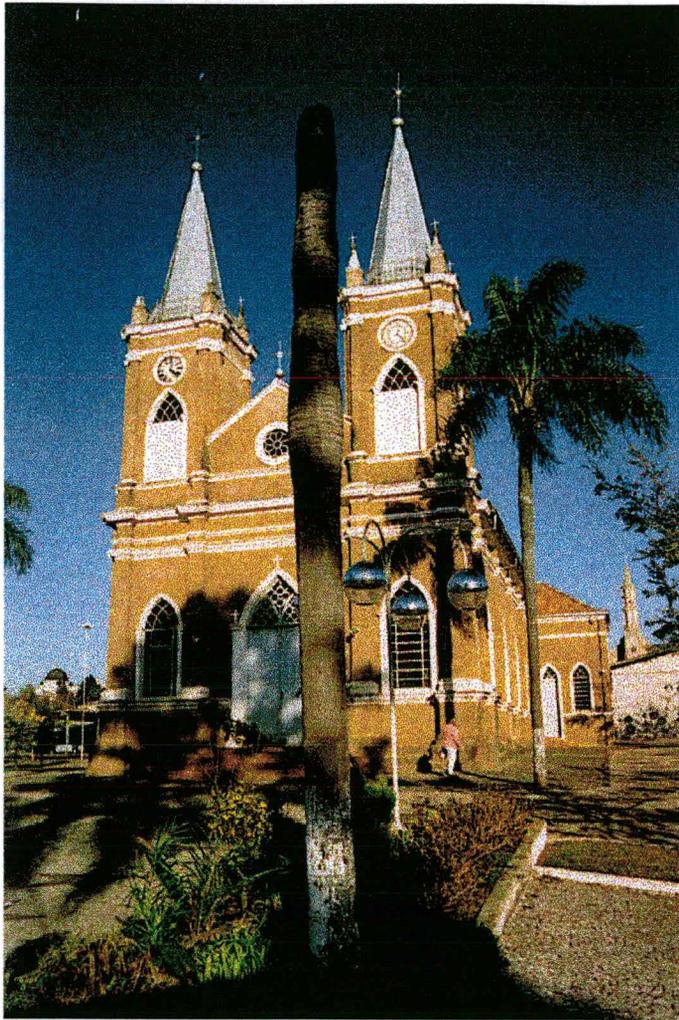
Barraca dos primeiros imigrantes ucranianos em São João de Capanema,
hoje cidade de Prudentópolis.
Abril de 1896.

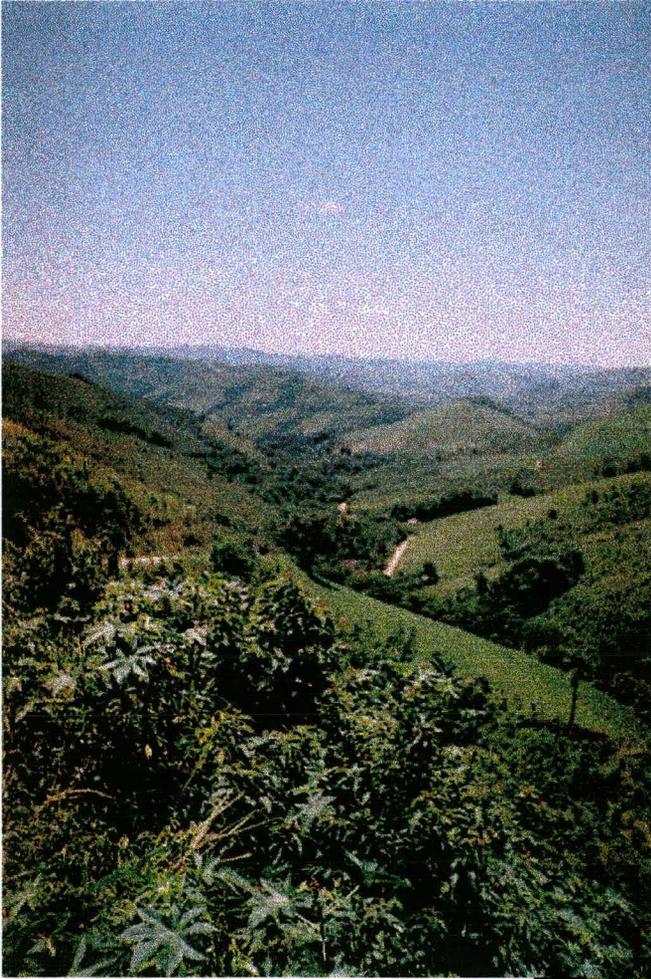
ANEXO 08

Fotos representativas do município









Fotos de parede com ícones



Foto de uma casa antiga



Foto de uma casa atual

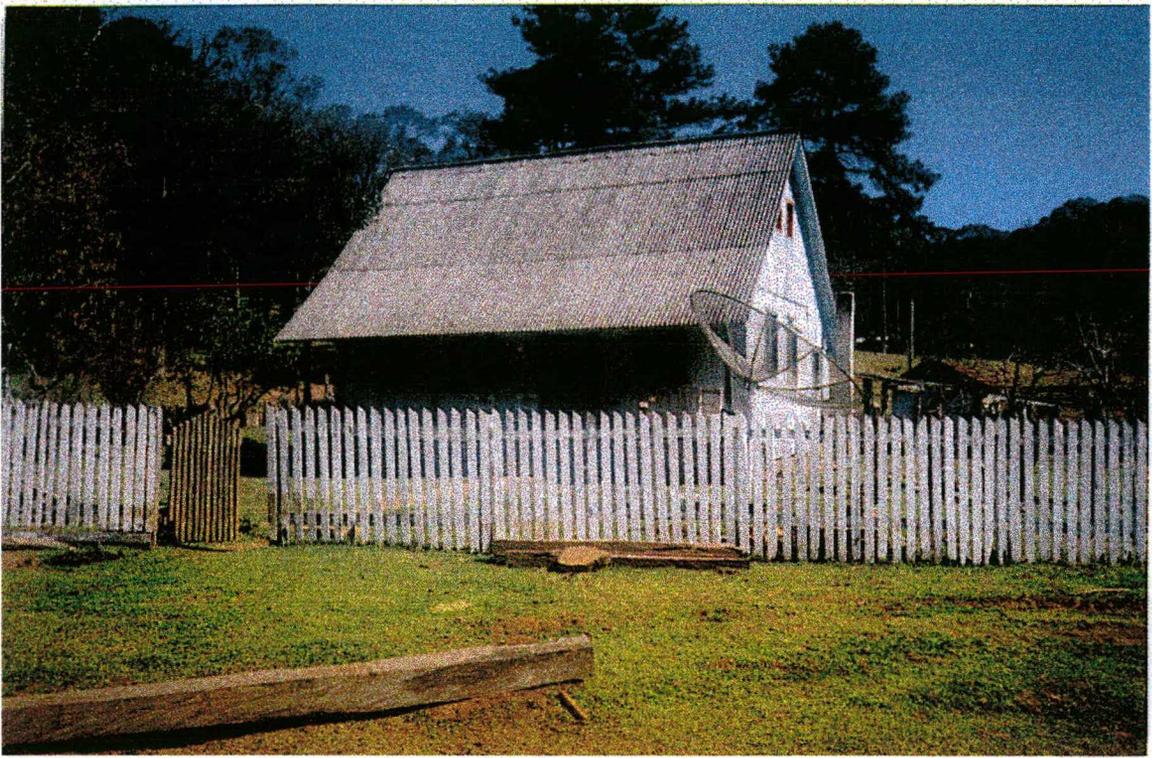


Foto da bênção dos alimentos



Foto de uma Bandura



Foto de uma família com oito filhos

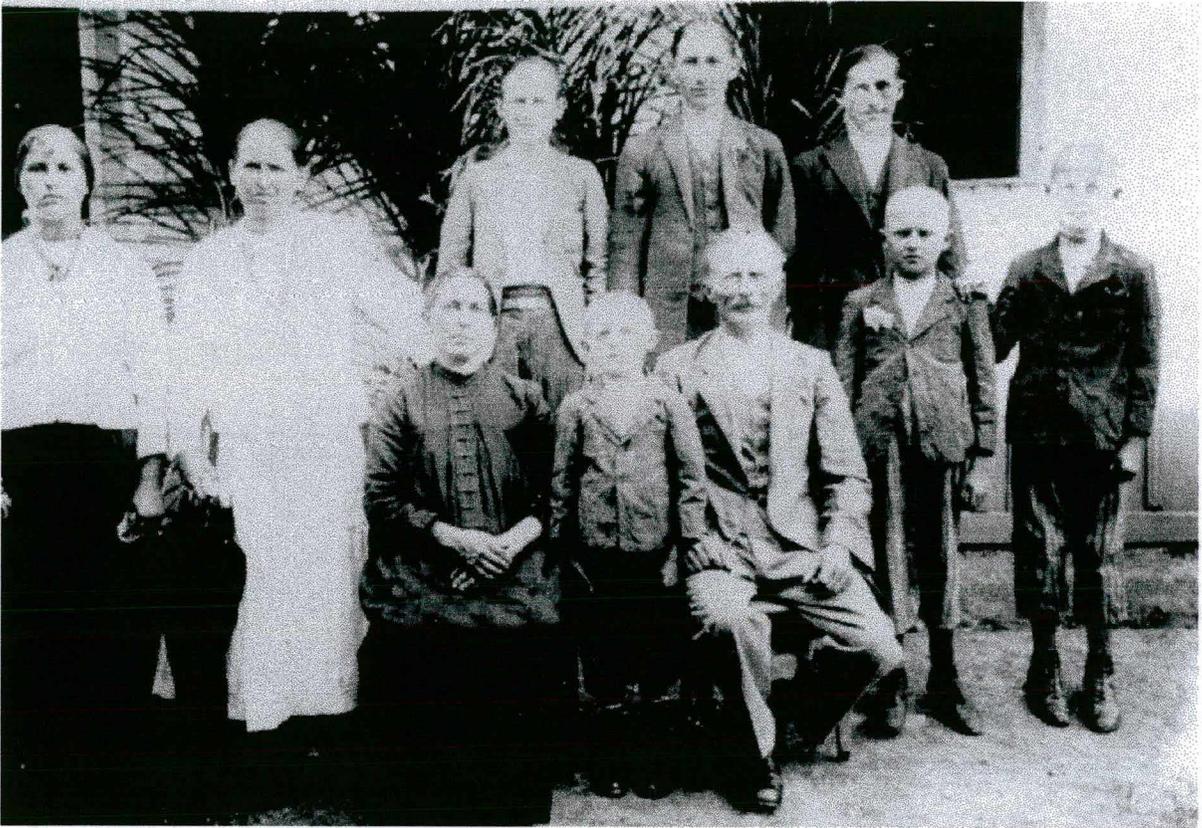


Foto de uma escola antiga



ANEXO 16

1. Legenda utilizada nas tabelas 23, 24, 25, 26, correspondente aos seguintes interlocutores:

A – pai	J – tios
B – mãe	K – tias
C – avô paterno	L – esposo/esposa
D – avó paterna	M – filhos
E – avô materno	N – afilhados
F – avó materna	O – compadres
G – irmãos	P – cunhados/cunhadas
H – primos	Q – netos
I – primas	R – genros/noras

2. Legenda utilizada nas tabelas 27, 28, 29, 30, correspondente aos seguintes interlocutores :

A – Empregados da casa	J – Balconista de loja de roupas, de calçados
B – Empregados da lavoura	L – Vendedor na padaria
C – Empregados do comércio	M – Vendedor no açougue
D – Funcionários	N – Vendedor na farmácia
E – Chefe ou superior	O – Funcionários do Correio
F – Vendedor de loja de produtos agrícolas	P – Funcionário do INPS
G – Caixa de supermercado	Q – Garçon na lanchonete/restaurante
H - Dono da venda	R – Funcionários do banco
I - Balconista da papelaria	S – Gerente de banco

Anexo 17

Tabela 23: Escolha de língua nas interações pragmáticas com o núcleo familiar e relações íntimas – Sede urbana

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R
M P	1	P	PU	PU	PU	PU	P	P	P	PU	PU	-	-	-	-	P	-	-
A R	2	P	PU	PU	PU	PU	P	P	P	P	P	-	-	P	P	P	-	-
S I	3	PU	PU	U	U	U	U	PU	PU	PU	PU	P	P	P	P	P	-	-
C M	4	P	U	U	U	U	PU	PU	PU	U	U	PU	P	P	P	P	P	P
U G	1	PU	PU	PU	PU	PU	P	P	P	PU	PU	-	-	-	-	-	-	-
L I	2	PU	PU	PU	PU	PU	P	P	P	P	P	-	-	P	P	P	-	-
I N	3	PU	PU	U	U	U	PU	P	P	PU	PU	P	P	P	PU	-	-	-
N A	4	PU	PU	U	U	U	PU	PU	PU	PU	PU	P	P	P	PU	PU	P	P
O 2°	2	PU	-	-	PU	PU	P	-	-									
G	3	P	PU	PU	PU	PU	P	P	P	PU	PU	P	PU	P	P	P	-	-
R	4	P	P	PU	PU	PU	P	P	P	P	P	PU	P	P	P	P	P	P
F P	1	P	P	PU	PU	PU	P	PU	PU	PU	PU	-	-	-	-	-	-	-
E R	2	PU	P	P	P	PU	P	-	-									
M I	3	P	PU	P	P	PU	PU	PU	PU	PU	PU	P	PU	P	P	P	-	-
I M	4	U	U	U	U	U	PU	U	U	U	U	PU	PU	PU	PU	PU	P	PU
N G	1	P	PU	PU	PU	PU	P	P	P	PU	PU	-	-	-	-	-	-	-
I I	2	PU	PU	PU	PU	PU	PU	P	P	PU	PU	-	-	P	P	P	-	-
N N	3	PU	-	-														
O A	4	U	U	U	U	U	PU	P	P	PU	PU	PU	P	P	P	PU	P	PU
2°	2	PU	-	-	-	-	-	-	-									
G	3	PU	P	P	P	P	P	-	-									
R	4	U	U	U	U	U	PU	PU	PU	U	U	PU						

Tabela 24: Escolha de língua nas interações pragmáticas com o núcleo familiar e relações íntimas – Primeiras Colônias

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R
M P	1	P	PU	-	-	-	-	-	-	-								
A R	2	P	P	U	U	P	P	PU	PU	PU	U	U	-	-	-	-	-	-
S I	3	PU	PU	U	U	U	U	PU	P	P	PU	PU	PU	PU	P	PU	PU	-
C M	4	U	U	U	U	U	U	PU										
U G	1	PU	PU	U	U	U	U	P	PU	PU	PU	PU	PU	-	-	PU	-	-
L I	2	PU	PU	PU	PU	PU	PU	P	PU	PU	PU	PU	PU	-	-	-	-	-
I N	3	U	U	U	U	U	U	PU	P	P	PU	PU	P	P	P	P	-	-
N A	4	PU	P	P														
O 2°	2	PU	PU	U	U	U	U	P	PU	PU	PU	PU	-	-	-	P	-	-
G	3	U	U	U	U	U	U	PU	PU	PU	PU	PU	P	PU	P	PU	PU	-
R	4	U	U	U	U	U	U	PU	P									
F P	1	PU	-	-	-	-	-											
E R	2	P	P	PU	PU	PU	PU	P	P	P	P	P	-	-	-	-	-	-
M I	3	PU	PU	U	U	U	U	PU										
I M	4	U	U	U	U	U	U	PU	PU	U	U	U	PU	PU	PU	PU	PU	PU
N G	1	PU	PU	PU	PU	PU	P	P	P	PU	PU	-	-	-	-	-	-	-
I I	2	PU	P	P	PU	-	-											
N N	3	U	U	U	U	U	U	PU	PU	PU	PU	PU	P	PU	P	PU	PU	-
O A	4	U	U	U	U	U	U	PU	PU	PU	U	U	PU	PU	PU	PU	PU	P
2°	2	PU	-	-	-	P	-	-										
G	3	PU	PU	U	U	U	U	PU	P	P	P	P	-	-	-	PU	-	-
R	4	U	U	U	U	U	U	PU	PU	PU	PU	PU	U	PU	PU	PU	PU	P

Quadro das consoantes do ucraniano e do português

Articulator		Labial		Lingual						Laryngeal					
				Predorsal				Dorsal	Post-dorsal						
				Dental		Alveolar		Palatal	Velar						
Point of Articulation		Bilabial	Labio-Dental		Dental	Alveolar	Palatal	Velar		Soft	Hard				
		Hard	Soft	Hard	Soft	Hard	Soft	Soft	Soft	Hard	Soft	Hard			
Degree of Closure	Stop	Voiceless	<i>p</i>	[<i>p</i>]			<i>t</i>	<i>t'</i>	[<i>t</i>]		<i>t'</i>	<i>k</i>	<i>k</i>		
		Voiced	<i>b</i>	[<i>b</i>]			<i>d</i>	<i>d'</i>	[<i>d</i>]		<i>d'</i>	<i>g</i>	<i>g</i>		
	Fricative	Voiceless	<i>φ</i>	[<i>φ</i>]	<i>f</i>	[<i>f</i>]	<i>s</i>	<i>s'</i>	<i>š</i>	[<i>š</i>]	<i>ś</i>	<i>χ</i>	<i>χ</i>		<i>h</i>
		Voiced	<i>w</i>	[<i>w</i>]	<i>v</i>	[<i>v</i>]	<i>z</i>	<i>z'</i>	<i>ž</i>	[<i>ž</i>]	<i>ž</i> [<i>ž</i>]		[<i>ɣ</i>]	<i>ɦ</i>	<i>h</i>
	Affricate	Voiceless					<i>c</i>	<i>c'</i>	<i>č</i>	[<i>č</i>]	<i>ć</i>				
		Voiced					<i>š</i>	<i>š'</i>	<i>ṣ̌</i>	[<i>ṣ̌</i>]	<i>ṣ̌</i>				
	Sonorant	Nasal		<i>m</i>	[<i>m</i>]			<i>n</i>	<i>n'</i>	[<i>n</i>]	<i>ń</i>		[<i>ɲ</i>]		
			Lateral					<i>l</i>		<i>l</i>	<i>l'</i>				
		Oral	Trill						<i>r</i>	<i>r'</i>	<i>ř</i>				

	OCLUSIVAS SURDA-SONORA		FRICATIVAS SURDA-SONORA		NASAIS	LATERAIS	VIBRANTES
LAB.	<i>p</i>	<i>b</i>	<i>f</i>	<i>v</i>	<i>m</i>		
ANT.	<i>t</i>	<i>d</i>	<i>s</i>	<i>z</i>	<i>n</i>	<i>l</i>	<i>r</i>
POST.	<i>k</i>	<i>g</i>	<i>š</i>	<i>ž</i>	<i>ɲ</i>	<i>λ</i>	<i>ř</i>